



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Doutoramento em Museologia

**MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS,
SOCIOMUSEOLOGIA E PLANEJAMENTO MUSEOLÓGICO
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Tese de Doutoramento apresentada em provas públicas para a
obtenção do Grau de Doutora em Museologia, orientada pela
Professora Doutora Maristela dos Santos Simão

Daniela Vicedomini Coelho, a22009457

2025

www.ulusofona.pt



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Doutoramento em Museologia

**MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS,
SOCIOMUSEOLOGIA E PLANEJAMENTO MUSEOLÓGICO
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
VERSÃO FINAL**

Tese defendida em provas públicas na Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa, no dia 21 de fevereiro de 2025, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 153/2025, de 13 de fevereiro de 2025, com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Mário Caneva de Magalhães Moutinho, Universidade Lusófona (ULusófona);

Arguentes: Professora Doutora Maria Cristina de Oliveira Bruno, Universidade de São Paulo (USP) – arguente externa; Professor Doutor Adel Igor dos Santos Canguero Romanov Pausini, Universidade Lusófona (ULusófona) – arguente interno;

Vogais: Professor Doutor Hugo Menezes Neto, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – vogal externo; Professor Doutor Mário Nuno Antas, Universidade Lusófona (ULusófona) – vogal interno;

Orientadora: Professora Doutora Maristela dos Santos Simão, Universidade Lusófona (ULusófona).

Daniela Vicedomini Coelho, a22009457

2025

*A única intenção responsável neste momento é uma **revolução educacional planetária** ligada à **ética do cuidado**. Um conceito central no xamanismo é a **importância da intenção** – o intento – para **sonhar as imagens de transformação**. [...] Sonhar com intenção é **compromisso com a navegação firme**, que controla o curso, apesar das ondas e rajadas. É preciso **aumentar o grau de consciência** para que as **ações de transformação do planeta sejam voluntárias, direcionadas e eficazes**. (Ribeiro, 2022, p. 89, grifos nossos)*

*Em memória de todas as ancestralidades femininas
de minha família, especialmente de minhas queridas
bisavó Antonietta e avós Olga Maria e Sophia.
Mulheres extraordinárias, doutoras na academia da
vida, cujos saberes e fazeres cotidianos me ensinaram
a ética do cuidado com o próximo, a solidariedade e
os afetos. Suas virtudes permanecem vivas em mim.
Amo vocês!*

Esta pesquisa é dedicada a todos os profissionais que atuam em museus e coleções universitárias no Brasil, em especial às equipes dos museus do Sistema de Museus da Universidade Federal de Uberlândia, com as quais tive o privilégio de compartilhar aprendizados, sonhos e afetos em experiências de planejamento museológico.

AGRADECIMENTOS

A esta Escola de Pensamento da Sociomuseologia, por novamente acolher meu projeto de pesquisa, e pela Bolsa de Estudos concedida, por meio da Cátedra UNESCO ‘Educação, Cidadania e Diversidade Cultural’.

À Coordenação Pedagógica, Profa. Dra. Maristela dos Santos Simão e Prof. Dr. Adel Pausini, e à equipe de secretaria do Departamento de Museologia – Sthéfane, Leandro, Nathália e Maria –, por todo o apoio e pelas orientações para a realização das etapas do Doutorado.

Ao Federico, meu amor e parceiro há mais de 10 anos, por me acolher em momentos de angústia e indecisão, sempre me incentivando a continuar sonhando a imagem de me tornar doutora.

Ao meu pai Ary e à minha mãe Iara, pelo amor incondicional, por todo apoio e torcida.

À querida orientadora e amiga Profa. Dra. Maristela dos Santos Simão, pela cumplicidade nesta longa caminhada de reflexão e síntese crítica.

Aos docentes do curso de Doutorado, por todas as reflexões que alimentaram nossa autocrítica, impulsionando-nos a aprimorar a intervenção em campo.

Aos colegas da turma de doutoramento – Desirée, Fabiana, Fernando, Gê, Kamylla, Maurício (*in memoriam*), Moisés, Neusa, Paula, e Robson –, e da turma de Mestrado – Heloisa, Maria Luisa, Roberta, e Janice –, com os quais tive um semestre de aulas de fevereiro a junho de 2020, em sua maior parte na modalidade virtual, por conta da pandemia de Covid-19, por proporcionarem debates enriquecedores e sempre com muita amorosidade! Gratidão especial às queridas Desirée, Fabiana e Kamylla, pelos encontros promovidos no Grupo Afete-se, especialmente pelo importante apoio à minha preparação para enfrentar a prova decisiva do Júri Prévio. Espero que os afetos persistam aquecendo nossa ‘irmandade’ nessa nova caminhada que se inaugura enquanto doutora!

Às queridas Luciana Pasqualucci e Beatriz Haspo, pela amizade e pela parceria na organização das iniciativas promovidas pelo Grupo de Estudos Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade (SiU), cujos debates enriqueceram significativamente esta tese. Ao Prof. Dr. Mário Moutinho, pela orientação científica em todas as atividades do SiU, e à Profa. Dra. Judite Primo, por seu apoio na realização dos eventos virtuais.

A todas as pessoas que gentilmente aceitaram o convite para participar dos #MusaFóruns promovidos pelo SiU, o meu sincero agradecimento. Um agradecimento especial à querida amiga Ilana Seltzer Goldstein e ao estimado amigo Mauricio Candido da Silva que,

além de participarem dos #MusaFóruns, contribuíram com produções textuais para a composição de um número dos *Cadernos de Sociomuseologia*, também organizado pelo grupo de estudos. Em especial a Mauricio, que esteve sempre disponível para inúmeras trocas e análise crítica de trechos deste trabalho. Suas contribuições, com base em seu conhecimento e atuação no setor de museus e coleções universitárias, foram de inestimável importância. Sou profundamente grata por sua generosidade, entusiasmo e constante incentivo!

À querida amiga Profa. Dra. Tatiana Sampaio Ferraz, minha gratidão por abrir as portas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) ao me convidar para colaborar com o Museu Universitário de Arte (MUnA), vinculado ao Instituto de Artes (IARTE), na elaboração de seu primeiro Plano Museológico, projeto que ela coordenava à época. Tati, muito obrigada por confiar no meu trabalho e por sempre me presentear com novos desafios!

A experiência com a equipe do MUnA brindou-me com novos laços de amizade e profissionais com docentes da UFU, possibilitando a ampliação de processos de planejamento museológico para outros três museus do Sistema de Museus (SIMU) da UFU: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), vinculado ao Instituto de Biologia (INBIO); Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), vinculado ao atual Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC); e Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte, vinculado ao Instituto de Física (INFIS). Muito obrigada a todas as pessoas – docentes, discentes, pesquisadores, servidores, colaboradores – que participaram ativamente, com tanta cumplicidade e dedicação, das discussões para a construção dos Planos Museológicos. Agradecimentos especiais ao querido amigo Prof. Dr. Rodrigo Freitas, por todas as trocas enquanto coordenador-executivo do Sistema de Museus (SIMU) e do MUnA; à querida amiga Profa. Dra. Daniela Franco, por sua amorosidade e entusiasmo ‘cintilantes’, desde o planejamento no MUnA, enquanto coordenadora do setor educativo, até o processo de planejamento no MBC, como coordenadora desse museu atualmente ‘sem teto’; e, também, à Profa. Dra. Lídia Meirelles, pela generosidade da partilha ao nos receber no Museu dos Povos Indígenas (MUPI).

Às queridas amigas e colegas de profissão, Amanda Tojal e Maria Eugênia Saturni, que prontamente aceitaram o convite para escrever cartas de recomendação para compor nossa candidatura à bolsa de estudos no curso de Doutorado.

Aos membros da banca do Júri Prévio – Profa. Dra. Maria Cristina de Oliveira Bruno, da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Adel Pausini, da ULusófona, e Prof. Dr. Hugo Menezes

Neto, da Universidade Federal de Pernambuco, pela leitura crítica e ótimas contribuições ao presente projeto de investigação em sua etapa de qualificação.

À querida Andreia Ravasio, pelas sessões amorosas e terapêuticas de escuta e de cura!

À querida amiga Lia Ana Trzmielina, pela contribuição na leitura do texto final aqui apresentado.

A todas as amigas e a todos os amigos que compõem a ‘família que a gente escolhe’, obrigada pelo carinho e pela torcida!

Iniciei os agradecimentos mencionando a Escola de Pensamento da Sociomuseologia e concluo esta seção expressando minha profunda gratidão ao Prof. Dr. Mário Moutinho, cujo incansável esforço tem contribuído para consolidar a Sociomuseologia na memória e na prática de profissionais de museus e de processos de preservação patrimonial. É realmente um privilégio fazer parte da ‘transformação acadêmica’ promovida por essa Escola!

RESUMO

Esta investigação, sob a perspectiva da Sociomuseologia, e com base em experiências de planejamento museológico, busca compreender a relação entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e sua dimensão museal, com foco em quatro museus de seu Sistema de Museus (SIMU): Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA) e Museu Universitário de Arte (MUnA). A pesquisa explora reciprocidades entre a pedagogia da Museologia e as atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, considerando a intervenção educativa integral da Sociomuseologia e o processo de planejamento museológico, enquanto prática educativa e afetiva. Num primeiro momento, o estudo aborda a diversidade de museus e coleções universitárias no Brasil, examinando modelos de governança em rede em universidades federais, além de desafios e oportunidades identificados no campo social e político do VI e VII Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) e da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU). Num segundo momento, o foco recai sobre o microcosmo da UFU, analisando sua estrutura organizacional e suas políticas institucionais, com especial atenção para o papel do SIMU. A partir dos processos de planejamento museológico, a pesquisa reflete sobre a função social dos museus com os quais colaboramos, e propõe ações estratégicas para aprimorar a gestão da dimensão museal da UFU, visando a fortalecer os vínculos entre os museus, a academia e a sociedade.

Palavras-chave: Museus e Coleções Universitárias; Plano Museológico; Sistema de Museus (SIMU); Sociomuseologia; Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

ABSTRACT

This research, from the perspective of Sociomuseology and based on experiences in museum planning, aims to understand the relationship between the Federal University of Uberlândia (UFU) and its ‘museal dimension’, focusing on four museums within its Museum System (SIMU): the Cerrado Biodiversity Museum (MBC), the Museum of Minerals and Rocks (MUMRO), the DICA Museum – Fun with Science and Art (DICA), and the University Museum of Art (MUnA). The research explores the reciprocities between museum pedagogy and the university activities of teaching, research and extension, considering the integral educational intervention of Sociomuseology, and the process of museum planning as an educational and affective practice. In the first moment, the study addresses the diversity of university museums and collections in Brazil, examining network governance models within federal universities, as well as challenges and opportunities identified in the social and political fields of the VI and VII Permanent Forum of University Museums (FPMU) and of the Brazilian Network of University Collections and Museums (RBCMU). In the second moment, the focus shifts to the microcosm of UFU, analyzing its organizational structure and institutional policies, with special attention to the role of SIMU. Based on the museum planning processes, the research reflects on the social function of the museums with which we collaborated and proposes strategic actions to improve the management of the museal dimension of UFU, aiming to strengthen the ties between the museums, academia, and society.

Keywords: University Museums and Collections; Museum Plan; Museum System (SIMU); Sociomuseology; Federal University of Uberlândia (UFU).

ABSTRACTO

Esta investigación, desde la perspectiva de la Sociomuseología y basada en experiencias de planificación museológica, busca comprender la relación entre la Universidad Federal de Uberlândia (UFU) y su dimensión museal, centrándose en cuatro museos de su Sistema de Museos (SIMU): el Museo de Biodiversidad del Cerrado (MBC), el Museo de Minerales y Rocas (MUMRO), el Museo DICA – Diversión con Ciencia y Arte (DICA) y el Museo Universitario de Arte (MUnA). La investigación explora las reciprocidades entre la pedagogía de la museología y las actividades de enseñanza, investigación y extensión universitaria, considerando la intervención educativa integral de la Sociomuseología y el proceso de planificación museológica como una práctica educativa y afectiva. En un primer momento, el estudio aborda la diversidad de museos y colecciones universitarias en Brasil, examinando modelos de gobernanza en red en universidades federales, además de los desafíos y oportunidades identificados en los campos social y político del VI y VII Foro Permanente de Museos Universitarios (FPMU) y de la Red Brasileña de Colecciones y Museos Universitarios (RBCMU). En un segundo momento, el enfoque se centra en el microcosmos de la UFU, analizando su estructura organizativa y políticas institucionales, con especial atención al papel del SIMU. A través de procesos de planificación museológica, la investigación reflexiona sobre el papel social de los museos con los que colaboramos y propone acciones estratégicas para mejorar la gestión de la dimensión museal de la UFU, con el objetivo de fortalecer los vínculos entre los museos, la academia y la sociedad.

Palabras Clave: Museos y Colecciones Universitarias; Plan Museológico; Sistema de Museos (SIMU); Sociomuseología; Universidad Federal de Uberlândia (UFU).

ABREVIATURAS

ADEVIUDI	Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia
ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
AVCB	Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCPM	Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico do IBRAM
CDHIS	Centro de Documentação e Pesquisa em História
CIGEA	Comissão Institucional de Gestão e Educação Ambiental
CGODS	Comitê Gestor dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
CNM	Cadastro Nacional de Museus
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COEXT	Coordenação de Extensão
CONDIR	Conselho Diretor
CONIB	Conselho do INBIO
CONSEX	Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis
CONSUN	Conselho Universitário
CTIC	Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação
DEART	Departamento de Artes Plásticas
DICULT	Diretoria de Cultura
DIFOC	Divisão de Fomento à Cultura
DIPEX	Divisão de Publicações de Extensão
DIPROC	Divisão de Promoção Cultural
DIRCO	Diretoria de Comunicação Social
DIREC	Diretoria de Extensão
DIRSU	Diretoria de Sustentabilidade
DIVCO	Divisão de Relações Comunitárias
DIVIG	Divisão de Vigilância e Segurança Patrimonial
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESEBA	Escola de Educação Básica
ESEXC	Divisão de Formação – Escola de Extensão
FACED	Faculdade de Educação
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FAU	Fundação de Apoio Universitário
FAUeD	Faculdade de Arquitetura e Design
FNM	Fórum Nacional de Museus
FOPROP	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação
FORCULT	Fórum de Gestão Cultural das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras
ForGRAD	Fórum de Pró-Reitorias de Graduação
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras

FPMU	Fórum Permanente de Museus Universitários
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GTI	Grupo de Trabalho Interministerial
HUFU	Herbarium Uberlandense
IARTE	Instituto de Artes
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICHPO	Instituto de Ciências Humanas do Pontal
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IFILO	Instituto de Filosofia
IFTM	Instituto Federal do Triângulo Mineiro
IG	Instituto de Geografia
IGESC	Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva
ILEEL	Instituto de Letras e Linguística
INBIO	Instituto de Biologia
INCIS	Instituto de Ciências Sociais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INFIS	Instituto de Física
INHIS	Instituto de História
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IQUFU	Instituto de Química
LAEZO	Laboratório de Zoologia
LECA	Laboratório de Ecologia e Comportamento de Abelhas
LEN	Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia
MAB-FAAP	Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado
MAC-USP	Museu de Arte Contemporânea da USP
MAE-UFPR	Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR
MAE-USP	Museu de Arqueologia e Etnologia da USP
MAM-SP	Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAnA	Museu de Antropologia e Arqueologia
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MBC	Museu de Biodiversidade do Cerrado
MCCHJ	Museu Casa de Cultura Hermano José
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MMB	Memorial da Medicina Brasileira da Faculdade de Medicina da UFBA
MMuCCE	Laboratório de Mídias, Museus, Ciência, Cultura e Educação
MUHNAC	Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa
MUMRO	Museu de Minerais e Rochas
MUnA	Museu Universitário de Arte

MUPI	Museu dos Povos Indígenas
NEURB	Núcleo de Estudos Urbanos
NUGEM	Núcleo de Pesquisa em Geografia e Memória
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
PEIC	Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade
PIAC	Programa Institucional de Apoio à Cultura
PIAEV	Programa Institucional de Apoio a Eventos
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PIDE	Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão
PMU	Prefeitura Municipal de Uberlândia
PNC	Plano Nacional de Cultura
PNE	Plano Nacional da Educação
PNM	Política Nacional de Museus
PNSM	Plano Nacional Setorial de Museus
PPCI	Plano de Prevenção e Proteção contra Incêndios
PREFE	Prefeitura da Universidade
PROAE	Pró-Reitoria de Assistência Estudantil
PROCMA	Programa de Apoio aos Centros de Documentação, Memória e Arquivos
PROEXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROMUS	Programa de Apoio aos Museus
PROPP	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
RBCMU	Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários
REMAM	Rede de Museus e Acervos da UFRGS
REUMUS	Rede de Museus da UFPB
RUMUS	Rede Universitária de Museus da UFRN
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
SEAMUS	Setor de Apoio aos Museus, Centros de Documentação, Memória e Arquivos
SEBRAMUS	Seminário Brasileiro de Museologia
SEE	Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional da UFRJ
SEMEC	Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV
SESU	Secretaria de Educação Superior
SIEX	Sistema de Informação de Extensão
SIMAP	Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio da UFRJ
SIMU	Sistema de Museus da UFU
SiU	Grupo de Estudos Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade
SNCT	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
SWOT	Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats
TCU	Tribunal de Contas da União
TI	Tecnologia da Informação
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa
UMAC-ICOM	Comitê Internacional de Coleções e Museus Universitários do ICOM
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UnU	Universidade de Uberlândia
USP	Universidade de São Paulo

ÍNDICE

Introdução.....	21
Apresentação do tema central da tese	21
Razões da escolha do tema.....	25
Objetivos da investigação	32
Referenciais teóricos	33
Metodologia da investigação	45
Estrutura da tese	51
Capítulo I – Um panorama da dimensão museal universitária brasileira	54
1.1 Sociomuseologia e Universidade: perspectivas que articulam educação, cultura e sustentabilidade	54
1.2 Museus e coleções universitárias no Brasil.....	64
1.3 As redes e os sistemas nos microcosmos das universidades federais	84
1.4 Os desafios do setor em pauta na agenda política do país	109
1.5 As vozes que ecoam do VI e VII FPMU	121
Capítulo II – A Universidade Federal de Uberlândia sob a perspectiva de sua dimensão museal	139
2.1 A Universidade Federal de Uberlândia	139
2.2 A institucionalização de uma política museal na universidade	153
2.3 Os museus e as coleções universitárias do SIMU	160
2.3.1 Museu de Biodiversidade do Cerrado	160
2.3.2 Museu de Minerais e Rochas.....	169
2.3.3 Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte	174
2.3.4 Museu Universitário de Arte	182
2.3.5 Museu dos Povos Indígenas	189
2.4 A função social dos museus do SIMU	195
Capítulo III – O microcosmo do SIMU, a partir dos processos de planejamento museológico	224
3.1 A dimensão educativa e afetiva do Plano Museológico	224
3.2 O encantamento na construção participativa de Planos Museológicos.....	235
3.3 Os achados que atravessam os quatros museus	250
3.4 Reflexões propositivas para a gestão da dimensão museal da UFU	263

Considerações finais, em movimento	270
Referências bibliográficas e documentais	280
Apêndices	307
1. Museus e coleções universitárias em Universidades Federais por região do país	307
2. Universidades Federais vs. Museus e Coleções Universitárias na RBCMU vs. Redes e Sistemas de Museus vs. Cursos de Museologia	325
3. Lista de museus e coleções universitárias congêneres ao MUMRO.....	326
4. Lista de museus e coleções universitárias congêneres ao Museu DICA	327
5. Lista de museus e coleções universitárias congêneres ao MUnA.....	328
6. Entrevistas realizadas nos processos de planejamento museológico	329
Anexos.....	330
1. Documento Unificado da RBCMU.....	330
2. Projeto ‘Praça de Ciências – Museu DICA’, NEURB/FAUeD, 2021	335

Índice de Figuras

Figura 1 – ‘Contrapontos’, Museu Paulista da USP.....	62
Figura 2 – Réplica tátil, Museu Paulista da USP	62
Figura 3 – Espaço expositivo ‘Os caminhos de um objeto no museu’, Museu Paulista da USP	62
Figura 4 – Exposição virtual ‘Bonecas Karajás’, Museu do Cerrado da UnB	76
Figura 5 – Memorial da Medicina Brasileira da Faculdade de Medicina da UFBA.....	77
Figura 6 – Coleção didática, curso de Museologia UFPA.....	78
Figuras 7 a e b – Visita ao Museu Nacional da UFRJ	79
Figuras 8 a e b – Vestígios de métodos construtivos, Museu Nacional da UFRJ	80
Figura 9 – Contenção de vãos, Museu Nacional da UFRJ	80
Figura 10 – Áreas de trabalho provisórias, Museu Nacional da UFRJ	80
Figura 11 – ‘Galeria das futuras descobertas’, Museu Nacional da UFRJ	80
Figura 12 – Sede do MAE-UFPR	82
Figura 13 – Redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais: 2001-presente	104
Figura 14 – Organização de grupos de trabalho e técnicos sobre museus federais.....	111
Figura 15 – Participantes do VII FPMU, Rio de Janeiro	123
Figura 16 – Linha do tempo FPMU 1992-2025.....	123
Figura 17 – Mapa do Brasil, com localização do estado de Minas Gerais e de Uberlândia	139
Figura 18 – Mapa do estado de Minas Gerais, com localização de Uberlândia.....	140
Figura 19 – Museu Municipal, Uberlândia	141
Figura 20 – Casa da Cultura, Uberlândia	141
Figura 21 – Praça Clarimundo Carneiro, Uberlândia.....	141
Figura 22 – Igreja Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia.....	141
Figura 23 – Campus Santa Mônica, UFU	142
Figura 24 – Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas, Região Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	142
Figura 25 – Organograma da UFU.....	144
Figura 26 – Organograma da PROEXC – UFU.....	148
Figura 27 – Organograma do Sistema de Museus, UFU.....	155
Figura 28 – Sede do MBC no Parque Victório Siquierolli.....	162
Figura 29 – Dioramas, MBC	162
Figura 30 – Pele de sucuri, MBC	162
Figura 31 – ‘Cantinho do Desenho’, MBC	163
Figura 32 – Painel giratório e móvel, MBC.....	163
Figura 33 – Trilha, Parque Victório Siquierolli.....	163
Figura 34 – Vegetação típica do Bioma Cerrado, Parque Victório Siquierolli.....	163
Figura 35 – ‘Cantinho das abelhas’, MBC, Parque Victório Siquierolli	164
Figura 36 – Quiosque anexo, MBC, Parque Victório Siquierolli.....	164
Figura 37 – Casa de pau a pique, MBC, Parque Victório Siquierolli.....	164
Figura 38 – Bloco 4Q, Campus Umuarama, UFU	165
Figura 39 – Encontro com equipe no MMuCCCE	167
Figura 40 – Detalhe da ambientação do MMuCCCE	167
Figura 41 – Organograma do INBIO	168
Figura 42 – Bloco 1Q ‘Mineirão’, Campus Santa Mônica, UFU.....	169
Figura 43 – Vitrine com minerais, MUMRO	170
Figura 44 – Vitrine com rochas, MUMRO	170
Figura 45 – Vitrine com fósseis, MUMRO	171
Figura 46 – Bancada sensorial, MUMRO	171
Figura 47 – Sala de aula, MUMRO	171
Figura 48 – Laboratório, MUMRO.....	171

Figura 49 – Organograma do IG	173
Figura 50 – Planeta Saturno, Trilha do Sistema Solar, Museu DICA	175
Figura 51 – Planeta Netuno, Trilha do Sistema Solar, Museu DICA.....	175
Figura 52 – Antenas parabólicas, Praça da Física, Museu DICA.....	176
Figura 53 – Girotec, Praça da Física, Museu DICA.....	176
Figura 54 – Tabela periódica, Praça Química, Museu DICA.....	176
Figura 55 – Estrutura nanotubos, Praça do Carbono, Museu DICA	176
Figura 56 – Praça Passarinhar, Praça Biologia, Museu DICA	176
Figura 57 – Quiosque de Exposições, Museu DICA	176
Figura 58 – Exposição ‘Caminhos da eletricidade: da natureza para sua casa’, Quiosque Museu DICA	177
Figura 59 – Exposição ‘Roberto Silvestre: Astronomia como paixão’, Quiosque Museu DICA	177
Figura 60 – Laboratório de Estudos e Pesquisa	177
Figura 61 – Anfiteatro no Bloco IX.....	177
Figura 62 – Equipe do Museu DICA	178
Figura 63 – Projeto ‘Praça de Ciências – Museu DICA’, NEURB/FAUeD, 2021.....	179
Figura 64 – Organograma do INFIS	181
Figura 65 – Fachada do MUnA.....	183
Figura 66 – Reserva técnica, MUnA.....	184
Figura 67 – Auditório, MUnA.....	184
Figura 68 – Exposição ‘Os afetos da imagem’, MUnA	185
Figuras 69 a e b – Exposição ‘Manancial’, MUnA	185
Figuras 70 a e b – Exposição ‘Abrigo e travessia’, MUnA	186
Figura 71 – Roda de conversa com a equipe MUnA	186
Figura 72 – Organograma do IARTE.....	189
Figura 73 – Equipe técnica do MUPI.....	191
Figura 74 – Exposição ‘Orema Roiko Xe: queremos viver’, MUPI.....	192
Figura 75 – Exposição ‘Orema Roiko Xe: queremos viver’, MUPI.....	192
Figura 76 – Relação da UFU com sua dimensão museal: 1987-Presente.....	193
Figura 77 – Ação ‘MBC itinerante’	198
Figura 78 – Visita ao LECA.....	200
Figura 79 – Coleção de Apoidea, LECA.....	200
Figura 80 – Frasco mortífero, LECA	200
Figura 81 – Gabarito, LECA.....	200
Figuras 82 a e b – Casinha das abelhas, ‘Doce Jardim Educativo’ Campus Umuarama	200
Figura 83 – Mural com desenhos, ‘Doce Jardim Educativo’ Campus Umuarama	201
Figura 84 – Equipe do MBC, ‘Doce Jardim Educativo’ Campus Umuarama.....	201
Figura 85 – Visita às coleções científicas do INBIO.....	203
Figura 86 – Coleção de Paleontologia, INBIO	203
Figura 87 – Bombonas	203
Figura 88 – Frasco com etiqueta	203
Figura 89 – Cartaz de divulgação da ‘Exposição Sensorial’, MUMRO	206
Figuras 90 a, b e c – ‘Exposição Sensorial’, MUMRO	206
Figura 91 – Cartaz de divulgação do ‘Minicurso de Capacitação em Mineralogia’	207
Figuras 92 a e b – Atividade de campo, ‘Minicurso de Capacitação em Mineralogia’, MUMRO.....	207
Figura 93 – Visita escola estadual, Museu DICA	211
Figura 94 – Visita Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Museu DICA.....	211
Figura 95 – ‘Telescópio itinerante’, Araguari	212
Figura 96 – Atividade ‘Um dia no museu: conhecendo aves e mamíferos do Cerrado’, Museu DICA	213
Figura 97 – Atividade ‘Bem-estar animal e sustentabilidade’, Museu DICA.....	214
Figura 98 – Atividade ‘Criando mundos com as plantas’, Museu DICA.....	214

Figura 99 – Oficina de foguetes de garrafa PET, Museu DICA.....	214
Figura 100 – Sessão de cinema, Museu DICA.....	214
Figuras 101 a e b – Feira Ciência Viva 2023, Museu DICA	216
Figuras 102 a e b – Exposição ‘Os afetos da imagem’, MUnA.....	221
Figuras 103 a e b – Exposição ‘Os afetos da imagem’, MUnA.....	221
Figura 104 – Pôster projeto ‘Arte na cidade’	222
Figura 105 – Relação entre Perfil e Programas Museológicos	237
Figura 106 – Avaliação do processo de planejamento MUnA pela equipe	244
Figura 107 – Ciclo contínuo de planejamento	248
Figura 108 – Folheto Guia Turístico de Uberlândia – Roteiro Artístico e Cultural (parte externa)....	261
Figura 109 – Folheto Guia Turístico de Uberlândia – Roteiro Artístico e Cultural (parte interna)....	261
Figura 110 – Campo da Intervenção vs. Campo da Observação.....	271
Figura 111 – Museus e Coleções Universitárias na interseção entre a Pedagogia Museológica e a Universidade	272
Figura 112 – Estados com Cursos de Museologia em Universidades Federais	274
Figura 113 – Estados com Redes ou Sistemas de Museus em Universidades Federais	274

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Museus e Coleções Universitárias por década de criação entre 1898 e 2023	69
Gráfico 2 – Museus e Coleções Universitárias por vinculação administrativa	71
Gráfico 3 – Museus e Coleções Universitárias por vinculação administrativa (%)	72
Gráfico 4 – Museus e Coleções Universitárias por região do país.....	72
Gráfico 5 – Museus e Coleções Universitárias por região do país (%).....	73
Gráfico 6 – Museus e Coleções Universitárias vinculados a universidades federais por região do país	73
Gráfico 7 – Museus e Coleções Universitárias vinculados a universidades federais por região do país (%).....	74

Índice de Quadros

Quadro 1 – Redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais	85
Quadro 2 – Principais oportunidades e desafios das redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais	107
Quadro 3 – Resumo do diagnóstico e recomendações da Comissão Técnica da ANDIFES	117
Quadro 4 – Resumo Plano de Ação proposto pelo MEC	118
Quadro 5 – Metas estratégicas do Plano de Ação elaborado pelo GTI – Museus Federais, GT1 e GT2	119
Quadro 6 – Resumo da programação do VI e VII FPMU.....	125
Quadro 7 – Resumo SWOT do setor de museus e coleções universitárias no Brasil	132
Quadro 8 – Museus do SIMU	155
Quadro 9 – Matriz/Linha Programática de Ações.....	241
Quadro 10 – Resumo equipes e atividades, Planos Museológicos SIMU	242
Quadro 11 – Resumo SWOT Museus SIMU	250
Quadro 12 – Propostas para gestão dimensão museal da UFU	263

Introdução

Apresentação do tema central da tese

Esta tese tem como tema central as relações entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e seus museus e coleções universitárias, com foco em quatro instituições de seu Sistema de Museus (SIMU) – Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA) e Museu Universitário de Arte (MUnA).

Com base nos princípios da Sociomuseologia e em experiências de planejamento museológico, esta pesquisa analisa criticamente o papel estratégico desempenhado por esses museus e coleções universitárias na formação acadêmica e profissional de estudantes e pesquisadores, além de sua contribuição para a socialização do conhecimento produzido em unidades acadêmicas da UFU. O estudo ressalta a relevância e o potencial educativo e cultural desses espaços no engajamento de diferentes públicos e na promoção de um futuro coletivo pautado pela solidariedade. Nesse contexto, também examina a trajetória recente de institucionalização de uma política museal na universidade, propondo caminhos para seu fortalecimento, com vistas à expansão da integração entre os campos notadamente interdisciplinares da Museologia e das atividades de ensino, pesquisa e extensão no terreno da UFU.

Buscando compreender o microcosmo social dessa universidade mineira num contexto mais amplo, realiza-se um estudo exploratório do setor de museus e coleções universitárias no país, incluindo diversas atividades, dentre as quais destacam-se: visitas a espaços e exposições; acompanhamento e análise crítica das discussões no VI e no VII Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU); tabulação e análise crítica de dados extraídos na Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMUI); e colaboração na organização das iniciativas do Grupo de Estudos Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade (SiU), vinculado à Cátedra UNESCO ‘Educação, Cidadania e Diversidade Cultural’ do Departamento de Museologia da Universidade Lusófona.

Após 5 anos de interação com o setor, passamos a compreender museus e coleções universitárias como espaços fundamentais para a preservação do patrimônio cultural e científico das instituições de ensino superior, atuando como agentes conectores entre a academia e a

sociedade. Sob o enfoque da Sociomuseologia, esses espaços podem ir além da coleção e preservação de acervos de alto valor histórico, científico e cultural; são repositórios de conhecimento que podem fomentar um diálogo dinâmico e inclusivo com as comunidades, ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento de novas atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, configurando-se como verdadeiros laboratórios vivos de aprendizagem comunitária.

No contexto europeu, foi interessante notar que, até a introdução do paradigma universitário de Humboldt, que no início do séc. XIX resgatou para a academia o sentido progressista e experimental da ciência, as coleções universitárias eram constituídas fora do ambiente acadêmico. Isso pode ser observado no exemplo do gabinete de Ulisse Aldrovandi, exposto no Museu Palazzo Poggi da Universidade de Bolonha, visitado em março de 2023. No Brasil, em consonância com Silva (2023) e dados da RBCMU, a primeira coleção constituída no contexto de uma instituição de ensino superior pode ser aquela do Museu Delgado de Carvalho do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), constituída no final do séc. XIX.

Nossas análises demonstraram que os museus e coleções universitárias no país têm evoluído significativamente desde os anos 1960. Os 835 espaços levantados a partir de dados registrados na RBCMU revelaram um universo vasto e diversificado, composto por museus, centros de memória, coleções didáticas, planetários, observatórios astronômicos, herbários, pinacotecas, galerias de arte, espaços culturais, ecomuseus, museus comunitários e iniciativas virtuais, entre outros. Nota-se a cobertura de um amplo quadro de temáticas e disciplinas – incluindo História, Ciências, Artes, Tecnologia, além de áreas específicas como Veterinária, Esporte e Agronomia –, e a predominância de coleções científicas biológicas.

A maioria dos museus e coleções universitárias está vinculada a universidades federais, localizadas principalmente na Região Sudeste, seguida pelas Regiões Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Dentro do conjunto de espaços vinculados às universidades federais, foram identificados 378 museus e coleções, refletindo uma concentração geográfica novamente predominante no Sudeste.

Dada a relevância dessa dimensão museal¹ como testemunho da evolução da “produção intelectual institucionalizada” no país (Brasil, Lei nº 9.394/1996, art. 52), e considerando tanto a ausência de políticas públicas específicas para o setor, quanto os baixos índices de espaços com Plano Museológico, esta investigação ganha importância ao oferecer uma análise crítica detalhada de processos de planejamento museológico em quatro museus de uma universidade federal brasileira. Paralelamente, confronta essa realidade social local com o cenário nacional, trazendo exemplos de gestão da dimensão museal por 11 universidades federais e análises críticas com base em discussões acompanhadas nos dois últimos FPMUs, com o objetivo de ampliar a compreensão das dificuldades e potencialidades do campo.

Cabe sublinhar que o acompanhamento das discussões nos VI e VII FPMUs trouxe indicativos da predominância de profissionais e pesquisadores ligados a universidades federais, especialmente das Regiões Sudeste e Nordeste, liderados pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), evidenciando a necessidade da mobilização de mais representantes de instituições estaduais e privadas, além daqueles provenientes de outras regiões do país. Observamos também a baixa oferta de comunicações sobre Planos Museológicos, com apenas três na totalidade dos dois eventos.

Apesar dos desafios, escancarados pelo trágico incêndio no Museu Nacional da UFRJ, em 2018, enxergamos que museus e coleções universitárias atravessam uma fase de transformação e consolidação, com diversas oportunidades para o fortalecimento do setor no Brasil. A partir do Acórdão 1243/2019–TCU, que colocou a União como principal instância responsável pela integridade do patrimônio público universitário, abriu-se espaço para aprimorar as práticas de fiscalização e, conseqüentemente, de planejamento e gestão da preservação desse patrimônio.

A elaboração ou atualização de Planos Museológicos por museus vinculados às universidades federais foi inserida na agenda de órgãos federais, como o Ministério da Educação (MEC), como uma ação prioritária. Da mesma forma, integrou a agenda da coordenação executiva do Sistema de Museus da UFU.

¹ O termo ‘museal’ é compreendido como abrangendo a dimensão dos museus e das coleções universitárias presentes em universidades, no contexto das relações entre as comunidades acadêmicas e os conjuntos patrimoniais resultantes de atividades de ensino e pesquisa. Essa interpretação transcende o conceito de museu enquanto uma instituição física ou tradicional, configurando-se em um campo teórico de referência da Museologia para refletir uma relação específica do homem com a realidade, centrada nos processos de salvaguarda e comunicação de bens culturais, científicos e históricos (Desvallées & Mairesse, 2013, pp. 54-56).

Nossa experiência com quatro museus desse sistema revelou que os processos de planejamento foram essenciais para a organização e o direcionamento de projetos e ações, fortalecendo o papel dos museus como agentes de transformação social. Esse positivo impacto decorreu da promoção de uma visão estratégica de cada museu, integrada ao seu cotidiano operacional. Além disso, ao articular uma percepção abrangente da instituição e adotar uma abordagem integrada e processual para as atividades voltadas à preservação de referências patrimoniais, constatamos que esses processos estimularam intercâmbios enriquecedores entre os participantes.

E é nesse contexto que defendemos o planejamento museológico como uma prática educativa libertadora, capaz de fomentar uma compreensão crítica da realidade e impulsionar a transformação institucional, promovendo ao mesmo tempo o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos. Como prática afetiva, também permite o compartilhamento de conhecimentos, experiências e sentimentos. Como bem observa Maria Célia T. Moura Santos, “os planos museológicos me encantaram, sobretudo, pela possibilidade de sonhar, de compartilhar, de aprender e de ter esperança” (Santos, 2021, p. 14).

Além do Plano Museológico como ferramenta fundamental para o aprimoramento da gestão de museus e coleções universitárias, identificamos outros pontos favoráveis ao fortalecimento do setor. O crescente reconhecimento social e político dessa área reflete-se na continuidade do FPMU desde o primeiro encontro realizado em 1992; no estabelecimento de grupos de trabalho específicos no âmbito do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS); na expansão da RBCMU; e na aproximação com órgãos estratégicos, como a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior² (ANDIFES), o MEC e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Além disso, a elaboração participativa de documentos como as ‘Diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias’, redigidas no âmbito do V FPMU, em 2018, e o Documento Unificado da RBCMU, aprovado na Plenária Final do VII FPMU de 2023, reforçam a articulação entre as instituições e os agentes do setor.

O aumento da produção acadêmica e da realização de diagnósticos mais detalhados nas instituições também contribui para a construção de um conhecimento mais robusto e

² Instância composta por 11 comissões temáticas, integradas por reitores ou vice-reitores, com mandatos de 2 anos, renováveis. No contexto de nossa pesquisa, destaca-se a Comissão de Memória, Museus e Patrimônios Culturais, Artísticos e Científicos, formada por representantes de 10 instituições. Fonte: <https://www.andifes.org.br/comissoes/comissao-memoria-museus-e-patrimonios-culturais-artisticos-e-cientificos/>. Acesso em 3 jan. 2025.

diversificado das coleções existentes. A Resolução nº 7 de 2018 do MEC, que estabelece a curricularização da extensão, poderá delinear novas oportunidades de parcerias técnicas nas universidades, conectando diretamente as atividades museológicas à formação acadêmica, ampliando as trocas de experiências e fortalecendo a formação de profissionais.

Por fim, entendemos que a relação entre museus e universidades no contexto de museus e coleções universitárias transcende a mera conservação de acervos; trata-se de uma colaboração dinâmica, que integra educação, pesquisa e extensão. Ao promover o diálogo entre a academia e a sociedade, esses espaços tornam-se agentes de transformação social, contribuindo para a inclusão, a promoção da diversidade e de um futuro sustentável. Investir em seu fortalecimento, portanto, é essencial para garantir que continuem a desempenhar seu papel como fomentadores de conhecimento e promotores de uma educação mais justa e equitativa.

Razões da escolha do tema

Meu primeiro contato com a Sociomuseologia ocorreu em 2012, ao ingressar no Mestrado em Museologia na então Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa (ULHT). Naquele momento, Portugal enfrentava uma crise financeira, enquanto eu buscava um período sabático para refletir sobre minha trajetória profissional de 17 anos como produtora executiva de exposições e de espaços museológicos em museus e escritórios culturais de São Paulo.

Até então, acumulava experiências em instituições como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) (1996), o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) (1996-2001), e o Instituto Tomie Ohtake (2001-2004); além de empresas como a Expomus (2007-2010) e a Base7 Projetos Culturais (2010-2012). O trabalho de produção executiva, apesar de intenso, havia me proporcionado um aprendizado prático fundamental, funcionando como uma ‘escola de Museologia de chão de fábrica’ sobre planejamento, desenvolvimento e montagem de projetos museológicos.

Como eu era a única aluna matriculada naquele primeiro ano letivo de 2012-2013, o programa curricular do curso foi diferenciado: boa parte das disciplinas foi desenvolvida com

a participação em seminários³, encontros de profissionais de museus⁴, oficinas⁵, e na montagem da exposição ‘Baixa em Tempo Real’⁶; foram também realizadas visitas de estudos a instituições museológicas⁷ e estágio curricular⁸.

Em 2013, continuei meus estudos no Brasil, por meio do acordo de cooperação existente entre a Universidade de São Paulo (USP) e a ULHT, tendo cursado duas disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, organizado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP)⁹. No âmbito desse acordo, também participei do I Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia (I SINPEM).

Entre 2014 e 2015, enquanto Gerente de Projetos Museológicos na Base7, dediquei-me à escrita da dissertação. O tema baseou-se em minha experiência então recente como coordenadora de produção executiva para a implantação do Museu do Holocausto de Curitiba, inaugurado em novembro de 2011. Enxerguei a conexão dessa iniciativa com a Sociomuseologia, por promover o exercício da função social dos museus, ao contribuir para a sensibilização e formação de “sujeitos críticos e mais responsáveis socialmente”, e para o fortalecimento de uma “cultura de paz, de superação do racismo, discriminação e intolerância, e de defesa dos direitos humanos” (Coelho, 2016, p. 4). A pesquisa¹⁰ foi defendida em 27 de janeiro de 2016, data simbólica que celebra a Memória das Vítimas do Holocausto.

O percurso do Mestrado foi, sem dúvida, uma experiência marcante, que nos provocou refletir e aprofundar o propósito de nossa caminhada profissional, contribuindo para aprimorar o direcionamento de nossos desejos de transformação, justiça e desenvolvimento social em intervenções no campo tão plural e complexo da Museologia. É a convicção desse compromisso que nos traz de volta a esta Escola de Pensamento, após quase uma década.

³ Como o ‘III Seminário Internacional de Museografia e Arquitetura de Museus – Conservação e Técnicas Sensoriais’, organizado pelo Departamento de Museologia da ULHT, em parceria com o Departamento de Arquitetura da UFRJ.

⁴ Como o ‘XVII Encontro Nacional Museologia e Autarquias’, organizado pelo Departamento de Museologia da ULHT em parceria com o Museu do Trajo de São Bráz do Alportel, e o ‘Encontro de Outono do MINOM-Portugal’, realizado no Museu do Trabalho Michel Giacometti, localizado em Setúbal.

⁵ Como o desenvolvimento de um projeto na disciplina ‘Laboratório de Museografia e Computação’.

⁶ O projeto de exposição foi desenvolvido sob a coordenação geral do Departamento de Museologia da ULHT, contando com a colaboração de docentes, discentes e investigadores de outros departamentos da ULHT, nomeadamente os departamentos de Animação Digital, Cinema Vídeo e Multimédia, Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Artes e Design. Outra ação expositiva foi simultaneamente realizada no Museu Nacional da República, explorando o bairro do Catete, no Rio de Janeiro. As exposições integraram o calendário oficial de eventos do Ano de Portugal no Brasil, e do Ano do Brasil em Portugal.

⁷ Visitas realizadas no Museu do Trajo de São Bráz do Alportel e no Museu do Mar e da Carrapateira, em Aljezur.

⁸ Realizado no Serviço de Educação e Animação Cultural (SEAC) do Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Lisboa (MUNHAC).

⁹ As disciplinas foram ‘Comunicação e expografia’, ministrada pela Profa. Dra. Marília Xavier Cury, e ‘Planejamento museológico: da museologia tradicional à Sociomuseologia’, ministrada pela Profa. Dra. Maria Cristina de Oliveira Bruno.

¹⁰ A dissertação ‘O Museu do Holocausto de Curitiba sob a perspectiva da museologia contemporânea’ foi desenvolvida sob orientação do Prof. Mário Moutinho.

Em 2021, ao ingressar no Doutorado, encontrei uma ‘casa do saber’ revigorada, caracterizada pelo fortalecimento de sua institucionalização e internacionalização. A organização de um repositório documental (1991-2018) evidencia a trajetória do Departamento de Museologia, destacando iniciativas estratégicas, como a Cátedra UNESCO em ‘Educação, Cidadania e Diversidade Cultural’, e o estabelecimento de parcerias com o Conselho Internacional de Museus (ICOM) e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) (Moutinho, 2019).

A expansão internacional da Sociomuseologia reflete-se na presença de estudantes de diferentes países, como Moçambique e Cabo Verde, e na integração de pesquisadores da Europa, América Latina e Oriente Médio, que notamos nos Seminários de Investigação em Sociomuseologia; e também no corpo docente, com representantes provenientes do Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda e Inglaterra.

As parcerias com universidades brasileiras, inicialmente concentradas na USP, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e UFBA, estenderam-se para outras instituições de ensino, como a Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Para além da longa tradição dos *Cadernos de Sociomuseologia*, iniciada em 1993, o departamento demonstra um aumento significativo em sua produção intelectual, com a edição de livros como ‘Introdução à Sociomuseologia’ (2020), ‘Teoria e prática da Sociomuseologia’ (2021) e ‘Sociomuseologia: para uma leitura crítica do mundo’ (2021), organizados por Primo & Moutinho; e o lançamento de títulos em inglês e francês¹¹, ampliando o alcance internacional dos trabalhos acadêmicos.

É importante sublinhar a criação de grupos de estudos, a partir de 2019, como iniciativa estratégica de fomento ao debate e à pesquisa em temas relevantes para a área, como acessibilidade e inclusão de gênero¹², entre outros.

É nesse ambiente estimulante e dinâmico que retornamos à Escola de Pensamento da Sociomuseologia para pensar museus e coleções universitárias, ao mesmo tempo atravessada

¹¹ Publicações disponíveis em: <https://museologia.ulusoфона.pt/publicacoes/livros>. Acesso em 15 dez. 2024.

¹² Atualmente existem seis grupos de estudos em atividade: Sociomuseologia + Paulo Freire (desde 2019); LabSE – Laboratório de Socioexpografia (desde 2020); Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural (desde 2021); Sociomuseologia e Interseccionalidade: Gênero, Raça e Classe (desde 2021); Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade (desde 2021) e o grupo autônomo Introdução à Sociomuseologia. Fonte: <https://www.museologia-portugal.net/avaliacao-a3es/grupos-estudo-catedra-unesco-departamento-museologia>. Acesso em 5 fev. 2024.

por sentimentos imbuídos de empatia, solidariedade e afeto, despertados pelas vivências com equipes de quatro museus do SIMU.

A experiência disparadora para aprofundar o conhecimento desse setor e, conseqüentemente, desenvolver um projeto de investigação de doutoramento, foi uma consultoria para a elaboração do primeiro Plano Museológico do Museu Universitário de Arte (MUnA), órgão complementar do Instituto de Artes (IARTE) da UFU, em 2020¹³. A colaboração com o MUnA revelou-nos uma realidade caracterizada por:

- invisibilidade e falta de valorização do trabalho da equipe, das coleções e do museu na comunidade acadêmica;
- docentes exaustos pelo acúmulo de funções, como zeladoria do prédio, produção executiva de exposições, captação de recursos, realizadas paralelamente às atividades essenciais de ensino, pesquisa e extensão;
- equipe reduzida, que carece de apoio técnico de museólogo e de outros profissionais especializados em acessibilidade comunicacional, Tecnologia da Informação (TI), comunicação estratégica, entre outros;
- espaço com infraestrutura física sucateada e deficiente, colocando as coleções universitárias em risco;
- falta de investimentos, e recursos financeiros e materiais muito limitados;
- falta de autonomia na gestão da segurança, geralmente subordinada a outras instâncias da universidade.

Deparamo-nos com um ambiente de trabalho com muitos desafios, isolado em meio ao arquipélago de inteligências dispersas pelas unidades acadêmicas da universidade. Ao mesmo tempo, conseguimos identificar a potência educativa e formativa do museu por meio de uma programação diversificada de ações expositivas, educativas e culturais; da organização de repositório virtual do acervo; da concepção de publicações e de materiais didáticos – tudo cuidadosamente pensado por sua comprometida equipe de docentes, discentes, pesquisadores e

¹³ Até então, minha experiência nesse setor específico estava concentrada na gestão de projetos voltados para a reformulação de espaços expositivos. Entre eles, destaco o projeto desenvolvido para abrigar o acervo vivo de espécimes de cobras do Museu Biológico da USP, que foi amplamente detalhado para captação de recursos, mas não teve prosseguimento. Além disso, participei do projeto de requalificação de espaço expositivo para receber coleções de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, no qual entregamos os projetos executivos de expografia, luminotécnica e identidade visual, embora não tenhamos acompanhado sua implantação. Também atuei na implantação de exposições pontuais no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB-FAAP) e no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP).

colaboradores, a partir de sua significativa coleção de Artes Visuais, reunida ao longo de mais de 25 anos de vida institucional.

Essas constatações levaram-nos a apostar no fortalecimento das relações entre museu e universidade, pautado numa gestão colaborativa, inclusiva e sustentável e que procuramos aprofundar no presente estudo. Por um lado, o ‘museu laboratório’ emerge como um campo estratégico de experimentação, integrando atividades de ensino, pesquisa e extensão aos processos de preservação do patrimônio cultural e científico universitário – preservação aqui entendida como o conjunto das atividades de salvaguarda (coleta, pesquisa, documentação, conservação) e de comunicação (ações expositivas, educativas e culturais; organização de sistemas informatizados acessíveis, de publicações, e outros recursos educativos). Por outro, a universidade encontra no museu uma ‘vitrine’ para ampliar sua visibilidade e fortalecer sua conexão com a sociedade. É uma atuação integrada, na qual museu e universidade caminham juntos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais crítica e engajada, justa e solidária.

Ao longo da jornada ‘doutoral’, surgiram novas oportunidades de consultoria para a elaboração de Planos Museológicos para outros três museus do SIMU, quais sejam: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), vinculado ao Instituto de Biologia (INBIO); Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), vinculado ao Instituto de Geografia¹⁴ (IG) e Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA), vinculado ao Instituto de Física (INFIS). Ao todo, nossa colaboração com o SIMU estendeu-se de abril de 2020 a julho de 2023 (com alguns intervalos), tendo sido viabilizada por meio de editais do Programa de Apoio aos Museus (PROMUS) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFU, e formalizada em três contratações distintas¹⁵.

Cabe-nos destacar algumas particularidades desses processos de planejamento: o Plano Museológico do MUnA foi elaborado durante a crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, ou seja, o museu encontrava-se fechado à visitação pública. Todas as reuniões ocorreram virtualmente e o documento final foi entregue sem que tivéssemos encontrado presencialmente a equipe de colaboradores, ou visitado o museu. No caso do Museu DICA, o Plano Museológico foi construído em duas etapas distintas, sendo a construção do Perfil

¹⁴ Atual Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC).

¹⁵ A consultoria prestada ao MUnA ocorreu entre abril e novembro de 2020; ao Museu DICA, entre março e agosto de 2022; e ao MBC, Museu DICA e MUMRO, entre dezembro de 2022 e julho de 2023.

Museológico (planejamento estratégico) em 2022, e a organização de ações por áreas de trabalho (planejamento tático e operacional) em 2023.

No âmbito da terceira consultoria, a condução simultânea de processos de planejamento museológico para três museus do SIMU configurou-se como uma oportunidade para as instituições fortalecerem o diálogo entre si, e apresentarem demandas em comum às instâncias superiores da UFU. Notamos um avanço nesse sentido, quando fomos convidada para apresentar um relatório síntese dos quatro processos de planejamento museológico em reuniões do Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis¹⁶ (CONSEX) e do Conselho Diretor¹⁷ (CONDIR) da UFU, indicando um certo ganho de visibilidade do trabalho cuidadoso das equipes dos museus, na tão disputada agenda das instâncias superiores da universidade.

O quadro fragilizado de trabalho, inicialmente mapeado no microcosmo do MUnA, igualmente se confirmou nos demais museus; assim como o comprometimento de suas equipes, e a potência educativa e formativa das instituições. Ao mesmo tempo, a ampliação de nosso campo empírico nos museus do SIMU rendeu problematizações específicas – por exemplo sobre a tipologia de acervo, vínculo institucional, entre outras – associadas ao contexto de cada unidade museológica, fazendo crescer nosso ‘acervo de inquietações e de curiosidades’ e motivando-nos a alargar o escopo de nosso projeto inicial de investigação, quando estávamos prestes a iniciar a escrita da tese.

Importa esclarecer que, além dos quatro museus com os quais colaboramos, todos vinculados a unidades acadêmicas, o SIMU integra o Museu dos Povos Indígenas¹⁸ (MUPI), este, diferentemente dos demais, vinculado à estrutura da Diretoria de Cultura (DICULT/PROEXC).

Outro aspecto a ser contextualizado nesta introdução é o fato de a UFU não oferecer um curso de Museologia, e os quatro museus em questão não contarem com profissional museólogo em suas equipes técnicas. Essas instituições são geridas por docentes que, em alguns casos, desempenham essa função sem qualquer gratificação salarial adicional. Além disso, a

¹⁶ Relatório apresentado na sétima reunião do CONSEX, realizada virtualmente em 30 de setembro de 2023, com a participação do pró-reitor de Extensão e Cultura, do diretor de Cultura e de representantes de diversos setores da universidade. Ver mais em: <https://ufu.br/acontece/2023/09/pauta-da-7a-reuniao2023-do-conselho-de-extensao-cultura-e-assuntos-estudantis>. Acesso em 22 out. 2024.

¹⁷ Relatório apresentado em sexta reunião do CONDIR, realizada virtualmente em 6 de outubro de 2023, com a participação do reitor, do diretor de Cultura e de representantes de diversos setores da universidade. Ver mais em: <https://ufu.br/acontece/2023/10/pauta-da-6a-reuniao2023-do-conselho-diretor>. Acesso em 22 out. 2024.

¹⁸ Embora não tenhamos prestado consultoria ao MUPI, realizamos uma visita técnica ao museu, conforme descrito no segundo capítulo.

continuidade dessas iniciativas depende diretamente da dedicação de determinados docentes, que acabam se revezando na gestão do equipamento cultural, buscando garantir sua manutenção e relevância.

Retomando a nossa aposta no fortalecimento da relação entre museu e universidade, em 2001 Almeida já destacava o fato de que o museu universitário, ao fazer parte do meio acadêmico, “deveria tirar o máximo de vantagem [...] pois a universidade como produtora de conhecimento, como espaço de experiência e de formação é uma riquíssima fonte de recursos para os museus universitários” (Almeida, 2001, p. 5). Na mesma linha, enxergamos que a universidade, ao possuir um museu ou coleção universitária, também deveria tirar o máximo proveito dessa tutela, diante da potência da dimensão educativa desses espaços para formar profissionais, e produzir e comunicar conhecimento para a sociedade, aproximando o universo acadêmico da(s) comunidade(s). Além disso, museus e coleções universitárias configuram-se como lugares da memória da evolução da produção de conhecimento científico nas instituições superiores de ensino – ou seja, são iniciativas que refletem a trajetória da própria universidade (Ribeiro, Segantini & Granato, 2019).

De fato, como assinalado por Santos (2021), Lourenço (2005) e também por Almeida (2001), as universidades precisam considerar sua dimensão museal em planejamentos estratégicos, seja em planos de desenvolvimento institucional, como em planos e políticas de cultura, de maneira mais afirmativa. Dimensão museal aqui é entendida pelo conjunto de museus e coleções universitárias vinculado a determinada instituição do ensino superior, compreendendo “espaços e iniciativas que desenvolvem projetos, programas e ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão com base em referências patrimoniais universitárias”, conforme adotado na definição do Documento Unificado da RBCMU (2023, p. 1), disponibilizado no Anexo 1.

Constatamos que essa é uma dinâmica recente nas universidades federais brasileiras, quando exploramos a constituição de 11 redes e sistemas de museus mapeados nessas instituições. Observa-se que a maioria dessas iniciativas foi institucionalizada no âmbito de Pró-Reitorias de Extensão e/ou Cultura, indicando uma associação direta entre o patrimônio universitário e as atividades de extensão e, ao mesmo tempo, reforçando sua conexão com a dimensão cultural da universidade.

Mas apesar da aproximação entre museu e universidade ser potencialmente produtiva para ambos, como pode esse vínculo permanecer tão frágil no contexto de museus e coleções

universitárias? A origem desse dilema estaria no fato de esses espaços estarem muito associados às atividades de extensão, invisibilizando sua relevância no desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa? Como fortalecer uma relação entre a universidade e sua dimensão museal, promotora de uma gestão mais integrada entre os processos de preservação patrimonial universitário e as atividades de ensino, pesquisa e extensão? Podemos enxergar na curricularização da extensão uma oportunidade? Quais os aprimoramentos que um processo participativo de construção de Plano Museológico pode afirmativamente disparar? Quais as contribuições da Sociomuseologia para aproximar as práticas curriculares das práticas patrimoniais no setor de museus e coleções universitárias?

Partindo desses questionamentos, que se mantêm em movimento, a seguir apresentamos o objetivo geral e os específicos da presente pesquisa.

Objetivos da investigação

Objetivo Geral

A presente investigação, sob a perspectiva da Sociomuseologia, e partindo de experiências em planejamento museológico, busca compreender a relação entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e sua dimensão museal, com foco em quatro museus de seu Sistema de Museus (SIMU) – Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA) e Museu Universitário de Arte (MUnA).

Objetivos Específicos

- Investigar a diversidade de museus e coleções universitárias no Brasil, a partir de dados extraídos da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), examinando modelos de governança dessa dimensão museal em rede em universidades federais, bem como os desafios e oportunidades delineadas no campo político do VI e VII Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU);
- compreender a relação entre a Universidade Federal de Uberlândia e sua dimensão museal, analisando a estrutura organizacional da universidade, assim como as políticas institucionais estabelecidas em relação aos seus museus;
- analisar o papel social dos museus do SIMU, associando as atividades de ensino, pesquisa e extensão, com base nas referências patrimoniais universitárias da UFU;

- evidenciar a dimensão educativa e afetiva do processo de planejamento museológico, a partir de experiências com quatro museus do SIMU;
- examinar as correspondências identificadas nos contextos interno e externo de quatro museus do SIMU, propondo estratégias para a gestão da dimensão museal da UFU, com o objetivo de fortalecer os laços entre os museus, a academia e a sociedade;
- contribuir para o desenvolvimento de modelos de planejamento museológico que possam ser adaptados à realidade plural de museus e coleções universitárias.

Referenciais teóricos

Em ‘Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico’, o neurocientista Sidarta Ribeiro resgata saberes tradicionais para enfatizar a importância dos sonhos não apenas enquanto manifestações do inconsciente, mas como ferramenta essencial para encontrarmos nosso percurso de cura e aprimoramento da experiência humana. Nossa única saída diante das crises atuais – existencial, econômica, social, ambiental, climática, entre outras –, é a expansão e o fortalecimento de uma consciência humana coletiva comprometida com o bem comum, com a “ética do cuidado [...] para que as ações de transformação do planeta sejam voluntárias, direcionadas e eficazes” (Ribeiro, 2022, p. 89).

No mesmo sentido, Moacir Gadotti propõe a formação de uma cidadania planetária, com base em uma educação voltada para a sustentabilidade, que promova a formação de cidadãos conscientes de seu papel numa comunidade global, e capazes de agir para a construção de um futuro sustentável para todos (Gadotti, 2008). E Ailton Krenak, com sua ‘cosmo percepção’ de mundo, inspira-nos a compreender o planeta como um superorganismo vivo e complexo, formado por seres interdependentes (Krenak, 2020a; 2020b; 2020c).

A partir dessas abordagens, ao integrar ensino, pesquisa e extensão com a salvaguarda e comunicação de referências patrimoniais culturais e científicas, museus e coleções universitárias emergem como espaços estratégicos para a promoção de um futuro mais sustentável para o planeta e para a humanidade. Reconhecendo-os como entes integrantes das estruturas de instituições do ensino superior, torna-se essencial explorar o desenvolvimento das universidades e, naturalmente, da transformação das práticas acadêmicas em conjuntos patrimoniais.

Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro discutiram o ideal da universidade como espaço de elaboração intelectual, de maneira viva, criativa e crítica (Teixeira, 1935; Ribeiro, 1985). Para

Teixeira, a universidade deveria ser um “ambiente de livre circulação de ideias” no qual “os homens se formam [...], seguindo caminhos diversos, mas em uma mesma atmosfera [...] vivendo, [...] a vida da inteligência, em comum, associadamente, fraternalmente” (Teixeira, 1935, p. 39). Na mesma linha, Darcy Ribeiro vislumbrou a UnB como uma “Casa do Espírito, da Inteligência, do Saber”, provocadora de uma “postura indagativa de autoquestionamento livre e ardente” – um processo de formação para a vida e facilitador da superação de desigualdades que caracterizam as estruturas sociais brasileiras (Ribeiro, 1985)¹⁹.

A percepção do papel transformador das universidades conduz a uma analogia imediata com a perspectiva processual do ‘fato museal’, como elaborado por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, conceito explorado mais adiante. Segundo a autora, a Museologia deve ser compreendida como uma ciência que se constrói a partir da relação entre o ser humano e seu entorno (Guarnieri, 1979, pp. 78-79), articulando-se às dinâmicas sociais, culturais e educativas da experiência humana, como ilustrado na criação de museus e coleções universitárias.

Tais iniciativas evidenciam essa perspectiva processual, não apenas ao preservarem referências patrimoniais, mas também ao estabelecerem conexões entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, configuram-se como espaços dinâmicos que ampliam o diálogo entre saberes acadêmicos e populares, promovendo a democratização do conhecimento e estimulando ações para o desenvolvimento sustentável. Essa integração faz ecoar o pensamento de Guarnieri ao enfatizar que os enclaves museológicos são, antes de tudo, lugares de (re)significação e não apenas de conservação de objetos.

Essa percepção progressiva e integradora entre educação, cultura e preservação encontra paralelos na pesquisa de Marta C. Lourenço²⁰, que explora a evolução de práticas acadêmicas associadas à formação de conjuntos patrimoniais. Segundo Lourenço, as práticas de coleta de objetos e de experimentação não eram valorizadas no período medieval, devido ao desconhecimento do campo empírico e da noção de progresso científico. Apesar das inovações no Renascimento, como a construção de modelos e maquetes, o envolvimento efetivo das universidades na descoberta e no avanço do conhecimento só se concretizou com o movimento iluminista e a formação de Estados-nações (Lourenço, 2005, pp. 51-54).

¹⁹ Trecho extraído do discurso de Darcy Ribeiro ‘Universidade, Para quê?’, pronunciado durante a cerimônia de posse do reitor Cristovam Buarque na UnB, em 16 de agosto de 1985. Recuperado de https://fundar.org.br/universidade-para-que/#_ftn1. Acesso em 4 out. 2023.

²⁰ Diretora do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) da Universidade de Lisboa. Fonte: <https://www.museus.ulisboa.pt/enquadramento-organico>. Acesso em 6 nov. 2024.

Um exemplo emblemático é o gabinete do naturalista italiano Ulisse Aldrovandi²¹, formado no séc. XVI, a partir de uma extensa rede de contatos estabelecida na Europa. Sua coleção ficava armazenada e exposta em sua própria residência, transformando-se em centro de estudos e atraindo a elite da época, que buscava conhecimento e apoiava financeiramente suas pesquisas.

Após sua morte, a coleção foi doada ao município de Bolonha²². Sua contribuição foi essencial para o advento e a evolução da ciência moderna – pautada no valor da experiência, da observação, da coleta de campo rigorosa, e do desenvolvimento do pensamento crítico e analítico –, revolucionando a forma como a natureza era representada e investigada.

Segundo Lourenço, o gabinete de Aldrovandi configura-se como agente embrionário dos museus universitários (Lourenço, 2005, pp. 60-62), considerando-se ainda que a primeira referência dessa tipologia de museu existente, no caso o Ashmolean Museum, fundado em 1683 na Universidade de Oxford, foi motivada por uma doação²³.

Subentendemos, portanto, que essa nova perspectiva progressista do conhecimento fomentou a constituição de coleções representativas das práticas diárias do saber-fazer científico, institucionalizadas nos organogramas acadêmicos. Se na Europa essa transformação ocorreu sob influência de Aldrovandi e de Humboldt, com a introdução e expansão do paradigma da Universidade de Berlim, idealizado por este no início do séc. XIX, no Brasil o Museu Real, fundado em 1818, desempenharia o papel de impulsionar o desenvolvimento cultural e científico do país por um século, antes da criação da primeira Universidade do Rio de Janeiro, em 1920.

Lourenço também explorou a história e a diversidade das coleções universitárias na Europa²⁴, apresentando uma proposta de classificação em quatro tipologias: coleções de

²¹ Em março de 2023, visitamos a exposição ‘O outro Renascimento: Ulisse Aldrovandi e as maravilhas do mundo’, abrigada no Museu Palazzo Poggi e organizada em homenagem ao 5º centenário de nascimento do primeiro professor de Ciências Naturais da Universidade de Bolonha. Mais informações sobre a mostra em: <https://site.unibo.it/aldrovandi500/it/mostra-altro-rinascimento-ulisse-aldrovandi>. Acesso em 22 out. 2024. Além dessa coleção, o Museu Palazzo Poggi abriga coleções de história da Física, Arqueologia e Medicina, entre outras. O referido museu universitário, inaugurado em 2000, integra o Sistema Museale Ateneo da Universidade de Bolonha, uma rede composta por 15 museus e coleções universitárias. Ver mais em <https://sma.unibo.it/en/the-university-museum-network>. Acesso em 22 out. 2024.

²² Em 1617 a coleção passou a ser apresentada no Palazzo Pubblico, atual sede da Prefeitura de Bolonha, tendo sido transferida para o Instituto de Ciências do Palazzo Poggi em 1742 (Tega, 2010).

²³ Fonte: <https://www.ashmolean.org/history-ashmolean>. Acesso em 24 out. 2024.

²⁴ Pesquisa de Doutorado intitulada *Between two worlds: university museums and collections in Europe*, realizada em 236 museus e coleções universitárias em 10 países na Europa, sendo a maioria de História Natural e/ou Ciências Naturais (37%); seguidas de Artes e Humanidades (21%); e de História da Ciência e Medicina (18%) (Lourenço, 2005, pp. 16-17).

pesquisa²⁵; coleções de ensino²⁶; coleções históricas de pesquisa e de ensino; e coleções sobre a história da universidade²⁷ (Lourenço, 2005, pp. 34-40). Ao discorrer sobre o desenvolvimento epistemológico desses conjuntos, a autora destacou dois métodos principais para a coleta de dados da realidade e sua transposição em conhecimento: a observação direta e a experimentação.

O primeiro, predominante em áreas como Zoologia, Botânica, Geologia, Mineralogia, Paleontologia, Arqueologia e Antropologia, baseia-se na coleta e no estudo de espécimes para compreender a diversidade natural e suas relações. O segundo, característico de áreas como Física, Química e algumas ciências derivadas – como Geofísica, Meteorologia, Biofísica –, envolve a utilização de instrumentos para realizar experimentos e coletar dados quantitativos (Lourenço, 2005, pp. 42-44). Essas coleções, reunidas a partir de processos de investigação da realidade, adquirem papel fundamental na evolução do conhecimento, funcionando como registros históricos da produção científica e como fontes documentais para futuras pesquisas.

Já as coleções de ensino, que abrangem um leque mais amplo de assuntos, desempenham um papel crucial no processo pedagógico, proporcionando aos estudantes experiências práticas e concretas, em complementação aos conteúdos teóricos: “Observar, tocar, manusear, sentir, montar experimentos e, muitas vezes, cortar, testar, abrir para ver o que há dentro, é mais benéfico – até mesmo essencial – para o processo cognitivo, do que olhar ilustrações em um livro didático” (Lourenço, 2005, pp. 45-46, tradução nossa).

Na mesma linha, a ‘Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia’²⁸ (2017) ajuda-nos a compreender a especificidade do patrimônio produzido nas instituições de ensino superior do país como algo conectado às “dinâmicas científicas, de

²⁵ Também chamadas de ‘coleção científica’, ‘coleção de reserva’, ‘coleção de estudo’, refletindo um nível de acesso mais restrito. O código de ética do ICOM usa o termo ‘coleção de trabalho’, que a autora avaliou como o mais representativo do uso da coleção, considerando-se ainda que o material reunido é primeiramente processado/estudado, antes de ser disponibilizado e preservado (Lourenço, 2005, pp. 31-32).

²⁶ Também chamadas de coleções didáticas. Dependendo do nível de acesso público às coleções, surge o ‘museu expositivo’ ao lado da ‘galeria didática’, quando as coleções estão dispostas exclusivamente aos discentes (Lourenço, 2005, pp. 31-32).

²⁷ Como conjuntos de memorabilia, coleções biográficas relacionadas a personalidades, entre outras.

²⁸ Documento elaborado no contexto do ‘IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia’, realizado no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) em dezembro de 2016. Declaração disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/noticias/2017/agosto/carta-do-rio-de-janeiro-sobre-patrimonio-cultural-da-ciencia-e-tecnologia.pdf>. Acesso em 22 out. 2024.

desenvolvimento tecnológico e de ensino, e à memória e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico” (Granato, Ribeiro & Araújo, 2017, p. 17)²⁹.

Ao refletir sobre como esses conjuntos patrimoniais são selecionados e reconhecidos, e sobre as formas de seu tratamento e extroversão para a sociedade, apoiamo-nos novamente no conceito de ‘fato museal’ de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1983), desta vez em diálogo com a ‘pedagogia museológica’, em Maria Cristina de Oliveira Bruno (2020; 2006a), e a ‘gestão da relevância’, em Pedro Manuel-Cardoso (2014).

Ao introduzir o conceito do ‘fato museal’ como objeto central da Museologia, Guarnieri estimula-nos a refletir sobre uma relação processual entre o homem – como sujeito complexo, em constante evolução –, e a realidade que o circunda, mediada no cenário institucional dos museus (Guarnieri, 1983, pp. 127-128). Essa relação pressupõe a ressignificação de referências culturais no presente, bem como o entendimento dos museus como espaços privilegiados para a construção de (re)leituras críticas do mundo, e para a promoção de diálogos entre comunidades, tempos e espaços.

Por sua vez, Bruno identifica o ‘fato museal’ como deflagrador da musealidade³⁰, e a Museologia como campo disciplinar responsável pelo enquadramento dessas (re)leituras de mundo dentro dos museus, por meio de processos técnicos de salvaguarda e comunicação de indicadores da memória, “com o compromisso de viabilizá-los como vetores de herança cultural” (Bruno, 2020, pp. 20-21).

Nessa perspectiva, Bruno propõe o conceito de ‘pedagogia museológica’ como representativo de um conjunto articulado de métodos e práticas de identificação, tratamento e uso qualificado de bens culturais, direcionado à gestão técnica e conceitual do patrimônio identificado e visando à projeção de novas perspectivas museológicas (Bruno, 2020; 2006a). Nesse quadro, compreendemos que a pedagogia da Museologia envolve a configuração de ações mediadoras do conhecimento contido nesses bens patrimoniais, planejadas e estruturadas nos lugares de aprendizagem ativa dos museus e de processos museológicos:

²⁹ Na mesma linha, a *Magna Charta Universitatum* de 1988 estabeleceu que essas referências patrimoniais emergem das relações sociais, culturais e políticas que se delineiam nas comunidades acadêmicas, assim como da atividade humana na produção e transmissão de conhecimento científico em todas as áreas do conhecimento, no contexto das universidades como instituições autônomas que produzem e transmitem cultura por meio da investigação e do ensino. Documento disponível em: <https://www.magna-charta.org/magna-charta-universitatum/mcu-1988>. Acesso em 9 nov. 2024.

³⁰ Termo que expressa o processo de ‘enquadramento’ de uma realidade dentro dos museus, apoiado em procedimentos de salvaguarda e comunicação de referências patrimoniais (Desvallées & Mairesse, 2013; Cury, 2006).

“De uma parte as atividades de salvaguarda se incumbem dos problemas de conservação e documentação e, de outra, as questões expositivas e educacionais ficam entrelaçadas nas ações de comunicação. São áreas interdependentes, com profundas reciprocidades cotidianas e que exigem esforço de todos os profissionais envolvidos, na busca de procedimentos comuns, direcionados à preservação dos acervos e **educação para o patrimônio**. A esses procedimentos de salvaguarda e comunicação há uma **explícita intenção pedagógica**, no que tange à condução dos caminhos de **acessibilidade aos bens patrimoniais**, à **compreensão sobre a importância das referências culturais** como instrumentos de auto-estima e auto determinação dos cidadãos e, em especial, aos **ensinamentos que as ações museológico-preservacionistas** podem propiciar para a fruição e **entendimento do universo** que nos cerca e aos **questionamentos sobre as memórias abandonadas**.” (Bruno, 2006a, p. 165, grifos nossos)

Na mesma linha de Guarnieri e Bruno, Manuel-Cardoso convoca-nos a pensar patrimônio como ‘gestão da relevância’; como um processo socialmente construído e, portanto, dinâmico, resultante da seleção de elementos destinados à preservação, em determinado contexto histórico e social; e a enxergar a Museologia como a disciplina que dá sentido a esses bens, transformando-os em conhecimento acessível e compartilhado, inserido na memória e na cognição da sociedade (Manuel-Cardoso, 2014):

“O **Património é um tipo particular de Relevância**. [...] simultaneamente um *fenómeno* e uma *decisão*. [...] São estas duas tarefas (decidir «o que é Relevante»/Património; e dar-lhe um Destino) que estabelecem a **especificidade da Museologia em termos epistemológicos**. [...] o **Património é uma codificação**. Que permite «fazer a **gestão da Relevância**, transmiti-la, e **colocá-la em memória**». [...] Musealizar não é apenas instalar os «objetos e as coleções» nos «Museus», e muito menos construir ou ocupar edifícios que depois passam a ter esse «nome». **Musealizar é colocar a Relevância Patrimonial na Memória e na Cognição**.” (Manuel-Cardoso, 2014, pp. 19 e 25, grifos nossos)

Nesse quadro teórico, associamos a relação ‘homem-objeto’ à interação estabelecida entre a comunidade acadêmica – composta por docentes, discentes, pesquisadores, técnicos e profissionais – e as coleções resultantes de atividades de ensino e de pesquisa. Essas coleções, ao receberem atribuição de valores, podem se transformar em bens culturais, destinados à preservação em espaços e processos museológicos universitários. Em outras palavras, a produção de conhecimento científico, materializada em coleções reunidas em coletas de campo,

modelos, maquetes, protótipos e documentos, adquire novos significados quando orientada pela ‘pedagogia museológica’, a partir do momento em que a musealidade é deflagrada pelo ‘fato museal’ em museus e coleções universitárias.

Por sua vez, esse conjunto de procedimentos técnicos e científicos direcionado à “educação da memória” (Bruno, 2006a, p. 165) estabelece uma nova dinâmica na qual esses espaços passam a retroalimentar novas atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, relacionadas à gestão do valor atribuído às coleções. Nesse contexto, evidencia-se um entrelaçamento constante entre as práticas curriculares e patrimoniais para a gestão e valorização desse patrimônio identificado nos enclaves de museus e coleções universitárias³¹.

Se até aqui refletimos sobre a origem de museus e coleções universitárias, e a posição estratégica que ocupam na interseção entre a pedagogia museológica e as atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, é chegado o momento de relacionar tais iniciativas ao campo da Sociomuseologia.

A iniciativa de Mário Moutinho na elaboração de registro documental sobre a trajetória da Escola de Pensamento da Sociomuseologia, associada ao conceito de ‘intervenção educativa integral’, revelou-se fundamental para esta pesquisa:

“[...] revisitando o trabalho realizado podemos identificar uma Museologia que se embasa em 3 encaminhamentos: uma **museologia para a vida**, [...] como **ferramenta de libertação, pessoal e coletiva**; [...] como ferramenta **de construção da justiça cognitiva**; e, [...] **como proposta de uma poética criativa**; São estas três ideias chave que estão presentes na nossa **intervenção educativa, que pretendemos integral**. Uma ideia de museologia integral tal como foi enunciada na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972. [...] que transforma os **objetos em património, os museus em territórios, e os visitantes em comunidades.**” (Moutinho, 2019, p. 19, grifos nossos)

Nesse quadro autorreflexivo da Sociomuseologia, a ‘intervenção educativa integral’ manifesta-se como uma prática museológica enquanto ferramenta de libertação, de promoção

³¹ Como exemplo elucidativo dessa interseção, citamos a exposição ‘4 em 1: Museus da USP’. A mostra, organizada pelos quatro museus estatutários da USP – MAC-USP; MAE-USP; Museu Paulista e Museu de Zoologia –, teve como objetivo principal apresentar as etapas do trabalho curatorial e a importância das coleções para a produção de conhecimento em museus universitários, enfatizando o papel dos museus da USP como centros de pesquisa científica e de socialização de conhecimento para a sociedade. A exposição ficou em cartaz no MAC-USP, entre maio de 2023 e fevereiro de 2024. Ver mais em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2023/4em1/index.html>. Acesso em 12 fev. 2024.

de justiça cognitiva e de inspiração, alinhada aos princípios da Museologia Integral propostos na Mesa Redonda de Santiago do Chile.

A Museologia Integral, tal como enunciada em Santiago, introduziu uma transformação radical na atuação dos museus na sociedade, ao reconhecê-los como territórios simbólicos e participativos, intimamente conectados às comunidades que os circundam. Sob esse enfoque inovador, os objetos adquirem o *status* de patrimônios vivos, portadores de significados sociais e culturais a ser continuamente reinterpretados; e os visitantes passam a ocupar o lugar de sujeitos ativos, engajados na preservação e promoção dos bens culturais de suas comunidades e territórios.

Ao revisitar o emblemático encontro de 1972, Hugues de Varine-Bohan enfatizou a relevância do conceito de ‘museu-integral’, que reafirmava o comprometimento da ação museológica com a totalidade das questões da sociedade, e de ‘museu enquanto ação’, como instrumento dinâmico de transformação social (Varine-Bohan, 1995). Na mesma linha, Maria Célia T. Moura Santos ressaltou a perspectiva pedagógica inovadora de Santiago, ao orientar a prática museológica para uma produção colaborativa de conhecimento com a finalidade de “aumentar a consciência e a capacidade de iniciativa dos grupos, visando à transformação” (Santos, 2002, p. 120).

Assim, ao incorporar o conceito de ‘intervenção educativa integral’ à luz da Museologia Integral, passamos a compreender a Sociomuseologia como uma Escola de Pensamento que busca constantemente estimular debates e propor práticas capazes de resgatar e ampliar a dimensão transformadora do ‘museu integral’, como discutido por Varine-Bohan (1995) e Santos (2002); do ‘fato museal’, segundo Guarnieri (1983); da ‘pedagogia museológica’, em Bruno (2020); e da ‘gestão da relevância’, em Manuel-Cardoso (2014).

Nesse contexto, a Sociomuseologia reafirma seu compromisso com a expansão da criticidade e da capacidade de ação coletiva, assumindo-se como uma Escola de Pensamento “decolonial, insurgente e conectada com as problemáticas humanas e patrimoniais da contemporaneidade”, e envolvida com o fomento de “espaços de reflexão e de práticas reparadoras” que promovam continuamente percepções críticas do mundo. Esse enfoque consolida a Sociomuseologia como prática teórica e política, “consciente da colonialidade do poder, do saber e do ser”, engajada no enfrentamento dos desafios estruturais de um sistema global excludente e na construção de um mundo mais justo e inclusivo (Primo & Moutinho, 2021, p. 36).

Essa abordagem da Sociomuseologia convida-nos a pensar museus e coleções universitárias como espaços que se (re)posicionam histórica e politicamente, como no caso da recente requalificação do Museu Paulista da USP (Lima, 2022), e também em práticas participativas de documentação, como aquelas empreendidas pelo Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) do Museu Nacional da UFRJ. Esses exemplos serão abordados novamente no início do primeiro capítulo.

Imaginando a ‘museologia universitária’ como “proposta de uma poética criativa” (Moutinho, 2019, p. 19), destacamos iniciativas como o projeto ‘MBC itinerante’ e os ‘Doces Jardins Educativos’ do MBC; a exposição sensorial do MUMRO; a ação ‘Telescópio itinerante’ do Museu DICA; e a exposição ‘Os afetos da imagem’ organizada pelo MUnA, todas comentadas no segundo capítulo para ilustrar a dimensão educativa e cultural dos museus do SIMU, bem como o papel estratégico que exercem na formação acadêmica e de profissionais, e no engajamento de públicos para a construção de um futuro mais solidário. Observamos nessas ações a dimensão transformadora dos objetos da prática científica em patrimônio, dos museus universitários em territórios, e de seus visitantes e frequentadores, em comunidades de aprendizagem.

Se desde Santiago do Chile os museus têm evoluído para se constituírem em espaços fluídos, de caráter dialógico e democrático, de maneira similar, as universidades, ao problematizarem a exclusividade do saber científico, têm vislumbrado novas sinergias de acesso e de produção de conhecimento, integrando saberes tradicionais às suas atividades científicas curriculares, como observamos na atuação da Cátedra Kaapora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Essa correspondência fica evidente entre a nova definição de museus³² do ICOM de 2022 e a *Magna Charta Universitatum Europaeum*³³ [Carta Magna das Universidades Europeias] de 2020, além de ambas estarem alinhadas com a intervenção educativa integral proposta pela Sociomuseologia, ao reconhecerem a importância de uma atuação mais

³² O processo para a redefinição, realizado por meio de escuta global, participativa, e transparente, envolveu a participação de 126 países e 178 comitês nacionais e internacionais do ICOM. Mais informações em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em 28 out. 2024.

³³ Documento internacional que estabelece os valores e responsabilidades das universidades no mundo moderno. Até o momento, 975 universidades de 94 países assinaram a Carta Magna, seja uma de suas versões ou ambas. O Brasil está representado por 14 instituições de ensino superior. A lista das instituições signatárias está disponível em: <https://www.magna-charta.org/magna-charta-universitatum/signatory-universities>. Acesso em 7 maio 2024.

comprometida das instituições com as comunidades em que estão inseridas, e com a promoção de uma sociedade mais justa, inclusiva, plural e solidária.

Nesse contexto, museus e coleções universitárias, ao se encontrarem na interseção entre os ‘templos’ da memória e os espaços de produção intelectual institucionalizada, adquirem uma posição estratégica para potencializar a dimensão transformadora da intervenção educativa integral proposta pela Sociomuseologia. Ao mesmo tempo, também se estabelecem como lugares de disputa pela distribuição de diferentes tipos de capital – cultural, científico e simbólico – dentro das comunidades acadêmicas.

A teoria dos campos de Pierre Bourdieu (2004) contribui para compreendermos a complexidade singular desse setor. Inserida nas lógicas e práticas do campo científico, a análise de museus e coleções universitárias requer uma consideração atenta à cultura acadêmica, permeada por valores, saberes e modos de vida, e à distribuição desigual de capital científico³⁴ entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão (Ribeiro, 2013). Nesse contexto, Fagundes (2019) observou que os “ganhos acadêmicos que resultam em pontuação e recursos estão em publicações em periódicos, participação em projetos de pesquisa, com a busca de ineditismo”, deixando as demais atividades de extensão e dos museus em segundo plano, impactando negativamente a gestão e manutenção dessas instituições e de seus acervos (Fagundes, 2019, pp. 148-149).

Bourdieu também nos ajuda a delinear os campos políticos no macrocosmo do setor – neste caso, o do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) e das redes estabelecidas em universidade federais –, e no microcosmo da UFU, neste caso, o do Sistema de Museus da universidade. O campo político é aqui entendido como o campo estabelecido a partir de um capital social constituído numa rede de relações de familiaridade e de reconhecimento mútuo entre docentes, discentes, pesquisadores, profissionais e colaboradores que atuam em museus e coleções universitárias brasileiras, interagindo entre si para a construção de uma realidade mais favorável, subentendendo-se ainda que existem jogos de forças e de interesses nas relações entre os principais agentes envolvidos nesse campo científico (Bourdieu, 2004).

Essas questões, que regem o estabelecimento de hierarquias de valor dentro do ambiente acadêmico, são retomadas ao longo da pesquisa quando examinamos, por exemplo, os desafios

³⁴ ‘Capital científico’ é definido por Bourdieu como capital simbólico fundamentado no reconhecimento ou crédito atribuído pelos pares no interior do campo científico (Bourdieu, 2004, p. 26).

enfrentados pelo setor brasileiro de museus e coleções universitárias, e pelas equipes dos museus do SIMU.

No campo dos museus, Françoise Vergès (2023), Moutinho & Primo (2021), Mário Chagas (2015; 2002) e Walter Mignolo³⁵ (2017; 2008; 1992) provocam-nos a refletir sobre o papel das instituições na desobediência epistêmica, desnudando e rompendo com a colonialidade em práticas museológicas dominantes. As perspectivas desses autores enfatizam a importância do fortalecimento de processos comunitários insurgentes de preservação patrimonial, dando voz a identidades e memórias marginalizadas e promovendo o direito à diferença. Além disso, destacam a necessidade de desenvolver práticas – como as curatoriais e educativas – e políticas museais participativas, fomentando a formação de comunidades interdisciplinares de aprendizagem e diferentes formas de apropriação do patrimônio pelas sociedades, evidenciando a dimensão educativa e interdisciplinar dos museus.

Nesse quadro dinâmico das práticas curriculares e patrimoniais, enxergamos o Plano Museológico como uma ferramenta de planejamento estratégico que contribui para a organização da ‘pedagogia museológica’ em museus e coleções universitárias, e como oportunidade de fomento ao diálogo entre esses espaços e outros setores das universidades onde estão inseridos.

Com base no Estatuto de Museus (Brasil, Lei nº 11.904/2009) e no Decreto nº 8.124/2013, bem como nas experiências de planejamento com quatro museus do SIMU, buscamos evidenciar a importância da elaboração do Plano Museológico como um instrumento fundamental para definir a vocação da instituição, estabelecer objetivos estratégicos e priorizar projetos e ações, sistematizando o trabalho cotidiano da equipe. Nesse sentido, o processo de planejamento é visto como catalisador de um espaço coletivo de reflexão, que requer o envolvimento de todo o corpo técnico do museu e de seus colaboradores, bem como a realização de diagnósticos e avaliações permanentes para garantir sua eficácia.

Enquanto Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina de Oliveira Bruno (2001) e Stuart Davies (2001) corroboram na elucidação do Plano Museológico como elemento promotor de uma visão global da instituição e da perspectiva integrada e processual das atividades envolvidas na

³⁵ O conceito de ‘decolonialidade’, desenvolvido por Walter Mignolo, defende a ruptura com uma Matriz Colonial de Poder (MCP), estruturada em quatro domínios inter-relacionados: economia, autoridade, gênero e sexualidade, e conhecimento e subjetividade (Mignolo, 2017; 2008; 1992). Esse tema foi abordado pelo teórico latino-americano na conferência digital ‘Descolonização do pensamento e da teoria museológica para pensar sobre a definição de museu’, promovida pelo Comitê Internacional do ICOM para a Museologia da América Latina e Caribe (ICOFOM-LAC), em abril de 2021. Evento disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1617987008388118. Acesso em 3 jan. 2025.

preservação de referências patrimoniais; Paulo Nascimento Lima (2014), Manuelina Maria Duarte Cândido (2013; 2010) e Kátia R. Filipini Neves (2003) auxiliam-nos a explorar a importância e o caráter contínuo da realização de diagnósticos e da avaliação das estratégias de ação definidas.

Maria Célia T. Moura Santos (2021) contribui especialmente em nossa defesa do processo de planejamento museológico como uma prática educativa libertadora, que facilita a apropriação crítica da realidade e a transformação das instituições, ao promover o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos. Isso espelha os processos de planejamento que vivenciamos com quatro museus do SIMU, como buscamos demonstrar no terceiro capítulo.

Diante do exposto, se por um lado a preservação do patrimônio cultural e científico universitário apresenta-se como uma problemática patrimonial contemporânea que merece atenção da Sociomuseologia, esta Escola de Pensamento, por sua vez, oferece um quadro teórico inspirador para que museus e coleções universitárias transformem-se em espaços cada vez mais dinâmicos, inclusivos e engajados com as demandas da sociedade, contribuindo para o fortalecimento de uma consciência humana coletiva comprometida com o bem comum e a “ética do cuidado” (Ribeiro, 2022, p. 89).

Para além do arcabouço teórico estabelecido, as discussões trazidas nesta pesquisa buscaram sempre dialogar com a produção acadêmica dos agentes atuantes na ‘linha de frente’ dos museus e coleções universitárias. Aqui nos referimos aos trabalhos de conclusão de curso, pesquisas de Mestrado e de Doutorado, artigos e resumos produzidos por docentes, discentes e pesquisadores dos museus da UFU; por profissionais cujas comunicações assistimos no VI e VII FPMU – considerando os dois volumes dos Anais do VI FPMU –; e por colegas que contribuíram com as discussões do Grupo de Estudos Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade (SiU).

Destaca-se, ainda, a importância da matriz documental, composta por projetos, regimentos internos e os próprios Planos Museológicos, produzidos no âmbito das unidades acadêmicas em que os museus do SIMU estão inseridos. A essa base somam-se as resoluções, os relatórios de gestão e os instrumentos de planejamento elaborados pela Universidade Federal de Uberlândia. Outrossim, as legislações, políticas públicas e planos nacionais dos setores de museus, educação e cultura no Brasil também se configuraram como fontes documentais importantes para o desenvolvimento desta investigação.

Metodologia da investigação

A metodologia da investigação combinou, essencialmente, a coleta e sistematização analítica de informações a partir de vivências práticas de planejamento museológico em quatro museus do SIMU³⁶; da colaboração com o Grupo de Estudos SiU; do acompanhamento de discussões no VI e VII Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU); da realização de visitas a museus e coleções universitárias no Brasil, Portugal e Itália; e de dados extraídos da plataforma digital da RBCMU.

Nesse contexto, nosso percurso doutoral é marcado pelo ciclo da intervenção em campo-reflexão-pesquisa, no qual os caminhos da pesquisadora e da profissional entrelaçam-se sucessivamente. Assim sendo, esta pesquisa não é hermética, ou seja, mais do que os resultados finais aqui apresentados, a ênfase está em nossa jornada de investigação, valorizando os caminhos percorridos, as descobertas intermediárias e os aprendizados contínuos.

Essa jornada exploratória foi acompanhada por uma série de outras atividades, incluindo: pesquisa bibliográfica, fichamento de leituras, análise documental e elaboração de relatórios com registros fotográficos de nossas vivências em campo. Além disso, realizamos o planilhamento analítico de informações e exercícios de síntese reflexiva, que resultaram na criação de fluxogramas, gráficos e quadros apresentados ao longo desta tese, com o objetivo de proporcionar maior clareza e objetividade às ideias e dados expostos.

Assim sendo, entendemos que a metodologia utilizada neste estudo está alinhada aos princípios delineados por Antonio Carlos Gil (2008), ao enfatizar a necessidade de um planejamento estruturado e metódico no desenvolvimento de uma “pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (Gil, 2008, p. 26). Nesse contexto, compreendemos a existência de dois níveis de realidade social sendo investigados: o microcosmo do SIMU da UFU e o macrocosmo do setor de museus e coleções universitárias brasileiras.

Se, no caso do SIMU, nossa análise é em grande parte facilitada pelas experiências de planejamento museológico com quatro museus, compreendendo uma abordagem característica

³⁶ Em linhas gerais, as atividades envolvidas nos processos de planejamento museológico incluíram a realização de reuniões virtuais periódicas; 11 entrevistas com membros das equipes técnicas e colaboradores (ver lista de entrevistas no Apêndice 6); exercícios individuais e em grupo; análise sistemática dos dados coletados por meio de questionários *Google Forms*; pesquisa e análise de documentos constitutivos e trabalhos acadêmicos sobre as instituições, além de documentos e normativas produzidas pela UFU (atividade contínua); visitas às instituições em março de 2022 e em maio de 2023; e elaboração de uma bibliografia de apoio. Na seção 3.2 os processos de planejamento são explorados mais detalhadamente.

de um estudo de caso, ao revelar características próprias e, ao mesmo tempo, similaridades com outras instituições e redes vinculadas a universidades federais do país, nacionalmente ela é especialmente pautada pelas vivências de campo nos VI e VII FPMUs.

Conforme já sinalizamos, esse ‘ciclo vivo’ de produção de conhecimento ao qual nos dedicamos iniciou-se com a intervenção na realidade social do MUnA, mobilizando-nos à reflexão propositiva de um projeto de investigação no programa de doutoramento desta universidade.

Uma vez inserida na academia, sentimo-nos compelida a aprofundar conhecimentos acerca da relação entre Museu e Universidade, sob a perspectiva da Sociomuseologia. Nesse caminho, colaboramos com o Grupo de Estudos SiU, coletivo de investigadores e profissionais que nasceu no âmbito da Cátedra UNESCO ‘Educação, Cidadania e Diversidade Cultural’, ancorado nas atividades desenvolvidas pelo Departamento de Museologia e contando com o apoio do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED).

Os debates promovidos na organização de seis eventos #MusaFóruns e de um número dos *Cadernos de Sociomuseologia*³⁷ trouxeram contribuições significativas a esta pesquisa, ao problematizarem a relação entre práticas curriculares e patrimoniais sob o enfoque da Sociomuseologia, conforme observado nas atividades de documentação participativa do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) do Museu Nacional da UFRJ (#MusaFórum20³⁸), e de ensino da Cátedra Kaapora da UNIFESP, ao conectar a universidade com conhecedores e conhecimentos não hegemônicos (#MusaFórum09³⁹). Cabe também ressaltar o encontro ‘Sociomuseologia, Coleções, Museus Universitários e a Nova Definição do ICOM’ (#MusaFórum12⁴⁰), com a participação de representantes do MAE-USP, do Comitê Brasileiro do ICOM (ICOM Brasil) e da RBCMU.

³⁷ O SiU realizou seis eventos públicos (#MusaFóruns) entre 2021 e 2023, sempre conduzidos por docentes, pesquisadores e profissionais convidados. Eventos disponíveis em: <https://www.facebook.com/Sociomuseologia/videos/>. Acesso em 14 fev. 2024. O SiU também organizou um número especial da revista *Cadernos de Sociomuseologia*, sob o título ‘Museu e Universidade: aproximações sob a perspectiva da Sociomuseologia’ (v. 66, n. 22), publicado em dezembro de 2023 e reunindo um conjunto de 13 artigos. Publicação disponível em: <https://revistas.ululsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/851>. Acesso em 14 fev. 2024

³⁸ Evento realizado em 16 de novembro de 2023, sob o tema ‘Práticas colaborativas para uma documentação participativa’, com a participação da pesquisadora Paula de Aguiar e do historiador Crenivaldo Veloso do SEE.

³⁹ Evento realizado em 23 de junho de 2022, sob o tema ‘Cátedra Kaapora: conectando a universidade e os conhecedores e os conhecimentos não hegemônicos’, com a participação da Profa. Dra. Ilana Seltzer Goldstein, Prof. Dra. Florianita Coelho Braga-Campos, Maria Cristina Troncarelli, Makota Kidoiale e Profa. Dra. Yanet Aguilera V. F. de Matos, todas colaboradoras da Cátedra Kaapora.

⁴⁰ Evento realizado em 27 de outubro de 2022, sob o tema ‘Sociomuseologia, coleções, museus universitários e a nova definição do ICOM’, com a participação da Profa. Dra. Maria Cristina de Oliveira Bruno do MAE-USP e de Renata Vieira da Motta, então presidente do ICOM Brasil, e mediação de Mauricio Candido da Silva, coordenador da RBCMU e do Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP (MAV-USP).

Da mesma forma, sentimos o impulso de adentrar o universo de museus e coleções universitárias no Brasil. Em outubro de 2021, acompanhamos algumas discussões do encontro virtual do VI FPMU, ‘Patrimônio Museológico Universitário: experiências e olhares diversos’, sob organização da RBCMU e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Destacamos as reuniões temáticas ‘Políticas de afirmação e acervo museológico: diálogos possíveis entre coleções e marcadores sociais’, esta organizada pela coordenação do MUnA para apresentar resultados dos trabalhos de uma comissão criada para elaborar uma política de acervo para o museu universitário; e ‘Patrimônio cultural de ciência e tecnologia e museus universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas’, sob coordenação de docentes da UNIRIO e da UFPE⁴¹; e ainda a conferência de encerramento ‘Museus Universitários na Sociedade em Rede’⁴².

Em março de 2022, já diante de um cenário mais seguro pós-pandemia, fizemos nossa primeira viagem a Uberlândia, quando conhecemos as equipes e os espaços dos quatro museus do SIMU com os quais colaboramos. Foi uma viagem estratégica, pois tivemos uma reunião com o coordenador-executivo do SIMU e diretor de Cultura da UFU. A partir desse encontro, elaboramos um relatório técnico de todas as atividades realizadas (visitas e reuniões) e uma proposta de serviços que alavancariam nossa posterior contratação para a realização de Planos Museológicos com as equipes do MBC, MUMRO e Museu DICA.

Dessa forma, o ciclo inicial, tendo sido enriquecido por novas experiências em outros três museus do SIMU, encaminhou-nos a uma reflexão ampliada e diversificada no Doutorado, que passou a considerar práticas patrimoniais representativas de outras tipologias e disciplinas de coleções universitárias.

Assim sendo, fizemos algumas ‘incursões etnográficas’ em outros museus e coleções universitárias no Brasil, e também em Portugal e Itália, buscando expandir nosso repertório. Valemo-nos desse termo da Antropologia conforme em Descola (2016, pp. 31-36) para nos referir às aproximações que tivemos com equipes e pesquisadores em museus e coleções universitárias, seja em comunicações no VII FPMU, como também em visitas a espaços e

⁴¹ Marcus Granato (UNIRIO) e Bruno Melo de Araújo (UFPE).

⁴² Conferência de Clara Camacho, doutora em História pela Universidade de Évora com a tese ‘Redes de museus e credenciação. Uma panorâmica europeia’ (2014). Atualmente técnica superior da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) de Portugal.

exposições⁴³, palestras e webinários, buscando reunir informações e, assim, compreender melhor esse ecossistema museal específico.

Aproveitando nossa viagem a Lisboa para assistir presencialmente à programação do XVI Seminário de Investigação em Sociomuseologia e da XIV Semana de Sociomuseologia, em fevereiro de 2023, visitamos o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) da Universidade de Lisboa.

No MUHNAC visitamos uma ‘joia’ do séc. XIX: o antigo laboratório de Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, herdado da antiga Escola Politécnica. O laboratório, conjugado a um anfiteatro para aulas práticas das cadeiras de Química Mineral e Orgânica, constitui-se em raro testemunho do patrimônio histórico e científico do ensino superior da Europa (Bragança Gil, 1996, pp. 211-212). Foi justamente o uso continuado dessas instalações que impediu sua substituição, tornando-se registro documental único da história do ensino da Química no continente europeu.

Além do laboratório de Química, visitamos outras exposições muito interessantes⁴⁴ no MUHNAC, que nos proporcionaram uma experiência enriquecedora ao ampliar nossa percepção da diversidade das coleções constituídas a partir de atividades de ensino e pesquisa, revelando novas possibilidades para sua abordagem em ações expositivas. Essas vivências foram compartilhadas com as equipes do MBC, MUMRO e Museu DICA, instituições com as quais já estávamos envolvida para o desenvolvimento dos Planos Museológicos.

Uma vez do outro lado do Atlântico, estendemos nossa viagem à Itália para visitar o Museu Palazzo Poggi, vinculado à Universidade de Bolonha, pois consideramos emblemático explorar um espaço museológico pertencente à universidade mais antiga do mundo. Mas mais instigante foi compreender que a vasta coleção de História Natural do séc. XVI em exposição

⁴³ No Brasil, visitamos os seguintes espaços no Rio de Janeiro: o Espaço Coppe Miguel de Simoni e o Museu Nacional, ambos vinculados à UFRJ, durante nossa participação presencial no VII FPMU. Em São Paulo, exploramos diversos espaços vinculados à USP, entre eles: o Museu de Geociências do Instituto de Geociências; o Museu de Anatomia Veterinária Prof. Dr. Plínio Pinto e Silva, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (MAV-FMVZ USP); o Museu Histórico da mesma faculdade (MH-FMVZ USP); o Museu Paulista; o MAC-USP, e o MAE-USP. Em Portugal, visitamos o MUHNAC, vinculado à Universidade de Lisboa. Já na Itália, estivemos no Museu Palazzo Poggi, vinculado à Universidade de Bolonha. Consideramos essas vivências como percursos exploratórios de campo, conforme discutimos oportunamente ao longo do texto.

⁴⁴ Quais sejam: ‘*Specere*: olhar’, que apresenta a diversidade das coleções de História Natural do museu que totalizam cerca de 1,3 milhões de espécimes, resultado de atividades sistemáticas de coleta e de pesquisa científica; ‘Exposição histórica e participativa de Física’, na sala Fernando Bragança Gil, museólogo idealizador do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa; ‘Cuidar e curar’ que exhibe uma coleção de objetos da Faculdade de Medicina; ‘Grupo do risco – Expedições a espaços naturais 2007-2019’; ‘*Illustrare* – Viagens da ilustração científica em Portugal’; ‘Minerais: identificar e classificar’; ‘Plantas e povos’ e ‘Transcendental’, com obras da artista Ana Leonor Martins, ocupando o antigo Laboratório de Química Analítica.

tinha sido inicialmente constituída pelo naturalista italiano Ulisse Aldrovandi, fora do ambiente acadêmico.

Seguindo com o aprofundamento de nossa compreensão do setor de museus e coleções universitárias no Brasil, acompanhamos presencialmente as discussões no VII FPMU – ‘30 anos depois... para que(m) ainda serve (m) os museus e coleções universitárias?’, realizado no Rio de Janeiro, de 28 de agosto a 1 de setembro de 2023, sob organização da UFRJ e da UNIRIO. Um marco importante nesse evento foi a aprovação do Documento Unificado da RBCMU, como base para a formulação de políticas públicas para o setor. O documento define museus e coleções universitárias como espaços e iniciativas “vinculados às instituições de educação superior [...] que desenvolvem projetos, programas e ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão com base em referências patrimoniais universitárias”. Adotamos esse entendimento nesta pesquisa, por considerá-lo inclusivo da pluralidade do setor, e também usamos o termo ‘dimensão museal’ para expressar o conjunto desses espaços e iniciativas, seja nos microcosmos das instituições de educação superior, seja no macrocosmo do setor no Brasil.

No VII FPMU, pudemos acompanhar boa parte das comunicações e reuniões temáticas, enriquecendo nossas coleções de informações e, ao mesmo tempo, ampliando nossa rede de contatos de profissionais e de pesquisadores, tendo alguns inclusive colaborado em iniciativas do SiU. No primeiro capítulo, dedicado a explorar o panorama atual da dimensão museal universitária brasileira, trazemos exemplos de museus e coleções universitárias vinculados a universidades federais brasileiras representativos das cinco regiões do país, a partir dos trabalhos apresentados e de visitas técnicas realizadas no âmbito desse fórum.

Na Região Centro-Oeste, exploramos a iniciativa virtual do Museu do Cerrado da UnB; na Região Nordeste, trazemos a experiência do Setor Educativo do Memorial da Medicina Brasileira (MMB) da Faculdade de Medicina da UFBA; na Região Norte, comentamos sobre a Coleção de Patrimônio Natural da Universidade Federal do Pará (UFPA); na Região Sudeste, trazemos impressões de visita realizada ao Museu Nacional da UFRJ; e na Região Sul, comentamos sobre a importante atuação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE-UFPR).

Mais além, os dados reunidos a partir das discussões no VI e VII FPMU nos possibilitaram outras análises, igualmente apresentadas no primeiro capítulo, sendo uma relativa ao mapeamento de 11 redes e sistemas de museus e coleções universitárias institucionalizadas em universidades federais; e outra sobre as principais forças que ajudam ou atrapalham a atuação de museus e coleções universitárias, quando nos valem da metodologia

SWOT⁴⁵, devido à sua capacidade de fornecer uma visão abrangente e mais nítida do setor. Esse último tema também é analisado por meio de relatórios do Grupo de Trabalho Interministerial de Museus Federais do MEC e da Comissão Técnica da ANDIFES, constituídos a partir do panorama crítico consolidado no Acórdão 1243/2019–TCU–Plenário.

A metodologia SWOT foi igualmente utilizada em seção específica no terceiro capítulo para analisar os ‘achados’ que atravessam os quatro museus do SIMU, a partir dos processos de planejamento museológico.

Sua aplicação, sugerida nas diretrizes do IBRAM (2016) e defendida por Lima (2014) e Davies (2001) como uma forma eficaz de auxiliar os museus na compreensão de seu ambiente interno e externo, permitiu-nos construir uma avaliação estratégica de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Neste estudo, portanto, a SWOT tornou-se essencial para a realização de diagnósticos globais das realidades atuais do microcosmo do SIMU da UFU, e do macrocosmo do setor de museus e coleções universitárias do Brasil.

Já as impressões dos membros das equipes dos museus do SIMU que participaram das experiências de planejamento, também apresentadas nesse último capítulo, foram coletadas na conclusão dos Planos Museológicos, por meio da plataforma *mentimeter.com*, no caso do MUnA; e da aplicação de questionário *Google Forms*, no caso do MBC, MUMRO e Museu DICA.

Para o reconhecimento da UFU e da constituição de sua política museal, baseamo-nos em diversos documentos produzidos pela universidade, como portarias, resoluções do Conselho Universitário (CONSUN), planos estratégicos e relatório de gestão da PROEXC, bem como na tese de Doutorado de Lídia Maria Meirelles⁴⁶ (2015). Para apresentar os cinco museus do SIMU, apoiamo-nos fundamentalmente nos Planos Museológicos elaborados em conjunto com as equipes do MBC, MUMRO, Museu DICA e MUnA, em produções acadêmicas de docentes e discentes da UFU, e em visitas técnicas realizadas às instituições em março de 2022 e em maio de 2023.

Buscando traçar uma radiografia mais alargada do setor no país, para além da análise qualitativa das informações coletadas e anotadas em nossos diários de pesquisa de campo, em novembro de 2023 extraímos um relatório do banco de dados sistematizado pela RBCMU,

⁴⁵ A sigla SWOT corresponde às palavras em inglês *Strengths* [Forças], *Weaknesses* [Fraquezas], *Opportunities* [Oportunidades] e *Threats* [Ameaças]. No Brasil também é chamada de ‘FOFA’ (um acrônimo para Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças).

⁴⁶ A Profa. Dra. Lídia Meirelles foi coordenadora do antigo Museu do Índio (atual Museu dos Povos Indígenas), de 1987 a 2000, e de 2008 a 2017, quando se aposentou. De 2017 até o presente, atua na condição de voluntária. É também idealizadora do SIMU.

conforme tutorial disponível na plataforma⁴⁷. O repositório digital, de adesão voluntária, disponibilizou-nos a impressionante lista de 835 museus e coleções universitárias, a partir da qual tecemos algumas análises do setor relativas à sua expansão ao longo das décadas, a temáticas, tipologias, vinculação administrativa e distribuição dos espaços pelas cinco regiões do país. Dentre esses 835 registros, 378 estão vinculados a universidades federais brasileiras. Ao fazermos uma análise da distribuição geográfica, observamos que os mesmos estão localizados em sua maior parte na Região Sudeste (123), seguida pela Região Nordeste (93) e depois Sul (84), Centro-Oeste (45) e Norte (33), conforme os dados apresentados no Apêndice 1.

Diante do exposto, visualizamos esse percurso evolutivo e cíclico da escrita como um processo ‘autoeducativo’, que nos transformou (e segue nos transformando) a cada vivência e etapa; provocando autocritica e retroalimentando nossa intervenção em campo. Reconhecendo a ‘alma’ de nossa trajetória nas palavras da professora Maria Célia T. Moura Santos, este texto doutoral é um convite a uma leitura crítica e curiosa sobre nossa caminhada, “permeada de dúvidas, erros, acertos, vida, amorosidade, encantamento, aprendizagem e compartilhamento”, um caminho que “se faz ao andar” (Santos, 2021, p. 9).

Esta tese foi desenvolvida em conformidade com as orientações da Universidade Lusófona⁴⁸ e obedecendo as normas indicadas pela American Psychological Association (APA)⁴⁹ para citações.

Estrutura da tese

O roteiro editorial desta tese está estruturado em três capítulos.

No **primeiro capítulo**, iniciamos explorando o panorama da dimensão museal universitária no Brasil, destacando museus e coleções universitárias na interseção entre a pedagogia museológica e o tripé acadêmico das atividades de ensino, pesquisa e extensão, como espaços que contribuem para a formação humana e socialização de conhecimento científico. A partir de exemplos, defende-se a Sociomuseologia como referencial teórico para tornar esses espaços mais dinâmicos, inclusivos e engajados com as demandas contemporâneas da sociedade.

⁴⁷ Tutorial disponível em: <http://rbcmu.com.br/tutorial-para-emissao-de-relatorios-a-partir-do-repositorio-de-dados/>. Acesso em 24 nov. 2023.

⁴⁸ Conforme as normas para elaboração e apresentação de teses contidas no Despacho Reitoral nº 67/2023. Disponível em: https://museologia-portugal.net/files/dr_normas_elaboracao_e_apresentacao_de_teses_dissertacoes_e_outros_0.pdf. Acesso em 22 out. 2024.

⁴⁹ Disponível em: <https://apastyle.apa.org/instructional-aids/reference-examples.pdf>. Acesso em 22 out. 2024.

Nas seções seguintes, analisamos o campo vasto e plural de museus e coleções universitárias vinculados a instituições do ensino superior no país, a partir de dados extraídos da RBCMU. Na sequência, investigamos 11 redes e sistemas colaborativos constituídos em universidades federais, enfatizando a gestão integrada como fenômeno emergente e traçando um balanço dos principais desafios e oportunidades identificados no desenho e na permanência desses arranjos institucionais.

Seguimos nosso percurso de aprofundamento, com destaque para as lições decorrentes do incêndio do Museu Nacional da UFRJ em 2018, quando o setor entrou em pauta na agenda política do país. Concluímos o primeiro capítulo com uma análise SWOT, identificando potencialidades e fragilidades internas das instituições, bem como oportunidades e ameaças no ambiente externo. E, a partir desse panorama, trazemos algumas sugestões para fortalecer os museus e coleções universitárias no Brasil.

No **segundo capítulo**, nosso roteiro textual é dedicado a desvelar o microcosmo do Sistema de Museus (SIMU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Nesse caminho, iniciamos introduzindo a universidade mineira, para depois discorrer sobre a trajetória da institucionalização recente de sua política museal. Na sequência, apresentamos os cinco museus pertencentes ao sistema existente: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA), Museu Universitário de Arte (MUnA) e Museu dos Povos Indígenas (MUPI). Finalizamos o capítulo destacando algumas ações empreendidas pelos quatro museus do SIMU com os quais colaboramos, buscando evidenciar sua função social.

O **terceiro capítulo** é dedicado a detalhar os processos de construção participativa de Planos Museológicos em quatro museus: MBC, MUMRO, Museu DICA e MUnA. Começamos destacando o potencial da ferramenta do Plano Museológico para organização da gestão da relevância, com especial atenção para sua dimensão educativa e afetiva. A seguir, exploramos os bastidores dos processos de planejamento, trazendo evidências de seus impactos nas instituições e pessoas envolvidas. As últimas duas seções são dedicadas a investigar os achados que atravessam as quatro unidades museológicas e a apresentar propostas buscando o fortalecimento da gestão da dimensão museal da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao traçar esse caminho, procuramos avançar o debate acerca das dificuldades enfrentadas pelos museus e coleções universitárias brasileiras e, ao mesmo tempo, sublinhar as potencialidades do caráter educativo e formativo do processo de construção participativa do

Plano Museológico. Visualizamos que a experiência ampliada no terreno plural do SIMU possibilitou-nos problematizar o ‘chão de fábrica’ desses espaços. Esperamos que as reflexões e propostas aqui apresentadas possam efetivamente inspirar novas práticas e contribuir com o setor.

A jornada da escrita desta tese foi de fato um dos maiores desafios da minha vida. Nela buscamos conciliar nossa trajetória profissional, muito enraizada no ‘chão de fábrica’ da montagem de vários projetos de museus e exposições, com todas as vivências enquanto como investigadora nos últimos 5 anos. Além disso, consideramos que nos ‘aventuramos’ a pesquisar sobre um campo com o qual não tínhamos tanta familiaridade: a relação entre a universidade e sua dimensão museal. Outrossim, o processo contribuiu para nossa renovação, oxigenando nossas ideias e ocasionando crescimento pessoal e, portanto, preparando-nos para novos desafios profissionais e acadêmicos.

Capítulo I – Um panorama da dimensão museal universitária brasileira

1.1 Sociomuseologia e Universidade: perspectivas que articulam educação, cultura e sustentabilidade

Nosso ponto de partida, quando nos propusemos a discorrer sobre museus e coleções universitárias, remete-nos ao Museu de Alexandria, testemunho incontornável da nossa relação imaginária de museu com a Antiguidade Clássica (Poulot, 2013, pp. 15-16) e, também, de agente empírico de universidade, diante de sua filosofia universalista de mundo (Guarnieri, 1974, pp. 47-48).

Diversos autores exploraram o caráter misto do *mouseion*, como o jurista e educador brasileiro Anísio Teixeira, que associou a origem das universidades à biblioteca de Alexandria, com a ressalva de que a transmissão de conhecimento retórico preponderava sobre uma desejável reformulação de saberes (Teixeira, 1968, pp. 116-117). Marta C. Lourenço também enfatizou a dimensão acadêmica de sua comunidade de intelectuais (Lourenço, 2005, pp. 64-65), bem como de seus jardins botânicos e zoológicos; e de suas coleções de pinturas, esculturas e moldes para instrução de artistas (Lourenço, 2005, pp. 50-51). Já Adriana Mortara de Almeida refletiu que “as diversas funções do *mouseion* foram historicamente divididas em diferentes instituições: a universidade realiza o ensino superior; as bibliotecas guardam as fontes e os museus preservam os objetos” (Almeida, 2001, p. 12).

Apesar da inexistência de uma trajetória linear de continuidade dessa instituição híbrida, a interseção histórica entre museus e universidades, na qualidade de organizações que contribuem para a formação humana, pode ter sido iniciada no espaço helenista de Alexandria, lugar onde coexistiam atividades de ensino, pesquisa e preservação de conhecimento cultural e científico, ainda que restritas a uma elite intelectual. Ao mesmo tempo, vislumbramos museus e coleções universitárias como espaços que potencializam a convergência de todas essas funções.

Assumindo-os como parte integrante das estruturas acadêmicas, convém-nos explorar a trajetória das universidades. Surgidas na Itália e na França da Idade Média, apoiadas em um método escolástico de ensino, as pioneiras foram as universidades de Bolonha e de Paris, fundadas respectivamente nos séculos XI e XII. Esse modelo educacional floresceu em diversos

países europeus, atingindo seu ápice no séc. XIV, e tornando-se responsável pela unificação e salvaguarda do pensamento intelectual ocidental daquela época. Contudo, a filosofia escolástica medieval, embora predominante por séculos, não acompanhou as transformações sociais e científicas que ocorriam no continente europeu desde o séc. XVI, chegando ao final do séc. XVIII de certa forma desconectada da sociedade (Teixeira, 1968, pp. 83-85; Santos & Almeida Filho, 2008, pp. 112-117).

A reforma de Humboldt, com a criação da Universidade de Berlim em 1810, representou um divisor de águas nesse cenário ao introduzir um enfoque progressista do conhecimento, atribuindo à universidade um papel institucional e político fundamental na produção científica (Teixeira, 1968, pp. 85-86; Santos & Almeida Filho, 2008, p. 121). Esse novo paradigma viria a influenciar a educação superior na Europa, promovendo uma aproximação da instituição universitária com a sociedade e a constituição de museus e coleções universitárias.

No Brasil, a educação superior teve início com o ensino escolástico europeu introduzido pelos jesuítas, que funcionou entre os séculos XVI e XVIII, oferecendo formação superior restrita à elite local. Na primeira metade do séc. XIX, com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, para além da criação de diversas escolas profissionais de Medicina⁵⁰, Direito e Engenharia, importa destacar a fundação do Museu Real⁵¹ em 1818, uma instituição precursora do desenvolvimento cultural e científico do país, antecipando em um século a criação da primeira Universidade do Rio de Janeiro, em 1920. O atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista viria a ser incorporado por essa mesma universidade em 1946, então Universidade do Brasil que, por sua vez, viria a se tornar a UFRJ, em 1965.

As décadas seguintes testemunharam a constituição de outras universidades, como a USP, em 1934, e a UnB⁵², em 1962, esta última idealizada por Darcy Ribeiro como a mais moderna do país, e da qual o antropólogo foi seu primeiro reitor (Fávero & Britto, 2010, pp. 13-15).

A crescente pressão por reformas estruturais e modernização do ensino, liderada pelo movimento estudantil, culminou na Reforma Universitária de 1968 que, embora tenha trazido avanços – como a conformação de uma política nacional de Pós-Graduação e de um programa de iniciação científica –, também incentivou a expansão de instituições privadas, favorecendo

⁵⁰ Como a Faculdade de Medicina da Bahia, fundada em 1808.

⁵¹ Em 1892, o museu foi transferido para a Quinta da Boa Vista, onde permanece mesmo após o trágico incêndio de 2018, que consumiu grande parte de seu acervo, reconhecido até então como o maior de História Natural e Antropologia da América Latina.

⁵² Antes da UnB, foi criada a Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935, sob a visão humanista e interdisciplinar de Anísio Teixeira (Teixeira, 1935, p. 33). O ideal de Teixeira para a UDF, extinta em 1938, ressurgiu no projeto de Darcy Ribeiro (Fávero & Britto, 2010, pp. 13-15).

a sedimentação de uma mentalidade empresarial no setor (Martins, 2009, pp. 20-23), aspecto sempre muito criticado por Anísio Teixeira⁵³.

Após duas décadas, enquanto a Constituição Federal de 1988 veio assegurar de forma inédita a autonomia universitária⁵⁴ e o estabelecimento da indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996⁵⁵ reconheceu as universidades como organizações pluridisciplinares, de “produção intelectual institucionalizada” voltada para a formação de profissionais (Brasil, Lei nº 9.394/1996, art. 52).

Apesar dos desafios recorrentes na educação superior brasileira, como a falta de investimentos⁵⁶ e os conflitos identitários que emergem quando as universidades passam a ser geridas por critérios de produtividade⁵⁷ (Chauí, 1999, pp. 211-222), podemos distinguir avanços na democratização do acesso a partir da institucionalização de políticas públicas na primeira década do séc. XXI⁵⁸, iniciativas que reverberaram positivamente no Censo da Educação Superior de 2022, ao indicar um crescimento contínuo do número de matrículas na última década (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2022).

Confrontando a evolução das universidades com aquela de museus e coleções universitárias no país, observamos uma expansão acelerada desses espaços a partir da década de 1960, e que a maioria está vinculada a unidades acadêmicas de universidades federais na Região Sudeste. Na seção seguinte, a partir de dados extraídos do repositório digital da RBCMU, exploramos esse setor mais detalhadamente, buscando evidenciar sua relevância na preservação de referências patrimoniais da educação superior no país, enquanto registro

⁵³ Teixeira via essa expansão sob fortes críticas, alertando para os perigos da multiplicação de instituições que não refletiam centros de estudos e de pesquisa comprometidos com a reformulação do saber existente (Teixeira, 1968, pp. 123-125).

⁵⁴ Autonomia “didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial”, conforme consta no art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 22 out. 2024.

⁵⁵ Lei Federal nº 9.394/96, conhecida também como Lei Darcy Ribeiro, em homenagem ao educador brasileiro.

⁵⁶ Por exemplo, na modernização de instalações físicas e na recomposição e qualificação de quadros docentes.

⁵⁷ Marilena Chauí enfatizou uma crise de identidade quando as universidades passam da “condição de instituição social à de organização social”, prestadora de serviços. Ao ser regida por critérios de produtividade (quantidade, tempo e custo do que se produz), a universidade volta-se para “dentro si mesma”, afastando-se dos ideais de produção e democratização do saber de maneira criativa, reflexiva e crítica (Chauí, 1999, pp. 211-222). Segundo a autora, essa universidade em crise ‘existencial’ “não forma e não cria pensamento, [...] destrói a curiosidade e a admiração que levam à descoberta do novo, anula toda pretensão de transformação histórica como ação consciente dos seres humanos em condições materialmente determinadas” (Chauí, 1999, p. 222).

⁵⁸ Referimo-nos ao Programa Universidade para Todos (ProUni); ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); ao Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAE); e à Lei nº 12.711, de agosto de 2012, conhecida como a ‘lei de cotas’, que garante a reserva de 50% das matrículas oferecidas em universidades e institutos federais de educação, ciência e tecnologia para alunos provenientes do ensino médio público.

documental de atividades de ensino e de pesquisa, e na socialização de conhecimento científico ao grande público, seguindo o princípio da extensão universitária⁵⁹.

No cenário global, como mencionado na introdução desta tese, a Carta Magna de 2020 posiciona as universidades como agentes ativos na transformação da sociedade, reconhecendo seu papel fundamental na construção de um futuro mais justo, equitativo e sustentável⁶⁰. Por sua vez, a nova definição de museu do ICOM, de 2022, reflete uma conscientização global acerca da incontornável responsabilidade social e política que as instituições museológicas devem assumir, especialmente em um mundo desigual. Essa nova definição provoca-nos a refletir sobre acessibilidade, inclusão, sustentabilidade⁶¹, priorizando a participação das comunidades e expandindo nosso olhar para a função social dos museus:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos”.
(Conselho Internacional de Museus [ICOM], 2022)⁶²

⁵⁹ Na percepção de Moacir Gadotti, o Plano Nacional da Educação (PNE) 2014/2024 traz uma visão mais democrática e emancipatória da extensão universitária, ao priorizar “áreas de grande pertinência social”. Gadotti também ressaltou o papel fundamental do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) na superação de uma perspectiva assistencialista da extensão em direção ao exercício da “troca de saberes acadêmico e popular”, promovendo não apenas “a democratização do conhecimento acadêmico, mas, igualmente, uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade” (Gadotti, 2017, pp. 1-2). Essa perspectiva é abordada por Paulo Freire em *Extensão ou comunicação* (1969/2021), obra central de sua pedagogia crítica e na qual o autor defende a educação enquanto processo dialógico e participativo, no lugar da transmissão unilateral de conhecimento.

⁶⁰ A Carta Magna de 2020 representou uma atualização dos princípios norteadores das universidades, consolidando os valores estabelecidos na versão de 1988, mas introduzindo novos pontos como: o reconhecimento da natureza global e, ao mesmo tempo, local da atuação universitária; o compromisso das universidades com a promoção de uma cultura da tolerância, da equidade, da justiça social; a educação como direito humano e bem público acessível a todos; e a busca das instituições por formas de “acolher e se envolver com diversas vozes e perspectivas”. Isso traz uma série de responsabilidades e desafios às universidades e, ao mesmo tempo, reflete uma instituição do séc. XXI envolvida com os enfrentamentos planetários; com as “aspirações democráticas e de justiça social” das comunidades onde se insere, e com a “tarefa de contribuir para uma globalização solidária do saber universitário” (Santos & Almeida Filho, 2008, p. 5). No #MusaFórum08, evento organizado pelo SiU, o Prof. Dr. Carlos Alberto Torres abordou os principais desafios do ensino superior na atualidade, defendendo uma educação para a cidadania global voltada para a promoção da justiça social. Evento disponível em: <https://www.facebook.com/Sociomuseologia/videos/955481225131711>. Acesso em 15 jan. 2025. No webinar ‘Sobre a universidade: crítica com alma – 1º Encontro Inter-Cátedras do IEA-USP’, Néstor García Canclini explorou a perda de autonomia das universidades e de seu lugar na sociedade, sobretudo entre os jovens, ao lado da massificação e mercantilização do ensino superior, entre outras questões atuais. Evento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D5HnX1KUQ3c>. Acesso em 15 jan. 2025.

⁶¹ Existe um novo comitê do ICOM sobre esse tema: Comitê Internacional de Museus e Desenvolvimento Sustentável (Sustain). Ver mais em: <https://icom.museum/en/news/icom-creates-two-new-international-committees/>. Acesso em 15 jan. 2025.

⁶² Definição extraída do site do ICOM Brasil. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em 15 jan. 2025.

A proposta do ICOM dialoga diretamente com a Escola de Pensamento da Sociomuseologia, especialmente no contexto da ‘Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade’ (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2015) e da recente aprovação do ICOM para a criação do Comitê Internacional para Museologia Social⁶³ (ICOM-SOMUS). Nesse cenário, destaca-se a Educação Museal como uma dimensão essencial da pedagogia museológica voltada para “desenvolver consciência sobre a importância de se preservar o patrimônio” e impulsionar a criatividade, conforme estabelecido pela UNESCO (2015); e para a “formação crítica e integral de indivíduos”, em alinhamento com a Política Nacional da Educação Museal (Instituto Brasileiro de Museus [IBRAM], 2018, pp. 73-77). Por meio de programas educativos permanentes, que valorizam a diversidade e o diálogo, os museus consolidam-se como agentes de transformação social, contribuindo para a democratização de acesso à cultura e para o respeito às diferentes manifestações culturais.

Nessa perspectiva, também enfatizamos a sinergia entre Cultura e Educação – campos que se entrelaçam constantemente. No cenário internacional, a UNESCO tem contribuído progressivamente para o fortalecimento dessa aproximação desde 1982, por meio da criação de um sistema normativo⁶⁴. Na recomendação de 2015, os Estados-membros foram encorajados “a apoiar políticas ativas de preservação, pesquisa, educação e comunicação, adaptadas aos contextos sociais e culturais locais” e a fomentar a “cooperação e as parcerias entre museus e instituições culturais e científicas em todos os níveis”; já em 2022, a declaração final da Conferência Mundial da UNESCO sobre Políticas Culturais e Desenvolvimento Sustentável⁶⁵ (MONDIACULT), de maneira similar, destacou a importância de uma educação contextualizada, em diálogo com o patrimônio cultural, a história e o conhecimento tradicional, reforçando a importância do papel educacional e social dos museus. Na mesma linha, a Declaração do encontro G20 Cultura⁶⁶, realizado em novembro de 2024 em Salvador, ressaltou a centralidade dos museus como espaços de aprendizado e conscientização sobre a importância da cultura e de preservação da herança cultural, material e imaterial.

⁶³ O primeiro encontro desse comitê aconteceu em março de 2024, no Rio de Janeiro. O segundo encontro ocorreu em fevereiro de 2025, em Lisboa. Ver mais em: <https://somus.mini.icom.museum/events/>. Acesso em 17 jan. 2025.

⁶⁴ Ver linha do tempo ‘Cultura para o Desenvolvimento Sustentável’ em: <https://www.unesco.org/en/mondiacult2022/timeline?hub=758>. Acesso em 30 out. 2024.

⁶⁵ Encontro realizado na Cidade do México, em setembro de 2022. Documento disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000382887>. Acesso em 30 out. 2024.

⁶⁶ Documento disponível em: <https://www.g20.utoronto.ca/2024/CWG - Salvador da Bahia Declaration Ministers - 08.11.2024.pdf>. Acesso em 23 dez. 2024.

No Brasil, o Plano Nacional da Cultura (PNC) propõe uma “agenda compartilhada de programas, projetos e ações entre os órgãos de cultura e de educação municipais, estaduais e federais” (Brasil, Lei nº 12.343/2010, Estratégias e Ações, 1.10.7). Da mesma forma, o Plano Nacional da Educação⁶⁷ (PNE) de 2014 enfatizou a importância da integração entre políticas educacionais e culturais⁶⁸; da articulação das escolas com instituições como museus e planetários, e com movimentos culturais; além do fomento ao diálogo intercultural no desenvolvimento de currículos e propostas pedagógicas, considerando o fortalecimento de identidades culturais (Brasil, Lei nº 13.005/2014).

Por sua vez, o programa (re)Conexões, lançado em janeiro de 2024 pelo IBRAM para a construção do Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) 2025/2035, promoveu diversas discussões a partir de eixos temáticos adaptados da IV Conferência Nacional de Cultura (CNC)⁶⁹, buscando recolher contribuições representativas de diversos setores e estados do Brasil⁷⁰.

Esse vínculo entre museu e universidade, cultura e educação conduz às discussões promovidas pelo Grupo de Estudos Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade (SiU), cuja motivação central esteve focada em compreender de que modo a parceria entre museu e universidade contribui para uma educação cidadã, para o desenvolvimento sustentável das sociedades e para a construção de uma cultura de paz e não violência, que valoriza a diversidade cultural, a igualdade de gênero e os direitos humanos.

A coordenadora do SiU ressalta que uma integração mais estreita entre museu e universidade tem o potencial de enriquecer a formação dos estudantes universitários, ao mesmo tempo em que fortalece o papel social dessas instituições na sociedade contemporânea⁷¹. Para a autora, a “articulação da universidade com o museu e a práxis da Museologia Social” pode

⁶⁷ PNE aprovado pela Lei nº 13.005 de 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em 14 fev. 2024.

⁶⁸ Como previsto no programa ‘Mais cultura nas universidades’, lançado em parceria pelo MEC e MinC em 2014. Dentre os seus objetivos estava a “criação de museus para preservação da história das universidades”. Fonte: <http://pnc.cultura.gov.br/tag/programa-mais-cultura-nas-universidades/>. Acesso em 14 fev. 2024.

⁶⁹ Conferência realizada em março de 2024, em Brasília. Os temas que inspiraram as discussões para a construção do PNSM 2025/2035 foram estruturados em quatro eixos: Eixo 1: Democratização, participação social e institucionalização do campo museal; Eixo 2: Identidade, patrimônio cultural musealizado, memória e educação; Eixo 3: Diversidade cultural e transversalidades de gênero, raça e acessibilidade na política museal; e Eixo 4: Fomento, sustentabilidade e economia dos museus. Fonte: Live de apresentação do programa (re)Conexões organizada pelo ICOM Brasil em parceria com o IBRAM. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=otmU4qqXiis>. Acesso em 10 set. 2024.

⁷⁰ No dia 17 de outubro de 2024, participamos de um encontro virtual organizado pela RBCMU para discutir e apresentar as contribuições do setor ao IBRAM. Essas contribuições foram sistematizadas por uma equipe dedicada do IBRAM e apresentadas no 8º Fórum Nacional de Museus, em Fortaleza, em novembro de 2024.

⁷¹ Como exemplo de estratégia, a autora citou o projeto PUC Museus, desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (Pasqualucci, 2020, p. 6).

desempenhar um papel fundamental na promoção da cidadania, dos direitos humanos, da identidade cultural e da participação sociopolítica (Pasqualucci, 2020, p. 14).

Nesse quadro, os eventos promovidos pelo coletivo SiU buscaram elucidar de que forma as relações entre a pedagogia museológica e as atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária podem ‘desafiar’ as matrizes dominantes recorrentes em práticas curriculares e patrimoniais hegemônicas, que detêm o controle da produção e difusão de conhecimento, de narrativas históricas, e da preservação de memórias e identidades. Como exemplos, trazemos o #MusaFórum09 e o #MusaFórum20.

O primeiro evento apresentou a Cátedra Kaapora,⁷² criada em 2016 para promover conhecimentos e conhecedores não hegemônicos dentro da UNIFESP, por meio de uma programação orientada pela integração entre diversas áreas de conhecimento e pelo protagonismo de coletividades (Seltzer Goldstein, 2023, pp. 29-31). Sua atuação perpassa a realização de cursos de extensão, oficinas, rodas de conversa e apresentações musicais; a participação em grupos de trabalho, para debater a formação superior de professores de escolas indígenas; e a organização de banco de dados de textos e vídeos de mestres indígenas e de matriz afro, sob o sugestivo nome de ‘Soproteca’. Em março de 2023 a Cátedra Kaapora atribuiu o título de doutor *honoris causa* ao xamã e líder político Davi Kopenawa (Seltzer Goldstein, 2023, pp. 32-37).

O segundo evento apresentou a atuação do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE)⁷³ do Museu Nacional da UFRJ, que tem empreendido práticas colaborativas de documentação no âmbito do projeto de reconstituição de suas coleções etnográficas. A partir de artefatos doados por representantes de povos indígenas, o SEE vem desenvolvendo a gestão das novas coleções incorporadas, em parceria com as respectivas comunidades. Consequentemente, as atividades de documentação, conservação e exposição são concebidas de maneira colaborativa, valorizando as memórias e tradições ancestrais que ‘animam’ os objetos. Nesse caminho, os desafios de reformulação de campos catalográficos e de acondicionamento são discutidos

⁷² Iniciativa institucionalizada em 2021 como órgão complementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da UNIFESP.

⁷³ Tomamos conhecimento dessa iniciativa ao assistirmos à comunicação de Paula de Garcia⁷³ no VII FPMU, sob o título: ‘Desafios na documentação museológica e nas práticas de conservação em uma curadoria colaborativa: estudo de caso das novas coleções do Museu Nacional – UFRJ’. Paula de Garcia é gerente de Coleções Antropológicas no Museu Nacional da UFRJ desde 2018. Na ocasião, convidamos Paula para participar de um evento no SiU, que contou também com a participação do Prof. Dr. Crenivaldo Veloso, historiador no SEE desde 2010, integrante da equipe curatorial responsável pela gestão das coleções etnográficas. O #MusaFórum20 está disponível em: https://www.facebook.com/Sociomuseologia/videos/320380957597178?locale=pt_BR. Acesso em 7 fev. 2024. Sobre o SEE, Ver mais em: <https://museunacional.ufrj.br/see/>. Acesso em 7 fev. 2024.

coletivamente, privilegiando o protagonismo indígena nos processos de salvaguarda e comunicação de seu patrimônio identitário cultural.

Enxergamos as práticas da Cátedra Kaapora⁷⁴ e do SEE do Museu Nacional da UFRJ como instrumentos de construção de justiça cognitiva (Moutinho, 2019), ao promoverem o reconhecimento e a valorização da diversidade de formas de conhecimento, saberes e maneiras de interpretar o mundo, desafiando a supremacia de uma única forma de conhecimento de maneira a favorecer a inclusão e o diálogo entre diferentes epistemologias.

O enfoque da Sociomuseologia também nos convida a pensar museus e coleções universitárias como espaços que se (re)posicionam histórica e politicamente. Um exemplo emblemático é o Museu Paulista da USP⁷⁵, reaberto em setembro de 2022, após 9 anos fechado para restauro de seu edifício sede, e implantação de um amplo projeto museográfico de requalificação. Essa grande transformação surgiu do desejo do museu de se ‘reconectar’ com a sociedade, superando um projeto museológico ultrapassado, que privilegiava narrativas das elites paulistas, reforçando uma perspectiva excludente⁷⁶. Como destacou o diretor do museu, “as sociedades buscam museus para refletirem sobre si e transformações em curso; não adianta abrir portas, mas sim diálogos”⁷⁷. Nesse caminho, o novo projeto curatorial foi desenvolvido por meio de uma metodologia participativa, com sessões de escuta envolvendo diversos grupos focais.

Dentre as inovações, destacam-se os terminais multimídia ‘Contrapontos’ (figura 1), que têm como objetivo estimular novas reflexões e debates sobre narrativas históricas oficializadas, ressignificando os acervos da instituição. Outro aspecto relevante é a ampla integração de recursos de acessibilidade ao projeto expográfico – incluindo vídeos com legendas em inglês, audiodescrição, linguagem em Libras, além de objetos e imagens em relevo tátil (figura 2). Esses recursos, anteriormente ofertados de forma periférica e segregada, agora integram o percurso expositivo, promovendo uma experiência mais inclusiva e fluída.

⁷⁴ Nesse quadro, podemos citar outras iniciativas similares, como o sistema rotativo de catedráticos da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, vinculada ao Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP); o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG e o projeto Encontro de Saberes, iniciado pela UnB em 2010 (Carvalho & Vianna, 2020).

⁷⁵ O Museu Paulista é uma das instituições mais antigas de São Paulo e do país. Foi criado em 1894, tendo sido integrado à USP em 1963. Mais informações sobre o museu em: <https://museudoipiranga.org.br/>. Acesso em 6 fev. 2024.

⁷⁶ Desde 1895, o museu ocupa um monumento em comemoração à Proclamação da Independência do país.

⁷⁷ Fala do historiador Paulo César Garcez, diretor do Museu Paulista, proferida no contexto de um encontro do programa (re)Conexões do IBRAM para discussão do novo Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) 2025/20235, realizado no museu em 23 de setembro de 2024.

Figura 1 – ‘Contrapontos’, Museu Paulista da USP



Fonte: Acervo da autora, dezembro/2022.

Figura 2 – Réplica tátil, Museu Paulista da USP



Fonte: Acervo da autora, dezembro/2022.

Cabe destacar o espaço expositivo sobre os bastidores da ‘pedagogia museológica’⁷⁸ (figura 3), que dá transparência ao trajeto dos objetos desde a coleta, passando pela conservação, catalogação e comunicação. Essa narrativa é organizada em torno de quatro coleções distintas: iconografia, brinquedos, moedas e medalhas, e louças.

Figura 3 – Espaço expositivo ‘Os caminhos de um objeto no museu’, Museu Paulista da USP



Fonte: Acervo da autora, dezembro/2022.

As revisões e inovações promovidas nesse amplo projeto de requalificação demonstram a preocupação do museu em assegurar que diferentes comunidades possam acessar o conhecimento e participar ativamente de sua produção, promovendo um ambiente mais inclusivo e democrático.

⁷⁸ Na mesma linha da exposição ‘4 em 1: Museus da USP’, comentada em nota nos Referenciais Teóricos da Introdução.

Refletindo sobre esses exemplos, percebemos que museus e coleções universitárias atuam como espaços que transcendem a função histórica da prática acadêmica e da preservação, tornando-se laboratórios vivos de interação e transformação social.

Assim como o conceito do ‘fato museal’ de Waldisa R. C. Guarnieri reconhece a Museologia como uma ciência das relações humanas com o patrimônio, a universidade de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, em sua essência, também busca compreender e transformar a experiência humana. Essa analogia reforça o entendimento de museus e coleções universitárias como agentes fundamentais na articulação entre cultura, educação e sustentabilidade, contribuindo para um futuro mais justo e solidário, conforme elucidado por Ribeiro (2022), Gadotti (2008) e Krenak (2020a, 2020b, 2020c), na introdução desta tese.

Nesse quadro, identificamos museus e coleções universitárias como um campo estimulante para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Nas seções seguintes deste capítulo, dedicamo-nos a explorar o setor em nível nacional, enquanto nos capítulos 2 e 3 analisamos a realidade museal da UFU, com foco nas experiências de planejamento museológico realizadas em quatro museus do SIMU.

1.2 Museus e coleções universitárias no Brasil

“Os museus, coleções e acervos universitários no Brasil estão inseridos em universidades de distintas tutelas e em diferentes regiões do país, contextualizados academicamente em múltiplos campos de conhecimento científicos e artísticos e, ainda, preservando a memória da pesquisa e do ensino superior.” (Bruno, 2022, p. 505)

Conforme já discutido, para os fins deste estudo, entendemos a dimensão museal como o conjunto de museus e coleções universitárias que surgem no contexto das relações entre comunidades acadêmicas e os conjuntos patrimoniais resultantes de atividades de ensino e pesquisa em instituições do ensino superior. O Documento Unificado da RBCMU, aprovado na Plenária Final do VII FPMU, define esse conjunto como “espaços e iniciativas que desenvolvem projetos, programas e ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão com base em referências patrimoniais universitárias” (Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários [RBCMU], 2023, p. 1). Sob a tutela administrativa de instituições do ensino superior, eles realizam, parcial ou integralmente, atividades de salvaguarda, como coleta, pesquisa, documentação e conservação, além de ações de comunicação, incluindo exposições, programas educativos e culturais, publicações e repositórios digitais – tudo isso conduzido em sinergia com o princípio da indissociabilidade entre as práticas de ensino, pesquisa e extensão, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988.

Desse modo, assumimos uma perspectiva alargada para analisar esse “ecossistema museal emergente”, em sintonia com Mauricio Candido da Silva, que adota a terminologia inclusiva de “Núcleos Museológicos Universitários” para aglutinar uma diversidade de espaços, classificados como ‘coleção’, quando possuidores de acervo documentado e/ou exposição aberta ao público; ou como ‘museu’, quando possuidores de acervo documentado, programa de pesquisa e exposição aberta ao público (Silva, 2023, p. 19).

Conforme abordado na introdução, essas referências patrimoniais emergem da atividade humana na produção e transmissão de conhecimento científico em todas as áreas do conhecimento, no enclave das universidades. Quando esse repertório de bens tangíveis e intangíveis é reconhecido como composto por bens culturais a ser preservados por seu valor de documento e testemunho, adquire o *status* de patrimônio (Julião, 2020, pp. 13-14).

Para além de estreito vínculo com o patrimônio cultural da ciência e da tecnologia⁷⁹, do ensino⁸⁰ e das dinâmicas do saber-fazer científico, e também com o sistema de valores e função social das universidades, esse repertório patrimonial testemunha o percurso evolutivo das próprias instituições em sua relação com a sociedade (Ribeiro et al., 2019, pp. 54-55).

Nesse caminho, museus e coleções universitárias acompanham os movimentos dos avanços nas práticas de ensino e pesquisa, uma vez que as dinâmicas científicas provocam ressignificações no papel e uso de objetos, como espécimes, artefatos, instrumentos, modelos, maquetes, entre outros, além de terem sua gestão impactada pelas migrações ou fusões de coleções, diante de alterações no organograma das instituições universitárias⁸¹ (Almeida, 2001; Lourenço, 2005). Há que se considerar também que a conformação dessas iniciativas ocorre por meio de processos diversificados de constituição de coleções: por aquisição, coleta de campo, doação, legado, produção interna, permuta, transferência ou guarda temporária (como comodato) e ainda pela combinação desses processos (Almeida, 2001, p. 13).

Ou seja, estamos diante de um campo muito dinâmico, diversificado e complexo, que precisa ser aprofundado, tanto da perspectiva epistemológica, quanto daquela administrativa, ainda mais diante da carência de políticas públicas direcionadas ao seu reconhecimento (Ribeiro et al., 2019, p. 57).

Em 2001, a pesquisa inédita e referencial de Almeida mapeou 129 museus universitários⁸², sendo 52 pertencentes a universidades federais brasileiras. Em 2015, Meirelles apresentou uma relação de 273 museus sob tutela de universidades federais, estaduais e privadas, constituindo-se como espaços que colecionam, preservam e expõem acervos⁸³. Mais recentemente, Mendes relatou dados do V FPMU apontando para 361 museus universitários,

⁷⁹ Conforme expressado na 'Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia' (2017).

⁸⁰ Atividade entendida num contexto ampliado, envolvendo o ensino superior em diversos campos do conhecimento, bem como as experiências educativas em escolas de Educação Básica, em atividades de extensão (Ribeiro et al., 2019, p. 55). Em relação à Educação Básica, cabe-nos pontuar a recente configuração da Rede Brasileira de Museus e Acervos Escolares (REBMAEO), em agosto de 2024. O projeto é coordenado por Zita Possamai, professora associada dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) e em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo da rede, organizada em parceria com diversos órgãos, é articular a cooperação entre representantes de museus escolares vinculados aos cursos de Museologia do país, buscando promover a preservação e a divulgação do patrimônio histórico-educativo brasileiro, sob guarda desses espaços. Evento de lançamento da rede disponível em: <https://www.youtube.com/live/tpWHgURrMC8>. Acesso em 9 nov. 2024.

⁸¹ Como a extinção e criação de novos departamentos, institutos, e unidades acadêmicas.

⁸² Os dados reunidos por Almeida contemplavam instituições sob denominação diversa: pinacoteca, galeria de arte, memorial, centro de memória, centro de documentação e pesquisa, herbário, centro de cultura e arte, laboratório, coleção, acervo didático, centro de divulgação científica, estação ciência (Almeida, 2001, pp. IV-XV).

⁸³ A relação também apresenta espaços sob uma terminologia diversificada: museu, laboratório, parque zoológico, centro/instituto de estudos e pesquisa, pinacoteca, memorial, núcleo de memória, centro cultural, mostra permanente, herbário, experimentoteca, centro de documentação, núcleo de ciências, centro de estudos literários, casa de cultura, centro de divulgação científica, casa da ciência, entre outros (Meirelles, 2015, pp. 277-288).

em confronto com um levantamento de 171 museus cadastrados na plataforma *Museusbr* (Mendes, 2020, pp. 43-50).

No início de 2021, o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) divulgou o ‘Mapa de Museus Universitários no Brasil’⁸⁴, desenvolvido sob sua iniciativa, em parceria com cinco universidades federais brasileiras⁸⁵ e colaboração de Marta C. Lourenço. O mapa, resultado do projeto ‘Patrimônio cultural de ciência e tecnologia e museus universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas’⁸⁶, possibilita navegação interativa pelas cinco regiões do país que, juntas, apresentam 444 museus universitários inseridos na administração de 201 universidades registradas na plataforma oficial do MEC.

Em outubro de 2021, durante o VI FPMU, tivemos a oportunidade de assistir à reunião temática ‘Patrimônio cultural de ciência & tecnologia’, coordenada por docentes da UNIRIO e da UFPE⁸⁷, onde o projeto foi apresentado. Em consonância com Lourenço (2005) e a Carta do Rio de Janeiro (2017), os pesquisadores argumentaram que objetos de ciência e tecnologia, ao documentarem processos relacionados à produção científica, tornam-se evidências fundamentais para compor narrativas sobre a cultura científica do passado, ou seja, sobre processos históricos de descobertas e invenções.

O principal objetivo do projeto foi investigar esse conjunto patrimonial, buscando compreender o que são esses objetos, seus usos e como foram produzidos, além de avaliar como esse conjunto tem sido preservado (ou negligenciado) no contexto específico de museus universitários sob a tutela de universidades. O recorte temporal considerou objetos produzidos até a década de 1980, com base no entendimento de que itens mais recentes poderiam ainda estar em uso. Além disso, o projeto focou em áreas de conhecimento que dialogam com as coleções do MAST, como as Ciências Exatas e a Engenharia.

⁸⁴ Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/44e9e5e0-0c20-4bd0-936a-3ab0e14900a1>. Acesso em 26 nov. 2023.

⁸⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Alenas (UNIFAL). Fonte: <https://revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/10593-22-02-2021-mapa-de-museus-universitarios-no-brasil.html>. Acesso em 26 nov. 2023.

⁸⁶ Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), considerando ‘Patrimônio cultural de ciência e tecnologia’ como parte dos bens culturais que possuem valor científico e/ou de desenvolvimento tecnológico. Nesse contexto estão bens que fizeram parte do cotidiano dos laboratórios de pesquisa; que estão associados à produção de conhecimento por meio de pesquisa científica e/ou aplicada ou do ensino; que estão sob guarda de centros de pesquisa, universidades, escolas secundárias sem valor reconhecido; ou que estão sob guarda de instituições museológicas.

⁸⁷ O projeto foi apresentado por Marcus Granato, responsável pela Coordenação de Museologia do MAST e docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO; e por Bruno Melo de Araújo, professor adjunto da UFPE e docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Os resultados do projeto revelaram que as coleções em museus universitários são muito diversificadas; no entanto, o que as une é justamente o fato de estarem intimamente ligadas à comunidade acadêmica, suas práticas, sua identidade e seu papel social. Embora o levantamento realizado tenha trazido informações importantes, sublinhou-se a necessidade de um mapeamento mais aprofundado. A pesquisa ainda observou que esses espaços carecem de visibilidade em ambientes virtuais. Além disso, foi identificado como positivo o crescente fenômeno da formação de redes de espaços sob a tutela de uma mesma universidade, contribuindo para o fortalecimento da preservação e difusão do patrimônio cultural de ciência e tecnologia. Exploramos esse tema na seção que se segue a este capítulo.

No início de 2021, a RBCMU, criada em 2017 para fortalecer a interlocução entre profissionais e pesquisadores do setor, além de articular ações colaborativas voltadas à preservação e difusão do patrimônio cultural e científico universitário⁸⁸, lançou sua plataforma digital⁸⁹.

Buscando uma análise mais aprofundada desse significativo “ecossistema museal emergente” (Silva, 2023, p. 19), em 24 de novembro de 2023 extraímos um relatório do banco de dados sistematizado pela RBCMU, conforme tutorial disponível na plataforma⁹⁰. O repositório digital da RBCMU, de adesão voluntária, disponibilizou o impressionante mapeamento de 835 museus e coleções universitárias⁹¹.

Assim como detectado por Lourenço no cenário europeu⁹², no contexto brasileiro esses espaços possuem uma denominação muito diversificada: museus, centros de memória, centros de divulgação científica, coleções didáticas, centros de preservação cultural, planetários, jardim botânicos, galerias de arte, herbários, pinacotecas, espaços culturais, casas de memória,

⁸⁸ A proposta para conformação da RBCMU foi apresentada por Mauricio Candido da Silva em abril de 2017, durante a Assembleia Anual do Icom Brasil (Silva, 2019, p. 300).

⁸⁹ Plataforma desenvolvida por meio do *software Tainacan*. Ver mais em: <https://tainacan.org/>. Acesso em 24 nov. 2023.

⁹⁰ Tutorial disponível em: <http://rbcmu.com.br/tutorial-para-emissao-de-relatorios-a-partir-do-repositorio-de-dados/>. Acesso em 24 nov. 2023.

⁹¹ O repositório da RBCMU também fornece um cadastro de 492 profissionais, docentes, discentes e pesquisadores; 184 publicações e 37 cursos e eventos. O contato entre os membros ocorre por meio de uma rede de e-mail. Fonte: <http://rbcmu.com.br/>. Acesso em 5 fev. 2024.

⁹² Ao explorar a diversidade de museus e coleções universitárias, Lourenço pontuou classificações baseadas em diferentes disciplinas e tipologias de objetos; em condições variadas de dimensões e de acesso; e em diversas formas de organização institucional, como museus e jardins botânicos (os mais tradicionais), prédios históricos, casas-museu, planetários, centros de ciências, salas de aula, expositores, aquários, ecomuseus, museus de hospitais, museus de arte sacra, museus de arte contemporânea, entre outras (Lourenço, 2005, pp. 22-24).

estações de ciência, entre outros. Partimos de um primeiro conjunto de 725 registros⁹³ para realizar as análises que apresentamos a seguir.

A primeira coleção constituída no contexto de uma instituição brasileira de ensino superior pode ser aquela do Museu Delgado de Carvalho do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ, cuja existência é mencionada em notícia do Ministério da Justiça datada de 1898⁹⁴ (Silva, 2023, p. 20). O panorama da primeira metade do séc. XX, para além desse representante singular da trajetória do ensino e pesquisa musical no país, e da predominância de coleções em Botânica, Zoologia, Geologia e Paleontologia, já revela o caráter eclético e fascinante do setor.

Esse período é marcado pela presença de coleções diversificadas, como a de Medicina Legal, do Museu Técnico Científico do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP (1919⁹⁵); a de Anatomia, do Museu de Crânios da UNIFESP (criado na década de 1930⁹⁶); a de Artes Visuais, da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1934⁹⁷); e as de História, Antropologia e Etnologia do Centro de Estudos Baianos da UFBA (1941⁹⁸). O Museu Nacional da UFRJ insere-se nesse panorama, tendo sido incorporado à UFRJ em 1946, consolidando-se como o primeiro museu universitário de caráter ‘enciclopédico’⁹⁹ do país.

A partir da década de 1950, notamos a presença pontual de outras disciplinas, como a coleção do Museu Oceanográfico Prof. Eliézer de Carvalho Rios da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)¹⁰⁰ (1953) e a de Arte Sacra, esta do Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas¹⁰¹ (1958). A partir da década de 1960, fica mais evidente a

⁹³ O relatório que extraímos apresentou informações de um total de 839 museus e coleções universitárias cadastradas. Entretanto, excluímos quatro registros que consideramos duplicados e outros 110 que não apresentavam informações de data de fundação ou criação.

⁹⁴ Ver Cardoso (2008, p. 216).

⁹⁵ Ver mais em: <https://biton.uspnet.usp.br/cpc/index.php/publicacoes/guias-cpc/guia-de-acervos-e-colecoes-da-usp/museu-tecnico-cientifico-do-instituto-oscar-freire/>. Acesso em 27 nov. 2023.

⁹⁶ Visitação restrita a pesquisadores, docentes e discentes de Pós-Graduação na área da Saúde. Fonte: <https://sp.unifesp.br/epm/informes/museu-de-cranios-geriatria>. Acesso em 27 nov. 2023.

⁹⁷ Ano em que a coleção foi incorporada à universidade, conforme informado no cadastro da instituição no repositório da RBCMU.

⁹⁸ Coleção de obras raras e raríssimas (como livros e periódicos) distribuídos em seis coleções. Ver mais em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Ceb/Historicos>. Acesso em 27 nov. 2023.

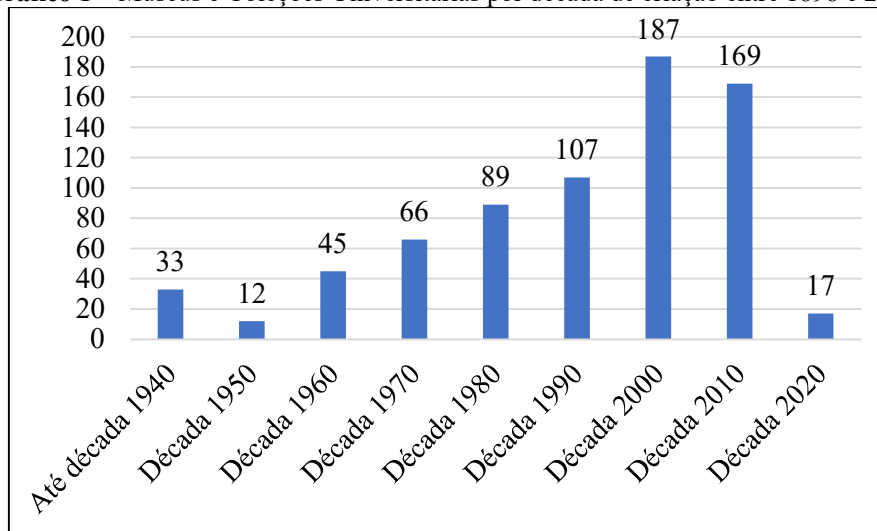
⁹⁹ Ao reunir e apresentar coleções de Arqueologia, Antropologia, Geologia, Zoologia, Paleontologia, História Natural, História Nacional e Botânica.

¹⁰⁰ Ver mais em: <https://museu.furg.br/museus/museu-oceanografico>. Acesso em 27 nov. 2023.

¹⁰¹ Ver mais em: <https://www.puc-campinas.edu.br/museu/>. Acesso em 27 nov. 2023.

diversificação de áreas de conhecimento representadas e a proliferação de espaços pelo país¹⁰² em ritmo crescente, fenômenos que atingem seu pico na primeira década do séc. XXI, conforme buscamos ilustrar no gráfico 1:

Gráfico 1 – Museus e Coleções Universitárias por década de criação entre 1898 e 2023



Fonte: Elaboração da autora.

Para aprofundarmos uma análise da diversidade de temáticas e tipologias, bem como da distribuição de museus e coleções universitárias por tipos de instituição do ensino superior à qual estão vinculados e por região do país, partimos do conjunto total de 835 registros¹⁰³.

Em respeito à diversidade das temáticas e disciplinas, notamos um universo de coleções que perpassa as de História: Institucional¹⁰⁴ (como o Museu Theodomiro Santiago da Universidade Federal de Itajubá, de 1965); de Arquitetura (como o Museu da Escola de Arquitetura da UFMG, de 1966); de Farmácia (como o Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, da década de 1960; o Museu da Farmácia Professor Lucas Marques de Amaral da Universidade Federal de Juiz de Fora, de 1972; e o Centro de Memória da Farmácia da UFMG, de 2011); do Brasil ou Regional¹⁰⁵ (como o Museu de Café da Fazenda Lageado da Universidade Estadual Paulista, de 1972); de Computação (como o Museu de Computação Professor Odelar Leite Linhares do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da USP,

¹⁰² Na Região Centro-Oeste, o fenômeno acentua-se a partir da década de 1960, observando-se a formação de uma primeira coleção de Mineralogia, Paleontologia, Zoologia, Arqueologia e Etnologia no Museu das Culturas Dom Bosco da Universidade Católica Dom Bosco, criado em 1951. Na Região Norte, notamos uma primeira coleção em Botânica do Herbário Felisberto Camargo da Universidade Federal Rural da Amazônia, fundado em 1963, e a expansão dos espaços a partir de meados da década de 1970.

¹⁰³ Acrescentamos os 110 registros que não apresentam informações de data de criação/fundação.

¹⁰⁴ Ao aplicarmos um filtro de 'história institucional', identificamos 58 espaços dessa tipologia.

¹⁰⁵ Ao aplicarmos o filtro de 'história regional', 'nacional' ou 'do Brasil', identificamos 58 registros.

de 1978); de Informática (como o Museu de Informática da UFRGS, de 1999); Literária (como o Centro de Estudos Literários e Culturais – Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, de 1989); de Engenharia¹⁰⁶ (como o Museu da História da Topografia e Engenharia Cartográfica Antônio Barreto Coutinho Neto da UFPE, de 2007); de Medicina Veterinária (como o Museu Histórico Prof. Dr. Cássio Xavier de Mendonça Junior da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, de 2007); de Educação¹⁰⁷ (como o Centro de Memória e Educação da Faculdade de Educação da USP, de 1998); de Topografia (como o Museu de Topografia Prof. Laureano Ibrahim Chaffe da UFRGS, de 1996); de Enfermagem¹⁰⁸ (como o Museu da Escola de Enfermagem Magalhães Barata da Universidade do Estado do Pará, de 2015); do Esporte (como o Centro de Memória do Esporte da UFRGS, de 1997); e do Brinquedo¹⁰⁹ (como o Museu do Brinquedo Popular do Instituto Federal Rio Grande do Norte, de 2009).

Encontramos espaços sobre Física¹¹⁰ (como o Laboratório de Instrumentação para o Ensino de Física do Instituto de Física ‘Gleb Wataghin’, da Universidade Estadual de Campinas, de 1989); Química¹¹¹ (como o Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química, do Instituto de Química da UnB, de 1991); Arte Popular¹¹² (como o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore da Universidade Federal de Alagoas, de 1975); Meteorologia (como a Estação Meteorológica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, de 1968, e o Museu de Meteorologia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP, de 2012); Agronomia (como o Museu de Solos do Estado de Roraima da Universidade Federal de Roraima, de 2011); Oceanografia¹¹³ (como o Museu dos Corais do Laboratório de Ecologia Marinha da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de 2022) e até sobre ácaros (como a coleção da Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’ da USP, de 2001); bambu (como o Museu do Bambu da Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás, de 2003) e tecido (como a Tecidoteca da Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, de 2005).

Centros de divulgação de ciência e tecnologia começaram a surgir e se expandir a partir de meados da década de 1980 (como o Centro de Divulgação Científica e Cultural da USP, de

¹⁰⁶ Ao aplicarmos o filtro ‘engenharia’, encontramos mais 5 registros.

¹⁰⁷ Ao aplicarmos o filtro ‘história da educação’, encontramos mais 5 registros.

¹⁰⁸ Encontramos mais 3 registros sobre ‘história da enfermagem’.

¹⁰⁹ Encontramos mais 2 registros de espaços sobre ‘história do brinquedo’.

¹¹⁰ Ao aplicarmos o filtro ‘física’, encontramos mais 8 registros.

¹¹¹ Ao aplicarmos o filtro ‘química’, encontramos mais 3 registros.

¹¹² Ao aplicarmos o filtro ‘arte popular’ e/ou ‘cultura popular’, observamos mais 9 registros.

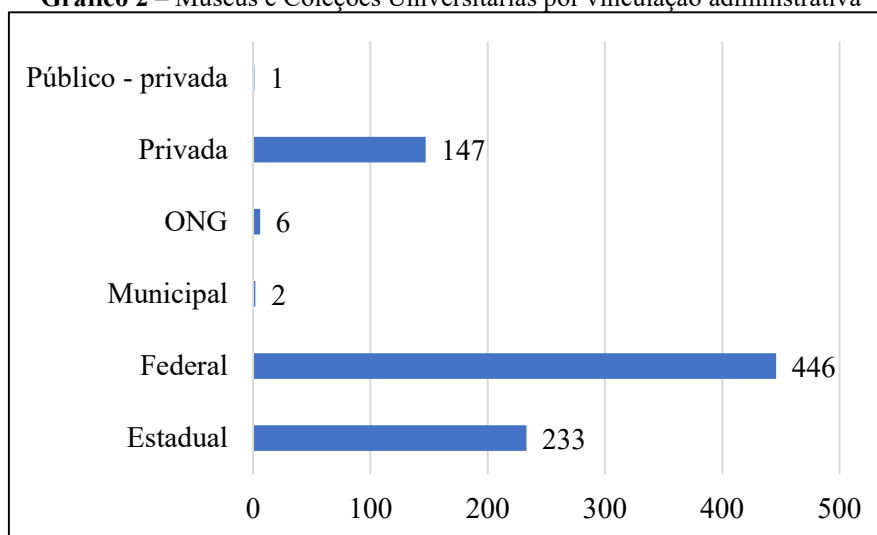
¹¹³ Ao aplicarmos o filtro ‘oceanografia’, notamos mais 6 registros.

1985). Ao aplicarmos alguns filtros de busca, notamos a predominância exponencial de coleções científicas biológicas¹¹⁴ (Biologia, Botânica e Zoologia aparecem em 281 registros, sendo 198 herbários e hortos); seguidas de História (o termo aparece em 219 registros¹¹⁵); Artes (visuais, sacra, popular, artefatos¹¹⁶ totalizam 69 registros); Arqueologia (45 registros) e Antropologia (37 registros).

Também notamos a existência de 49 centros de divulgação científica ou de ciência e tecnologia, 32 planetários e 5 observatórios astronômicos¹¹⁷ distribuídos pelas cinco regiões do país; 4 ecomuseus¹¹⁸; 3 museus comunitários¹¹⁹ e algumas iniciativas de museus e coleções virtuais¹²⁰, como o Museu do Cerrado da UnB (2017), sobre o qual comentaremos mais adiante.

Os gráficos 2 e 3 demonstram que a maioria dos museus e coleções universitárias (53%) está vinculada a instituições federais de ensino superior, seguida pelas estaduais (28%) e privadas (18%).

Gráfico 2 – Museus e Coleções Universitárias por vinculação administrativa



Fonte: Elaboração da autora.

¹¹⁴ Predominância que naturalmente se repete em museus e coleções universitárias vinculadas a universidades federais.

¹¹⁵ Incluindo as coleções de História Natural.

¹¹⁶ Como o Museu do Barro da Universidade Federal de São João del-Rei (2012).

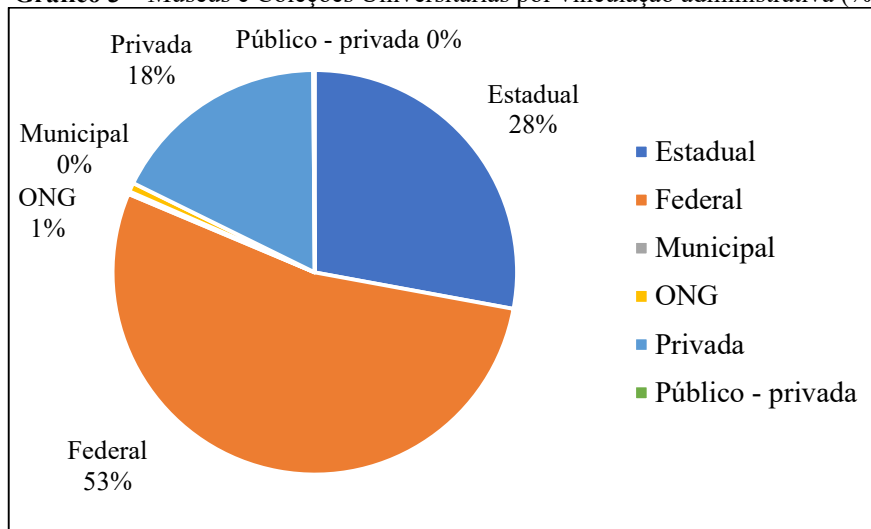
¹¹⁷ Como o Observatório Didático de Astronomia Lionel José Andriatto da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (2009).

¹¹⁸ Ecomuseu da Picada (1995) e Ecomuseu da Ilha da Pólvora (1999), ambos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que divulgam temática em Biologia; Ecomuseu Ilha Grande da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2007), de História Regional; e Ecomuseu Univali da Universidade do Vale do Itajaí (sem informação sobre data de criação), que se apresenta como um museu comunitário.

¹¹⁹ Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri (2001) e Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavante de Sangradouro (2006), ambos da Universidade Católica Dom Bosco; e Ecomuseu Univali, da Universidade do Vale do Itajaí.

¹²⁰ Museu Virtual do Laboratório de Topografia e Geodésia do Departamento de Engenharia de Transportes da Escola Politécnica da USP (2005); Museu Virtual de Biociências da Universidade Estadual Paulista (2007); Museu Virtual do Sintetizador da UFRGS (2010); Museu de Arte Abraham Palatnik da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2011); Museu Digital da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2021); e Museu Virtual de Zoologia da Universidade do Estado da Bahia (sem informação sobre data de criação).

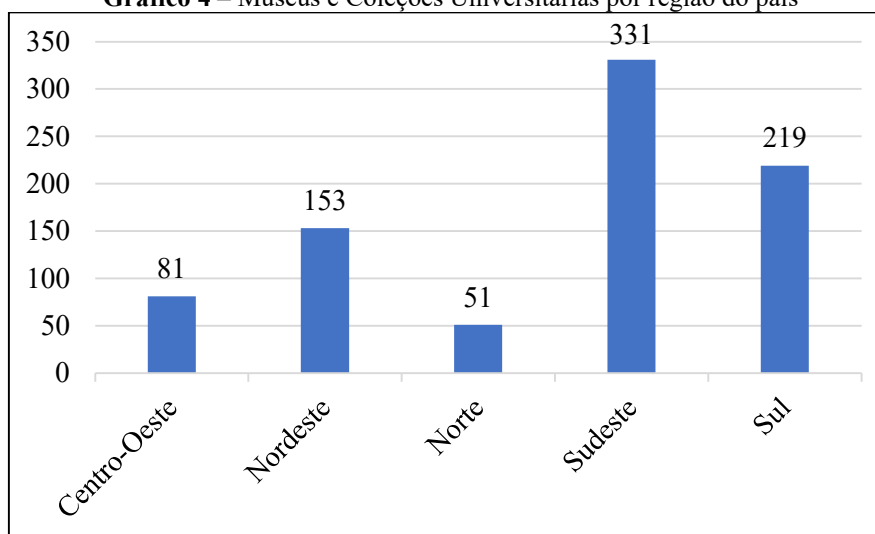
Gráfico 3 – Museus e Coleções Universitárias por vinculação administrativa (%)



Fonte: Elaboração da autora.

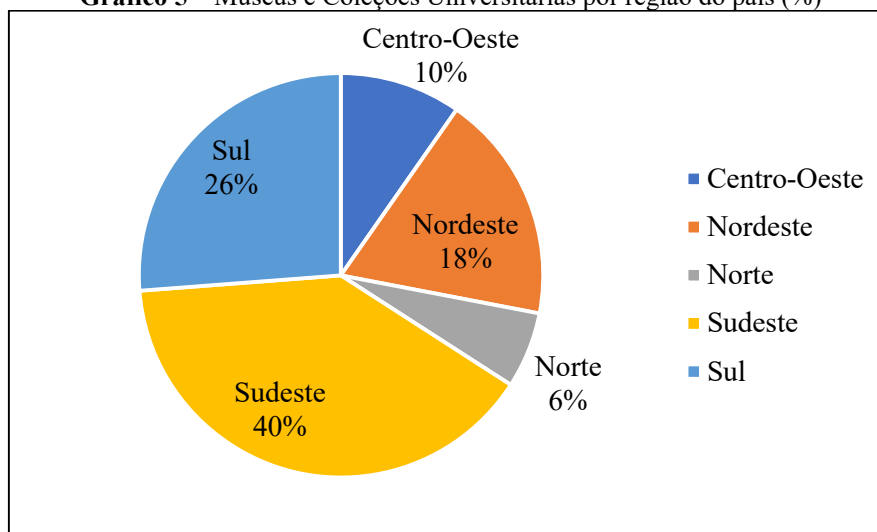
Os gráficos 4 e 5 ilustram a distribuição regional dos museus e coleções universitárias, com a maioria situada na Região Sudeste (40%), seguida pela Região Sul (26%), Nordeste (18%), Centro-Oeste (10%) e Norte (6%).

Gráfico 4 – Museus e Coleções Universitárias por região do país



Fonte: Elaboração da autora.

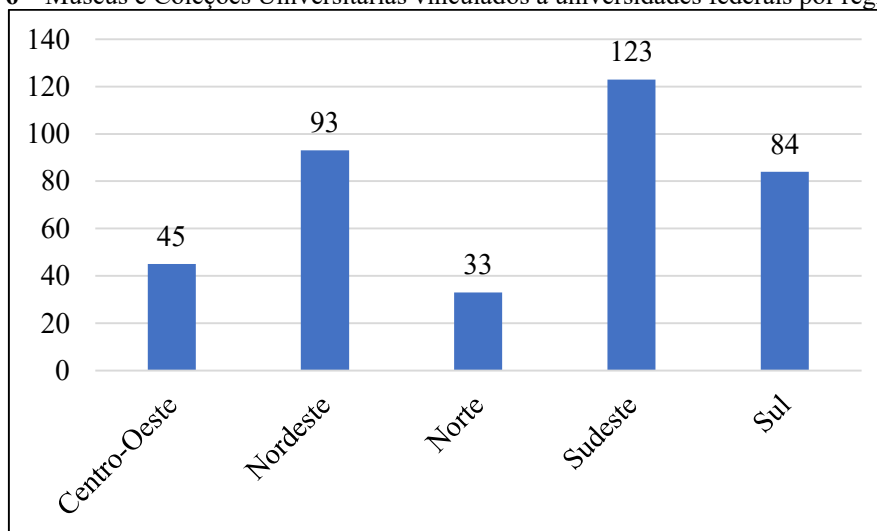
Gráfico 5 – Museus e Coleções Universitárias por região do país (%)



Fonte: Elaboração da autora.

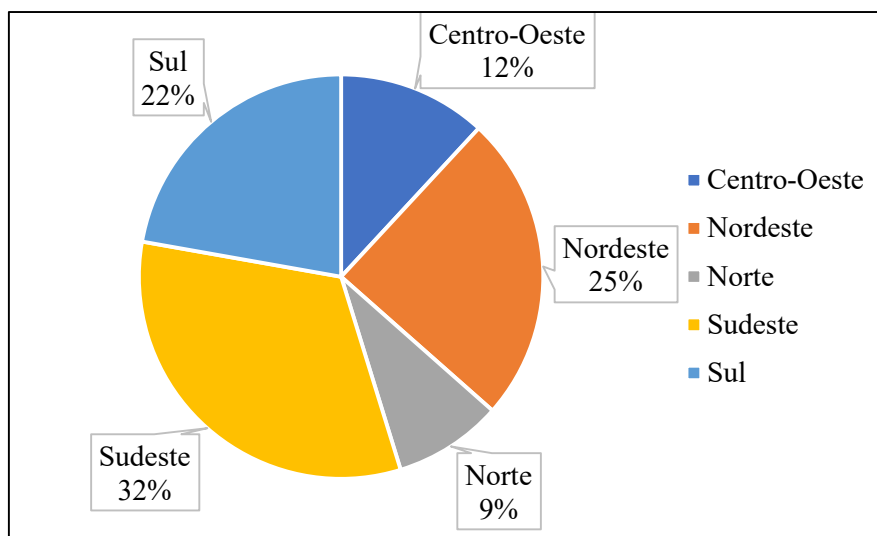
Ao aplicarmos o recorte de espaços vinculados a universidades federais, chegamos a um conjunto de 378 museus e coleções universitárias (conforme apresentamos na lista que consta do Apêndice 1), ou seja, 45% dos 835 espaços registrados na RBCMU. Ao fazermos uma análise da distribuição geográfica, observamos que os mesmos estão localizados em sua maior parte novamente na Região Sudeste, seguida pela Região Nordeste e depois Sul, Centro-Oeste e Norte, conforme apontado nos gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Museus e Coleções Universitárias vinculados a universidades federais por região do país



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 7 – Museus e Coleções Universitárias vinculados a universidades federais por região do país (%)



Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisarmos o vínculo das iniciativas com as universidades federais, observa-se que dentre as 69 existentes no Brasil, apenas 7 não estão representadas nesse conjunto de dados extraído da RBCMU¹²¹.

Com base em nossa pesquisa de campo, que incluiu visitas a espaços e exposições¹²², além do acompanhamento das discussões no VI e VII FPMU e de webinários, apresentamos a seguir exemplos concretos dessas iniciativas. Buscamos assim ilustrar a diversidade das coleções em universidades federais provenientes das cinco regiões do país e elucidar o papel fundamental desses espaços para a educação e a democratização de conhecimento.

Na Região Centro-Oeste, exploramos a iniciativa virtual do Museu do Cerrado da UnB; da Região Nordeste, trazemos a experiência do Setor Educativo do Memorial da Medicina Brasileira (MMB) da Faculdade de Medicina da UFBA; na Região Norte, comentamos sobre a Coleção de Patrimônio Natural da UFPA; da Região Sudeste, trazemos impressões de visita realizada ao processo de reestruturação do Museu Nacional da UFRJ; e na Região Sul,

¹²¹ Universidade Federal de Catalão e Universidade Federal de Rondonópolis (Região Norte); Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira, Universidade Federal do Cariri e Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Região Nordeste); Universidade Federal do Norte do Tocantins (Região Norte); e Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Região Sul). Ver Apêndice 2, onde apresentamos quadro comparativo entre as universidades federais, museus e coleções universitárias registradas na RBCMU, cursos de Museologia e redes e sistemas de museus existentes.

¹²² Além de visita ao Museu Nacional da UFRJ, relatada nesta seção, também visitamos o Espaço Coppe Miguel de Simoni da UFRJ, durante nossa participação presencial no VII FPMU. Em São Paulo, exploramos diversos espaços vinculados à USP, entre eles: o Museu de Geociências do Instituto de Geociências; o Museu de Anatomia Veterinária Prof. Dr. Plínio Pinto e Silva, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (MAV-FMVZ USP); o Museu Histórico da mesma faculdade (MH-FMVZ USP); o Museu Paulista; e o MAE-USP. Consideramos essas vivências como percursos exploratórios de campo, que entendemos como ‘etnográficos’.

comentamos sobre um projeto para gestão da extensa coleção de Arqueologia e Etnologia do MAE-UFPR.

Região Centro-Oeste

A partir dos dados extraídos da RBCMU (Apêndice 1), observamos que a maior parte das 45 iniciativas mapeadas nessa região estão sob a guarda da Universidade Federal de Goiás (18) e da UnB (12), e que os acervos concentram-se em Botânica, com a presença de herbários, e em Ciência e Tecnologia, temática explorada por uma diversidade de espaços – planetários, observatório astronômico, experimentoteca, media lab, museu virtual, mostra sismológica, entre outros.

O Museu do Cerrado¹²³ da UnB destaca-se por ser uma iniciativa virtual, vinculada à área de Educação Ambiental e Ecologia Humana da Faculdade de Educação da UnB. Criado em junho de 2017, no ano seguinte se tornou projeto de extensão multidisciplinar, passando a acolher estudantes de vários cursos da UnB. Tomamos conhecimento do museu em palestra virtual¹²⁴, proferida pela diretora geral e coordenadora do projeto.

Por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão articuladas com os grandes temas da Educação, Gestão Ambiental e Ecologia Humana, e Sustentabilidade, e tendo o Cerrado como base pedagógica, o museu objetiva difundir e preservar os conhecimentos científicos, os saberes e os fazeres populares acerca da sociobiodiversidade do Sistema Biogeográfico do bioma em risco¹²⁵.

O espaço virtual do museu disponibiliza um acervo de produções acadêmicas, de exposições de longa duração, *lives*, materiais educativos, entrevistas, e de muito conhecimento acerca desse importante bioma brasileiro. O museu também está presente na plataforma *Google Arts & Culture*, por meio de uma série de exposições virtuais como: ‘Eco-história do

¹²³ Espaço virtual do museu: www.museucerrado.com.br. Acesso em 11 fev. 2024. Instagram: @museucerrado.

¹²⁴ A Profa. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa proferiu a palestra virtual intitulada ‘A importância do Museu do Cerrado em tempos de pandemia’ durante a Semana Universitária da UnB, em 27 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAUbVVUIUY8&t=40s>. Acesso em 11 fev. 2024. No início de 2024, tivemos a oportunidade de acompanhá-la novamente no #MusaFórum24, evento promovido pelo Grupo de Estudos Sociomuseologia+Paulo Freire, que abordou o tema ‘Das leituras do mundo ao reencontro com Paulo Freire: o Museu do Cerrado’ e foi realizado em 21 março 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/Sociomuseologia/videos/1587782521976283>. Acesso em 11 fev. 2024.

¹²⁵ Fonte: www.museucerrado.com.br. Acesso em 11 fev. 2024.

Cerrado'¹²⁶; 'Perto de muita água, tudo é feliz!'¹²⁷; 'Frutos do Cerrado atrativos para Homo Sapiens'¹²⁸; 'Cerrado em aquarela'¹²⁹; e 'Bonecas Karajás' (figura 4).

Figura 4 – Exposição virtual 'Bonecas Karajás', Museu do Cerrado da UnB



Fonte: <https://artsandculture.google.com/story/uwURPOzZ8hhWqA>. Acesso em 17 dez. 2024.

Região Nordeste

A partir dos dados extraídos da RBCMU (Apêndice 1), verificamos que a maior parte das 93 iniciativas mapeadas nessa região estão sob a guarda das universidades federais da Paraíba (13), da Bahia (12), do Ceará (10) e de Pernambuco (9), e que a temática dos acervos novamente predomina na área de Botânica, em herbários. Encontramos também muitos espaços atuantes no campo da História – museus e memoriais – e das Artes, em museus, galerias e pinacotecas.

No VII FPMU, tomamos conhecimento do trabalho realizado pelo Setor Educativo do MMB da Faculdade de Medicina da UFBA¹³⁰, uma das mais antigas do país¹³¹.

O MMB, sediado no complexo da Faculdade de Medicina, constitui-se em centro de salvaguarda e comunicação do patrimônio artístico, científico, histórico e cultural da UFBA. Além do conjunto histórico edificado (figura 5), abriga um vasto acervo de documentos, bibliográfico e artístico, presente nas coleções da Biblioteca Gonçalo Moniz, do Arquivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque, e do Memorial da Medicina.

¹²⁶ Disponível em <https://artsandculture.google.com/story/yAWh01ciuaM7vQ>. Acesso em 11 fev. 2024.

¹²⁷ Disponível em <https://artsandculture.google.com/story/5gUh8baJa7TOXQ>. Acesso em 11 fev. 2024.

¹²⁸ Disponível em <https://artsandculture.google.com/story/QgWRa0MtX9wyMw>. Acesso em 11 fev. 2024.

¹²⁹ Disponível em <https://artsandculture.google.com/story/OQURIRSwG6TImQ>. Acesso em 11 fev. 2024.

¹³⁰ Em comunicação intitulada 'Experiências e expectativas na implementação de atividades lúdico-pedagógicas pelo setor educativo no Memorial da Medicina Brasileira (FMB-UFBA)', apresentada pela discente Paula Campelo Barbosa.

¹³¹ A Faculdade de Medicina da UFBA tem seus antecedentes na Escola de Cirurgia da Bahia, fundada por D. João VI em 1808. Fonte: <https://fmb.ufba.br/institucional/historico>. Acesso em 8 jan. 2025.

Figura 5 – Memorial da Medicina Brasileira da Faculdade de Medicina da UFBA



Fonte: <https://mapeamentocultural.ufba.br/sistemas-museus-memoriais/memorial-da-medicina-brasileira-mmb>. Acesso em 21 dez. 2024.

Criado em 1982 como Memorial da Medicina¹³², o espaço foi reaberto à visitação em 2019. O Setor Educativo¹³³, estruturado em 2021, vem desde então desenvolvendo atividades e projetos de mediação, fazendo uso das coleções, promovendo assim a interação cultural dos públicos com a história da Medicina no país.

O envolvimento de estudantes de Graduação de diversos cursos da UFBA na atuação do Setor Educativo foi enfatizado na comunicação. Por meio de um projeto da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da universidade, eles recebem formação interdisciplinar em mediação cultural, contribuindo para a democratização de acesso ao conhecimento e para a formação cidadã e de futuros profissionais.

Outros pontos destacados foram a programação diversificada de atividades – como visitas mediadas, oficinas e palestras –; o público alcançado: escolas da rede pública e privada de ensino de Salvador; e ações que refletem sobre a diversidade de gênero, raça e social nas contribuições científicas de lideranças intelectuais.

Região Norte

A partir dos dados extraídos da RBCMU (Apêndice 1), observamos que a maior parte das 33 iniciativas mapeadas nessa região estão sob a guarda da UFPA (10). Seguindo a tendência das regiões anteriores, a temática dos acervos igualmente se concentra na área de Botânica, em herbários.

¹³² Transformado em Memorial da Medicina Brasileira em 1995, por meio de lei federal. Fonte: <https://mapeamentocultural.ufba.br/sistemas-museus-memoriais/memorial-da-medicina-brasileira-mmb>. Acesso em 21 dez. 2024.

¹³³ Ver mais em: <http://www.fameb.ufba.br/content/mmb-inaugura-setor-educativo-com-atividade-encontro-em-libras-e-conta%C3%A7%C3%A3o-de-hist%C3%B3ria-sobre>. Acesso em 21 dez. 2024.

Tomamos conhecimento da Coleção de Patrimônio Natural¹³⁴ da UFPA em comunicação apresentada por discentes¹³⁵ da universidade, no VII FPMU. A coleção, integrada ao curso de Museologia, possui 669 fósseis provenientes de localidades fossilíferas da formação Pirabas, no estado do Pará.

O processo de salvaguarda dos espécimes inicia-se com a coleta de campo, passando sucessivamente pelas atividades de triagem, limpeza, identificação, registro fotográfico, documentação e acondicionamento em reserva técnica.

Foi dado destaque à coleção didática, composta por réplicas¹³⁶ de dentes de fósseis de tubarões e raias (figura 6), pertencentes à seção de vertebrados de elasmobrânquios¹³⁷. Essa coleção didática é utilizada em ações de extroversão e acesso público aos espécimes representativos da biodiversidade amazônica, promovendo a conexão entre o patrimônio universitário e a sociedade e, ao mesmo tempo, a integração entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visto que essas coleções também são utilizadas na formação de profissionais nas disciplinas de Documentação e Conservação do curso de Museologia da UFPA.

Figura 6 – Coleção didática, curso de Museologia UFPA



Fonte: <https://acervosonline.ufpa.br/>. Acesso em 6 fev. 2024.

Além da coleção de História Natural, a UFPA possui outras 16 coleções, dentre as quais a Coleção Amazoniana de Moda e a Coleção de Arte da Faculdade de Artes Visuais (FAV), que se encontram em processo de inventário. Na seção seguinte, sobre redes e sistemas de espaços

¹³⁴ Ver mais em: <https://acervosonline.ufpa.br/>. Acesso em 11 fev. 2024.

¹³⁵ Comunicação intitulada ‘Aprendendo de forma didática: acervo de vertebrados dos fósseis da coleção de História Natural da Universidade Federal do Pará’, apresentada pelas discentes Sônia Letícia Cordovil e Erika Mourão Ferreira.

¹³⁶ Foram confeccionados *kits* didáticos de 14 exemplares compostos por reproduções de originais em *biscuit*, para manuseio.

¹³⁷ Grupo de peixes cartilaginosos com diversas espécies descritas.

museológicos em universidades federais, comentamos sobre a iniciativa da UFPA voltada para a constituição de sua Rede de Coleções e Museus, uma ação de extensão coordenada por docente do curso de Museologia¹³⁸.

Região Sudeste

A partir dos dados extraídos da RBCMU (Apêndice 1), percebemos que a maior parte das 123 iniciativas mapeadas nessa região estão sob a guarda da UFMG (24). Diferentemente das demais regiões, a temática de História predomina em museus e centros de memória, embora a Botânica siga presente em herbários, jardins botânicos e num horto. Nota-se também a forte presença de iniciativas no campo das Artes, como pinacotecas, galerias, e centro cultural.

Em setembro de 2023, por ocasião do VII FPMU no Rio de Janeiro, visitamos o Museu Nacional da UFRJ (figuras 7 a e b). A visita ocorreu apenas no primeiro bloco do complexo edificado, diante de trabalhos de reestruturação em andamento. Os espaços visitados compõem um primeiro circuito expositivo, com inauguração prevista para 2026, apresentando exposições sobre o trágico incêndio ocorrido em setembro de 2018, além da história de construção e ocupação do prédio e do museu. Esse complexo também prevê exposições temporárias e um auditório. Outros três circuitos expositivos estão sendo desenvolvidos, com previsão para inauguração em 2028.

Durante nossa visita, pudemos observar vestígios de métodos construtivos mais antigos (figuras 8 a e b), que inclusive estarão visíveis no novo projeto expositivo, e trabalhos de contenção de vãos, com a instalação de estruturas metálicas (figura 9).

Figuras 7 a e b – Visita ao Museu Nacional da UFRJ



Fonte: Acervo da autora, setembro/2023.

¹³⁸ Nesse caso, a Profa. Dra. Jéssica Tarine Moitinho de Lima.

Figuras 8 a e b – Vestígios de métodos construtivos, Museu Nacional da UFRJ



Fonte: Acervo da autora, setembro/2023.

Figura 9 – Contenção de vãos, Museu Nacional da UFRJ



Fonte: Acervo da autora, setembro/2023.

Após a visita à Quinta da Boa Vista, fomos conhecer as áreas de trabalho provisórias para recepção de peças resgatadas, guarda de objetos e laboratórios¹³⁹ (figura 10). No local, também visitamos a exposição temporária ‘Galeria das futuras descobertas’ (figura 11), que apresenta peças recém doadas ao museu, resultado da campanha ‘#Recompõe’¹⁴⁰. A estimativa é que as novas exposições do Museu Nacional reúnam um conjunto expressivo de cerca de 10 mil peças representativas de diversos campos de conhecimento.

Figura 10 – Áreas de trabalho provisórias, Museu Nacional da UFRJ



Fonte: Acervo da autora, setembro/2023.

Figura 11 – ‘Galeria das futuras descobertas’, Museu Nacional da UFRJ



Fonte: Acervo da autora, setembro/2023.

¹³⁹ Laboratórios de imagem – para registro fotográfico de análise das peças –, de conservação e de encadernação.

¹⁴⁰ Ver mais em: <https://recompoe.mn.ufrj.br/>. Acesso em 12 fev. 2024.

Durante o VII FPMU, tivemos a oportunidade de ouvir a responsável pela coordenação do processo de resgate do Museu Nacional¹⁴¹, que compartilhou detalhes sobre as etapas de trabalho iniciais após o incêndio. Na primeira semana, foi formado um núcleo de planejamento das ações de recuperação, com foco na criação de protocolos e procedimentos¹⁴². A fase seguinte concentrou-se na organização de áreas de trabalho provisórias, que pudemos conhecer.

Em setembro de 2021, o escritório da UNESCO em Brasília lançou chamada pública para recebimento de propostas de serviços destinados à elaboração e ao desenvolvimento dos projetos Museográfico, de Comunicação Visual e de Acessibilidade Universal para a nova exposição do Museu Nacional, a ser montada na sede do Paço de São Cristóvão, incluindo também os jardins históricos da Quinta da Boa Vista. O Termo de Referência previa o desenvolvimento das etapas de Projeto Básico (Estudo preliminar e Anteprojeto) e de Projeto Executivo (Pré-executivo e Executivo)¹⁴³.

Em 2022, durante as comemorações do bicentenário da independência do Brasil, o projeto ‘Museu Nacional Vive’¹⁴⁴, responsável pela coordenação da reconstrução do Museu Nacional, organizou uma programação gratuita na Quinta da Boa Vista.

Como destacado pela coordenadora do processo de resgate, o “museu é muito mais do que um prédio em chamas”, refletindo a resistência e a importância contínua dessa instituição, apesar dos sérios danos causados pelo incêndio.

Região Sul

A partir dos dados extraídos da RBCMU (Apêndice 1), constatamos que a maior parte das 84 iniciativas mapeadas nessa região estão sob a guarda das universidades federais do Rio Grande do Sul (29); Pelotas (11); e Santa Catarina (9). Seguindo a tendência da Região Sudeste, a presença de museus e centros de memória em História é predominante, embora a temática da Botânica siga novamente presente em herbários.

Além do trabalho da Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), explorado mais detalhadamente na próxima seção, destacamos um projeto de gestão da vasta coleção de Arqueologia e Etnologia do MAE-UFPR (figura 12).

¹⁴¹ Comunicação proferida por Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho no contexto da Mesa do eixo 4, ‘Proposições metodológicas’.

¹⁴² Em 2021, sob organização de Claudia, o Museu Nacional preparou a publicação digital *500 dias de Resgate: Memória, coragem e imagem*. Disponível em https://museunacional.ufrj.br/destaques/docs/publicacoes-resgate/livreto_500_dias_de_resgate.pdf. Acesso em 12 fev. 2024.

¹⁴³ Chegamos a integrar uma equipe técnica para participar da concorrência, mas nossa proposta infelizmente não foi contemplada. Ver mais em: https://www.instagram.com/p/DCTrLiNoxHX/?img_index=4. Acesso em 13 nov. 2024.

¹⁴⁴ Ver mais em: <https://museunacionalvive.org.br/>. Acesso em 12 fev. 2024.

Figura 12 – Sede do MAE-UFPR



Fonte: <https://mae.ufpr.br/espacos/>. Acesso em 17 dez. 2024.

Fundado em 1963 na cidade de Paranaguá pelo médico e pesquisador Dr. José Loureiro Fernandes, o museu teve sua origem a partir de escavações arqueológicas no litoral do estado, consolidando-se como um importante centro de preservação e estudo do patrimônio arqueológico da região. Seu acervo é atualmente composto por cerca de 70 mil peças arqueológicas históricas e provenientes de coletas recentes, e por coleções de Etnologia e de Cultura Popular.

A comunicação apresentada no VII FPMU abordou o projeto de extensão ‘Gestão do acervo arqueológico do MAE-UFPR’¹⁴⁵, desenvolvido em resposta à superação de desafios – como a falta de padronização e perda de informações, e o desconhecimento de procedência das peças –, agravados ainda pela ausência de equipe técnica e alta rotatividade de bolsistas.

Nesse contexto, o projeto visa à estruturação de um banco de dados e sua disponibilização pública pelo repositório digital *Tainacan*. Além disso, prevê a elaboração de normas para preenchimento de fichas catalográficas, manuseio de peças e o uso de equipamentos, bem como a organização física do acervo em reserva técnica. A iniciativa contribui para ampliar o conhecimento e a difusão do acervo, favorecendo também a formação acadêmica e profissional, ao integrar coleções em práticas de ensino, pesquisa e extensão.

Diante da coletânea de informações e impressões apresentada nesta seção, que procurou ilustrar o universo plural do setor nas cinco regiões do Brasil, reunimos algumas considerações que reforçam a relevância de museus e coleções universitárias como espaços que:

¹⁴⁵ Comunicação elaborada por Sady Pereira do Carmo Júnior e Leonardo Correia Marcoccia, apresentada em 30 de agosto de 2023.

- adquirem papel fundamental na salvaguarda, difusão e valorização do conhecimento científico produzido na universidade, representativo de diversas áreas do saber;
- são estratégicos para o desenvolvimento integrado de projetos interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para formação cidadã de futuros profissionais;
- promovem diálogos, reflexões, aprendizado, momentos de lazer e de contemplação, estimulando a curiosidade e o interesse pelo conhecimento e pela prática científica, inspirando e aguçando a imaginação de públicos diversos;
- proporcionam novas perspectivas e criticidade sobre a biodiversidade de nosso país, meio ambiente, geociências, povos indígenas, artes visuais, música, ciências naturais, objetos cotidianos, urbanismo, entre tantas outras áreas do conhecimento exploradas por suas coleções diversificadas;
- buscam por inovação e ampliação de seu alcance pelo uso de plataformas digitais, como o *Tainacan*, e de ferramentas como o *Google Arts & Culture*.

Por todos esses motivos, museus e coleções universitárias são essenciais para fortalecer o vínculo entre a universidade e as comunidades, promovendo o engajamento social e a construção de um futuro mais justo e sustentável. Na próxima seção, exploramos 11 redes e sistemas desses espaços existentes em universidades federais brasileiras, como um fenômeno crescente no setor dedicado ao estabelecimento de políticas permanentes para uma gestão qualificada dessas referências patrimoniais universitárias.

1.3 As redes e os sistemas nos microcosmos das universidades federais

De acordo com Almeida, a constituição de redes nacionais e internacionais de museus universitários foi impulsionada pela criação do Comitê Internacional de Coleções e Museus Universitários do Conselho Internacional de Museus (UMAC-ICOM)¹⁴⁶ em 2000, promovendo a visibilidade de instituições ao redor do mundo, bem como a intensificação de trocas de experiências. Na mesma linha, Marta C. Lourenço observou que há 20 anos havia uma escassez de informações organizadas sobre o patrimônio universitário e que seu reconhecimento começou a ganhar visibilidade no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, destacando dois momentos dessa trajetória. O primeiro, entre 2000 e 2010, quando surgiram redes nacionais, como na Austrália e no Reino Unido; regionais, como a Rede Europeia Universeum¹⁴⁷; e internacionais de museus, como o já citado UMAC-ICOM. O segundo momento, a partir de 2010, marcou a proliferação de redes locais dentro das universidades¹⁴⁸.

No contexto brasileiro, os encontros do FPMU, iniciados em 1992, e a criação da RBCMU, em 2017, têm desempenhado um papel crucial na “articulação de profissionais de diferentes universidades na busca de soluções para desafios comuns” (Almeida, 2022, p. 153). No âmbito das universidades federais, a consolidação de redes colaborativas voltadas à gestão e qualificação da dimensão museal é uma dinâmica recente. Segundo Silveira & Julião (2021):

“A adoção desse padrão de relacionamento no campo dos museus e do patrimônio se move, em geral, pela necessidade de compartilhamento de experiências e recursos. Constitui uma estratégia que não apenas atende ao imperativo da racionalização da gestão, como também confere valores e ressonância ao resultado das ações em rede, em grau superior se comparado à simples somatória de ações isoladas.” (Silveira & Julião, 2021, p. 41)

¹⁴⁶ *University Museums and Collections International Committee* [Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias] do ICOM, criado em 2000, configurando-se na maior rede global de museus e coleções universitárias. Seu banco de dados está disponível em: <https://university-museums-and-collections.net/>. Acesso em 12 fev. 2024. Em sua página oficial, o comitê reafirma seu alinhamento com os valores e princípios do Código de Ética do ICOM (2013) e da Magna Carta (Bolonha, 1988). Fonte: <http://umac.icom.museum/about-umac/what-is-umac/>. Acesso em 12. fev. 2024. Procurando fomentar ações inovadoras que contribuam para o avanço da teoria e prática no setor, em 2016 o UMAC criou o prêmio UMAC Award. Fonte: <http://umac.icom.museum/umac-award/>. Acesso em 12. fev. 2024.

¹⁴⁷ Rede criada em 2000. Suas diretrizes, expressas na Declaração de Halle, enfatizam a relevância das coleções e museus universitários ao propiciarem “oportunidades especiais para experimentação e participação na vida da Universidade” e enquanto “recursos ativos para ensino e pesquisa” (Rede Universeum, 2000). Fonte: <https://www.universeum-network.eu/the-declaration-of-halle/>. Acesso em 4 out. 2023. Em setembro de 2024, a Universeum, em parceria com o UMAC-ICOM, organizou um encontro internacional na Universidade Técnica de Dresden (Alemanha), sob o tema *Shaping Transformation. University Collections in a Changing World*. Ver mais em: <https://www.universeum-network.eu/events/annual-meeting-umac-universeum-2024/>. Acesso em 12. fev. 2024.

¹⁴⁸ Essas informações foram anotadas na comunicação oral de Marta C. Lourenço realizada na mesa de abertura ‘Panoramas históricos’ do VII FPMU.

Analogamente, Ribeiro, Segantini & Granato (2019, p. 62) avaliam que esses arranjos organizacionais “configuram-se como estratégia importante de reconhecimento, legitimação e articulação de ações”. A primeira iniciativa estabelecida foi aquela da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, criada em 2001.

Esta seção tem como objetivo explorar redes e sistemas de museus e coleções universitárias, destacando boas práticas e desafios enfrentados em sua gestão e desenvolvimento. No quadro 1, sintetizamos as 11 iniciativas mapeadas em universidades federais brasileiras¹⁴⁹, com base nas discussões acompanhadas durante o VI e VII FPMU, bem como em nossa experiência prática junto ao SIMU da UFU.

Quadro 1 – Redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais

Universidade Federal	Região	Rede/Sistema	Ano de criação	Vinculação Institucional	Organograma Funcional	Qtde de Museus e Coleções Universitárias	Perfil de Museus e Coleções Universitárias
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Sudeste	Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura	2001	Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)	Conselho Coordenador; Coordenação; Núcleo Técnico-Científico; Conselho Consultivo; Secretaria Administrativa.	25	Museus, centros de memória, centros de pesquisa, de documentação e de referência, coleções científicas e artísticas e uma unidade de conservação natural.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Sul	Rede de Museus e Acervos (REMAM)	2011	Museu da UFRGS, órgão suplementar da universidade	Coordenação; Plenário; Grupos de Trabalho (GT Projetos; GT Comunicação/Educação; GT Acervos).	34	Acervos e Coleções, Memoriais, Museus, Museus virtuais, Pinacoteca, Planetário.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Nordeste	Rede Universitária de Museus da UFRN (RUMUS)	2014	Pró-reitoria de Extensão (PROEX)	Conselho Gestor.	4	Museus, sendo um virtual.
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Sudeste	Secretaria de Museus e Espaços de Ciência	2015	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC)	Colegiado; Coordenação; Secretaria Executiva; Apoio Administrativo.	12	Museus, Casa-Museu, Herbário, Horto, Matas, Parque Interativo, Pinacoteca, Exposição histórica interativa de química.
Universidade Federal de Goiás (UFG)	Centro-Oeste	Museu de Ciências	2016	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC)	Conselho Coordenador; Coordenação Geral; Secretaria Administrativa.	16	Núcleos museológicos em Goiânia, Jataí e Catalão.
Universidade Federal de Pelotas (UFPe)	Sul	Rede de Museus	2017	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC)	Conselho Consultivo; Coordenação; Comissão Executiva; Secretaria.	23	Museus, Memoriais, Acervos, Coleções, Planetário, Centro de Memória, Fototeca, Laboratório de Ensino e Pesquisa, Núcleo de Documentação e Projetos de Extensão relacionados às atividades museológicas.
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Sudeste	Sistema de Museus (SIMU)	2017	Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC)	Conselho Gestor; Coordenação Executiva.	5	Museus.
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Sudeste	Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio (SIMAP)	2018	Órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura, vinculado à Reitoria e Vice-Reitoria	Sem informação.	16	Museus, Casa de Ciência, Memorial, Observatório.
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Sul	Rede de Museus e Acervos	2020	Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX)	Conselho; Coordenadoria; Secretaria; Núcleos Integradores (Conservação e Documentação, Educação e Comunicação).	9	Museus, Acervos, Coleções, Arquivos, Herbário.
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Nordeste	Rede de Museus da UFPB (REUMUS)	2021	Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)	Coordenador; Coordenador Adjunto; Colaboradores da PROEX e Bolsistas do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX).	12	Museus, Núcleo de Pesquisa e Documentação, Pinacoteca, Acervos, Coleções, Galeria de Arte, Núcleo de Arte Contemporânea, Casa da Ciência, Memorial.
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Nordeste	Rede de Museus	2022	Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC)	Coordenação; Comitê Gestor; Equipe Técnico-Científica; Assembleia Geral.	15	Museus, Acervo, Coleções, Centro de Documentação e Pesquisa, Galeria, Herbários.

Fonte: Elaboração da autora.

¹⁴⁹ As universidades assinaladas em verde são aquelas que oferecem cursos de Museologia.

1. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG¹⁵⁰ – Ano de criação: 2001.

“A articulação dos 25 espaços por meio de ações em rede para a gestão do patrimônio científico-cultural implica em uma pactuação que se constrói permanentemente”.
(Silveira & Julião, 2021, p. 40)

É uma rede de adesão voluntária, atualmente composta por 25 espaços, criada com a missão de articular e propor políticas para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, integradas à salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural, científico e tecnológico da UFMG.

A trajetória dessa iniciativa inclui um período inicial de organização e institucionalização, caracterizado pela ampliação do quadro de integrantes e pela sua formalização como coordenadoria vinculada à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Nesse contexto, passou a contar com benefícios estruturais, como cota de bolsas, repasse regular de recursos, uma função gratificada para coordenação, sede própria e suporte de servidor técnico-administrativo. Desde 2015, a rede mantém um movimento de consolidação, marcado por uma agenda focada no aprofundamento do conhecimento sobre a diversidade dos acervos, em apoio ao planejamento e desenvolvimento de projetos, e ao aperfeiçoamento de seu “desenho institucional” (Silveira & Julião, 2021, pp. 37-44).

No processo de reconfiguração organizacional, uma primeira tentativa foi a criação de um Núcleo Integrador, criado para atuar conjuntamente com o Conselho Coordenador¹⁵¹, composto por Coordenação (instância administrativa formada pelo coordenador e vice-coordenador¹⁵²) e uma Secretaria Administrativa. Esse núcleo, composto por servidores da UFMG e voluntários, tinha a função de promover a pesquisa e fomentar boas práticas nas áreas finalísticas dos museus, por meio da articulação de grupos de trabalho. Dentro desse desenho, foram realizadas algumas iniciativas, como seminário, cursos de capacitação e um fórum. Contudo, a continuidade das atividades ficou comprometida pela falta de estrutura física adequada, equipe dedicada e orçamento.

Diante dessas limitações e da alta rotatividade de colaboradores, o Núcleo Integrador foi dissolvido e duas novas instâncias foram criadas: um Núcleo Técnico-Científico e um

¹⁵⁰ Endereço eletrônico da rede: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁵¹ Órgão deliberativo constituído pelos coordenadores dos museus e espaços integrantes da rede; por representantes de servidores técnico-administrativos em educação, lotados na coordenação da rede, e do corpo discente. Fonte: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/regimento/>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁵² A coordenação e vice-coordenação é escolhida pelo reitor, mediante apresentação de lista triplíce de candidatos.

Conselho Consultivo¹⁵³. Enquanto o primeiro, formado por servidores da UFMG, tem a função de “planejar, desenvolver e avaliar projetos nas áreas de gestão, salvaguarda e comunicação”, o segundo é “responsável por orientar e auxiliar o Conselho Coordenador no cumprimento de sua missão institucional”. É importante destacar a ampliação da representatividade nesse órgão consultivo para além-muros da universidade, ao integrar membros das Secretarias Municipal e Estadual da Cultura, contribuindo para uma “maior organicidade em termos político-institucionais” (Silveira & Julião, 2021, pp. 45-46).

Os espaços vinculados à Rede de Museus configuram-se em campo de experimentação por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em Interface com a Extensão para a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG¹⁵⁴, idealizado para oportunizar a estudantes de Graduação, sob orientação de docentes, a participação em projetos de documentação museológica; conservação e restauração de acervos; estudos curatoriais; pesquisas de público; produção de diagnósticos; acessibilidade e inclusão; e gestão museológica, como a elaboração de Plano Museológico e de política de acervo, e produção de exposições.

No âmbito das ações expositivas, destacam-se a mostra virtual ‘Pesquisa e extensão na Rede de Museus’¹⁵⁵, realizada todo ano desde 2015, durante a Semana do Conhecimento na UFMG¹⁵⁶, para exposição de projetos de pesquisa e de extensão desenvolvidos por bolsistas atuantes na Rede de Museus; e a exposição ‘Colecionar o mundo: objetos + ciência + cultura’¹⁵⁷, que reuniu acervos de 21 espaços integrantes da Rede de Museus no Espaço do Conhecimento da UFMG, tendo recebido mais de 30 mil visitantes no segundo semestre de 2018 (Silveira & Julião, 2021, pp. 48-51).

¹⁵³ Instância colegiada, responsável por orientar e auxiliar o Conselho Coordenador no cumprimento de sua missão institucional, e composta por representantes das Pró-Reitorias de Graduação, Pesquisa, Extensão; Diretorias de Ação Cultural e Arquivos Institucionais; da Biblioteca Universitária; de cursos (Conservação e Restauro, Arquivologia, Museologia, Biblioteconomia) e das Secretarias Municipal e Estadual da Cultura. Fonte: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/regimento/>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁵⁴ Uma iniciativa das Pró-Reitorias de Pesquisa (PRPq) e de Extensão (PROEX) da UFMG.

¹⁵⁵ Esse projeto foi apresentado na comunicação ‘Mostra virtual ‘Pesquisa e extensão na Rede de Museus’: diagnóstico e planejamento estratégico a partir de um portfólio de atividades de iniciação científica e extensão realizadas por museus e espaços de ciências e cultura da UFMG’, apresentada no VII FPMU por Marcus Marciano Gonçalves da Silveira, assessor educacional da rede.

¹⁵⁶ Até sua sétima edição, o evento contabilizava 1.387 inscrições e 408 projetos desenvolvidos pela Rede de Museus (Silveira & Julião, 2021, p. 48).

¹⁵⁷ Exposição com curadoria de Letícia Julião e Paulo Roberto Sabino, docentes do curso de Museologia da UFMG (Silveira & Julião, 2021, p. 51).

No âmbito das atividades de documentação e conservação, a rede desenvolve projetos significativos, dentre os quais destacam-se ‘Protocolos para documentação e gestão de acervos museológicos: implantação de um sistema integrado de informação na Rede de Museus’, iniciado em 2017 com a adesão de seis espaços integrantes, e ‘Reconhecimento do patrimônio científico na UFMG: mapeamento, registro e salvaguarda’, em andamento desde 2018 para identificar coleções universitárias e estruturar um banco de dados capaz de fornecer indicadores para novos processos de musealização.

Tais projetos desdobraram-se nos estudos técnicos ‘Reserva Técnica compartilhada e visitável’ e ‘Circuito museal da UFMG’, no âmbito do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFMG. Enquanto o primeiro visa à otimização de recursos financeiros, físicos e de pessoal, além da padronização de procedimentos de gestão patrimonial, ao vislumbrar uma infraestrutura técnica compartilhada visitável, o segundo está direcionado à requalificação da expografia de alguns espaços, e à concepção de peças gráficas educativas e informativas. Por sua vez, o EDITAL PRPq 07/2019¹⁵⁸ viabilizou a realização do projeto ‘Avaliação museológica: coleções e museus da UFMG’¹⁵⁹, dando continuidade à ação diagnóstica dos espaços, realizada entre 2015 e 2017. Alguns campos de informação foram direcionados à recolha inicial de dados, em subsídio ao planejamento da reserva técnica compartilhada (Silveira & Julião, 2021, p. 52).

Em comunicação intitulada ‘Extensão universitária para dentro e para fora da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura’, apresentada no VII FPMU por um técnico em assuntos educacionais da universidade¹⁶⁰, explorou-se a possibilidade de associação das demandas dos espaços da rede aos cursos oferecidos pela universidade, perspectiva que ganhou fôlego a partir da Resolução nº 7 de 2018 do MEC¹⁶¹, que estabeleceu a obrigatoriedade de 10% (dez por cento) de atividades de extensão na matriz curricular de cursos de Graduação, conforme previsto nas metas do PNE 2001/2010 e 2014/2024. O técnico relatou que a UFMG formou uma comissão responsável pela regulamentação dessa diretriz, normatizada por meio da

¹⁵⁸ Disponível em: https://www.ufmg.br/prpq/wp-content/uploads/2019/12/Edital_07_2019_Rede_de_Museus.pdf. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁵⁹ O projeto, apresentado no VI FPMU, foi coordenado pela Profa. Dra. Letícia Julião da Escola de Ciência da Informação (ECI) e contou com a participação de Polianna C. Dias Santos e Anita Helena Vieira de Souza, alunas bolsistas do curso de Museologia.

¹⁶⁰ Cristófane Queiroz.

¹⁶¹ Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 do MEC que “Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências”. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em 22 out. 2024.

Resolução ‘Formação em Extensão Universitária (FEU)’¹⁶². Nesse contexto, a reserva técnica de um espaço pode se tornar objeto de pesquisa de disciplinas de documentação e de conservação¹⁶³. Da mesma forma, disciplinas do curso de Engenharia de Sistemas podem desenvolver ferramentas para controle de público. Ou seja, a resolução de 2018 abriu novas frentes de cooperação a ser exploradas pelos coordenadores dessas redes de museus e coleções universitárias, em articulação com as ‘inteligências’ disponíveis na academia.

Outra iniciativa importante é a Jornada de Museus Universitários¹⁶⁴. A terceira edição, realizada em 2020 de forma virtual, propiciou um balanço da trajetória da rede, à luz das recomendações consolidadas nas ‘Diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias’¹⁶⁵, e dos ensejos comemorativos dos 20 anos de sua existência¹⁶⁶. Ao final desse encontro foi apresentada uma proposta síntese de diretrizes para política de patrimônio científico-cultural da UFMG¹⁶⁷, documento que, após ter sido rediscutido em fóruns internos, teve sua versão final¹⁶⁸ aprovada pelo Conselho Coordenador da Rede (Silveira & Linhales, 2022, pp. 240-250).

No âmbito da reunião temática ‘Redes universitárias: dos triunfos aos tropeços – Uma aventura museal!’, ocorrida no VII FPMU, os assessores educacionais presentes no encontro¹⁶⁹ refletiram sobre os pontos positivos e os desafios da rede:

¹⁶² Resolução que ajustou as atividades de extensão a um quadro de modalidades que compreende projeto, programa, prestação de serviço, curso e evento. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/wp-content/uploads/2021/12/RESOLUCAO-CEPE-10.2019-1.pdf>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁶³ Sobre essa possibilidade, ver as experiências pedagógicas do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel, que promovem o envolvimento de docentes, discentes e técnicos em projetos específicos de organização, documentação e conservação preventiva de acervos acondicionados em reservas técnicas do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel, localizado no Campus II. São projetos que, além de facilitar a formação profissional do estudante, avançam na preservação do patrimônio tecnológico, científico e industrial, sob tutela da universidade (Bachettini, Montone & Nunes, 2023).

¹⁶⁴ A primeira versão desse evento aconteceu em novembro de 2016, para reativação do FPMU. A segunda edição, em abril de 2019, oportunizou a partilha de informações sobre as atividades realizadas no âmbito de projetos de pesquisa viabilizados pelo Edital de Bolsas de Iniciação Científica (Silveira & Linhales, 2022, pp. 237-238).

¹⁶⁵ Documento elaborado no âmbito do V FPMU, realizado na UFMG em 2018, um mês após o incêndio do Museu Nacional da UFRJ. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wp-content/uploads/2019/02/diretrizes.pdf>. Acesso em 10 nov. 2024.

¹⁶⁶ Esse momento ‘introspectivo’ da rede estimulou o planejamento de três conferências temáticas e a realização do projeto ‘20 anos da Rede de Museus – memórias e trajetórias’. Essa última ação envolveu a produção de quatro entrevistas individuais com ex-coordenadores da rede e de um vídeo comemorativo (Silveira & Linhales, 2022, pp. 238-240).

¹⁶⁷ Documento elaborado a partir de fóruns internos, estruturados em três grupos de trabalho organizados em eixos temáticos – institucionalização, planejamento e gestão estratégica; dimensões da salvaguarda patrimonial; e comunicação com a sociedade –, os quais orientaram as discussões em três conferências (Silveira & Linhales, 2022, pp. 240-249).

¹⁶⁸ A coordenadora da rede, professora Leticia Julião, fez a leitura do documento final ‘Diretrizes de uma política para a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG’ na solenidade de encerramento do evento. Disponível em: <https://youtu.be/vGNzzVlKWik>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁶⁹ Marcus Marciano Gonçalves da Silveira e Cristófane Queiroz.

- Pontos positivos: rede institucionalizada no âmbito da PROEX, que consegue se articular para receber recursos externos e garantir políticas permanentes. Existência de um Conselho Consultivo e a estruturação recente de um corpo técnico.
- Desafios: nem todos os 25 espaços integrantes da rede são atuantes – uma mobilização que se torna importante diante das equipes reduzidas. Realizar o próximo passo: redefinir e implantar uma nova instância permanente para a gestão técnica do patrimônio universitário.

Silveira e Julião (2021) justamente ponderaram sobre a dificuldade no estabelecimento de relações equilibradas e de reciprocidade, em meio à heterogeneidade dos espaços, e no contexto da cultura universitária marcada por hierarquias, competitividade e “padrões de especiação”. E avaliaram que o maior desafio da Rede de Museus está na constituição de “um horizonte de interesses convergentes, capaz de estabelecer conexões e instituir uma agenda comum, preservando a autonomia e as particularidades de cada espaço membro”. São pactos que se (re)constróem permanentemente (Silveira & Julião, 2021, pp. 37-40).

Nesse quadro, torna-se central o amadurecimento de um “desenho institucional”, cujo debate perpassa a constituição de uma “Diretoria de Museus e Coleções”, no lugar da Rede de Museus, ou a permanência dessa, vinculada a uma diretoria. Apesar dos desafios, avalia-se que a rede tem cumprido o “papel de pautar a preservação do patrimônio científico e cultural como missão da UFMG” (Silveira & Julião, 2021, p. 53).

2. Rede de Museus e Acervos (REMAM) da UFRGS¹⁷⁰ – Ano de criação: 2011.

É uma rede institucionalizada em dezembro de 2011, por meio de portaria emitida pelo gabinete da Reitoria¹⁷¹, para fomentar a articulação dos espaços de memória da universidade em direção à qualificação dos processos museológicos, de forma a valorizar o “capital patrimonial” da universidade. É também uma rede de adesão voluntária, atualmente composta por 34 espaços (museus, museus virtuais, acervos e coleções, memoriais, pinacoteca, planetário), cuja estrutura organizacional está desenhada da seguinte forma, conforme estabelecido em seu regimento¹⁷²:

¹⁷⁰ Endereço eletrônico da rede: <https://www.ufrgs.br/remam/>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁷¹ Portaria disponível em: <https://www.ufrgs.br/remam/wp-content/uploads/2021/10/portaria-6493-2-1.pdf>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁷² Regimento disponível em: <https://www.ufrgs.br/remam/wp-content/uploads/2021/10/REGIMENTO-REMAM.pdf>. Acesso em 14 dez. 2023.

- Coordenação: sob responsabilidade do Museu da UFRGS, órgão suplementar da universidade¹⁷³.
- Plenário: instância deliberativa, composta pela coordenação da REMAM, um representante do curso de Museologia da UFRGS e de cada um dos espaços integrantes da rede.
- Grupos de Trabalho: compostos por servidores e discentes vinculados à universidade e a colaboradores externos, indicados pelos espaços membros. As atividades são distribuídas em três eixos temáticos: Projetos, Comunicação/Educação e Acervos. Além desses, outros grupos de trabalho temporários podem ser constituídos.

Nesse contexto, a REMAM atua como uma instância catalisadora para trocas de experiências e o estabelecimento de parcerias, contribuindo para a consolidação de uma política de gestão de acervos na universidade. Dentre as ações realizadas pela rede, destacam-se: a promoção de visitas aos espaços com o objetivo de realizar um “reconhecimento do território de ação”; a aprovação de um projeto em edital do IBRAM, que viabilizou a elaboração do ‘Guia REMAM 2012-2014’ e a implementação de sinalização integradora nos espaços vinculados à rede, fortalecendo um “elo de pertencimento”; a organização da exposição ‘Coleção de saberes: trajetórias do conhecimento na UFRGS’, realizada no Museu da UFRGS, entre outubro de 2014 e julho de 2015¹⁷⁴; e as iniciativas continuadas de formação de profissionais (Fagundes, Aristimunha & Muratore, 2022, pp. 191-192).

A divulgação das ações expositivas, educativas e culturais é feita no Facebook da REMAM¹⁷⁵, inclusive aquelas em parceria com a Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS¹⁷⁶, que já ofereceu curso de Gestão Documental.

No âmbito da reunião temática ‘Redes universitárias: dos triunfos aos tropeços – Uma aventura museal!’, ocorrida no VII FPMU, a museóloga¹⁷⁷ da equipe da REMAM avaliou a rede como espaço de trocas, debates e apoio mútuo. Sublinhou que a atuação museológica de museus e coleções universitárias é consonante com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, e que os espaços precisam evidenciar essa perspectiva integrada. Essa visão coaduna com um balanço recente sobre os 10 anos de existência da REMAM, no qual a rede é vista como “uma

¹⁷³ O organograma da UFRGS pode ser visualizado em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/organograma>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁷⁴ A exposição reuniu acervos dos espaços membros da REMAM, iniciativa similar àquela da Rede de Museus da UFMG.

¹⁷⁵ <https://www.facebook.com/remamufrgs>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁷⁶ <https://www.ufrgs.br/edufgrs/>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁷⁷ Eliane Muratore.

organização cooperativa”, facilitadora não apenas do “reconhecimento institucional da existência desses espaços e coleções”, mas também do “crescimento da organização e da sistematização da atuação deles no cotidiano da Universidade” (Fagundes et al., 2022, pp. 194)¹⁷⁸.

3. Rede Universitária de Museus (RUMUS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)¹⁷⁹ – Ano de criação: 2014.

A RUMUS foi oficializada como órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), por meio de resolução emitida pelo Conselho Universitário (CONSUNI), em agosto de 2014. A rede congrega quatro espaços – Museu Câmara Cascudo¹⁸⁰, Museu do Seridó, Museu de Ciências Morfológicas e Museu Virtual de Arte Abraham Palatnik –, objetivando o desenvolvimento de uma política museológica para a universidade e o fomento à cooperação entre os museus.

A resolução estabelece um Conselho Gestor, com a seguinte composição:

- Pró-reitor de Extensão, presidente do conselho.
- Coordenador de Cultura, Memória, Documentação e Museu, da Pró-Reitoria de Extensão¹⁸¹.
- Gestor de cada espaço integrante da rede.
- Um representante indicado por cada uma das Pró-Reitorias de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação.
- Um representante dos servidores técnico-administrativos, lotado em uma das unidades museológicas e eleito por seus pares.
- Um representante do corpo discente, eleito por seus pares do Diretório Central de Estudantes (DCE).

No âmbito da reunião temática ‘Redes universitárias: dos triunfos aos tropeços – Uma aventura museal!’, ocorrida no VII FPMU, a representante da rede pontuou que a articulação ainda não atingiu funcionamento fluído. Destacou também, como questões a ser superadas, a ausência de museólogo no Museu Câmara Cascudo, a competitividade por recursos em editais de fomento, desigualdades entre os espaços e as hierarquias, e a localização.

¹⁷⁸ Para mais informações sobre a REMAM, ver também Fagundes (2019).

¹⁷⁹ Endereço eletrônico: <https://rumusufrn.wixsite.com/rumus>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁸⁰ No organograma da UFRN, o Museu Câmara Cascudo aparece como uma unidade suplementar, vinculada à Reitoria. Disponível em: <https://www.ufrn.br/resources/documentos/organograma-geral-UFRN.pdf>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁸¹ As responsabilidades dessa instância estão estabelecidas no Regimento Interno da Reitoria da UFRN, de 19 de junho de 2019. Ver mais em: <https://www.ufrn.br/resources/documentos/regimentos/RegimentoInternoDaReitoria.pdf>. Acesso em 14 dez. 2023.

4. Secretaria de Museus e Espaços de Ciência (SEMEC) da Universidade Federal de Viçosa (UFV)¹⁸² – Ano de criação: 2015.

A SEMEC parece ter sido criada em 2015¹⁸³, mas seu Regimento Interno foi oficializado apenas em 2019, por meio de resolução emitida pelo Conselho Universitário da UFV¹⁸⁴, estabelecendo sua vinculação à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC), e com a seguinte estrutura organizacional:

- Colegiado: órgão consultivo e deliberativo, composto pelo coordenador ou curador de cada espaço e um representante da PEC.
- Coordenação: uma pessoa eleita entre os membros do colegiado.
- Secretaria Executiva: uma pessoa eleita entre os membros do colegiado.
- Apoio Administrativo.

Atualmente o órgão reúne um conjunto bastante diversificado de 12 museus e espaços de ciência¹⁸⁵, abertos à visitação pública, e que organizam exposições, oficinas, cursos e outros eventos culturais de divulgação científica.

5. Museu de Ciências da Universidade Federal de Goiás (MC-UFG)¹⁸⁶ – Ano de criação: 2016.

A criação do Museu de Ciências da UFG, como órgão suplementar vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), foi oficializada por meio da Resolução nº 23 de 2016 emitida pelo Conselho Universitário (CONSUNI), estabelecendo seu respectivo Regimento Interno¹⁸⁷ e uma estrutura composta por:

- Conselho Coordenador: órgão deliberativo composto por um coordenador e vice-coordenador geral, indicados pelo reitor; diretores e coordenadores dos equipamentos de ciência e cultura da Universidade, indicados pelos dirigentes das respectivas unidades acadêmicas; representantes do curso de Museologia e das Pró-Reitorias de Extensão e

¹⁸² Endereço eletrônico: <https://semec.ufv.br/apresentacao/>. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁸³ Inferimos essa data a partir da página do Facebook da SEMEC, que noticia a organização de eventos em setembro de 2015, por ocasião da Semana de Museus. Fonte: https://www.facebook.com/events/1649404465345148?locale=pt_BR. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁸⁴ Resolução que institucionaliza o Regimento Interno da SEMEC, disponível em: <https://semec.ufv.br/wp-content/uploads/2019/10/Regimento-CONSUN-SEMEC-1.pdf>. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁸⁵ Casa Arthur Bernardes; Herbário VIC; Horto Botânico; Mata da Biologia; Mata do Paraíso; Museu da Comunicação; Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeev; Museu de Zoologia João Moojen; Museu Histórico da UFV; Parque Interativo de Botânica; Pinacoteca da UFV e Sala Mendeleev.

¹⁸⁶ Endereço eletrônico: <https://mc.ufg.br/>. Acesso em 14 dez. 2023.

¹⁸⁷ Disponível em: https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CONSUNI_2016_0023.pdf. Acesso em 10 dez. 2023.

Cultura (PROEC), Pesquisa e Inovação (PRPI), Pós-Graduação (PRPG), Administração e Finanças (PROAD) e Graduação (PROGRAD).

- Coordenação Geral: responsável pela elaboração de plano de gestão e de relatórios anuais de atividades da rede.
- Secretaria Administrativa.

A iniciativa teve sua origem em 2000, idealizada para ser um espaço de popularização científica e de ações educativas. A partir da constituição de uma comissão em 2011, o projeto evoluiu para a conformação de uma rede de 16 núcleos museológicos (mapeados em diagnóstico produzido por grupos de trabalho), dedicada ao planejamento integrado de ações de salvaguarda e comunicação do patrimônio científico, tecnológico, natural e cultural existente na UFG, e no seu entorno.

O site do MC-UFG comunica a existência de núcleos museológicos já consolidados, em formação e parceiros, bem como as ações conduzidas por equipe interdisciplinar e projetos em andamento¹⁸⁸.

6. Rede de Museus da UFPel¹⁸⁹ – Ano de criação: 2017.

“As universidades, por conta da sua missão, objetivos e princípios, são instituições potencialmente formadoras de coleções e acervos. Neste universo das instituições de ensino superior, existe uma variedade de situações relacionadas aos acervos ou coleções formadas ao longo do tempo, nem sempre as mais adequadas ao seu valor e potencial enquanto representação da trajetória das instituições universitárias e, especialmente, como recurso para a divulgação do conhecimento ali produzido.”
(Bojanoski, Bachettini & Pereira, 2022, p. 67)

A Rede de Museus da UFPel foi criada com o propósito de consolidar uma política permanente para o setor museal da universidade e promover a aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, por meio de ações de gestão qualificada do patrimônio museológico. Atualmente é composta por 23 iniciativas, como: museus¹⁹⁰, acervos, coleções e projetos de extensão¹⁹¹. Seu Regimento Interno, aprovado em 2017, estabelece a seguinte estrutura organizacional:

¹⁸⁸ Fonte: <https://mc.ufg.br/p/12832-historico>. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁸⁹ Endereço eletrônico: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/a-rede/>. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁹⁰ A UFPel possui três museus universitários: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), o mais antigo; o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG); e o Museu do Doce (Bojanoski et al., 2022, pp. 76- 80).

¹⁹¹ Como o Museu das Coisas Banais, que pode ser visitado em: <https://museudascoisasbanais.com.br/>. Acesso em 10 dez. 2023.

- Conselho Consultivo: presidido pelo coordenador da rede, composto por um representante da Coordenadoria de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC); representantes de cada um dos museus, de projetos de extensão vinculados a museus ou de processos museológicos; um representante de servidor técnico administrativo no cargo de museólogo e um no cargo de conservador-restaurador; um representante do curso de Bacharelado em Museologia e um do curso de Conservação-Restauração.
- Coordenação: uma pessoa apontada pelo pró-reitor de Extensão e Cultura.
- Comissão Executiva: órgão administrativo, composto pelo coordenador da rede, um secretário e dois membros auxiliares.
- Secretaria.

É importante contextualizar que a UFPel conta com uma sólida estrutura de ensino voltada à área de patrimônio, incluindo cursos de Bacharelado em Museologia e em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. A mobilização de docentes desse setor, aliada à atuação de gestores de espaços museológicos, movimento iniciado em 2013, foi fundamental para impulsionar a criação da Rede de Museus em 2017, como projeto estratégico de extensão (Bachettini, Montone & Leal, 2022, pp. 197-198).

Dentre as ações promovidas pela rede, destaca-se o mapeamento e o inventário de coleções em unidades acadêmicas da UFPel, atividade realizada desde 2017. Até o momento, foram visitadas coleções da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM); da Faculdade de Obstetrícia e de Enfermagem (FEO); do Instituto de Ciências Humanas (ICH); do Centro de Artes (CA); do Instituto de Biologia (IB) e da Faculdade de Educação (FaE).

Na FAEM, foram identificados 1.372 itens, dentre os quais objetos de ensino do séc. XIX. As coleções, registradas e higienizadas, visam à criação do Memorial Maria Eulália da Costa¹⁹². De maneira semelhante, o levantamento de 336 itens¹⁹³ na FEO foi motivado pela futura implantação de um memorial. Já no ICH, foram identificadas diversas coleções¹⁹⁴,

¹⁹² Nome do futuro memorial em homenagem à primeira mulher a conquistar a formação superior na área, em 1915, na então Escola de Agronomia e Veterinária. Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/faem135anos/2018/03/07/memorial-maria-eulalia-da-costa-2/>. Acesso em 1 dez. 2023.

¹⁹³ Dentre os quais: documentos, fotografias, objetos de vidro e metal, e vestuário.

¹⁹⁴ Do Núcleo de Pesquisa em História Regional (NPHR); da Fototeca Memória da UFPel (FMU), com cerca de 11 mil itens; do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ), com mais de 100 mil itens; do Núcleo de

processo replicado no CA¹⁹⁵ e no IB¹⁹⁶. Na FaE, foi mapeada uma coleção com cerca de 6 mil itens referentes à história da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales). Além dessas iniciativas, a rede está envolvida na gestão do Memorial do Anglo¹⁹⁷, uma exposição localizada no espaço onde anteriormente funcionava o Frigorífico Anglo, atual sede da Reitoria da universidade (Bachettini et al., 2022, pp. 199-205).

Visando à consolidação de uma política de acesso ampliado aos acervos, a rede tem pesquisado plataformas informatizadas de dados, como o *Pergamum Museum*¹⁹⁸, já utilizado na gestão de bibliotecas, e o *Tainacan*. Por este último foi estruturado o repositório digital *Acervos virtuais da Rede de Museus da UFPel*¹⁹⁹, projeto desenvolvido em parceria com a Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação (PROGIC) (Bachettini et al., 2022, pp. 207-208).

Outras iniciativas da rede incluem a organização de eventos como a Semana dos Museus da UFPel e as publicação de seus Anais²⁰⁰; ações no Dia Nacional do Patrimônio Histórico, comemorado em 17 de agosto, e na Primavera dos Museus; além da edição de publicações, em parceria com a Editora da UFPel, como o e-book ‘Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade’²⁰¹ (Bachettini et al., 2022, pp. 208-209).

Durante o VII FPMU, assistimos à comunicação ‘A Rede de Museus da UFPel e a construção de política para os acervos universitários’, conduzida por membro suplente do Conselho Consultivo da rede²⁰². A palestrante destacou a rede como órgão representativo dos museus, coleções e projetos de extensão da UFPel, com papel crucial na promoção da visibilidade desses espaços junto à gestão da universidade. Entre os desafios apontados, estão a dispersão geográfica da universidade pela cidade; o esforço contínuo por reconhecimento e

Documentação Histórica da UFPel Profa. Beatriz Loner (NDHF), com mais de 800 mil itens sobre a história da UFPel, da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul e da Justiça do Trabalho; do Museu das Telecomunicações; do Museu da UFPel; e do Museu do Doce, que possui a tutela de itens relacionados à história da tradição doceira da cidade de Pelotas e da região (Bachettini et al., 2022, pp. 201-202).

¹⁹⁵ Coleções de material fonográfico e instrumentos musicais da Discoteca L.C. Vinholes; de Musicoteca; de coleção artística do Centro de Documentação Histórica; do Acervo do Clube do Choro; e do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), composto por mais de 4 mil itens distribuídos em oito coleções (Bachettini et al., 2022, pp. 202-203).

¹⁹⁶ Coleções do Herbário Pel, formado por cerca de 27 mil exsiccatas, constituindo-se na quarta maior coleção de plantas do Rio Grande do Sul; e do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), que possui coleções científicas – depositadas no Laboratório de Zoologia do Departamento de Zoologia e Genética –, e didáticas (Bachettini et al., 2022, pp. 203-205).

¹⁹⁷ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/memorialdoanglo/>. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁹⁸ Ver mais em: <http://www.pergamum.pucpr.br/produtos/pergamum>. Acesso em 10 dez. 2023.

¹⁹⁹ O software utilizado para a criação do banco de dados informatizado é o *Tainacan*. Repositório digital acessível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/sobre/>. Acesso em 10 dez. 2023.

²⁰⁰ Evento realizado todo mês de maio, desde 2018. Os *Anais da Semana dos Museus na UFPel* estão disponíveis em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/anais-da-semana-dos-museus-da-ufpel/>. Acesso em 10 dez. 2023.

²⁰¹ Publicação de autoria da nossa querida amiga e colega de Doutorado, Desirée Nobre. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4390>. Acesso em 10 dez. 2023.

²⁰² Comunicação apresentada em 29 de agosto de 2023, por Noris Mara Pacheco Martins Leal.

institucionalização dos espaços e comissões; e o estabelecimento de uma política de museus que venha a integrar o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade.

7. Sistema de Museus (SIMU) da UFU²⁰³ – Ano de criação: 2017.

O Sistema de Museus (SIMU) da UFU foi institucionalizado por meio da Resolução SEI nº 03/2017 do CONSEX, enquanto órgão vinculado à DÍCULT da PROEXC. O sistema é atualmente composto por cinco museus e seu funcionamento está estruturado em um Conselho Gestor e uma Coordenação Executiva. O SIMU está detalhado em seção específica no próximo capítulo.

8. Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio (SIMAP) da UFRJ²⁰⁴ – Ano de criação: 2018.

A constituição do SIMAP remonta ao início dos anos 2000, quando os museus, acervos e patrimônios da UFRJ começaram a ganhar visibilidade em debates sobre a importância da dimensão cultural na missão educacional da universidade²⁰⁵. Contudo, foi durante a formulação do Plano Diretor da UFRJ (2010-2020) que essa perspectiva ganhou fôlego, ao destacar a vocação da universidade para a difusão cultural, artística e científica, reconhecendo os acervos como elementos centrais desse processo. Nesse caminho, o documento propôs a realização de ações estratégicas de salvaguarda e comunicação para ampliar o acesso do público ao patrimônio cultural e científico da universidade (Lima, Carvalho & Garcia, 2022, pp. 53-54).

Os museus, acervos e patrimônios também ganharam espaço nos debates e na elaboração da Política de Cultura da UFRJ, cujo documento final, de caráter programático, foi aprovado em 2013. Dentre as recomendações, estava a criação de um Sistema Integrado de Museus, Acervos, Arquivos e Patrimônio Edificado (Simape)²⁰⁶ e o desenvolvimento de suas ações no âmbito do Fórum de Ciência e Cultura²⁰⁷, órgão responsável pela gestão da política cultural da UFRJ.

No mesmo ano foi criado um grupo de trabalho que coordenou diversas discussões organizadas em divisões técnicas, envolvendo representantes de diferentes setores e espaços. Entretanto, o SIMAP foi institucionalizado apenas em 2018, em sessão do Conselho

²⁰³ Endereço eletrônico: <http://www.proexc.ufu.br/servicos/sistema-de-museus>. Acesso em 10 dez. 2023.

²⁰⁴ Endereço eletrônico: <https://linktr.ee/simap.ufrj>. Acesso em 10 dez. 2023.

²⁰⁵ No final dos anos 2000, o Projeto Memória, então coordenado pelo Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ e desenvolvido em conjunto com outros setores da universidade, realizou o impressionante levantamento de 31 “unidades e espaços detentores de acervos e/ou arquivos vinculados à história e à memória” da universidade, entre os quais consta o Museu Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ (Queiroz, 2009, pp. 286-287).

²⁰⁶ A sugestão do SIMAPE foi inspirada na experiência bem-sucedida do Sistema de Bibliotecas e Informação (Sibi), que gerencia 45 bibliotecas. Posteriormente os arquivos ganharam um setor independente, o Sistema de Arquivos (Siarq) (Lima et al., 2022, pp. 55-57).

²⁰⁷ Ver mais em <https://forum.ufrj.br/>. Acesso em 10 dez. 2023.

Universitário (CONSUNI), como entidade vinculada ao referido fórum²⁰⁸. Atualmente possui 16 museus e espaços culturais registrados²⁰⁹ (Lima et al., 2022, pp. 56-60).

Apesar das limitações em termos de equipe e infraestrutura física, o SIMAP destaca algumas conquistas importantes, como a implantação do Programa de Bolsas em Museus e Acervos. Esse programa visa a promover a participação de estudantes de Graduação e Pós-Graduação em atividades de mediação cultural nos espaços integrantes do sistema. Embora ele atenda apenas 10% da demanda registrada, sublinha-se a relevância de sua continuidade para o funcionamento dos espaços. Outro avanço está no ganho de visibilidade política de museus e órgãos pares na estrutura universitária (Lima et al., 2022, pp. 60-62).

No âmbito da ‘Mesa do Eixo 4 – Proposições metodológicas’ do VII FPMU, assistimos à comunicação da atual diretora²¹⁰ do SIMAP, que reforçou o desafio em manter o funcionamento do sistema, diante do quadro reduzido de colaboradores.

9. Rede de Museus e Acervos da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)²¹¹ – Ano de criação: 2020.

O estímulo para a formação da Rede da UFOP surgiu da articulação entre unidades, departamentos, colegiados e setores administrativos, com o objetivo de mapear as coleções acadêmicas sob guarda da universidade. Essa iniciativa, inspirada em experiências vizinhas, como a da Rede de Museus e Espaços de Ciência da UFMG (2000) e do Sistema da UFV (2015), introduziu a discussão sobre a preservação de acervos culturais e científicos universitários na pauta institucional da UFOP, mobilizando servidores técnicos.

No ensejo dessas aproximações, em setembro de 2019 o Museu da Farmácia da UFOP organizou a ‘I Jornada de Museus e Coleções da UFOP’ para debater a proposta de constituição de uma rede como instância para articular o diálogo e as ações integradas entre as coleções. A condução dos trabalhos, até a oficialização da Rede, ficou sob gerência da equipe da Coordenadoria de Cultura, responsável pela mobilização permanente dos agentes e de encaminhamentos administrativos junto ao Conselho Universitário (CUNI) (Guarilha & Braz, 2022, pp. 212-214).

²⁰⁸ Organograma da UFRJ disponível em: <https://ufrj.br/wp-content/uploads/2023/09/organograma-ufrj.png>. Acesso em 11 dez. 2023.

²⁰⁹ O site do SIMAP associa o sistema aos seguintes espaços e museus: Casa da Ciência da UFRJ; Espaço Memorial Carlos Chagas Filho; Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery; Museu de Anatomia; Museu de Astronomia; Museu Dom João VI; Museu da Geodiversidade; Museu Interativo da Física; Museu Nacional; Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM) e Observatório do Valongo. Entretanto, localizamos a informação de que o SIMAP reúne 18 entes museais. Fonte: <https://forum.ufrj.br/ciencia-e-cultura/museus/>. Acesso em 11 dez. 2023.

²¹⁰ Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho, que também é Coordenadora do Resgate do Museu Nacional da UFRJ.

²¹¹ Endereço eletrônico: <https://rededemuseus.ufop.br/rede-de-museus-da-ufop/>. Acesso em 11 dez. 2023.

A Rede foi finalmente institucionalizada em dezembro de 2020, por meio da Resolução CUNI nº 2.377²¹², tendo por objetivo estimular o desenvolvimento de ações integradas para a preservação e difusão do patrimônio cultural e científico da UFOP, promovendo sua visibilidade e valorização tanto entre as comunidades acadêmicas quanto em outros setores da sociedade.

Atualmente a rede é composta por nove museus e acervos da UFOP²¹³. Seu Regimento Interno²¹⁴ propõe a seguinte estrutura organizacional:

- Conselho: composto por representantes dos membros da rede, coordenador, secretaria e coordenadores dos Núcleos Integradores (quando existentes).
- Coordenadoria: servidor efetivo da UFOP indicado pelo Conselho, do qual igualmente faz parte.
- Secretaria; função exercida por um membro da rede com apoio de Bolsista de Desenvolvimento Institucional.
- Núcleos Integradores: compostos por no mínimo dois membros integrantes do Conselho para realização de ações específicas, podendo ter caráter permanente ou provisório.

A criação dos núcleos integradores foi inspirada no Núcleo Técnico-Científico da Rede da UFMG. Esses núcleos foram concebidos para oferecer conhecimentos técnicos especializados, atuando como uma “instância de trabalho efetivo”, com foco em atividades de identificação de acervos e realização de diagnósticos das condições de salvaguarda. Após a criação da Rede, foram instaurados três núcleos distintos – Conservação e Documentação, Educação e Comunicação – que funcionam como espaços de “oxigenação permanente, problematizando as coleções e investigando seus potenciais para o ensino, para a pesquisa e para a prática extensionista” (Guarilla & Paz, 2022, pp. 216-218).

Em movimento inverso ao processo de constituição do SIMAP, a oficialização da Rede de Museus e Acervos da UFOP, em dezembro de 2020, antecedeu a consolidação da Política de Cultura da universidade, em 2021. No entanto, ambas as iniciativas foram desenvolvidas no âmbito da Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX), em

²¹² Resolução disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dfKsKHt2g-mZZyZDzwPODjUPZkNuigC7/view>. Acesso em 11 dez. 2023.

²¹³ São eles: 1. Arquivo Fotográfico José Góes (IFAC); 2. Acervo Histórico de Equipamentos de Ensino (Museu Virtual de Ensino de Física); 3. Biblioteca de Obras Raras e Acervos Especiais da Escola da Farmácia (SISBIN); 4. Coleções de Zoologia (DEBIO); 5. Coordenadoria de Arquivo Central; 6. Herbário Prof. José Badini (DEBIO); 7. LPH/Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana (DEHIS); 8. Museu da Farmácia (EFAR); 9. Sociedade Excursionista e Espeleológica. Fonte: <https://rededemuseus.ufop.br/rede-de-museus-da-ufop/>. Acesso em 11 dez. 2023.

²¹⁴ Documento disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1CVjh3wj9SzvBAuEeFCI8qH2sP7peplTA/view>. Acesso em 11 dez. 2023.

processo mútuo de inspiração e fortalecimento, favorecendo uma mobilização crescente e articulação mais eficaz de agentes universitários envolvidos com a cultura. Nesse contexto, todos se beneficiam dessa relação simbiótica: assim como na UFRJ, enquanto a Política de Cultura da UFOP assume a função de documento estratégico, o Plano de Cultura estabelece-se como instrumento de planejamento programático, destacando os espaços culturais como equipamentos centrais para a promoção da dimensão artística e cultural em todos os setores da comunidade universitária. Ao mesmo tempo, esses núcleos museológicos integrantes da Rede podem contribuir para aprofundar e expandir a capilaridade dos debates no Fórum de Cultura, que atua como uma instância de mobilização da comunidade acadêmica voltada à construção, ao acompanhamento, à participação e avaliação da execução da Política de Cultura da universidade (Guarilha & Braz, 2022, pp. 218-221).

Em 2022, dados de uma pesquisa sobre as disciplinas de estágio do curso de Museologia da UFOP, o primeiro de Minas Gerais, apontaram que 79% dos estágios foram realizados em Ouro Preto. Dentre esses, 68% foram realizados em espaços da universidade, sendo a maioria no Laboratório de Conservação e Restauro (75%), seguido pelo Museu da Farmácia (19%) e pelo Museu de Ciência e Técnica (6%). Conforme avalia Nunes, esses dados comprovam a “intrínseca contribuição dos museus da universidade para a formação dos futuros museólogos, ao mesmo tempo que os estágios suprem necessidades das instituições museológicas na conservação e salvaguarda de suas coleções” (Nunes, 2024, p. 37)²¹⁵.

Desde sua criação, a rede já realizou eventos importantes, como uma mesa-redonda para discussão da nova definição de museus em maio de 2023; o *workshop* ‘A relação Museu e Educação’, para debater a PNE em setembro de 2021; e a série de três webinários ‘Museus universitários: redes de experiências’, realizados em maio de 2021, contando com a participação do IBRAM e de profissionais atuantes em museus universitários de várias regiões do país²¹⁶.

²¹⁵ Esse assunto também foi tema da comunicação ‘Os museus universitários e os estágios do curso de Museologia da UFOP’, apresentada no VII FPMU pelo Prof. Dr. Gilson Antônio Nunes, docente no Departamento de Museologia na Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM) da UFOP.

²¹⁶ Fonte: <https://rededemuseus.ufop.br/-/pagina-eventos/>. Acesso em 11 dez. 2023.

10. Rede de Museus (REUMUS) da UFPB²¹⁷ – Ano de criação: 2021.

Trata-se de rede em processo de implantação vinculado ao Comitê de Arte e Cultura (CAC), órgão assessor e consultor da Pró-Reitora de Extensão (PROEX), criado pela Resolução nº 25/2018 do Conselho Universitário²¹⁸ e cujo objetivo é deliberar sobre a elaboração da Política de Arte e Cultura da UFPB. Aqui notamos um percurso similar ao da UFRJ e da UFOP no desenho desse comitê, de caráter consultivo, estratégico e avaliativo das ações, que prevê representantes da REUMUS e de unidades acadêmicas e administrativas vinculadas à arte e à cultura da UFPB.

Ao ocupar esse lugar, a rede visualiza-se como uma “porta-voz entre os espaços de memória da UFPB e a administração central, funcionando como catalisadora das demandas e proponente de soluções institucionais”. Ao longo de sua breve existência, a REUMUS avançou na criação de um *site* para divulgação da rede, na elaboração de minutas de documentos constituintes que possam formalizar legalmente sua existência na universidade, e na realização de um mapeamento preliminar de museus e espaços culturais da UFPB (Rodrigues, Cabral & Oliveira, 2022, pp. 254-255).

A Rede atualmente articula 12 espaços, e conta com equipe técnica composta por um coordenador, um coordenador adjunto, dois colaboradores da PROEX e dois bolsistas do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX)²¹⁹.

Os desafios a ser superados são muitos: rotatividade de gestores, equipes reduzidas, falta de orientação técnica especializada em Museologia, ausência de planejamento, infraestrutura física deficitária e recursos financeiros limitados, com coordenadores custeando despesas do próprio bolso. No entanto, são precisamente esses obstáculos que reforçam a continuidade dos trabalhos da rede, em busca da consolidação “de políticas institucionais de apoio técnico/financeiro, preservação e divulgação dos acervos da UFPB” (Rodrigues et al., 2022, pp. 256-260).

11. Rede de Museus da UFPE – Ano de criação: 2022.

A UFPE reúne um amplo e diversificado acervo científico e cultural, que reflete a história da sociedade e da própria instituição. A proposta para a criação de uma rede voltada ao aprimoramento da gestão desses espaços começou em 2016, com a formação de uma

²¹⁷ Endereço eletrônico: <http://plone.ufpb.br/reumus/>. Acesso em 11 dez. 2023.

²¹⁸ Disponível em: https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2018100213c1df1122224238bfcc64bc7/Runi25_2018.pdf. Acesso em 11 dez. 2023.

²¹⁹ Fonte: <http://plone.ufpb.br/reumus/contents/menu/quem-somos-1>. Acesso em 11 dez. 2023.

comissão²²⁰ responsável por elaborar um resolução sobre museus, galerias, acervos e coleções da UFPE, a ser submetida ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE).

Desde então, diversas ações foram implementadas no âmbito do Programa de Extensão Universitária, em parceria com o Departamento de Antropologia e Museologia, resultando na produção de catálogos e de inventários que registravam obras de arte e bens culturais. O marco histórico dessa trajetória foi a Resolução nº 10/2018 do CEPE, que institucionalizou o funcionamento desses espaços pela primeira vez na universidade.

Ainda em 2018, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) iniciou um projeto para estruturar sua futura Rede de Museus, Coleções Científicas Visitáveis e Galerias de Arte (MCVGA), reforçando a continuidade de seu compromisso com a preservação desse patrimônio. Em 2019, foi lançado um edital para o registro institucional dos museus, coleções científicas e galerias de arte da universidade. Após essa etapa de mapeamento, a rede foi oficialmente introduzida à comunidade acadêmica, em abril de 2019, durante um evento na Biblioteca Central da UFPE²²¹.

Após quase 3 anos de esforços, a UFPE oficializou sua Rede de Museus, por meio da Resolução nº 07/2022²²² do CEPE. Vinculada à Diretoria de Cultura da PROEXC e integrada ao Plano de Ação Institucional (PAI) da PROEXC e das Pró-Reitorias de Pesquisa e Inovação (PROPESQI), de Pós-Graduação (PROPG) e de Graduação (PROGRAD), a rede reúne atualmente 15 espaços²²³ que contemplam uma ampla variedade de áreas do conhecimento, como o Acervo da Faculdade de Direito, a Coleção de Ossos Humanos Contemporâneos, a Galeria Capibaribe, dois herbários, o Museu de Anatomia e Evolução Animal, o Museu de Ciências Nucleares, e o Memorial Denis Bernardes.

A resolução de 2022, que também funciona como Regimento Interno, estabelece uma estrutura organizacional composta por:

- Coordenação: formada por coordenador e vice-coordenador, funções exercidas por integrantes da Rede de Museus, eleitos pela Assembleia Geral. Dentre as

²²⁰ Então presidida pela Profa. Emanuela Ribeiro, do Departamento de Antropologia e Museologia e composta por mais 11 representantes de diversas unidades acadêmicas da UFPE que possuem acervos e coleções. Fonte: https://www.ufpe.br/decon/todos-os-informes/-/asset_publisher/znKKONCGSp59/content/museus-colecoes-cientificas-visitaveis-e-galerias-de-arte-da-ufpe-patrimonio-artistico-e-cultural-em-rede/40659. Acesso em 10 jan. 2025.

²²¹ Fonte: https://www.ufpe.br/decon/todos-os-informes/-/asset_publisher/znKKONCGSp59/content/museus-colecoes-cientificas-visitaveis-e-galerias-de-arte-da-ufpe-patrimonio-artistico-e-cultural-em-rede/40659. Acesso em 10 jan. 2025.

²²² Resolução acessível em: https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/dlhi8nsrz4hK/content/institucionalizada-rede-de-museus-da-universidade-federal-de-pernambuco/40615. Acesso em 10 jan. 2025.

²²³ Mais informações sobre os espaços em: <https://www.ufpe.br/proexc/rede-de-museus>. Acesso em 10 jan. 2025.

responsabilidades do coordenador estão: convocar e presidir reuniões, elaborar relatórios anuais de atividades e representar a instância dentro e fora da UFPE.

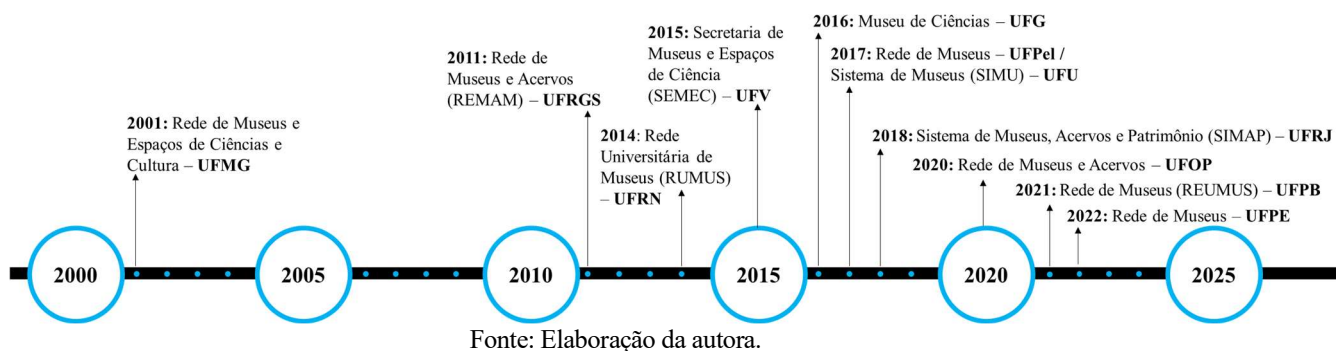
- Comitê Gestor: formado por nove membros, incluindo representantes da Coordenação, da Equipe Técnico-Científica, do curso de Museologia, coordenadores de espaços e um discente vinculado à Rede de Museus. Esse comitê desenvolve diretrizes e normativas, planejamento anual, propostas orçamentárias e projetos a ser submetidos em editais de fomento, entre outras atividades.
- Equipe Técnico-Científica: integra três servidores técnico-administrativos da universidade, recomendados pelo Pró-Reitor de Extensão e Cultura, sendo um museólogo.
- Assembleia Geral: composta pelo Conselho Gestor e pelos coordenadores dos espaços vinculados à Rede de Museus.

A manutenção da rede é garantida por dotação orçamentária prevista nos Planos de Ação Institucional (PAI) das PROEXC, PROPESQI, PROPG e PROGRAD, além de doações, captação de recursos em editais e leis de incentivo, e outras receitas.

Entre seus principais objetivos, a Rede de Museus da UFPE visa a promover a colaboração entre seus espaços, difundir conhecimento no campo da Museologia, apoiar ações e processos técnicos, como a elaboração de Planos Museológicos, e estabelecer padrões para preservação do patrimônio cultural. Além disso, busca contribuir para a formulação de políticas institucionais, a formação e valorização de profissionais e o engajamento da comunidade universitária e da sociedade.

Diante desse panorama das redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais brasileiras, notamos que a maior parte das iniciativas foram institucionalizadas no âmbito de Pró-Reitorias de Extensão ou Cultura – com exceção da REMAM da UFRGS e do SIMAP da UFRJ –, indicando a associação desse patrimônio universitário com atividades de extensão e, ao mesmo tempo, com a dimensão cultural da universidade. Observamos também que a expansão desse fenômeno ocorre a partir da segunda década do séc. XXI, como procuramos demonstrar na figura 13.

Figura 13 – Redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais: 2001-presente



Vale ainda lembrar que dentre as 11 redes e sistemas mapeados, 6 encontram-se no contexto de universidades federais que oferecem cursos de Graduação e Pós-Graduação²²⁴ em Museologia. São elas: UFMG, UFRGS, UFG, UFPel, UFOP e UFPE, seguindo a ordem cronológica da constituição das redes e sistemas apresentados na figura 13 acima.

Ao mesmo tempo, outras universidades federais que possuem espaços constituídos e oferecem cursos de Museologia ainda não institucionalizaram estruturas permanentes para gerir sua dimensão museal. Referimo-nos à UFBA, à UNIRIO, à UFPA, à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e à Universidade Federal de Sergipe (UFS).

No caso da UFBA, localizamos a Resolução nº 11/2013²²⁵ do CONSUN, que aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional da universidade e menciona a intenção de implantar um Sistema de Museus Universitários – composto por 3 museus e 1 galeria de arte: Museu de Arqueologia e Etnologia, Museu de Arte Sacra, Museu Afro-Brasileiro e Galeria Cañizares. A resolução também previa a elaboração de Regimento Interno até o final de 2013. No PDI 2018-2022²²⁶, o Sistema Universitário de Museus já aparece no organograma da universidade, mantendo a composição original de 3 museus e 1 galeria. Entretanto, no *site*²²⁷ de apresentação do sistema, ele é descrito como composto por 7 museus, 5 memoriais e 2 núcleos de memória, mas não há informações sobre resoluções que formalizem sua institucionalização ou sobre a criação efetiva do Regimento Interno.

²²⁴ São aquelas assinaladas em verde no Quadro 1. Dentre as cinco universidades federais, apenas a UFRGS dispõe de curso de Pós-Graduação em Museologia.

²²⁵ Fonte: <https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2011.2013.pdf>. Acesso em 10 jan. 2025.

²²⁶ Fonte: https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/plano-desenvolvimento-institucional-ufba_web_compressed.pdf. Acesso em 10 jan. 2025.

²²⁷ Fonte: <https://mapeamentocultural.ufba.br/apresentacao-museus>. Acesso em 10 jan. 2025.

No caso da UNIRIO, essa é a única universidade federal brasileira que oferece curso de Graduação, Mestrado e Doutorado em Museologia. Na lista que extraímos da RBCMU, notamos o registro de apenas um espaço vinculado à referida universidade: o Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta²²⁸ (HUNI). No VII FPMU, a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio²²⁹ (PPG-PMUS) da UNIRIO-MAST relatou que, apesar da inexistência de um museu na universidade, a UNIRIO possui muitas coleções espalhadas em unidades acadêmicas que ainda não foram institucionalizadas.

No caso específico da UFPA, tomamos conhecimento do Programa de Extensão Rede de Coleções e Museus, vinculado ao curso de Museologia. A iniciativa tem como principal objetivo a preservação e valorização do patrimônio cultural e científico da universidade, por meio da ampliação de diagnósticos para mapeamento das especificidades de cada coleção, direcionado ao aperfeiçoamentos na gestão do patrimônio universitário. Os bastidores das ações, compartilhados no *site* da Rede²³⁰, demonstram um campo potente de experimentação, aprendizado e inovação para discentes no contato com museus e coleções universitárias da UFPA, dentre as quais: Coleção Amazoniana, Museu de Anatomia, Museu de Educação, Herbário H.F. Nomelia Vasconcelos do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), e Instituto de Ciências da Arte (ICA). A aproximação com os responsáveis pelas coleções é feita por meio de entrevistas e visitas aos espaços²³¹.

Dentro desse programa, foi idealizado o *podcast* ‘Acervos em rede: tesouros universitários da Amazônia’²³². A iniciativa envolve entrevistas com especialistas e curadores, conduzidas por discentes, buscando revelar a diversidade cultural e as descobertas científicas presentes nos acervos da UFPA, além de provocar reflexões sobre o papel das instituições acadêmicas na preservação do patrimônio cultural universitário²³³.

O projeto, desenvolvido em parceria com o Núcleo de Produção Multimídia da Faculdade de Artes Visuais, tem como principais objetivos a divulgação científica e valorização do patrimônio cultural e científico da Região Amazônica, conectando a pesquisa acadêmica com a comunidade. Além disso, o projeto contribui para enriquecer a formação de estudantes e

²²⁸ Ver mais em: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni>. Acesso em 11 dez. 2023.

²²⁹ Sob responsabilidade de Helena Cunha de Uzeda.

²³⁰ Endereço eletrônico: https://rededecolecoes.ufpa.br/?page_id=169. Acesso em 10 jan. 2025.

²³¹ Fonte: https://rededecolecoes.ufpa.br/?page_id=622. Acesso em 12 dez. 2023.

²³² Projeto lançado no dia 18 de dezembro de 2023, como parte das comemorações do Dia do Museólogo. *Podcast* disponível em: <https://anchor.fm/acervosemredeufpa>. Acesso em 12 dez. 2023.

²³³ Informação recebida pela rede de e-mail da RBCMU, em 18 de dezembro de 2023.

profissionais, aproximando a prática museológica da academia e despertando o interesse pela cultura regional, ao mesmo tempo em que amplia a conscientização sobre a importância das coleções e dos acervos e incentiva o diálogo interdisciplinar (Lima & Coelho, 2024, p. 29).

Entre os avanços alcançados, destacam-se o desenvolvimento desse *podcast* e do *site*, a realização de projetos em parceria com diversas coleções da UFPA e a criação de uma identidade visual para fortalecer a imagem da Rede. No entanto, ela enfrenta desafios, como a dependência da coordenação e do voluntariado de estudantes, falta de orçamento para expandir suas iniciativas e a necessidade de maior apoio institucional para garantir sua sustentabilidade a longo prazo. Apesar desses desafios, a Rede de Museus e Coleções da UFPA continua sendo uma iniciativa importante para a preservação e valorização do patrimônio e a formação de profissionais qualificados (Lima & Coelho, 2024).

No contexto de universidades federais que não oferecem curso de Museologia, além das iniciativas mapeadas na UFRN, UFV, UFU, UFRJ e UFPB, cabe pontuar a existência da Divisão de Museus da Universidade Federal de Santa Maria, vinculada à Coordenadoria de Cultura e Arte da Pró-Reitoria de Extensão (PRE). Estabelecida pela Resolução nº 16/2020²³⁴, essa divisão é atualmente composta por 11 espaços²³⁵. Mais recentemente, a Resolução nº 151/2024²³⁶ aprovou a Política Museal da universidade, estabelecendo diretrizes para a atuação desses espaços, incluindo a criação de um Conselho Consultivo para uma Rede de Museus da UFSM.

No quadro 2, procuramos resumir as principais potencialidades e os desafios enfrentados por esses desenhos institucionais, estruturados no contexto de universidades federais do país, cenário mapeado a partir das discussões que acompanhamos no VI e VII FPMU e de nossa vivência com o SIMU da UFU:

²³⁴ Resolução disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/download.html?action=arquivosIndexados&id=13098240&download=false>. Acesso em 10 jan. 2025.

²³⁵ Fonte: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/cca/divisao-de-museus-ufsm>. Acesso em 10 jan. 2025.

²³⁶ Fonte: <https://portal.ufsm.br/documentos/download.html?action=arquivosIndexados&id=15046010&download=false>. Acesso em 10 jan. 2025.

Quadro 2 – Principais oportunidades e desafios das redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais

Oportunidades ▲	Principais desafios ▼
➤ Ampliação da visibilidade política dos museus, acervos, e espaços dentro da universidade. ➤ Fortalecimento de uma perspectiva alargada da atuação museológica, consonante com as atividades de ensino, pesquisa e extensão²³⁷. ➤ Facilitação de trocas e de aprendizado entre as equipes de docentes, discentes, pesquisadores e servidores. ➤ Concepção de soluções comuns para problemas enfrentados. ➤ Construção de novas relações entre os equipamentos culturais e a estrutura universitária.	➤ Preservar identidades individuais e autonomia dos espaços e, ao mesmo tempo, constituir-se em instância reconhecida, respaldada por uma visão compartilhada do propósito do grupo. ➤ Manter a continuidade das atividades diante do cenário limitado de estrutura física, orçamento e equipe (ausência/carência de museólogos, conservadores). ➤ Quadro de pessoal geralmente muito dependente de bolsistas para a execução de projetos e alta rotatividade de colaboradores. ➤ Mobilizar responsáveis por espaços, acervos e coleções para integrar e participar da rede.

Fonte: Elaboração da autora.

Embora não seja alvo direto de nosso estudo, no contexto das universidades públicas estaduais temos conhecimento da Rede de Museus (REMUS) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)²³⁸, iniciada informalmente em 2011. A Rede é formada por quatro museus – Museu Antares de Ciência e Tecnologia, Museu Casa do Sertão, Museu Regional de Arte e Museu de Zoologia –, com o objetivo de articular projetos, propostas e ações educativas e expositivas interligando as unidades museais. A versão do organograma da UEFS de 2023 mostra que a rede está institucionalizada como órgão complementar diretamente vinculado à Reitoria e Vice-Reitoria²³⁹, entretanto não conseguimos localizar resolução de criação e o Regimento Interno da rede.

No Instagram da rede notamos a realização do concurso ‘Zoordel’, como ação recorrente desde 2021, organizada em parceria pelos Museus de Zoologia, Casa do Sertão e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, com apoio institucional da Pró-Reitoria de Extensão, e da UEFS Editora. Também observamos a realização de mesas-redondas e a divulgação de uma ação expositiva virtual.

No âmbito da reunião temática ‘Redes universitárias: dos triunfos aos tropeços – Uma aventura museal!’ ocorrida no VII FPMU, a representante da rede pontuou como principais

²³⁷ Mais presente no contexto das universidades federais que oferecem cursos de Graduação e/ou Pós-Graduação em Museologia.

²³⁸ Mídia social da rede: <https://www.instagram.com/remus.uefs/>. Acesso em 12 dez. 2023.

²³⁹ Informação verificada no organograma da UEFS, disponível em: https://www.uefs.br/arquivos/File/ASPLAN/organograma_uefs_2023.pdf. Acesso em 12 dez. 2023.

desafios: entrar no plano diretor da universidade, dar visibilidade às necessidades individualizadas de cada espaço e formar equipes de museus com museólogos.

Nessa mesma reunião, o coordenador da RBCMU²⁴⁰ pontuou a experiência descontinuada da USP com o projeto Museu de Ciências, atualmente em reformulação²⁴¹. Não obstante, devemos lembrar da atuação articulada pelo Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá (CPC-USP), órgão criado em 2002 vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), responsável pela formulação de políticas de gestão do patrimônio universitário da USP²⁴².

Cabe ainda mencionar a existência da Rede de Museus, Centros de Memória, Documentação e Acervos Universitários do Estado do Paraná (Remup)²⁴³, instituída em 2021 pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti) como desdobramento de aproximação estratégica entre a referida secretaria e as universidades estaduais do Paraná.

De maneira geral, observa-se que esses movimentos de articulações em rede surgem da necessidade de compartilhar experiências e recursos, constituindo-se em estratégia para o alcance de maior “envergadura, consistência e eficácia” em projetos e ações, conferindo “valores e ressonância das ações em rede” (Silveira & Julião, 2021, p. 41). A Comissão Técnica da ANDIFES, como abordado na seção seguinte, recomenda o fomento à estruturação dessas articulações nos microcosmos das universidades.

Nas próximas seções, aprofundamos o cenário limitado de trabalho das equipes de museus e coleções universitárias, escancarado pelo incêndio no Museu Nacional da UFRJ, em setembro de 2018. Além disso, trazemos, ao final deste capítulo, algumas propostas baseadas nas discussões acompanhadas no VI e VII FPMU.

²⁴⁰ Mauricio Candido da Silva, coordenador da Rede e do Museu de Anatomia Veterinária da USP (MAV FMVZ USP) e do Museu Histórico da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP (MH FMVZ USP). No *site* do MAV FMVZ USP, encontramos uma relação dos museus e coleções universitárias da universidade paulista. Disponível em: <https://mav.fmvz.usp.br/nucleos-museologicos-da-usp/>. Acesso em 12 dez. 2023.

²⁴¹ Ver mais em: <https://prceu.usp.br/centro/museu-de-ciencias/>. Acesso em 12 dez. 2023.

²⁴² Ver mais em: <https://prceu.usp.br/centro/centro-de-preservacao-cultural/>. Acesso em 12 dez. 2023.

²⁴³ Ver mais em: <https://www.seti.pr.gov.br/Noticia/Universidades-estaduais-do-Parana-participam-da-20a-Semana-Nacional-de-Museus>. Acesso em 12 dez. 2023.

1.4 Os desafios do setor em pauta na agenda política do país

“Para permanecerem relevantes para a universidade, as coleções precisam contribuir significativamente para o ensino e a pesquisa; para serem relevantes para a sociedade em geral, precisam fornecer cada vez mais acesso público às coleções, elevar seus padrões profissionais e prestar serviço público de forma mais ampla. E [...] como isso pode ser alcançado quando os recursos estão diminuindo e não são suficientes para a estabilidade, a reflexão, a investigação e a colaboração? Encontrar a chave para esse dilema requer esforços colaborativos entre universidades, governos e o setor museológico.” (Lourenço, 2005, p. 121, tradução nossa)

O trecho acima, citado por Lourenço (2005), denuncia o cenário alarmante enfrentado por museus e coleções universitárias na Europa. Apesar de ter sido escrito há quase duas décadas²⁴⁴, essa reflexão permanece atual e aplica-se diretamente ao contexto brasileiro. O incêndio de grandes proporções que atingiu o Museu Nacional da UFRJ, em 2018, evidenciou a precariedade e os desafios enfrentados por esses espaços no Brasil, conforme exploramos ao longo desta tese.

Desde então, a já delicada situação do patrimônio museológico sob guarda das universidades públicas brasileiras tem se agravado diante de sucessivas retrações orçamentárias para a Educação, da descontinuidade do Ministério da Cultura (MinC) por 4 anos²⁴⁵, e da crise sanitária de Covid-19, entre outros fatores críticos. Os desafios tornaram-se ainda mais evidentes com novos episódios trágicos: em 2021, um incêndio atingiu a reserva técnica do Museu de História Natural e Jardim Botânico²⁴⁶ (MHNJB) da UFMG, enquanto, em 2022, outro sinistro destruiu coleções de ensino e pesquisa do Instituto de Biociências²⁴⁷ da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) em Rio Claro, interior de São Paulo.

²⁴⁴ Em sua tese de Doutorado, Lourenço pesquisou 236 museus e coleções universitárias em dez países na Europa. O resultado desse mapeamento alertou para um cenário crítico do setor compreendido por: aumento crescente da alienação das atividades de ensino e de pesquisa; perda de uso (associada à perda de relevância científica); introdução de recursos tecnológicos (que impacta a redução de confecção de maquetes e moldes que constituem coleções de ensino); negligência e baixa consideração, inclusive por colegas docentes; equipes reduzidas; falta de plano de carreira; falta de espaço em reserva técnica (especialmente no caso das coleções de História Natural); falta de recursos materiais e de investimentos; problemas severos de conservação dos objetos e das instalações; ausência de planejamento estratégico, entre outros. Lourenço também avaliou que essa conjuntura levava à dispersão e ao descarte de coleções, bem como ao fechamento de espaços museológicos e de departamentos acadêmicos, reverberando negativamente na formação de futuros profissionais (como geólogos, botânicos, zoologistas, anatomistas e paleontologistas). A autora ainda pontuou que esse cenário estaria mais associado a uma dupla crise de identidade e de recursos das universidades europeias, do que propriamente às coleções (Lourenço, 2005, pp. 123-144).

²⁴⁵ O MinC foi oficialmente extinto em 1º de janeiro de 2019, por reforma administrativa do governo recém-empossado do então presidente Jair Messias Bolsonaro, tendo sido reativado em 2023, no governo atual do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

²⁴⁶ Ver mais detalhes em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/um-ano-depois-mhnjb-planeja-exposicao-e-reconstrucao-de-espaco-atingido-por-incendio> e https://www.youtube.com/watch?v=ajMhjXsQv_U. Acessos em 5 dez. 2023.

²⁴⁷ Ver mais detalhes em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/incendio-destroi-laboratorios-do-instituto-de-biociencias-da-unesp-em-rio-claro/>. Acesso em 5 dez. 2023.

O alerta vermelho, propagado pela tragédia do Museu Nacional da UFRJ, levou o Tribunal de Contas da União (TCU) a realizar um diagnóstico preliminar sobre a situação dos museus federais. O objetivo era avaliar as condições de segurança dos acervos, mapear os principais riscos e identificar possibilidades de melhorias na gestão patrimonial e financeira desses espaços públicos. O relatório revelou dados preocupantes: 81% dos museus pesquisados não possuíam brigada de incêndio contratada, e apenas 3,8% contavam com brigada própria; 74,8% não tinham o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCB) ou equivalente; 53,8% não apresentavam Plano Museológico; e 12,2% estavam expostos a riscos graves, devido à precariedade de sua estrutura de segurança²⁴⁸.

Esse panorama crítico foi consolidado no Acórdão 1243/2019–TCU–Plenário, que determinou a adoção de medidas por diversos órgãos do Poder Executivo Federal, com destaque para o IBRAM, órgão responsável pela implementação de políticas públicas para o setor museológico²⁴⁹; e o MEC, órgão ao qual os museus universitários estão vinculados. Entre as recomendações, o item 9.3.1 destacou a criação de um grupo de trabalho pelo IBRAM, com representantes de ministérios que possuem museus em suas estruturas, para realizar diagnósticos das necessidades básicas de segurança predial e preventiva dos acervos (Tribunal de Contas da União [TCU], 2019).

A deliberação resultou no estabelecimento do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) sobre museus federais, coordenado pela Casa Civil da Presidência da República, além de dois Grupos Técnicos (GT1 e GT2), coordenados respectivamente pelo MEC e pelo IBRAM²⁵⁰, tendo por objetivo garantir uma atenção mais individualizada ao conjunto de museus federais vinculados a universidades²⁵¹.

²⁴⁸ Dados disponíveis no Acórdão 1243/2019–TCU–Plenário Fonte: <https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/documento/acordao-completo/1.243%252F2019/%2520DTRELEVANCIA%2520desc%252C%2520NUMACORDAOINT%2520desc/2>. Acesso em 5 dez. 2023.

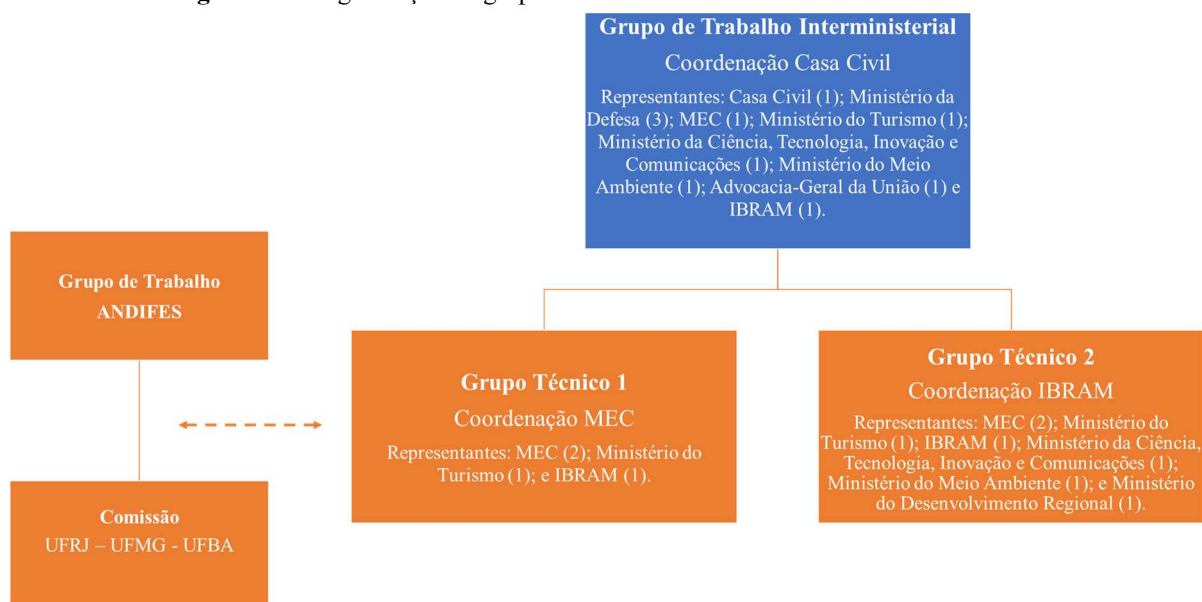
²⁴⁹ Conforme disposto nas Leis nº 11.904/09 (Estatuto dos Museus) e nº 11.906/09, e regulamentado pelo Decreto nº 8.124/13.

²⁵⁰ O estabelecimento desses grupos de trabalho ocorreu mediante a emissão do Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019, no âmbito do MEC. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=16/12/2019&jornal=515&pagina=81&totalArquivos=511>. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁵¹ Segundo dados extraídos da plataforma *Museusbr* em 9 de junho de 2020, esse conjunto representava 50% dos museus federais. Dentre o total de 3.862 instituições museológicas existentes no país, 464 foram identificadas como museus federais. Nesse universo, 420 estariam sob tutela do Poder Executivo, 2 do Poder Legislativo e 42 do Poder Judiciário. Em relação aos vínculos ministeriais, as seguintes pastas possuíam museus: Agricultura Pecuária e Abastecimento (1); Casa Civil da Presidência da República (2); Cidadania (41); Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (11); Educação (199); Defesa (63); Economia (19); Infraestrutura (2); Meio Ambiente (63); Minas e Energia (5); Relações Exteriores (1) e Saúde (4). Fonte: Relatório Final do GTI sobre Museus Federais (IBRAM, 2021a).

Cabe ressaltar dois aspectos dessas iniciativas: a supervisão técnica do IBRAM em todas as frentes de trabalho, e o envolvimento direto de representantes das universidades e institutos federais. Nesse contexto, a ANDIFES²⁵² designou um grupo de trabalho permanente para tratar de questões relacionadas aos museus universitários e formou uma comissão composta por docentes da UFRJ, UFMG e UFBA²⁵³. A figura 14 ilustra a estrutura dos grupos de trabalho e técnicos estabelecidos.

Figura 14 – Organização de grupos de trabalho e técnicos sobre museus federais



Fonte: Elaboração da autora a partir do Relatório Final do GTI sobre Museus Federais (IBRAM, 2021a).

Visto que o Cadastro Nacional de Museus (CNM) não disponibiliza informações sobre a segurança patrimonial das instituições (edifícios e acervos), os primeiros esforços do GTI voltaram-se para a realização de diagnóstico aprofundado para levantamento de novos dados. Nesse caminho, um formulário foi elaborado pelo MEC, em parceria com o IBRAM. A pesquisa apresentou questões distribuídas em cinco blocos temáticos – Instrumentos de gestão; Condições de funcionamento e segurança dos museus; Avaliação de riscos; Acervo; e Financiamento e fomento –, tendo sido aplicada em instituições vinculadas ao MEC e aos

²⁵² Instância criada em maio de 1989 como representante oficial das universidades federais na interlocução com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário; com as associações de técnico-administrativos, docentes, discentes; e com a sociedade civil. Cabe destacar a existência de uma comissão temática dedicada à Memória, Museus e Patrimônios Culturais, Artísticos e Científicos das universidades. Ver mais em: <https://www.andifes.org.br/comissoes/comissao-memoria-museus-e-patrimonios-culturais-artisticos-e-cientificos/>. Acesso em 9 nov. 2024.

²⁵³ Comissão constituída pela Profa. Cláudia Rodrigues Carvalho (UFRJ), Profa. Letícia Julião (UFMG), Prof. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (UFBA) e por bolsistas da UFMG e UFRJ para realização de análise de pesquisa desenvolvida no contexto do GT1.

demais Ministérios, nesse caso Turismo, Defesa, Meio Ambiente, e Ciência, Tecnologia e Inovação (IBRAM, 2021a).

A seguir comentamos alguns dos resultados obtidos a partir de respostas de 166 museus federais vinculados ao MEC ao formulário enviado²⁵⁴, e de artigo recente elaborado pela comissão da ANDIFES²⁵⁵.

Caracterização das instituições

Antes de tudo, é preciso esclarecer que os 166 espaços e instituições analisados são vistos como “lugares de salvaguarda do patrimônio cultural e científico universitário que desenvolvem alguma função da cadeia operatória museológica”²⁵⁶. A maior parte dessas instituições está na Região Sudeste (75), seguida pela Região Nordeste (40), Sul (35), Centro-Oeste (11) e Norte (5), tendência refletida na nossa análise, a partir de dados extraídos da RBCMU. Esse universo é caracterizado pela multiplicidade de iniciativas museais, por sua vez condicionada pela diversidade de campos de conhecimento científico, vinculações administrativas, processos de constituição e de desenvolvimento, tipologias, e formas de atuação (Carvalho, Julião & Cunha, 2023, pp. 411-412).

Boa parte dos 166 espaços (77,4%) possui algum tipo de documento formal de criação, contudo apenas 67% ganham visibilidade no organograma institucional das universidades. Essa diferença reflete um descompasso no grau de institucionalização: enquanto os museus formalmente reconhecidos pela “estrutura administrativa central” possuem um “grau de institucionalização maior”, aqueles criados no âmbito de laboratórios, departamentos ou outros setores acadêmicos percorrem um caminho mais longo até alcançarem reconhecimento. Esse processo depende, em grande parte, da capacidade desses espaços de estruturar suas ações e corpo técnico especializado para gerir seus acervos (Carvalho et al., 2023, p. 413).

Em respeito à função e ao propósito principal da instituição, predominou sua associação a um espaço de memória, história e cultura voltado ao público em geral. Entretanto, a comissão

²⁵⁴ Os dados foram recolhidos entre setembro e outubro de 2020, e a análise crítica realizada em novembro e dezembro do mesmo ano, com a contribuição de bolsistas e uma técnica em assuntos educacionais (Carvalho et al., 2023, p. 410). Para uma visão mais compreensiva dos dados apurados pelo diagnóstico, ver ‘Anexo II – Relatório Diagnóstico dos Museus Federais’, disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1isw7OLXbiCt-hho19QG7_WBAPhEuCGqi. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁵⁵ O ‘Relatório de Análise dos dados coletados pelo MEC/IBRAM junto aos museus das IFES e aos Institutos’ pode ser consultado na íntegra no ‘Anexo IX – Plano de Ação GTI MEC Museus Federais’ disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1isw7OLXbiCt-hho19QG7_WBAPhEuCGqi. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁵⁶ Para efeitos da análise, esse universo foi subdividido em 3 grupos, sendo: grupo 1, reunindo a totalidade dos 166 respondentes; grupo 2, representando 107 espaços que se caracterizaram como museu tradicional, acrescidos de 34 instituições que se associaram ao termo museu; e grupo 3, que aglutina as 73 instituições que se autodefiniram como museu tradicional (Carvalho et al., 2023, pp. 411-412).

fez a ressalva de que nem todos os espaços conseguem ter uma política de público universal, pois existem coleções com acesso restrito à comunidade acadêmica e museus que, por estarem sediados dentro de um campus, possuem horário reduzido de visitação. Em relação ao corpo técnico, 85% (141) dos espaços avaliaram que seu quadro funcional é insuficiente para a manutenção operacional do museu (Carvalho et al., 2023, pp. 414-416).

Instrumentos de gestão

Os dados apontaram que 52,4% (87) das instituições possuem Regimento Interno. Contudo, a comissão destacou que, por ser esse um instrumento amplamente utilizado em unidades, institutos e colegiados acadêmicos, é possível que os espaços analisados estejam subordinados às normativas das estruturas universitárias às quais estão vinculadas. Assim sendo, reforçou-se a importância da elaboração de diretrizes específicas que atendam às funções museológicas de forma mais adequada.

Quanto ao Plano Museológico, 78% (129) dos espaços não elaboraram o documento. A indisponibilidade de pessoal qualificado e de recursos financeiros são fatores preponderantes na explicação dessa ausência. Cabe ainda lembrar que alguns programas, como o de acessibilidade universal, requerem a colaboração de consultorias especializadas, cuja contratação depende de aporte extra de recursos. Mais além, muitos espaços compartilham edifícios com outras unidades e departamentos acadêmicos, implicando no envolvimento dos mesmos na elaboração de programas específicos – como Arquitetônico e Urbanístico, Segurança e Socioambiental –, bem como de divisões que respondam por serviços de segurança e manutenção predial das prefeituras universitárias. Encontramos essa situação nos museus do SIMU, especialmente no caso do MUMRO que funciona no primeiro andar de um edifício sem elevador, localizado no campus universitário.

Por outro lado, a comissão assinalou que a inexistência de Plano Museológico não significa ausência de planejamento, mas sim uma possível dificuldade em estruturar o processo de planejamento nos moldes explicitados na legislação vigente. E conclui sugerindo a revisão de parâmetros e normativas relativos ao Plano Museológico, de modo a ajustá-lo às particularidades dos espaços universitários (Carvalho et al., 2023, pp. 416-417).

Ao consultar a plataforma *Museusbr*²⁵⁷, identificamos 234 espaços vinculados a universidades federais, quantidade significativamente inferior aos 378 museus e coleções universitárias extraídos da RBCMU²⁵⁸. Dentre esse conjunto muito diversificado – que inclui museus em sua grande maioria, além de centros de cultura e de memória, fortalezas, acervos e coleções, galerias de arte, herbários, laboratórios, núcleos de memória, observatórios, parques de ciência, planetários, entre outros – localizamos 47 (20%) que possuem Plano Museológico, dentre os quais 43 (91,5%) são museus.

Condições de funcionamento e segurança

A análise de condições de funcionamento e segurança de museus e espaços responsáveis pela tutela de patrimônio universitário perpassa, assim como a questão de acessibilidade, o entendimento de que a gestão operacional – que abrange estruturas físicas, recursos humanos e materiais – acontece no âmbito de uma estrutura universitária muito maior e complexa. Por esse motivo, frequentemente está distante das necessidades específicas do “cotidiano museológico” desses espaços ou até mesmo insensível a elas. Nesse contexto, a comissão sublinhou a necessidade do “estabelecimento de estratégias e políticas que considerem esses espaços de forma diferenciada e competente” e de uma atuação integrada entre os espaços e as instâncias administrativas das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) (Carvalho et al., 2023, p. 418).

Os dados obtidos apontaram que 87% (145) dos 166 respondentes não dispõem de Programa de Segurança, 79% (131) não possuem Plano de Prevenção e Proteção contra Incêndios (PPCI), 87% (144) não dispõem de brigada de incêndio, e 95% (157) não possuem AVCB, ou documento equivalente. Os motivos para tal cenário estão associados a restrições orçamentárias e de recursos humanos. Nesse quadro crítico, a comissão sugere uma aproximação entre as IFES e os Corpos de Bombeiros para um enfrentamento conjunto dos desafios emergentes. Cabe ainda pontuar que a maioria dos espaços (40% ou 67 dos respondentes) ocupa edifícios antigos – não projetados ou adaptados para serem museus –, ocasionando manutenções especializadas e mais onerosas. No caso de prédios tombados, há ainda que se considerar exigências específicas para “intervenções expográficas” e que tais complexos arquitetônicos de “valor histórico e/ou cultural devem ser levados em consideração em políticas e ações para os museus universitários” (Carvalho et al., 2023, pp. 418-421).

²⁵⁷ Diante da impossibilidade de extração de dados da plataforma *Museusbr*, em 20 de fevereiro de 2024 nós contatamos o CNM por e-mail e recebemos uma planilha. Seguindo as orientações do órgão para aplicação de filtros, chegamos ao índice de 234 espaços vinculados a universidades federais e conseguimos identificar aqueles que indicavam ter Plano Museológico.

²⁵⁸ Ao confrontarmos os dados do CNM e da RBCMU, notamos a convergência de 37 registros.

Avaliação de riscos

Os principais agentes de riscos²⁵⁹ apontados pelos 166 espaços são aqueles provocados por pragas, instabilidade de umidade relativa do ar e água, todos muito comuns na gestão de acervos localizados em países de clima tropical e que se agravam diante dos desastres climáticos, como observado nas enchentes e alagamentos provocados por chuvas no Rio Grande do Sul, em abril e maio de 2024²⁶⁰. Os dados apontam que a maioria dos espaços possui equipamentos ou instalações de segurança (como extintores, câmeras, para-raios, alarme, mangueira e hidrante) e sistemas de vigilância, predominantemente humana, compartilhados com a estrutura universitária.

As informações coletadas também indicaram que a maioria das instituições (69% ou 114 dos respondentes) possui reserva técnica dispondo de equipamentos básicos de segurança, como extintores, alarmes e câmeras. No entanto, apenas 22 espaços realizam algum tipo de capacitação em segurança de museus para suas equipes. Diante desse cenário, a comissão recomendou a realização de um diagnóstico aprofundado nos espaços que abrigam acervos, incluindo galerias expositivas e reservas técnicas, com o objetivo de mapear necessidades de adequações. Esses levantamentos devem subsidiar o direcionamento prioritário de investimentos e a elaboração de políticas públicas (Carvalho et al., 2023, pp. 421-423).

Além disso, a comissão ressaltou a importância de organizar treinamentos gerais para equipes multidisciplinares, a fim de alinhar procedimentos em situações de emergência. E também destacou a necessidade de implementar políticas que promovam práticas preventivas e de conservação nesses espaços²⁶¹.

Acervos

Conforme já exploramos anteriormente, o patrimônio museológico universitário compreende uma pluralidade de bens materiais e imateriais que documentam a trajetória das ciências no país, em diversos campos do conhecimento. Isso implica o desenvolvimento de

²⁵⁹ Quais sejam: forças físicas; furto/roubo; fogo; água; pragas; poluentes; luz e radiação; temperatura; umidade relativa do ar; e dissociação (IBRAM, 2021c).

²⁶⁰ O acervo arquivístico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob a guarda do Departamento de Arquivo Geral, foi afetado pelas inundações, levando ao início imediato de uma operação de resgate. Fonte: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/400/2024/07/Operacao-Recupera-Acervo-UFSM.pdf>. Acesso em 9 jan. 2025.

²⁶¹ Essa sugestão pode ser observada na versão integral do relatório elaborado pela comissão formada pela ANDIFES (Carvalho, Cunha & Julião, 2020, p. 52).

políticas de gestão de acervo que abarquem as especificidades técnicas e jurídicas²⁶², intrínsecas aos procedimentos de aquisição, descarte, documentação, conservação, acondicionamento e exibição para cada coleção. Além dos acervos já musealizados, a comissão enfatizou a importância do olhar seletivo e cuidadoso para aqueles bens com potencial documental, mas que ainda estejam em uso, ou esquecidos em algum depósito, conforme apontado pelo projeto do MAST, comentado na segunda seção deste capítulo.

Os dados da pesquisa apontaram que a maior parte dos 166 espaços (80% ou 133 respondentes) possuem entre 101 e 100 mil itens em seus acervos, com a ressalva de que a diversidade de tipologias de coleções pode impactar formas diferenciadas de contabilização e documentação (78% ou 129 respondentes), por meio de listagem digital. A carência de corpo técnico qualificado é o principal motivo apontado para o caso de acervos não documentados. A comissão ponderou que seria muito importante o aprofundamento de diagnósticos por tipologia patrimonial, considerando ainda o fator taxa de crescimento: enquanto coleções de Arqueologia, Biologia, Zoologia e Geologia tendem a crescer de forma contínua, a partir de coletas de campo, coleções que crescem mais esporadicamente podem estar mais vulneráveis à dissociação ou à perda de informações (Carvalho et al., 2023, pp. 423-426).

Financiamento e fomento

A pesquisa indicou que mais da metade dos espaços (84 respondentes) possui um instrumento de planejamento anual de atividades. Entretanto, 146 espaços (88%) não possuem rubrica específica no planejamento orçamentário das IFES; 148 espaços (89%) estão vinculados às IFES que não possuem Plano Interno (PI) específico para o museu; 140 espaços (84%) não possuem orçamento para manutenção predial; 149 espaços (90%) não possuem recursos diretamente arrecadados²⁶³ e outros 137 espaços estão sob tutela de IFES que não possuem Unidade Gestora Responsável (UGR) direcionada ao museu. Esses dados marcam um quadro de autonomia administrativa muito reduzida e deficiente. Para driblar esse cenário, 91 espaços (55%) adotam outras estratégias de captação de recursos, sendo a apresentação de projetos em editais a alternativa mais usualmente adotada, seguida pelas doações.

²⁶² Sobre esse assunto pesa, por exemplo, o tratamento diferenciado associado a cada campo do conhecimento científico. No campo da Arqueologia, coletas de campo exigem licenciamento ambiental e autorização do IPHAN para saída temporária de bens culturais do país. No campo da Medicina, envolve lidar com questões legais e éticas associadas a coleções de remanescentes humanos (Closs, Veras & Lima, 2023).

²⁶³ A arrecadação direta, quando viável, dá-se principalmente pela venda de ingressos.

Dentre os principais enfrentamentos, a insuficiência financeira aparece portanto em primeiro lugar, ao lado da escassez de equipe da área finalística, e seguida por problemas de infraestrutura física; carência de equipe administrativa; insuficiência de pessoal de manutenção; e problemas de gestão. A partir do diagnóstico, a Comissão Técnica da ANDIFES destacou alguns pontos fortes e frágeis, e apresentou algumas recomendações que procuramos resumir no quadro 3, apresentado a seguir.

Quadro 3 – Resumo do diagnóstico e recomendações da Comissão Técnica da ANDIFES

Potencialidades ▲	Fragilidades ▼
➤ Multiplicidade de iniciativas. ➤ Diversidade de patrimônio museológico. ➤ Espaços abertos ao público em geral, integrados à dinâmica acadêmica das atividades de ensino, pesquisa e extensão. ➤ Boa parte dos espaços estão inseridos em processos de institucionalização. ➤ Parcerias em financiamento, cooperação técnica e científica.	➤ Iniciativas distantes da gestão central das universidades, impactando a invisibilidade no organograma das IFES. ➤ Corpo técnico insuficiente. ➤ Existência limitada de ferramentas de planejamento e gestão. ➤ Gestão de riscos e segurança dependente de outras instâncias da universidade. ➤ Carência de orçamento específico.
Recomendações ➤ Construir uma política sensível às particularidades do setor museal universitário. ➤ Estabelecer normativas e planos de ação ajustados à pluralidade de iniciativas. ➤ Definir processos de institucionalização e de registro de museus e espaços que salvaguardam a “memória, a ciência e o patrimônio cultural universitário”. ➤ Analisar, junto ao MEC e IBRAM, possibilidades de compatibilização dos instrumentos de planejamento à realidade do setor museal universitário. ➤ Ampliar e aprofundar diagnósticos, principalmente acerca dos acervos, das condições de reservas técnicas e das necessidades de adequações para mitigar riscos²⁶⁴. ➤ Estudar a constituição de linhas orçamentárias específicas para esses espaços. ➤ Investir na formação das equipes atuais e incrementar o corpo técnico a curto e médio prazo. ➤ Disponibilizar treinamentos em segurança e conservação preventiva, Plano Museológico, documentação, gestão. ➤ Fomentar a estruturação de redes ou sistemas de museus e espaços que estruturam a governança da dimensão museal nos microcosmos das universidades.	

Fonte: Elaboração da autora a partir de Carvalho, Julião & Cunha, 2023.

O trabalho da Comissão Técnica da ANDIFES subsidiou a elaboração de um Plano de Ação pelo MEC direcionado ao grupo de 107 museus federais vinculados às IFES, que se caracterizaram direta ou indiretamente como museus, enquanto parâmetro mínimo de similaridade necessário ao planejamento comum²⁶⁵ (ver quadro 4).

²⁶⁴ No VII FPMU, soubemos de um projeto em desenvolvimento pela UFPE, em parceria com a UFMG e o MAST, que visa a criar ferramentas de autodiagnóstico para avaliar, priorizar e padronizar as demandas das instituições, em apoio a decisões e implementação de políticas de conservação patrimonial. O projeto, com duração de 2 anos e recursos do CNPq, foi apresentado por Bruno Melo de Araújo (UFPE), em colaboração com Emanuela Ribeiro (UFPE) e Vivianne Valença (UERJ).

²⁶⁵ Ao mesmo tempo, a comissão recomendou que todos os espaços associados ao patrimônio histórico, científico e cultural vinculados ao tripé do ensino, pesquisa e extensão, sejam monitorados, levando em conta suas especificidades, a ser tratadas futuramente, diante da ampliação e aprofundamento de diagnósticos (Ministério da Educação [MEC], 2021, p. 4).

Quadro 4 – Resumo Plano de Ação proposto pelo MEC

META	PRAZO	OBSERVAÇÕES
1. Criação de Comissão Permanente sobre museus federais no âmbito do MEC.	até 7/2021	Comissão Técnica Permanente e Multidisciplinar ²⁶⁶ responsável por “deliberar e conduzir as atividades, metas e cronogramas” relativos aos museus sob tutela das IFES.
2. Criação de cadastro de museus das IFES junto ao MEC.	até 11/ 2021	Ação fundamental para aprimorar o reconhecimento dos museus federais vinculados ao MEC, sem prejuízo do cadastro realizado pelo IBRAM.
3. Definição de mecanismos de institucionalização dos museus federais junto a suas entidades mantenedoras no âmbito do MEC.	até 1/2022	Museus com atos formais de criação ganham visibilidade no organograma das IFES, abrindo caminho para aporte de recursos humanos e financeiros para seu “funcionamento, manutenção e preservação”. Ao mesmo tempo, o Regimento Interno é um documento importante que formaliza diretrizes e responsabilidades na gestão patrimonial.
4. Mecanismos de orientação e apoio para a elaboração e atualização dos Planos Museológicos dos museus federais.	até 3/2022	Plano Museológico visto como ferramenta estratégica para gestão da segurança e conservação preventiva (reservas técnicas, por exemplo, precisam de monitoramento contínuo).
5. Estudos e análise de viabilidade acerca da alocação orçamentária específica aos museus federais.	até 1/2022	Museus sem autonomia orçamentária. Fundos patrimoniais podem ser um caminho, intermediados por Associações de Amigos dos Museus. Importância da diversificação de fontes de recursos. Plano de ação sugere que despesas de museus federais sejam executadas por Unidades Gestoras Responsáveis (UGR) ou Plano Interno (PI), gestão que poderia ser acompanhada pela Comissão Permanente proposta na meta 1.
6. Estudos sobre o quadro de pessoal nos museus federais no âmbito do MEC.	até 1/2022	Museus se ancoram substancialmente em equipes variáveis. Necessidade imediata de recomposição e ampliação de corpos técnicos de caráter permanente. Sugestão de análise qualitativa e quantitativa para amparar discussão sobre a criação de cargos efetivos e funções gratificadas.
7. Estímulo, apoio e elaboração de diretrizes para estabelecimento de cooperação entre museus federais e agentes de segurança pública.	até 3/2022	Integração vista como essencial para mitigar riscos aos quais os museus federais estão vulneráveis.

Fonte: Elaboração da autora a partir do Plano de Ação do GTI – Museus Federais (MEC, 2021).

A partir do reconhecimento do setor, propiciado pelo diagnóstico e discussões ao longo dos trabalhos, foi proposto um outro Plano de Ação, esse voltado para a totalidade dos museus federais, desenvolvido em conjunto pelo GTI e por grupos técnicos (GT1 e GT2). Esse planejamento contemplou metas estratégicas organizadas a partir dos eixos temáticos da pesquisa empreendida, e indicando responsáveis²⁶⁷ e prazos²⁶⁸, tendo sido apresentado pelo IBRAM, representante dos grupos técnicos, e cancelado pelo GTI – Museus Federais, em 29

²⁶⁶ Prevê a participação de representantes do MEC, das IFES, e de entidades como o IBRAM, e a constituição de grupos técnicos de apoio.

²⁶⁷ Responsáveis envolvidos: Ministérios do Executivo Federal e IBRAM, que assume as metas relacionadas ao Eixo IV – Acervo.

²⁶⁸ Prazos estipulados entre 6 meses e 5 anos da aprovação das metas.

de janeiro de 2021 (IBRAM, 2021a). No quadro 5 apresentamos um resumo das metas estabelecidas, por eixo temático.

Quadro 5 – Metas estratégicas do Plano de Ação elaborado pelo GTI – Museus Federais, GT1 e GT2

Eixo temático	Metas estratégicas
I. Caracterização institucional	Prevê diagnósticos para aprofundamentos; produção de cartilhas para orientar órgãos federais que possuem museus vinculados; fortalecimento de diálogo com órgãos mantenedores e espaços de tipologia diversa daquela de ‘museu tradicional’ (por exemplo: Unidade de Conservação da Natureza e Jardim Zoológico, Botânico, Herbário, Oceanário ou Planetário).
II. Gestão e governança	Prevê atualizar cadastros; elaborar ou atualizar Planos Museológicos, Regimentos Internos e Carta de Serviços ao Cidadão; expandir Programa Saber Museu; capacitar equipes de museus federais; criar grupos técnicos, sendo um especialmente voltado para museus universitários.
III. Condições de funcionamento, manutenção predial e segurança dos museus	Prevê difundir metodologia de gestão de riscos ao patrimônio musealizado; estudos para criação de editais e linhas de fomento para elaboração de PPCI; análise de viabilidade financeira para criação de rubrica específica para manutenção de patrimônio edificado (principalmente sedes históricas ou tombadas).
IV. Acervo	Prevê desenvolver sistema informatizado de informações de bens culturais musealizados; difundir curso de Documentação Museológica do Programa Saber Museu do IBRAM; emitir Resolução Normativa sobre atividade fiscalizatória do IBRAM sobre a gestão dos bens musealizados sob tutela de museus e demais órgãos responsáveis.
V. Orçamento, financiamento e fomento	Prevê estudos e análise de viabilidade para alocação orçamentária e criação de fontes alternativas de recursos para os museus federais; curso sobre elaboração de projetos, parcerias e captação de recursos pelo IBRAM no âmbito do Programa Saber Museu ²⁶⁹ ; e difundir Fundos Patrimoniais como alternativa de sustentabilidade a médio e longo prazo.

Fonte: Elaboração da autora a partir do Plano de Ação do GTI – Museus Federais, 2021.

Ao confrontarmos brevemente as recomendações da Comissão Técnica da ANDIFES (quadro 3) com as metas propostas no Plano de Ação do MEC (quadro 4), a primeira observação que fazemos é que as metas alinham-se com as recomendações. Entretanto, os prazos estabelecidos são inexecutáveis para a dimensão e complexidade do setor, bem como das iniciativas propostas²⁷⁰.

Ao acessarmos o *site* do MEC, por exemplo, não identificamos a Comissão Permanente sobre Museus Federais na composição da Secretaria de Educação Superior (SESU)²⁷¹, primeira meta do planejamento. Vemos a criação dessa comissão como uma iniciativa fundamental para

²⁶⁹ Curso recentemente disponibilizado no portal da Escola Virtual do Governo em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/963>. Acesso em 22 out. 2024.

²⁷⁰ Entramos em contato com a Diretoria de Desenvolvimento da Rede de Instituições Federais de Educação Superior (DIFES) da SESU para obter informações atualizadas sobre a implementação do Plano de Ação do MEC, mas não recebemos retorno. Enviamos uma entrevista estruturada por e-mail em duas ocasiões: em 25 de março e 21 de maio de 2024.

²⁷¹ Verificamos o endereço <https://www.gov.br/mec/pt-br/composicao>. Acesso em 7 ago. 2024.

pavimentar o caminho para a construção e a permanência de uma política que seja sensível às particularidades do setor museal universitário.

Ao compararmos o planejamento proposto pelo MEC (quadro 4) com o desenvolvido pelo GTI – Museus Federais e pelos grupos técnicos (quadro 5), notamos várias semelhanças, como a necessidade de produzir mais diagnósticos, estabelecer grupos técnicos para a estruturação da governança, elaborar Regimentos Internos, atualizar ou criar Planos Museológicos, promover maior autonomia orçamentária, além de diversificar as fontes de recursos²⁷². Isso indica que o contexto vulnerável não é uma característica exclusiva dos museus universitários vinculados ao MEC.

É importante também destacar que o Relatório Final do GTI sobre Museus Federais apontou que o desenvolvimento das ações dependia de “disponibilidade orçamentária e de recursos humanos, tanto do IBRAM, quanto dos demais órgãos”. Para detalhar os enormes desafios que se descortinavam, o IBRAM emitiu a Nota Técnica nº 5/2019/DPGI²⁷³ (IBRAM, 2021a, p. 11).

Essa mobilização política do setor, desencadeada por uma tragédia nacional, reflete a ideia de Lourenço, apresentada no início desta seção, de que o enfrentamento dos desafios exige “esforços colaborativos entre universidades, governos e o setor museológico” (Lourenço, 2005, p. 121, tradução nossa). Esse movimento é importante, pois aproxima os ‘agentes do chão da fábrica’, nesse caso as equipes dos museus e coleções universitárias; os agentes da ‘política’, tanto da ANDIFES quanto dos ministérios executivos federais; e os agentes técnicos do IBRAM.

Na seção seguinte seguimos aprofundando a realidade dos museus e coleções universitárias brasileiros, com uma síntese crítica das discussões que acompanhamos nos dois últimos encontros promovidos pelo FPMU, em 2021 e 2023, apresentando algumas reflexões propositivas para o setor ao final do capítulo.

²⁷² Em comunicação de Eneida Braga Rocha, diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia do IBRAM, realizada no dia 20 de outubro de 2021 no contexto da mesa-redonda ‘Fomento e política pública para os museus universitários: tendências e desafios’ do VI FPMU, foi reforçado que a sustentabilidade econômica das instituições museológicas demanda a estruturação de uma fonte diversificada de receitas. Avaliou-se que as potencialidades propiciadas por fundos patrimoniais, leis de incentivo e emendas parlamentares são subaproveitadas. Comentou-se também da possibilidade do estabelecimento de parcerias com o Programa IberoMuseus e de cooperação técnica com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES). A sexta edição do Fundo IberoMuseus para o Patrimônio Museológico dispôs de recursos da ordem de 17 mil euros para apoiar cinco projetos, com foco na gestão de riscos e conservação de coleções. Fonte: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/noticias/inscricoes-abertas-para-o-6o-fundo-ibermuseus>. Acesso em 17 jan. 2025.

²⁷³ Essa nota técnica consta como Anexo VIII do Relatório Final do GTI-Museus Federais. A nota está disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1isw7OLXbiCt-hho19QG7_WBAPhEuCGqi. Acesso em 5 dez. 2023.

1.5 As vozes que ecoam do VI e VII FPMU

Iniciamos esta seção retomando alguns aspectos sobre o I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em julho de 1992 no Museu Antropológico da UFG, tendo como objetivo consolidar um fórum permanente de debates, em subsídio à elaboração de políticas públicas para enfrentar os desafios do setor. O evento estruturou suas conclusões em três eixos: “O museu e sua relação com a universidade”; “Museu e cidadania” e “A pesquisa em museu” (Tavares & Taveira, 1992, pp. 35-37).

O primeiro eixo destacou o papel central de museus universitários no desenvolvimento das atividades acadêmicas e na democratização de conhecimento, enfatizando a interdisciplinaridade; a importância de um corpo técnico e administrativo, com a presença de museólogo; e a organização de cursos regionais de Museologia. O segundo eixo reforçou o papel estratégico de museus universitários na formação crítica da sociedade, alinhando-se à perspectiva introduzida em Santiago do Chile (1972), e reafirmada na Declaração de Caracas (1992). Foi destacada a importância das exposições como ferramentas básicas de comunicação, bem como o envolvimento de diversos segmentos sociais nas ações museológicas. Já o terceiro eixo sublinhou a pesquisa interdisciplinar como essencial, dividida entre a temática do museu e pesquisa museológica – entendida como aquela que gera conhecimento para o processamento técnico dos acervos (Tavares & Taveira, 1992, pp. 35-37).

Também foram sugeridos investimentos na formação de pesquisadores; o mapeamento aprofundado do perfil de museus universitários brasileiros para a criação de diretrizes para ações conjuntas; o fomento a programas de estágios, em convênios com cursos de Museologia, e ações expositivas itinerantes; e o incentivo ao intercâmbio com museus universitários da América Latina, Central e Caribe (Tavares & Taveira, 1992, pp. 35-37).

A despeito da relevância das discussões, o principal legado desse encontro foi a criação de um fórum permanente de profissionais de museus universitários. Essa decisão, tomada na assembleia geral do evento, estabeleceu que o fórum seria realizado bienalmente em diferentes regiões do país, com o objetivo de continuar a troca de experiências e fortalecer a articulação do setor. Apesar disso, o II FPMU seria organizado apenas em 1997, no MAE-USP, seguido pelos III, IV e V fóruns realizados, respectivamente, em 2001 no Museu Câmara Cascudo da UFRN; e em 2006 e 2018, na UFMG (Soares, 2020, pp. 177-178).

A partir do V FPMU, após um ‘jejum’ de 12 anos, a periodicidade bienal do encontro foi retomada, pontuando um momento de fortalecimento das articulações no campo. Durante o

V FPMU foram elaboradas as ‘Diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias’, estabelecendo princípios para a salvaguarda e comunicação dos acervos, incluindo temas como diagnósticos institucionais, planos de gestão de riscos e acessibilidade.

Entre os destaques desse documento, ressalta-se a necessidade de “promover o reconhecimento, no âmbito do Ministério da Educação, dos museus e coleções universitários como estruturas indispensáveis à formação profissional e ao desenvolvimento da cidadania”. Além disso, o fórum consolidou-se como instância política e técnica de articulação entre as instituições de ensino superior e gestores de museus e coleções universitárias. No âmbito da Sociomuseologia, cabe assinalar o entendimento de que tais espaços devem “atuar em consonância com os princípios da inclusão social e da ampliação dos direitos de cidadania” e “promover a curadoria compartilhada de exposições”.

Por fim, as discussões do V FPMU recomendaram a integração de museus e coleções universitárias aos “cursos de Graduação e Pós-Graduação, por meio de disciplinas, estágios, projetos de pesquisa e de extensão”, reforçando a interconexão entre a pedagogia museológica e as atividades universitárias, conforme discutido na introdução da tese. Foi também nesse evento de 2018 que a RBCMU “foi publicamente reconhecida pela comunidade museológica” (Silva, 2019, p. 307), estabelecendo outro marco significativo para a valorização e articulação dos agentes do setor.

Diante da pandemia de Covid-19, o VI FPMU – ‘Patrimônio museológico universitário: experiências e olhares diversos’²⁷⁴, aconteceu virtualmente em 2021, sob organização da RBCMU e da UFPR. Em 2023, o VII FPMU – ‘30 anos depois... para que(m) ainda serve (m) os museus e coleções universitárias?’²⁷⁵, realizado no Rio de Janeiro sob organização da UFRJ e da UNIRIO, retomou o formato presencial²⁷⁶ (figura 15).

²⁷⁴ Encontro realizado entre 18 e 22 de outubro de 2021. Dados apresentados na Plenária Final apontavam para 360 inscritos, sendo 188 profissionais de museus e 157 estudantes provenientes de 20 estados brasileiros.

²⁷⁵ Encontro realizado presencialmente no Rio de Janeiro, entre 28 de agosto e 1 de setembro de 2023.

²⁷⁶ O VIII FPMU está previsto para acontecer em agosto de 2025, sob organização da Universidade Federal do Ceará (UFC).

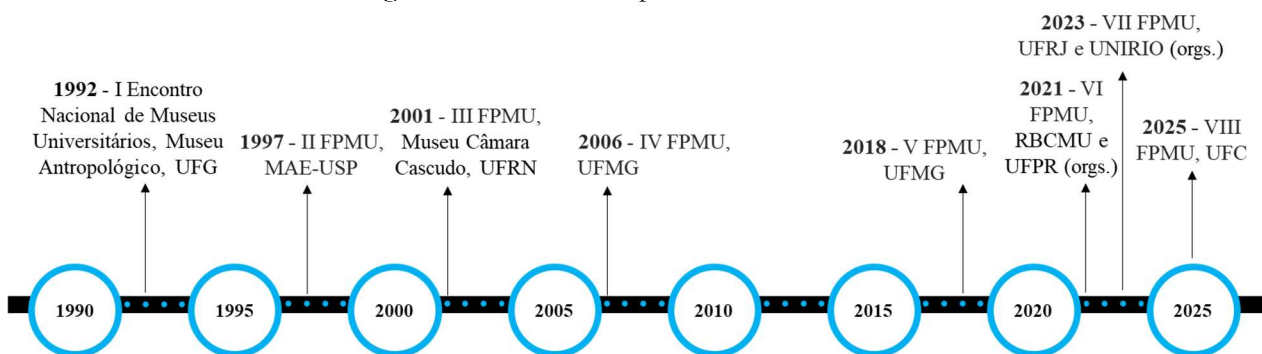
Figura 15 – Participantes do VII FPMU, Rio de Janeiro



Fonte: Organização do VII FPMU.

Na figura 16 trazemos uma linha do tempo da organização dos sete encontros do FPMU, desde 1992:

Figura 16 – Linha do tempo FPMU 1992-2025



Fonte: Elaboração da autora.

Antes de abordarmos as discussões presentes nesses últimos dois fóruns, é importante ressaltar os avanços significativos do VII FPMU. Esse último encontro propôs revisitar os eixos temáticos do evento inaugural de 1992, promovendo reflexões sobre a necessidade de museus e coleções universitárias se posicionarem como espaços mais inclusivos, sustentáveis e conectados com as demandas contemporâneas, tanto no âmbito acadêmico quanto social:

“Se não entendemos mais os museus como instituições neutras e inquestionáveis, o que somos hoje? Como as coleções e os museus universitários se posicionam (ou poderiam se posicionar) frente a movimentos que questionam o pensamento produzido por nossas instituições, [...]?”

Como as coleções e os museus universitários têm abordado (ou poderiam abordar) questões tratadas ou pertinentes aos giros decoloniais e/ou feridas coloniais? Quais contribuições reflexivas as coleções e os museus universitários podem apresentar sobre a importância de processos inclusivos desde sua concepção, planejamento e manutenção da sua existência como espaço democrático? Como as coleções e os museus universitários se encaixam, se adaptam ou mesmo se contrapõem à nova definição de museu proposta pelo ICOM em 2022?” (Siqueira, Maués & Santos, 2024, p. 17).

Nesse contexto, a programação científica do fórum distribuiu-se em quatro áreas principais – panoramas históricos, provocações reflexivas, perspectivas empíricas e proposições metodológicas –, permitindo a abordagem de questões atuais como inclusão, acessibilidade, diversidade, decolonialidade e uso de novas tecnologias, reforçando o papel de museus e coleções universitárias como protagonistas em um cenário nacional e global em transformação no séc. XXI. A edição de 2023 contou com 140 autores e 88 resumos aprovados para comunicação, totalizando 242 participantes inscritos. Houve a inclusão de intérpretes de Libras, reforçando o compromisso com a acessibilidade (Siqueira et al., 2024, pp. 15-18).

Em um primeiro comparativo entre os resumos das programações do VI e do VII FPMU (ver quadro 6)²⁷⁷, verificamos que ambas destacam temas relacionados às políticas públicas, à pertinência da discussão sobre a atuação de técnicos e à importância da constituição de redes ou sistemas de museus e coleções universitárias em universidades. Identificamos também a presença de discussões sobre tipologias de acervo: enquanto no VI FPMU Arqueologia e museus de História Natural no Nordeste foram abordados em sessões específicas; no VII FPMU, coleções biológicas científicas, de fragmentos humanos e museus universitários de Geociências ganharam reuniões temáticas próprias.

Em relação à representatividade de iniciativas, percebemos a predominância de trabalhos de profissionais, docentes e discentes vinculados às IFES, provenientes da Região Sudeste e Nordeste, e sob liderança da UFMG e UFBA. Isso indica que existe um universo de profissionais a ser mobilizado em instituições estaduais, privadas e provenientes de outros

²⁷⁷ Os eventos assinalados em negrito no quadro 6 correspondem àqueles que assistimos.

estados nacionais. Notamos também pouquíssimas comunicações sobre processos de Plano Museológico, tendo sido duas no VI FPMU, e apenas uma no VII FPMU.

Quadro 6 – Resumo das programações do VI e VII FPMU

Atividade	VI FPMU	VII FPMU
Tema central	'Patrimônio Museológico Universitário: Experiência e Olhares Diversos'	'30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias?'
Conferência de abertura	'Cultura, Universidade e Museus na sociedade contemporânea'	Mesa de abertura e Mesa 'Políticas públicas e museus universitários: desafios e perspectivas'
Mesas redondas	1. Perspectivas dos museus universitários sobre a nova definição de museus do ICOM. 2. Fomento e política pública para os museus universitários: tendências e desafios. 3. Patrimônio museológico universitário: diversidade como potencialidade.	1. Panoramas históricos 2. Provocações reflexivas 3. Perspectivas empíricas 4. Proposições metodológicas
Reuniões temáticas	1. A atuação dos técnicos em museus universitários: desafios e perspectivas. 2. Acervos de museus universitários e a Arqueologia. 3. Acervos universitários digitais em rede: o Tainacan e os museus universitários 4. Acessibilidade e inclusão nos museus universitários. 5. Museus de História Natural no Nordeste: da criação ao funcionamento 6. Patrimônio cultural de ciência e tecnologia e museus universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas. 7. Políticas de afirmação e acervos museológicos: diálogos possíveis entre coleções e marcadores sociais.	1. Mapear, preservar, fomentar, visibilizar: os desafios do Comitê Memória, Museus e Patrimônios Culturais, Artísticos e Científicos – Andifes. 2. Coleções biológicas científicas em universidades: diálogos e desafios. 3. O papel da educação museal em museus universitários: formação, pesquisa, inovação. 4. Fragmentos humanos em acervos museológicos: desafios éticos e a história das doenças na Bioética. 5. Museus e formação universitária. 6. A atuação dos técnicos em museus universitários: pelo direito pleno de atuação. 7. Redes universitárias: dos triunfos aos tropeços - Uma aventura museal! 8. Museus universitários de Geociências.
Comunicações	Linha 1: Gestão de coleções e acervos universitários - 16 Linha 2: Redes de cooperação - 10 Linha 3: Organização e comunicação da informação museológica - 11 Linha 4: Conservação de acervos e coleções universitárias - 6 Linha 5: Processos educativos e expográficos - 34	87 comunicações inscritas, distribuídas e apresentadas em 3 sessões simultâneas a partir das temáticas das 4 mesas redondas. Assistimos a 29 comunicações.
Encerramento	Conferência 'Museus Universitários na Sociedade em Rede', Plenária Final e Apresentação Musical	Reunião temática ampliada, Plenária e confraternização presencial (com apresentação musical).
Outras atividades		Visitas técnicas a espaços museológicos: Museu Nacional da UFRJ e Espaço COPPE UFRJ.
Representatividade regional das Ifes nas comunicações	Cerca de 27,5% do total de 69 IFES. Maior representatividade da Região Nordeste, Sudeste e Sul; UFMG, UFRGS e UFBA foram as instituições que mais apresentaram trabalhos. Obs: cerca de 66% das comunicações foram apresentadas por pesquisadores associados a Ifes. Apresentações de 4 universidades públicas estaduais e 2 particulares.	Cerca de 30,5% do total de 69 IFES. Maior representatividade da Região Sudeste, Nordeste e Norte; UFRJ, UFPA, UFMG e UFBA foram as instituições que mais apresentaram trabalhos. Cerca de 83% das comunicações foram apresentadas por pesquisadores associados a IFES. Apresentações de 6 universidades públicas estaduais e 3 particulares.
Comunicações sobre Plano Museológico	1. 'Plano Museológico da Pinacoteca da UFPB: por uma construção dialógica'. Autores: Alberto dos Santos Cabral, Marisa Pires Rodrigues e Sabrina Fernandes Melo. 2. 'Museu, extensão universitária e planejamento: a experiência participativa de construção do Plano Museológico do Museu Casa de Cultura Hermano José'. Autores: Alexandre Santos Arantes de Souza, Mariana Lira de Sousa e Walter Adson Alves Barbosa Filho.	1. 'Para um museu vivo: o processo de elaboração do plano museológico participativo do MAP/UFPI'. Autores: Vinicius Melquíades dos Santos e Renata Larissa Salles Quaresma Lage.

Fonte: Elaboração da autora.

Com base na metodologia de análise SWOT, sistematizamos algumas considerações a partir das discussões acompanhadas, procurando organizar nossas impressões em quatro temas: potencialidades e fraquezas no ambiente interno das estruturas universitárias, e oportunidades e ameaças provenientes do ambiente externo às mesmas.

A seguir comentamos sobre as principais questões observadas, estruturadas nos quatro temas mencionados, que estão igualmente resumidas no quadro 7, apresentado mais adiante:

Ambiente Interno – Potencialidades

- Vida acadêmica e profissional de vários docentes, discentes e pesquisadores ancorada nesses espaços, processos e projetos museológicos, revelando uma atuação comprometida e resiliente.
- Bolsas de iniciação científica e de extensão que apoiam a estruturação de equipes temporárias.
- Programas de voluntariado que incentivam discentes a colaborar em ações pontuais e, posteriormente, a manter sua trajetória acadêmica vinculada aos espaços e coleções.
- Articulação entre a grade curricular dos cursos, especialmente em Museologia, e as demandas das instituições em ações de documentação e conservação. Essa integração é favorecida pela idealização de programas e projetos de extensão, cuja implementação pode ser impulsionada pela Resolução nº 7 de 2018 do MEC que regulamentou a curricularização da extensão²⁷⁸.
- Integração de museus e coleções universitárias em redes ou sistemas, como discutido anteriormente, contribui para promover o reconhecimento dessa dimensão museal perante as instâncias superiores da estrutura universitária, além de estimular uma atuação solidária entre os servidores e docentes gestores dos espaços. Esses arranjos propiciam um ambiente de trocas e de aprendizagem coletiva, favorecendo o desenvolvimento de uma cultura de preservação do patrimônio cultural e científico na universidade. Além disso, ajudam a mitigar as carências que as unidades acadêmicas gestoras desses espaços não conseguem suprir, seja por falta de conhecimento técnico, de recursos específicos ou por outras limitações.
- A construção de Políticas e Planos Culturais, enquanto processos de planejamento estratégico, tático e operacional, contribui para o reconhecimento da centralidade do patrimônio cultural e científico no cumprimento da função educacional e social pelas IFES e na formação cidadã²⁷⁹. Essa visibilidade, por sua vez, pode direcionar a inclusão

²⁷⁸ A esse respeito ver: Ribeiro et al. (2019); Lima & Silva (2023); Bachettini et al. (2023). No VII FPMU assistimos à apresentação do projeto de ensino ‘Gestão colaborativa da informação: redes de cooperação para pesquisa e documentação de objetos de conhecimentos tradicionais populares da UNIRIO’. O projeto, desenvolvido entre 2018 e 2020 no âmbito do Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus (NUGEP) da UNIRIO, em parceria com órgãos e entidades externas, capacitou estudantes do curso de Graduação em Museologia em práticas de documentação de objetos sob tutela da universidade. Ver mais em: <https://www.unirio.br/nugep/ensino>. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁷⁹ O Fórum de Gestão Cultural das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORCULT) elaborou um guia para implantação de políticas e planos culturais nas Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES). A construção desse documento

de metas e ações estratégicas associadas aos museus e coleções universitárias nos planos de desenvolvimento institucionais das universidades, como no caso do Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão²⁸⁰ (PIDE) 2022-2027 da UFU. E também pode propiciar uma maior integração entre as políticas e Pró-Reitorias de pesquisa, ensino, cultura e extensão universitária.

- Editais específicos nos microcosmos das universidades, como parte de uma política específica de financiamento e fomento para museus e coleções universitárias²⁸¹. Esses editais também estimulam as equipes a exercitarem o planejamento e a avaliação, uma vez que as mesmas precisam identificar prioridades a ser operacionalizadas, formatar projetos para ser apresentados e ter verba contemplada.
- Elaboração de Planos Museológicos: processo de planejamento gera aprendizado para as equipes e os profissionais envolvidos, incentivando interdisciplinaridades e facilitando o intercâmbio entre diferentes áreas de conhecimento. Essa dinâmica contribui para superar barreiras técnicas e institucionais, muitas vezes impostas pelo desconhecimento. Além disso, e na mesma linha dos editais, a prática fomenta a cultura de planejamento antecipado, permitindo que projetos estejam prontos para ser apresentados em editais, evitando a perda de prazos, que geralmente são curtos.
- Diversidade dos espaços museológicos: aparece como potencial na promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária em diversos campos do conhecimento, evidenciando sua relevância na formação de futuros profissionais e na difusão de conhecimento para a sociedade.
- Patrimônio cultural e científico universitário como recurso para concepção de ações educativas.
- Ampliação de diagnósticos, conforme observamos nas ações promovidas pelas redes e pelos sistemas de museus e coleções universitárias, que podem apoiar a concepção de modelos de gestão mais eficiente, como a criação de reservas técnicas compartilhadas

foi impulsionada na Assembleia Geral do III FORCULT, realizada na UFBA, em agosto de 2019. Sua versão final foi elaborada no contexto do IV Forcult Nacional, realizado na UFMG, em setembro de 2020, e aprovada durante Assembleia Extraordinária do Forcult Nacional, em novembro de 2020. Guia disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6836/FORCULT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁸⁰ Documento de planejamento disponível em: http://www.proplad.ufu.br/sites/proplad.ufu.br/files/media/arquivo/pide_2022-2027_-_revisado.pdf. Acesso em 22 out. 2024.

²⁸¹ Como a Chamada Interna 1/2023 para apoio a ações museológicas na UFMG, o PROMUS da UFU, o Edital de Apoio a Pesquisa em ações de preservação e difusão dos museus, coleções científicas visitáveis e galerias de Arte da UFPE, e o Edital de Preservação e Curadoria de Acervos e Patrimônio Cultural na USP.

ou de equipes técnicas integradas²⁸², fortalecendo as práticas museológicas no contexto universitário.

Ambiente Interno – Fragilidades

- Invisibilidade dos espaços museológicos dentro das universidades, impactando a ‘banalização’ ou ‘naturalização’ de um quadro crítico caracterizado por:
 - docentes sobrecarregados, ao assumirem diversas funções operacionais, para além do cumprimento da carga horária de ensino, com saúde emocional e física afetada (quadro de *stress*, desmotivação, e depressão);
 - equipes reduzidas e ausência de responsável técnico em Museologia, deixando o funcionamento dos espaços e a continuidade das atividades dependentes, em grande parte, de equipes temporárias²⁸³;
 - carência de recursos financeiros e materiais, levando docentes a custear despesas do próprio bolso;
 - estrutura física obsoleta, deficiente e carente de espaços adequados para acondicionamento de acervos.
- Falta de formação de docentes e técnicos para gestão de coleções e de gestão preventiva de riscos, como a implementação de protocolos de emergência.
- Atuação limitada dos técnicos, desvalorizada em comparação àquela dos docentes, por estarem impossibilitados de coordenar projetos de pesquisa e extensão²⁸⁴.
- Ausência de inventários compreensivos e de documentação de origem dos bens, gerando vulnerabilidade a riscos de dissociação e perda de informações, bem como de desaparecimento de acervos.
- Hierarquias presentes no ambiente acadêmico que se manifestam na valorização desigual entre saberes e atividades (com maior reconhecimento para ensino e pesquisa em relação à extensão), nas estruturas institucionais (órgãos, departamentos, unidades), e também entre equipes e cargos, revelando disparidades que impactam o funcionamento e reconhecimento de museus e coleções universitárias.

²⁸² Como vimos, esse formato está sendo estudado pela Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. Uma gestão compartilhada é inclusive desejável na existência de acervos duplicados em departamentos distintos.

²⁸³ A alta rotatividade de bolsistas impacta negativamente a continuidade de projetos, inclusive a conformação de setores educativos permanentes.

²⁸⁴ Em direção ao fortalecimento dessa pauta, o GT Técnicos foi constituído no VI FPMU. Esse grupo já conta com mais de 100 membros provenientes de universidades públicas e privadas, federais e estaduais, de todas as regiões do Brasil. Ver mais em <http://rbcmu.com.br/gt-tecnicos/>. Acesso em 5 dez. 2023.

- Projetos de investigação associados a interesses pessoais de docentes, situação que contribui para a descontinuidade de iniciativas, parcerias e programas, e até para a chancela para a posse de acervos²⁸⁵.
 - Ausência ou descontinuidade de setores educativos, ou setores muito reduzidos²⁸⁶.
 - Cultura de pouco planejar e avaliar, diante de recursos humanos e financeiros limitados.
- Ambiente Externo – Oportunidades

- Acórdão 1243/2019–TCU–Plenário: coloca a União como responsável, em primeiro plano, pela gestão do patrimônio público universitário. Nesse contexto, a fiscalização configura-se em oportunidade de melhoria.
- Campo social e político reconhecido: permanência do FPMU, enquanto instância que articula política e tecnicamente os profissionais de museus e coleções universitárias. Durante o VII FPMU foi sugerida a institucionalização do evento, e a construção de um repositório digital a ser disponibilizado na plataforma da RBCMU²⁸⁷. Ou seja, as ações deixaram de ser isoladas. Atualmente se enxerga um conjunto profissional organizado na forma de fóruns (FPMU); de redes como a RBCMU, cuja aderência de espaços e profissionais é crescente²⁸⁸; de encontros como o SEBRAMUS²⁸⁹ e do I Seminário ‘Memória, Museus e Patrimônios Culturais, Artísticos e Científicos’, organizado pela Comissão Técnica da ANDIFES em outubro de 2022.

²⁸⁵ Notamos a existência desse tipo de conflito de interesses em museu específico do SIMU e em relatos no VI e VII FPMU. Esse sentimento de posse e apego que muitos docentes e pesquisadores têm pelas coleções que reúnem ao longo de suas atividades de pesquisa e de ensino é incompatível com o caráter público do cargo que ocupam.

²⁸⁶ No VII FPMU, tivemos conhecimento da iniciativa inspiradora do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC-UFC), com a criação de Núcleo Educativo como desdobramento do processo de elaboração do Plano Museológico, e em atendimento à Política Nacional de Educação Museal (PNEM). No âmbito de sua comunicação, Saulo Moreno Rocha, museólogo e educador do MAUC, comentou sobre os projetos e programas do setor, destacando a constituição do Grupo de Estudos em Educação Museal (GEEM) como espaço de formação para estudantes. Ver mais em <https://mauc.ufc.br/pt/nucleo-educativo/projetos/>. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁸⁷ Essa intenção foi mencionada na reunião temática ‘Mapear, preservar, fomentar, visibilizar: os desafios do Comitê Memória, Museus e Patrimônios Culturais, Artísticos e Científicos – Andifes’ ocorrida na manhã do dia 30 de agosto de 2023, apontando a necessidade da criação de um grupo de trabalho para organizar um repositório documental da trajetória do FPMU na plataforma digital da RBCMU. Apesar de previsto na aba ‘Repositório’ no site da rede, notamos que o conteúdo ainda não foi disponibilizado. Fonte: <https://rbcmu.com.br/#>. Acesso em 28 dez. 2024.

²⁸⁸ Com a ressalva de que o diálogo com profissionais de museus de universidades estaduais e privadas ainda precisa ser ampliado, haja vista a baixa representatividade na apresentação de trabalhos de profissionais oriundos dessas instituições nos dois últimos FPMU.

²⁸⁹ Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), organizado desde 2013 pela Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia (RPPCM), criada em 2008 por professores universitários em Museologia que estavam reunidos no 3º Fórum Nacional de Museus. Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1iF994w1HAKaVJla0XQD4j4pvK79PkRhA/view>. Acesso em 3 jan. 2025. Na terceira edição do evento, organizado em novembro de 2017 na UFPA, foi formado o ‘GT 6 – Coleções e museus universitários’. Na quinta edição do evento, realizado em dezembro de 2022 pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS, foi formado o ‘GT 8 – Coleções, Museus e Redes de Cooperação nas Universidades’. Na sexta edição, realizada em março de 2025, em Teresina, sob organização da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), também foi estruturado o grupo temático ‘GT 9 – Pesquisas com Coleções e Museus Universitários’.

- Aproximação política entre ANDIFES, MEC e IBRAM.
- Disponibilização de assento à RBCMU no Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico (CCPM)²⁹⁰ do IBRAM, como representante da sociedade civil com notório saber em campo de atuação do órgão. De acordo com o coordenador da RBCMU, trata-se de uma conquista relevante para o estabelecimento de um “canal de encaminhamentos das demandas dos núcleos museológicos universitários”²⁹¹. Nesse sentido, o Documento Unificado da RBCMU (Anexo 1), amadurecido coletivamente e chancelado no VII FPMU, constitui-se em matriz orientadora dos próximos desenvolvimentos, conforme discutido mais adiante.
- Diálogo ampliado com o ICOM, tanto pelo comitê nacional brasileiro, como pelo UMAC e demais comitês temáticos, como o Comitê para Educação e Ação Cultural (CECA).
- Diversidade de espaços e coleções como potencializadora de trocas, experiências e aprendizado mútuo.
- Crescimento expressivo na produção de publicações, como anais e revistas, e de pesquisas acadêmicas²⁹².
- Ampliação de diagnósticos, conforme observamos nos trabalhos desenvolvidos pelas redes de espaços em universidades federais e pelo GTI sobre Museus Federais.
- Legislação vigente no âmbito das instituições de ensino superior:
 - a Resolução nº 7 de 2018 do MEC para a curricularização da extensão pode potencializar a associação de ações, projetos e estágios obrigatórios aos museus e coleções universitárias, especialmente nas universidades que oferecem cursos de Museologia e áreas afins;
 - a Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005 que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE)²⁹³ pode impulsionar a estruturação de parcerias técnicas entre instituições de ensino²⁹⁴.

²⁹⁰ Organograma do IBRAM disponível em <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional>. Acesso em 16 dez. 2023.

²⁹¹ Informações recebidas de Mauricio Candido da Silva em 10 de novembro de 2023, pelo e-mail da RCBMU.

²⁹² Muitas universidades do país editam revistas periódicas em formato eletrônico, como: a *Revista CPC* da USP que lançou o Dossiê ‘Museus universitários: patrimônio, experiências e reflexões’ composto por 3 volumes, editados entre 2020 e 2022; *Museologia e Patrimônio* da UNIRIO/MAST; *Museologia e Interdisciplinaridade* da UnB; *Museion* da Unilasalle; *Anais do Museu Paulista da USP*; *Patrimônio e Memória* da UNESP; *Cultura histórica & Patrimônio* da UNIFAL; *Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável* da UFMG; *Musear* da UFOP; *Cadernos do CEOM* do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó); e a coleção *Cadernos do Patrimônio de Ciência e Tecnologia* da UFPE.

²⁹³ Legislação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111091.htm. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁹⁴ Sobre esse tema, ver Bachettini et al. (2023).

- Gestão técnica do setor museal pelo IBRAM ao promover eventos²⁹⁵, indicadores²⁹⁶, cursos, publicações e editais de fomento²⁹⁷.
- Cooperação técnica com Programa Ibermuseus²⁹⁸, Sistemas Estaduais e Municipais de Museus existentes.
- Novas perspectivas de financiamento a ser exploradas. Entre as possibilidades a ser consideradas estão a constituição de Associações de Amigos, a obtenção de recursos por meio de emendas parlamentares, a criação de fundos *endowment*²⁹⁹ e o uso de plataformas de *crowdfunding*.

Ambiente Externo – Ameaças

- Ausência de instância institucionalizada no MEC. A criação de uma comissão permanente no SESU, meta prevista no Plano de Ação do MEC, ainda não foi constituída.
- Ausência de políticas públicas direcionadas ao setor que promovam sua sustentabilidade a longo prazo.
- Autorretrato insuficiente de um setor multifacetado. Diagnóstico precisa ser aprofundando para o melhor reconhecimento das necessidades específicas e para correção de assimetrias (regionais, por exemplo). A diversidade aparece como fator de complexidade no estabelecimento de normativas e planos de ação consoantes às realidades e especificidades dos processos de patrimonialização e musealização universitários. A ampliação de diálogo e de diagnósticos tornam-se ações prioritárias para gerar parâmetros e indicadores para elaboração de legislação e políticas públicas permanentes para o setor.
- Cenário político: mudanças de governo – municipal, estadual e federal –, podem impactar a descontinuidade de programas, projetos e ações.

²⁹⁵ Como o Fórum Nacional de Museus, com oito edições desde 2004; a Semana Nacional de Museus, realizada em maio desde 2003, e a Primavera dos Museus, organizada em setembro desde 2007.

²⁹⁶ Por meio do CNM e da plataforma *Museusbr*.

²⁹⁷ Como o Edital de Chamamento Público para Modernização de Museus. Ver mais em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/fomento-e-financiamento/editais-de-fomentos-e-financiamento/editais-2023/modernizacao-de-museus-2023>. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁹⁸ Programa instituído a partir do I Encontro Ibero-americano de Museus, realizado em Salvador em junho de 2007, enquanto instância estratégica de integração e desenvolvimento regional. Ao final do evento foi produzida a Declaração da Cidade de Salvador, disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/DeclaracaoSalvador.pdf>. Acesso em 5 dez. 2023.

²⁹⁹ Fundos permitidos pela legislação brasileira. Sua implementação, em fase de estudo pelo IBRAM em cooperação técnica com o BNDES, pode ser facilitada pelas fundações universitárias (Carolina Vilas Boas *apud* Silveira & Linhares, 2022, p. 243).

Quadro 7 – Resumo SWOT do setor de museus e coleções universitárias no Brasil

	AJUDA ▲	ATRAPALHA ▼
ambiente interno	Potencialidades ➤ Espaços ancoram muitas vidas acadêmicas e profissionais. ➤ Bolsas de iniciação científica. ➤ Programas de voluntariado. ➤ Articulação entre demandas dos espaços e grade curricular de cursos de Museologia. ➤ Constituição de redes ou sistemas de museus. ➤ Construção de Políticas e Planos de Cultura. ➤ Editais direcionados aos espaços e à gestão patrimonial. ➤ Elaboração de Plano Museológico. ➤ Diversidade. ➤ Patrimônio cultural e científico universitário. ➤ Ampliação de diagnósticos.	Fraquezas ➤ Invisibilidade dos museus e coleções universitárias nas universidades. ➤ Ambiente de trabalho fragilizado (docentes sobrecarregados, equipes reduzidas, carência de recursos e estrutura física obsoleta). ➤ Falta de formação técnica. ➤ Atuação limitada de servidores técnicos. ➤ Ausência de inventários. ➤ Hierarquias e competição na academia. ➤ Projetos de pesquisa associados a interesses pessoais. ➤ Ausência ou descontinuidade de setores educativos. ➤ Cultura de pouco planejar e avaliar.
ambiente externo	Oportunidades ➤ Acórdão 1243/2019–TCU–Plenário. ➤ Campo social e político reconhecido. ➤ Aproximação política entre ANDIFES, MEC e IBRAM. ➤ Assento para a RBCMU no CCPM. ➤ Ampliação de diálogo com o ICOM. ➤ Constituição de redes ou sistemas. ➤ Diversidade. ➤ Produção acadêmica em expansão. ➤ Ampliação de diagnósticos. ➤ Legislação vigente. ➤ Orientação técnica do IBRAM. ➤ Cooperação técnica com Programa Ibermuseus, Sistemas Estaduais e Municipais de Museus Existentes. ➤ Novas perspectivas de financiamento.	Ameaças ➤ Ausência de governança direcionada ao setor, institucionalizada no MEC. ➤ Ausência de políticas públicas direcionadas ao setor. ➤ Autorretrato do setor carece de aprofundamento. ➤ Cenário político instável.

Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisarmos a matriz SWOT no quadro 7, refletimos que as dimensões política e institucional, tanto no ambiente interno quanto externo, representam simultaneamente a maior força e a principal ameaça ao setor. Por um lado os profissionais que atuam em museus e coleções universitárias avançam em desenhos institucionais que promovem a cooperação técnica e a articulação política, tanto nos microcosmos das IFES quanto nacionalmente. Por outro, enfrentam diariamente ‘barreiras organizacionais’ que se sobrepõem, contribuindo para o seu enclausuramento em um ambiente de trabalho muito fragilizado e sofrido. É um cotidiano

marcado por muitas ‘corridas de obstáculos’, que envolvem a superação de sistemas administrativos rígidos na gestão de recursos públicos; do desconhecimento da dimensão museal pelas instâncias superiores da universidade (e até pelo próprio MEC); e de uma cultura acadêmica pautada pela competitividade e hierarquias.

Na percepção de Lourenço, além das atividades finalísticas de ensino, pesquisa e exposição ao público, museus e coleções universitárias teriam ainda uma quarta missão³⁰⁰, que seria aquela de servir como uma ‘vitrine’ da universidade, criando uma oportunidade recíproca para ambas as instituições. De um lado, o uso das coleções pela universidade contribui para promover sua imagem social e atrair estudantes no contexto cada vez mais competitivo do ensino superior; do outro, museus e coleções universitárias, ao ganharem visibilidade, conseguem incrementar suas equipes e seus recursos tão escassos. Entretanto, a autora alertou para o risco de as instituições serem reduzidas a meras ferramentas de *marketing*, enfatizando que essa ‘quarta’ missão deve ser equilibrada com a relevância das coleções para o cotidiano do ensino e da pesquisa, assim como mais orientada ao serviço de seus públicos (Lourenço, 2005, p. 95).

Apesar dos desafios, Lourenço viu, nesse equilíbrio difícil, uma chance para museus e coleções universitárias posicionarem-se no centro da missão educacional das universidades, promovendo uma interpretação integrada da história do conhecimento (Lourenço, 2005, p. 155, tradução nossa). Compartilhamos dessa percepção, ao enxergar nas Políticas e nos Planos Culturais uma oportunidade para o reconhecimento do papel central do patrimônio cultural e científico na função educacional e social das IFES e na formação cidadã.

As comunidades acadêmicas precisam efetivamente assimilar a compreensão de que seus museus e coleções são representativos da trajetória da própria instituição universitária, funcionando como ‘portais de entrada’ para seu universo de produção de conhecimento científico. Essa conscientização demanda o fortalecimento e a difusão de uma cultura da salvaguarda e comunicação de bens culturais e científicos, pautada na perspectiva de que tais espaços e iniciativas são estratégicos para o desenvolvimento integrado de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nesse caminho, transcorre igualmente a construção de uma cultura colaborativa dedicada a romper o isolamento entre faculdades, unidades e departamentos, criando maior porosidade e aderência entre os campos de saber científico. Em outras palavras,

³⁰⁰ Também defendida por Kosak (2016).

é preciso ampliar a discussão na universidade, integrando os diferentes campos de conhecimento na busca por estratégias inclusivas e afirmativas nas agendas de planejamento e gestão de sua dimensão museal.

O cotidiano desse setor ainda contempla o desafio de promover práticas mais inclusivas e participativas, perspectiva defendida pela Sociomuseologia e evidenciada na ‘Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade’ (2015) e na nova definição de museus do ICOM (2022). Em nossa jornada investigativa, tivemos contato com ações inspiradoras do Museu Nacional da UFRJ, conforme já comentamos anteriormente.

Cabe ressaltar, conforme bem pontuado na conferência de encerramento do VI FPMU, intitulada ‘Museus universitários na sociedade em rede’, que os desafios enfrentados também incluem questões relacionadas à digitalização dos espaços museológicos. Esse fenômeno abrange, entre outros aspectos, a consideração da transversalidade das funções museológicas, a diversidade de soluções e recursos disponíveis, o uso equilibrado dos mesmos e sua manutenção. Além disso, ressalta-se a necessidade de capacitação permanente da equipe técnica ou de ingresso de novos colaboradores, o estabelecimento de projetos de cooperação, a promoção de acessibilidade e literacia digital, bem como oportunidades de inovação e, naturalmente, a garantia de aporte de recursos financeiros adequados.

Outra questão sublinhada na conferência é o compromisso com a gestão sustentável das instituições, face à emergência climática. Novamente, ao estar vinculados a universidades, os museus e as coleções universitárias podem tirar proveito das diversas redes de circulação de conhecimento para inovar em soluções e ações que reforcem sua capacidade de influenciar a qualidade de vida e de promover o empoderamento de comunidades.

O Documento Unificado da RBCMU (2023), aprovado no VII FPMU, demonstrou um avanço significativo na integração do setor, refletindo um amadurecimento na formulação de diretrizes estratégicas para políticas de financiamento e de governança. Entre os principais avanços, destacam-se: o estímulo à constituição de redes e sistemas articulados no ambiente acadêmico; a criação de “mecanismos de atuação intersetorial” entre instituições de educação superior e órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), MEC, MinC e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI); a oferta de “linhas orçamentárias exclusivas e de fluxo contínuo” nas instituições de ensino superior, inclusive para

elaboração de Planos Museológicos; e a formalização de parcerias com órgãos de ciência e tecnologia³⁰¹ para criação de editais específicos.

O documento também ressaltou a importância do estreitamento de relações entre as Pró-Reitorias de pesquisa, graduação, extensão e áreas afins (como a cultura), visando a uma maior integração institucional. Acreditamos que essa integração é estratégica para fortalecer a articulação entre museus e coleções universitárias e as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão cultural nas universidades. Isso perpassa não apenas fortalecer sua relevância como instrumentos de preservação e mediação cultural, como também alinhar as políticas institucionais (com a criação de políticas museais e programas específicos de financiamento e fomento), impulsionar a curricularização da extensão, fomentar a pesquisa interdisciplinar, e ampliar a gestão cultural (com a criação de políticas, planos e fóruns de cultura). Essa articulação pode contribuir para o reconhecimento de museus e coleções universitárias como agentes essenciais da missão das instituições públicas de ensino superior.

Num cenário mais amplo, essa integração institucional poderia reverberar em pautas nas instâncias do Fórum de Gestão Cultural das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORCULT³⁰²), do FORPROEX³⁰³, do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (FOPROP³⁰⁴) e do Fórum de Pró-Reitorias de Graduação (ForGRAD³⁰⁵), favorecendo a formulação de políticas públicas para o setor.

O documento ainda destacou a necessidade de aprimorar investimentos na visibilidade pública e comunicação de museus e coleções universitárias, priorizando a formação de gestores e técnicos, inclusive recomendando a contratação de profissionais museólogos, ação considerada essencial para a sustentabilidade dessas instituições, no ambiente acadêmico e na sociedade.

No campo da Sociomuseologia, o Documento Unificado propôs o desenvolvimento de “projetos e ações intersetoriais” focados na redução da vulnerabilidade social, atribuindo aos

³⁰¹ Como o MinC, MCTI, MEC, CNPq, CAPES, e fundações estaduais de cultura, ensino, pesquisa.

³⁰² Ver mais em: <https://forcultnacional.ufg.br/o-forcult/>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁰³ No caso específico da FORPROEX, importa pontuar que a Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU), elaborada no âmbito de seu 31º encontro realizado em Manaus, em 2012, já sinalizava a criação de um Departamento de Políticas Acadêmicas Integradas na SESU, funcionando como uma coordenação para estimular a integração da extensão, ensino e pesquisa no cotidiano das IES, e de políticas públicas (FORPROEX, 2012). Documento disponível em: <https://proexc.ufu.br/legislacoes/2012-politica-nacional-de-extensao-universitaria-forproex-2012>. Acesso em 7 fev. 2024. Nesse sentido, poderia ser interessante uma aproximação com o FORPROEX para aprimorar o desenho da Comissão Permanente sobre museus federais no âmbito do MEC, prevista como meta no Plano de Ação proposto pelo MEC, mas que ainda não foi instituída.

³⁰⁴ Ver mais em: <https://foprop.org.br/>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁰⁵ Ver mais em: <https://www.forgrad.org/home>. Acesso em 7 fev. 2024.

museus comunitários universitários a principal responsabilidade por iniciativas participativas. No entanto, percebemos a necessidade desse papel social ser estendido a todos os museus e coleções universitárias, promovendo debates sobre apagamentos e exclusões identitárias, histórias oficializadas e temas sociais relevantes. Exemplos como a requalificação do Museu Paulista da USP e o trabalho de recomposição de coleções etnográficas do SEE do Museu Nacional da UFRJ evidenciam avanços nesse sentido, mas igualmente apontam para a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e abrangente em todo o setor.

Face ao exposto, que de forma alguma tem a pretensão de esgotar o assunto, a seguir sistematizamos algumas sugestões para o setor distribuídas em duas categorias: ambiente interno e externo de museus e coleções universitárias.

Ambiente Interno

Em processos de planejamento museológico, sugerimos o envolvimento da expertise interna da universidade para fomentar futuros projetos de pesquisa ou extensão, de maneira a atender às necessidades dos espaços e promover a colaboração entre unidades e departamentos acadêmicos. Além de contribuir para reduzir a dependência de consultorias externas, essa aproximação pode ampliar a discussão sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e científico na universidade. Um exemplo prático desse modelo foi o processo de planejamento participativo adotado pelo Museu Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ) da UFPB, discutido no terceiro capítulo.

Sugerimos também a criação de programas de ações educativas e culturais, direcionados ao público interno da universidade, ampliando o conhecimento dos espaços e promovendo aproximação e empatia.

Ambiente Externo

No âmbito do FPMU, sugerimos algumas pautas temáticas para futuros encontros, quais sejam: boas práticas na elaboração de Planos Museológicos, com o objetivo de ampliar a troca de experiências sobre a condução de processos participativos de planejamento; boas práticas na implementação da curricularização da extensão³⁰⁶, como estratégia para a valorização do patrimônio universitário; e boas práticas em programas e projetos de cooperação técnica entre museus e coleções universitárias e outras unidades acadêmicas, dentro das universidades.

³⁰⁶ No caso dos museus do SIMU, veremos que as unidades acadêmicas que possuem museus criaram disciplinas associadas à prática museológica.

No contexto do IBRAM, em parceria com o MEC, sugerimos a organização de minifóruns regionais ou minicursos de capacitação de equipes na elaboração de Planos Museológicos em parceria com as universidades federais, que ofereçam cursos de Museologia³⁰⁷, com possível apoio do ICOM. Outra alternativa seria a organização de oficinas sobre planejamento no âmbito dos FNMs³⁰⁸ ou dos próprios FPMUs.

Além disso, sugerimos a criação de um programa específico voltado à digitalização de espaços museológicos, assunto que poderia ser abordado em uma próxima edição da publicação sobre Plano Museológico³⁰⁹.

Em resumo, as sugestões visam ao fortalecimento da integração entre museus e coleções universitárias e outros setores da universidade; a capacitação dos profissionais que atuam no ‘chão da fábrica’ desses espaços em planejamento e gestão museológica; e a valorização do papel dessas iniciativas na educação e produção de conhecimento.

São propostas que esperamos sirvam de inspiração para outros desenvolvimentos possíveis. Em todo o caso, conforme observamos na Plenária Final no VII FPMU, parece-nos que a prioridade atual seja a criação de uma instância dedicada exclusivamente a coleções e museus universitários no MEC, que se ocupe da elaboração coletiva de uma política pública continuada e direcionada ao setor. A jornada seguirá longa e laboriosa, mas certamente impulsionada pela mobilização dos atores, construída ao longo dos últimos 30 anos, e pelas conquistas recentes³¹⁰.

Recapitulando brevemente nosso percurso neste capítulo: considerando que a formação de museus e coleções universitárias está intrinsicamente associada às dinâmicas de ensino e pesquisa nas instituições do ensino superior, iniciamos explorando a ampla diversidade desses espaços, analisando-os por década de criação, vinculação administrativa e distribuição regional no

³⁰⁷ Atualmente 14 universidades federais oferecem 13 cursos de Graduação em Museologia, 5 de Mestrado e 1 de Doutorado. Fonte: <https://cofem.org.br/registro-e-cadastro/formacao/>. Acesso em 10 jan. 2025.

³⁰⁸ Em março de 2024 participamos de uma consulta, sob organização do VII FPMU, para indicação de temas relacionados a museus e coleções universitárias a ser abordados na programação do 8º FNM, realizado em novembro de 2024, em Fortaleza. Propusemos, como primeira opção, o ‘Plano Museológico’ sob formato de oficinas. Como segundo tema, sugerimos ‘Expansão de formação em Museologia, especialmente em universidades federais’, sob formato de mesa-redonda. E ainda um terceiro tema: ‘Boas práticas na regulamentação da Resolução da Curricularização de Extensão associadas aos núcleos museológicos universitários’.

³⁰⁹ O Programa IBERMUSEUS recentemente lançou a publicação *Criar e avaliar conteúdos virtuais em museus. Visões a partir da experiência de profissionais da Ibero-América*. Disponível em: <https://www.bermuseos.org/pt/recursos/publicacoes/criar-e-avaliar-conteudos-virtuais-em-museus-visoes-a-partir-da-experiencia-de-profissionais-da-ibero-america/>. Acesso em 17 dez. 2024.

³¹⁰ No âmbito do 8º FNM, ocorreu uma ‘Reunião Autogestionada’ da RBCMU, contando com a presença de 54 pessoas. Está também em fase de construção participativa, uma ‘Carta de Intenções’ da RBCMU ao IBRAM. Essas informações foram recebidas pelo e-mail da RBCMU enviado em 13 de dezembro de 2024.

país. Ilustramos com alguns exemplos de espaços visitados ou com os quais tivemos contato mais próximo, seja em discussões acompanhadas no VI e VII FPMU, ou em palestras e webinários.

Prosseguimos dando destaque ao fenômeno recente da articulação desses espaços em redes e sistemas nos microcosmos de universidades federais, observando que esses arranjos institucionais fortalecem a pauta da preservação do patrimônio científico e cultural na agenda das universidades. Ao mesmo tempo, vimos que muitos desafios persistem para a continuidade dos trabalhos, dentre os quais a superação de uma cultura universitária caracterizada por hierarquias, muita competitividade e isolamento de saberes.

Exploramos os desafios do setor, que entraram em pauta na agenda política do país após o incêndio de grandes proporções ocorrido no Museu Nacional da UFRJ em 2018, por meio da análise de relatórios produzidos pelos grupos técnicos estabelecidos, integrando representantes do IBRAM, do MEC, de universidades e museus federais.

Terminamos o percurso deste capítulo arriscando algumas reflexões propositivas a partir das discussões que acompanhamos nos VI e VII FPMUs. Para além das particularidades que compõem o contexto deficitário e cotidiano de trabalho das equipes que atuam nesses espaços, destacamos dois pontos ao vivenciar de perto as discussões: a existência de um universo de profissionais a ser mobilizado em instituições estaduais e privadas, e provenientes de outros territórios nacionais; e a ausência de comunicações sobre processos de Plano Museológico nos dois encontros a que assistimos, o que pode ser um reflexo do fato de a maior parte desses espaços ainda não ter elaborado esse documento, conforme indicado no estudo desenvolvido pela Comissão Técnica da ANDIFES e nos dados recebidos do CNM.

Embora o Plano Museológico seja uma exigência para museus, defendemos que sua aplicação possa e deva ser adaptada às particularidades de cada museu e coleção universitária. Essa adaptação, considerando as dimensões estratégicas, táticas e operacionais do processo de planejamento, conforme discutido no terceiro capítulo, contribui para o fortalecimento da organização das atividades estruturantes da pedagogia museológica.

Isto posto, nos próximos dois capítulos finalmente aproximamos a ‘lupa’ ao microcosmo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com a ressalva de que muitas das questões antecipadas neste capítulo igualmente se estendem à realidade social do seu Sistema de Museus (SIMU).

Capítulo II – A Universidade Federal de Uberlândia sob a perspectiva de sua dimensão museal

2.1 A Universidade Federal de Uberlândia

Antes de apresentarmos o contexto da UFU, convém situarmos brevemente a cidade de Uberlândia. Localizada em Minas Gerais, na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, é o segundo município mais populoso desse estado, com 713.224 habitantes³¹¹ (figuras 17 e 18).

‘Udi’, como é carinhosamente chamada, teve sua origem na segunda década do séc. XIX, tornando-se município no final do mesmo século³¹². A cidade apresenta bons indicadores socioeconômicos, como PIB *per capita*, consumo, saneamento básico, infraestrutura urbana de transportes, geração e distribuição de energia renovável, entre outros. Com localização estratégica, tornou-se centro de distribuidoras de atacadistas do país, e está entre as 100 cidades mais verdes do mundo³¹³.

Figura 17 – Mapa do Brasil, com localização do estado de Minas Gerais e de Uberlândia



Fonte: Coleção Mapas do Brasil, Federação e Território, Político. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia³¹⁴.

³¹¹ Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uberlandia.html>. Acesso em 20 dez. 2023.

³¹² Fonte: <https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/cartilha-nossas-historias.pdf>. Acesso em 20 dez. 2023.

³¹³ Fonte: <https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/Plano-Municipal-de-Turismo-2020-2023.pdf>. Acesso em 20 dez. 2023.

³¹⁴ Mapa disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/brasil/3036-federacao-e-territorio/unidades-politico-administrativas.html>. Acesso em 22 out. 2024.

Figura 18 – Mapa do estado de Minas Gerais, com localização de Uberlândia



Fonte: IBGE³¹⁵.

Uberlândia oferece uma ampla gama de equipamentos culturais e turísticos, incluindo o Museu Municipal (figura 19), o Arquivo Público Municipal, a Biblioteca Pública Municipal, a Casa da Cultura (figura 20), a Banda Municipal e o Teatro Municipal, este projetado por Oscar Niemeyer. Além disso, a cidade conta com a Oficina Cultural, um grande complexo desportivo, galerias de arte, diversas praças e parques municipais³¹⁶ (figura 21), e igrejas históricas, como a Nossa Senhora do Rosário, onde anualmente é comemorada a Festa do Congado³¹⁷, e a Igreja Espírito Santo do Cerrado (figura 22), projetada em 1975 por Lina Bo Bardi³¹⁸. Ambas são tombadas, respectivamente, pelo Patrimônio Histórico Municipal e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico Artístico (IEPHA/MG).

³¹⁵ Disponível em:

https://geoftp.ibge.gov.br/produtos_educacionais/mapas_tematicos/mapas_do_brasil/mapas_estaduais/politico/minas_gerais.pdf. Acesso em 1 nov. 2023.

³¹⁶ Relação disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/meio-ambiente/parques-municipais/>. Acesso em 1 nov. 2023.

³¹⁷ Celebração representativa da cultura afrodescendente local, registrada como patrimônio imaterial municipal em 2008. Fonte: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/festa-do-congado/>. Acesso em 27 dez. 2023.

³¹⁸ Ver mais em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/igreja-espirito-santo-do-cerrado/>. Acesso em 27 dez. 2023.

Figura 19 – Museu Municipal, Uberlândia



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 20 – Casa da Cultura, Uberlândia



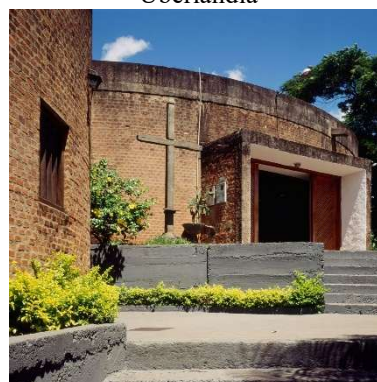
Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 21 – Praça Clarimundo Carneiro, Uberlândia



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 22 – Igreja Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia



Fonte: <https://www.nelsonkon.com.br/igreja-espirito-santo-do-cerrado/>. Acesso em 10 dez. 2024.

Em relação à oferta de museus, a UFU contribui com cinco instituições: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC); Museu de Minerais e Rochas (MUMRO); Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA); Museu Universitário de Arte (MUnA) e Museu dos Povos Indígenas (MUPI), reunidos desde 2017 sob o Sistema de Museus (SIMU) da universidade.

A origem da UFU remonta ao ano de 1957, com a criação da primeira escola de ensino superior da cidade, o Conservatório Municipal de Uberlândia. Na década seguinte, diversas instituições de ensino foram criadas sucessivamente: a Faculdade de Direito e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ambas em 1960; a Faculdade Federal de Engenharia, em 1961, como a primeira de ensino superior pública de Uberlândia; a Faculdade de Ciências Econômicas, em 1963; e a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia (Femeciu), em 1966³¹⁹. Em 1969, essas seis escolas foram reunidas na Universidade de Uberlândia (UnU). Na década de 1970, novas escolas foram criadas na cidade: Faculdade de Odontologia (1970);

³¹⁹ Posteriormente transformada na Fundação de Assistência, Estudo e Pesquisa de Uberlândia (Faepu).

Faculdade de Medicina Veterinária e Faculdade de Educação Física (1971); Escola Técnica de Enfermagem Carlos Chagas³²⁰ (1972); e Escola Pré-Fundamental Nossa Casinha (1977)³²¹.

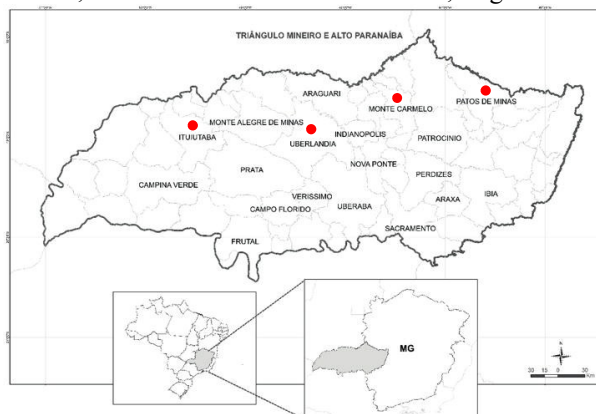
Em maio de 1978, a UnU foi federalizada, passando a ser designada Universidade Federal de Uberlândia (UFU)³²². No início de 2000, a UFU iniciou seu processo de expansão, possuindo atualmente sete campi, sendo quatro em Uberlândia – Campus Santa Mônica (figura 23), Umuarama, Educação Física e Glória –, e os demais, distribuídos nas cidades de Ituiutaba (Campus Pontal), Monte Carmelo (Campus Monte Carmelo) e Patos de Minas (Campus Patos de Minas)³²³ (figura 24).

Figura 23 – Campus Santa Mônica, UFU



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/13/ufu-entra-em-lista-de-melhores-universidades-do-mundo.ghtml>. Acesso em 20 dez. 2023.

Figura 24 – Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas, Região Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba



Fonte: Franco (2020, p. 45)³²⁴.

³²⁰ Posteriormente transformada na Escola Técnica de Saúde (ESTES).

³²¹ Criada para atender aos servidores da universidade. Posteriormente transformada na Escola de Educação Básica (ESEBA).

³²² Fonte: <https://ufu.br/linha-do-tempo>. Acesso em 20 dez. 2023.

³²³ Fonte: <https://ufu.br/campi>. Acesso em 20 dez. 2023.

³²⁴ Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29414/1/Dissertacao_Camila_Franco_.pdf. Acesso em 10 dez. 2024.

Além das sedes distribuídas pelos sete campi – abrangendo blocos com salas de aulas, laboratórios, espaços administrativos –, do complexo hospitalar e de cinco museus, a UFU possui três fazendas, uma reserva ecológica, terrenos e outras unidades isoladas. Toda essa infraestrutura física é gerida pela Prefeitura da Universidade (PREFE), unidade responsável pela manutenção e reforma das edificações existentes e pela gestão da prestação de uma série de serviços: paisagismo, limpeza, vigilância, telefonia, transporte, energia elétrica, gestão de resíduos, abastecimento de água potável e coleta de esgoto (Universidade Federal de Uberlândia [UFU], 2022).

O organograma funcional³²⁵ (figura 25) estrutura-se essencialmente em três eixos administrativos:

1. Conselho de Integração Universidade-Sociedade, órgão consultivo da Administração Superior, presidido pelo reitor e integrado por representantes de diversos segmentos da universidade e da sociedade.
2. Órgãos da Administração Superior: compreende cinco Conselhos Superiores³²⁶ de caráter consultivo e deliberativo; e Reitoria, instância executiva e integrada por Vice-Reitoria, seis Pró-Reitorias³²⁷, órgãos administrativos (como a PREFE), órgãos suplementares (Hospitais³²⁸), assessorias especiais, e unidades especiais de ensino, como a Escola de Educação Básica (ESEBA) e a Escola Técnica de Saúde (ESTES)³²⁹. Juntos, esses órgãos representam a estrutura de governança da UFU, compreendendo os “mecanismos de liderança, estratégia e controle postos em prática para avaliar, direcionar e monitorar a atuação da gestão, com vistas à condução de políticas públicas e à prestação de serviços de interesse da sociedade” (UFU, 2023, p. 31).
3. Unidades Acadêmicas: a UFU possui 16 faculdades e 16 institutos responsáveis pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão. A gestão dessas unidades organiza-se a partir de estrutura composta por Conselho, Diretoria, Coordenações de Graduação e Pós-Graduação, órgãos complementares, departamentos e outros setores.

³²⁵ Organograma regulamentado em portaria de agosto de 2023 e disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5THL--m2UZ7zQ2GMxxOSdXtJvEcZz9F5zXd4s7repab7Jn-pQih7yctJne4zVK-pCQ1754hGvNkK8NJeGZ2pt0. Acesso em 20 dez. 2023.

³²⁶ Conselho Universitário, Conselho Diretor, Conselho de Graduação, Conselho de Pós-Graduação, e Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis. Fonte: <https://ufu.br/organograma>. Acesso em 20 dez. 2023.

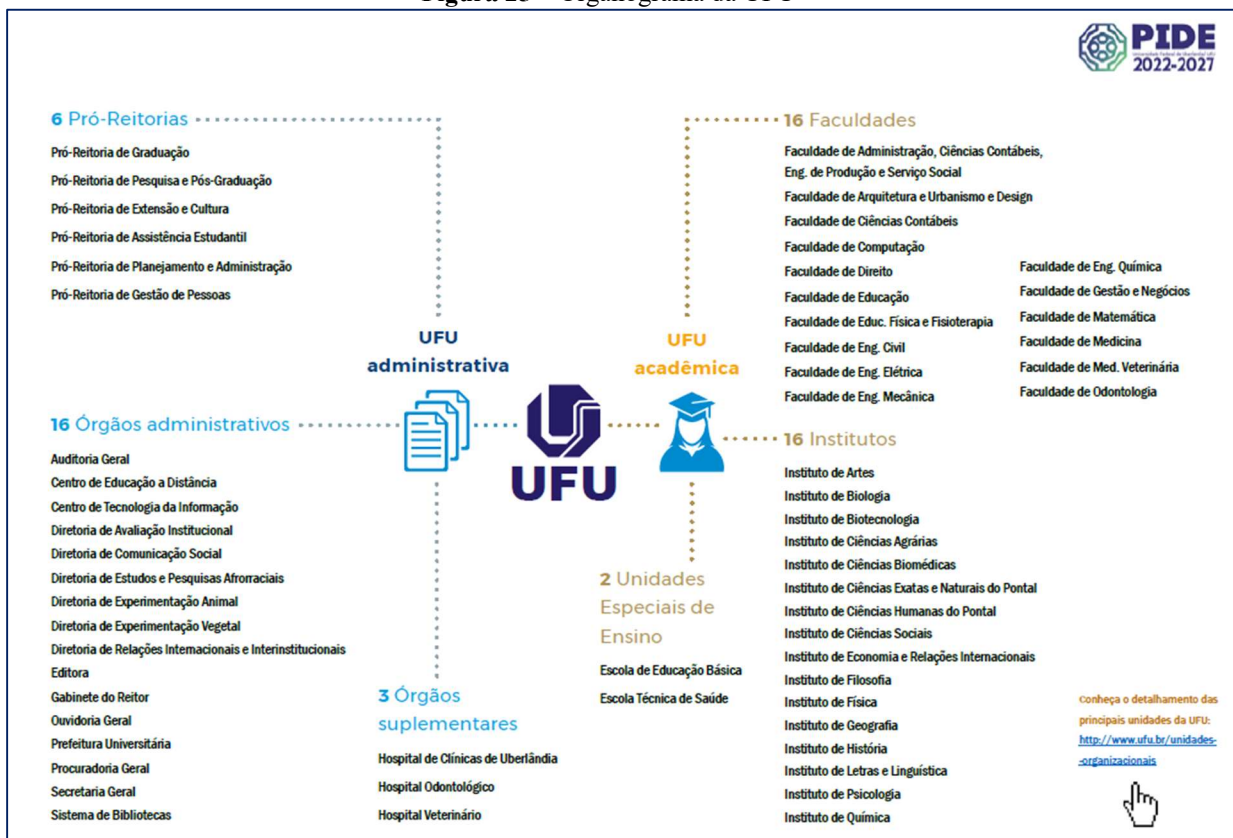
³²⁷ Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE); Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC); Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP); Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD); Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP) e Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD).

³²⁸ Hospital de Clínicas de Uberlândia, Hospital Odontológico e Hospital Veterinário. Fonte: PIDE 2022-2027, disponível em: http://www.propiad.ufu.br/sites/propiad.ufu.br/files/media/arquivo/pide_2022-2027_-_revisado.pdf. Acesso em 20 dez. 2023.

³²⁹ Fonte: <https://ufu.br/organograma>. Acesso em 20 dez. 2023.

Toda essa estrutura organizacional, regulamentada pela Resolução nº 01/2012 do Conselho Universitário³³⁰, oferece atualmente 97 cursos de Graduação, 78 de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, 7 de Especialização (presencial e EAD), 50 de Residência Médica e 7 de Educação Profissional, atendendo a 26.270 alunos matriculados em todas as modalidades. A universidade conta com 1.880 professores efetivos, 2.850 servidores técnicos e 995 terceirizados, totalizando o impressionante número de 31.995 pessoas³³¹ em sua comunidade acadêmica. Essa estrutura administrativa e intelectual robusta destaca-se como referência em ciência e tecnologia em nível local e regional e, cada vez mais, no plano internacional, por meio de convênios e intercâmbios (UFU, 2023). Em 2023, a UFU comemorou seus 45 anos, estando entre as melhores universidades de Minas Gerais, do Brasil e do mundo³³².

Figura 25 – Organograma da UFU



Fonte: PIDE UFU 2022-2027.

³³⁰ Resolução disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5S3GZN8ctcQMzmsFU21WXkYQr3MsMKcXzoMqPxQCDxSTqZ9N5SjSFKbE5x-PSnePgIOGDW5bVzt8orvHHmiF2Hy. Acesso em 20 dez. 2023.

³³¹ Todos esses indicadores são de 2022 e foram extraídos de: <http://www.proplad.ufu.br/central-de-conteudos/documentos/2023/05/anuario-2022>. Acesso em 20 dez. 2023.

³³² Fonte: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/13/ufu-entra-em-lista-de-melhores-universidades-do-mundo.ghtml>. Acesso em 20 dez. 2023.

Além de seu papel em inovação e desenvolvimento científico e tecnológico, a UFU também se destaca nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, formando profissionais em diversos campos no Instituto de Artes (IARTE), tais como artistas e docentes em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro; no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL); na Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design (FAUeD); no Instituto de História (INHIS); na Faculdade de Educação (FACED); no Instituto de Ciências Sociais (INCIS); e no Instituto de Filosofia (IFILO) (UFU, 2023).

No campo cultural, além de seus cinco museus, a UFU dispõe de outros importantes equipamentos culturais, como o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Achê³³³, criado em 2001; o Coral da UFU³³⁴, fundado em 1977 e com sede própria desde 2016; e um Sistema de Bibliotecas³³⁵, com acervos físicos e digitais que juntos somam mais de 170 mil títulos. A universidade ainda mantém a Fundação Rádio e Televisão Educativa de Uberlândia (RTU), fundada em 1988, e a Editora da UFU (EDUFU). Somam-se a esse conjunto o Centro de Documentação e Pesquisa em História³³⁶ (CDHIS), criado em 1985; o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP), implantado em 2012; e o Núcleo de Preservação da Memória do Hospital de Clínicas da UFU (NPM/HC-UFU), criado em 2003³³⁷. Um teatro e sala de cinema estão em fase final de construção³³⁸.

É importante também destacar que, no organograma da UFU, a PROEXC, criada em 2016 após uma série de reestruturações³³⁹, atua como uma instância acadêmica que integra as áreas de Extensão e Cultura, sob gestão de duas diretorias distintas: a Diretoria de Extensão (DIREC) e a Diretoria de Cultura (DICULT). Esses setores são apoiados por duas assessorias³⁴⁰

³³³ Ver mais em: <http://www.proexc.ufu.br/unidades-organizacionais/casa-de-cultura-graca-do-ache>. Acesso em 20 dez. 2023.

³³⁴ Ver mais em: <http://www.proexc.ufu.br/servico/coral-da-ufu>. Acesso em 20 dez. 2023.

³³⁵ Sistema que congrega nove bibliotecas: Biblioteca Central Santa Mônica (BCMON); Biblioteca Setorial Umuarama (BSUMU); Biblioteca Setorial Educação Física (BSFIS); Biblioteca Setorial Educação Básica (BSESB); Biblioteca Setorial do Pontal (BSPON); Biblioteca Setorial Monte Carmelo (BSMTC); Biblioteca Setorial Glória (BSGLO); Biblioteca Setorial Patos de Minas (BSPAT); e Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas (BSHCU). As sete primeiras citadas possuem espaços expositivos. Todas estão organizadas no Sistema de Bibliotecas da UFU (SISBI) (UFU, 2023).

³³⁶ Ver mais em: <https://ufu.br/unidades-organizacionais/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia>. Acesso em 20 dez. 2023.

³³⁷ A UFU instituiu a Comissão Permanente dos Centros de Documentação, Memória e Arquivos, visando ao estabelecimento de um sistema ou rede para a gestão desses centros (UFU, 2021, pp. 149-150).

³³⁸ Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/08/novos-espacos-para-arte-e-cultura>. Acesso em 27 dez. 2023.

³³⁹ Em 1978 foram criados a Pró-Reitoria Estudantil e de Extensão (PROEX) e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEP). Em 1990 foi instituída a Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão. Em 1994, a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis foi estabelecida, facilitando o caminho para a institucionalização da extensão. Em 2016, com a criação da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil, a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX) transformou-se na atual Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) (UFU, 2021, p. 11).

³⁴⁰ Assessoria Administrativa da Extensão e Cultura (ASAEX) e Assessoria de Extensão e Cultura (ASEXC) (UFU, 2021, p. 23).

e pelo Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps), que contribuem para a implementação de suas atividades e projetos.

A Extensão está regulamentada em política específica, estabelecida na Resolução nº 25/2019 do CONSUN³⁴¹, que define a Extensão Universitária como uma atividade integrada aos currículos e à pesquisa, caracterizando-se como um processo “interdisciplinar, político, social, educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade por meio da produção, da aplicação e do compartilhamento de conhecimentos” (UFU, 2019a, art. 1º).

A resolução orienta a realização da extensão por meio de programas, projetos cursos, oficinas, eventos, ou prestação de serviços³⁴², pautada em iniciativas que “expressem o compromisso social da UFU” com diversas áreas, dentre as quais destacam-se: Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Tecnologia (UFU, 2019a, art. 5º). Nos artigos 11 e 12, o documento determina que as Unidades Acadêmicas formem uma Coordenação de Extensão (COEXT), instância responsável pela elaboração do Plano de Extensão da Unidade (PEX). Outro ponto que merece destaque é o art. 19, que determina, em consonância com a Resolução nº 7 de 2018 do MEC, que 10% da carga horária curricular seja dedicado às atividades de extensão (UFU, 2019a, art. 19).

Partindo dessa matriz orientadora, a DIREC dispõe de um conjunto de Programas de Extensão institucionalizados, dentre os quais destacam-se:

- Programa de Ações Afirmativas (AFIN): promove ações de formação, direcionadas a estudantes ou egressos da rede pública de ensino médio ou da Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscando incentivar seu ingresso no ensino superior.
- Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade (PEIC): visa a estimular a participação da comunidade acadêmica de docentes, discentes e servidores no desenvolvimento de iniciativas que promovam a integração entre a universidade e a sociedade.
- Programa Institucional de Apoio a Eventos (PIAEV): realizado em parceria com as Pró-Reitorias de Graduação e de Pesquisa e Pós-Graduação e direcionado ao atendimento da comunidade UFU.

³⁴¹ Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-25.pdf>. Acesso em 27 dez. 2023.

³⁴² Prestação de serviços de caráter permanente ou eventual, e de interesse educacional, social, cultural, artístico, científico, filosófico, tecnológico, esportivo e de inovação (UFU, 2019a, art. 3º).

- Polo UFU Rede Arte na Escola: projeto que oportuniza formação continuada a docentes de Arte em linguagens distintas, como Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.
- Programa de Extensão Universidade Amiga da Pessoa Idosa: organiza atividades nas áreas de saúde e cultura para público acima de 50 anos, envolvendo a comunidade acadêmica de docentes, discentes, servidores.
- Programa de Humanização do Hospital de Clínicas de Uberlândia: em consonância com o Plano Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (SUS), organiza atividades envolvendo o corpo discente no acompanhamento de processos de prevenção, hospitalização e reabilitação de usuários do complexo hospitalar (UFU, 2021, p. 141).

Em suporte ao desenvolvimento de todos esses programas, a DIREC estrutura-se administrativamente em três segmentos: Divisão de Formação – Escola de Extensão (ESEXC), Divisão de Relações Comunitárias (DIVCO), e Divisão de Publicações de Extensão (DIPEX). A ESEXC responde pelo gerenciamento de editais (elaboração de processos internos e divulgação de oportunidades de fomento externas), por demandas de informática e pelo Sistema de Informação de Extensão (SIEX)³⁴³. A DIVCO é o segmento responsável pelo suporte técnico, logístico e operacional para a execução e gestão de ações de extensão, viabilizadas pelo aporte de recursos financeiros da PROEXC ou captados por ela, em duas grandes áreas: extensão universitária comunitária e popular, e formação continuada de profissionais da Educação Básica da Rede Pública. No contexto da DIPEX está a editoração de dois periódicos: a revista de *Educação Popular*³⁴⁴ e a revista *Em Extensão*³⁴⁵ (UFU, 2021, pp. 37-128).

No organograma da DICULT (figura 26) existem igualmente três setores: a Divisão de Promoção Cultural (DIPROC), a Divisão de Fomento à Cultura (DIFOC) e a Divisão Museu dos Povos Indígenas (MUPI). A DIPROC é responsável pela coordenação e realização de projetos e programas culturais da DICULT, como o Arte na Praça e o Cine UFU, além da administração do Coral da UFU e do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché. A DIFOC ocupa-se do desenvolvimento e da gestão de mecanismos de fomento a ações culturais na UFU. Nesse contexto, o órgão é responsável pelo gerenciamento do Programa Institucional de Apoio à Cultura (PIAC) voltado a discentes e servidores; do Programa de Ocupação do

³⁴³ Plataforma para cadastro e gestão das ações extensionistas, incluindo a emissão de certificados e declarações.

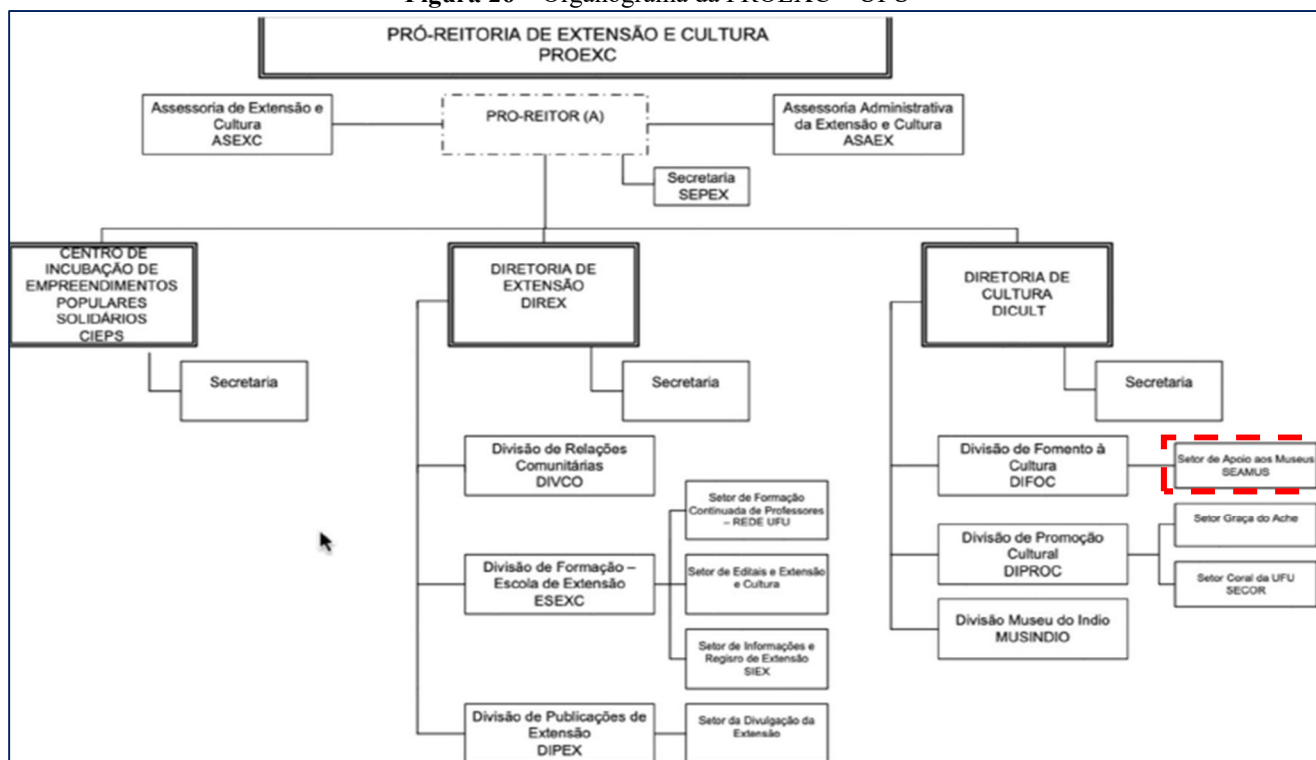
³⁴⁴ Ver mais em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop>. Acesso em 27 dez. 2024.

³⁴⁵ Ver mais em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao>. Acesso em 27 dez. 2024.

Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché; do PROMUS e do Programa de Apoio aos Centros de Documentação, Memória e Arquivos (PROCEMA).

Para a gestão do PROMUS e PROCEMA, a DICULT é assessorada pelo Setor de Apoio aos Museus, Centros de Documentação, Memória e Arquivos (SEAMUS), instância que também colabora com a gestão do Sistema de Museus (SIMU). O SEAMUS é descrito como o órgão responsável por orientar esses equipamentos culturais em relação às “diretrizes museológicas estabelecidas por órgãos federais (IBRAM; IPHAN) e instituições normativas (ICOM-BR; ICOM)”, além de atuar na “organização, valorização, preservação, visibilidade e gerenciamento do patrimônio cultural sob responsabilidade das instituições museais UFU”. Esse setor também gerencia as atividades do PROMUS da UFU e as bolsas de extensão vinculadas a projetos específicos dos museus (UFU, 2021, p. 193). No entanto, o SEAMUS, que integra o organograma da PROEXC como órgão vinculado à DIFOC (figura 26), conta com apenas um membro em sua equipe e não dispõe de museólogo para a assessoria técnica enunciada. A terceira divisão da DICULT corresponde ao processo de institucionalização do atual MUPI.

Figura 26 – Organograma da PROEXC – UFU



Fonte: Relatório de Gestão da PROEXC 2017-2020 (UFU, 2021, p. 25)

Entre as metas estabelecidas pela DICULT para o período de 2017-2020, destaca-se a revisão da Política de Cultura da universidade. Na primeira versão, formalizada pela Resolução nº 30/2010³⁴⁶ do CONSUN, o propósito da extensão delineou-se na intensificação de “relações transformadoras entre a UFU e a sociedade, por meio de processo educativo, cultural, científico e desportivo”. A cultura foi definida como “prática humana que dota o mundo de sentidos” e “processo contínuo de aprendizagem e construção do mundo social e material em sua diversidade e singularidade” (UFU, 2010, p. 1). A universidade assumia o “compromisso com o fomento, gestão e promoção da criação artística e cultural no ambiente acadêmico” e com a “formação cultural e social do cidadão a partir do intercâmbio de conhecimentos que visem à intensificação da relação entre Universidade e sociedade”. Nesse contexto, os museus da UFU foram destacados como espaços privilegiados para a “produção de saberes e práticas”, facilitando a aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade e, por isso, merecendo mecanismos de apoio e de fortalecimento (UFU, 2010, p. 2).

Em 2019, por meio de um processo participativo ampliado, a Política de Cultura da universidade foi atualizada, resultando na Resolução nº 13/2019³⁴⁷ do CONSUN. Nessa nova versão, a dimensão simbólica foi incorporada ao conceito de cultura, ressaltando a “valorização da memória e preservação de patrimônios culturais e artísticos em seus mais diversos suportes e formatos”. Essa atualização ressaltou a importância de medidas de fomento para ações de planejamento e gestão museológica dos acervos culturais e artísticos dos museus da UFU, incluindo-as no conjunto de diretrizes estratégicas:

“IV – preservação de acervos, promoção e visibilidade do patrimônio cultural e artístico dos museus da UFU: apoio à execução do planejamento museológico, capacitação de profissionais, aquisição, preservação e curadoria dos acervos culturais e artísticos sob a guarda dos museus que compõem o Sistema de Museus da UFU; e
V – difusão do patrimônio artístico e cultural: difusão do patrimônio artístico e histórico-cultural da Universidade, material e imaterial – tangível e intangível –, por meio de ações que fortaleçam a gestão e a segurança patrimonial e a formação de agentes multiplicadores”. (UFU, 2019c, art. 6º, p. 3)

³⁴⁶ Documento disponível em: http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/resolucaoconsun_2010_30_0.pdf. Acesso em 27 dez. 2024.

³⁴⁷ Documento disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-13.pdf>. Acesso em 27 dez. 2024.

Outro ponto que merece destaque no documento é o estabelecimento do Fórum de Cultura da UFU, como “instância consultiva e propositiva para o avanço e a implementação” da Política de Cultura. Sua composição prevê representantes de diversos setores da universidade – PROEXC, Dicult, SIMU, Comissões de Cultura³⁴⁸ dos sete campi da UFU, discentes, docentes e servidores, sistema de bibliotecas – além de órgãos de gestão da cultura das cidades que abrigam campi. O documento também prevê a realização de diagnósticos “sobre a dinâmica cultural da comunidade universitária” (art. 15); a proposição de “indicadores de avaliação crítica das atividades de cultura e arte” (art. 16); e a revisão da política cultural a cada 8 anos (art. 21).

O movimento para a institucionalização de processos participativos de gestão cultural na UFU tem sido estimulado pelo FORCULT, instância da qual a universidade tem participado ativamente³⁴⁹. Para além do planejamento estratégico inerente ao processo de revisão da política de cultura, está prevista a elaboração de um Plano de Cultura com vistas à consolidação de ações estruturantes para o setor.

Nessa direção, em novembro de 2019 foi realizado o I Fórum de Cultura³⁵⁰ da UFU. Diante da pandemia, os trabalhos tiveram continuidade de forma remota – no segundo semestre de 2020, com a organização de cinco reuniões virtuais, e, em setembro de 2021, com a realização da 1ª Conferência de Cultura da universidade, que previu discussões em dez eixos temáticos e a participação da comunidade acadêmica e da sociedade³⁵¹, inclusive de um grupo de trabalho do SIMU.

Foi igualmente nessa gestão 2017-2020 que a Dicult retomou os trabalhos da comissão responsável pela proposição de uma rede de museus da UFU, resultando na organização do Sistema de Museus (SIMU), cujo Regimento Interno foi aprovado em resolução específica do CONSEX de 2017. Em 2019, o mesmo conselho oficializou a criação de um programa específico de fomento para os museus, o PROMUS. Essas iniciativas serão aprofundadas na próxima seção.

Cabe também sublinhar os avanços da Dicult na concepção e implantação de outros mecanismos de fomento à cultura, como o PIAC que disponibiliza recursos para iniciativas

³⁴⁸ Comissões institucionalizadas pela política cultural revista, que passam a integrar os processos participativos de gestão cultural da universidade.

³⁴⁹ Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticias/2021/03/formulacao-do-plano-de-cultura-da-ufu-entra-em-nova-fase>. Acesso em 27 dez. 2023.

³⁵⁰ Fonte: <https://comunica.ufu.br/ufu-em-imagens/2019/11/forum-de-cultura-da-ufu>. Acesso em 27 dez. 2023.

³⁵¹ Ver mais em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2021/08/conferencia-vai-dar-inicio-construcao-do-primeiro-plano-de-cultura-da-ufu>. Acesso em 27 dez. 2023.

propostas por discentes (PIAC-Estudantil)³⁵² e uma linha de fomento específica para servidores; e o Programa de Ocupação do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, que promove a integração de discentes e servidores na organização de ações voltadas para a valorização e difusão da cultura negra (UFU, 2021, pp. 152-153).

As dimensões da extensão e cultura seguiram lado a lado na constituição de eixo temático no PIDE 2022-2027 da universidade. O alcance de uma das 13 metas estratégicas estabelecidas, como a ‘Diretriz 3 – Garantir a excelência nas atividades de extensão, por meio da integração com a sociedade, promovendo a interação transformadora entre a Universidade e outros setores sociais’, está associado a um desejável aumento de visitação aos museus da UFU³⁵³. Ao mesmo tempo, a UFU avalia que os recursos de infraestrutura, materiais, humanos e orçamentários são insuficientes para o alcance da meta. De fato, o documento explicita uma redução drástica de aporte de recursos nos últimos 10 anos³⁵⁴, situação agravada com acréscimos em reajustes anuais de contratos e na aquisição de insumos, comprometendo severamente o funcionamento e a manutenção das atividades, especialmente o planejamento de obras (UFU, 2023, pp. 71-74).

Nesse cenário, as parcerias institucionais entre a UFU e setores da sociedade – como órgãos municipais da administração pública e empresas privadas – firmadas na modalidade de convênios ou acordos de cooperação técnica, tornam-se fundamentais. Do mesmo modo, as quatro fundações³⁵⁵ de apoio existentes na UFU configuram-se como importantes instâncias de fomento a projetos de pesquisa, ensino e extensão, e de fortalecimento de relações entre a universidade e o ambiente externo (UFU, 2023, pp. 32-35).

A manutenção do orçamento, que impacta a permanência dos programas institucionais listados, bem como a ampliação da participação popular estão entre os principais desafios a ser enfrentados no futuro próximo (UFU, 2023, p. 7).

Ainda assim, entre 2017 e 2020, a PROEXC registrou crescimento no número de atividades e alcance de público, realizando 7.051 atividades e atingindo cerca de 2 milhões de

³⁵² Programa organizado pela PROEXC e a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), por meio do Plano Nacional de Assistência Estudantil.

³⁵³ Indicador EC30. Disponível no Eixo Temático Extensão e Cultura em: <https://proplad.ufu.br/pide/pide-2022-2027>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁵⁴ Sobre esse assunto, ver manifestação da ANDIFES sobre o orçamento previsto para as universidades federais em 2024. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/12/andifes-manifesta-indignacao-quanto-ao-orcamento-das-universidades-federais-de>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁵⁵ Fundação de Assistência, Estudo e Pesquisa de Uberlândia (FAEPU); Fundação de Apoio Universitário (FAU); Fundação de Desenvolvimento Agropecuário (FUNDAP); e Fundação Rádio e Televisão Educativa de Uberlândia (RTU).

peças. As principais áreas temáticas exploradas foram Educação, Saúde, Cultura e Tecnologia e Produção (UFU, 2021, pp. 143-147).

Após esta breve introdução sobre a UFU, nas seções seguintes nos dedicamos a explorar a institucionalização de uma política museal na referida universidade, que abrange os cinco museus que integram atualmente seu Sistema de Museus (SIMU).

2.2 A institucionalização de uma política museal na universidade

A constituição do atual Sistema de Museus (SIMU) da UFU tem suas origens em meados da década de 1990, durante gestão apoiada por movimentos sociais na comunidade universitária, que pleiteavam transformações. Segundo Lúcia Meirelles³⁵⁶, “o período compreendido entre 1992 e 1993 promoveu uma efervescência de projetos e de ações no âmbito da cultura, sobretudo conduzidos pela prática de interação com a comunidade” (Meirelles, 2015, p. 225).

Nessa época, uma comissão formada por representantes dos museus existentes e pelo CDHIS realizou um primeiro encontro sobre experiências e práticas museológicas, chegando a apresentar proposta para estruturação de um curso de especialização em Museologia. Entretanto, as proposições da comissão não tiveram continuidade na gestão que se sucedeu (Meirelles, 2015, pp. 224-225).

Em 2001, na mesma linha da extinta comissão, estabeleceu-se uma Rede de Museus que propunha uma política de atuação integrando museus e centros de memória da universidade. No ano seguinte, um segundo encontro sobre práticas museológicas chegou a ser organizado. Apesar dos esforços persistentes, segundo Meirelles, uma política museal afirmativa ainda estava por ser instituída na UFU. Persistia o desconhecimento das instituições e do importante patrimônio cultural e científico sob sua guarda, pelas instâncias superiores da universidade. Mais além, a dinâmica da rede carecia de qualificação e, consequentemente, de planejamento. A partir de 2013, e no contexto de uma nova gestão universitária, a proposta de criação de um sistema exclusivo de museus ganhou novamente espaço na agenda da DIREC e da DICULT. Para tanto, uma comissão ficou responsável pela elaboração de um regimento, que chegou a ser encaminhado à então Pró-Reitoria de Extensão, em setembro de 2014, mas que permaneceu sem devolutiva oficial à época (Meirelles, 2015, pp. 226-230).

Em janeiro de 2017, retomou-se a pauta junto à recém-constituída PROEXC. No âmbito de uma nova gestão universitária recém-empossada, a proposta de integração dos museus foi finalmente acolhida pelas instâncias administrativas superiores. Após mais de duas décadas de

³⁵⁶ A Profa. Lúcia Meirelles foi coordenadora do Museu do Índio de 1987 a 2000 e, novamente, de 2008 a 2017, quando se aposentou. Desde então, segue atuando como voluntária no atual MUPI.

reivindicações³⁵⁷, o SIMU foi finalmente institucionalizado por meio da Resolução SEI nº 03/2017³⁵⁸, como órgão vinculado à DÍCULT.

A opção por um sistema e não por uma rede justificou-se no estabelecimento de um vínculo mais direto com uma instância da administração superior da universidade, nesse caso a PROEXC. Se os museus estivessem já vinculados a uma divisão dessa Pró-Reitoria, como é o caso do atual Museu dos Povos Indígenas (MUPI), poderia fazer sentido uma rede, pressupondo uma colaboração mais orgânica entre os espaços.

O Regimento Interno do SIMU contemplou diretrizes estratégicas já antecipadas pela proposta de 2013, dentre as quais destacam-se: formular uma política museal na UFU; contribuir para a valorização, preservação e gestão qualificada do patrimônio cultural da universidade; fomentar o diálogo entre os museus e instituições congêneres, com vistas à promoção de intercâmbio científico, tecnológico e cultural direcionado ao desenvolvimento das unidades, acervos e processos museológicos; formular e aprimorar instrumentos legais; estabelecer diretrizes para linhas programáticas de ação com base em normativas emitidas por órgãos nacionais e internacionais competentes; propor mecanismos para a institucionalização de corpos técnicos e aporte de recursos financeiros para o SIMU; estimular a realização conjunta de ações educativas e culturais com vistas à aproximação dos museus com as comunidades (UFU, 2018).

O art. 2º de seu Regimento Interno considera os museus existentes como

“[...] instituições permanentes, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, atendidos por pessoal especializado, com acervos e coleções expostos ao público e destinados a colecionar, pesquisar, estudar, conservar, exibir e difundir os testemunhos materiais e imateriais do homem e de seu ambiente, com objetivos culturais, educacionais, científicos e de lazer” (UFU, 2018).

As cinco unidades museológicas que integram o SIMU (quadro 8) são consideradas membros natos. O Regimento Interno também estabelece cláusulas para o ingresso de novas unidades, como ter ato formal de criação e registro no Sistema Brasileiro de Museus (SBM); comprovada atuação em pesquisa e documentação de acervos e coleções; exposição aberta ao público em geral; e realização sistemática de ações educativas e culturais.

³⁵⁷ Sob liderança da Profa. Lídia Meirelles.

³⁵⁸ Resolução de 8 de janeiro de 2018 que dispõe sobre o Regimento Interno do Sistema de Museus da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/ataCONSEX-2017-3.pdf>. Acesso em 7 fev. 2024.

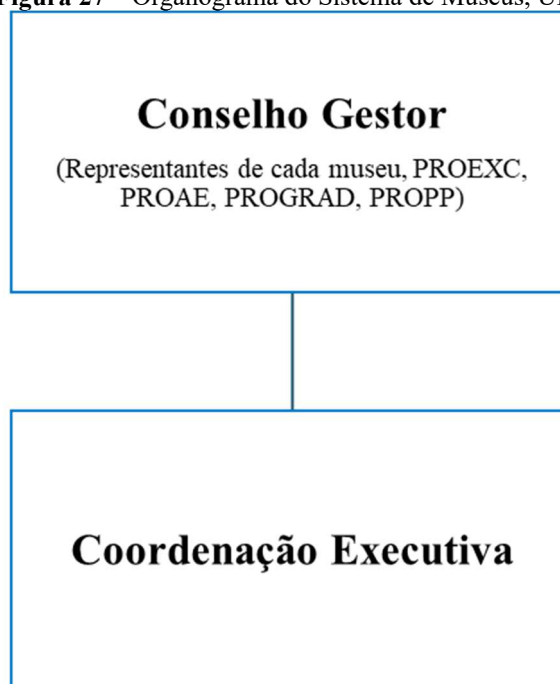
Quadro 8 – Museus do SIMU

Museu	Ano de criação	Vinculação acadêmica
Museu do Índio (MUSÍNDIO), atual Museu dos Povos Indígenas (MUPI)	1987	Diretoria da Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (DICULT/PROEXC)
Museu de Minerais e Rochas (MUMRO)	1987	Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC), anteriormente Instituto de Geografia (IG)
Museu Universitário de Arte (MUnA)	1996	Instituto de Artes (IARTE)
Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC)	2000	Instituto de Biologia (INBIO)
Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte (DICA)	2015 (início atividades no Parque Gávea)	Instituto de Física (INFIS)

Fonte: Elaboração da autora.

Nas “Disposições Gerais” do regimento, o art. 34 estabelece que é “responsabilidade da PROEXC garantir os meios necessários para a consecução dos objetivos e funções do SIMU” (UFU, 2018). Nesse sentido, a estrutura administrativa do sistema apoia-se em duas instâncias: um Conselho Gestor e uma Coordenação Executiva (figura 27). O Conselho Gestor é composto por dois representantes de cada museu (sendo um titular e outro suplente) e um representante das Pró-Reitorias de Extensão e Cultura (PROEXC); de Assistência Estudantil (PROAE); de Graduação (PROGRAD) e de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP). A Coordenação Executiva, por sua vez, é formada por representante de unidade museológica indicado pelo Conselho Gestor, dentre seus pares titulares, e com mandato de 2 anos, permitida uma reeleição.

Figura 27 – Organograma do Sistema de Museus, UFU



Fonte: Elaboração da autora a partir da Resolução SEI nº 03/2017 CONSEX.

Dentre as responsabilidades da Coordenação Executiva estão a organização de atividades científicas e culturais e publicações; a proposição de plano de trabalho, de projetos de incentivo, ações de divulgação e parcerias com outras instituições; a formação de grupos de trabalho temáticos e indicação de consultorias técnicas. Além dessas atividades, a Coordenação Executiva também se ocupa da gestão administrativa do sistema, sendo responsável por convocar e presidir reuniões e registrá-las em atas; zelar pelo cumprimento do Regimento Interno e propor alterações no documento a ser apreciadas pelo CONSEX; e coordenar a formação de grupos de trabalho (UFU, 2018).

Ou seja, o docente que assume a coordenação executiva do SIMU fica extremamente sobrecarregado, pois precisa conciliar todas essas atribuições com aquelas inerentes ao cargo de coordenação de um museu, além de se dedicar às atividades curriculares e cotidianas de ensino, pesquisa, participação em comissões da unidade acadêmica, entre outras. Procurando redistribuir esse acúmulo de funções e, ao mesmo tempo, prover os museus de assessoramento especializado, sugerimos a composição de um corpo técnico no âmbito do SEAMUS. Essa sugestão será aprofundada na última seção do terceiro capítulo.

O Plano de Trabalho 2020-2022, elaborado pela coordenação executiva do SIMU, em conjunto com os coordenadores dos demais museus, foi estruturado em cinco campos de atuação, a partir das necessidades comuns e específicas detectadas. O eixo ‘1. Organização de sistematização dos museus’ previa, dentre outras ações, o incentivo à elaboração de Planos Museológicos. O eixo ‘2. Recursos Humanos’ pleiteava a ampliação de corpo profissional com a contratação de dois museólogos, técnicos em restauro, conservação, pedagogia e antropologia, entre outros. O eixo ‘3. Infraestrutura’ destacou demandas relacionadas à acessibilidade, adequação de projetos de segurança, combate a incêndio e instalações elétricas e de climatização. O eixo ‘4. Ações de Integração e Capacitação’ indicou a promoção de cursos de capacitação em atividades de salvaguarda e gestão de acervos, e de ações integradas entre as unidades museológicas. O eixo ‘5. Divulgação’ elencou a criação de *sites* para os museus que não o possuem, nesse caso o MUMRO; a constituição de plataforma digital para hospedagem de acervos; assessoria de imprensa e publicação de um guia sobre os museus. As ações foram escalonadas em curto, médio e longo prazos.

Apesar das dificuldades, foi possível avançar no eixo ‘1. Organização de sistematização dos museus’, por meio da elaboração de Planos Museológicos para os museus que ainda não

havia construído esse documento, no caso as quatro instituições com as quais colaboramos. E também no eixo ‘5. Divulgação’, com a elaboração do Guia de Museus da UFU.

Uma iniciativa da DICULT que merece destaque foi a pesquisa de público³⁵⁹ realizada em 2018, pela campanha ‘Você conhece os museus da Universidade?’, dedicada à identificação dos hábitos da comunidade acadêmica a respeito de visitas aos museus da UFU. A pesquisa obteve 1.147 respondentes, sendo a maior parte de discentes (69,1%) e do Campus Santa Mônica (66,3%). Praticamente metade das pessoas (50,4%) afirmou ter visitado algum dos museus existentes na UFU, sendo o MUnA o mais conhecido (30,1%), seguido pelo MUMRO (29,7%), MUPI (17%), MBC (16,6%) e Museu DICA (6,6%).

Os resultados também apontaram que as principais ações responsáveis pela difusão dos museus junto à comunidade acadêmica são as atividades no âmbito de disciplinas de cursos associadas às instituições (32,8%); a visita pela escola em que algum parente estuda (15,3%); e a indicação pelos próprios membros dos círculos acadêmicos da UFU (14,8%). A receptividade foi avaliada como boa por 62,7% dos respondentes. Entre os principais motivos da ausência de visita estão o desconhecimento da existência dos museus (58,1%), falta de tempo (23,3%) e desinteresse (9,6%). Entre as sugestões para aprimorar a visibilidade das instituições está a ampliação dos meios de divulgação (73,1%); maior oferta de cursos e atividades formativas (24,7%); mais exposições (16,9%); e aprimoramento da sinalização urbana dos museus (9,9%) (UFU, 2021, p. 197).

A partir dos resultados da pesquisa, a DICULT organizou a produção de vídeos institucionais sobre os cinco museus³⁶⁰ e o SIMU³⁶¹. Outra ação voltada para ampliar a visibilidade das instituições foi a publicação do Guia de Museus UFU³⁶².

Numa etapa seguinte, em consonância com o Estatuto de Museus³⁶³, a Política Nacional de Museus (PNM) e os princípios e diretrizes da recém-revista Política de Cultura da universidade, a UFU criou o PROMUS como uma política específica de financiamento e

³⁵⁹ Um pesquisa de público, realizada como trabalho de conclusão de curso, revelou que os museus da UFU não aparecem entre os espaços mais citados pelos estudantes como prática de lazer na universidade. Os dados indicaram que esses locais têm menor frequência de uso pelos alunos, em comparação com outros espaços ou atividades disponíveis, indicando a necessidade de estratégias mais eficazes de divulgação e engajamento para atrair os estudantes (Magnabosco, 2019).

³⁶⁰ Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/@diretoriadeculturadaufu6648>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁶¹ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NYZ-U_eiprk. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁶² Foram impressas 500 unidades do guia. Cada museu recebeu 100 exemplares (UFU, 2021, p. 195). Versão virtual disponível em: http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/guia_de_museus_u4049_0.pdf. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁶³ Seu art. 4º determina que “o poder público estabelecerá mecanismos de fomento e incentivo visando à sustentabilidade dos museus brasileiros” (Brasil, Lei nº 11.904/2009).

fomento, institucionalizada por meio da Resolução nº 17/2019³⁶⁴ do CONSEX. Seus objetivos contemplam a capacitação do corpo técnico das instituições; a ampliação do alcance dos museus com ações de divulgação, expositivas, educativas e culturais; a promoção de pesquisas e publicações sobre os museus e de propostas curatoriais de exposições; o fortalecimento de ações educativas e de difusão cultural desenvolvidas pelos museus; e melhorias na infraestrutura das instituições, em atendimento às normas de segurança nos espaços expositivos e de guarda de acervos.

O PROMUS é gerido pela DICULT, enquanto a concepção e proposição de projetos fica sob responsabilidade da coordenação dos museus³⁶⁵. Foi o PROMUS que viabilizou nossa contratação para três consultorias em Museologia realizadas para o MUnA, MBC, MUMRO e o Museu DICA, entre 2020 e 2023³⁶⁶.

É importante destacar que a PROEXC, atenta às demandas dos museus por equipe e às oportunidades de fomentar a formação cultural dos discentes, tem disponibilizado bolsas de extensão vinculadas aos museus do SIMU. A quantidade de bolsas ofertadas, contudo, depende da disponibilidade orçamentária.

Desde sua constituição, o SIMU tem promovido eventos na Semana Nacional de Museus, como a mesa-redonda ‘Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos’, que contou com a participação do ICOM Brasil³⁶⁷, realizada em 2018. Nesse mesmo ano, a DICULT, em parceria com a Secretaria Estadual de Museus de Minas Gerais (SEMMG), acolheu o VII Encontro Regional de Museus, evento que reuniu profissionais atuantes nos museus da UFU, de Uberlândia e cidades próximas, contabilizando 41 participantes entre inscritos e público espontâneo (UFU, 2021, p. 195).

Em maio de 2023, participamos da Semana Internacional de Museus organizada pelo SIMU, com a palestra ‘Planejamento museológico enquanto ferramenta para a promoção da sustentabilidade do patrimônio museológico do SIMU/UFU’, proferida presencialmente no Campus Santa Mônica.

³⁶⁴ Resolução disponível em <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSEX-2019-17.pdf>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁶⁵ Em 2019, o valor total de R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais) foi distribuído proporcionalmente aos cinco museus. Em 2020, diante da pandemia e suspensão de atividades presenciais, o recurso disponibilizado foi da ordem de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) (UFU, 2021, p. 198). Em 2021, três unidades museológicas foram contempladas com recursos da ordem de R\$ 88.000,00 (oitenta e oito mil reais), distribuídos entre elas. Em 2022, o recurso de R\$ 38.000,00 foi reservado para a construção de Planos Museológicos para os museus que ainda não o possuíam.

³⁶⁶ O recurso para a nossa terceira e última consultoria foi mobilizado ainda em 2022. Em 2023 o PROMUS foi suspenso devido à falta de verbas. Havia expectativa de que, em 2024, o PROMUS pudesse ser retomado.

³⁶⁷ Nesse caso, de Renata Vieira da Motta, então presidente do órgão.

Apesar de relativamente recentes, e ainda se considerando a crise sanitária enfrentada entre 2020 e 2022, os coordenadores dos museus que compõem o SIMU avaliaram positivamente as políticas museais implementadas. O principal ganho está no fortalecimento institucional: para além da elaboração de Planos Museológicos; de projetos de documentação e conservação preventiva de acervos; de curadorias expositivas; e de reforma de infraestrutura, os museus ganharam certa visibilidade na comunidade acadêmica. Entre agosto e setembro de 2023, os processos de planejamento museológico ganharam espaço na disputada agenda das instâncias superiores da universidade em reuniões do CONSEX e do CONDIR.

Na seção seguinte apresentamos os cinco museus integrantes do SIMU.

2.3 Os museus e as coleções universitárias do SIMU

Conforme já pontuamos, o Sistema de Museus (SIMU) da UFU é atualmente composto por cinco museus. Destacamos a seguir a vinculação de cada um deles às respectivas unidades acadêmicas: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), vinculado ao INBIO; Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), vinculado ao IG; Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA), vinculado ao INFIS; Museu Universitário de Arte (MUnA), vinculado ao IARTE; e Museu dos Povos Indígenas (MUPI), vinculado à Dicult/PROEXC. Apesar de termos colaborado com apenas quatro dessas instituições, visitamos o MUPI quando estivemos em Uberlândia, em maio de 2023. Assim sendo, esta seção apresenta as cinco unidades museológicas integrantes do SIMU.

2.3.1 Museu de Biodiversidade do Cerrado

O Museu de Biodiversidade do Cerrado³⁶⁸ (MBC), inaugurado em 2000 por iniciativa de pesquisadores do INBIO, é um dos poucos museus do país exclusivamente dedicado a esse bioma. A lista de museus e coleções universitárias extraída da RBCMU em novembro de 2023 indica-nos a existência de mais três museus congêneres: o Memorial do Cerrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás³⁶⁹, criado em 1999; o Museu de Ciências do Cerrado Nordeste da Universidade Federal do Oeste da Bahia³⁷⁰ (UFOB), criado em 2009; e o Museu do Cerrado da UnB³⁷¹, iniciativa virtual criada em 2017.

O bioma Cerrado, o segundo maior do Brasil³⁷², corresponde a uma das regiões de maior biodiversidade do mundo, sendo de vital importância para o abastecimento dos principais aquíferos subterrâneos e bacias hidrográficas nacionais, enquanto captador das águas das chuvas. Apesar de sua importância, é um bioma em risco, negligenciado na Constituição

³⁶⁸ Endereços eletrônicos do museu e de suas mídias sociais: <http://www.mbc.ib.ufu.br/>; <https://www.facebook.com/museudocerrado>; <https://www.instagram.com/mbc.ufu/>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁶⁹ Ver mais em: <https://www.instagram.com/memorialdocerrado/>. Acesso em 22 out. 2024.

³⁷⁰ Ver mais em: <https://ufob.edu.br/extensao/visitas-guiadas/museu-de-ciencias-do-cerrado-nordestino>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁷¹ Ver mais em: <https://museucerrado.com.br/>. Acesso em 7 fev. 2024. No âmbito da UnB localizamos ainda o Museu Virtual do Cerrado, vinculado ao Instituto de Ciências Biológicas, mas com o qual o Museu do Cerrado não possui relação. Ver mais em: <http://www.mvc.unb.br>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁷² O Cerrado ocupa 25% do território nacional, abrangendo dez estados: Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, São Paulo e Tocantins.

Federal, que ainda não o reconhece como patrimônio nacional, ao lado da Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Serra do Mar, Pantanal Mato-Grossense e Zona Costeira³⁷³.

O MBC possui uma coleção didática expositiva, formada com o objetivo de pesquisar e difundir conhecimento científico sobre a biodiversidade do Cerrado, promovendo a sensibilização da população quanto à importância de sua preservação. A coleção reúne aproximadamente 266 espécimes de animais taxidermizados, incluindo mamíferos, aves, répteis, anfíbios e insetos; 10 esqueletos de espécies como bicho-preguiça, serpentes e sapos; cerca de 47 ninhos de aves e insetos; peles de répteis, como jacaré e sucuri (figura 30); além de um aquário com peixes e plantas características do Cerrado³⁷⁴.

A maioria dos animais taxidermizados que constituem o acervo são provenientes de atropelamento em rodovias próximas à cidade de Uberlândia³⁷⁵ (Carvalho & Cirilo, 2015); enquanto outros são derivados de tráfico ilícito, áreas de alagamento ou morte natural (no Zoológico Municipal e/ou no Hospital Veterinário Universitário). O processo de taxidermização desses espécimes era realizado em parceria com o Laboratório de Zoologia (LAEZO) do INBIO. Em 2005, por meio de convênio então firmado com a Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), essa coleção foi transferida de um anexo na UFU para o Parque Municipal Victório Siquierolli (figura 28), localizado na Zona Norte da cidade.

Além dessa coleção, apresentada em dioramas (figura 29), o MBC oferecia espaços para leitura, oficinas, jogos e recursos multimídia, após ter passado por amplo projeto de modernização em 2010, abordando temas sobre Zoologia, Ecologia e Botânica de maneira interativa (Ferreira, 2014, pp. 29-32). O ‘Cantinho do Desenho’ (figura 31), por exemplo, era utilizado para realização de atividades nas quais crianças e adultos pudessem expressar sua criatividade, além de refletir sobre o mundo natural por meio do desenho, promovendo aprendizado e sensibilização em um ambiente educativo e acolhedor (Alves, Sales & Resende, 2020). Já a sala com móvel e painel giratório (figura 32) disponibilizava uma série de experiências sensoriais sobre Ornitologia, desenvolvidas por meio de pesquisa de Mestrado (Ferreira, 2014).

³⁷³ Desde 1995 até 2010, foram apresentadas oito Propostas de Emenda à Constituição (PEC) para incluir o bioma Cerrado como patrimônio nacional na Constituição Federal. Atualmente a PEC 504/2010 está em tramitação. Ver mais em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=483817>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁷⁴ Fonte: <http://www.mbc.ib.ufu.br/node/69>. Acesso em 27 dez. 2023.

³⁷⁵ Sobre essa questão, ver também proposta de jogo digital que alerta para o impacto da construção de rodovias na fauna nativa do Cerrado, idealizado a partir de pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU (Marques, 2014).

Atualmente, os espaços cedidos para o museu estão fechados para visitação desde o início da pandemia (março de 2020), por conta de entraves burocráticos que dificultam a renovação da cessão³⁷⁶. A suspensão do convênio impossibilitou o monitoramento do estado de conservação da coleção didática de animais taxidermizados, que, por permanecer exposta a luminosidade e climatização instáveis, sem qualquer manutenção, está se deteriorando, o que resulta em perdas significativas, inclusive de todo o restante do mobiliário, recursos, e materiais armazenados no local.

Figura 28 – Sede do MBC no Parque Victório Siquierolli



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 29 – Dioramas, MBC



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 30 – Pele de sucuri, MBC



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

³⁷⁶ Em 9 de dezembro de 2024 o museu informou em seu Instagram que estava de mudança para um prédio da UFU. Fonte: <https://www.instagram.com/p/DDXmstRplih/>. Acesso em 9 dez. 2024.

Figura 31 – ‘Cantinho do Desenho’, MBC



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 32 – Painel giratório e móvel, MBC



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Entre 2012 e 2017, o museu chegava a receber uma média mensal de 4 mil visitantes (Museu de Biodiversidade do Cerrado [MBC], 2023, p. 55). A visita ao museu podia ser combinada com passeio por trilhas temáticas no parque, para contato com a vegetação característica do Cerrado (figuras 33 e 34), cursos d'água e serrapilheira. Além de receber estudantes de escolas da rede pública e particular do ensino fundamental, médio e superior, a exposição da coleção didática apoiava aulas práticas de disciplinas dos cursos de Graduação e Pós-Graduação do INBIO; estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e cursos de formação para professores da rede municipal de ensino.

Figura 33 – Trilha, Parque Victório Siquierolli



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 34 – Vegetação típica do Bioma Cerrado, Parque Victório Siquierolli



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

O ‘Cantinho das abelhas’, composto por cinco meliponários de abelhas Jataí³⁷⁷ (figura 35); um quiosque anexo, onde eram realizadas ações expositivas de curta duração³⁷⁸ (figura

³⁷⁷ Espécie típica do Cerrado, que não possui ferrão e não é agressiva, capaz de produzir mel com nutrientes medicinais, porém em pequena quantidade e de difícil extração.

³⁷⁸ Diversos projetos foram realizados no quiosque anexo, tais como: ‘Acessos à Natureza’ (2018); ‘Exposição fotográfica Aves do Cerrado e do Parque Municipal Victório Siquierolli’ (2016); ‘Sair’ (2015); ‘Conhecimentos e Artes’ (2015); e ‘Projeto Expográfico’ (2015/2016). Mais informações na página Facebook do museu: <https://www.facebook.com/museudocerrado>. Acesso em 7 fev. 2024. Essas iniciativas, provenientes de pesquisas acadêmicas (trabalhos de TCC, Mestrado, Doutorado),

36), resultados de pesquisa de discentes de Graduação, Mestrado e Doutorado; e a reprodução de uma casa de pau a pique, artefato desenvolvido a partir de trabalho de conclusão de curso³⁷⁹ (figura 37) também integravam o circuito expositivo do MBC no parque.

Figura 35 – ‘Cantinho das abelhas’, MBC, Parque Victório Siquierolli



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 36 – Quiosque anexo, MBC, Parque Victório Siquierolli



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 37 – Casa de pau a pique, MBC, Parque Victório Siquierolli



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

As coleções zoológicas científicas, provenientes de pesquisas de docentes do INBIO, compreendem em torno de 30 mil espécimes classificados em subcoleções científicas: Mirmecológica; Apoidea; Aracnológica; Ictiológica; Herpetológica (seção Anuros Tropicais e Squamata); Mastozoológica e Paleontológica. Além de um curador-geral, cada subcoleção é

estavam ancoradas no saber fazer-científico e eram desenvolvidas em parceria com a UFU e outras universidades. Nesse contexto, o planejamento do calendário anual de exposições estava sempre vinculado ao desenvolvimento dos projetos de pesquisa. As exposições tinham duração média de 30 a 60 dias, sendo a manutenção sob responsabilidade do pesquisador e da equipe de bolsistas.

³⁷⁹ TCC intitulado *O Cerrado e(m) nós: representações e fabulações em um artefato museal*, de Vinícius Abrahão de Oliveira (2015). Não conseguimos localizar esse trabalho no repositório da UFU.

cuidada por um curador específico. Dentre as subcoleções citadas, apenas as de ictiologia, herpetologia e paleontologia estão ‘depositadas’ no MBC. Registros de material genético dos espécimes, essas coleções são testemunhos importantes da biodiversidade do bioma Cerrado, possuindo valor documental para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a evolução desses espécimes, face às alterações climáticas globais em curso, e para a simulação de cenários futuros.

Em 2011, essas coleções científicas, anteriormente dispersas em laboratórios e instalações do INBIO, foram transferidas para novos espaços localizados no Bloco 4Q do Campus Umuarama (figura 38), mais adequados às suas necessidades técnicas de segurança e de conservação preventiva, bem como à acomodação de pesquisadores, colaboradores, técnicos e discentes. Nesse mesmo ano, o MBC tornou-se órgão complementar do INBIO por meio da Resolução nº 27/2011³⁸⁰ do CONSUN, após ter sua proposta de criação e Regimento Interno aprovados pelo Conselho do INBIO (CONIB). Todas essas coleções zoológicas científicas, com exceção da Paleontológica, ao lado do Herbarium Uberlandense (HUFU), estão cadastradas no Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr)³⁸¹.

Figura 38 – Bloco 4Q, Campus Umuarama, UFU



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Um diagnóstico recente e inédito, encomendado pelo MCTI, apontou que 61,2% das coleções biológicas científicas do país estão sob guarda de universidades públicas (68% federais e 32% estaduais) e concentradas na Região Sudeste (41,5% nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro). Esse estudo também mapeou aspectos relacionados à infraestrutura de recursos físicos,

³⁸⁰ Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2011-27.pdf>. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁸¹ Essa plataforma reúne um catálogo de 496 coleções biológicas científicas existentes no Brasil. Fonte: <https://collectory.sibbr.gov.br/collectory/public/show/in68>. Acesso em 2 jan. 2024.

humanos e materiais, sinalizando que esse importante patrimônio genético padece da falta de visibilidade no organograma das instituições onde estão inseridos³⁸² – fator que também atinge o MBC, especialmente a sua coleção didática. Esperamos que esse cenário mapeado impulsione avanços na elaboração de políticas públicas³⁸³ para essas coleções científicas e no fortalecimento da recém-criada Rede Brasileira de Coleções Biológicas Científicas³⁸⁴.

A equipe do museu é atualmente composta por quatro docentes do INBIO³⁸⁵; duas servidoras técnico-administrativas, quatro bolsistas e três voluntários também integram o corpo técnico.

O Regimento Interno do museu estabelece um Conselho Curador, subordinado ao CONIB, responsável pela orientação, supervisão e coordenação das atividades e composto por: curador da coleção científica; curadora da coleção didática; um representante dos servidores técnico-administrativos; dois docentes do INBIO associados a atividades de extensão ou que sejam responsáveis por subcoleções científicas, e um representante do corpo docente que desenvolva atividades no museu.

Diante do fechamento de seu espaço físico desde 2020, o MBC tem apostado em ações virtuais e itinerantes, tendo concluído a 4ª edição do curso de Educação Museal, realizado em parceria com o MuNA. Na próxima seção deste capítulo, comentamos sobre algumas iniciativas desenvolvidas pela equipe do museu. Para o momento, acreditamos ser oportuno introduzir brevemente o contexto do INBIO.

O Instituto de Biologia (INBIO)³⁸⁶ está localizado no Bloco 2D do Campus Umuarama. Reúne um conjunto de 41 docentes (efetivos, substitutos e visitantes) das áreas de Zoologia,

³⁸² Esse diagnóstico foi produzido a partir do estudo de 708 coleções de Botânica, Microbiologia, Virologia e Zoologia existentes em 220 instituições. O maior número de coleções encontra-se na Região Sudeste (41,5%); seguida pela Região Sul (21%), Nordeste (19%), Centro-Oeste (9,6%) e Norte (9%). Em relação ao tipo de coleção, 224 são botânicas, 150 são microbiológicas e 334 são zoológicas. O estudo, realizado pela Coordenação-Geral de Ecossistema e Biodiversidade (CGEB), teve a pesquisadora Luciane Marinoni, presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia, como sua coordenadora, em parceria com a Sociedade Botânica do Brasil, a Sociedade Brasileira de Microbiologia, a Sociedade Brasileira de Virologia e Imunologia, e envolvendo 44 pesquisadores. Fonte: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/03/com-diagnostico-inedito-mcti-obtem-panorama-das-colecoes-biologicas-cientificas-brasileiras>. Acesso em 30 dez. 2023.

³⁸³ Um projeto de lei apresentado ao Senado, de autoria do Senador Astronauta Marcos Pontes (PL/SP), propõe a instituição de uma Política Nacional de Coleções Biológicas Científicas. Trata-se do Projeto de Lei nº 993 de 2024 (PL 1993/2024). Ver mais em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadanania/visualizacaomateria?id=163798>. Acesso em 30 dez. 2023.

³⁸⁴ Ver mais em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria_MCTI_n_6258_de_30082022.html. Acesso em 7 fev. 2024.

³⁸⁵ Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho (coordenadora geral do museu e curadora da coleção didática expositiva); Profa. Dra. Fernanda Helena Nogueira-Ferreira (coordenadora do projeto ‘Doce Jardim Educativo’ vinculado ao MBC); Prof. Dr. Victor Alberto Tagliacollo (curador-geral das coleções científicas zoológicas e das subcoleções de ictiologia e paleontologia) e Prof. Dr. Nicolás Pelegrin (curador da subcoleção de herpetologia).

³⁸⁶ Seu diretor é o Prof. Dr. Jimi Naoki Nakajima (Gestão 2005-atual), com quem realizamos uma ótima entrevista no âmbito do Plano Museológico.

Botânica, Ecologia e Ensino de Ciências, e de Biologia, 18 técnicos administrativos e laboratoristas em atividades de ensino, pesquisa e extensão, e cerca de 700 discentes. A unidade acadêmica oferece atualmente um curso de Graduação em Ciências Biológicas; dois cursos de Pós-Graduação em Biologia Vegetal e em Ecologia, Conservação e Biodiversidade e a especialização Ciência é 10, direcionada a professores da rede pública de ensino fundamental e médio³⁸⁷. O instituto possui quatro Laboratórios de Ensino³⁸⁸ e 19 Laboratórios de Pesquisa³⁸⁹, dentre os quais destacamos o Laboratório de Mídias, Museus, Ciência, Cultura e Educação (MMuCCE)³⁹⁰.

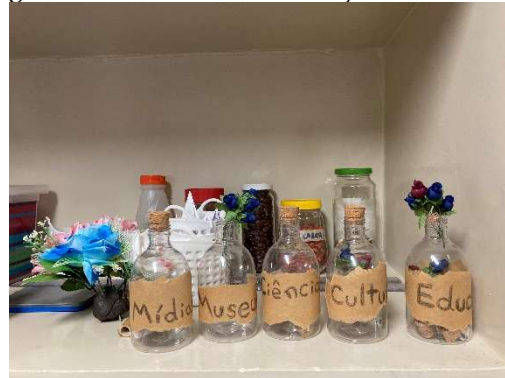
O MMuCCE é um lugar de encontros para estudos que envolvem as temáticas que dão nome ao laboratório e para compartilhamento de ideias, sonhos e muitas afetividades (Carvalho & Guido, 2015, pp. 14-17). Estivemos no MMuCCE em maio de 2023, para uma roda de conversa com a equipe do museu e ex-colaboradoras (figura 39)³⁹¹, uma ação integrante do processo de planejamento museológico do MBC. Apesar de pequeno, o espaço é muito aconchegante e envolvente, como pudemos observar em cada detalhe de sua ambientação, pensada cuidadosamente (figura 40).

Figura 39 – Encontro com equipe no MMuCCE



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 40 – Detalhe da ambientação do MMuCCE



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Além do MBC, o INBIO também integra a unidade especial do HUFU³⁹², que conta com uma coleção de 81 mil exemplares registrados, indexada internacionalmente; e ainda é

³⁸⁷ Fonte: <http://www.inbio.ufu.br/unidades/unidade-academica/instituto-de-biologia>. Acesso em 2 jan. 2024.

³⁸⁸ Fonte: <http://www.inbio.ufu.br/mais-inbio/laboratorios/ensino>. Acesso em 2 jan. 2024.

³⁸⁹ Fonte: <http://www.inbio.ufu.br/mais-inbio/laboratorios/pesquisa>. Acesso em 2 jan. 2024.

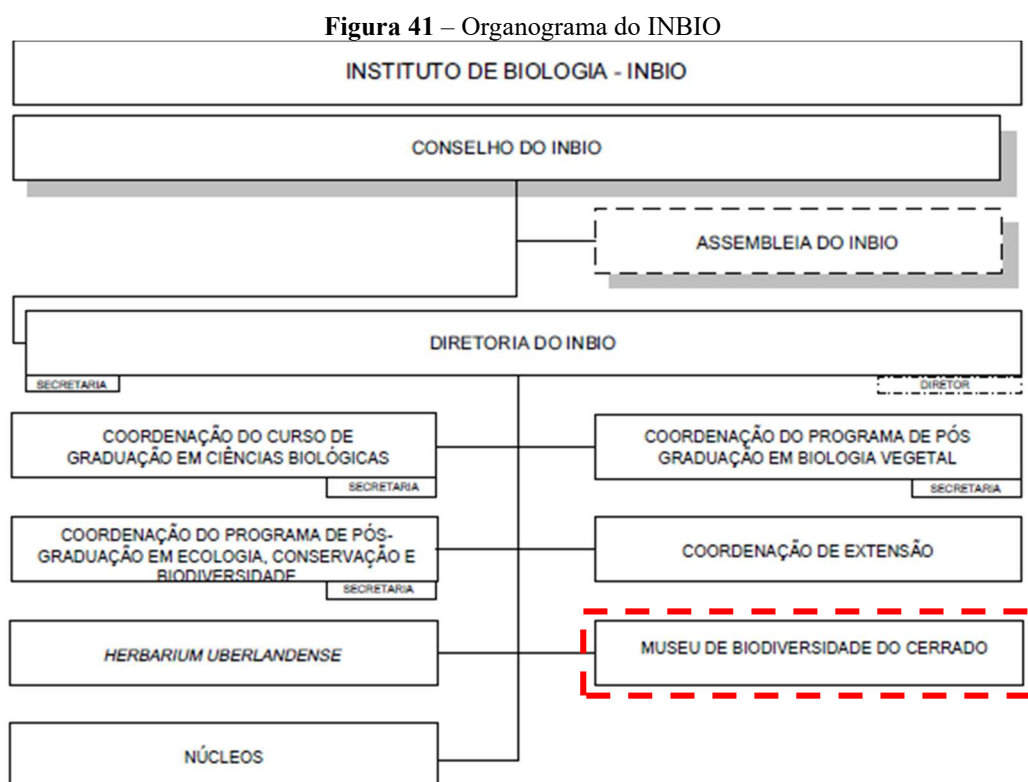
³⁹⁰ Laboratório coordenado pela Profa. Daniela Franco Carvalho. Fonte: <http://www.inbio.ufu.br/unidades/laboratorio-de-pesquisa/laboratorio-de-midias-museus-ciencia-cultura-e-educacao>. Acesso em 2 jan. 2024.

³⁹¹ Da esquerda para direita: Ianna Gara Cirilo e Talita Martins F. de Marques (ex-bolsistas e ex-discentes do INBIO); Profa. Fernanda Helena Nogueira-Ferreira; técnica Jéssica P. L. Campos; Profa. Daniela Franco Carvalho; voluntário Lucas P. Pedrotti (a frente); voluntário Marcelo A. R. Borges (ao fundo) e Bianca Gonzaga A. Silva (bolsista e estudante de Ciências Biológicas).

³⁹² Fonte: <http://www.inbio.ufu.br/unidades/unidade-especial/herbarium-uberlandense>. Acesso em 2 jan. 2024.

responsável pelo desenvolvimento de boa parte das pesquisas realizadas na Reserva Ecológica do Panga, pertencente à UFU e com vegetação predominante de Cerrado. Interessa-nos ainda pontuar que desde 2015 existe uma Coordenação de Extensão (COEXT-INBIO) dedicada à organização e supervisão de atividades extensionistas desenvolvidas no âmbito da unidade acadêmica. Todas as ações devem estar cadastradas na plataforma do Sistema de Informação (SIEX), de acordo com normas estabelecidas³⁹³. O curador-geral das coleções científicas do INBIO atua na COEXT, como representante do corpo docente.

Pelo exposto, deduz-se que o INBIO representa um campo promissor de oportunidades. Contudo, ao longo do processo de planejamento museológico, percebeu-se que, antes de buscar parcerias com laboratórios de ensino e de pesquisa ou com núcleos de pesquisa e extensão, seria fundamental desenvolver estratégias para fortalecer o museu e institucionalizar as discussões sobre o presente e o futuro do MBC. Isto envolve o registro dessas discussões em atas de reuniões do CONIB e do SIMU, baseadas nas deliberações do Conselho Curador do museu. A seguir apresentamos o organograma do INBIO (figura 41), para melhor visualização do lugar do MBC em sua estrutura acadêmica.



Fonte: Portaria Reito nº 365, de 17 de março de 2023³⁹⁴.

³⁹³ Ver mais em <http://www.inbio.ufu.br/unidades/coordenacao-de-extensao/coordenacao-de-extensao>. Acesso em 2 jan. 2024.

³⁹⁴ Disponível em <http://www.proplad.ufu.br/legislacoes/portaria-reito-no-365-de-17-de-marco-de-2023>. Acesso em 2 jan. 2024.

2.3.2 Museu de Minerais e Rochas

O Museu de Minerais e Rochas (MUMRO)³⁹⁵ foi inaugurado em 26 de outubro de 1987³⁹⁶, por iniciativa de docentes³⁹⁷, em sua maioria de Geologia, do extinto Departamento de Geografia do então Centro de Ciências Humanas e Artes da UFU.

Em seus primeiros 5 anos de funcionamento, o museu não possuía sede própria, chegando a dividir espaço com o então Museu do Índio (atualmente Museu dos Povos Indígenas) em edifício pertencente à universidade, e a ocupar os corredores do Departamento de Geografia. Apenas em 1992, o museu instalou-se em sua sede atual, após ampla reforma de espaço localizado no primeiro andar do Bloco 1Q no Campus Santa Mônica (figura 42)³⁹⁸, em edifício compartilhado com o Instituto de Química (IQUFU) e o INHIS.

O prédio do referido bloco, também chamado de ‘Mineirão’, foi o primeiro a ser construído na UFU. Diante de sua importância histórica, no segundo semestre de 2023 a UFU iniciou processo para seu tombamento junto à PMU³⁹⁹.

Figura 42 – Bloco 1Q ‘Mineirão’, Campus Santa Mônica, UFU



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

³⁹⁵ O museu ainda não possui *site* próprio, mas possui mídias sociais: <https://www.instagram.com/mumroufu/> e <https://www.facebook.com/mmrufu>. Acessos em 2 jan. 2024.

³⁹⁶ Inauguração comunicada pelo Prof. Luiz Nishiyama em ata de reunião do então Conselho do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Artes da UFU, realizada em 15 de outubro de 1987.

³⁹⁷ Referimo-nos aos docentes Antonio Feltran Filho, Claudete Aparecida D. Bacaro, Irineu Antônio Siegler, Luiz Nishiyama, Maria Beatriz dos Reis, Regina Clélia Haddad, Suely Regina Del Grossi e Valdomiro Paulino de Lima, todos homenageados em placa comemorativa dos 30 anos da fundação do museu, por “sua inestimável contribuição para a criação e viabilização deste espaço de cultura”.

³⁹⁸ O Prof. Dr. Heitor Siqueira Sayeg e o Prof. Dr. Marcos Henrique de Oliveira Souza aparecem na foto, respectivamente à esquerda e à direita.

³⁹⁹ Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/10/predios-do-muna-e-do-mineirao-estao-em-processo-de-tombamento>. Acesso em 2 jan. 2024.

A equipe atual do museu é composta por três docentes⁴⁰⁰ que supervisionam as atividades relacionadas à gestão administrativa, financeira e técnica do museu, incluindo a preservação e organização do acervo; a organização de ações expositivas, educativas e culturais; a realização de pesquisas e divulgação científica; a comunicação institucional; e a coordenação das atividades desenvolvidas por duas bolsistas e duas voluntárias.

O Regimento Interno, elaborado entre 2016/2017 e aprovado pelo Instituto de Geografia (atual Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva – IGESC), estabelece um Colegiado constituído pelos docentes lotados no museu, um técnico administrativo e um discente. Durante o processo de planejamento museológico, a equipe técnica sinalizou a importância do reestabelecimento de uma rotina de reuniões dessa instância deliberativa, reforçando sua importância na gestão estratégica do museu.

A coleção didático-científica é composta por cerca de 3 mil amostras de minerais⁴⁰¹, rochas (sedimentares, ígneas e metamórficas), fósseis (peixes e troncos vegetais)⁴⁰² e recursos energéticos (petróleo, derivados e carvão mineral), em sua grande maioria provenientes da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba⁴⁰³. Desse conjunto, 750 exemplares encontram-se em exibição ao público, acondicionados em vitrines (figuras 43-45). Uma bancada ‘sensorial’ também disponibiliza amostras para toque (figura 46).

Figura 43 – Vitrine com minerais, MUMRO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 44 – Vitrine com rochas, MUMRO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

⁴⁰⁰ Prof. Dr. Marcos Henrique de Oliveira Souza (coordenação geral), Prof. Dr. Heitor Siqueira Sayeg e Profa. Dra. Larissa Marques Barbosa de Araújo.

⁴⁰¹ As amostras estão divididas em oito classes: 1. Elementos nativos (ouro, enxofre, grafite); 2. Sulfetos e ulfossais; 3. Halogenetos; 4. Óxidos e hidróxidos; 5. Carbonatos, nitratos e boratos; 6. Sulfatos, cromatos, tungstos e molibdatos; 7. Fosfatos, arsenatos e vanadatos; 8. Silicatos (correspondem a cerca de 97% dos minerais da crosta terrestre, e como o ânion silicato possui a capacidade de formar cadeias polimerizadas, costuma-se dividir os silicatos em nesossilicatos, sorossilicatos, ciclossilicatos, inossilicatos, filossilicatos e tectossilicatos).

⁴⁰² Alguns exemplares de fósseis estão expostos próximo à entrada e escadaria de acesso, por falta de espaço interno.

⁴⁰³ Existem também alguns exemplares representativos de outras regiões do Brasil e da América do Sul.

Figura 45 – Vitrine com fósseis, MUMRO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 46 – Bancada sensorial, MUMRO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Ao lado da galeria expositiva, há uma sala de aula (figura 47) que atende a estudantes de 11 cursos provenientes de 5 institutos da UFU⁴⁰⁴ (Museu de Minerais e Rochas [MUMRO], 2023, p. 9). Além disso, o museu conta com uma reserva técnica destinada à guarda de amostras, um laboratório de pedologia e maquetes (figura 48), salas para docentes e um espaço administrativo.

Figura 47 – Sala de aula, MUMRO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 48 – Laboratório, MUMRO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

O acervo do museu, documento e testemunho de uma geodiversidade de materiais, processos e formas de relevos que compõem a paisagem natural da terra, constitui-se em importante fonte de informação para o desenvolvimento de atividades de ensino e de pesquisa em Geociências. Além de servir à formação acadêmica e profissional, também subsidia a realização de ações educativas e culturais direcionadas a diversos perfis de públicos, cumprindo seu papel de socializar conhecimento com a sociedade.

Durante o processo de planejamento museológico, identificou-se a ausência de trabalhos acadêmicos sobre a trajetória do museu e de seu acervo, e ainda a necessidade de atualização e ampliação das amostras existentes. Nesse contexto, as discussões destacaram a importância da

⁴⁰⁴ Nas áreas de conhecimento em Biologia; Engenharia Civil, Agrônoma, Ambiental e Sanitária; Geografia e Química, além de parcerias com o curso de Geologia oferecido no Campus Monte Carmelo. Público-alvo: alunos de Graduação e Pós-Graduação e pesquisadores.

estruturação de linhas de pesquisa, incluindo tratativas em andamento com laboratórios de geoprocessamento e geologia geral do Campus Monte Carmelo, com objetivo de criar um banco de dados digital do acervo. Adicionalmente, o Núcleo de Pesquisa em Geografia e Memória⁴⁰⁵ (NUGEM) poderia ser envolvido no desenvolvimento de investigações sobre a memória institucional do museu, tendo em vista a comemoração de seus 40 anos de existência em 2027 (MUMRO, 2023, p. 53). No que diz respeito à atualização das amostras, duas recentes pesquisas resultaram em coletas de novas rochas, já incorporadas às coleções do museu (Ferraz et al., 2023; 2024). Isso reflete o esforço contínuo da equipe em fortalecer a relação entre preservação, pesquisa e divulgação científica.

A exposição de longa duração recebe anualmente uma média de 700 visitantes⁴⁰⁶, compreendendo grupos de escolas do ensino fundamental e médio, de instituições do ensino superior, de institutos técnicos, além de público espontâneo da cidade de Uberlândia e da região.

Ao aplicarmos filtros temáticos – utilizando os termos ‘geociências, geologia, mineralogia, paleontologia, rochas, minerais e fósseis’ – à lista de museus e coleções universitárias extraída da RBCMU em novembro de 2023, deparamo-nos com um conjunto de 43 museus congêneres, localizados em universidades públicas federais, estaduais e municipais (38) e privadas (5). No entanto, no estado de Minas Gerais, além do MUMRO, encontramos apenas mais duas instituições vinculadas a universidades federais: o Museu de História Natural e Jardim Botânico⁴⁰⁷ da UFMG e o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas⁴⁰⁸ da UFOP (ver Apêndice 3). Nesse quadro, o MUMRO torna-se uma instituição de singular importância local e regional ao difundir conhecimento científico sobre a origem de minerais, rochas e fósseis, provenientes especialmente do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, seu uso e importância na vida cotidiana, assim como seu aproveitamento econômico.

O museu também já ministrou minicursos de Mineralogia para professores da rede pública de ensino; realizou ações expositivas itinerantes e ações educativas virtuais, como o ciclo de palestras ‘Diálogos Geológicos’⁴⁰⁹, organizado entre 2020 e 2021 durante o período de pandemia de Covid-19, em que o museu permaneceu fechado à visitação.

⁴⁰⁵ O NUGEM é coordenado pela Profa. Rita de Cássia Martins de Souza, com quem tivemos ótima conversa no contexto do planejamento museológico. Mais informações sobre o NUGEM em: <http://www.ig.ufu.br/unidades/nucleo/nucleo-de-pesquisa-geografia-e-memoria>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁰⁶ Fonte: <https://ufu.br/unidades-organizacionais/museu-de-minerais-e-rochas>. Acesso em 2 jan. 2024.

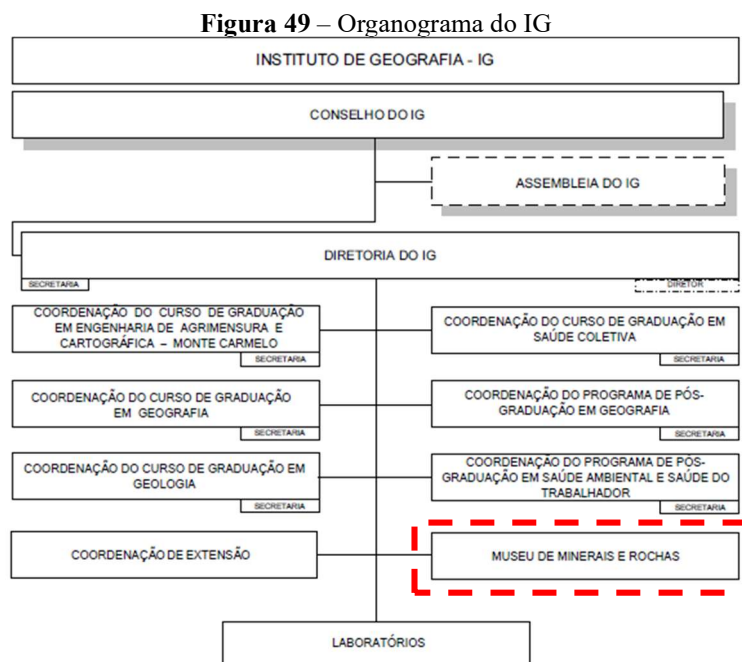
⁴⁰⁷ Ver mais em: <https://www.ufmg.br/mhnbj/>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁰⁸ Ver mais em: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/617>. Acesso em 22 out. 2024.

⁴⁰⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@dialogosgeologicos6637>. Acesso em 2 jan. 2024.

Apesar de fundado em 1987, o museu foi institucionalizado apenas em 2013 como órgão complementar do Instituto de Geografia (IG) da UFU⁴¹⁰. Na próxima seção deste capítulo, comentamos sobre algumas iniciativas desenvolvidas pela equipe do museu. Para o momento, acreditamos ser oportuno introduzir brevemente o contexto do IG.

O Instituto de Geografia (IG), atual IGESC⁴¹¹, está localizado no Bloco 1H, no Campus Santa Mônica da UFU. A unidade acadêmica oferece quatro cursos de Graduação: Engenharia de Agrimensura e Cartográfica (Campus Monte Carmelo); Geografia (Campi Uberlândia); Geologia (Campus Monte Carmelo) e Saúde Coletiva (Campi Uberlândia); e dois cursos de Pós-Graduação (Geografia e Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador). Sua equipe congrega 70 docentes e 23 técnicos administrativos⁴¹². O instituto também dispõe de um conjunto de 19 laboratórios⁴¹³. É importante ainda destacar que o IG promove ações extensionistas, organizadas pela Coordenação de Extensão (COEXT-IG)⁴¹⁴ e a edição de revistas científicas⁴¹⁵. A seguir apresentamos o organograma do IG (figura 49) para melhor visualização do lugar do MUMRO em sua estrutura acadêmica.



Fonte: Portaria Reito nº 365, de 17 de março de 2023⁴¹⁶.

⁴¹⁰ Institucionalização formalizada em ata da Sétima Reunião Ordinária do Conselho do IGUFU, realizada em 25 de julho de 2013.

⁴¹¹ Seu diretor atual é o Prof. Dr. Boscolli Barbosa Pereira (Gestão 2021-2025), atuante nas áreas de Genética, Saúde Coletiva, Biotecnologia e Gestão Pública, e com quem realizamos uma ótima entrevista no âmbito do Plano Museológico.

⁴¹² Fonte: <http://www.ig.ufu.br/numeros>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴¹³ Fonte: <http://www.ig.ufu.br/mais-sigla/laboratorios>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴¹⁴ Ver mais em: <http://www.ig.ufu.br/extensao/unidades/coordenacao-de-extensao>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴¹⁵ Ver mais em: <http://www.ig.ufu.br/mais-ig/revistas>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴¹⁶ Disponível em <http://www.proplad.ufu.br/legislacoes/portaria-reito-no-365-de-17-de-marco-de-2023>. Acesso em 2 jan. 2024.

2.3.3 Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte

O Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA)⁴¹⁷ é um órgão complementar do INFIS, institucionalizado em 2017 por meio da Resolução nº 13/2017 do CONSUN⁴¹⁸ como espaço para difusão científica e aperfeiçoamento profissional, especialmente no campo de conhecimento da Física e de suas interfaces com a Astronomia, a Química e a Biologia.

Assim como no caso do MBC, do MUMRO e do MUnA, o museu teve sua origem na iniciativa de docentes que buscavam aproximar do cidadão comum a ciência produzida na academia. As ações de difusão científica iniciaram-se em 2005 (Ano Internacional da Física), a partir da aquisição de artefatos, viabilizada por meio da aprovação do projeto ‘Ciência, Diversão e Arte’ pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Nesse começo, por falta de espaço físico, as ações eram itinerantes. Em 2006, e com apoio da ESEBA, o então denominado ‘Espaço Ciência do Triângulo’ abriu para visita de escolas da região. Nesse período, a colaboração com INBIO já possibilitava a realização de atividades interdisciplinares⁴¹⁹ (Museu DICA, 2023, p. 9).

No ano seguinte, em 2007, o Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte foi oficialmente estabelecido a partir de proposta de criação de um Centro de Ciências. Na época, uma pesquisa realizada com docentes do INFIS e INBIO revelou que, apesar do interesse em desenvolver atividades de divulgação científica no espaço, alguns desafios precisavam ser superados. Entre eles, destacavam-se a baixa participação ativa dos docentes e a falta de uma discussão mais aprofundada sobre o papel da divulgação científica no ambiente acadêmico da UFU (Jacobucci, Takahashi, Jacobucci, Carmo-Oliveira & Martins, 2008).

Apesar dos obstáculos, à equipe inicial logo se somaram novas parcerias, ao mesmo tempo em que a aprovação de projetos em editais propiciaram agregar mais artefatos científicos ao acervo embrionário. De 2007 a 2015, o museu passou por três espaços diferentes no interior da UFU. Nesse período, em 2009 o museu iniciou ações no campo da Astronomia, novamente com apoio da FAPEMIG e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em 2010, começaram as negociações com a PMU para a cessão de espaço no Parque

⁴¹⁷ Endereços eletrônicos do museu e de suas mídias sociais: <https://dicaufu.com.br/>; https://www.instagram.com/museu_dica/; <https://www.facebook.com/MuseuDiversaoComCienciaEArteDica>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴¹⁸ Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2017-13.pdf>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴¹⁹ Informações consultadas no texto ‘Trajetória’ em folheto *Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte: Educando para a Ciência*, produzido pela equipe do museu.

Municipal Gávea. A Trilha do Sistema Solar⁴²⁰ (figuras 50 e 51) foi o primeiro equipamento a ser implementado no referido parque, localizado na Zona Sul da cidade. A partir de 2011, e diante de aprovação do projeto ‘Ciência e Arte no Parque’ junto ao CNPq, as atividades foram ampliadas para a configuração atual (Nunes, 2017, pp. 40-43).

Figura 50 – Planeta Saturno, Trilha do Sistema Solar, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, julho/2023.

Figura 51 – Planeta Netuno, Trilha do Sistema Solar, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, julho/2023.

Além da Trilha do Sistema Solar e de quatro Praças Temáticas – Física⁴²¹, Química⁴²², Carbono⁴²³ e Biologia⁴²⁴ – (figuras 52-56), o percurso expositivo do museu no parque contempla o Quiosque de Exposições (figuras 57-59) para iniciativas temporárias, como a exposição ‘Roberto Silvestre: Astronomia como paixão’ (figura 59), desenvolvida a partir da pesquisa de Mestrado de Pedro Felipe Maestri (2020).

Todos esses equipamentos – trilha, praças e quiosque de exposições – podem ser visitados pelos frequentadores do parque e por grupos escolares, sob agendamento.

⁴²⁰ Desenvolvida pelo Prof. Dr. Marcos Daniel Longhini, professor titular da FAGED da UFU, em parceria com o astrônomo amador Roberto Silvestre. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Dos Planetas anões às galáxias: ampliando as ações da Astronomia na Trilha do Sistema Solar*, Pedro Felipe Maestri aborda os processos envolvidos na concepção e instalação dessa trilha, bem como necessidades de aprimoramentos, a partir de uma primeira ação educativa (Maestri, 2015).

⁴²¹ Concebida pela Profa. Dra. Silvia Martins, a Praça da Física esteve inicialmente instalada no Campus Santa Mônica, próxima ao Laboratório de Estudos e Pesquisa, Bloco 3E.

⁴²² Desenvolvida pelo Prof. Dr. Tomé Schmidt do INFIS e pelo Prof. Dr. Glauco de Paula Coccozza da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD) da UFU.

⁴²³ Conceito desenvolvido pelo Prof. Dr. Tomé Schmidt e desenhos arquitetônicos do Prof. Dr. Glauco de Paula Coccozza.

⁴²⁴ Desenvolvida por Natália de Andrade Nunes, mestre em Ensino de Ciências e Matemática, em parceria com o Laboratório de Ornitologia e Bioacústica (LORB) do INBIO – uma atuação que deu origem à dissertação de Mestrado *Praça Passarinhar: Investigando os bastidores da transposição museográfica de uma exposição do Museu Diversão com Ciência e Arte (DICA)*, defendida por Nunes em 2017.

Figura 52 – Antenas parabólicas, Praça da Física, Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 53 – Girotec, Praça da Física, Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 54 – Tabela periódica, Praça Química, Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 55 – Estrutura nanotubos, Praça do Carbono, Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 56 – Praça Passarilhar, Praça Biologia, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023.

Figura 57 – Quiosque de Exposições, Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 58 – Exposição ‘Caminhos da eletricidade: da natureza para sua casa’, Quiosque Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 59 – Exposição ‘Roberto Silvestre: Astronomia como paixão’, Quiosque Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

O DICA também dispõe do Laboratório de Estudos e Pesquisa no Bloco 3E (figura 60) e de anfiteatro no Bloco 1X (figura 61), ambos os espaços localizados no Campus Santa Mônica.

Figura 60 – Laboratório de Estudos e Pesquisa



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 61 – Anfiteatro no Bloco 1X



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

O Regimento Interno do museu estabelece uma ‘coleção científico-pedagógica’ distribuída em três conjuntos: acervo de exposições, compreendido por artefatos demonstrativos, considerando as Praças Temáticas sediadas no parque; acervo de recursos didático-tecnológicos (DVDs, *kits* didáticos experimentais, *softwares*, etc.); e acervo de recursos de divulgação (publicações, catálogos, página *web*).

Os primeiros artefatos do acervo de exposições consistiam em experimentos para demonstrar fenômenos básicos da Física, como mecânica clássica, eletromagnetismo, óptica e termodinâmica. Ao longo do tempo, esse acervo foi sendo incrementado por meio de doações

e aquisições, como telescópios e experimento com bolhas de sabão; e de produções de equipamentos no âmbito de projetos de pesquisa de discentes do INFIS⁴²⁵.

A equipe do DICA (figura 62)⁴²⁶ é composta por docentes do INFIS que assumem as funções de coordenação geral do museu⁴²⁷, suporte técnico e científico para curadorias expositivas e organização de eventos. O time inclui ainda duas assistentes administrativas; bolsistas em Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Inovação da FAPEMIG, responsáveis pela estruturação dos setores de comunicação e ação educativa; um técnico administrativo em educação, encarregado da zeladoria das exposições no parque; além de um grupo de colaboradores voluntários, formado por docentes da Educação Básica e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Figura 62 – Equipe do Museu DICA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Essa equipe realiza a gestão administrativa do museu e lidera a concepção e implantação de uma série de atividades, dentre as quais destacam-se: exposições temporárias, itinerantes e virtuais; atendimento a grupos escolares e público espontâneo no parque; programas de formação continuada para professores; organização de oficinas criativas e feiras de ciência;

⁴²⁵ Como os equipamentos produzidos no âmbito dos TCCs *A História do Átomo em exposição*, de Guilherme Augusto de Oliveira, e *Construção de um artefato para o museu: Brincando no Poço Infinito*, de Hugo Freitas Fernandes. Ambos os projetos foram orientados pela Profa. Dra. Silvia Martins e estão respectivamente disponíveis em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26402/4/Hist%c3%b3ria%c3%81tomoExposi%c3%a7%c3%a3o.pdf> e <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26398/4/Constru%C3%A7%C3%A3oUmArtefato.pdf>. Acessos em 2 jan. 2024.

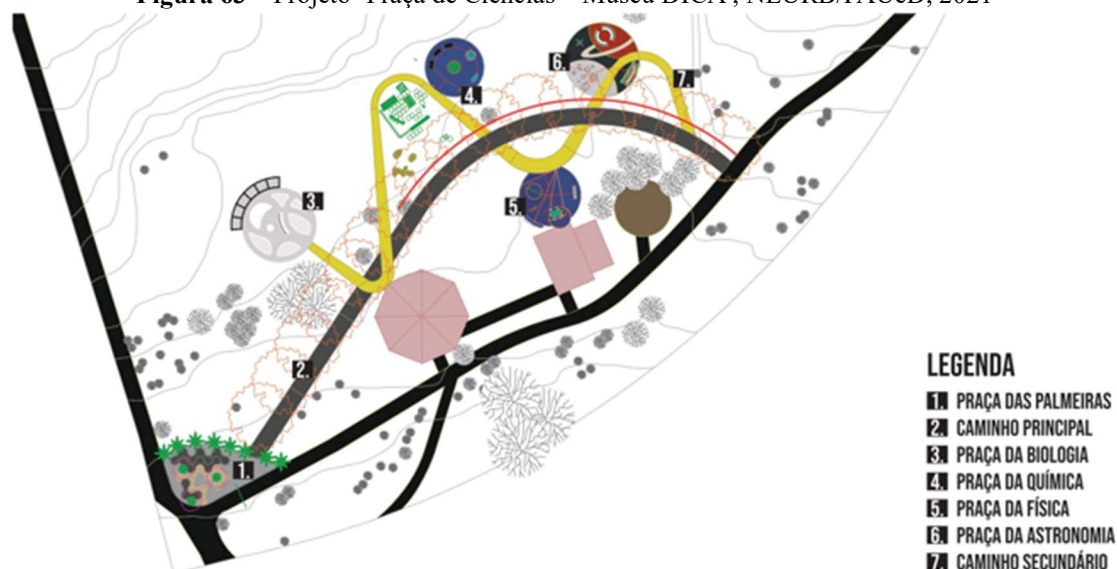
⁴²⁶ Parte da equipe está na figura 62. Da esquerda para a direita: Prof. Tomé Schmidt, Profa. Silvia Martins, Daízi de F. Alves, Andréa Messias, Matheus Barros e Karina Fernandes Silva.

⁴²⁷ No caso, a Profa. Dra. Silvia Martins e o Prof. Tomé Schmidt, que atuou como interino durante a 2ª fase do planejamento museológico.

edição de revista científica; exibição de filmes no âmbito do Cine DICA⁴²⁸. Vale ressaltar a parceria com a FAUeD⁴²⁹, responsável pelo projeto inovador ‘Praça de Ciências – Museu DICA’⁴³⁰ (figura 63), que aguarda a prospecção de recursos financeiros para sua viabilização.

O artigo 13 do Regimento Interno estabelece que a orientação, supervisão e coordenação do museu está sob responsabilidade de um Conselho Curador⁴³¹ interdisciplinar e do curador da Coleção Científico-Pedagógica, instâncias subordinadas ao Conselho do INFIS. De maneira similar ao MBC e ao MUMRO, no processo de planejamento museológico, a equipe técnica do Museu DICA sinalizou a importância do estabelecimento de uma agenda periódica de reuniões desse Conselho Curador e da oficialização das discussões em ATA. A equipe também ponderou que o regimento atual representa um olhar desatualizado e de desconhecimento da universidade sobre o museu, indicando a necessidade de sua revisão.

Figura 63 – Projeto ‘Praça de Ciências – Museu DICA’, NEURB/FAUeD, 2021



Fonte: Museu DICA.

⁴²⁸ Ação cultural idealizada em 2014, inicialmente com exibição da série ‘Cosmos’ de Carl Sagan. Devido ao sucesso, a programação de filmes foi ampliada, passando a incorporar uma produção audiovisual diversificada, que dialoga com temáticas científicas. As sessões são seguidas de discussões e debates.

⁴²⁹ Nesse caso, especificamente com o Prof. Dr. Glauco de Paula Coccozza.

⁴³⁰ Projeto de requalificação dos espaços do Museu DICA no Parque Municipal Gávea, direcionado à configuração de uma praça de ciências. Elaborado por discentes (Alice Cruz, Deborah Gonçalves, Isabelle Santana e Tiago Paulo) do Núcleo de Estudos Urbanos (NEURB) da FAUeD, sob supervisão do Prof. Glauco Coccozza. O partido conceitual prevê a integração de praças temáticas – Biologia, Física, Química e Astronomia –, conectadas por meio de caminhos que conduzem os usuários de maneira lúdica e acessível. Ver também Anexo 2.

⁴³¹ O artigo 15 esclarece os cinco membros que compõem o Conselho Curador: curador da Coleção Científico-Pedagógica, seu Presidente; dois membros docentes pertencentes ao quadro de curadores; um representante do quadro de servidores do museu; e um representante do corpo discente associado a projeto vinculado ao museu. Os cinco membros são indicados pelo Conselho do INFIS para um mandato de 2 anos. No caso do quadro de curadores, o artigo 19 estabelece que o mesmo é composto por professores em regime de dedicação exclusiva na área de Ciências, professores do ensino fundamental e/ou médio, credenciados pelo Conselho Curador.

Ao aplicarmos filtros temáticos à lista de museus e coleções universitárias extraída da RBCMU, utilizando os termos ‘Ciências, Física, Química, Astronomia’, deparamo-nos com um conjunto de 51 espaços, localizados em universidades públicas federais e estaduais (47) e privadas (4). A maior parte (37) são planetários, inclusive itinerantes ou digitais, e observatórios de Astronomia. No estado de Minas Gerais encontramos quatro instituições aparentemente dedicadas exclusivamente ao campo da Astronomia: o Observatório Astronômico Frei Rosário⁴³², da UFMG; o Planetário Móvel⁴³³, da UFOP; o Planetário Gaia⁴³⁴, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; e o Planetário do Espaço do Conhecimento⁴³⁵, da UFMG (ver Apêndice 4).

Nesse contexto, o Museu DICA, ao articular os campos de conhecimento da Física, Química, Biologia e Astronomia, configura-se como espaço educativo e cultural singular na cidade de Uberlândia e na região do estado mineiro. Considerando-se ainda sua localização privilegiada no Parque Municipal Gávea, para além da difusão científica interdisciplinar e formação profissional qualificada, o DICA contribuiu para a preservação de área verde urbana e, consequentemente, para a promoção do bem-estar de seus públicos.

O museu esteve fechado por 2 anos por conta da pandemia, reabrindo à visitação em outubro de 2022, após algumas reformas realizadas graças à parceria consultiva com a FAUeD e recursos do MCTI. Na próxima seção deste capítulo, comentamos sobre algumas iniciativas desenvolvidas pela equipe do museu. Para o momento, acreditamos ser oportuno introduzir brevemente o contexto do INFIS.

O INFIS está sediado no Bloco A do Campus Santa Mônica da UFU. A unidade acadêmica⁴³⁶, estabelecida em 2005, foi criada em 1981 originariamente como Departamento de Ciências Físicas (1981-2000) e depois como Faculdade de Física (2000-2005). Atualmente oferece três cursos de Graduação: Física Licenciatura (desde 1995), Física de Materiais (desde 2005) e Física Médica (desde 2009); dois Programas de Pós-Graduação, sendo em Física (desde 2005) e em Ensino de Ciências e Matemática (desde 2013); e dois Programas de Ensino Tutorial (PET) em Física Médica e Física Licenciatura. Para além do campus no Bairro Santa Mônica localizado em Uberlândia, o INFIS ministra disciplinas de cursos no Campus Patos de Minas e

⁴³² Ver mais em: <http://xingu.fisica.ufmg.br:8087/oap/public/>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴³³ Ver mais em: <https://astronomia.ufop.br/planet%C3%A1rio>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴³⁴ Ver mais em: <https://planetarios.org.br/planetarios/planetario-gaia/>. Acesso em 2 jan. 2024.

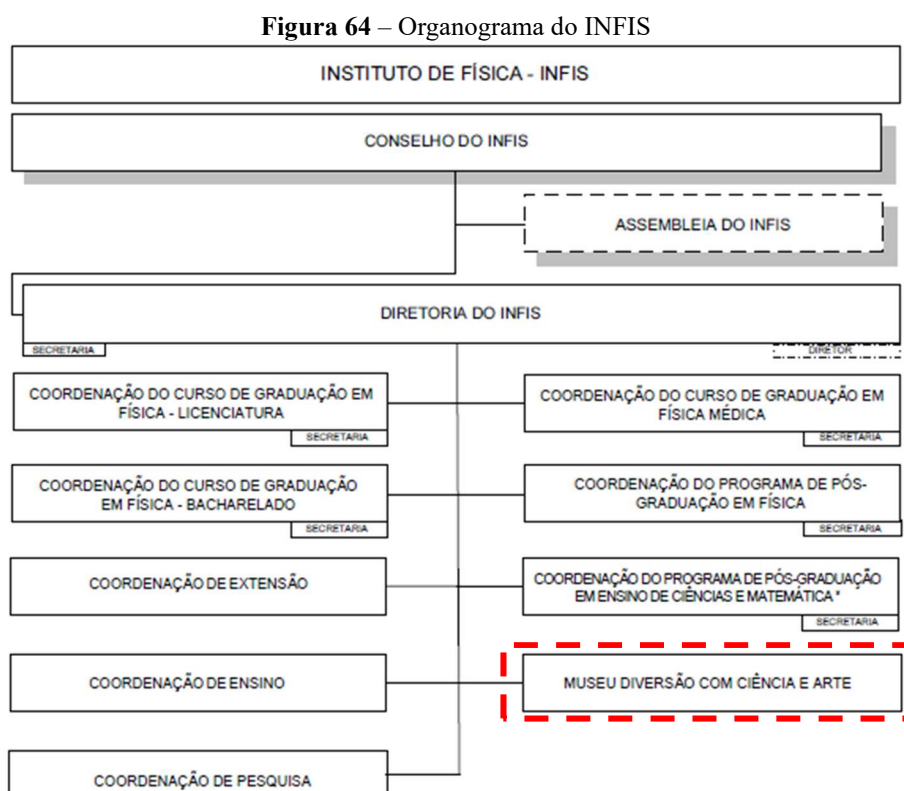
⁴³⁵ Ver mais em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴³⁶ Sob direção do Prof. Dr. José Maria Villas Boas. Fonte: <https://www.infis.ufu.br/mural-de-diretores>. Acesso em 4 jan. 2025.

Monte Carmelo. Atualmente o Instituto de Física conta com 50 docentes efetivos e 2 mil discentes matriculados⁴³⁷.

O INFIS também dispõe de dez grupos de pesquisa⁴³⁸, nove Laboratórios de Ensino e um Multiusuário⁴³⁹, além de seis Núcleos Docentes Estruturantes (NDE)⁴⁴⁰. Importa ainda mencionar que a unidade acadêmica possui uma Coordenação de Extensão (COEXT-INFIS), órgão responsável pelo planejamento, divulgação, acompanhamento e organização de todas as atividades extensionistas da unidade acadêmica, e pela existência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), esta vinculada ao MEC, e dedicado à inserção de estudantes do curso de Licenciatura em Física no cotidiano das escolas.

A seguir apresentamos o organograma do INFIS (figura 64) para melhor visualização do lugar do Museu DICA em sua estrutura acadêmica.



Fonte: Portaria Reito nº 365, de 17 de março de 2023⁴⁴¹.

⁴³⁷ Informações disponíveis em: <http://www.infis.ufu.br/>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴³⁸ Ver mais em: <http://www.infis.ufu.br/node/950>. Acesso em 2 jan. 2024..

⁴³⁹ Ver mais em: <http://www.infis.ufu.br/mais-infis/laboratorios>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁴⁰ Ver mais em: <http://www.infis.ufu.br/mais-infis/nucleos>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁴¹ Disponível em <http://www.proplad.ufu.br/legislacoes/portaria-reito-no-365-de-17-de-marco-de-2023>. Acesso em 2 jan. 2024.

2.3.4 Museu Universitário de Arte

O Museu Universitário de Arte (MUnA)⁴⁴² foi criado em 1996 como órgão interno do então Departamento de Artes Plásticas (DEART), do extinto Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CEHAR). Diante da necessidade de requalificação de prédio histórico então recém-adquirido pela universidade, a abertura oficial do museu ocorreu apenas em dezembro de 1998, com a inauguração de sua primeira exposição aberta ao público, apresentando trabalhos inéditos de docentes do departamento (Kerinska, 2016).

Entretanto, a origem do museu remonta ao ano de 1975, quando se iniciou a constituição de um acervo de obras de arte, por iniciativa de docentes do DEART e tendo em vista dois objetivos fundamentais: aproximar discentes da produção artística, necessária à sua formação profissional e difundir essa produção a uma comunidade mais ampla, contribuindo com a formação cultural da cidade e da região. Em 1980, foi criada a Galeria de Arte da UFU, um projeto de extensão com a finalidade de gerir o acervo reunido e de transformar a universidade em “polo da difusão e irradiação da cultura Centro-Regional”. A iniciativa previa a organização de exposições de artistas, de docentes e discentes da UFU, e de acervos de museus nacionais; palestras; cursos de gravura e eventos culturais (Departamento de Artes Plásticas [DEART], 1980, p. 5).

Nesse início, as exposições eram realizadas em espaço localizado no Bloco A⁴⁴³, no Campus Santa Mônica. Nos anos de 1985 e 1986, o projeto ocupava o prédio da Reitoria da Universidade, quando o espaço expositivo ficou conhecido como Galeria de Arte da Duque de Caxias (Andrade, 2012, pp. 23-25). Em relatório de atividades de 1985⁴⁴⁴, sublinhava-se que a falta de espaço físico para a realização dos eventos artísticos culturais impactava a “improvisação” e ocupação de corredores e saguões de biblioteca, e de anfiteatros localizados no Campus Santa Mônica e Umuarama (DEART, 1985). No contexto dessa existência itinerante, que inclusive inviabilizava a realização de exposições mais compreensivas do próprio acervo e de outras instituições, em 1988 o DEART elaborou uma proposta para construção de uma sede física definitiva, apresentando detalhamentos de recursos humanos, físicos, e financeiros necessários para tal empreitada (DEART, 1988).

⁴⁴² Endereços eletrônicos do museu e de suas mídias sociais: <http://www.muna.ufu.br/>; <https://www.instagram.com/muna.ufu/>; <https://www.facebook.com/MUnA.UFU>. Acessos em 3 jan. 2024.

⁴⁴³ O espaço disponível possuía 148 m².

⁴⁴⁴ Relatório elaborado no âmbito do Projeto Galeria de Arte, então sob coordenação de três docentes do DEART: Ana Maria Araújo Cunha, Márcia H. S. R. Cunha e Lúcia Rezende Azevedo (DEART, 1985).

Mas a iniciativa só ganharia fôlego, e o convencimento das instâncias superiores da universidade de sua relevância, na década seguinte. Em 1995, o acervo já reunia cerca de 90 obras – entre gravuras, esculturas, pinturas, desenhos e tapeçarias –, recebidas em doação de artistas que participaram das exposições promovidas pelo DEART entre 1983 e 1991 (DEART, 1995). Nesse mesmo ano, o Conselho do Departamento de Artes formou uma comissão para a concepção de um espaço cultural da universidade. O Projeto Galeria de Arte Amilcar de Castro⁴⁴⁵, apresentado por essa comissão, trazia diretrizes programáticas que visavam à estruturação das atividades de coleta, pesquisa, conservação, exibição e difusão do acervo e a sugestão de imóvel a ser adquirido, localizado no centro histórico da cidade (DEART, 1995). O projeto foi aprovado por unanimidade pelos integrantes do Conselho Diretor da universidade, em julho de 1995. Cabe destacar que o parecer favorável foi elaborado pelo então relator Valder Steffen Junior⁴⁴⁶, atual reitor da UFU⁴⁴⁷, assinalando a potencialidade do papel educativo e de formação cultural da iniciativa, considerando-a relevante para a universidade, a cidade e a região (DEART, 1995).

A partir do amadurecimento desse projeto, o atual MUnA se concretizou, vindo a ocupar o casarão de interesse histórico sugerido pela comissão⁴⁴⁸ (figura 65). O antigo imóvel foi reformado para a implantação de um programa museográfico composto por espaços expositivos; reserva técnica (figura 66); sala de conservação e restauro; oficina para ação educativa; auditório com 60 lugares (figura 67); e salas administrativas.

Figura 65 – Fachada do MUnA



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

⁴⁴⁵ Nome em homenagem ao artista mineiro Amilcar de Castro (1920-2002), destacado representante do movimento artístico neoconcreto e figura expoente da arte brasileira.

⁴⁴⁶ Mais informações sobre o reitor em: <https://ufu.br/equipe/valder-steffen-junior>. Acesso em 3 jan. 2024.

⁴⁴⁷ Gestões de 2017 a 2020, e de 2021 a 2025. Fonte: <https://ufu.br/unidades-organizacionais/reitoria-reito>. Acesso em 8 ago. 2024.

⁴⁴⁸ O casarão abrigava uma antiga fábrica de vasos de cerâmica antes de ser adquirido pela UFU. A negociação foi intermediada por Nesthor Barbosa de Andrade, então reitor da universidade (Andrade, 2012, p. 30).

Figura 66 – Reserva técnica, MUnA



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Figura 67 – Auditório, MUnA



Fonte: Acervo da autora, março/2022.

Assim como no caso do ‘Mineirão’, o prédio do MUnA também é objeto de tombamento junto à PMU, processo iniciado no final de 2022⁴⁴⁹. O edifício possui localização estratégica, sediado em corredor cultural no Bairro Fundinho, próximo a outros equipamentos culturais, como o Museu Municipal, a Casa da Cultura, a Oficina Cultural e Uai Q Dança.

O MUnA é a única instituição museológica especializada em Artes Visuais na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Ao aplicarmos os filtros temáticos de ‘Artes Visuais’, ‘arte sacra’ e ‘arte/cultura popular’ à lista de museus e coleções universitárias extraída da RBCMU em novembro de 2023, deparamo-nos com um conjunto de 72 espaços⁴⁵⁰, localizados em universidades públicas federais e estaduais (55), privadas (16) e uma organização não governamental. A maior parte dos espaços são denominados como museus (41), seguidos por galerias (10) e pinacotecas (5). No estado de Minas Gerais, além do MUnA foram listados mais sete espaços (ver Apêndice 5).

Em 2001, Almeida identificou 17 museus e coleções universitárias de arte. Apesar dos 3 anos que haviam transcorrido desde a abertura oficial do MUnA, o mesmo não constou do levantamento da autora. Ao mesmo tempo, Almeida indicou outras instituições que, como não estão cadastradas na RBCMU, não integram nosso levantamento⁴⁵¹ (Almeida, 2001, p. 105). É curioso ainda notar que, em sua pesquisa, a autora observou que a maior parte desses espaços foi “formada por coleções e iniciativas de fora das universidades e/ou de fora dos departamentos

⁴⁴⁹ Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/10/predios-do-muna-e-do-mineirao-estao-em-processo-de-tombamento>. Acesso em 3 jan. 2024.

⁴⁵⁰ Se adicionarmos o filtro de ‘história regional’, para incluir, por exemplo o Museu do Seridó da UFRN que consta do levantamento de Almeida (2001, p. 105), a lista alcança 119 espaços.

⁴⁵¹ Nos referimos ao MAB-FAAP em São Paulo e o Museu Assis Chateaubriand (MAC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

de arte e disciplinas afins” e “não cultiva relações sistemáticas com as áreas de ensino da arte” (Almeida, 2001, pp. 143-145), características que vemos presentes na trajetória do MUnA⁴⁵².

Em 2014, o museu tornou-se órgão complementar do IARTE por meio da Resolução nº16/2014⁴⁵³ do CONSUN, instrumento que regulamenta a organização e o funcionamento do referido instituto, este por sua vez criado em 2010 a partir do desmembramento da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (FAFCS)⁴⁵⁴. Estivemos no MUnA em março de 2022 e em maio de 2023. Na segunda ocasião, pudemos visitar as exposições ‘Os afetos da imagem’ (figura 68), que apresentou obras do acervo; ‘Manancial’ (figuras 69 a e b), com a exibição inédita de obras de Lucy Citti Ferreira doadas ao MUnA; e ‘Abrigo e travessia’ (figuras 70 a e b), com obras da artista visual Ropre, aluna formada pela UFU em 2010; e ainda fazer uma roda de conversa com a equipe (figura 71)⁴⁵⁵.

Figura 68 – Exposição ‘Os afetos da imagem’, MUnA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figuras 69 a e b – Exposição ‘Manancial’, MUnA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

⁴⁵² Sobre coleções universitárias de arte no contexto europeu, ver Lourenço (2005, pp. 40-42).

⁴⁵³ Resolução do CONSUN da UFU de agosto de 2014, que aprova o Regimento Interno do Instituto de Artes, estabelecendo o MUnA como seu órgão complementar. Documento disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2014-16.pdf>. Acesso em 3 jan. 2024.

⁴⁵⁴ Unidade acadêmica criada em 1999 e à qual o DEART passa a estar vinculado conforme estabelecido na Resolução nº 05/1999 do CONSUN, disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/ataCONSUN-1999-5.pdf>. Acesso em 3 jan. 2024.

⁴⁵⁵ Da esquerda para a direita: Daniel (visitante); as bolsistas discentes do curso de Artes Visuais: Corinne Caldeira; Rebecca Emília; Sofia Martins e Ana Luiza Melgaço; e Prof. Rodrigo Freitas ao centro.

Figuras 70 a e b – Exposição ‘Abrigo e travessia’, MUnA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 71 – Roda de conversa com a equipe MUnA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Desde sua criação, o museu tem ampliado o acervo iniciado em 1975, notadamente por meio de doações de artistas, muitos dos quais docentes do DEART, e também de instituições⁴⁵⁶ e particulares⁴⁵⁷ (Lemhmkuhl, 2010, pp. 41-46). Formado em sua maioria por obras em papel⁴⁵⁸, produzidas a partir de 1960, contempla a representatividade de artistas de projeção regional, nacional e internacional⁴⁵⁹.

A obra mais antiga do acervo é ‘Vila Saraiva’⁴⁶⁰, um óleo sobre madeira de 1941, de autoria de Geraldo Queiroz, artista pioneiro da pintura em Uberlândia. Além de se tratar de exemplar único fora do espólio do artista doado pela família à Secretaria Municipal de Cultura,

⁴⁵⁶ O MUnA recebeu duas importantes doações de gravuras: 49 obras do Banco Central do Brasil, em abril de 1996, e 6 obras do Instituto Itaú Cultural, em maio de 2001 (Lemhmkuhl, 2010, p. 44). Além dessas doações, o museu recebeu obras de autoria da artista Lucy Citti Ferreira, doadas pela Pinacoteca do Estado de São Paulo.

⁴⁵⁷ Em 2019, o MUnA recebeu a doação de cerca de 70 obras do Instituto Fayga Ostrower.

⁴⁵⁸ Sobretudo gravuras, produzidas em linguagens e técnicas variadas da gravura em metal (água-forte, água tinta, ponta seca, buril), xilogravura, litografia, offset e serigrafia (Lemhmkuhl, 2010, pp. 44-45).

⁴⁵⁹ Como Aldemir Martins, Amílcar de Castro, Ana Maria Araújo, Ana Tavares, Cildo Meireles, Carlos Scliar, Cláudio Tozzi, Clóvis Graciano, Di Cavalcanti, Ernesto Bonato, Evandro Carlos Jardim, Fayga Ostrower, Geraldo Queiroz, Ido Finotti, Julio Plaza, Louise Weiss, Lucimar Bello, Maciej Babinski, Marcelo Grassmann, Maria Bonomi, Nelson Leirner, Renina Katz e Shirley Paes Leme.

⁴⁶⁰ Obra sob o número de registro MUnA R/452. Fonte: <https://acervomuna.com.br/obras/sem-titulo-155/>. Acesso em 8 ago. 2024.

a obra é registro documental da paisagem bucólica da cidade. Obras de outros artistas, como a ‘Sem título’⁴⁶¹, de Ido Finotti (óleo sobre tela de 1969), e a série ‘Paisagem’⁴⁶², de três aquarelas produzidas por Maciej Babinski em 1980, também documentaram a paisagem rural local.

Em 2016, o museu organizou a exposição ‘Duas décadas do Museu Universitário de Arte’, com curadoria de Andrés I. M. Hernández, e lançou a publicação *Obras comentadas*, reunindo textos críticos relativos aos trabalhos de 28 artistas que participaram da exposição comemorativa, que foram doados posteriormente ao acervo do museu universitário. Essa iniciativa procurou amenizar o desequilíbrio da representatividade de técnicas, ao viabilizar a incorporação de um conjunto diversificado de novas obras (Hernández, 2016).

Em 2020, por meio do projeto ‘MUnA Online: do museu para o mundo’, contemplado em edital do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC) de 2020, o museu passou a disponibilizar acesso virtual às obras de seu acervo, pela plataforma *Tainacan*⁴⁶³. Em 2022, uma segunda versão do projeto, ‘MUnA Online: o acervo em diálogo’, deu continuidade ao trabalho de catalogação e de acesso virtual às obras. Ambos os projetos foram idealizados e coordenados por docente do IARTE que estava na coordenação do museu quando elaboramos o Plano Museológico⁴⁶⁴.

A equipe é composta por docentes que ocupam os cargos de coordenação geral e de setores – acervo, comunicação, educativo, expografia e montagem, e programação visual e informática⁴⁶⁵ –, secretaria e quatro bolsistas. Os serviços de vigilância e limpeza são terceirizados pela universidade.

O Regimento Interno do MUnA estabelece um organograma estruturado em Conselho Gestor e Setores Técnicos. O Conselho Gestor, órgão consultivo e deliberativo, integra a participação do coordenador do museu e seu presidente; seis docentes da UFU, sendo três do curso de Artes Visuais; um representante do corpo técnico-administrativo vinculado ao IARTE; e um representante discente do curso de Artes Visuais ou de curso de Pós-Graduação. Os setores técnicos são coordenados por docentes, em sua maior parte do curso de Artes Visuais⁴⁶⁶.

⁴⁶¹ Obra sob o número de registro MUnA T6/466. Fonte: <https://acervomuna.com.br/obras/sem-titulo-154/>. Acesso em 8 ago. 2024.

⁴⁶² Obras sob os números de registro MUnA M4g4.4/204, MUnA M4g4.4/205 e MUnA M4g4.4/206. Informações disponíveis respectivamente em: <https://acervomuna.com.br/obras/paisagem-i/>, <https://acervomuna.com.br/obras/paisagem-ii-atribuido/> e <https://acervomuna.com.br/obras/paisagem-iii-atribuido/>. Acessos em 28 out. 2024.

⁴⁶³ Repositório digital disponível em <https://acervomuna.com.br/>. Acesso em 8 ago. 2024.

⁴⁶⁴ Nesse caso, a Profa. Dra. Tatiana Sampaio Ferraz.

⁴⁶⁵ Os setores foram reduzidos para educativo, expografia e montagem. Fonte: <http://www.muna.ufu.br/index2.html>. Acesso em 8 ago. 2024.

⁴⁶⁶ Uma docente do curso de Jornalismo chegou a assumir a coordenação do Setor de Comunicação, constituído a partir de reflexões provocadas pelo planejamento museológico.

Considerando-se o período de atuação como projeto de extensão da Galeria de Arte, o espaço acumula quase 45 anos de dedicação à preservação, ao fomento e à formação em Artes Visuais. Suas atividades incluem a ampliação, catalogação e difusão do acervo, além de ações educativas e culturais, como o projeto Rede Arte na Escola⁴⁶⁷, em parceria com a PROEXC. Destacam-se também a realização de palestras, seminários de pesquisa, oficinas livres abertas ao público, editais de exposições de alcance nacional, e eventos paralelos, como Festivais de Arte.

Assim como no caso do MBC, MUMRO e DICA, importa situar o órgão ao qual o MUnA está vinculado, nesse caso o IARTE. A unidade acadêmica, criada em 2010, reúne um conjunto de 78 docentes, oferecendo cursos de Graduação e de Pós-Graduação nas áreas de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro⁴⁶⁸. As linhas de pesquisa e laboratórios de ensino ou de prática teórica acompanham essas grandes áreas⁴⁶⁹.

Apesar dos poucos anos de existência do IARTE, convém lembrar que o curso de Música é o mais antigo do ensino superior na cidade de Uberlândia, tendo sido criado em 1957. Em 1968, ao lado do curso de Artes Plásticas, os cursos instrumentais (piano, violino, acordeão) e de Canto eram ministrados na Faculdade de Artes que, no ano seguinte, passou a integrar a UnU com o Departamento de Artes (DEART) e o Departamento de Música (DEMUS)⁴⁷⁰. Importa igualmente pontuar a existência da Orquestra Popular do Cerrado⁴⁷¹ e da empresa júnior Olho de Peixe⁴⁷², além da primeira edição da *Revista Ii*, produzida por alunos do curso de Graduação em Artes Visuais⁴⁷³, em 2023.

A seguir apresentamos o organograma do IARTE (figura 72) para melhor visualização do lugar do MUnA em sua estrutura acadêmica.

⁴⁶⁷ O Polo UFU Rede Arte na Escola é um projeto desenvolvido anualmente, voltado à formação continuada de professores de Arte nas áreas de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. O projeto promove a concepção e realização de um programa de ações educativas e culturais em parceria com estudantes e a comunidade em geral. Ver mais em: https://www.instagram.com/artenaescola_uflu/. Acesso em 8 jan. 2024.

⁴⁶⁸ Fonte: <http://www.iarte.ufu.br/institucional>. Acesso em 8 jan. 2024.

⁴⁶⁹ As linhas de pesquisa podem ser consultadas no link: <http://www.iarte.ufu.br/linha-de-pesquisa>. Acesso em 8 jan. 2024. Os grupos e núcleos de pesquisa específicos do curso de Artes Visuais estão disponíveis em: <http://www.iarte.ufu.br/artes-visuais/pesquisa>. Acesso em 8 jan. 2024. Quanto aos laboratórios de ensino ou prática teórica, não localizamos informação mais sistematizada.

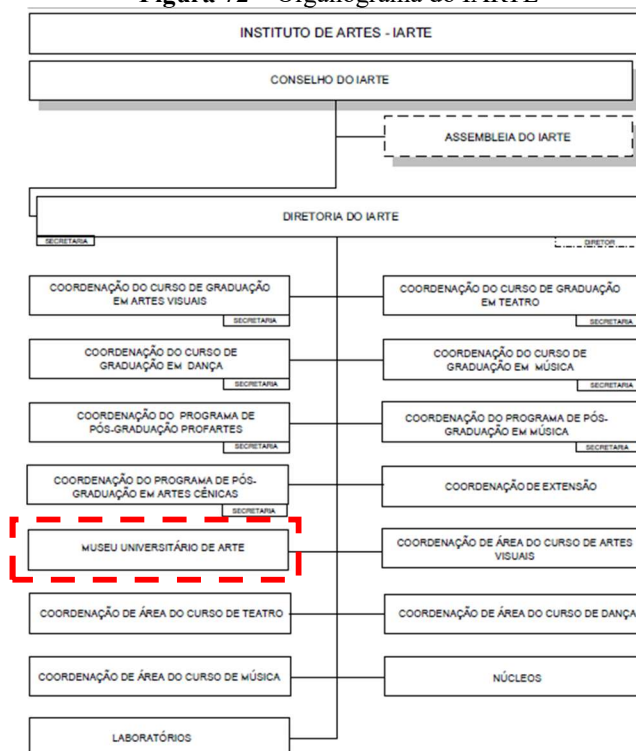
⁴⁷⁰ Fonte: <http://www.iarte.ufu.br/Instituto-de-Artes/historia>. Acesso em 8 jan. 2024.

⁴⁷¹ Ver mais em: <http://www.iarte.ufu.br/orquestra-popular-do-cerrado>. Acesso em 8 jan. 2024.

⁴⁷² Ver mais em: <http://www.iarte.ufu.br/empresa-junior-do-curso-de-artes-visuais>. Acesso em 8 jan. 2024.

⁴⁷³ Exemplar digital disponível em: http://www.iarte.ufu.br/sites/iarte.ufu.br/files/conteudo/page/revista_li_08052023_compressed_1.pdf. Acesso em 8 jan. 2024.

Figura 72 – Organograma do IARTE



Fonte: Portaria Reito nº 365, de 17 de março de 2023⁴⁷⁴.

2.3.5 Museu dos Povos Indígenas

Embora não seja objeto de nosso estudo, optamos por apresentar o Museu dos Povos Indígenas (MUPI)⁴⁷⁵, uma vez que se trata de instituição integrante do SIMU⁴⁷⁶. O Museu do Índio foi criado no âmbito do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais (NUHCIS) do curso de História da UFU, setor sucedido pelo atual CDHIS. A I Mostra de Cultura Indígena, evento realizado em 27 de outubro de 1987 e que apresentava ao público o resultado das primeiras pesquisas de catalogação do acervo etnográfico então reunido, marcou a fundação do Museu do Índio (Meirelles, 2017, p. 29).

Desde sua criação, o museu esteve vinculado a diferentes setores da universidade. Conforme já mencionamos, em 2017 o museu foi incorporado ao organograma da PROEXC, vinculado à Dicult. Mas foi apenas em 2020 que a instituição teve seu reconhecimento oficializado pela universidade, diante da aprovação de seu Regimento Interno por meio da

⁴⁷⁴ Disponível em <http://www.proplad.ufu.br/legislacoes/portaria-reito-no-365-de-17-de-marco-de-2023>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁷⁵ Endereços eletrônicos do museu e de suas mídias sociais: <https://mupiufu.wixsite.com/mupiufu> e <https://www.instagram.com/mupiufu/>. Acessos em 22 out. 2024.

⁴⁷⁶ E também diante da importância da Profa. Dra. Lídia Meirelles na trajetória de constituição de uma política museal na UFU.

Resolução 13/2020⁴⁷⁷ do CONSEX. Em 2023, a Resolução 59/2023⁴⁷⁸ dispôs sobre a alteração do nome da instituição de Museu do Índio (Musíndio), para o título inclusivo de Museu dos Povos Indígenas (MUPI).

O MUPI é o único museu vinculado a uma universidade federal no estado de Minas Gerais, exclusivamente dedicado à salvaguarda e comunicação da cultura de povos indígenas (Meirelles, 2017, pp. 11 e 19). O acervo reunido teve sua origem na doação de uma coleção particular⁴⁷⁹, então composta por cerca de 100 artefatos etnográficos. Essa coleção inicial foi sendo gradativamente ampliada por novas doações da comunidade e por aquisições da universidade, hoje reunindo cerca de 2.500 objetos representativos de 80 grupos indígenas. O museu possui ainda um acervo iconográfico, bibliográfico e hemeroteca (Meirelles, 2015, pp. 209-211).

A equipe é composta por uma coordenação geral do museu em caráter voluntário⁴⁸⁰; uma coordenação de ação educativa e difusão cultural; museólogo; secretária; e bolsistas alocados em atividades de comunicação, ação educativa, Museologia e pesquisa.

O museu realizou inúmeras exposições, sempre precedidas de atividades de pesquisa e acompanhadas de um programa de ação educativa e cultural, que oferece visitas orientadas à exposição (Programa Museu Escola⁴⁸¹), oficinas, palestras e mostras de vídeo com a participação de lideranças indígenas. Também promove os encontros ‘Questão Indígena e Educação’⁴⁸², direcionado à formação de educadores da rede pública de ensino; desenvolve cursos e oficinas de formação nas áreas de Museologia e Etnografia; e organiza incursões em territórios indígenas, que propiciam a obtenção de material fotográfico e dados atualizados sobre os povos (Meirelles, 2015, pp. 211-217).

Mais recentemente, a instituição tem-se dedicado à organização de cursos anuais sobre o idioma guarani, de mostras de arte e de literatura indígena e de publicações⁴⁸³, dentre as quais destaca-se *Museu do Índio 30 anos: Experiências, memórias e coleções*, organizada pela Profa. Lídia Maria Meirelles⁴⁸⁴ (2017).

⁴⁷⁷ Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/ataCONSEX-2020-13.pdf>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁷⁸ Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSEX-2023-59.pdf>. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁷⁹ Coleção reunida por Dona Maria Oranides Crosara quando acompanhava seu esposo em pescarias, incursões que propiciaram contato com grupos indígenas na região de Goiás e Mato Grosso. No início da década de 1970, ela montou um pequeno museu na garagem de sua casa, que chegou a receber visitas de muitas escolas (Meirelles, 2017, pp. 24-26).

⁴⁸⁰ Nesse caso pela Profa. Lídia Maria Meirelles, conforme já pontuamos anteriormente.

⁴⁸¹ Ver mais em: <https://mupiufu.wixsite.com/mupiufu/educativo>. Acesso em 22 out. 2024.

⁴⁸² A 8ª edição ocorreu em outubro de 2023. Evento virtual acessível em: https://www.youtube.com/watch?v=HFE_6zs4-Gg. Acesso em 2 jan. 2024.

⁴⁸³ Disponíveis em: <https://mupiufu.wixsite.com/mupiufu/publica%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em 22 out. 2024.

⁴⁸⁴ Publicação disponível para download gratuito em: <https://drive.google.com/file/d/1nMlhjXWhexXCcw4Du5z32Xv0cF1HSx8Z/view>. Acesso em 22 out. 2024.

Com uma sólida trajetória de 37 anos, o museu dedica-se à construção coletiva de um conhecimento crítico sobre as tradições culturais dos povos indígenas brasileiros, e sobre os desafios enfrentados nos processos de desterritorialização, movidos pela expansão econômica do país. Reconhecendo que o Triângulo Mineiro foi densamente habitado por povos originários, o museu promove reflexões sobre os processos históricos de ocupação da região⁴⁸⁵, evidenciando seu papel político e cultural (Meirelles, 2017, p. 21). Nesse sentido, o museu mantém interlocução constante com instituições congêneres, órgãos governamentais e não governamentais, indigenistas e lideranças indígenas, com o objetivo de ampliar a visibilidade das lutas desses povos e enriquecer o debate público. Adotando uma perspectiva ativista, o museu tem-se envolvido em campanhas de defesa da demarcação e reunificação de territórios indígenas, além de apoiar a formulação e implantação de políticas públicas voltadas à valorização e preservação das tradições culturais dos povos indígenas (Meirelles, 2015, pp. 211-213).

O museu elaborou recentemente seu Plano Museológico, com a contribuição de todas as pessoas que compõe seu corpo técnico. No âmbito do processo de planejamento, a equipe recebeu formação e manteve interlocução com outros profissionais. A propósito, o MUPI é o único museu do SIMU que possui museólogo em seu corpo técnico permanente e foi o primeiro a elaborar seu Plano Museológico.

Ao longo de sua trajetória, o museu passou por diversas sedes, sendo a última um imóvel alugado no Bairro Santa Maria. Em maio de 2023, visitamos o local para conversar com a equipe (figura 73)⁴⁸⁶, e visitar a exposição ‘Orema Roiko Xe: queremos viver’⁴⁸⁷ (figuras 74 e 75).

Figura 73 – Equipe técnica do MUPI



Foto: Acervo da autora, maio/2023.

⁴⁸⁵ Uberlândia teve localização estratégica no processo de ocupação da Região Centro-Oeste do país, promovido pela Expedição Roncador-Xingu (1942-1943), no âmbito do programa de expansão de fronteiras do Governo Vargas (Meirelles, 2017, p. 23).

⁴⁸⁶ Da esquerda para a direita: Kássio Rosa; Mariana Gonçalves; moça não identificada pela equipe do museu; Kennedy Diniz; Allan Martins; Lídia Maria Meirelles; Daniela Vicedomini Coelho e Vera Lúcia F. Silva.

⁴⁸⁷ Essa é a 20ª mostra de cultura indígena organizada pelo museu, trazendo como tema a situação sofrida pelos povos indígenas em sua relação conflituosa com o Estado Brasileiro.

Figura 74 – Exposição ‘Orema Roiko Xe: queremos viver’, MUPI



Foto: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 75 – Exposição ‘Orema Roiko Xe: queremos viver’, MUPI



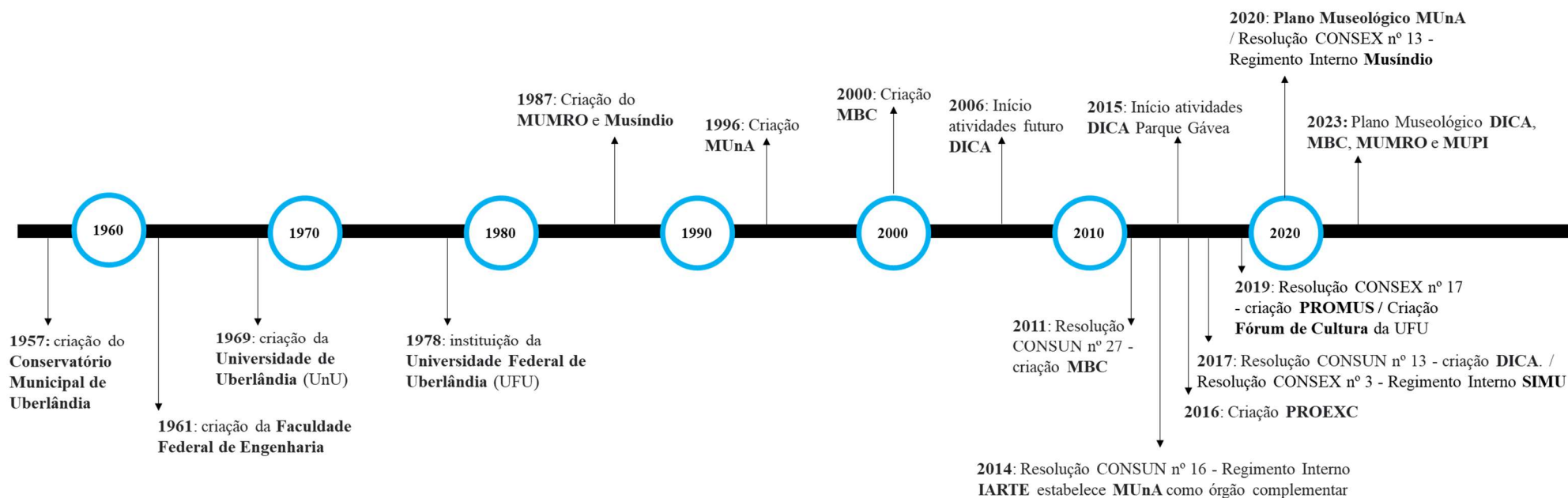
Foto: Acervo da autora, maio/2023.

Na fase atual, a equipe aguarda a transferência definitiva para a nova sede, localizada em edifício anteriormente ocupado pela Reitoria da universidade, na Rua Duque de Caxias, cujos espaços estão passando por reformas estruturais⁴⁸⁸. Além de valorizar o patrimônio cultural e proporcionar maior segurança e estabilidade institucional, espera-se que, com a nova sede, a questão da falta de espaço para uma reserva técnica adequada seja finalmente resolvida (Meirelles, 2015, pp. 220-222).

A partir dos aprofundamentos sobre a história da UFU, sua política museal e seus museus e coleções universitárias, elaboramos uma linha do tempo na qual procuramos destacar alguns marcos importantes nessa trajetória, conforme ilustrado na figura 76, apresentada a seguir:

⁴⁸⁸ O instagram do MUPI informa que o museu fechou à visitação pública em 8 de dezembro de 2023 e que reabrirá em breve em nova sede. Fonte: <https://www.instagram.com/p/C04ky3pJI3c/>. Acesso em 8 ago. 2024.

Figura 76 – Relação da UFU com sua dimensão museal: 1987-Presente



Fonte: Elaboração da autora.

A partir dessa linha do tempo, podemos inferir alguns aspectos importantes da trajetória da gestão da dimensão museal pela Universidade Federal de Uberlândia:

- Os movimentos da comunidade acadêmica para a constituição de museus tiveram início em meados da década de 1980, sob iniciativa de docentes.
- O patrimônio cultural e científico do SIMU integra um conjunto diversificado de bens tangíveis e intangíveis que ancoram a memória e a história da produção de conhecimento científico na universidade, a partir da atuação de docentes, discentes, servidores e colaboradores em distintas unidades acadêmicas, explorando diversas áreas de conhecimento – Antropologia, Artes Visuais, Astronomia, Biologia, Etnografia, Física, Geociências e Química, entre outras.
- O ciclo curatorial da coleta⁴⁸⁹, pesquisa, documentação, conservação e comunicação desse patrimônio promove um diálogo amplificado da UFU com a comunidade acadêmica e a sociedade, por meio de seus cinco museus.
- A partir da segunda década do séc. XXI, a UFU demonstrou avanços na gestão desses espaços, por meio de uma política museal que perpassa a institucionalização tanto do SIMU como dos próprios museus em suas unidades acadêmicas e de um programa de financiamento e fomento (PROMUS).
- Essa trajetória impulsionou a elaboração de Planos Museológicos pelas cinco unidades integrantes do SIMU.
- As discussões sobre a Cultura na UFU têm contribuído para a relevância dos museus universitários, ao criar um ambiente mais colaborativo e estruturado para a preservação e difusão cultural na universidade.

Na seção seguinte, buscando evidenciar o compromisso social dessa dimensão museal da UFU, destacamos algumas ações promovidas pelas instituições, com foco nos quatro museus do SIMU com os quais colaboramos em processos de planejamento museológico.

⁴⁸⁹ Lembrando que a geração de acervos é uma prática diária das universidades por meio de atividades de ensino e pesquisa, e pelo exercício de observação ou experimentação da realidade. As formas de aquisição envolvem coletas de campo, produção de modelos didáticos e maquetes, desenvolvimento de instrumentos e experimentos científicos, e doações, entre outras.

2.4 A função social dos museus do SIMU

Na introdução desta tese, exploramos o conceito de ‘intervenção educativa integral’ da Sociomuseologia, fundamentado na Museologia Integral proposta em Santiago do Chile. Sob essa perspectiva, identificamos uma Escola de Pensamento que reafirma seu compromisso com a expansão da criticidade, o fortalecimento da capacidade de ação coletiva, e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva (Primo & Moutinho, 2021, p. 36).

Da mesma forma, os museus integrantes do SIMU, ao atuarem na socialização de conhecimento produzido nas unidades acadêmicas da UFU, destacam-se por sua dimensão educativa e cultural, desempenhando um papel estratégico tanto na formação acadêmica e profissional, quanto no engajamento de diferentes públicos, contribuindo para a construção de um futuro mais solidário.

Nesta seção, destacamos algumas das iniciativas empreendidas pelos quatro museus com os quais colaboramos, lembrando que são instituições que contam com recursos humanos, materiais e financeiros limitados. Nesse contexto, procuramos revelar a criatividade das equipes para superar desafios, destacando ações de salvaguarda e comunicação dos acervos sob guarda das instituições. Essas iniciativas promovem o envolvimento das comunidades – acadêmicas e externas – com os ‘bastidores’ das dinâmicas sociais relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, focadas na produção, preservação e comunicação de conhecimento científico.

Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC)

Antes de abordarmos as ações realizadas pelo MBC, é importante ressaltar que o Plano Museológico (2023-2028) foi concebido como um ‘registro denúncia’ das dificuldades enfrentadas pelo museu desde o fechamento de sua sede no Parque Victório Siquierolli, em março de 2020. Ao mesmo tempo, o documento buscou reafirmar a potência da instituição para o fomento, a preservação e a comunicação de conhecimento científico sobre a biodiversidade do bioma Cerrado produzido na universidade, para a sociedade. Além disso, o Plano Museológico enfatiza seu papel na formação cidadã e na sensibilização para questões ambientais, consolidando-se como um instrumento de afirmação de sua relevância e de reivindicação de uma sede definitiva junto ao INBIO e à UFU⁴⁹⁰.

⁴⁹⁰ Em dezembro de 2024 o museu informou que estava de mudança para um prédio da UFU. Fonte: <https://www.instagram.com/p/DDXmstRplih/>. Acesso em 9 dez. 2024.

Apesar dos desafios e incertezas, a equipe do museu mantém seu compromisso com o propósito que o sustenta. Afinal, “estar fechado ao ‘público geral’ não significa necessariamente estar moribundo” (Lourenço, 2005, p. 22, tradução nossa). É exatamente isso que buscamos demonstrar – um museu que se reinventa diariamente, de forma vibrante, poética e afetuosa:

“A nossa visão de museu é de lugar que encanta. Que nos descola do chão. Que nos permite vivenciar algo diferente. Ter contato com o inusitado, com aquilo que a gente não espera.
Museu para a gente é espaço de diversão. De estar com o outro. De compartilhar alegrias. De viver momentos agradáveis. De reviver. É **lugar de entrega.** De se deixar ir. E de querer voltar. É parede que faz rir. É **caminho de muitos encontros.** [...] É leitura. É toque. É cheiro. É o **sensível.** É aquilo que nos emociona. **Museu é onde a gente agrega experiências.** Onde os objetos nos convidam. Onde é possível querer mais. Falar sobre. **Pensar no hoje. No ontem. No futuro.**
Lugar de deleite. De acolhimento. De recepção. **De querer bem.** [...] **Construtor de memórias. Museu como patrimônio.** Como meio. Como **possibilidade.** Como **potencializador de discursos.** Catalizador de humores. Como **processo. Algo inacabado.** Continuidade. [...] É o **estático em movimento.** É **transformação.** [...] **Museu para a gente é turbilhão. E rodopios.**” (Carvalho & Oliveira, 2015, p. 8, grifos nossos)

Nesse contexto, a ação educativa constitui o ‘coração pulsante’ do museu, promovendo e expandindo a valorização da biodiversidade do Cerrado, transbordando afetos no planejamento e na execução de todas as suas atividades:

“[...] pensamos a mediação como ação de troca. [...] A mediação no museu é **liberdade.** [...]. É **diálogo.** É **sorriso.** É **acolhimento.** [...] **dúvida.** [...] **ciência** [...]. **poesia.** [...] É **ampliar o olhar** para o exposto. É produção. **Investigação.** [...] É um **compartilhar no coletivo.**” (Carvalho & Oliveira, 2015, p. 10, grifos nossos)

Inspirada no filósofo russo Mikhail Bakhtin, a ação educativa procura construir relações afetivas com seus públicos, proporcionando a vivência de um momento único no museu, ou em “muitos museus em um só” (Carvalho & Oliveira, 2015, p. 13). A mediação ‘cintilante’ do MBC também bebe na fonte ‘naturalista’ do ‘poeta camaleão’ e ‘cientista de palavras’ Manoel de Barros, cuja poesia “é comunhão de naturezas, cores, sons, cheiros, gente. É poema das coisas pequenas, do imprevisível. Do chão. [...] Da Liberdade” (Carvalho & Oliveira, 2015, pp. 15-24).

A seguir trazemos algumas ações educativas e culturais, a partir de nossas vivências com a equipe no processo de planejamento museológico⁴⁹¹.

Projeto ‘MBC itinerante’

A interrupção das atividades no Parque Victório Siquierolli motivou a equipe do museu a buscar alternativas para manter a conexão com seus públicos. Nesse contexto, surgiu a iniciativa ‘MBC itinerante’⁴⁹², concebida como uma ação que expande os limites físicos da instituição – utilizando um carrinho de feira, a equipe leva peças da coleção didática para escolas e praças da cidade.

Durante o planejamento museológico, foi realizada uma ação-piloto com estudantes do 3º ano do ensino fundamental, conduzida por um voluntário e bolsista do museu. Uma segunda ação ocorreu na Praça Tubal Vilela⁴⁹³, no dia 18 de maio de 2023⁴⁹⁴ (figura 77), como parte da semana comemorativa do Dia Internacional de Museus na UFU. Tivemos a oportunidade de acompanhá-la presencialmente.

A atividade incluiu a exibição de animais taxidermizados, espécimes preservados em meio líquido (como cobras e sapos) e insetos, apresentados ao público que circulava pela praça, situada no centro de Uberlândia. Foi interessante e divertido observar a diversidade de pessoas – de diferentes gêneros, idades, profissões, entre outros – que, ao transitarem pelo local, paravam curiosas para aprender sobre os espécimes expostos. Enquanto algumas sentiam medo ou repulsa ao toque, outras expressavam dúvidas sobre se os animais ainda estavam vivos.

No segundo semestre de 2023, o ‘MBC itinerante’ realizou outra ação em uma praça pública e visitou diversas escolas públicas municipais e estaduais, além de uma instituição particular. As atividades atenderam turmas do ensino fundamental e médio, alcançando um público total de 3.600 pessoas⁴⁹⁵.

⁴⁹¹ E considerando a gestão das professoras Daniela Franco Carvalho e Fernanda Helena Nogueira-Ferreira. Entre 2010 e 2017, as referidas docentes revezaram-se no cargo de coordenação do MBC. Em 2022, a Profa. Daniela Franco Carvalho retornou à coordenação do MBC, após um período coordenando o Setor Educativo do MuNA (2018-2021).

⁴⁹² Ação inspirada no projeto ‘Ciência Fresquinha’, realizado pelo Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva em Lisboa, como parte de programa nacional de divulgação científica, que integra uma rede de 21 instituições de Portugal. Em 2013, a Profa. Daniela Franco Carvalho acompanhou as atividades ofertadas em ambiente externo e anunciadas a partir de um carrinho de sorvetes.

⁴⁹³ A praça é a mais antiga da cidade, integrante de projetos urbanísticos elaborados no final do século XIX. Fonte: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/praca-tubal-vilela/>. Acesso em 11 jan. 2024.

⁴⁹⁴ Nesse dia estavam presentes: a Profa. Daniela Franco, coordenadora do MBC; a técnica Jéssica P. Luiz Campos; as discentes bolsistas Bianca Gonzaga Arantes Silva, Bruna Gentil de Souza e Maria Paula Peres Almeida; e os voluntários Lana Julia Nalesco Schrodén e Lucas Pimentel Pedrotti (discentes) e Marcelo Alves Ranuzi Borges (professor de Educação Básica). A ação também foi divulgada no Instagram do museu: https://www.instagram.com/p/Cs12jIuPRw2/?img_index=1. Acesso em 11 jan. 2024.

⁴⁹⁵ Dados informados pela Profa. Daniela em 22 de março de 2024. As ações estão divulgadas no Instagram do museu: <https://www.instagram.com/mbc.ufu/>. Acesso em 11 jan. 2024.

Figura 77 – Ação ‘MBC itinerante’



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

O ‘Cantinho das Abelhas’ e os ‘Doces Jardins Educativos’

O ‘Cantinho das Abelhas’ foi idealizado, no início de 2012, para difundir conhecimento científico sobre as abelhas sem ferrão. O primeiro espaço, implantado nos jardins do MBC no Parque Victório Siquierolli, é composto por cinco meliponários para criação das espécies jataí e mandaçaia, de forma a facilitar a observação da estrutura interna dos ninhos, do comportamento e função de cada espécime nas colônias. Nesse contato, o público é estimulado a perder o medo desses pequeninos seres, e a compreender sua importância para a sobrevivência do Cerrado, visto que essas abelhas são responsáveis por cerca de 80% da polinização das flores desse bioma.

A partir desse projeto-piloto no MBC, novos ‘doces jardins’ foram imaginados e implantados em quatro escolas municipais de Uberlândia, por meio do projeto ‘A Invasão das abelhas nas escolas’, envolvendo a participação ativa de estudantes e professores de escolas de Educação Básica e da UFU⁴⁹⁶. O projeto previu a realização de atividades práticas diversificadas no MBC, como brincadeiras, jogos e observação dos ninhos e abelhas no ‘Doce Jardim’ inaugural do museu. A partir dessas vivências, os estudantes imaginaram e replicaram os doces jardins em suas escolas (Nogueira-Ferreira, Borges & Oliveira, 2016, pp. 7-11).

⁴⁹⁶ No caso das escolas, foram mobilizados 91 estudantes e 12 professores. No caso da UFU, 19 estudantes - estagiários e pós-graduandos do Laboratório de Ecologia e Comportamento de Abelhas (LECA) -, e discentes do grupo PET Biologia, atuaram como monitores/professores em todas as fases de desenvolvimento do projeto (Nogueira-Ferreira et al., 2016, pp. 7-11). O Programa de Educação Tutorial (PET) do MEC, criado para estimular atividades de ensino, pesquisa e extensão na Graduação, se desenvolve através da formação de grupos de estudantes, sob tutoria de docentes.

Os doces jardins ‘floresceram’ na UFU por meio do projeto ‘Doces Jardins Universitários’, que viabilizou a criação de espaços similares nos campi Umuarama e Santa Mônica, inaugurados respectivamente em março e abril de 2023. Tivemos a agradável oportunidade de visitar o ‘Doce Jardim Educativo’ no Campus Umuarama (figuras 82-84), no dia 17 de maio de 2023, como parte de atividade integrada ao processo de planejamento museológico, realizada em conjunto com a equipe do MBC e ex-bolsistas, após uma visita ao Laboratório de Ecologia e Comportamento de Abelhas (LECA).

No LECA fomos apresentados à coleção de Apoidea, com explicações sobre a captura, o acondicionamento e a identificação dos espécimes (figuras 78-81). Foi ressaltada a importância do laboratório no armazenamento de materiais de pesquisa descritos em artigos científicos e provenientes de doações, com a possibilidade da destinação de espécimes excedentes ao acervo didático do Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia⁴⁹⁷ (LEN). Apesar de contar com o apoio de dois bolsistas, o LECA carece de técnico especialista em taxonomia para auxiliar na gestão das coleções depositadas. Nessa visita, também aprendemos sobre a construção de ninhos por abelhas em pedaços de bambu preparados e armazenados em casinhas ao ar livre, que podem ser abertas para visualização e degustação do delicioso mel produzido (figuras 82 a e b). Além disso, há ali um mural com desenhos de artista e docente do IARTE (figura 83).

Apesar da estreita relação do MBC com o LECA, a coleção de Apoidea não está formalmente depositada no museu. Além dessa coleção de invertebrados, existe a coleção Mirmecológica e a coleção Aracnológica, sob curadoria de docentes distintos do INBIO. A seguir apresentamos alguns registros desses encontros que sensibilizaram nosso olhar para as abelhas e seus doces jardins.

⁴⁹⁷ Ver mais em: <https://www.inbio.ufu.br/unidades/laboratorio-de-ensino/laboratorio-de-ensino-de-ciencias-e-biologia>. Acesso em 22 out. 2024.

Figura 78 – Visita ao LECA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 79 – Coleção de Apoidea, LECA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 80 – Frasco mortífero, LECA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 81 – Gabarito, LECA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figuras 82 a e b – Casinha das abelhas, 'Doce Jardim Educativo' Campus Umuarama



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 83 – Mural com desenhos, ‘Doce Jardim Educativo’ Campus Umuarama



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 84 – Equipe do MBC, ‘Doce Jardim Educativo’ Campus Umuarama



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Em 2023, a equipe do MBC estimou ter alcançado um público de mil pessoas, por meio de visitas escolares agendadas e ações pedagógicas externas, realizadas em escolas ou em espaços não formais de educação. Além disso, a equipe presta assessoria técnica; promove aulas práticas vinculadas a disciplinas de Graduação; ministra minicursos extracurriculares; e participa de eventos de divulgação científica, tanto na UFU quanto fora dela.

No âmbito virtual, o MBC também tem desenvolvido ações expositivas em suas redes sociais, como os projetos ‘Brasilidades do Cerrado’ e, mais recentemente, ‘A morte no museu’⁴⁹⁸. Destaca-se ainda a organização da 1ª edição do ‘MBC Integra’⁴⁹⁹, idealizado para promover a integração entre as coleções científica e didática do museu e a comunidade universitária e externa. O evento contou com palestras, minicursos e apresentação de iniciativas ligadas ao museu.

Catálogo das Coleções Científicas

Outra ação importante em curso reside na catalogação padronizada das coleções zoológicas científicas do INBIO, que compreendem em torno de 30 mil espécimes classificados em subcoleções científicas: Mirmecológica, Apoidea, Aracnológica, Ictiológica, Herpetológica (seção Anuros Tropicais e Squamata), Mastozoológica e Paleontológica. Dentre essas, apenas as coleções de ictiologia, paleontologia e herpetologia estão ‘depositadas’ no MBC para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

⁴⁹⁸ Durante as discussões sobre o Programa Educativo e Cultural, foi relatado que o questionamento sobre a morte dos animais era bastante recorrente entre as crianças, que demonstravam curiosidade em saber como os espécimes haviam chegado ao museu. Sugerimos que esse tema fosse explorado pela equipe em alguma ação futura. Ver mais em: https://www.instagram.com/p/Cv8H1EEJ9OG/?img_index=1. Acesso em 11 jan. 2024.

⁴⁹⁹ Evento realizado em janeiro de 2024. Ver mais em: https://www.instagram.com/p/C14tu-VLNSF/?img_index=1. Acesso em 11 jan. 2024.

Os responsáveis pelas coleções assumiram suas funções em 2021. Durante as escutas realizadas no processo de planejamento museológico, foi relatada a ausência de um diálogo situacional com o curador-geral anterior, o que dificultou ainda mais o reconhecimento das subcoleções, cujo acesso estava restrito a curadores especialistas. Desde então, a nova curadoria tem adotado uma abordagem integradora, com ênfase na sistematização padronizada das informações das coleções, visando à sua futura disponibilização em repositório digital de acesso público⁵⁰⁰.

O *software* utilizado para a gestão informatizada de dados é o *Specify Collections Consortium*⁵⁰¹, que oferece diferentes níveis de acesso, além de servidor remoto⁵⁰². As informações são sistematizadas em planilhas e depois importadas para o *software*, que facilita buscas diversificadas, além da extração de documentos em formato de relatórios, planilhas e etiquetas – estas incluem códigos de barra, e poderão futuramente ser utilizadas no museu para acesso aos dados dos espécimes em exibição. Na percepção do novo curador, a gestão unificada e sistematizada da documentação das coleções zoológicas científicas impulsionará a expansão de projetos de investigação, contribuindo para a produção de conhecimento inédito e atualizado sobre os biomas savânicos. Além disso, ao tornar a informação pública e disponível, busca-se promover uma maior conexão da sociedade com o bioma, incentivando a conscientização sobre a importância de sua preservação.

Também foi enfatizada a importância de realizar coletas sistemáticas de espécimes para manter a coleção atualizada, monitorar a evolução das espécies (como aumento ou redução populacional) e investigar as causas dessas alterações, expandindo ainda mais as oportunidades para futuros projetos de pesquisa. Em sintonia com Lourenço (2005, p. 43), foi destacado que as coleções depositadas no MBC possuem valor documental, funcionando como um registro do material genético dos espécimes, essencial para compreender a evolução da biodiversidade no bioma, frente aos impactos dos fenômenos globais em curso, e para simular cenários futuros.

No dia 17 de maio de 2023, visitamos as instalações que acondicionam as coleções no Bloco 4Q no Campus Umuarama, junto a discentes e ex-bolsistas. O curador-geral apresentou-

⁵⁰⁰ O novo sistema de catalogação adota o acrônimo ‘MBC’, seguido de numeração sequencial e indicação da respectiva subcoleção (por ex: ‘MBC-01-Pv’: espécime de número 01 da seção de Paleovertebrados da Subcoleção Paleontológica; ‘MBC-01-Na’: espécime número 01 da seção de anuros da Subcoleção Herpetológica). Sob esse novo sistema padronizado, as informações serão oportunamente disponibilizadas em plataforma digital, acompanhadas de registro fotográfico de cada espécime. Fonte: <http://www.inbio.ufu.br/unidades/unidade-especial/museu-de-biodiversidade-do-cerrado>. Acesso em 11 jan. 2024.

⁵⁰¹ Ver mais em: <https://www.specifysoftware.org/>. Acesso em 11 jan. 2024.

⁵⁰² Importa assinalar que a implantação desse banco de dados informatizado demandava servidor de grande porte, com capacidade para armazenamento de muitos dados, e que o INBIO aguardava recursos para viabilizar essa aquisição.

nos as coleções de ictiologia e paleontologia, destacando o trabalho atual de organização física na reserva técnica, em setores para espécimes acondicionados em área seca e área úmida (figuras 85 e 86). Em relação à coleção ictiológica, ele mencionou a expectativa de receber novas estantes e potes para padronizar o acondicionamento dos espécimes. Observamos diversas bombonas (figura 87), cujas cores indicam o conteúdo, todas identificadas com etiquetas, assim como os potes (figura 88). O curador também ressaltou a necessidade de aumentar a representatividade de espécies da região do Triângulo Mineiro, reiterando a importância da elaboração de regimentos específicos para cada subcoleção, com base em uma diretriz geral. A seguir, apresentamos alguns registros dessa visita.

Figura 85 – Visita às coleções científicas do INBIO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 86 – Coleção de Paleontologia, INBIO



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 87 – Bombonas



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figura 88 – Frasco com etiqueta



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Vale destacar que as visitas ao Bloco 4Q, ao LECA e ao ‘Doce Jardim Universitário’, realizadas no contexto do planejamento museológico, proporcionaram um aprendizado coletivo sobre as atividades de salvaguarda e comunicação das coleções científicas do museu, tanto para a equipe de discentes e de ex-bolsistas do MBC, quanto para nós.

Curso de Educação Museal

A primeira edição do curso de Educação Museal foi oferecida no segundo semestre de 2020, como disciplina optativa do curso de Ciências Biológicas do INBIO, contando com a participação de 35 inscritos. No ano seguinte, o curso foi ofertado em dois momentos, novamente como disciplina optativa: no primeiro semestre para 42 inscritos e, na sequência, em parceria com o MuNA na divulgação, para 79 participantes do Brasil inteiro. No primeiro semestre de 2023, novamente em parceria com o MuNA, a participação aumentou para 89 inscritos. Ou seja, no total, o curso já alcançou 245 pessoas desde 2020 (MBC, 2023, p. 60).

O currículo do curso é desenvolvido a partir das discussões no âmbito do grupo Amplia⁵⁰³, do qual o MuNA também faz parte. Na edição desse ano, uma ex-bolsista foi especialmente convidada para apresentar uma comunicação sobre Acessibilidade e Educação Inclusiva, com base nas reflexões geradas pela construção coletiva do Plano Museológico, da qual participou ativamente.

Diante do exposto, percebemos a essência vibrante desse museu resiliente, cuja trajetória é (re)construída por um acervo de emoções que se expande a cada dia, e com o qual tivemos o privilégio de colaborar:

“O Museu de Biodiversidade do Cerrado para a gente é espaço formativo. De pesquisa. De compartilhamento. De conhecimento. De vida. De diversidade. De mato. E bicho. De planta. Das coisas miúdas. E grandes. É um museu das pessoas. Dos visitantes. Do público. Do que está para lá da janela. É uma conquista. Um ponto de memória. Um monte de história. Uma coletânea de mãos que já fizeram muitas coisas juntas. Um ir e vir. Uma rua de mão dupla. Da universidade para a vitrine e da vitrine para a universidade. Do cientista que conceitua, que registra, que pesquisa. Para aquele que lê, que vê, que sente, que vibra, que observa. Um ciclo.” (Carvalho & Oliveira, 2015, p. 9, grifos nossos)

⁵⁰³ Ver mais em <http://www.amplianarede.com.br/>. Acesso em 11 jan. 2024.

Museu de Minerais e Rochas (MUMRO)

O processo de planejamento museológico no MUMRO reafirmou seu compromisso com a salvaguarda e a comunicação de conhecimento científico em Geociências, por meio da integração entre atividades de ensino, pesquisa e extensão. Essa perspectiva é voltada à promoção de formação acadêmica qualificada e de uma postura mais responsável da sociedade em suas relações com o meio ambiente (MUMRO, 2023).

A conscientização é essencial na era do Antropoceno, marcada pelos devastadores impactos da atividade humana sobre ecossistemas naturais e centros urbanos, que afetam principalmente as populações mais vulneráveis. Um exemplo recente e alarmante ocorrido no Brasil foi o rompimento de barragem da mineradora Vale S. A., que completou 5 anos em janeiro de 2024. Considerada uma catástrofe anunciada, já que o risco de rompimento havia superado limites aceitáveis⁵⁰⁴, o desastre é reconhecido como o maior ‘acidente de trabalho do país’, com a perda de 270 vidas humanas, além de ser o mais grave desastre ambiental de mineração desde o rompimento da barragem em Mariana, Minas Gerais, em 2015.

A coleção didática do MUMRO, inicialmente criada para apoiar as atividades de ensino do então Departamento de Geografia no início da década de 1980, evoluiu para um museu, ampliando suas atividades e estabelecendo conexões com diversos perfis de públicos, para além da comunidade da unidade acadêmica. Na presente seção, destacamos duas iniciativas: a ‘Exposição Sensorial’ e ‘Minicurso de Capacitação em Mineralogia’.

‘Exposição Sensorial’

Essa iniciativa foi realizada uma única vez⁵⁰⁵, em junho de 2019, no saguão do Bloco 50-B do Campus Santa Mônica (figura 89), contando com a participação de alunos de escola municipal e da Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia (ADEVIUDI). A ação expositiva disponibilizou peças do acervo do museu para toque, para que os participantes pudessem sentir as texturas das amostras (figuras 90 a-c). Na ocasião também foram oferecidas palestras.

No âmbito do planejamento museológico, sugerimos a retomada dessa ação⁵⁰⁶, especialmente enquanto não é viabilizada a acessibilidade física ao primeiro pavimento do edifício, onde o museu está localizado, por meio da instalação de plataforma vertical de

⁵⁰⁴ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/01/27/risco-de-rompimento-em-brumadinho-era-20-vezes-maior-que-aceitavel-dizem-peritos.htm>. Acesso em 16 jan. 2024.

⁵⁰⁵ A equipe do museu não possui dados sobre o público atendido.

⁵⁰⁶ A atividade foi retomada em setembro de 2024, no âmbito da Primavera de Museus no Brasil, no formato da exposição ‘Minérios do Planeta’. Informação recebida da Profª. Dra. Larissa Marques Barbosa de Araújo, em 25 de setembro de 2024.

acessibilidade (ou elevador ‘PNE’). Esse ponto também foi destacado em um trabalho de conclusão de curso sobre a acessibilidade nos museus universitários da UFU (Torres, 2020, p. 63). Além disso, propomos a prospecção de parcerias com outras instituições de ensino e organizações locais, como a própria ADEVIUDI.

Figura 89 – Cartaz de divulgação da ‘Exposição Sensorial’, MUMRO



Fonte: Facebook do MUMRO⁵⁰⁷.

Figuras 90 a, b e c – ‘Exposição Sensorial’, MUMRO



Fonte: Facebook do MUMRO⁵⁰⁸.

⁵⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/mmrufu/photos>. Acesso em 15 jan. 2024.

⁵⁰⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/mmrufu/photos>. Acesso em 15 jan. 2024.

‘Minicurso de Capacitação em Mineralogia’

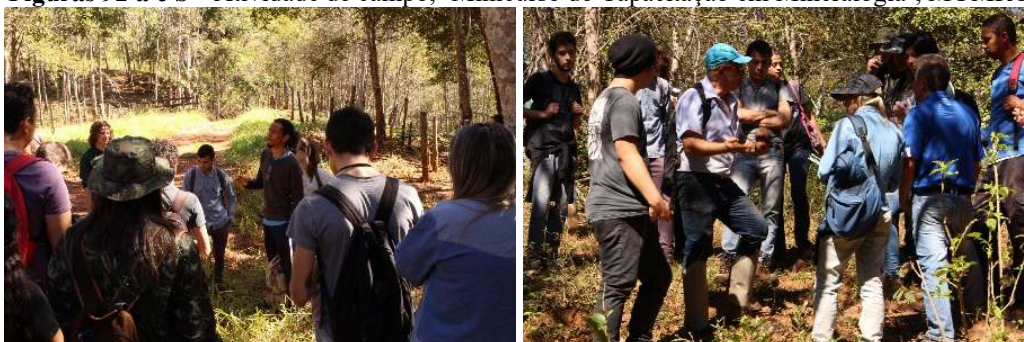
Iniciada em 2017, em parceria com a Secretaria Municipal da Educação, a formação continuada para professores da rede pública tinha como objetivo o aprimoramento de práticas pedagógicas em Geociências. A primeira edição contou com 17 participantes, enquanto a segunda, em 2018 (figura 91), reuniu um grupo menor de pessoas (figuras 92 a e b). Contudo, o curso foi descontinuado, devido a essa baixa adesão e à falta de interesse da secretaria em renovar a parceria (MUMRO, 2023, pp. 49-50).

Figura 91 – Cartaz de divulgação do ‘Minicurso de Capacitação em Mineralogia’



Fonte: Facebook do MUMRO⁵⁰⁹.

Figuras 92 a e b – Atividade de campo, ‘Minicurso de Capacitação em Mineralogia’, MUMRO



Fonte: Facebook do MUMRO⁵¹⁰.

⁵⁰⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/mmrufu/photos>. Acesso em 15 jan. 2024.

⁵¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/mmrufu/photos>. Acesso em 15 jan. 2024.

Nos últimos anos, o museu também organizou diversas palestras e colóquios, como a série de palestras ‘Diálogos Geológicos’⁵¹¹, e o ‘I Colóquio de Neotectônica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba’⁵¹².

Diante das dificuldades enfrentadas – equipe reduzida⁵¹³, recursos materiais e financeiros insuficientes, necessidade de requalificação do espaço físico, entre outras –, é importante ressaltar a atuação resiliente e comprometida da equipe do museu. Esperamos que esse cenário ganhe novo impulso com a reformulação do IG para o atual Instituto de Geociências, Geografia e Saúde Coletiva⁵¹⁴ (IGESC). Vemos essa reestruturação como uma excelente oportunidade para o museu estabelecer novas parcerias com o corpo docente e discente, além de ampliar sua visibilidade, aproveitando sua conexão com as grades curriculares de diversos cursos da unidade acadêmica e da UFU.

É importante também mencionar a reunião temática ‘Museus Universitários de Geociências’, organizada durante o VII FPMU, e na qual estivemos presentes. A discussão foi coordenada pela chefe técnica do Museu de Geociências da USP⁵¹⁵, e contou com representantes de museus vinculados a universidades públicas – estaduais e federais. Na reunião, foram compartilhados desafios enfrentados no cotidiano de trabalho, como dificuldades na formalização de doações por pesquisadores que se mostram apegados às coleções que constituem enquanto servidores públicos; negligência com coleções devido à extinção ou remanejamento de departamentos; falta de espaço físico adequado para inventários; equipes reduzidas; e sobrecarga emocional de docentes.

Embora o MUMRO não tenha participado diretamente dessa reunião, compartilhamos todas as informações com sua equipe técnica, buscando fomentar aproximação com docentes, pesquisadores, discentes e profissionais de outros espaços. Como pontuamos, há pelo menos 43 espaços congêneres a serem prospectados para parcerias, com destaque inicial para o Museu

⁵¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@dialogosgeologicos6637/videos>. Acesso em 15 jan. 2024.

⁵¹² Fonte: <https://www.facebook.com/mmrufu/photos/509776786346675>. Acesso em 15 jan. 2024.

⁵¹³ No diagnóstico setorial dos programas, foi apontada a necessidade do preenchimento de dois cargos: o de técnico nível superior, para apoio na gestão do acervo (organização da sala de amostras, controle de descarte e de doação de amostras, monitoramento do estado de conservação das peças em exposição, entre outras atividades), manutenção de equipamentos e elaboração de projetos de pesquisa; e outro de secretaria, para atender às demandas institucionais, realizar o agendamento de reuniões, receber encomendas, e organizar a documentação e os processos burocráticos do museu.

⁵¹⁴ Essa reestruturação do IG em IGESC foi observada na fase de revisão final da presente pesquisa. Ver mais em: <https://igesc.ufu.br/>. Acesso em 22 out. 2024.

⁵¹⁵ Miriam Della Posta de Azevedo.

de História Natural e Jardim Botânico da UFMG e o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da UFOP.

No início de 2024, novamente sob liderança da chefe técnica do Museu de Geociências da USP, ocorreu a primeira reunião do recém-criado Grupo de Trabalho de Museus Universitários de Geociências, do qual o MUMRO já faz parte. Os primeiros esforços do grupo estão voltados para a elaboração de um documento apresentando as equipes integrantes e as necessidades básicas dos espaços, e para o desenvolvimento de um formulário de pesquisa destinado ao mapeamento de novos espaços e de demandas comuns.

Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte

Antes de explorarmos as ações empreendidas pelo Museu DICA, vale recapitular que o processo de planejamento museológico foi realizado em dois momentos distintos: a primeira fase, de planejamento estratégico dedicado à construção do Perfil Museológico, ocorreu entre maio e agosto de 2022, período em que o museu estava se organizando para sua reabertura em outubro do mesmo ano. A segunda fase, de planejamento tático e operacional direcionado à elaboração da Matriz Programática de Ações, estendeu-se ao longo do 1º semestre de 2023.

Com base nos relatos obtidos no início dos trabalhos da segunda etapa, constatamos que o amadurecimento do Perfil Museológico durante a fase inicial foi essencial para a construção coletiva de uma visão ampliada sobre o funcionamento do museu, orientada para o aprimoramento de sua atuação. Esse processo também despertou uma maior compreensão do papel individual de cada membro da equipe no alcance desse aperfeiçoamento. A seguir, trazemos alguns desses relatos sobre as experiências vivenciadas na primeira etapa de planejamento conceitual:

“[...] pausa importante para refletir sobre o museu, os caminhos possíveis”.

“[...] foi essencial para refletir sobre os processos e ampliar o entendimento da instituição museológica e organizar o trabalho. [...] a construção da identidade institucional (missão, visão, valores) se constituiu como um Norte para a atuação do museu. [...] processo igualmente promotor de crescimento profissional”.

“[...] o plano conceitual ajudou a compreender o DICA, a perspectiva da equipe, dos educadores e do meu papel no museu”.

“[...] a experiência ajudou a perceber meu potencial e aperfeiçoar minha atuação; ajudou a organizar o trabalho e ampliar minha visão do museu.”

“[...] a construção do Plano Conceitual foi a ação mais importante em 2022, pois propiciou documentar e refletir sobre o entendimento da complexidade e amplitude do trabalho no museu”.

Nesse contexto, as discussões setoriais voltadas para a definição de ações e metas programáticas reverberaram num museu mais ‘amadurecido’. Ainda assim, ao final desse segundo momento de planejamento, o Perfil Museológico foi revisitado, com a realização de ajustes que propiciaram maior clareza e assertividade na redação dos enunciados, principalmente do conjunto de objetivos estratégicos. Assim, o Museu DICA reafirmou seu propósito enquanto

“espaço de democratização e divulgação de conhecimento científico, de forma dialógica, envolvente e divertida; estimulando o desejo pela ciência e o desenvolvimento de pensamento crítico por meio da organização de ações expositivas, educativas e culturais e da promoção de intercâmbio com instituições pares.”
(Museu DICA, 2023, p. 23)

Isso posto, a seguir destacamos algumas ações empreendidas pelo Museu DICA:

Atendimento a escolas e público espontâneo no Parque Municipal Gávea

O circuito expositivo de longa duração, localizado no Parque Municipal Gávea (figura 93), contempla quatro praças temáticas e a Trilha do Sistema Solar. Recapitulando, as praças temáticas são aquelas da Física, composta pelos equipamentos Alavanca, Antenas Parabólicas, Balanços e Girotec, que exploram conceitos de mecânica (dinâmica, estática e cinemática); do Carbono, com instalações que simulam as diferentes formas do referido elemento; Química (Tabela Periódica); e Passarinhar, que explora a biodiversidade das aves do Cerrado. Os equipamentos que integram as praças são contemplativos e interativos, e estão contextualizados com painéis infográficos.

Por sua vez, a Trilha do Sistema Solar compreende um trajeto de 1.300 m, que passeia por reproduções dos principais astros do Sistema Solar – Sol, Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno –, produzidas em escala 1:70 milhões, procurando transmitir uma ideia da proporção do tamanho dos astros e distâncias envolvidas, e promover discussões sobre Astronomia (Maestri, 2015, pp. 18-24). Ao longo das discussões setoriais no âmbito da

segunda etapa de planejamento museológico, a equipe avaliou que as praças da Física e da Tabela Periódica, e a Trilha do Sistema Solar são os equipamentos mais atrativos ao ar livre.

As ações expositivas temporárias, apresentadas em quiosque anexo (figura 94), são resultantes de projetos de pesquisa do INFIS, e de parcerias com outras unidades acadêmicas da UFU, como o IQUFU e o INBIO. Diante das limitações de equipe e de recursos financeiros, as exposições permanecem em cartaz, em média, por 6 meses. Ao mesmo tempo, a possibilidade de abordagem ampliada de conceitos favorece a concepção de um programa diversificado de ações educativas, preocupação central da equipe para continuar atraindo seus públicos a uma nova visita ao museu.

Figura 93 – Visita escola estadual, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023.

Figura 94 – Visita Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023.

Em maio de 2023, quando estivemos no Museu DICA, as exposições em cartaz eram ‘Caminhos da eletricidade: da natureza para sua casa’ e ‘Roberto Silvestre: Astronomia como paixão’⁵¹⁶.

Ações Itinerantes

O ‘Telescópio itinerante’ (figura 95) e o ‘Dica itinerante’ são as duas ações extramuros mais tradicionais do museu. A primeira oferece sessões para observação do céu em praças e parques da cidade e na UFU, com eventos abertos ao público e sempre acompanhados de bate-papos. Por meio de uma parceria com a Secretaria Municipal de Gestão Estratégica, essa ação também é realizada em escolas, faculdades, universidades, empresas e ONGs.

⁵¹⁶ Consultamos a equipe em 29 de fevereiro de 2024 e a perspectiva era que uma nova mostra, ‘Fazendo Ciência’, inaugurasse no lugar de ‘Caminhos da eletricidade: da natureza para sua casa’ e que fosse implementada a nova ‘Trilha de Botânica’ no circuito expositivo ao ar livre no parque. Essas ações foram organizadas em maio de 2024, em comemoração ao Dia do Físico, e em forma de atividades integradas à Semana Nacional de Museus.

Figura 95 – ‘Telescópio itinerante’, Araguari



Fonte: Leandro Moreira, abril/2018.

Já o ‘Dica viajante’ oferece um conjunto de artefatos que exploram conceitos da Física (mecânica, óptica, eletricidade e magnetismo) e está disponível para escolas ou eventos privados, outros campi da UFU e espaços da PMU. Os interessados devem retirar e devolver os artefatos no Laboratório de Estudos e Pesquisa, localizado no Bloco 3E do Campus Santa Mônica. A sinalização expositiva é pensada para permitir interação com autonomia, entretanto a ação é sempre acompanhada por um educador do museu⁵¹⁷.

A continuidade dessas ações itinerantes, que estruturaram a atuação do Museu DICA em seus primeiros anos de atividade, estava sendo reavaliada pela equipe, dado o foco atual em uma programação diversificada de ações no Parque Municipal Gávea, utilizando o acervo já existente de exposições. O objetivo é atender a escolas e mobilizar a fidelização de novos públicos, especialmente frequentadores do parque, buscando fortalecer o reconhecimento da presença do museu nesse espaço público da cidade⁵¹⁸.

Aproveitando a ocasião da semana comemorativa do Dia Internacional de Museus, o Museu DICA organizou uma programação especial no dia 20 de maio de 2023, alinhada aos temas da Sustentabilidade e Bem-estar, escolhidos pelo ICOM. As atividades, planejadas e realizadas em parceria com colaboradores externos, abordaram temas científicos em Astronomia, Física e Biologia. Entre as ações estavam exercícios de observação de aves e mamíferos taxidermizados do Cerrado (figura 96); oficinas criativas utilizando material reciclável e plantas e frutos recolhidos no entorno (figuras 98 e 99); uma sessão do Cine DICA e observação do céu com telescópio, encerrando a programação do dia.

⁵¹⁷ Fonte: <https://dicaufu.com.br/atividades-do-dica/mostra-de-fisica>. Acesso em 19 jan. 2024.

⁵¹⁸ Além disso, foi destacado que os eventos itinerantes demandam significativa manutenção de equipamentos, que frequentemente se danificam e só podem ser consertados conforme a disponibilidade de recursos. Assim, o planejamento de ações itinerantes deve levar em consideração a capacidade operacional do museu.

Uma gincana para animais (figura 97) foi concebida especialmente para os donos de cachorros que frequentam regularmente o parque municipal. A ação, que contou com a colaboração do curso de Veterinária da UFU, teve o objetivo de promover o diálogo e sensibilizar os donos de animais para o uso de coleira, além da coleta de dejetos.

Para o Cine DICA (figura 100), a equipe selecionou o minidocumentário ‘Uberabinha, nossa casa comum’ produzido pela ONG Angá⁵¹⁹ que apresenta um estudo sobre a bacia hidrográfica do Rio Uberabinha⁵²⁰. Após a exibição do filme, ocorreu um debate com representantes da ONG, momento em que uma menina de 8 anos fez associação entre as questões problematizadas no filme – que discutia a proteção do Rio Uberabinha contra novos empreendimentos de usinas hidroelétricas –, e os conteúdos da exposição ‘Caminhos da eletricidade: da natureza para sua casa’, destacando a importância do uso de fontes de energia limpa, como a solar e a eólica. Isso demonstra a capacidade das ações do museu em estimular o pensamento crítico e a sensibilização ambiental em um público infantil.

Figura 96 – Atividade ‘Um dia no museu: conhecendo aves e mamíferos do Cerrado’, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023⁵²¹.

⁵¹⁹ Ver mais em <https://www.anga.org.br/i-jornada-do-pensamento-amerindio>. Acesso em 19 jan. 2024.

⁵²⁰ Esse rio percorre um trajeto de 118 km de extensão, nascendo em Uberaba e desaguando no Rio Araguari.

⁵²¹ Coordenação de Celine de Melo e Kátia Gomes Facure Giaretta.

Figura 97 – Atividade ‘Bem-estar animal e sustentabilidade’, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023⁵²².

Figura 98 – Atividade ‘Criando mundos com as plantas’, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023⁵²³.

Figura 99 – Oficina de foguetes de garrafa PET, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023⁵²⁴.

Figura 100 – Sessão de cinema, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, maio/2023.

Vale reforçar o potencial do museu na promoção de debates acerca da sustentabilidade por estar situado em 2 mil m² de área verde urbana, dentro de um parque municipal. No cenário inspirador de uma geografia que apresenta a vegetação característica do Cerrado, escolas participam de ações de educação ambiental, realizadas especialmente na Praça Passarinho. A paisagem natural, visível ao público que frequenta as exposições temporárias no quiosque, serve de estímulo para reflexões sobre a importância da conservação da biodiversidade e da qualidade da água (um córrego atravessa o parque); o impacto da poluição no meio ambiente e no clima;

⁵²² Coordenação de Líbia Cristina Franco.

⁵²³ Coordenação de Heloisa Milharim Martins.

⁵²⁴ Coordenação de Karina Fernandes Silva.

a necessidade do uso de fontes de energia limpa; e a recuperação de áreas degradadas, entre outros temas.

Nas discussões setoriais do planejamento museológico, a equipe imaginou novas ações, como caminhadas ecológicas e roteiros de visita, com o objetivo de sensibilizar o público sobre o respeito aos animais que habitam o parque. Também foi discutida a possibilidade de organizar exposições e ações educativas em parceria com o MUMRO, para explorar a história da formação geológica do Parque Municipal Gávea.

Em um exercício recente de mapeamento de alcance de público, a equipe estimou que o museu atende anualmente cerca de 4.800 estudantes⁵²⁵ e 600 visitantes espontâneos⁵²⁶.

Feira Ciência Viva

O evento Ciência Viva⁵²⁷ é uma feira de conhecimento científico, organizada anualmente pelo museu desde 1995, em parceria com o Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e a PMU. Aberta à participação de estudantes da Educação Básica (ensino fundamental e médio), Profissionalizante e da EJA das instituições de ensino do município, o evento tem como objetivo estimular a criatividade, bem como a capacidade inventiva e investigativa em diversas áreas de conhecimento. Além disso, busca promover a construção e difusão de novos saberes, despertando vocações e revelando talentos, contribuindo assim para a formação de estudantes comprometidos com o desenvolvimento e o bem-estar social.

Diante de sua relevância, tornou-se um evento tradicional da UFU no âmbito da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT)⁵²⁸. Em 2023, a 28ª edição do Ciência Viva (figuras 101 a e b) explorou o tema ‘Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável’⁵²⁹, alinhando-se à curadoria conceitual da SNCT. Desde 2009, a temática da SNCT também orienta a edição da revista anual do museu, *Ciência e Tecnologia – Para a transformação social*⁵³⁰, com foco na divulgação de pesquisas inéditas.

⁵²⁵ Média calculada, considerando-se 12 agendamentos mensais, 10 meses de atendimento e 40 pessoas por visita.

⁵²⁶ Média estimada, considerando-se o período entre 2017 e 2023, e que em 2020 e 2021 não houve atendimento, pois o museu encontrava-se fechado por conta da pandemia de Covid-19.

⁵²⁷ Ver mais em: <https://dicaufu.com.br/ciencia-viva>. Acesso em 20 jan. 2024.

⁵²⁸ Evento nacional, com 20 anos de tradição completados em 2023. Ver mais em: <https://semanact.mcti.gov.br/>. Acesso em 22 out. 2024.

⁵²⁹ Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/09/inscricoes-abertas-para-feira-ciencia-viva-2023>. Acesso em 20 jan. 2024.

⁵³⁰ Exemplares digitais disponíveis em: <https://www.dicaufu.com.br/dica-revistas>. Acesso em 20 jan. 2024.

Figuras 101 a e b – Feira Ciência Viva 2023, Museu DICA



Fonte: Acervo fotográfico Museu DICA, novembro/2023.

Outra ação contínua do Museu DICA na SNCT da UFU é a organização do evento ‘Brincando e Aprendendo’, realizado anualmente desde 2010. Com grande adesão do público escolar, essa iniciativa visa a aproximar a academia da sociedade por meio de atividades interativas, configurando-se em ferramenta eficaz para a divulgação científica e para a construção de uma sociedade mais científica e crítica (Santos, 2020).

Formação de professores

O Museu DICA oferece cursos de formação para professores de Ciências do ensino fundamental e médio, provenientes de Uberlândia e da região. Entre 2010 e 2017, o programa formou uma média de dez docentes por ano. Além disso, o museu organiza cursos de formação de monitores, especialmente para discentes provenientes dos cursos de licenciatura em Física, Química e Ciências Biológicas, mas igualmente já frequentados por estudantes de Artes, Design, História e Letras.

Diante do exposto, fica evidente a importância do Museu DICA como um espaço educativo, cultural e de difusão científica, que conecta a universidade aos habitantes de Uberlândia, ao proporcionar formação profissional, estimular a curiosidade de crianças e jovens pela ciência, e ainda desempenhando papel fundamental na preservação de áreas verdes urbanas. Esperamos que a energia dessa equipe dedicada e entusiasmada continue a se espalhar, impactando positivamente muitas pessoas por muito tempo.

Museu Universitário de Arte (MUnA)

A elaboração do Plano Museológico do MUnA⁵³¹ ocorreu integralmente durante a pandemia de Covid-19, entre abril e novembro de 2020. Apesar das limitações impostas pela impossibilidade de encontros presenciais com a equipe e de visitas técnicas ao museu⁵³², realizadas apenas em março de 2022, e da tensão emocional provocada pela crise sanitária prolongada, avaliamos que a pausa nas atividades presenciais propiciou um intervalo oportuno para que a equipe se concentrasse no exercício reflexivo de planejamento.

As discussões facilitaram a revisão da missão do museu, destacando a importância das ações de salvaguarda e comunicação de seu acervo. Ao comparar os dados de 1995, quando se registravam cerca de 90 obras, com o número atual de cerca de 750 obras de arte moderna e contemporânea (Paula & Rodrigues, 2023, p. 60), observamos um crescimento exponencial. Esse aumento acentuou a necessidade de se refletir sobre o papel e o destino desse patrimônio artístico e cultural.

Nesse contexto, o Plano Museológico sinalizou a importância da concepção de uma política de gestão de acervo, algo já sugerido por Dória (2010, p. 11) e, posteriormente, por Hernández (2016), durante a organização de duas exposições emblemáticas do acervo, que estão comentadas mais adiante⁵³³. Em março de 2021, foi instituída a Comissão para Elaboração da Política de Acervo do MUnA, presidida pela coordenação do museu e contando com a participação de colaboradores externos ao Conselho Gestor. Os trabalhos dessa comissão permitiram identificar “lacunas de representatividade na coleção, especialmente de raça e gênero” (Coelho & Ferraz, 2022, pp. 291-292).

Os resultados foram apresentados em reunião temática no VI FPMU, conforme sinalizamos na introdução da tese. Além de estimular o debate sobre práticas patrimoniais mais inclusivas e representativas da diversidade, as discussões envolvidas na construção de uma política de gestão de acervo devem considerar o ônus operacional do acúmulo de peças (ônus de equipes, espaço físico e investimentos), caso a instituição não estabeleça diretrizes claras para aquisição e descarte. No caso do MUnA, esses parâmetros devem estar alinhados com a formação de profissionais e públicos em Artes Visuais e o fomento à produção artística, conforme refletido no novo enunciado de sua missão:

⁵³¹ O MUnA foi o primeiro museu da UFU com o qual nos envolvemos. Nesse contexto, consideramos essa experiência como o ‘portão de entrada’ para o universo dos museus e coleções universitárias e, posteriormente, para os demais museus do SIMU.

⁵³² A impossibilidade de visitar o museu também inviabilizou a realização de pesquisa presencial nos arquivos da instituição.

⁵³³ Referimo-nos às exposições ‘MUnA, um acervo em exposição’ (2008) e ‘Duas décadas do Museu Universitário de Arte’ (2016).

“[...] preservar, fomentar e valorizar a produção de artes visuais por meio da promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária; de ações de salvaguarda, ampliação e difusão de seu acervo; e de incentivo ao intercâmbio cultural e científico com instituições pares, buscando estimular a formação de sujeitos críticos e o fortalecimento de relações dialógicas entre seus públicos e o patrimônio cultural sob sua guarda.”
(Museu Universitário de Arte [MUnA], 2020, p. 19)

Percebemos que, além da comunidade de docentes e estudantes do curso de Artes Visuais do IARTE, o museu está atento à importância de expandir sua inserção na comunidade acadêmica da UFU e fortalecer relações com as comunidades externas. Isso é especialmente relevante, considerando-se que o MUnA é a única instituição especializada em Artes Visuais na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, em um raio de mais de 400 km. Nesse contexto, o museu enxerga-se como uma ‘via de mão dupla’, conectando a universidade com as comunidades externas, e vice-versa.

Embora o museu enfrente limitações em termos de recursos humanos, materiais e orçamentários, o que dificulta a diversificação e continuidade de suas ações, ele alcança seu papel na sociedade, estabelecendo-se como um espaço privilegiado para a formação e a experimentação artística, como pretendemos demonstrar a partir do conjunto de ações descritas a seguir.

Ações Expositivas

Desde sua inauguração, em dezembro de 1998, o museu tem realizado inúmeras exposições temporárias. O calendário das ações é definido por projetos selecionados anualmente em edital⁵³⁴, aberto à participação e amplamente divulgado no âmbito acadêmico e artístico nacional. Além das exposições oriundas desses projetos, o museu ocasionalmente recebe propostas curatoriais e exposições de artistas convidados.

O museu também já apresentou acervos de importantes instituições nacionais, como o MAM-SP⁵³⁵, o Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado⁵³⁶

⁵³⁴ O edital para o calendário de 2024 está disponível em: https://drive.google.com/file/d/1ug157eP20Ks_J9G6ZHamh91dhczV_UNQ/view. Acesso em 20 jan. 2024.

⁵³⁵ Exposição ‘Arte Contemporânea Brasileira sobre Papel: da coleção do MAM São Paulo’, com curadoria de Tadeu Chiarelli, realizada em 2000. Ver mais em: <https://web.facebook.com/photo?fbid=1877155022438510&set=pcb.1877155189105160>. Acesso em 20 jan. 2024. E a exposição ‘Veracidade-MAM’, realizada em 2007 e que reuniu 43 obras de 33 artistas (Rauscher, 2010, pp. 35-37).

⁵³⁶ Exposição ‘Esculturas/Coleção MAB-FAAP’, realizada em 2008 (Rauscher, 2010, pp. 35-37).

(MAB-FAAP) e a Pinacoteca do Estado de São Paulo⁵³⁷. Em 2018, o MUnA recebeu uma coleção de mapas dos séculos XVI ao XVIII, pertencentes à Coleção Santander Brasil. A exposição ‘A vastidão dos mapas – Arte contemporânea em diálogo com mapas da Coleção Santander Brasil’ foi a maior em público já registrado no museu⁵³⁸.

O acervo do museu também tem sido tema de diversas ações expositivas. Destacam-se duas iniciativas que marcaram momentos reflexivos da trajetória institucional: os projetos ‘MUnA, um acervo em exposição’ (2008) e ‘Duas décadas do Museu Universitário de Arte’ (2016). O primeiro, resultado do projeto de pesquisa ‘MUnA: História de um acervo’, catalogou 109 obras e um total de 208 peças, a partir de minucioso trabalho de pesquisa nos arquivos do museu e da cidade. Esse projeto foi coordenado com a colaboração de alunos e professores dos cursos de Artes Visuais e História da UFU, e financiado por um edital de 2006 da FAPEMIG (Lehmkuhl, 2010, pp. 41-46). A pesquisa conseguiu dar visibilidade a obras de artistas regionais e de professores da UFU, ampliando o reconhecimento do acervo para além de artistas consagrados e tradicionalmente expostos. O projeto também beneficiou alunos bolsistas, cujas carreiras acadêmicas e profissionais foram impulsionadas pela experiência adquirida no museu (Coelho & Ferraz, 2022, p. 282). O segundo projeto, que comemorou os 20 anos do museu, promoveu reflexões que resultaram na atualização e ampliação das tipologias de obras e artistas presentes no acervo (Hernández, 2016).

Em momentos imprevisíveis, a equipe demonstrou criatividade e colaboração para superar desafios. Durante a pandemia, por exemplo, quando o museu teve de fechar suas portas, a programação foi totalmente adaptada para o formato virtual. Utilizando as redes sociais Instagram e Facebook, a equipe compartilhou conteúdo sobre obras do acervo e exposições passadas, e realizou conversas ao vivo com artistas. Uma conta no Youtube foi criada para a

⁵³⁷ Exposição ‘100 anos da Pinacoteca no MUnA: encontro de acervos’, realizada em 2014. Ver mais em: <https://filosofiaaufu.wordpress.com/2014/08/14/muna-mostra-reune-trabalhos-de-rodin-almeida-junior-e-portinari/>. Acesso em 20 jan. 2024.

⁵³⁸ A exposição, sob curadoria de Agnaldo Farias, recebeu 2.300 visitantes entre 15 de junho e 15 de setembro de 2018, conforme consta em relatório de gestão do Prof. Douglas de Paula (2019). Catálogo da exposição disponível em: https://cms.santander.com.br/sites/WPS/documentos/Arq-generico-exposicaomapas-4/18-05-29_184054_a+vastidao+miolo+muna+qrcode_site+integral.pdf. Acesso em 20 jan. 2024.

transmissão de webinários ao vivo⁵³⁹. Destacamos o Programa #MUnA25anos⁵⁴⁰, idealizado em comemoração aos 25 anos de fundação do museu e a partir das discussões coletivas propiciadas durante a confecção do Plano Museológico. A iniciativa promoveu uma série de entrevistas, entre abril e dezembro de 2021, com todos os docentes que ocuparam a coordenação geral do museu desde sua fundação até a gestão de 2021 (Coelho & Ferraz, 2022, pp. 287 e 290).

Já a exposição ‘Os afetos da imagem’ foi uma resposta criativa a um ajuste de calendário imprevisto. O aspecto inovador dessa experiência foi o envolvimento de toda a equipe do museu – docentes, discentes, servidores terceirizados, secretaria, portaria e serviços gerais –, em todas as etapas do projeto, desde a curadoria até a montagem. A exposição privilegiou os afetos e o olhar das pessoas que trabalham no museu e frequentam suas instalações diariamente (Paula & Rodrigues, 2023, p. 66).

“A exposição ‘Os afetos da imagem’ não apenas destaca a riqueza e diversidade do acervo do MUnA, mas também **inaugura novos procedimentos** que promovem uma **reavaliação do museu** a partir das práticas expositivas e atividades correlatas. Essa iniciativa se revelou uma valiosa **oportunidade para explorar e ressaltar a pluralidade do patrimônio artístico e cultural**, ao mesmo tempo em que **desafiou as convenções tradicionais**, estimulando um **olhar mais amplo sobre o papel do MUnA na promoção da cultura e da participação ativa da comunidade.**”
(Paula & Rodrigues, 2023, p. 67, grifos nossos)

Tivemos a oportunidade de visitar a exposição em maio de 2023 (figuras 102 e 103). O que nos chamou atenção foi a forma como a equipe do museu incentivava a interação do público, convidando os visitantes a registrar suas percepções e sugestões em pequenos bilhetes, que eram pendurados no espaço expositivo. Esse gesto criava um acervo de afetos, provocados pelo contato do público com as obras expostas, ampliando a experiência imersiva e colaborativa (Paula & Rodrigues, 2023, p. 66).

⁵³⁹ Como o primeiro webinário ‘Museus em tempos de pandemia’, organizado no contexto do programa #MUSEUEMDEBATE; a palestra ‘Plano Museológico como ferramenta de gestão’; e duas mesas redondas dedicadas ao lançamento do repositório digital do acervo do MUnA. Todas essas ações estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/@muna-ufumuseumuniversitario3071>. Acesso em 20 jan. 2024.

⁵⁴⁰ Os docentes entrevistados foram: Lucimar Bello (1996-1997); Marco Pasqualini de Andrade (1998-1999); Shirley Paes Leme (1999-2000); Alexandre França (2001-2004); Roberta Maira Melo (2005-2006); Beatriz Rauscher (2005-2008); Renato Palumbo Dória (2008-2009); Paulo Buenoz (2009-2013); Alexander Gaiotto Miyoshi (2013-2015); Nikoleta Kerinska (2015-2017); Douglas de Paula (2018-2020) e Tatiana Ferraz (2020-2022). As 12 lives foram transmitidas ao vivo e estão disponíveis no Instagram do museu.

Figuras 102 a e b – Exposição ‘Os afetos da imagem’, MUnA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Figuras 103 a e b – Exposição ‘Os afetos da imagem’, MUnA



Fonte: Acervo da autora, maio/2023.

Projetos ‘MUnA Online’

Os projetos ‘MUnA Online: do museu para o mundo’ e ‘MUnA Online: o acervo em diálogo’, contemplados em editais do PMIC em 2020 e 2022, permitiram a catalogação e digitalização do acervo do museu, tornando-o acessível para apreciação e consulta pública por meio de uma plataforma virtual.

Em ambas as edições foram produzidos e editados minivídeos com depoimentos⁵⁴¹ de docentes do curso de Artes Visuais e de colaboradores comentando obras do acervo (2020), e de artistas locais e regionais (2022). Além disso, foi concebida a coleção de fascículos *Olhando para a obra*⁵⁴², um material pedagógico direcionado para o uso de professores do ensino básico.

⁵⁴¹ Coleção de depoimentos disponível em: <https://acervomuna.com.br/videos/>. Acesso em 20 jan. 2024.

⁵⁴² Coleção de fascículos disponível em: <https://acervomuna.com.br/educativo/>. Acesso em 20 jan. 2024.

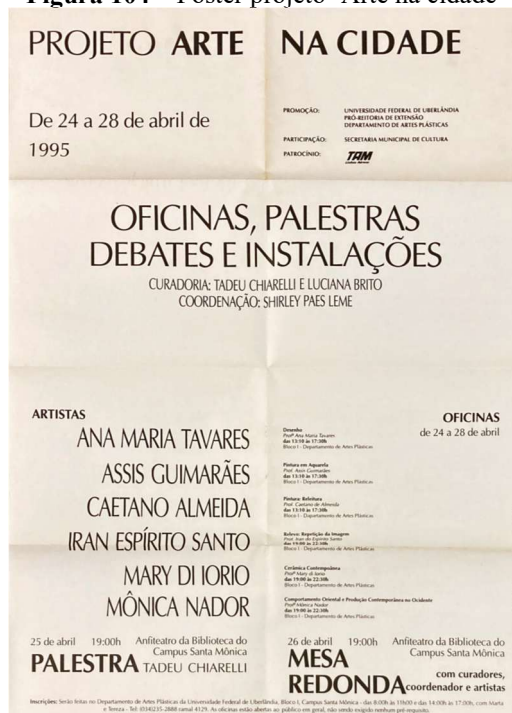
Projetos ‘Arte na cidade’ e ‘Arte no hospital’

Tomamos conhecimento desses projetos, idealizados pela artista Shirley Paes Leme, professora do DEART, em sua entrevista no âmbito do Programa #MUnA25anos. Posteriormente, acessamos os arquivos institucionais em nossa visita ao MUnA, em março de 2022. Apesar das iniciativas terem sido realizadas antes da inauguração oficial do MUnA, elas revelam a dimensão social da prática museológica, constantemente presente na trajetória da ‘galeria museu’ como um “lugar de experimentação, laboratório de ensino e pesquisa e conector de sujeitos, grupos sociais, territórios e tempos” (Coelho & Ferraz, 2022, p. 290).

O projeto ‘Arte na cidade’ teve sua primeira e única edição em abril de 1995, com a produção de obras de arte que ocuparam espaços públicos da cidade e da universidade, e posteriormente foram doadas ao governo municipal. A iniciativa – com a participação de artistas locais e de outras cidades – incluiu oficinas, palestras e mesa-redonda.

Realizado em parceria com a prefeitura, o projeto buscava transformar a cidade de Uberlândia em um ‘museu a céu aberto’, promovendo a convivência do público com os processos de criação e do fazer artístico. Estudantes do curso de artes plásticas participaram ativamente, colaborando no desenvolvimento dos trabalhos, proporcionando um ambiente enriquecedor de aprendizado e de trocas. A figura 104 apresenta uma reprodução do pôster do evento, documento histórico integrante do acervo arquivístico do museu.

Figura 104 – Pôster projeto ‘Arte na cidade’



Fonte: Acervo Arquivístico MUnA.

Já o projeto ‘Arte no hospital’, realizado pelo então Núcleo de Extensão (NEX) do DEART em 1996, consistiu na ocupação de paredes de quartos e corredores do Hospital das Clínicas da UFU com produções artísticas, que posteriormente foram incorporadas ao acervo do MUnA. A proposta visava a humanizar o ambiente hospitalar, tornando-o mais acolhedor e inspirador. O projeto também organizou ações educativas que aproximaram artistas e estudantes do DEART aos pacientes, funcionários e visitantes do hospital, fomentando interações e reflexões.

Considerando tudo o que foi exposto nesta seção, é possível inferir que o conjunto de ações desenvolvidas pelos museus do SIMU evidencia o compromisso das instituições com as funções primárias da universidade e dos museus, demonstrando ter um papel estratégico e relevante tanto para a formação acadêmica, quanto para a aproximação entre a universidade e a sociedade.

Nesse contexto, os objetos do fazer científico transformam-se em patrimônio; os museus universitários em territórios vivos, experimentais e abertos, promotores de encontros e trocas de afetos; e seus visitantes e frequentadores em comunidades, resultando em um trabalho comprometido com a socialização do conhecimento e a formação humanizada de profissionais e de públicos.

Ao mesmo tempo, reconhecemos que há espaço para amadurecimentos do papel social das coleções geridas pelas equipes dos museus. Como inspiração para esse caminho, destacamos os desenvolvimentos da Comissão para Elaboração da Política de Acervo do MUnA, que identificou “lacunas de representatividade na coleção, especialmente de raça e gênero” (Coelho & Ferraz, 2022, pp. 291-292). Embora essa iniciativa esteja associada a uma coleção de arte, ela pode servir de exemplo para que os demais museus reflitam sobre questões relacionadas à diversidade, inclusão e representatividade em suas ações, provocando novos olhares para os saberes populares e tradicionais presentes nas comunidades e territórios em que estão inseridos.

No próximo capítulo, exploramos a ferramenta do Plano Museológico e trazemos os bastidores dos processos de planejamento nos quatro museus do SIMU. Na sequência, apresentamos uma avaliação cruzada das experiências, por meio de análise SWOT, e concluímos o capítulo com algumas reflexões propositivas voltadas ao fortalecimento do SIMU.

Capítulo III – O microcosmo do SIMU, a partir dos processos de planejamento museológico

3.1 A dimensão educativa e afetiva do Plano Museológico

Em 14 de janeiro de 2009, a Lei nº 11.904 instituiu o Estatuto de Museus⁵⁴³, situando um conjunto de diretrizes para o campo de atuação museológica, dentre as quais uma seção específica para o desenvolvimento do Plano Museológico.

Cabe-nos destacar dois aspectos relacionados à formulação dessa lei. Primeiro, ela foi concebida em um contexto em que o Brasil estava apenas começando a estruturar uma política museal nacional. Esse movimento teve início em 2003, com a criação da PNM⁵⁴⁴, que resultou na implementação do SBM em 2004, e do CNM⁵⁴⁵ em 2006. Na esteira do Estatuto de Museus, foram constituídos o IBRAM⁵⁴⁶, em janeiro de 2009, e o PNSM⁵⁴⁷, com orientações estratégicas para o período de 2010 a 2020.

O segundo aspecto é relativo ao importante papel da fundação Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social na qualificação de profissionais e na pavimentação do caminho para a estruturação de uma política de planejamento e gestão museológica mais abrangente no Brasil. Entre o início dos anos 1990 e o começo do séc. XXI, a Vitae beneficiou 132 museus em 18 estados por meio de editais anuais de financiamento no âmbito do ‘Programa Vitae de Apoio a Museus’⁵⁴⁸. Gina Gomes Machado, à frente do setor de patrimônio cultural da entidade por 20 anos, avaliou que esse programa tinha por finalidade “apoiar museus com vistas a resultados de longo prazo, estimulando uma visão de conjunto de necessidades, buscando o alcance de objetivos por etapas, com avaliações sucessivas” (Machado, 2021, pp. 476-477).

⁵⁴³ Documento disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm. Acesso em 30 jan. 2024.

⁵⁴⁴ As ações previstas na PNM foram distribuídas em sete eixos programáticos: gestão e configuração do campo museológico; democratização e acesso aos bens culturais; formação de recursos humanos; informatização de museus; modernização de infraestruturas de instituições; financiamento e fomento para museus; e aquisição e gerenciamento de acervos culturais. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/politica-nacional-de-museus-2013-memoria-e-cidadania>. Acesso em 30 jan. 2024.

⁵⁴⁵ Desde 2006, o CNM já mapeou mais de 3.900 instituições museológicas em todo o Brasil – dados que servem de base para o aprimoramento de políticas públicas dedicadas ao setor e para a consolidação de estudos estatísticos. A plataforma *Museusbr*, atualizada recentemente, está acessível em: <https://cadastro.museus.gov.br/>. Acesso em 30 jan. 2024.

⁵⁴⁶ O IBRAM foi institucionalizado pela Lei nº 11.906 como autarquia vinculada ao MinC, responsável pela regulamentação, fomento e fiscalização do setor museológico. Documento disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm. Acesso em 30 jan. 2024.

⁵⁴⁷ Documento do PNSM disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>. Acesso em 30 jan. 2024.

⁵⁴⁸ Esse programa financiou ao todo 321 projetos, sendo 211 em preservação (66%); 49 em documentação (15%); e 61 em comunicação, seja para a implantação de ações expositivas de longa duração ou de ações educativas (19%) (Machado, 2021, p. 476).

Com apoio do British Council, a Vitae organizou diversos eventos⁵⁴⁹ e a edição de nove títulos da série *Museologia: Roteiros práticos*⁵⁵⁰, da Museums & Galleries Commission, contando com a parceria da Editora da USP (EDUSP) (Machado, 2021). O primeiro título, *Plano Diretor* (2001), traz uma introdução assinada por Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina de Oliveira Bruno, endereçando a publicação a todos os profissionais de museus que “pretendem elaborar e implantar planos de gestão museológica visando ao equilíbrio entre os diferentes setores da instituição”, seja para a “correção de rumos quanto para a projeção de novas ações”, sublinhando que o êxito da “proposta metodológica” está condicionado a uma “visão processual da cadeia operatória da Museologia, que possa permitir uma estruturação científica de planos de gestão para museus.” Na percepção de Araujo e Bruno, essa publicação ainda trazia importantes contribuições para os cursos de formação e “para as autoridades e agências de fomento”, ao disponibilizar parâmetros para a “formulação de políticas, bem como para a avaliação do desempenho das instituições” (Araujo & Bruno, 2001, pp. 11-12).

Segundo Machado, as publicações alcançaram sensível contributo e capilaridade no campo da formação e capacitação profissional, servindo de base para a organização de publicações e de ações regulares de qualificação sob iniciativa do Sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo (SISEM-SP), além de outras secretarias estaduais e municipais do país (Machado, 2021, p. 490).

A Vitae encerrou suas atividades no Brasil em 2005, um ano depois de o primeiro curso sobre Plano Museológico⁵⁵¹ ter sido introduzido no I Fórum Nacional de Museus (Lima, 2014, p. 94) e da criação do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN (DEMU/IPHAN), em 2004. Em 2006, o IPHAN instituiu a Portaria Normativa nº 1, que serviria de base para a formulação da Lei 11.904, que instituiu o Estatuto de Museus em 2009.

Convém ressaltar três pontos introdutórios da normativa de 2009 que reforçam a valorização do patrimônio cultural brasileiro em toda a sua pluralidade, enquanto dispositivo de inclusão social e de promoção de cidadania. O primeiro é sua aplicação extensiva a museus

⁵⁴⁹ Como o ciclo de sete *workshops* organizados com especialistas britânicos em conservação/restauração de obras de arte, realizados em São Paulo, entre 1999 e 2003; e o seminário ‘Gestão Museológica: Desafios e Práticas’, realizado em 2003 sob coordenação de Timothy Mason, ex-diretor da Museums & Galleries Commission (Machado, 2021, pp. 487-489).

⁵⁵⁰ Os títulos traduzidos são: 1. *Plano Diretor*; 2. *Planejamento de Exposições*; 3. *Educação em Museus*; 4. *Segurança de Museus*; 5. *Parâmetros para Conservação de Acervos*; 6. *Planos para a Certificação de Museus na Grã-Bretanha: Padrões, da Austrália a Zanzibar: Planos de Certificação de Museus em Diversos Países* (2 volumes); 7. *Gestão Museológica: Desafios e Práticas*; 8. *Acessibilidade*; e 9. *Conservação de Coleções*. Todos os títulos disponíveis em: <https://www.sisemsp.org.br/conteudos/referencias-bibliograficas/>. Acesso em 22 out. 2024.

⁵⁵¹ Até então, as instituições utilizavam-se de outras ferramentas de planejamento sob terminologias diversas como: plano diretor, projeto museológico, projeto cultural, programa científico, ou plano estratégico (Lima, 2014; Duarte Cândido, 2013; Neves, 2003).

e processos museológicos que atuam com o patrimônio cultural e o território, “visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades” (Brasil, Lei nº 11.904/2009, art. 1º). O segundo refere-se aos princípios fundamentais⁵⁵² que orientam a gestão e o planejamento do campo de trabalho:

“I – a valorização da **dignidade humana**; II – a promoção da **cidadania**; III – o cumprimento da **função social**; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a **universalidade do acesso**, o **respeito e a valorização à diversidade cultural**; VI – o intercâmbio institucional.” (Brasil, Lei nº 11.904/2009, art. 2º, grifos nossos)

O terceiro aspecto diz respeito à visão inclusiva do conceito de ‘bens culturais’ – que se pretende representativo da diversidade cultural, regional, étnica e linguística da sociedade brasileira –, e de os mesmos serem elegíveis de interesse público por qualquer cidadão do país, ampliando assim as possibilidades de exercício do direito à(s) memória(s) e de sua socialização (Brasil, Lei nº 11.904/2009, art. 5º).

Interessa-nos também destacar a Seção II ‘Do Regimento e das Áreas Básicas dos Museus’, que estabelece a necessidade de elaboração de Regimento Interno⁵⁵³ (art.18) e, em subseções seguintes⁵⁵⁴, discorre sobre as principais subdivisões internas e atividades dos museus, apresentando uma série de diretrizes para o seu funcionamento, incluindo a exigência de museólogo na elaboração de planos, programas e projetos museológicos⁵⁵⁵ (art. 8); a elaboração e o monitoramento de programas de segurança para prevenir e neutralizar riscos contra a vida humana, acervos e edificações (art. 23); a promoção de estudos e de pesquisa para direcionar políticas de aquisição e descarte (art. 28); a condução de estudos de públicos, diagnósticos e avaliações periódicas, buscando aprimorar a programação oferecida (art. 28) em direção ao respeito à diversidade cultural e participação comunitária, ampliando a democratização de acesso (art. 29); a oferta de prática profissional integrada com

⁵⁵² Alguns dos quais já enunciados na PNM de 2003, enquanto outros como sustentabilidade ambiental, acessibilidade universal, intercâmbio cultural seriam aprofundados no PNSM de 2010-2020.

⁵⁵³ Documento de base legal indispensável e no qual estão esclarecidos os objetivos da instituição; política institucional; composição de conselhos, diretoria e subdivisões internas e respectivas responsabilidades; assim como formas de manutenção (Chagas & Nascimento, 2009, p. 14).

⁵⁵⁴ Subseções de I a V: ‘I – Da Preservação, da Conservação, da Restauração e da Segurança’; ‘II – Do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa’; ‘III – Da Difusão Cultural e do Acesso aos Museus’; ‘IV – Dos Acervos dos Museus’ e ‘V – Do Uso das Imagens e Reproduções dos Bens Culturais dos Museus’ (Brasil, Lei nº 11.904/2009).

⁵⁵⁵ Exigência em consonância com a Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984, que dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo, estabelecendo a constituição do Conselho Federal (COFEM) e de Conselhos Regionais de Museologia (COREM), como órgãos de registro profissional e de fiscalização do exercício da profissão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7287.htm. Acesso em 22 out. 2024.

“estabelecimentos de ensino que ministrem cursos de Museologia e afins, nos campos disciplinares relacionados às funções museológicas e à sua vocação” (art. 30); e a promoção da acessibilidade universal de diferentes públicos (art. 35) (Brasil, Lei nº 11.904/2009).

As recomendações da Comissão Técnica da ANDIFES e as metas dos planos de ação propostos pelo MEC e pelo GTI Museus Federais alinham-se a essas diretrizes, ao buscarem fortalecer uma gestão museológica qualificada, a formação de equipes, a preservação do patrimônio e a sustentabilidade de museus e coleções universitárias.

Para além da exigência de museólogo, compondo ou coordenando a equipe que elabora o Plano Museológico⁵⁵⁶, e do caráter normativo do Estatuto, fica nítida sua força legal no cumprimento das diretrizes estabelecidas, o que nos leva diretamente ao art. 44, que introduz a Seção III – ‘Do Plano Museológico’: “É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico”, entendido como

“[...] ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, [...] constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade”.
(Brasil, Lei nº 11.904/2009, grifos nossos)

Nos artigos subsequentes, a seção traz orientações gerais⁵⁵⁷, indicando como características do processo de planejamento: a realização de diagnóstico da instituição; a identificação dos espaços, conjuntos patrimoniais e públicos; o envolvimento participativo do corpo de funcionários do museu e de colaboradores externos – como consultores especialistas, parceiros, usuários –; e a avaliação permanente.

Em outubro de 2013, o Decreto Lei nº 8.124⁵⁵⁸ veio regulamentar o Estatuto de Museus, acentuando o caráter fiscalizatório do IBRAM, delegando ao órgão a competência na elaboração de recomendações técnicas. Dentre as disposições ajustadas, assinalamos o item IV

⁵⁵⁶ Essa obrigatoriedade consta na Resolução COFEM nº 03/2013, disponível em: <https://cofem.org.br/wp-content/uploads/2009/05/COFEM-RESOLU%C3%87%C3%83O-03-2013.pdf>. Acesso em 22 out. 2024.

⁵⁵⁷ Podemos distinguir boa parte da redação da Lei nº 11.904/2009 na Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006, que dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico para os museus sob tutela do IPHAN. Podemos igualmente notar que a portaria descreve mais detalhadamente os parâmetros gerais para a confecção do documento. Portaria disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/09/portaria_normativa_n_1_de_5_de_julho_de_2006_DOU_de_11_07.pdf. Acesso em 22 out. 2024. Por sua vez, a portaria é inspirada no guia espanhol *Criterios para la elaboración del plan museológico* (Lima, 2014, p. 97). O guia está disponível em: https://libreria.cultura.gob.es/libro/criterios-para-la-elaboracion-del-plan-museologico_5461/. Acesso em 22 out. 2024.

⁵⁵⁸ Decreto disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm. Acesso em 22 out. 2024.

do art. 23, que acrescentou o Programa Socioambiental e estabeleceu argumentos básicos para o desenvolvimento de cada área de funcionamento do museu⁵⁵⁹ (Brasil, Decreto Presidencial nº 8.124/2013).

Como desdobramento das responsabilidades dispostas no referido decreto, em 2016 o IBRAM editou a publicação *Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos* (IBRAM, 2016), constituindo-se em referência para o processo de planejamento museológico, ao elucidar suas principais etapas e oferecer diretrizes detalhadas para a realização de diagnósticos globais da instituição, por meio de análise SWOT e por programa⁵⁶⁰. Outra iniciativa relevante do IBRAM é o Programa Saber Museu⁵⁶¹, que oferece uma série de cursos na modalidade a distância, dentre os quais um específico sobre Plano Museológico.

Realçando-se o aspecto participativo, a elaboração do Plano Museológico ajuda a: promover o compartilhamento de uma visão global da instituição e da perspectiva integrada e processual de sua cadeia operatória museológica, conforme enunciado por Araújo & Bruno (2001); a (re)distribuir responsabilidades entre os membros da equipe de maneira mais equilibrada; e a despertar talentos invisibilizados, contribuindo para estimular o sentido de pertencimento de cada membro da equipe como parte integrante de um propósito maior⁵⁶².

Outros aspectos do planejamento a ser reforçados dizem respeito à importância da realização de diagnósticos e do exercício contínuo de avaliação das estratégias de ação definidas. O planejamento necessariamente parte de um diagnóstico. Em sua tese de Doutorado, Manuelina Maria Duarte Cândido (2013) presenteia-nos com a sistematização de possibilidades de ‘diagnósticos setoriais’⁵⁶³; com a partilha de inúmeros exemplos de experiências de planejamento, refletindo sobre a dificuldade da aplicação de uma metodologia diante da diversidade das instituições (Duarte Cândido, 2013, pp. 157-212); e com a proposta de uma matriz

⁵⁵⁹ Áreas estabelecidas: Institucional; Gestão de Pessoas; Acervos; Exposições; Educativo e Cultural; Pesquisa; Arquitetônico-urbanístico; Segurança; Financiamento e Fomento; Comunicação; Acessibilidade Universal e Socioambiental (Brasil, Decreto Presidencial nº 8.124/2013).

⁵⁶⁰ Que correspondem às áreas de trabalho e funções do museu (IBRAM, 2016, p. 45). No nosso campo de experimentação do SIMU, designamos de ‘diagnósticos setoriais’, assunto explorado em seção específica deste capítulo.

⁵⁶¹ Catálogo de cursos disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programa-saber-museu>. Acesso em 22 out. 2024.

⁵⁶² Ver mais razões para planejar em Duarte Cândido (2013, pp. 66-74).

⁵⁶³ Referimo-nos a diagnósticos por área de trabalho do museu, seguindo os 12 programas estabelecidos no Estatuto de Museus. Duarte Cândido apresenta pontos importantes a ser conferidos no setor de acervos (conservação e documentação); segurança; exposições e institucional (Duarte Cândido, 2013, pp. 86-106). Entretanto, entendemos que são metodologias mais aprofundadas e que, no âmbito de um diagnóstico museológico mais global, seja mais aplicável o ‘check-list’ apresentado no item ‘3.3 – Em busca de uma reflexão sobre a abertura dos museus à avaliação’ (Duarte Cândido, 2013, pp. 114- 118).

orientadora para o diagnóstico, planejamento e gestão de museus (Duarte Cândido, 2013, p. 201).

Segundo a autora, o diagnóstico museológico representa uma

“etapa fundamental de gestão de museus, [...] um **ponto de partida para análise e identificação de pontos críticos e de potencialidades**, sintetizados estes na construção de um cenário real e de outro desejável que possa ser construído em diferentes prazos – longo, médio e curto, por intermédio da implantação do plano museológico, programas e projetos.” (Duarte Cândido, 2013, p. 215, grifos nossos)

Na mesma linha, Kátia R. Filipini Neves visualiza o diagnóstico como a

“**primeira etapa para se pensar ou repensar um museu**. Ela constitui-se de **levantamentos e análise de dados de toda sorte**: através de reuniões com a equipe do museu (caso seja para revitalização), visitas técnicas ao local ou instalações, pesquisa bibliográfica, pesquisa de público etc.” (Neves, 2003, p. 74, grifos nossos)

Em sintonia com as autoras citadas, e a partir de nossas experiências com quatro museus do SIMU, vislumbramos que o diagnóstico museológico, além de central e disparador de inúmeras reflexões, é intrínseco a todas as atividades do processo de planejamento, pois se realiza não apenas na aplicação de uma análise SWOT, como também nas discussões com a equipe sobre as diversas áreas de trabalho do museu⁵⁶⁴; nas visitas aos seus espaços; nos acompanhamentos de ações educativas e culturais organizadas pelas equipes; nas entrevistas com membros da equipe e colaboradores; no mapeamento e estudo de referências bibliográficas, de documentos constitutivos, de registros fotográficos, de pesquisas de público realizadas, entre outras atividades.

No caso dos museus universitários do SIMU, essa etapa também envolveu o reconhecimento da universidade e da unidade acadêmica à qual os museus estão vinculados; visitas às instalações físicas como laboratórios, reservas técnicas e salas de aula; a pesquisa e o estudo de resoluções, portarias, políticas de cultura, de extensão e de pesquisa emitidas por órgãos universitários. Esses diagnósticos mais abrangentes ajudam a identificar problemas, mas também oportunidades; assim como as prioridades para definir estratégias de ação, a curto, médio e longo prazo, reduzindo as incertezas (Davies, 2001, p. 45).

⁵⁶⁴ Designamos essas reuniões de ‘diagnósticos setoriais’ e/ou de ‘discussões temáticas/setoriais’, seguindo os 12 programas estabelecidos no Estatuto de Museus.

Em relação aos ‘diagnósticos setoriais’, os mesmos acabam apontando necessidades para a realização de diagnósticos mais aprofundados, que podem se configurar em projetos e ações prioritárias no planejamento tático e operacional. Como exemplo, podemos citar a realização de inventário dos bens sob guarda da instituição, no âmbito do programa de acervos; a elaboração de um programa de necessidades para pautar um projeto de readequação de espaços, no âmbito do programa arquitetônico urbanístico; ou a formulação e aplicação de pesquisa direcionada aos diversos perfis de públicos do museu, no âmbito do programa educativo e cultural. Pois, em sintonia com Duarte Cândido, enxergamos no diagnóstico museológico “uma análise global e prospectiva” que “não se confunde com outras formas de análise ou avaliação da instituição que enfocam uma parte de suas ações mais a fundo, como a avaliação [...] de estudos de público ou mesmo o diagnóstico de documentação do acervo” (Duarte Cândido, 2010, p. 127).

Entretanto, e conforme o fôlego financeiro das instituições contratantes, é possível agregar à equipe de consultoria em Museologia, responsável pela condução do processo de planejamento museológico, profissionais que se ocupem desses diagnósticos específicos⁵⁶⁵. Existem Planos Museológicos para ‘todos os bolsos’. E tudo depende também da realidade da instituição que está se mobilizando para o planejamento.

Considerando-se que o diagnóstico fornece um retrato da situação atual da instituição, “subentende-se que é um produto perecível e que tem um período de validade, uma vez que a realidade muda constantemente” (Lima, 2014, p. 75). Na mesma linha, Davies avalia que “não faz sentido produzir um plano diretor sem monitorar o seu andamento em relação à consecução das metas e dos objetivos nele previstos” (Davies, 2001, p. 54). E será justamente nos momentos críticos, de necessária alteração de percurso, que o ‘lastro conceitual’ amadurecido no processo de planejamento apoiará a tomada de decisões estratégicas em direção ao cumprimento da missão estabelecida por toda a equipe.

Importa ainda frisar os princípios orientadores da organicidade e exequibilidade. Como vimos, a elaboração do Plano Museológico parte de uma matriz normativa legal⁵⁶⁶ e de diretrizes elaboradas pelo IBRAM, como órgão regulador. Entretanto, isso não significa que o

⁵⁶⁵ Que entendemos Duarte Cândido denomina de ‘diagnósticos propositivos’ (2013, p. 87).

⁵⁶⁶ Que, a propósito, deve igualmente considerar o Código de Ética do Profissional Museólogo emitido pelo COFEM e o Código de Ética para Museus do ICOM, disponíveis respectivamente em: https://corem1r.org.br/wp-content/uploads/2022/03/2021_08_28_Res-63_Codigo-de-Etica.pdf e em https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf. Acessos em 22 out. 2024.

processo deva ser realizado dentro de uma ‘camisa de força’. Existe espaço para liberdade criativa e espontaneidade⁵⁶⁷, considerando-se o caráter processual do planejamento e que o mesmo deva se adequar à realidade social de cada instituição. E esse ponto nos leva à noção de exequibilidade: as metas propostas precisam estar ao alcance da capacidade operacional da equipe do museu, pois não faz sentido “organizar-se para o fracasso” (Davies, 2001, p. 46). Em resumo, a realização de um Plano Museológico poderá propiciar ao museu e a sua equipe:

- “Uma ideia de finalidade. (Para que estamos aqui?)
 - Uma ideia de público. (Para quem estamos aqui?)
 - Uma ideia de direção. (Para onde estamos indo?)
 - Uma estratégia. (Como vamos chegar lá?)
 - Uma plataforma financeira. (Como vamos pagar por isto?)
 - Uma ideia de avaliação. (Como estamos progredindo?)”
- (Davies, 2001, p. 20)

A centralidade do processo de planejamento museológico reside também no estabelecimento de uma correspondência entre as atividades processuais de salvaguarda e comunicação, e as diversas áreas – setores ou departamentos – de trabalho do museu⁵⁶⁸. Para que esse ciclo ‘gestor do destino das coisas’ (Bruno, 2020, 2009; Manuel-Cardoso, 2014) opere de forma integrada e equilibrada, estabelecem-se três níveis de planejamento interligados: estratégico, que imagina o ‘partido conceitual’ da instituição; tático, organizado em setores técnicos de trabalho do museu; e operacional, que ganha corpo na definição de objetivos, projetos, ações e metas (IBRAM, 2016, pp. 34-39).

Ao integrar essas dimensões, o processo de planejamento provoca o envolvimento das equipes técnicas em toda a sua diversidade e magnitude. Ao mesmo tempo, também insinua sua potencialidade em proporcionar uma série de oportunidades para a instituição: garantir a salvaguarda do acervo a longo prazo; esclarecer uma visão compartilhada do que se pretende realizar e de como cada membro da equipe se encaixa no quadro dos objetivos e metas definidas; favorecer o uso mais eficiente de recursos; e aprimorar a credibilidade do museu perante órgãos financiadores (Davies, 2001, pp. 18-19).

Em resumo, ao facilitar um espaço coletivo de reflexão – no qual se compactuam propósitos, objetivos estratégicos e metas institucionais –, o Plano Museológico funciona como um ponto de referência para todas as pessoas envolvidas (Davies, 2001, p. 18). Analogamente,

⁵⁶⁷ Planos Museológicos podem apresentar conteúdos, estruturas editoriais e aparência visual muito diversificada, pois são elaborados de acordo com as necessidades específicas de cada museu, cada equipe e recursos disponíveis.

⁵⁶⁸ Em sua tese de Doutorado, Duarte Cândido reforçou que todas as áreas de trabalho do museu estão “inextricavelmente associadas” (2013, p. 88) e explorou a “perspectiva da subsidiariedade, em que todo trabalhador é também um gestor” (2013, p. 206).

Paulo Nascimento Lima visualiza o Plano Museológico como um documento que “condensa todas as características de concepção, técnica e operacionalidade de um museu” (Lima, 2014, p. 90).

Mas para além de sua dimensão técnica para qualificação da gestão museológica, o processo de planejamento museológico configura-se também como uma prática educativa e afetiva. De acordo com Maria Célia T. Moura Santos, esse processo facilita a construção de uma perspectiva coletiva, na qual todos os envolvidos compartilham conhecimento e afetos. Nesse sentido, a autora afirma que

“[...] a elaboração de planos museológicos me encanta, não somente pelos aspectos técnicos, como uma ferramenta de gestão, mas, também, pela possibilidade [...] de criar oportunidades para avaliar nossa atuação, como técnicos, em interação com os demais atores, identificando suas consequências na aplicação das ações museológicas. O meu encanto vem, também, pela oportunidade de proporcionar e promover a participação ativa de todas as pessoas envolvidas com o cotidiano e com os projetos de nossos museus, trabalhando com o conhecimento e com as emoções.”
(Santos, 2021, p. 2, grifos nossos)

Seguindo a linha de Santos, apostamos no diálogo “como caminho para a formação de um olhar crítico, como caminho para a partilha e para a inclusão” (Santos, 2021, p. 3). Essa abordagem nos remete diretamente à pedagogia de Paulo Freire, que enxerga o diálogo como o “encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, [...] o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (Freire, 1969/2021, p. 51).

Freire também enfatiza que o conhecimento exige “uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer” (Freire, 1969/2021, pp. 28-29).

E foi essa experiência sensível do diálogo e do conhecimento como prática transformadora que tivemos com as equipes de quatro museus do SIMU. Vivenciamos processos de ‘diálogos amorosos’ com pessoas curiosas, abertas à reflexão crítica e autocrítica, comprometidas com a transformação de sua realidade e com a construção de futuros melhores. Foram experiências tão marcantes e de encantamento, que nos motivaram a seguir com a produção desta investigação.

Dessa forma, acreditamos na potência do processo de planejamento museológico como uma prática educativa de caráter libertador, que permite às equipes envolvidas se apropriarem

criticamente de sua realidade e transformá-la⁵⁶⁹. Vivenciamos um amadurecimento pessoal e percebemos a evolução das equipes dos museus do SIMU, reconhecendo que a dimensão educativa e formativa deve estar presente em todas as etapas do planejamento museológico, conforme enfatizado por Santos (2014).

Em outubro de 2022, acompanhamos um encontro promovido pelo Museu Judaico de São Paulo (MUJ)⁵⁷⁰, reunindo representantes de diferentes instituições culturais para debater a importância e os desafios envolvidos na elaboração de Planos Museológicos.

O Museu Afro Brasil Emanuel Araujo⁵⁷¹ destacou o caráter transparente e participativo do processo para revisão do Plano Museológico 2016-2020 da instituição, utilizando-se das redes sociais do museu para coletar sugestões e tornar o processo mais democrático. A Pinacoteca de São Paulo reforçou que a elaboração do Plano Museológico teve impacto direto na revisão do projeto arquitetônico da Pina Contemporânea⁵⁷², demonstrando a importância do planejamento na tomada de decisões sobre a infraestrutura do museu. Além disso, o processo contribuiu para fortalecer laços de confiança entre as diferentes equipes e agentes envolvidos (conservadores, curadores, educadores, artistas entre outros).

No caso do Museu Judaico, o documento foi associado a um mapa e uma bússola, ao orientar as ações do museu e contribuir para seu posicionamento no cenário cultural nacional e internacional. O processo também ajudou a prevenir personalismos e garantir que as decisões fossem tomadas de forma coletiva, alinhadas com os objetivos estratégicos do museu.

Em resumo, os presentes evidenciaram a centralidade dos processos de planejamento museológico para garantir a sustentabilidade e a relevância das instituições culturais, promovendo a participação, a inovação e a coesão interna.

No setor de museus e coleções universitárias, destacamos a experiência do Museu Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ)⁵⁷³, vinculado à UFPB. A construção do Plano Museológico quando o MCCHJ encontrava-se em fase de criação foi viabilizada por meio do projeto de

⁵⁶⁹ Duarte Cândido também destacou que o exercício de planejamento estimula as equipes a “uma revisão de conceitos e práticas” que contribuem para a atualização dos processos (Duarte Cândido, 2013, pp. 208-212).

⁵⁷⁰ Roda de conversa ‘Plano Museológico: por quê? para quê? para quem?’, realizada com mediação de Paula Talib Assad, Supervisora Técnica do Museu da Cidade de São Paulo, no dia 27 de outubro de 2022, no auditório do Museu Judaico de Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=txeskMnJTDc>. Acesso em 22 out. 2024.

⁵⁷¹ Em homenagem ao escultor baiano que fundou o Museu Afro Brasil em 2004, e do qual foi Diretor Curador até a sua morte, em 7 de setembro de 2022.

⁵⁷² Jochen Volz destacou que as discussões no Plano Museológico favoreceram a implantação de espaços mais fluidos e inclusivos, por meio do incremento de áreas de acolhimento e de convivência no projeto do novo edifício. Mais informações sobre o projeto em: <https://pinacoteca.org.br/pina/o-museu/edificio-pina-contemporanea/>. Acesso em 28 out. 2024..

⁵⁷³ Ver mais em: <https://www.ufpb.br/mcchj>. Acesso em 22 out. 2024.

extensão ‘Construção participativa do Plano Museológico do Museu Casa de Cultura Hermano José’ (Souza, Alves & Sousa, 2022, p. 313).

O processo de planejamento foi realizado durante a pandemia, entre abril e dezembro de 2020⁵⁷⁴ (mesma época do MUnA), promovendo uma série de debates virtuais⁵⁷⁵ com a participação do IBRAM e de especialistas, e envolvendo toda a equipe do museu, entre servidores técnico-administrativos e discentes. Esse ‘fórum’ ampliado, experiência pioneira no desenho de metodologia participativa para a construção de Plano Museológico para um museu universitário, está generosamente disponibilizado no canal Youtube da instituição. Em avaliação recente sobre o processo de planejamento, a equipe sublinhou sua dimensão pedagógica e formativa que favoreceu o protagonismo e empoderamento do corpo discente envolvido, contribuindo para a “qualificação científica e profissional” desses “atores em formação” (Souza et al., 2022, p. 312).

Essa experiência vai ao encontro de nossas vivências no terreno do SIMU, que são exploradas em mais detalhes ao longo deste capítulo.

⁵⁷⁴ Uma segunda etapa para a revisão final do documento foi realizada em 2021 (Souza et al., 2022, p. 325).

⁵⁷⁵ São cerca de 40 horas de discussões promovidas pelo MCCHJ pelo debate ‘Museus e Planos Museológicos: planejamento, institucionalização, consolidação e enraizamento da instituição museal’ e 12 ‘Encontros Dialógicos’, todos disponíveis no canal Youtube do museu: <https://www.youtube.com/@museucasadeculturahermanoj9334/videos>. Acesso em 22 out. 2024.

3.2 O encantamento na construção participativa de Planos Museológicos

“Os planos museológicos me encantaram, sobretudo, pela possibilidade de sonhar, de compartilhar, de aprender e de ter esperança.” (Santos, 2021, p. 14, grifos nossos)

Conforme já sinalizamos, a presente investigação partiu de experiências em planejamento museológico em quatro museus do SIMU, vinculados a unidades acadêmicas da UFU. Nossa colaboração estendeu-se entre abril de 2020 e julho de 2023, tendo sido viabilizada pelo PROMUS da PROEXC e formalizada a partir de três contratações distintas.

Foi na matriz legal expressa na Lei nº 11.904/09 e no Decreto Lei nº 8.124/2013, e nas recomendações técnicas do IBRAM⁵⁷⁶, especialmente aquelas contidas na publicação *Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos* (IBRAM, 2016), que nos pautamos inicialmente para a elaboração dos Planos Museológicos.

Conforme discutido na seção anterior, a partir de nossas vivências no terreno da UFU, passamos a compreender o processo de planejamento museológico como uma prática educativa de caráter libertador, que permite às equipes se apropriarem criticamente de sua realidade e transformá-la. Trazemos evidências dessa potência nos relatos das equipes do SIMU, apresentados ao final desta seção.

No campo da teoria museológica, abordamos os processos de planejamento a partir do conceito de ‘fato museal’ de Guarnieri (1983), em diálogo com a ‘pedagogia museológica’ em Bruno (2020) e a ‘gestão da relevância’ em Manuel-Cardoso (2014).

Em se tratando de patrimônio universitário, buscamos também orientação na ‘Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia’, que define o patrimônio cultural da ciência e tecnologia como a herança material e imaterial intrinsecamente conectada às “dinâmicas científicas, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, e à memória e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico” que, por sua vez, podem se transformar e receber atribuição de “valores, significados e sentidos, possibilitando sua emergência como bens de valor cultural.” (Granato et al., 2017, p. 17).

Nesse enquadramento, associamos o ‘fato museal’ à relação existente entre a comunidade acadêmica e as coleções universitárias presentes nas instituições do SIMU, relação

⁵⁷⁶ Disponibilizadas em publicações (IBRAM, 2021, 2020, 2018, 2016); em cursos, como ‘Plano Museológico: Planejamento estratégico para Museu’, que realizamos entre abril e maio de 2020, e em normativas.

intrínseca às dinâmicas sociais de ensino, pesquisa e extensão, para produção e comunicação de conhecimento científico.

A partir desse quadro normativo e teórico, visualizamos a organização do Plano Museológico para os museus da UFU em dois eixos estruturantes: Perfil Museológico e Matriz/Linha Programática de Ações. Enquanto o primeiro eixo traduziu o processo de planejamento estratégico; o segundo procurou consolidar a dimensão tática e operacional do planejamento.

Nesse contexto, o Perfil Museológico reuniu enunciados que definem Missão⁵⁷⁷, Visão⁵⁷⁸, Valores⁵⁷⁹ e Objetivos Estratégicos⁵⁸⁰. Além disso, incluiu a caracterização detalhada das instituições, trazendo informações sobre suas equipes técnicas; acervos e coleções; infraestrutura; público-alvo; principais ações expositivas, educativas e culturais; trajetória institucional; e a realização de diagnóstico global por meio de análise SWOT.

Já a Matriz/Linha Programática de Ações consolidou os principais planos de ação e metas para as 12 áreas ou setores de funcionamento dos museus. A construção coletiva dessa compreensiva matriz programática foi fundamentada em reflexões e discussões realizadas em reuniões temáticas (ou setoriais). Além da priorização de ações e metas, a serem desenvolvidas e alcançadas ao longo de 5 anos⁵⁸¹, foram indicados os responsáveis pela implantação das ações e destacadas algumas observações.

Consideramos o Perfil Museológico o ‘coração pulsante’ do propósito e da intenção do museu, responsável pela ‘irrigação’ contínua dos projetos e planos de ação para cada um dos setores de trabalho. O amadurecimento desse perfil contribui para uma integração mais eficaz entre as atividades finalísticas de salvaguarda e comunicação, e aquelas meio (administrativas, financiamento, segurança). Em outras palavras, o processo de planejamento museológico ajuda a estruturar a gestão processual da ‘pedagogia museológica’.

Nesse caminho, entendemos que o processo de planejamento esteve direcionado à consolidação de um documento que articulasse a visão estratégica (conceitual ou filosófica do museu) ao cotidiano operacional da instituição, promovendo aproximações e trocas entre os membros das equipes envolvidas, e ativando sinergias entre diversos campos de conhecimento

⁵⁷⁷ Enunciado que expressa o papel do museu na sociedade, sua razão de ser e de existir.

⁵⁷⁸ Enunciado que expressa a situação futura desejada para o museu.

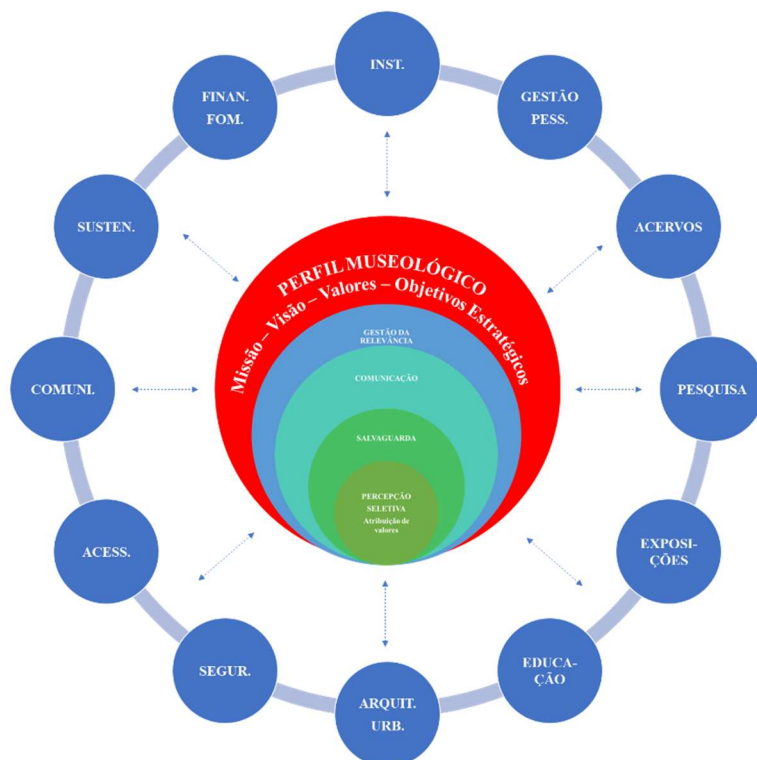
⁵⁷⁹ Expressam conceitos e visões de mundo que a instituição valoriza e comunica por meio de sua atuação cotidiana e em seus relacionamentos com colaboradores, públicos e comunidades.

⁵⁸⁰ Expressam o que deve ser feito para o museu alcançar sua missão.

⁵⁸¹ No caso do MUnA, de 2021 a 2025; e no caso do MBC, MUMRO e DICA, de julho de 2023 a junho de 2028.

e temáticas: Museologia, Planejamento Estratégico, Ciências, Artes, Arquitetura, Engenharia, Design, Educação, Acessibilidade, Comunicação, Segurança, Sustentabilidade, Inclusão Social e Diversidade, entre outras. Procuramos ilustrar esse entrosamento entre Perfil Museológico e Programas Museológicos na figura 105.

Figura 105 – Relação entre Perfil e Programas Museológicos



Fonte: Elaboração da autora.

A seguir apresentamos as principais atividades e etapas que estruturaram nossos planos e metodologia de trabalho:

Reunião ‘Marco Zero’

Encontro inicial dedicado ao reconhecimento das equipes; à introdução de conceitos gerais da teoria museológica e da ferramenta de planejamento; e à apresentação de proposta de cronograma e metodologia de trabalho, incluindo agenda preliminar de reuniões e entrevistas. Nesse momento, também provocamos as equipes a indicarem colaboradores externos que pudessem participar de alguma discussão, ao longo do processo.

Em se tratando de equipes técnicas em seus campos do conhecimento, sem a presença de museólogos, foi essencial a contextualização dos conceitos de ‘fato museal’, da ‘pedagogia museológica’ e da ‘gestão da relevância’, associados à gestão das coleções universitárias. Esse

momento inicial de imersão no campo da Museologia foi fundamental para disparar reflexões aplicadas à realidade de cada museu⁵⁸².

Etapas subsequentes

Fase 1 – Diagnóstico Global e Planejamento Estratégico: análise SWOT e construção participativa do Perfil Museológico. A metodologia estruturou-se em sessões de escuta individual (11 entrevistas); preenchimento de formulários *Google Forms*; e dinâmicas de grupo, como discussões em ambiente virtual e rodas de conversa presencial, propiciadas quando visitamos Uberlândia, em maio de 2023. A maior parte das entrevistas foi realizada nesta etapa. As sessões basearam-se em roteiros de perguntas pré-estabelecidos e tiveram duração média de uma hora. De modo geral, as questões apresentadas aos entrevistados visaram a proporcionar uma compreensão abrangente do museu, suas interações com a comunidade acadêmica e externa, além de explorar perspectivas sobre sua missão, visão de futuro, pontos fortes e fracos no ambiente interno, bem como oportunidades e ameaças no ambiente externo das instituições. Embora um roteiro tenha sido elaborado para orientar as entrevistas, elas foram conduzidas de forma orgânica, adaptando-se ao contexto da interação com cada entrevistado. Isso significa que as perguntas nem sempre foram seguidas à risca, já que o objetivo era garantir que a conversa fosse fluida e espontânea, abordando questões relevantes conforme as respostas e os interesses de cada participante. Essa abordagem permitiu à entrevistadora aprofundar-se em tópicos específicos ou seguir novas direções que surgissem durante a conversa, proporcionando uma coleta de dados mais rica e dinâmica. Assim, o roteiro funcionou como um ponto de partida, mas a flexibilidade foi essencial para explorar melhor as experiências e perspectivas dos entrevistados, criando um ambiente mais acolhedor. Ao final dessa etapa, a equipe amadureceu uma primeira versão de enunciados de missão, visão, valores e objetivos estratégicos. É importante pontuar que os debates nessa fase já sinalizavam pontos de atenção e recomendações para algumas áreas de trabalho dos museus, questões que foram amadurecidas à medida que avançamos nas discussões sobre os programas museológicos, nas etapas posteriores.

Fase 2 – Diagnóstico Setorial e Planejamento Tático e Operacional: essa fase foi a mais trabalhosa, dedicada ao diagnóstico detalhado de cada área de funcionamento do museu, com vistas ao aprofundamento da identificação de projetos e ações prioritárias, e definição de metas,

⁵⁸² Como aprofundamentos, sugerimos às equipes a leitura de uma publicação específica do IBRAM e a participação no curso sobre planejamento museológico oferecido no Programa Saber Museu.

prazos e responsabilidades. Inauguramos essa etapa com uma comunicação que apresentou, em linhas gerais, as diretrizes de cada um dos 12 programas (IBRAM, 2016). Em seguida, as equipes receberam pautas para discussões setoriais, contendo sugestões de leituras. A pauta para a discussão do Programa de Acervos, por exemplo, apresentava questões relacionadas a aquisição e descarte, documentação e conservação de objetos; a pauta do Programa de Gestão de Pessoas provocava o confronto entre as necessidades da instituição e sua capacidade operacional. Como o volume de assuntos era enorme, as pautas foram distribuídas em grupos de trabalho temáticos, formados em consonância com a familiaridade de atuação dos membros das equipes⁵⁸³. Nessa primeira rodada, as discussões foram realizadas internamente, ou seja, sem a nossa participação. Entretanto, os grupos ficaram encarregados de nos enviar um resumo das discussões, acompanhado da sugestão de ações prioritárias. Nós sistematizamos o resultado desses encontros preliminares e, após compartilhamos com a totalidade das equipes envolvidas, organizamos uma nova rodada de debates. Foi nesse segundo momento que as equipes definiram coletivamente as ações prioritárias, bem como os prazos necessários (curto, médio e longo) para sua implantação. Nós novamente sistematizamos todas as informações, desta vez no formato de uma grande planilha que denominamos de Matriz/Linha Programática de Ações (quadro 9), que foi submetida às equipes para uma análise crítica. Essa etapa também contou com a realização de entrevistas complementares, no contexto do Museu de Minerais e Rochas.

Fase 3 – Refinamento do Planejamento Estratégico, Tático e Operacional: nessa etapa foram oportunizadas novas discussões para a revisitação do Perfil Museológico e o aprimoramento da Matriz/Linha Programática de Ações.

Fase 4 – Redação do Plano Museológico: essa etapa envolveu o trabalho da consultora na produção de um texto que consolidasse de forma objetiva todas as discussões e reflexões geradas durante o processo participativo de planejamento. Uma primeira versão do documento foi compartilhada com as equipes, permitindo que realizassem uma leitura crítica⁵⁸⁴. Com base nos apontamentos e sugestões recebidas, preparamos a versão final dos Planos Museológicos.

Em linhas gerais, as atividades envolveram a realização de reuniões virtuais periódicas; 11 entrevistas com membros das equipes técnicas e com colaboradores (ver lista de entrevistas no Apêndice 6); exercícios individuais e em grupo; sistematização analítica de dados coletados

⁵⁸³ Adotamos essa metodologia no MUnA, Museu DICA e MUMRO. No caso do MBC, a equipe recebeu antecipadamente um documento contendo as 12 pautas temáticas, que foram discutidas seguindo uma agenda pré-estabelecida de reuniões.

⁵⁸⁴ As equipes tiveram cerca de 30-40 dias para essa leitura crítica.

por meio de questionários *Google Forms*; pesquisa e análise de documentos constitutivos, de trabalhos acadêmicos sobre as instituições e de documentos e normativas produzidas pela UFU (atividade contínua); visitas às instituições em março de 2022, quando ainda se encontravam fechadas ao público, e em maio de 2023, já reabertas (com exceção do MBC); e elaboração de uma bibliografia de apoio. No quadro 10, apresentamos um resumo das equipes e atividades envolvidas nos processos de planejamento museológico em cada museu.

Quadro 9 – Matriz/Linha Programática de Ações

MATRIZ/LINHA PROGRAMÁTICA DE AÇÕES					Curto Prazo		Médio Prazo				Longo Prazo			
	PROGRAMA	METAS	RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÕES	Ano 1		Ano 2		Ano 3		Ano 4		Ano 5	
	AÇÕES				2º Sem/23	1º Sem/24	2º Sem/24	1º Sem/25	2º Sem/25	1º Sem/26	2º Sem/26	1º Sem/27	2º Sem/27	1º Sem/28
	INSTITUCIONAL													
PI 1														
PI 2														
	GESTÃO DE PESSOAS													
PGP 1														
PGP 2														
	FINANCIAMENTO E FOMENTO													
PFF 1														
PFF 2														
	COMUNICAÇÃO													
PC 1														
PC 2														
	ACERVOS													
PA 1														
PA 2														
	EXPOSICÕES													
PE 1														
PE 2														
	EDUCATIVO E CULTURAL													
PEDC 1														
PEDC 2														
	PESQUISA													
PP 1														
PP 2														
	ARQUITETÔNICO URBANÍSTICO													
PAURB 1														
PAURB 2														
	SEGURANÇA													
PSEG 1														
PSEG 2														
	SOCIOAMBIENTAL													
PSOC 1														
PSOC 2														
	ACESSIBILIDADE UNIVERSAL													
PACES 1														
PACES 2														

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 10 – Resumo equipes e atividades, Planos Museológicos SIMU

	Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC)	Museu de Minerais e Rochas (MUMRO)	Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte	Museu Universitário de Arte (MUNA)
Equipe envolvida	Museu: 4 docentes, 1 técnica, 4 bolsistas e 3 voluntárias/os; Colaboradoras/es externas/os: Direção INBIO, 1 ex-técnica e 5 ex-bolsistas/ex-discentes. Total: 19 pessoas.	Museu: 3 docentes, 2 bolsistas e 2 voluntárias; Colaboradoras/es externas/os: Direção IG, 1 docente IG, 1 ex-coordenador do museu e 3 ex-bolsistas. Total: 13 pessoas.	Museu: 5 docentes, 3 bolsistas (equipe educativa), 2 membros equipe terceirizada, 1 técnico; Colaboradoras/es externas/os: 1 docente FAUeD, 1 docente INBIO, 4 ex-bolsistas/ex-discentes e 1 consultora em planejamento de comunicação estratégica. Total: 18 pessoas.	Museu: 7 docentes, 5 bolsistas/discentes, 1 técnica (secretaria), 1 servidor, 1 membro equipe terceirizada. Colaboradoras/es externas/os: 1 ex-docente UFU e 1 ex-bolsista. Total: 17 pessoas.
Reuniões	<u>Etapas 1 - Perfil Museológico:</u> 7 reuniões a distância.	<u>Etapas 1 - Perfil Museológico:</u> 7 reuniões a distância.	<u>Etapas 1 - Perfil Museológico:</u> 4 reuniões a distância e 2 presenciais.	<u>Etapas 1 - Perfil Museológico:</u> 4 reuniões a distância.
	<u>Etapas 2 - Diagnóstico Setorial:</u> 9 reuniões a distância e uma presencial por ocasião de visitas técnicas realizadas ao MMuCCE e LECA; às coleções científicas e ao Projeto Doce Jardim Universitário em 17/5/23. Acompanhamento presencial de ação expositiva itinerante em 18/5/23.	<u>Etapas 2 - Diagnóstico Setorial:</u> 7 reuniões a distância e uma presencial por ocasião de visita técnica realizada em 16/5/23.	<u>Etapas 2 - Diagnóstico Setorial:</u> 12 reuniões a distância e uma presencial por ocasião de visita técnica realizada em 15/5/23.	<u>Etapas 2 - Diagnóstico Setorial:</u> 16 reuniões a distância.
Total de encontros	18	15	19	20
Entrevistas	2	6	3	
Período de trabalho	Dezembro/2022 a julho/2023			Abril a novembro/2020

Fonte: Elaboração da autora.

Reconhecendo a importância da dimensão participativa na construção de um Plano Museológico⁵⁸⁵, ao longo de todo o processo incentivamos uma participação ampliada de toda a equipe e o envolvimento de colaboradores, tanto atuais quanto egressos. Conseguimos mobilizar a participação de diretores de algumas unidades acadêmicas⁵⁸⁶, servidores externos, ex-gestores das instituições⁵⁸⁷, ex-discentes/bolsistas e ex-docentes que já haviam desenvolvido projetos de pesquisa e extensão vinculados aos museus. Nosso objetivo foi construir um documento que, fundamentalmente, refletisse a contribuição individual de cada participante, ao mesmo tempo em que expressasse uma visão coletiva e plural da instituição.

Conforme já defendido, enfatizamos o potencial pedagógico e formativo do espaço de planejamento museológico. Para além das contribuições de cada um a partir de suas vivências pessoais, acadêmicas e profissionais, e assim como no processo do MCCHJ da UFPB, procuramos estimular o “desenvolvimento de estudos, pesquisas, levantamentos e buscas ativas acerca dos diversos temas abordados ao longo do projeto, ações e atitudes que passam a compor, consequentemente, o hall de habilidades e qualificações acumuladas”. Nesse contexto, os encontros, enquanto espaços de reflexão coletiva, oportunizaram momentos de formação, e crescimento e promoveram interdisciplinaridades (Souza et al., 2022, pp. 319-324).

“Ao lidar com questões para além das disciplinas em que estão inseridos (especificamente artes visuais, biblioteconomia e comunicação social), exigiu-se da equipe discente um conjunto de reflexões, estudos, debates e formulações em diálogo com outros campos do conhecimento (como museologia, arquivologia, arquitetura, educação, sociologia, gestão pública, entre outros) demonstrando, assim, a natureza fundamentalmente interdisciplinar que processos de construção de Planos Museológicos podem carregar [...]” (Souza et al., 2022, p. 324).

Ao final do planejamento, fizemos uma avaliação do processo junto às equipes. No caso do MUnA, utilizamos a plataforma *mentimeter.com* para realizar duas atividades. Na primeira, a equipe foi provocada a encaminhar anonimamente até cinco palavras ou conceitos, positivos e negativos, associados ao processo, para formarmos nuvens de palavras. No aspecto positivo,

⁵⁸⁵ Conforme previsto no inciso 2º do Artigo 46 do Estatuto de Museus que orienta que o Plano Museológico seja “elaborado, preferencialmente, de forma participativa, envolvendo o conjunto dos funcionários dos museus, além de especialistas, parceiros sociais, usuários e consultores externos, levadas em conta suas especificidades” (Brasil, Lei nº 11.904/2009)

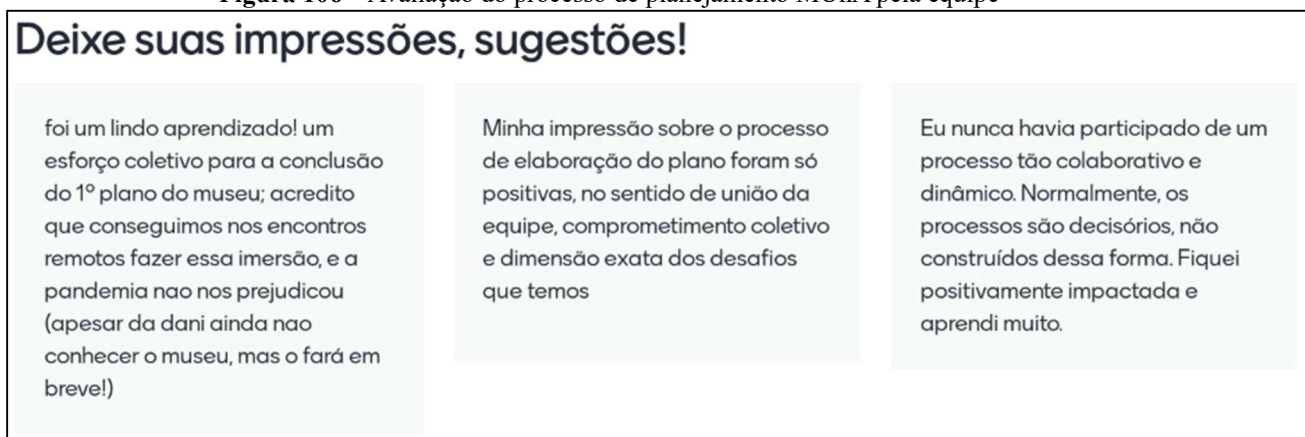
⁵⁸⁶ Como o Prof. Dr. Jimi Naoki Nakajima, diretor do INBIO, e o Prof. Dr. Barcolli Barbosa Pereira, diretor do IG, atual Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC).

⁵⁸⁷ Nos referimos aos docentes que atuaram como coordenadores dos museus, e que ainda atuam nas unidades acadêmicas às quais as instituições estão vinculadas.

os respondentes associaram: salto qualitativo, sensibilização, conhecimento, aprofundamento e aprendizado. No aspecto negativo: falta de pessoal, esforço coletivo, dedicação, tempo e falta de recursos.

A segunda atividade consistiu em convidar os envolvidos a deixar suas impressões e sugestões num ‘mural de comentários’, cujo resultado positivo apresentamos a seguir:

Figura 106 – Avaliação do processo de planejamento MUnA pela equipe



Fonte: Avaliação Plano Museológico MUnA.

No contexto do planejamento museológico junto ao MBC, MUMRO e DICA, as equipes preencheram um formulário *Google Forms*⁵⁸⁸. Quando consultadas sobre o nível de aprendizado no início e ao final do planejamento, sobre a contribuição do processo para o aprimoramento da atuação de cada um no museu, e ainda sobre se a metodologia e conteúdos fornecidos estimularam o envolvimento no processo, a maior parte das equipes avaliou positivamente a experiência.

Quando consultadas sobre quais aspectos do processo foram mais úteis ou valiosos, as equipes apontaram a organização do contexto do museu; as trocas de experiências; o ambiente participativo, dialógico e democrático; o conhecimento adquirido; a atmosfera envolvente e estimulante ao aprendizado. A seguir trazemos alguns depoimentos:

“As **trocas de experiência**, a valorização da profissional do campo da museologia em relação ao nosso trabalho e a **participação de ex-alunos** que contribuíram sobremaneira com o processo.” (MBC, grifos nossos)

“**Entender** como funciona, de fato, os **bastidores e burocracias** necessárias para se manter um museu.” (MBC, grifos nossos)

⁵⁸⁸ Obtivemos 12 respostas no MBC, 5 no MUMRO e 3 no DICA, perfazendo um total de 20 respondentes.

“O **conhecimento adquirido**, visto que apenas me deu mais vontade em aprender e estudar sobre.” (MBC, grifos nossos)

“A **experiência** como um todo foi **nova e estimulante**, permitindo o trabalho em áreas antes pouco exploradas na minha formação. **Muito enriquecedora.**” (MBC, grifos nossos)

“Envolvimento dos integrantes do grupo, **diversidade de perspectivas, transparência, aprendizado mútuo** e inclusão de especialistas.” (MBC, grifos nossos)

“Permitiu **entendermos melhor** as necessidades e atividades para **organizar, maximizar e reestruturar o museu.**” (MUMRO, grifos nossos)

“Revisitar aspectos do Museu e sobre quem ele é e **o meu papel nisso tudo**, provocou muitas reflexões.” (Museu DICA, grifos nossos)

Observamos que os relatos reforçam nossa confiança na potência da dimensão pedagógica e formativa do processo de planejamento museológico, pautado em bases participativas e democráticas. Esse processo contribui para agregar vivências profissionais e afetivas ao acervo pessoal de cada um dos envolvidos, incluindo nós, enquanto consultora facilitadora. Nossa percepção converge com a de Santos (2014), ao refletir sobre sua experiência na elaboração do Plano Museológico para o Museu Sacaca, em 2002:

“[...] o planejamento não é apenas uma técnica com o objetivo de melhorar a ação dos museus. É, sobretudo, **um processo de crescimento humano. É um processo educativo de ação e reflexão**, que deve ser **alcançado com a participação**, deve ser uma **prática incorporada ao cotidiano dos nossos museus e exercitada por todos que estão envolvidos com a sua missão.** [...] A sua construção, a partir do envolvimento de todas as pessoas e setores é um **momento único, de aprendizagem e de crescimento conjunto. É produção de conhecimento, é relação entre teoria e prática, é exercício de reflexão crítica e criativa e é comprometimento.** [...] é algo que **extrapola a ação interna da instituição e incorpora diferentes saberes e fazeres**, que olha o museu a partir de muitos olhares, para, em seguida, dar-lhe vida.” (Santos, 2014, p. 99, grifos nossos)

Em busca por aperfeiçoamentos de nossa parte, consultamos as equipes sobre quais aspectos poderiam ser aprimorados. Recebemos os seguintes apontamentos: falta de orientações concretas, do ponto de vista financeiro; ampliar participação de docentes, discentes e colaboradores; aprimorar representatividade; mais reuniões e discussões presenciais;

continuidade do trabalho para acompanhamento dos desdobramentos do processo de planejamento; maior objetividade. A seguir trazemos alguns depoimentos:

“Talvez **mais discussões** sobre o assunto, visto que o que foi apresentado foi esclarecedor e **deu vontade de ouvir mais sobre.**” (MBC, grifos nossos)

“Maior presença dos discentes e docentes colaboradores.” (MBC)

“Um pouco mais de **objetividade.**” (MBC, grifo nosso)

“**Representatividade**, comunicação eficaz, feedback claro, recursos adequados e avaliação contínua.” (MBC, grifo nosso)

“Penso que seria muito interessante fazer reuniões posteriores, para **analisarmos os desdobramentos** dessa etapa de elaboração do plano museológico.” (MBC, grifos nossos)

“No ponto de vista financeiro, o museu precisa de ideias reais para conseguir realizar as mudanças necessárias.” (MUMRO)

“**Mais tempo e mais encontros presenciais.** Considerando o tamanho e quantidade de temáticas a serem discutidos [...]” (Museu DICA, grifos nossos)

No recolhimento de nossa autocrítica, assumimos que os aspectos da amplitude e diversidade da dimensão participativa dos processos de planejamento poderiam ter sido mais bem trabalhados – inicialmente vislumbrávamos a integração de representantes de outros setores da universidade, especialmente na fase de diagnóstico setorial⁵⁸⁹, para aproximar as ‘inteligências’ presentes na estrutura acadêmica às demandas dos museus. No caso do Museu DICA, tivemos a participação de docente da FAUeD na discussão do Programa Arquitetônico e Urbanístico e, no MUnA, conseguimos mobilizar funcionário terceirizado da Divisão de Vigilância e Segurança Patrimonial (DIVIG), na discussão do Programa de Segurança.

⁵⁸⁹ Referimo-nos a segmentos como a PREFE, para discutir questões relacionadas aos programas de arquitetura, segurança e acessibilidade física; à Diretoria de Sustentabilidade (DIRSU) e/ou o Comitê Gestor dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (CGODS), para tratar de assuntos ligados à sustentabilidade; ao Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (CEPAE), para apoio em questões de acessibilidade comunicacional; à Faculdade de Gestão e Negócios (FAGEN), para abordar temas de comunicação estratégica; à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) e/ou Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD), para discutir os programas institucional, gestão de pessoas e financiamento e fomento; à Fundação de Apoio Universitário (FAU), para suporte na captação de recursos; à Diretoria de Comunicação Social (DIRCO), para discussões relacionadas à difusão do trabalho das equipes dos museus junto à comunidade acadêmica.

Na prática, percebemos o quanto esse engajamento é complexo diante da imensidão da estrutura universitária, das agendas comprometidas de todos os servidores e do desconhecimento dos museus. De todo modo, em uma próxima oportunidade de elaboração de Plano Museológico para um museu ou coleção universitária, certamente insistiremos nessa articulação pois, em sintonia com Almeida (2001) e Camacho (2022), e conforme observamos em nossa primeira experiência com o MUnA, esses espaços devem considerar o universo de produção de conhecimento como uma oportunidade ao seu desenvolvimento. Nesse contexto, um processo de planejamento museológico com participação ampliada da comunidade acadêmica pode representar uma excelente oportunidade para fortalecer uma cultura de preservação do patrimônio cultural e científico da universidade, além de fomentar a criação de novas comunidades de aprendizagem.

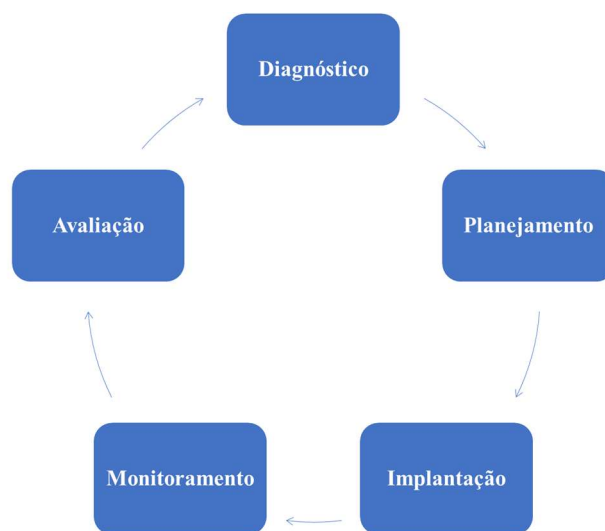
Também consideramos a realização de pesquisas de opinião nas unidades acadêmicas em que os museus estão vinculados. No entanto, não conseguimos atender a essa demanda pois, como os recursos para nossa contratação eram modestos, não tivemos fôlego financeiro para integrar especialistas à nossa consultoria museológica. De fato, sentimos falta desse apoio para o desenho de uma metodologia diagnóstica mais inovadora, que pudesse atingir um público maior, especialmente da comunidade acadêmica, e ainda sistematizar os resultados. Também sentimos a ausência de parceria para elaboração de ‘subprodutos’ técnicos, como um plano de gestão de riscos, um estudo de viabilidade administrativo-financeira, e políticas setoriais (de gestão de acervo e acessibilidade, entre outras). Essas demandas foram sinalizadas como projetos e ações prioritárias nos respectivos programas, a ser desenvolvidos em parceria com segmentos da UFU (preferencialmente) ou por meio da contratação de novas consultorias.

Outra fragilidade que reconhecemos é nossa compreensão inicial limitada da estrutura universitária da UFU, resultado de nossa vivência profissional de ‘chão de fábrica’ desvinculada da carreira acadêmica. Nossa percepção foi-se ampliando à medida que nos envolvíamos com os demais museus do SIMU, o que proporcionou imersões na realidade de outras unidades acadêmicas e permitiu-nos identificar possibilidades de articulação entre os sistemas operacionais dos museus e da universidade. Se iniciássemos as consultorias hoje, certamente daríamos mais atenção à integração de representantes de outros segmentos da UFU nas discussões, como a DIREC, a Dicult, o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, e o CDHIS.

Em diversos momentos, preocupamo-nos com a sobrecarga gerada pelo volume de assuntos a ser discutidos e pesquisados, bem como pelas reuniões, entrevistas e oficinas, que exigiram tempo, comprometimento e dedicação das equipes. E nos questionamos se poderíamos ter adotado uma metodologia mais objetiva e inovadora. Reconhecemos, no entanto, que ainda precisamos de mais vivências no campo, para fortalecer nosso ciclo de intervenção, reflexão e pesquisa. Por outro lado, ponderamos que os Planos Museológicos construídos representaram as primeiras vivências das equipes com essa ferramenta de planejamento. Assim sendo, é possível que, em uma futura revisão do plano atual, o processo se torne mais assertivo e focado em áreas específicas, acompanhando os avanços das instituições nos próximos anos.

No que diz respeito à continuidade dos trabalhos, em consonância com Santos (2014) e Lima (2014), refletimos junto às equipes que, apesar da vigência de 5 anos do Plano Museológico, o ciclo de planejamento⁵⁹⁰ (figura 107) deve ser incorporado ao cotidiano operacional da instituição, dado o caráter dinâmico da realidade dos museus. Acreditamos que as reflexões amadurecidas são essenciais para orientar continuamente as tomadas de decisões, especialmente em momentos que exijam reorientação no percurso, como no cenário de uma pandemia. Nesse contexto, sugerimos a revisitação constante dos documentos, o estabelecimento de uma rotina de reuniões ou encontros, e a elaboração de relatórios anuais para acompanhar o alcance das metas estipuladas.

Figura 107 – Ciclo contínuo de planejamento



Fonte: Elaboração da autora.

⁵⁹⁰ Ciclo contínuo que envolve diagnósticos, planejamento, implantação, monitoramento e avaliação de projetos e ações.

Em resumo, sempre haverá espaço para aprimoramentos e crescimento. O essencial é mantermos o ânimo e a coragem para assumir novos desafios, experimentar e ousar. As experiências com os museus do SIMU nos proporcionaram um campo empírico extremamente rico e diversificado de aprendizado, que exigiu a pesquisa e o estudo de diferentes tipologias de coleções universitárias e sobre o organograma funcional da universidade.

Mais do que isso, essas vivências presentearam-nos com novos amigos e parceiros profissionais, com os quais compartilhamos ideias, sonhos e conhecimento. Foi quase como uma ‘terapia museológica’: um processo longo e intenso, por vezes doloroso e frustrante, mas no qual sonhamos juntos com as imagens de transformação.

“A prestação de serviço sem o envolvimento torna-se apenas mais um trabalho entre tantos. O que percebo, contudo, foi **além de uma prestação de serviço**. A dedicação e o **mergulho profundo em nossas dificuldades e potenciais foi tão bem compreendida, racionalizada e muito bem colocada nesse lindo trabalho**. Agradeço por todos os momentos e encontros e pelo **resultado que iluminou nosso caminhar**.” (Museu DICA, grifos nossos)

Esse depoimento nos emocionou profundamente. Sou eu quem agradece às equipes dos museus do SIMU, e a todas as pessoas que estiveram envolvidas, pela preciosa oportunidade e pela confiança!

Esperamos que o caráter global e integrador do planejamento museológico que buscamos facilitar tenha efetivamente contribuído para organizar e orientar a atuação das equipes, auxiliando no alcance dos propósitos almejados.

Acreditamos ainda que a dimensão documental dos Planos Museológicos possa se configurar em testemunho da potencialidade dos museus e das adversidades enfrentadas. Que essa ferramenta não apenas afirme a relevância dos museus e do trabalho desenvolvido pelas equipes, mas também funcione como um instrumento de cobrança por aprimoramentos junto às unidades acadêmicas e às instâncias superiores da UFU.

3.3 Os achados que atravessam os quatro museus

Na presente seção exploramos os principais ‘achados’ que perpassam a realidade dos quatro museus do SIMU – MUnA, MBC, MUMRO e Museu DICA –, com os quais colaboramos na construção de Planos Museológicos, entre abril de 2020 e julho de 2023. Novamente utilizamos a ferramenta SWOT para mapear os pontos fortes e fracos no ambiente interno, e as oportunidades e ameaças no ambiente externo das instituições (quadro 11).

Quadro 11 – Resumo SWOT Museus SIMU

	AJUDA ▲	ATRAPALHA ▼
ambiente interno	FORÇAS ➤ Equipes multidisciplinares e comprometidas. ➤ Ambiente de trabalho colaborativo. ➤ Coleções de ensino e de pesquisa. ➤ Ações expositivas, educativas e culturais. ➤ Desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. ➤ Regimentos Internos institucionalizados. ➤ Construção do Plano Museológico.	FRAQUEZAS ➤ Ausência de museólogo. ➤ Equipes reduzidas. ➤ Recursos insuficientes (financeiros, materiais, físicos). ➤ Ausência de política de gestão de acervo e tratamento arquivístico da memória institucional. ➤ Impermanência de equipes educativas. ➤ Ausência de Projeto de Acessibilidade e de Educação Inclusiva. ➤ Avaliação limitada das ações desenvolvidas.
ambiente externo	OPORTUNIDADES ➤ Campo cultural e artístico da UFU. ➤ Gestão Cultural participativa e Política Museal institucionalizada na UFU. ➤ Vínculos e parcerias na comunidade acadêmica. ➤ Editais de fomento da DIREC/PROEXC. ➤ Parcerias externas. ➤ Construção de Planos Museológicos por todos os museus do SIMU. ➤ Carência de museus na cidade de Uberlândia. ➤ Articulação do setor de Museus e Coleções Universitárias em nível nacional.	AMEAÇAS ➤ Fragilidade das políticas museais da UFU. ➤ Isolamento e invisibilidade institucional na UFU. ➤ Cultura acadêmica de competição. ➤ Invisibilidade da dimensão científica do patrimônio universitário nas resoluções da UFU. ➤ Ausência de gestão integrada e informatizada das coleções. ➤ Baixa visibilidade do patrimônio cultural e científico da UFU na cidade. ➤ Parcerias frágeis com órgãos públicos. ➤ Cenário político nacional instável.

Fonte: Elaboração da autora.

Ambiente Interno

Entre as forças internas que contribuem para que os museus alcancem os propósitos amadurecidos em suas missões, destacamos, em primeiro lugar, as equipes de docentes, discentes, pesquisadores e colaboradores multidisciplinares. Essas equipes demonstram um forte compromisso com a socialização de conhecimento produzido na academia e com a formação cidadã de futuros profissionais e de públicos.

Além disso, em um ambiente colaborativo de trabalho, as coleções de ensino e de pesquisa formam um patrimônio cultural e científico diversificado e potente para ser explorado em ações de pesquisa, em exposições e em programas educativos e culturais.

Reconhecendo que a (re)interpretação dessa relevância é um fenômeno deflagrado pela relação entre a comunidade acadêmica e as dinâmicas sociais dos processos criativos do fazer científico – comparar ou experimentar realidades – na UFU, e considerando os avanços no ensino e na pesquisa, identificamos oportunidades para o aprimoramento da percepção seletiva nos enclaves dos fenômenos museológicos do SIMU, especialmente no que diz respeito ao tratamento de coleções históricas de pesquisa e de ensino.

Nesse caminho, nos projetos de planejamento museológico, refletimos sobre a importância da salvaguarda e da comunicação da memória da comunidade acadêmica (docentes, discentes, pesquisadores, colaboradores) envolvida na trajetória das instituições, e das próprias unidades acadêmicas onde os museus estão inseridos. Essa memória perpassa, por exemplo, a história da constituição das coleções, a coleta de depoimentos e o tratamento arquivístico dos documentos produzidos ao longo do funcionamento dos museus. No MUnA essa reflexão inspirou a realização do Programa #MUnA25anos, que promoveu uma série de entrevistas com todos os docentes que exerceram a coordenação geral do museu desde sua fundação, em 1996, até a gestão então em exercício em 2021.

Outro aspecto a ser explorado são os bastidores do saber-fazer científico. Referimo-nos, por exemplo, às técnicas e práticas de coleta de campo – como espécimes no caso do MBC, e rochas, minerais e fósseis, no caso do MUMRO –, e às atividades de ensino e de pesquisa, cujas evidências estão registradas em fotografias, cadernos de campo, planos de aula, ilustrações científicas, croquis, cartografias, maquetes, modelos, entre outros. No caso específico do MBC, destaca-se, por exemplo, o saber relacionado às técnicas de taxidermização.

No Museu DICA, os artefatos científicos demonstrativos são utilizados como ‘recursos expositivos’. A longo prazo, sugerimos que a equipe do museu reavalie o potencial documental

desse acervo e, paralelamente, realize um mapeamento de objetos ou documentos de interesse histórico que possam testemunhar a trajetória do museu, bem como a história do ensino e da pesquisa no INFIS⁵⁹¹. Nesse futuro mapeamento de bens a ser preservados por seu valor cultural, poderiam ser identificados instrumentos científicos utilizados por docentes e pesquisadores do INFIS, protótipos, maquetes e croquis produzidos no contexto de atividades de ensino e de pesquisa realizadas no museu, em salas de aulas e nos laboratórios do INFIS, entre outros itens de valor documental.

Reconhecemos que essa não é uma tarefa fácil, mas certamente é instigante e desafiadora para os museus do SIMU, especialmente aqueles vinculados ao INBIO, IGESC e INFIS. Castro & Granato (2018) trazem algumas pistas e problematizações relevantes sobre a incorporação e documentação de objetos de Ciência e Tecnologia. No XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, os autores apresentaram resultados preliminares de uma pesquisa dedicada à elaboração de um inventário de potenciais acervos – equipamentos, mapas, fotografias e modelos didáticos –, que se encontravam dispersos e esquecidos em laboratórios e depósitos do Instituto de Geociências (IGEO) da UFRJ. Os autores ressaltaram que o potencial patrimonial de cada item depende de diversos fatores, como as pesquisas das quais participou, a relevância dessas pesquisas (em termos de avanços ou descobertas), o significado histórico do objeto ou documento para a instituição, e os profissionais que o utilizaram. Mesmo obsoletos, tais objetos podem ser relevantes ao documentarem o saber-fazer científico de uma determinada época (Castro & Granato, 2018).

Resgatando as reflexões de Lourenço (2005), na Física e em seus campos derivados (como Geofísica, Meteorologia, Biofísica), e em parte na Matemática, Engenharia, Química e Astronomia, o processo epistemológico difere daquele das Ciências Naturais, pois o “conhecimento é produzido não pela acumulação de elementos da realidade (rochas, peles de pássaros), mas através da experimentação com a realidade”. Nesse contexto, os diversos instrumentos científicos utilizados para fazer medições (termômetro), cálculos (computador), simulações (modelos matemáticos), e/ou apoiar uma ação (por exemplo, um telescópio para observar o céu), funcionam como “intermediários entre o pesquisador e a realidade que ele/ela está experimentando” (Lourenço, 2005, p. 43, tradução nossa).

⁵⁹¹ Uma iniciativa que poderia ser viabilizada por meio de um projeto de investigação vinculado aos cursos de Pós-Graduação da unidade acadêmica do INFIS ou do INHIS, por exemplo.

Ao ressaltar a relevância da constituição dessas coleções para atividades de ensino e de pesquisa da história das ciências, Lourenço argumentou que mais do que documentar princípios e conceitos científicos, os instrumentos, equipamentos e artefatos (modelos, maquetes) constituem-se em evidência material da história da produção de conhecimento científico em seus respectivos campos, alertando ainda para a importância análoga da salvaguarda e comunicação da documentação produzida no contexto desses objetos⁵⁹², inclusive prevendo a escuta de docentes, discentes e pesquisadores envolvidos em seus usos e adaptações (Lourenço, 2005, pp. 136-137).

Em resumo, estamos nos referindo a um conjunto de bens tangíveis e intangíveis que ancoram a memória e a história da produção de conhecimento científico na UFU; da vida cultural e social na universidade; e da atuação de docentes, discentes, pesquisadores e colaboradores nas unidades acadêmicas. Isso inclui a trajetória da produção em Artes Visuais no MunA, e as pesquisas sobre a evolução da Biodiversidade do Cerrado no MBC, sobre as transformações do território (natural e urbano) no MUMRO, e sobre conceitos de Física, Química, Astronomia, no Museu DICA. Esse conjunto de bens forma um repositório documental que, ao ser tratado pela pedagogia museológica, possibilita um diálogo ampliado da UFU com a sociedade.

Pudemos perceber essa potência nas ações expositivas, educativas e culturais organizadas pelas instituições, conforme apresentado na seção anterior. Juntos, esses quatro museus acolhem presencialmente cerca de 55 mil pessoas ao ano. No ambiente digital, o fomento à criticidade e ao diálogo continua por meio de *lives* no Instagram, palestras no Youtube, entre outras iniciativas.

Os museus também se estabelecem como ‘laboratórios’ para o desenvolvimento de atividades de ensino (como aulas e estágios supervisionados), pesquisa (trabalhos de conclusão de curso, Mestrado e Doutorado) e extensão, contribuindo de forma significativa para a formação acadêmica e profissional de jovens alunos em início de carreira, que atuam no ‘chão de fábrica’ dessas instituições.

No desenvolvimento do Plano Museológico do MBC, por exemplo, pudemos contar com a participação de ex-discentes que desenvolveram seus projetos de investigação vinculados

⁵⁹² Essa documentação perpassa a preservação de todos os vestígios das atividades de ensino e pesquisa que os objetos carregam, presentes em: textos, notas, e planos de aulas de docentes; notas e desenhos de alunos; projetos; ilustrações; croquis; correspondências entre docentes; resultados de laboratórios, entre outros (Lourenço, 2005, p. 137).

ao museu, dando origem a artefatos museais, publicações, e jogos educativos (MBC, 2023, pp. 67-68). No caso do MUMRO, destacamos a existência de uma sala de aula, conjugada ao espaço expositivo, que acolhe estudantes de 11 cursos provenientes de 5 institutos da UFU (MUMRO, 2023, p. 9). No contexto do Museu DICA, foram criadas disciplinas associadas ao museu, como estágios supervisionados no âmbito do curso de Licenciatura em Física do INFIS (Museu DICA, 2023, p. 29) e também observamos a existência de uma quantidade significativa de projetos de pesquisa desenvolvidos no museu⁵⁹³. A própria equipe responsável pela ação educativa do DICA era composta por alunos do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, oferecido pelo INFIS.

No caso do MUnA, destaca-se a criação da disciplina específica ‘Práticas Expositivas no MUnA’ em 2020 e o projeto ‘MUnA: História de um acervo’⁵⁹⁴, realizado em 2008 em parceria com o INHIS. O projeto, dedicado à catalogação do acervo do museu, alcançou êxito graças ao envolvimento de alunos bolsistas que, por sua vez, desenvolveram trabalhos de conclusão de curso e outros projetos de pesquisa, aplicando seu aprendizado no museu e, posteriormente, em suas carreiras profissionais. Vale também mencionar que o MUnA organiza editais para exposições coletivas dos alunos do curso de Artes Visuais do IARTE.

No que diz respeito à gestão e ao planejamento dos museus, ressaltamos a existência de regimentos internos, aprovados pelos conselhos das respectivas unidades acadêmicas, e a construção dos Planos Museológicos, enquanto momento de formação das equipes, ao estimular estudos, reflexões, e debates. Nesse contexto, e como defendemos na presente pesquisa, compreendemos o processo de planejamento como espaço de escuta ativa, empoderamento e expansão de conhecimento, especialmente no campo da Museologia, para equipes de museus que não contam com assessoria técnica no setor, e no contexto de uma universidade federal que não oferece cursos na área.

A ferramenta do Plano Museológico também pode ser vista como um registro documental importante da trajetória dos museus, que carecem de uma política de gestão de acervos (museológico, arquivístico e bibliográfico). Mais além, buscamos evidenciar o papel

⁵⁹³ Estima-se a existência de 51 trabalhos (TCC de Graduação, de iniciação científica e dissertações de Mestrado) sobre o museu, desenvolvidos de 2006 a 2023 (Museu DICA, 2023, p. 75).

⁵⁹⁴ Projeto apresentado no Edital de 2006 da FAPEMIG pela Profa. Luciene Lehmkuhl durante a gestão da Profa. Dra. Beatriz Rauscher. Contou com a colaboração do Prof. Renato Palumbo Dória, da bolsista Fabiana Carvalho de Oliveira e estagiários Mariana Borges Bizinotto, Thiago Destro Rosa Ferreira e Tiago Genaro. Foram catalogadas 109 obras e um total de 208 peças. A iniciativa também contou com consultoria da Profa. Ana Paula Felicíssimo de Camargo Lima, na época atuante no Acervo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP), para elaboração de ficha catalográfica e ações de higienização e conservação preventiva por meio da realização de *workshops* (MUnA, 2020, p. 33).

do documento enquanto testemunho da potencialidade da atuação dos museus, ao lado das adversidades enfrentadas, transformando-se em instrumento de afirmação do relevante trabalho desenvolvido pelas equipes e, ao mesmo tempo, de cobrança por aprimoramentos junto às unidades acadêmicas e às instâncias superiores da UFU.

Quando direcionamos nosso olhar para as fraquezas que afetam os museus, destaca-se o fato de sua operação cotidiana estar ancorada em equipes reduzidas⁵⁹⁵. Isso resulta em docentes sobrecarregados, com saúde emocional e psicológica comprometida ao se dividirem entre as atividades de docência e aquelas de zeladoria do edifício, produção de exposições, formatação de projetos para captação de recursos, entre outras. Nenhum dos quatro museus conta com museólogo ou servidores especializados em Educação Museal, documentação e conservação preventiva de coleções, em seu quadro técnico permanente. Além disso, observa-se uma alta rotatividade das equipes de apoio, compostas majoritariamente por discentes bolsistas ou voluntários⁵⁹⁶, o que impacta a descontinuidade de projetos, incluindo a interrupção de atividades essenciais para a preservação do patrimônio museológico universitário.

Mais ainda, coloca as instituições em uma posição vulnerável ao risco de apagamento de sua memória institucional, devido à ausência de tratamento arquivístico e museológico dos documentos produzidos ao longo da trajetória dos museus. A esse respeito, sugerimos aproximação com o CDHIS da UFU para avaliar possibilidades de parcerias técnicas, por exemplo na condução de projetos de pesquisa ou estágios supervisionados focados nos conjuntos documentais dos museus.

Além da insuficiência de recursos humanos, as instituições operam com recursos financeiros, materiais e físicos limitados, em razão da inexistência de uma rubrica específica direcionada aos museus no orçamento anual da unidade acadêmica. Notamos o esforço das equipes para manter minimamente os espaços, cuja infraestrutura, no entanto, acaba ficando obsoleta e deficiente, colocando o acervo em risco – um aspecto particularmente evidente no cenário do MBC, como já pontuado.

⁵⁹⁵ Contexto que se agravou com os Decretos nº 9.262/2018 e nº 10.185/2019, que extinguíram cargos e congelaram concursos públicos para técnicos em Conservação e Restauração, e Museologia, impactando a recomposição de quadros técnicos em museus e coleções vinculados às universidades federais públicas brasileiras – questão sublinhada no encontro (re)Conexões da RBCMU, da qual participamos em outubro de 2024. A Portaria Conjunta MGI/MEC nº 29/2023, uma ação entre o MEC e Ministério da Gestão e Inovação, representa um certo avanço para as universidades federais, ao ampliar o número de professores equivalentes e atualizar o quadro de referência dos técnicos-administrativos, possibilitando a criação de novas vagas. Portaria disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-conjunta-mgi/mec-n-29-de-28-de-julho-de-2023-499522800>. Acesso em 22 dez. 2024.

⁵⁹⁶ A dependência de bolsistas para a execução de projetos e a alta rotatividade de colaboradores destacam-se como desafios significativos a ser vencidos pelas redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais. Ver quadro 2.

Nesse cenário, a implantação de um projeto abrangente e permanente de Acessibilidade e Educação Inclusiva torna-se praticamente uma tarefa impossível. No caso do MBC, contamos com a participação de ex-bolsista⁵⁹⁷ no processo de planejamento, que foi convidada para apresentar uma comunicação sobre Acessibilidade e Educação Inclusiva no curso de Educação Museal, organizado pelo museu. Também incentivamos a participação do Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (CEPAE)⁵⁹⁸ da UFU nas discussões sobre essa temática específica no desenvolvimento dos Planos Museológicos, buscando incentivar futuras parcerias técnicas, mas não obtivemos êxito⁵⁹⁹.

Junto a esse quadro fragilizado, observa-se o desperdício de inteligência e de tempo, quando percebemos a existência de projetos de requalificação para o MBC, Museu DICA e MUMRO, que estão engavetados por falta de recursos financeiros. Ou seja, há um ‘ativo crítico’ gerado a partir desses processos de discussão, conceituação e detalhamento, que acaba sendo esquecido com o tempo.

Cabe destacar também a deficiência de assessoria técnica em TI, já que o Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) existente atende a todos os segmentos universitários, o que compromete a continuidade de iniciativas consolidadas, como o projeto ‘MUnA Online: do museu para o mundo’, que depende de aporte de recursos da universidade para manter sua disponibilidade virtual. Da mesma forma, o MBC aguardava recursos para aquisição de servidor de grande porte, necessário para implantar um banco de dados informatizado de suas coleções científicas e do INBIO (MBC, 2023, pp. 39-40). Essa deficiência também afeta a divulgação dos museus; o MUMRO, por exemplo, ainda não possui um *site* próprio.

Por fim, ressaltamos que encontramos uma ‘cultura’ de pouco coletar, sistematizar e avaliar dados das ações desenvolvidas (expositivas, educativas e culturais), o que entendemos ser consequência da falta de ‘braços’ e tempo, diante da sobrecarga de funções acumuladas pelos docentes e suas equipes. No entanto, esperamos que essa cultura tenha sido positivamente impactada pelo exercício de planejamento museológico, que ajudou a sedimentar a realização de diagnósticos e a consolidação de indicadores em relatórios anuais de gestão, conforme recomendado.

⁵⁹⁷ Ianna Gara Cirilo.

⁵⁹⁸ Atual Divisão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (DEPAE).

⁵⁹⁹ Sobre esse importante aspecto, cabe-nos lembrar o artigo 28 da Lei nº 13.146/2015, que estabelece o dever das instituições de ensino, públicas ou privadas, de garantir o acesso inclusivo ao ensino e à aprendizagem em todos os níveis e modalidades.

Ambiente Externo

Ao explorarmos os achados no ambiente externo das unidades museológicas, iniciamos novamente pelas forças positivas, que ajudam os museus a alcançar os propósitos amadurecidos em suas missões. Como oportunidades, em primeiro lugar destacamos que a UFU se sobressai no campo das artes e da cultura, conforme discutido no segundo capítulo. Nesse terreno fértil, a universidade afirma seu compromisso com a criação artística e cultural no ambiente acadêmico e com a formação cultural e social do cidadão, considerando os museus como espaços centrais para essa produção cultural, e como lugar de aproximação entre a comunidade acadêmica e o público em geral, conforme observa-se na gestão participativa da cultura na universidade.

Nesse caminho, e após mais de duas décadas de reivindicações, em 2017 o SIMU foi finalmente institucionalizado, incentivando a realização de trocas entre as inteligências das equipes⁶⁰⁰ e de algumas iniciativas, como a criação de um guia de museus e de vídeos institucionais. A própria institucionalização dos museus enquanto órgãos complementares de unidades acadêmicas, por meio de resoluções do CONSUN – MBC em 2011, MuNA em 2014, e DICA em 2017 –, é uma conquista a ser celebrada⁶⁰¹.

Em 2019, foi a vez da criação do PROMUS, uma política de financiamento e fomento específica para as unidades museológicas. Apesar de modestos, os recursos disponibilizados possibilitaram a realização dos Planos Museológicos. Mais além, como a proposição dos projetos fica por conta das equipes, isso tem fomentado uma cultura de planejamento nas instituições.

Ainda em 2019, a universidade atualizou sua Política de Cultura de 2010, elegendo ‘a valorização da memória e a preservação de patrimônios culturais em seus princípios fundamentais’, além de destacar a importância das ações de planejamento e gestão museológica do patrimônio cultural e artístico dos museus da UFU nas diretrizes estratégicas. Um Fórum de Cultura foi institucionalizado para apoiar essa política, envolvendo diversos setores da universidade, incluindo o SIMU. Em consonância com as discussões do FORCULT, a

⁶⁰⁰ O MUPI é o único museu do sistema que possui museólogo em seu quadro técnico, tendo desenvolvido cursos e oficinas de formação nas áreas de Museologia que poderiam passar a integrar membros das equipes dos demais museus. Da mesma forma, isso poderia acontecer nas turmas do curso de Educação Museal organizado pelo MBC. O MUnA, que já tem experiência com a implantação do *Tainacan*, poderia igualmente compartilhar essa expertise com os demais museus do SIMU que desejem implantar essa ferramenta para extroversão de seus acervos.

⁶⁰¹ No caso do MUMRO, apesar do museu constar do organograma do IG, não existe resolução do CONSUN, apenas uma ata de reunião do Conselho do IG de junho de 2013, na qual se menciona a intenção de transformar o MUMRO em ‘museu efetivo’.

universidade pretende elaborar um Plano de Cultura para consolidar ações estruturantes para o setor⁶⁰². A dimensão cultural segue igualmente integrada ao planejamento estratégico global da universidade (PIDE 2022-2027), documento que apresenta o aumento da visitação dos museus como meta associada ao aprimoramento da integração entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Observamos que esses movimentos foram facilitados pela atuação sensível de instâncias superiores da universidade, que reconhecem a importância do papel dos museus na vida da comunidade acadêmica e da cidade⁶⁰³.

Nesse quadro favorável, cabe ainda pontuar a criação de dois novos museus universitários: o Museu de Antropologia e Arqueologia (MANA), aprovado pela Resolução CONSUN 32/2022⁶⁰⁴, e o Museu do Brinquedo – Lugar de Memórias e Histórias da Infância, aprovado pela Resolução 45/2022⁶⁰⁵.

Outra importante oportunidade configura-se na existência de vínculos e parcerias entre os museus e a comunidade universitária, de maneira integrada às atividades de ensino, pesquisa e extensão. No caso do MBC e do Museu DICA, destaca-se a parceria com a FAUeD para a elaboração de projetos de requalificação dos espaços ocupados pelas instituições nos parques municipais Victório Siquierolli e Gávea, respectivamente. Também sublinhamos a parceria do DICA com o INBIO na implantação da Praça Passarinhar.

Como vimos, a UFU possui uma estrutura intelectual robusta, composta por cerca de 32 mil pessoas, entre docentes, alunos e servidores, atuantes em 32 unidades acadêmicas distribuídas em sete campi localizados em quatro cidades. Apostamos nessa rede de inteligências como um universo potente de possibilidades de parcerias a ser explorado pelos museus, a começar pelos laboratórios e grupos de ensino e de pesquisa nas unidades acadêmicas às quais estão vinculados.

⁶⁰² A construção de Políticas e Planos de Cultura é também uma oportunidade detectada no campo de museus e coleções universitárias. Ver quadro 7.

⁶⁰³ Em março de 2022, tivemos uma reunião com o Prof. Alexandre José Molina, então Diretor da DICULT, e, em outubro de 2023, apresentamos um resumo dos processos de planejamento museológico ao reitor Valder Steffen Junior em reunião do CONDIR. Também observamos que o atual reitor integrava o Conselho Diretor da UFU que aprovou o projeto para criação do futuro MuNA.

⁶⁰⁴ A resolução estabelece que a gestão desse novo museu será realizada de maneira compartilhada entre a PROEXC, o INCIS e o Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO). Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2022-32.pdf>. Acesso em 21 out. 2024.

⁶⁰⁵ A resolução estabelece esse museu como órgão complementar do ICHPO. Resolução disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2022-45.pdf>. Acesso em 21 out. 2024.

No caso do MBC, sugerimos reaproximação com o LAEZO do INBIO e organização de atividades na Reserva Ecológica do Panga⁶⁰⁶, como caminhadas ecológicas para explorar os bastidores das pesquisas de campo e fazer demonstração de coletas (MBC, 2023, p. 59). No caso do MUMRO, recomendamos articulação com o NUGEM do atual IGESC para desenvolvimento de projeto de pesquisa sobre a história do museu. No caso do MUnA, poderia ser retomada parceria com a PROEXC no projeto Rede Arte na Escola, dedicado à formação de professores (MUnA, 2020, p. 10).

Os editais de fomento interno da DIREC/PROEXC também se configuram em oportunidade para os museus do SIMU a ser explorada. Mapeamos editais vinculados ao PEIC; ao PIAEV; e ao Programa de Apoio à Extensão (PROAEX).

Enxergamos a construção de Planos Museológicos por todos os museus do SIMU, especialmente no caso do MBC, MUMRO e DICA, enquanto processos que ocorreram simultaneamente, como outra força no ambiente externo, colocando os museus em pauta nas disputadas agendas de reuniões do CONSEX e do CONDIR, como já comentamos.

A carência de museus em Uberlândia também é um fator favorável aos cinco museus universitários da UFU, colocando-os em posição de destaque na oferta de atividades educativas e culturais para os habitantes da cidade. Por fim, mas não menos importante, ressaltamos a articulação nacional do setor como outra potencialidade a ser mais bem explorada pelas equipes das instituições do SIMU. Por exemplo, por meio da apresentação de trabalhos nos FPMUs e do envolvimento em grupos de trabalho no SEBRAMUS e no FNM.

Ao direcionamos nosso olhar para as ameaças no ambiente externo, identificamos a fragilidade das políticas museais institucionalizadas na UFU. Por exemplo, a retração orçamentária da UFU suspendeu a oferta de recursos para o PROMUS, em 2023. Outra questão que acentua a vulnerabilidade do SIMU é o acúmulo de funções no coordenador-executivo do órgão, ao lado da ausência de corpo técnico de apoio no SEAMUS. A referida instância, que figura no organograma da PROEXC como órgão vinculado à DIFOC, possui apenas um membro em sua equipe e não conta com museólogo para a assessoria técnica enunciada em sua função de “organização, valorização, preservação, visibilidade e gerenciamento do patrimônio cultural” sob guarda dos museus do SIMU. Esse cenário limitado e desprovido de estrutura

⁶⁰⁶ Essa reserva pertence à UFU e é uma das poucas unidades de conservação de vegetação nativa de Cerrado existentes no Triângulo Mineiro.

física, orçamento e equipe impacta negativamente o fortalecimento e a continuidade das atividades colaborativas do sistema⁶⁰⁷.

Outra força que atrapalha a atuação dos museus é um notável isolamento e invisibilidade das instituições dentro da universidade, a começar dentro da própria unidade acadêmica – fator que vimos estar sendo aprimorado por meio da institucionalização dos museus como órgãos complementares nas unidades acadêmicas, da criação do SIMU e de uma gestão participativa da dimensão cultural da universidade. Ao mesmo tempo, o caráter competitivo dessa mesma cultura acadêmica alimenta esse isolamento⁶⁰⁸.

Uma nova análise das resoluções que regem a política museal e cultural da UFU⁶⁰⁹ revelou uma lacuna: a ausência do termo 'científico' quando se refere ao patrimônio da universidade. Embora os documentos mencionem o patrimônio cultural e artístico, a dimensão científica do conhecimento produzido na universidade, fundamental para a história da UFU, parece não estar explicitamente reconhecida. Acreditamos que essa questão poderia ser abordada no âmbito do SIMU.

A ausência de gestão integrada e informatizada das coleções universitárias⁶¹⁰, que poderia ampliar o acesso e reconhecimento das mesmas, começando pela comunidade acadêmica da UFU e por pesquisadores externos; as parcerias frágeis com órgãos públicos da Prefeitura – especialmente no caso do MBC com instalações fechadas à visitação pública no Parque Victório Siquierolli –; e a baixa visibilidade do patrimônio cultural e científico da UFU na cidade são fatores que também atrapalham os museus. Em relação a essa última questão, foi detectado que no folheto *Guia Turístico de Uberlândia – Roteiro Artístico e Cultural*, produzido pela PMU (figuras 108 e 109), apenas 4 museus do SIMU são descritos (o Museu DICA não aparece) e, ainda assim, sem qualquer associação à UFU.

⁶⁰⁷ Essa questão também aparece como desafio a ser vencido pelas redes e sistemas de museus e coleções universitárias em universidades federais. Ver quadro 2.

⁶⁰⁸ Esse clima de competição também existe dentro do SIMU.

⁶⁰⁹ Referimo-nos à Resolução CONSEX nº 3/2017, que dispõe sobre o Regimento Interno do Sistema de Museus, e à Resolução CONSUN nº 13/2019, que estabelece a política de cultura da UFU.

⁶¹⁰ Como a iniciativa da UFPeL na implantação do repositório digital *Acervos virtuais da Rede de Museus da UFPeL*, viabilizado em parceria com a Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação (PROGIC).

Figura 108 – Folheto *Guia Turístico de Uberlândia – Roteiro Artístico e Cultural* (parte externa)

BEM VINDO A UBERLÂNDIA

Uberlândia é sinônimo de modernidade, desenvolvimento e organização, aliado ao que há de mais expressivo nas tradições mineiras de hospitalidade, história, cultura e arte, numa mescla de passado, presente e futuro. Destaque no cenário nacional de negócios e turismo, Uberlândia possui localização privilegiada e oferece infraestrutura de recepção, hospedagem, alimentação, recreação e apoio logístico para eventos, congressos, seminários e feiras, atendendo até mesmo os mais altos padrões de eventos. Além disso, em toda a cidade existem dezenas de restaurantes, bares, casas de shows e entretenimento para satisfazer todos os gostos e estilos.

Bem vindo a Uberlândia. Conheça nossa cidade, nossa cultura, arte e história.

DESTAQUES

- 1ª cidade do interior de Minas Gerais e 4ª do interior do Brasil em população;
- 2ª maior PIB de Minas e 20ª do Brasil - à frente de 16 capitais;
- 2ª Aeroporto de Minas Gerais em movimentação de passageiros e 22ª maior do país;
- 1ª em saneamento de Minas Gerais e 3ª do país;
- 57% do PIB nacional com um rio de apenas 400 km;
- 2ª maior Estádio de Minas, com capacidade para 53 mil pessoas;

Arena Multiuso Presidente Tancredo Neves com capacidade para 60 mil pessoas sentadas.

Polo em medicina de alta tecnologia;

1ª cidade do Brasil com transporte 100% acessível;

Maior mercado consumidor do interior de Minas;

Mais de 70 unidades de saúde integradas;

Considerado importante destino turístico no estado;

2ª maior parque hoteleiro de Minas Gerais;

R\$ 1,5 bilhão de investimentos privados conquistados desde 2017.

TELEFONES ÚTEIS

Aeroporto (04) 3233-5420	Polícia Federal 194
Bombeiros 193	Polícia Militar 192
Câmara de Vereadores (04) 3239-1000	Polícia Rodoviária Estadual 118
Cenig 116	Polícia Rodoviária Federal 191
Coselhos Tutelares (04) 3234-0121 / 3237-3216	Provaluros (04) 3239-2444 / 3029-2800
Courap (04) 3234-6445	Hospital dos Clínicos (04) 3278-2111
Corteiro (060) 5103 0100	Central de Atendimento 152 / 046 3234-4022
Defesa Civil 199	Rodoviária (04) 3225-5000
Defesa Social (04) 3239-2800	Terminal Central (Transporte Público) (04) 3210-3023 / 3210-3001
Dmiv 115	Vigilância Sanitária (04) 3212-6102
Polícia Civil 197	

U B E R L Â N D I A

MINAS GERAIS - BRASIL

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA
PODE PODE LIGAR COM A CIDADE

Site da Prefeitura de Uberlândia

uberlandia.mg.gov.br

Agenda Cultural

bit.ly/agendaudi

GUIA TURÍSTICO DE
UBERLÂNDIA
ROTEIRO ARTÍSTICO E CULTURAL

Fonte: Folheto retirado no Museu Municipal de Uberlândia.

Figura 109 – Folheto *Guia Turístico de Uberlândia – Roteiro Artístico e Cultural* (parte interna)

[illegible]

Fonte: Folheto retirado no Museu Municipal de Uberlândia.

Por fim, é importante lembrarmos do cenário político instável vivenciado no país nos últimos tempos, que propagou um pensamento negacionista em relação à Cultura, Ciência e Educação, cujos valores e o devido respeito estão sendo resgatados no atual governo federal.

Na seção seguinte, a partir do cenário discutido nesta parte da pesquisa, apresentamos algumas reflexões propositivas para o reposicionamento institucional do SIMU, com o objetivo de minimizar a força dos pontos fracos e das ameaças que dificultam a atuação cotidiana desses resilientes museus.

3.4 Reflexões propositivas para a gestão da dimensão museal da UFU

Com base no contexto problematizado na seção anterior, apresentamos um conjunto de propostas⁶¹¹ para o fortalecimento da gestão da dimensão museal na UFU, conforme detalhado no quadro 12 a seguir.

Quadro 12 – Propostas para a gestão da dimensão museal da UFU

AÇÃO ESTRATÉGICA	PRAZO		
	Curto (1 ano)	Médio (2 anos)	Longo (3 anos)
1. Institucionalizar corpo técnico no SEAMUS			
2. Organizar exposições itinerantes na UFU, com acervos dos museus do SIMU			
3. Conceber ‘Programa de Visitação Integrada SIMU’			
4. Mapear outras coleções na UFU			
5. Estruturar curso de Museologia na UFU			

Fonte: Elaboração da autora.

A primeira proposta, para implantação a curto prazo (1 ano), é a estruturação de corpo técnico e sua institucionalização no âmbito do SEAMUS. Ciente das limitações no provimento de novos cargos técnicos e de recursos, sugerimos inicialmente uma equipe de profissionais a ser compartilhada pelos museus, para que o órgão vinculado à Divisão de Fomento à Cultura (DIFOC) da DICULT possa efetivamente contribuir para a ‘organização, valorização, preservação, visibilidade e gerenciamento do patrimônio cultural’ sob guarda dos museus da universidade.

Assim sendo, sugerimos que o organograma funcional desse corpo técnico, que poderia funcionar como um espaço de oxigenação permanente, problematizando as coleções e investigando seus potenciais para atividades de ensino, pesquisa e prática extensionista, seja composto pelos seguintes colaboradores:

⁶¹¹ Algumas das sugestões integraram os documentos dos Planos Museológicos do MBC, MUMRO e DICA – na medida em que foram elaborados simultaneamente, entre janeiro e julho de 2023 –, e foram apresentadas em reuniões do CONSEX e CONDIR, quando compartilhamos um relatório síntese dos processos de planejamento museológico.

- Um técnico em Educação Museal ou em Museologia⁶¹² na coordenação.
- Um técnico em Conservação, para assessorar os museus em projetos e ações de conservação preventiva dos acervos.
- Um técnico em Administração, para assessorar as instituições no planejamento e gestão (físico-financeira) de projetos e ações⁶¹³, possivelmente atuando em interlocução com a Fundação de Apoio Universitário (FAU) da UFU.
- Um técnico em Informática, para assessorar as equipes em projetos e ações relacionadas à gestão de sistemas informatizados dos museus, incluindo banco de dados, *websites* e *softwares* específicos, possivelmente atuando em interlocução com o CTIC da UFU.
- Um técnico em Comunicação, para assessorar os museus em projetos e ações de comunicação estratégica⁶¹⁴, possivelmente em articulação com a Diretoria de Comunicação Social (DIRCO) da UFU.

Essa proposta vai ao encontro do que algumas redes de museus estão estruturando, como vimos no estabelecimento do Núcleo Técnico-Científico da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, dos grupos de trabalho da Rede de Museus e Acervos da UFRGS, dos núcleos integradores da Rede de Museus e Acervos da UFOP e da Equipe Técnico-Científica da Rede de Museus da UFPE.

A partir de linhas de ação do plano bienal do SIMU, poderiam ser estruturados grupos técnicos de trabalho – inclusive previstos no Regimento Interno do SIMU –, integrando colaboradores de outros segmentos da universidade (unidades acadêmicas, departamentos, divisões), para atuar em parceria com esse novo corpo técnico do SEAMUS em ações e projetos específicos. Essa nova perspectiva colaborativa de trabalho poderia contribuir para o fortalecimento do SIMU e de uma cultura mais sensível à salvaguarda e à comunicação do patrimônio cultural e científico na universidade, para além de fomentar uma maior aproximação entre os museus e a comunidade acadêmica da UFU, no planejamento de ações integradas.

Contudo, a longo prazo, sugerimos a criação de cargos para coordenação em cada museu, a serem ocupados por técnicos especializados em Museologia e Educação Museal, com o objetivo de garantir a continuidade de ações e aliviar a carga de trabalho dos docentes.

⁶¹² Devidamente registrado no Conselho Regional de Museologia da 2ª Região (COREM 2R).

⁶¹³ Envolvendo atividades de prospecção e captação de recursos, como mapeamento de editais e formatação de projetos.

⁶¹⁴ Como elaboração de planos de comunicação, campanhas e eventos. Lembrando que um dos principais motivos da ausência de visitação dos museus é o desconhecimento de sua existência, conforme resultados de pesquisa promovida pela DICULT, em 2018.

Num segundo momento, sugerimos três iniciativas a serem realizadas ao longo de 2 anos. A primeira seria a organização de pequenas exposições itinerantes para divulgar os acervos dos museus do SIMU, explorando os bastidores dos museus universitários⁶¹⁵. Em parceria com o Núcleo de Estudos Urbanos (NEURB) da FAUeD, poderia ser desenvolvido mobiliário móvel e adaptável para circular pelos campi da UFU, ocupando diferentes espaços expositivos da universidade, como aqueles do Sistema de Bibliotecas.

Nesse caminho, um primeiro tema a ser explorado, por exemplo, poderia ser a sensibilização para uma relação mais equilibrada entre a sociedade, o meio ambiente e as comunidades tradicionais das cidades onde a UFU se insere. Essa temática possui grande potencial para unificar os esforços dos museus do SIMU, tornando-se uma diretriz programática do Sistema de Museus, além de estar alinhada com a agenda de sustentabilidade na UFU.

A UFU tem demonstrado um forte compromisso com a sustentabilidade ao longo dos últimos anos. Em 2012, a universidade criou órgãos específicos, como a Diretoria de Sustentabilidade⁶¹⁶ (DIRSU) e a Comissão Institucional de Gestão e Educação Ambiental (CIGEA). Em 2017, foi criado o Comitê Gestor dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (CGODS), para estimular a integração entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, e a gestão da universidade com a agenda global dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Além disso, em 2019 a UFU elaborou seu primeiro Plano de Logística Sustentável⁶¹⁷, aderindo ao programa da Agenda Ambiental na Administração Pública⁶¹⁸. Por fim, o PIDE 2022-2027 consolidou a sustentabilidade em sua missão, evidenciando um percurso evolutivo e uma abordagem abrangente da temática na universidade:

“Promover o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada, produzindo e disseminando a ciência, a tecnologia, a inovação, a cultura e a arte, formando cidadãos críticos comprometidos com a ética, a democracia, a sustentabilidade e a transformação social.”
(UFU, 2023, p. 23)

⁶¹⁵ Na mesma linha da exposição ‘4 em 1: Museus da USP’, organizada pelos museus estatutários da universidade paulista. A Rede da UFMG e da UFRGS também já realizaram esse tipo de iniciativa.

⁶¹⁶ Ver mais em: <http://www.prefe.ufu.br/unidades-organizacionais/sustentabilidade-prefeitura-universitaria/diretoria-de-sustentabilidade>. Acesso em 22 out. 2024.

⁶¹⁷ Plano estabelecido por meio da Resolução CONSUN nº 9/2019. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-9.pdf>. Acesso em 22 out. 2024.

⁶¹⁸ Criado em 2001 pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) para incentivar a adoção de práticas mais sustentáveis e socioambientalmente responsáveis nas instituições públicas do país. Ver mais em: <http://a3p.mma.gov.br/>. Acesso em 22 out. 2024.

A sustentabilidade é também um tema que ganha crescente relevância global no setor de museus. O ICOM e o Ibermuseus, duas das principais redes internacionais de colaboração, incorporaram a sustentabilidade em suas matrizes teóricas e práticas. No contexto do ICOM, a comunidade brasileira participou ativamente do debate para a revisão da missão dos museus, ao propor 20 palavras-chave, dentre as quais destacam-se o conceito de ‘bem-viver’, que valoriza a convivência solidária e respeitosa entre todas as formas de vida; e de ‘sustentável’, este associado a práticas de governança que promovam direitos ambientais, sociais e culturais em favor do fortalecimento de uma cidadania global⁶¹⁹.

No âmbito do Ibermuseus, em 2019 o programa consolidou a publicação *Marco conceitual comum em sustentabilidade*⁶²⁰, constituindo-se em fonte de inspiração para a gestão sustentável das instituições e de processos museais ibero-americanos, ao trazer um conjunto de conceitos e reflexões que exploram a noção de sustentabilidade em quatro dimensões:

- Ambiental: museus são espaços estratégicos para provocar reflexões por meio de uma programação diversificada de ações expositivas, educativas e culturais, concebida com o envolvimento de grupos da sociedade. Além disso, as instituições podem configurar-se em exemplo de conduta de gestão sustentável a ser seguida.
- Cultural: ao promover ações preservacionistas participativas e inclusivas, dedicadas ao reconhecimento de memórias invisibilizadas e à valorização da diversidade cultural, os museus contribuem para o exercício dos direitos culturais de grupos marginalizados da sociedade, facilitando a conscientização de uma cultura de respeito às diferenças e o fortalecimento de coesão social.
- Econômica: museus estão cada vez mais atentos ao planejamento e gestão de suas atividades, fundamentadas em princípios éticos e escolhas conscientes, direcionadas ao aperfeiçoamento e longevidade de sua atuação.

⁶¹⁹ Ver mais em: https://www.icom.org.br/?page_id=2781. Acesso em 12 jan. 2025.

⁶²⁰ Disponível em: <http://www.iber museos.org/pt/recursos/publicacoes/marco-conceitual-comum-em-sustentabilidade/>. Acesso em 19 out. 2024. Além desse documento, o programa Ibermuseus elaborou recentemente uma ferramenta de autodiagnóstico em sustentabilidade para museus, trazendo 55 indicadores distribuídos em cinco temas: Governança, Preservação e Conservação, Comunicação, Educação e Investigação. Trata-se de um instrumento direcionado a uma reflexão coletiva com vistas à incorporação de metas associadas ao fortalecimento de uma cultura sustentável no planejamento estratégico das instituições. O guia foi lançado em maio de 2023. Recentemente, o Comitê de Ação Educativa e Cultural para a América Latina e o Caribe (CECA-LAC) organizou uma apresentação da ferramenta em seu canal do youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/nktGSTxWwHE?si=8yrq9UOEIfEPgeII>. Acesso em 12 jan. 2025. O Ibermuseus também produziu um guia similar para o tema da acessibilidade em museus. Disponível em: <http://www.iber museos.org/acciones/observatorio-iberoamericano-de-museos/herramienta-de-autodiagnostico-de-accesibilidad-para-museos/>. Acesso em 12 jan. 2025. Para participar dos diagnósticos, basta criar uma conta.

- Social: ao se configurarem como espaços de diálogo e de troca de experiências, os museus contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados. Além disso, ao promoverem a diversidade e a inclusão, os museus fortalecem os laços sociais, participando ativamente na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em 2023, o conceito de sustentabilidade, tema do Dia Internacional de Museus do ICOM, estimulou a organização de uma agenda de eventos pelo SIMU, com a participação das coordenações dos cinco museus, e da DICULT⁶²¹.

Por tudo isso, vislumbramos o SIMU como instância estratégica para o fortalecimento dessa agenda na universidade, lembrando ainda que o conceito pauta o Programa Socioambiental, estabelecido na legislação normativa do Plano Museológico⁶²².

A segunda iniciativa a ser implementada a médio prazo seria a concepção de um programa de visitação integrado aos museus do SIMU, inspirado no Giro Cultural⁶²³ da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da USP, que oferece ao público roteiros de visitas a equipamentos culturais dentro e fora da Cidade Universitária, como uma proposta de difusão do patrimônio arquitetônico, científico e cultural da universidade⁶²⁴. Esse programa poderia oferecer uma diversidade de roteiros temáticos, explorando as riquezas científicas e culturais presentes nos acervos dos museus do SIMU, visando a alcançar públicos variados. Além disso, poderia fomentar parcerias com outros segmentos e campi da universidade, bem como com outras instituições de ensino e equipamentos culturais da região.

A terceira sugestão a médio prazo consiste no mapeamento de outras coleções da UFU, considerando que a universidade possui 32 unidades acadêmicas (16 faculdades e 16 institutos) e que o ensino da Música, por exemplo, é campo fundador da UFU⁶²⁵.

No contexto dessa sugestão estaria a discussão sobre a integração futura dessas novas coleções ao SIMU, bem como de outros espaços existentes – como o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché⁶²⁶, o CDHIS, o Núcleo de Preservação da Memória do Hospital

⁶²¹ Nós participamos com a comunicação ‘Planejamento museológico enquanto ferramenta para a promoção da sustentabilidade do patrimônio museológico do SIMU/UFU’, proferida presencialmente em auditório no Campus Santa Mônica da UFU.

⁶²² Visando a aprofundar o debate coletivo sobre o tema, o uso do guia de autoavaliação em Sustentabilidade do Ibermuseus foi indicado como uma das ações no Programa Socioambiental no Plano Museológico do Museu DICA.

⁶²³ Fonte: <https://prceu.usp.br/girocultural/>. Acesso em 18 abril 2024.

⁶²⁴ Na mesma linha, o Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá CPC, órgão vinculado à PRCEU, também organiza itinerários como um convite à visitação e à reflexão sobre a história da USP. Atualmente são oferecidos três roteiros. Ver mais em: <https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/roteiros-do-patrimonio-da-usp/>. Acesso em 21 out. 2024.

⁶²⁵ E, como vimos no primeiro capítulo, também pode ter sido o campo que motivou a criação da primeira coleção universitária do país, nesse caso a coleção do Museu Delgado de Carvalho do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ.

⁶²⁶ Sobre o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, ver pesquisa de Mestrado, de cuja recente defesa participamos como membro suplente da banca (Dutra, 2024).

de Clínicas da UFU e o HUFU. Vale ressaltar que a criação de uma primeira Rede de Museus na UFU, em 2001, integrava museus e centros de memória (Meirelles, 2015, p. 226). O CDHIS e o HUFU, por exemplo, estão cadastrados na RBCMU⁶²⁷, ou seja, são iniciativas que se reconhecem como coleções universitárias. Além disso, dois novos museus universitários foram criados na UFU: o MAnA, e o Museu do Brinquedo – Lugar de Memórias e Histórias da Infância. A resolução desse último inclusive prevê sua gestão com orientações do SIMU.

Acreditamos que um sistema de museus e coleções universitárias mais inclusivo e diversificado na UFU pode enriquecer o atual SIMU, além de ser o modelo adotado pela maior parte das redes mapeadas nas universidades federais, conforme apresentado no primeiro capítulo. No entanto, é fundamental que o SEAMUS e o SIMU disponham de recursos e estrutura técnica adequados para dar suporte a essa expansão, o que envolveria, entre outras ações, problematizar uma percepção mais inclusiva da dimensão museal na universidade e, futuramente, revisar a política museal institucionalizada na UFU⁶²⁸.

Finalmente, a longo prazo, sugerimos a retomada de um projeto para estruturação de um curso de Museologia na UFU, iniciativa pensada por uma comissão em 1996, mas que não teve continuidade (Meirelles, 2015, p. 225). O projeto curricular poderia ser idealizado articulando-se as unidades e os institutos acadêmicos que possuem museus e coleções universitárias – como Dicult, IARTE, IGESC, INBIO, INFIS, INHIS, Hospital das Clínicas –, e outros segmentos da universidade, como a FAUeD; a FAcED; e o INCIS. Essa proposta se inspira no Programa de Pós-Graduação oferecido pela USP, sob coordenação do MAE-USP. Outra opção poderia ser por meio de um acordo de cooperação, conforme recentemente articulado entre a Universidade Estadual do Maranhão (Uema) e a Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB)⁶²⁹.

O conjunto de propostas aqui apresentado delineia os seguintes objetivos estratégicos para orientar uma política museal renovada e mais eficaz para a UFU:

- Qualificar o desenvolvimento das atividades de salvaguarda e comunicação dos museus e coleções universitárias da UFU, por meio da estruturação de corpo técnico e grupos de trabalho no SEAMUS.

⁶²⁷ Há ainda o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) registrado na RBCMU.

⁶²⁸ Isso perpassa, por exemplo, a revisão do Regimento Interno do SIMU. As cláusulas atuais estabelecem as seguintes condições para o ingresso de novas unidades: ter ato formal de criação e registro no SBM; comprovada atuação em pesquisa e documentação de acervos e coleções; exposição aberta ao público em geral; e realização sistemática de ações educativas e culturais. Isso poderia ser revisado para a exigência de realização parcial ou integral dessas ações pelas novas unidades a ser integradas ao sistema.

⁶²⁹ Fonte: <https://www.uema.br/2024/06/uema-e-fmrp-firmam-parceria-para-curso-de-pos-graduacao-em-museologia/>. Acesso em 9 ago. 2024.

- Aprimorar a integração entre os museus e coleções universitárias da UFU, por meio do fomento à colaboração entre as diferentes iniciativas e acervos.
- Aprofundar e ampliar a discussão sobre o campo da Museologia, por meio da integração de núcleos e centros de memória, e do HUFU ao Sistema de Museus.
- Aperfeiçoar o alinhamento da atuação do SIMU com a agenda da sustentabilidade, por meio da adoção da temática como eixo central de projetos e ações dos museus e coleções universitárias.
- Ampliar a visibilidade e valorização dos museus e de seus acervos perante a comunidade acadêmica e o público em geral, por meio da oferta de novas experiências culturais.
- Formar profissionais de Museologia e gestão cultural, por meio da estruturação de um curso de Museologia articulando unidades e institutos acadêmicos na UFU.

Em resumo, as propostas procuram transformar o SIMU em um sistema mais plural, eficiente e relevante, capaz de contribuir para a valorização do patrimônio cultural e científico da universidade, e para a formação de futuros profissionais e cidadãos mais conscientes e engajados com as questões culturais e sociais emergentes.

As sugestões aqui apresentadas poderiam ser discutidas na modalidade de um evento, como o primeiro e segundo ‘Encontro de Experiências e Práticas Museológicas’, organizados respectivamente em 1996 e 2002 na UFU (Meirelles, 2015, p. 225 e p. 227), ou até no âmbito do Fórum de Cultura da UFU, uma instância consultiva e propositiva, institucionalizada na universidade, para a evolução e o monitoramento de sua política cultural (UFU, 2019c).

A partir de todas as reflexões apresentadas no presente trabalho, seguimos para as considerações finais desta longa jornada doutoral, iniciada no primeiro semestre de 2021.

Considerações finais, em movimento

Esta tese abordou as relações entre a Universidade Federal de Uberlândia e sua dimensão museal, com foco em quatro instituições que integram o Sistema de Museus (SIMU) da universidade: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), Museu de Minerais e Rochas (MUMRO), Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte (DICA) e Museu Universitário de Arte (MUnA).

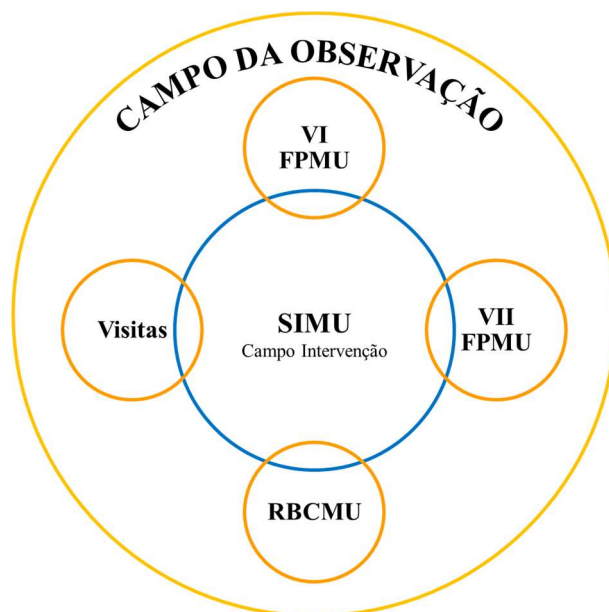
Com base nos princípios da Sociomuseologia e nas experiências de planejamento museológico, esta pesquisa buscou analisar criticamente o papel estratégico desses museus e coleções universitárias na formação acadêmica e profissional de estudantes e pesquisadores, destacando sua contribuição para a socialização do conhecimento produzido em unidades acadêmicas da UFU.

Nesse contexto, o estudo procurou ressaltar a relevância educativa e cultural desses espaços, evidenciando seu potencial no engajamento de diferentes públicos e na promoção de um futuro coletivo pautado pela solidariedade, cumprindo assim sua função social. Também examinou a trajetória recente de institucionalização de uma política museal na universidade, propondo caminhos para seu fortalecimento, com vistas à expansão da integração entre os campos notadamente interdisciplinares da pedagogia museológica e das atividades de ensino, pesquisa e extensão no terreno da UFU.

Compreender o microcosmo social dessa universidade federal mineira, dentro de um contexto mais amplo, mobilizou-nos a um estudo exploratório do setor de museus e coleções universitárias no Brasil. Essa jornada incluiu visitas a espaços e exposições; acompanhamento de discussões no VI e VII Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU); análise de dados extraídos da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU); e a colaboração com o Grupo de Estudos Sociomuseologia, Interculturalidade e Universidade (SiU), vinculado à Cátedra UNESCO ‘Educação, Cidadania e Diversidade Cultural’ do Departamento de Museologia.

Nesse cenário, esta pesquisa desenvolveu-se a partir de um campo de intervenção focado em quatro museus do SIMU, em diálogo constante com um campo de observação ampliado, que incluiu as discussões do FPMU e as interações na RBCMU, conforme procuramos representar na figura 110:

Figura 110 – Campo da Intervenção vs. Campo da Observação



Fonte: elaboração da autora.

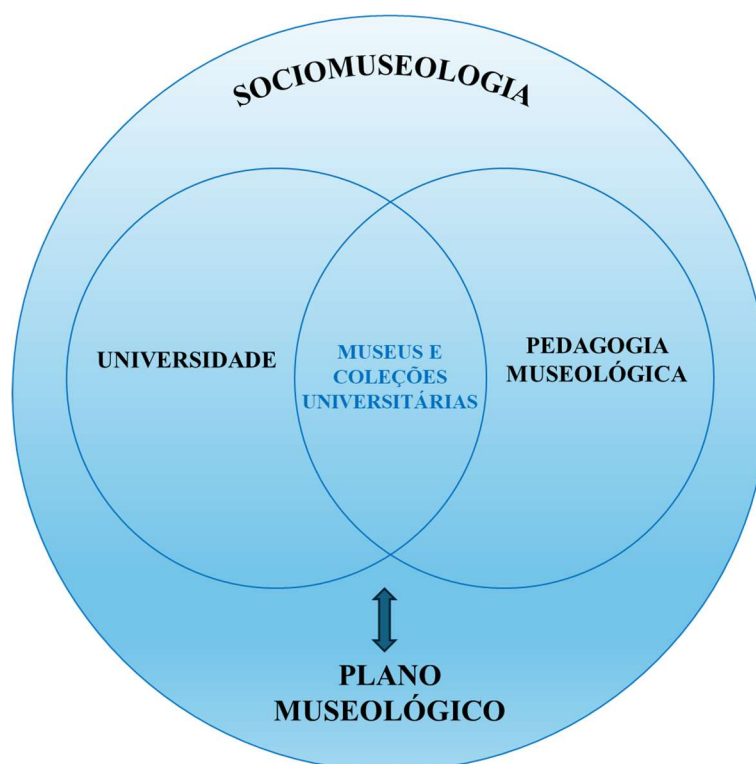
Após 5 anos de estudos exploratórios, a inquietação inicial que nos levou ao Doutorado permanece: a necessidade de se ampliar a relação entre museus e coleções universitárias e a comunidade acadêmica na qual se inserem. Por um lado, esses espaços emergem como um campo estratégico de experimentação, integrando atividades de ensino, pesquisa e extensão aos processos de preservação do patrimônio cultural e científico universitário. Por outro, a universidade encontra nessas iniciativas uma oportunidade para ampliar sua visibilidade e fortalecer sua conexão com a sociedade, expandindo seu impacto na formação crítica de públicos.

Trata-se de uma atuação na qual museu e universidade beneficiam-se mutuamente, contribuindo para a preservação de verdadeiros repositórios de conhecimento que, para além de seu alto valor histórico, científico e cultural, testemunham a memória da evolução da produção de conhecimento científico nas instituições de ensino superior do país.

Museus e coleções universitárias situam-se justamente na interseção entre a pedagogia museológica e as atividades acadêmicas. A produção científica, ao gerar coleções diversificadas, oferece um vasto campo para o desenvolvimento de processos preservacionistas. As comunidades acadêmicas, ao reconhecer a relevância desses conjuntos de bens, podem transformá-los em recursos para novas atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, estabelecendo uma relação dinâmica entre práticas curriculares e patrimoniais.

Sob a ótica da Sociomuseologia, compreendemos que esses espaços podem se posicionar como agentes transformadores, promovendo inclusão, acessibilidade e diálogo com as diversas comunidades nas quais se inserem, para além das acadêmicas. Por sua vez, o Plano Museológico apresenta-se como uma ferramenta essencial de planejamento estratégico, tático e operacional, voltado a organizar e fortalecer a atuação de museus e coleções universitárias, e como oportunidade para fomentar aproximações entre esses espaços e outros segmentos acadêmicos. Procuramos ilustrar essas relações na figura 111:

Figura 111 – Museus e Coleções Universitárias na interseção entre a Pedagogia Museológica e a Universidade



Fonte: Elaboração da autora.

Retomando os questionamentos iniciais, apresentados na introdução desta tese, se a relação entre museus e universidades é potencialmente produtiva para ambas as partes, como pode esse vínculo permanecer tão frágil no contexto de museus e coleções universitárias?

Ao longo deste estudo, identificamos diversos obstáculos que dificultam uma maior integração entre esses espaços e outros segmentos da universidade. Entre os principais estão a insuficiência de corpo técnico especializado – como museólogos, conservadores e educadores museais –, a escassez de recursos financeiros e a falta de infraestrutura física adequada.

Os resultados do diagnóstico de museus federais vinculados ao MEC, discutidos na seção 1.4, corroboram essa percepção. Por exemplo, a carência de profissionais qualificados é

apontada como a principal causa para a ausência de documentação em muitos acervos. Além disso, a alta dependência de bolsistas para executar as funções básicas de salvaguarda e comunicação compromete a estabilidade e a eficiência na gestão museológica das coleções. Diante disso, uma das metas do Plano de Ação proposto pelo MEC é a realização de estudos sobre o quadro de pessoal nos museus federais, para amparar a discussão sobre a criação de cargos efetivos e funções gratificadas nas universidades públicas.

No que diz respeito aos recursos financeiros, o diagnóstico revelou que a maioria dos museus universitários não possui uma rubrica específica no planejamento orçamentário das IFES, tampouco verba destinada à manutenção predial de suas instalações. Esse cenário de fragilidade administrativa força as equipes a buscar alternativas de captação de recursos, como a submissão de projetos em editais, cujas verbas são muito disputadas.

Esse quadro também foi observado nas discussões que acompanhamos do FPMU e nas interações com a RBCMU, além de estar presente no contexto dos quatro museus do SIMU, analisados nos capítulos 2 e 3 desta tese.

Ao confrontarmos o panorama das 69 universidades federais brasileiras com os cursos de Museologia oferecidos, os museus e coleções universitárias registrados na RBCMU e as redes e sistemas existentes, notamos muitas assimetrias regionais (ver também Apêndice 2⁶³⁰). Entre as universidades federais, apenas 14 oferecem cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado em Museologia, sendo a Região Norte a mais desassistida, com apenas um curso, oferecido pela UFPA (figura 112). Essa realidade não favorece o artigo 30 da Seção II ‘Do Regimento e das Áreas Básicas dos Museus’ do Estatuto de Museus, que recomenda a oferta de prática profissional integrada com “estabelecimentos de ensino que ministrem cursos de Museologia e afins, nos campos disciplinares relacionados às funções museológicas e à sua vocação” (Brasil, Lei nº 11.904/2009). Paradoxalmente, 62 universidades federais (90%) possuem museus e coleções universitárias registradas na plataforma da RBCMU (conforme dados extraídos em novembro de 2023), mas apenas 11 delas (16%) possuem redes ou sistemas institucionalizados para gerenciar essa dimensão museal (figura 113).

⁶³⁰ A planilha disponibilizada no Apêndice 2 compara as universidades federais existentes com os museus e coleções universitárias cadastrados na RBCMU, os cursos de Museologia oferecidos nessas universidades e as redes e sistemas de museus presentes nesses contextos.

Figura 112 – Estados com Cursos de Museologia em Universidades Federais



Fonte: Elaboração da autora a partir de <https://www.mapchart.net/>. Acesso em 9 jan. 2025.

Figura 113 – Estados com Redes ou Sistemas de Museus em Universidades Federais



Fonte: Elaboração da autora a partir de <https://www.mapchart.net/>. Acesso em 9 jan. 2025.

Uma análise comparativa dos dados sistematizados no Apêndice 2 mostra que as universidades federais de Goiás, Minas Gerais, Ouro Preto, Pelotas, Pernambuco e Rio Grande do Sul oferecem cursos de Museologia e possuem redes institucionalizadas. Por outro lado, as universidades federais da Paraíba, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Uberlândia e Viçosa possuem redes ou sistemas estabelecidos, mas não oferecem cursos de Museologia. No caso do estado do Rio de Janeiro, destaca-se a UNIRIO, única universidade federal do país a oferecer cursos de Museologia nos três níveis (Graduação, Mestrado e Doutorado), mas com apenas um espaço registrado na RBCMU, conforme discutido no capítulo 1.

Além disso, as universidades federais da Bahia, Brasília, Pará, Piauí, Recôncavo da Bahia, Santa Catarina e Sergipe oferecem cursos de Museologia e possuem museus e coleções universitárias registradas na RBCMU, mas carecem de redes ou sistemas institucionalizados⁶³¹.

Como já abordado, a Comissão Técnica da ANDIFES recomendou o fomento à estruturação dessas instâncias para aprimorar a governança da dimensão museal nas universidades. Apesar das dificuldades, as iniciativas existentes têm promovido avanços importantes, como a ampliação da visibilidade política dos museus e coleções universitárias; o fortalecimento de sua atuação alinhada às atividades de ensino, pesquisa e extensão; e a criação de soluções colaborativas para enfrentar desafios comuns. Essas iniciativas também favorecem a aproximação entre docentes, discentes, pesquisadores e servidores, contribuindo para o

⁶³¹ Com Resolução e Regimento Interno estabelecidos.

fortalecimento do capital simbólico do setor e seu reconhecimento no campo científico universitário.

Em um cenário mais amplo, observamos o fortalecimento do setor por meio da continuidade do FPMU desde 1992, e da articulação promovida pela RBCMU que, em 2023 ganhou um assento no CCPM do IBRAM, reafirmando sua relevância como instância representativa da sociedade civil. Mais recentemente, cabe sublinhar a aprovação da inclusão de duas novas diretrizes no PNSM 2025/2035 com referências aos museus e coleções universitárias, graças à forte atuação política da RBCMU⁶³².

Recapitulando outros questionamentos iniciais apresentados na introdução desta tese, resgatamos a questão da fragilidade na articulação entre a pedagogia museológica e as atividades acadêmicas em museus e coleções universitárias. Essa fragilidade estaria relacionada ao fato de esses espaços estarem muito associados às atividades de extensão, ofuscando sua relevante contribuição para o ensino e a pesquisa? Como então fortalecer uma relação mais integrada entre a universidade e sua dimensão museal? A curricularização da extensão pode ser vista como uma oportunidade nesse sentido?

Quando analisamos o estabelecimento de redes e sistemas de museus e coleções universitárias, observa-se que a maioria dessas iniciativas foi institucionalizada no âmbito de Pró-Reitorias de Extensão ou Cultura. Esse fato não apenas reflete uma associação direta entre o patrimônio universitário e as atividades de extensão, como também evidencia o papel central desses espaços na promoção da dimensão cultural, em todos os setores da comunidade universitária.

Exemplos estudados nesta pesquisa refletem essa dinâmica. No caso da SIMAP da UFRJ, museus e coleções universitárias começaram a ganhar visibilidade em debates sobre a importância da dimensão cultural na missão educacional da universidade. Isso reflete uma crescente percepção da vocação da universidade para a difusão cultural, artística e científica, assim como o reconhecimento do papel central de seus acervos como facilitador desse processo. Na UFOP, a oficialização de sua rede de museus e acervos precedeu à consolidação de uma política cultural na universidade. Contudo, ambas as iniciativas foram desenvolvidas no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX), em um processo mútuo de inspiração e

⁶³² As novas instruções foram debatidas e aprovadas no 8º FNM, em Fortaleza, em novembro de 2024, e incorporadas nos Eixos 2 (Diretriz 2.11) e 4 (Diretriz 4.10) do PNSM 2025/2035. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pns-2025-a-2035.pdf>. Acesso em 6 março 2025.

fortalecimento, ao propiciarem uma mobilização e articulação crescente de agentes universitários vinculados à cultura.

No que tange à curricularização da extensão, no caso da UFMG, a resolução do MEC de 2018 abriu novas frentes de cooperação a ser exploradas pelos coordenadores de museus e coleções universitárias. Essa articulação, quando alinhada às diversas ‘inteligências’ disponíveis na academia, pode potencializar a integração desses espaços às atividades de ensino e pesquisa, promovendo um papel mais abrangente e estratégico para a dimensão museal da universidade. Como os impactos efetivos dessa medida ainda demandam análise aprofundada, sugerimos que esse seja um tema prioritário a ser debatido nos próximos encontros do FPMU ou do SEBRAMUS.

No contexto dessas questões, destaca-se a recomendação do Documento Unificado (RBCMU, 2023) para estreitar as relações entre as Pró-Reitorias de pesquisa, graduação, extensão e áreas afins (como a cultura), com o objetivo de promover uma maior integração institucional. Acreditamos que essa integração é estratégica para fortalecer a articulação entre museus e coleções universitárias e as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão cultural nas universidades. Isso exige não apenas o fortalecimento de sua relevância como instrumentos de preservação e mediação cultural, como também a criação de políticas institucionais que valorizem explicitamente os museus e coleções universitárias como espaços de ensino e pesquisa, ou seja, como agentes essenciais da missão das instituições públicas de ensino superior.

Uma coisa é certa: a visibilidade desses espaços é essencial. Quanto maior seu reconhecimento na comunidade acadêmica, maiores serão as oportunidades para construir novas relações entre esses equipamentos culturais e educativos, e a estrutura universitária.

No contexto de processos participativos de construção de Plano Museológico em museus e coleções universitárias, nossas experiências com o SIMU evidenciaram diversos benefícios:

- A análise integrada dos quatro museus permitiu uma visão ampliada de suas funções e desafios.
- As equipes, compostas por docentes, discentes e pesquisadores de unidades acadêmicas de uma universidade que não oferece curso de Museologia, adquiriram novos conhecimentos na área.

- As discussões no âmbito do Plano Museológico funcionaram como práticas educativas e formativas, estimulando estudos e reflexões coletivas.
- Os processos de planejamento aproximaram as pessoas envolvidas, criando espaços de trocas afetivas e maior colaboração.
- O diálogo entre a dimensão museal e outros setores da universidade foi estimulado, pavimentando o caminho para uma maior integração institucional dentro da universidade.

Nesse contexto, as experiências práticas com quatro museus do SIMU ensinaram-nos que o planejamento vai além de uma técnica administrativa, conforme já pontuado. Em sintonia com Maria Célia T. Moura Santos, vivenciamos o Plano Museológico como um processo de “crescimento humano [...] um processo educativo de ação e reflexão, que deve ser alcançado com a participação, deve ser uma prática incorporada ao cotidiano dos nossos museus e exercitada por todos que estão envolvidos com a sua missão” (Santos, 2014, p. 99).

Reconhecemos que a participação nos processos de planejamento no SIMU poderia ter contado com maior engajamento da comunidade acadêmica da UFU e de públicos externos, o que teria sido uma excelente oportunidade para fortalecer a cultura de preservação do patrimônio cultural e científico da universidade, e fomentar novas comunidades de aprendizagem. Contudo, como discutido, essa demanda não pôde ser plenamente atendida, devido às limitações financeiras, que restringiram a contratação de especialistas para integrar nossa equipe de consultoria museológica – uma lição aprendida para as próximas oportunidades de intervenção em campo.

O diagnóstico do MEC revelou-nos um cenário desafiador, no qual 78% dos museus federais não possuem Plano Museológico, devido principalmente à falta de pessoal qualificado e de recursos financeiros⁶³³. Para enfrentar essa realidade, os planos de ação propostos pelo MEC e pelo GTI Museus Federais estabeleceram como meta estratégica a elaboração ou atualização de Planos Museológicos. Embora seja uma exigência formal apenas para museus, defendemos que tais processos de planejamento podem e devem ser incorporados ao cotidiano de diferentes museus e coleções universitárias e exercitados por uma comunidade expandida.

Ao comentar sobre suas vivências práticas em processos participativos de planejamento, Santos destacou a elaboração do Plano Museológico como uma oportunidade para exercitar um

⁶³³ Analogamente, os dados recebidos da plataforma *Museusbr* demonstram que dos 234 espaços vinculados a universidades federais, apenas 47 possuem Plano Museológico, dentre os quais 91,5% são museus.

“[...] novo olhar da gestão museológica, [...] contribuindo para um determinado tipo de homem e de sociedade. A sua construção, a partir do envolvimento de todas as pessoas e setores é um momento único, de aprendizagem e de crescimento conjunto. É produção de conhecimento, é relação entre teoria e prática, é exercício de reflexão crítica e criativa e é comprometimento. O Plano Museológico é algo que extrapola a ação interna da instituição e incorpora diferentes saberes e fazeres, que olha o museu a partir de muitos olhares, para, em seguida, dar-lhe vida.” (Santos, 2014, p. 99, grifos nossos)

No contexto de museus e coleções universitárias, vinculados que estão a uma vasta rede de inteligências espalhada por diversos departamentos e faculdades, tais processos de planejamento tornam-se estratégicos para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares. E essa perspectiva nos conduz a enxergar o Plano Museológico como uma ferramenta estratégica para o fortalecimento da dimensão transformadora da intervenção educativa integral proposta pela Sociomuseologia (Moutinho, 2019), como identificamos na problematização de lacunas de representatividade de raça e gênero nas coleções do MUnA (Coelho & Ferraz, 2022) e nas ações educativas do ‘MBC itinerante’.

Ao articular teoria e prática, processos de planejamento estimulam a criatividade e a expansão da capacidade de ação coletiva das equipes de museus e coleções universitárias, promovendo o compromisso com uma gestão mais orgânica e alinhada a valores de cidadania e inclusão. A experiência do MCCHJ da UFPB é inspiradora, ainda mais considerando que foi viabilizada por meio de projeto de extensão, modelo que poderia vir a ser adotado por outras instituições.

Outra iniciativa inspiradora é a elaboração do Plano Museológico do Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que está em andamento por meio do Programa de Extensão Plano Museológico Participativo (PLAMPA-MAP/UFPI), aprovado junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC/UFPI)⁶³⁴. No âmbito desse programa, foram realizados diagnósticos, exposições, cursos sobre planejamento, com foco na musealização da Arqueologia e na interação constante entre as áreas envolvidas. Mais do que a elaboração de um documento formal, o Plano Museológico é encarado como um processo contínuo de pesquisa, ensino e extensão, destacando a importância da participação da

⁶³⁴ Essa iniciativa foi apresentada no VII FPMU, porém não conseguimos assistir à sua comunicação. Tivemos acesso ao trabalho, em formato de artigo, durante a revisão final da tese, por meio das publicações compartilhadas por e-mail com a rede de contatos da RBCMU.

comunidade no desenvolvimento de projetos e atividades, além de buscar a consolidação de um museu mais democrático e inclusivo (Santos, Nascimento & Feitoza, 2024).

A abordagem da Sociomuseologia também nos inspirou a ampliar nossa percepção sobre o atual SIMU, incentivando sua transformação em uma rede de interações mais inclusiva e diversificada entre os museus e coleções universitárias na UFU, como exploramos no terceiro capítulo. Além disso, ela nos convoca a enxergar os desafios do setor na ressignificação de suas coleções e práticas, em diálogo com as dinâmicas atuais da sociedade, que demandam maior participação e representatividade. Entendemos que esses desafios, porém, configuram-se em oportunidades para que museus e coleções universitárias ampliem a dimensão transformadora dos objetos da prática científica em patrimônio, de seus espaços em territórios significativos, e de suas equipes e públicos em comunidades de aprendizagem.

Esta investigação buscou evidenciar a importância da articulação entre a pedagogia museológica e as atividades de ensino, pesquisa e extensão em museus e coleções universitárias. Nossas vivências com quatro museus do SIMU demonstraram o papel estratégico dessas instituições na formação acadêmica e profissional, assim como no engajamento da sociedade. No entanto, a pesquisa também revelou desafios, como a necessidade de maiores investimentos em recursos humanos e financeiros, e a importância de uma gestão mais integrada das coleções na UFU.

Por sua vez, o planejamento museológico participativo mostrou-se uma ferramenta eficaz para o aprimoramento da gestão de museus e coleções universitárias. As equipes dos museus do SIMU, ao se engajarem no processo, puderam aprofundar conhecimentos sobre Museologia, ampliar o diálogo e a troca de experiências, e fortalecer o vínculo com alguns setores da universidade.

Ao desenvolvermos esta pesquisa na Escola de Pensamento da Sociomuseologia, esperamos ter contribuído para aprofundar o debate sobre o papel social de museus e coleções universitárias. Mais além, buscamos inspirar o desenvolvimento de metodologias participativas e inclusivas na condução de processos de planejamento museológico que promovam a integração entre esses espaços e outros segmentos da universidade. Com isso, vislumbramos o fortalecimento de uma cultura colaborativa dentro da academia e, consequentemente, a valorização do patrimônio cultural e científico das instituições de ensino superior no país.

Seguimos sonhando com intenção, e compromissada com a navegação poética nos mares provocativos da Sociomuseologia.

Referências bibliográficas e documentais

- Abreu, A. A. de. (2005). A Cultura e a Extensão como motivação da atividade universitária. In *Revista de Cultura e Extensão*. (n. 0, pp. 8-16). São Paulo: Universidade de São Paulo. Recuperado de: <https://prceu.usp.br/revistaculturaextensao/wp-content/uploads/2013/12/revistausp0.pdf>. Acesso em 22 out. 2024.
- Almeida, A. M. (2022). Museus universitários: retomando a temática dos públicos. In Faria, A. C. G. et al. (Orgs). *Seminário Brasileiro de Museologia. Caderno de Resumos* [recurso eletrônico]. (p. 153). Porto Alegre, RS: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/5sebramus/wp-content/uploads/2022/12/caderno-de-resumos-final-1.pdf>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Almeida, A. M. (2001). *Museus e Coleções universitárias: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?* Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-10092003-160231/publico/TDE.pdf>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Alves, M. C., Sales, T. A. & Resende, M. L. (2020). O ‘cantinho do desenho’ e a ação mediadora no museu de biodiversidade do Cerrado: sensibilizações a partir dos trajetos. In Prata, E. G. (Org.). *Biologia: desafios, habilidades e competências no ensino de biologia*. (1ª ed., pp. 144-155). Guarujá, SP: Científica Digital. Recuperado de: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/201102002.pdf>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Andrade, A. P. De. (2012). *MUnA e seu acervo: lugar de memória e esquecimento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Uberlândia.
- Araújo, M. M. & Bruno, M. C. O. (2001). Introdução. In Davies, S. (2001). *Plano Diretor*. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae. (Série Museologia, 1, pp. 11-12). Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12325/1/MUnAAcervoLugar%20.pdf>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Araújo, B. M. de & Ribeiro, E. S. (2020) Políticas públicas para museus universitários em instituições de ensino superior: premissas legais e de gestão pública no Brasil. In Araújo, B. M., Granato, M. & Ribeiro, E. S. (Orgs.). *Cadernos do Patrimônio da Ciência e*

- Tecnologia: epistemologia e política*. (pp. 67-90). Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Recuperado de: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/6/6/21>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Arruda, M. A. do N. (2010). Políticas Públicas de Cultura e Extensão Universitária. In *Revista de Cultura e Extensão*. (n. 4, pp. 9-14). São Paulo: Universidade de São Paulo. Recuperado de: <https://prceu.usp.br/revistaculturaextensao/wp-content/uploads/2013/12/revistausp4.pdf>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Bachettini, A., Montone, A., & Nunes, M. (2023). Reservas Técnicas do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas e Museu de Telecomunicações: espaços de Colaboração Técnica entre acervos de Instituições de Ensino Superior. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 157-166. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.13>.
- Bachettini, A. L., Montone, A. C. & Leal, N. M. P. M. (2022). Rede de museus da UFPel: ações de cooperação. In Nascimento, A. L. M. et al. (Orgs.). *Anais VI Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. (Vol. 1, pp. 196-210). Curitiba, PR: Ed. UFPR. Recuperado de: https://mae.ufpr.br/docs/livros/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- Bojanoski, S. de F., Bachettini, A. L., & Pereira, L. G. (2022). Acervos e coleções da Universidade Federal de Pelotas: identificar, conhecer e divulgar como política de preservação do patrimônio universitário. In *Revista CPC*. (v. 17, n. 33, pp. 64-94). São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p63-93>.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP.
- Bragança Gil, F. (2002). University Museums. In Eiró, A. M. & Lourenço, M. C. (Coords.) (2010). *Fernando Bragança Gil: Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia*. (pp. 235-239). Lisboa: Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.
- Bragança Gil, F. (1996). Um património a recuperar em termos museológicos: O Laboratório de Química da Escola Politécnica. In Eiró, A. M. & Lourenço, M. C. (Coords.) (2010). *Fernando Bragança Gil: Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia*. (pp. 205-212). Lisboa: Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

- Brasil. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Brasil. Decreto Presidencial nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Regulamenta os dispositivos da Lei nº 1.904, de 14 de janeiro de 2009 que institui o Estatuto dos Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm. Acesso em 15 jan. 2025.
- Brasil. Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura – PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais – SNIIC e dá outras providências. Disponível em: <http://pnc.cultura.gov.br/lei-do-plano/>. Acesso em 15 jan. 2025.
- Brasil. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em 15 jan. 2025.
- Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 15 jan. 2025.
- Brasil. Constituição da República Federativa Brasileira de 05 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 15 jan. 2025.
- Britto, C. C. (2023). Museus e Museologias a serviço da diferença: Indisciplinas e utopias museais no Brasil do século XXI. In Narloch, C. & Granato, M. (Orgs.). *Museus, Museologia e Ciência no Brasil: Volume I - 200 anos de in(ter)dependência, inquietude e utopia*. (pp. 309-331). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins. Recuperado de: <https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/2023/museu-museologia-ciencia-v-1.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Brulon, B. (2018). Pensar o pensamento museológico brasileiro: um olhar retrospecto para a Museologia. In Costa, A. L. de A. & Lemos, E. R. de. (Orgs.). *Anais 200 anos de museus no Brasil: desafios e perspectivas*. (pp. 14-36). Brasília, DF: Ibram. Recuperado de:

https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/12/Anais-200anosMuseusBrasil_FINAL.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

Bruno, M. C. O. (2022). Museus universitários e a comunicação museológica: características e perspectivas futuras. In Revista *Interfaces*. (v. 10, n. 2, pp.503-514). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Recuperado de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42251/32218>. Acesso em 16 jan. 2025.

Bruno, M. C. O. (2020). Museologia: entre abandono e destino. In Revista *Museologia & Interdisciplinaridade. Dossiê Museus e Museologia: aportes teóricos na contemporaneidade*. (vol. 9, n. 17, pp. 19-28). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.31590>.

Bruno, M. C. O. (2009). Os Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In Granato, M. & Rangel, M. F. *Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia*. (pp. 14-25). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins. [Livro eletrônico]. Recuperado de: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/930>. Acesso em 16 jan. 2025.

Bruno, M. C. O. (2006a). Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In Primo, J. & Moutinho, M. (Eds.). (2020). *Introdução à Sociomuseologia*. (pp. 153-169). Lisboa: Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIIE), Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias, Cátedra UNESCO 'Educação Cidadania e Diversidade Cultural'.

Bruno, M. C. O. (2006b). Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. *Cadernos de Sociomuseologia*, 25, 5-20. Recuperado de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/419>. Acesso em 16 jan. 2025.

Bruno, M. C. B. (1997). A Indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. *Cadernos de Sociomuseologia*, 10, 47-51. Recuperado de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/301>. Acesso em 16 jan. 2025.

- Calmon, A. K. (2023). A institucionalização da Museologia no Brasil: a inversão periferia-centro na disputa pelo controle do campo científico. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 143-155. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.12>.
- Camacho, C. (2022, outubro). *Museus Universitários na Sociedade em Rede*. Conferência virtual de encerramento do VI Fórum Permanente de Museus Universitários, Brasil.
- Cardoso, A. (2008). A Escola de Música da UFRJ e suas coleções especiais. In Oliveira, A. J. B. (Org.). *Universidade e lugares de memória*. (Série Memória, documentação e pesquisa, 2, pp. 203-220). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação. Recuperado de: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/139/1/memoria2.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Carvalho, C. R., Cunha, M. N. B. & Julião, L. (2020). *Relatório de análise dos dados coletados pelo MEC/IBRAM junto aos museus das IFES e Institutos*. Brasília: Andifes. Recuperado de: https://drive.google.com/file/d/1pD_W15wX9UfAjlP4UJbmZuzrk9b7amWX/view. Acesso em 16 jan. 2025.
- Carvalho, D. F. & Cirilo, I. G. (2015). Potencial de um guia teórico-prático como recurso didático para abordagem dos atropelamentos de animais do Cerrado. In *Instrumento – Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*. (v. 17, n. 1, pp. 111-118). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. Recuperado de: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18933>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Carvalho, D. F. & Guido, L. de F. E. (2015). *Aqui a gente faz assim! Orientação com afeto*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- Carvalho, C. R., Julião, L. & Cunha, M. N. B. (2023). Museus Universitários no Brasil: diagnóstico e proposições. In Revista *Interfaces*. (v. 10, n. 2, pp. 409-431). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Recuperado de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42505>. Acesso em 18 fev. 2024.
- Carvalho, D. F. & Oliveira, V. A. (2015). *Aqui a gente faz assim! A mediação no Museu de Biodiversidade do Cerrado*. Uberlândia: Composer.
- Carvalho, J. J. & Vianna, L. C. R. (2020). *O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos*. In Revista *Mundaí*, (n. 9, pp. 23-49). Alagoas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de

- Alagoas. Recuperado de: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11128/8551>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Castro, A. R. S. F. & Granato, M. (2018). *Inventário de objetos relacionados ao patrimônio cultural de ciência e tecnologia no instituto de geociências (IGEO/UFRJ): resultados parciais*. Comunicação Oral, GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIX ENANCIB). Recuperado de: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/102663>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Chagas, M. S. (2015). *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. (2ª ed.). Chapecó, SC: Argos. 139 p.
- Chagas, M. S. (2011). Museus, memórias e movimentos sociais. *Cadernos de Sociomuseologia*, 41, 5-15. Recuperado de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Chagas, M. S. (2009). *A imaginação Museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 258 p. (Coleção Museu, memória e cidadania). Recuperado de: <https://mariochagas.com/wp-content/uploads/2021/03/58imaginacao.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Chagas, M. S. (2002). Memória e Poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 19, 43-81. Recuperado de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Chagas, M. S. & Gouveia, I. (2014). Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). In *Cadernos do CEOM*. (v. 27, n. 41: Museologia Social, pp. 9-22). Chapecó, SC: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). Recuperado de: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Chagas, M. S., Primo, J., Assunção, P. & Storino, C. (2020). A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. In Primo, J. & Moutinho, M. (Eds.). (2020). *Introdução à Sociomuseologia*. (pp. 53-75). Lisboa: Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIIED), Departamento de Museologia, Universidade

Lusófona de Humanidades e tecnologias, Cátedra UNESCO ‘Educação Cidadania e Diversidade Cultural’.

- Chauí, M. (1999). A universidade em ruínas. In Trindade, H. (Org.). *Universidade em ruínas na república dos professores*. (pp. 211-222). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. / Rio Grande do Sul: CIPEDS.
- Closs, J., Veras, M., & Lima, J. (2023). Entre objetos e vidas: Explorando a Ética em Museus e Coleções de Patologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 49-58. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.06>.
- Coelho, D. V. (2016). *O Museu do Holocausto de Curitiba sob a Perspectiva da Museologia Contemporânea*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Recuperado de: https://museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/daniela_vicedomini.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- Coelho, D. V. & Ferraz, T. S. (2022). O Museu Universitário de Arte de Uberlândia-MUnA e seu primeiro Plano Museológico: relatos de uma experiência colaborativa em tempos pandêmicos. In Lemas, D. O. & Pasqualucci, L. (Orgs). In *Revista Museologia, Cultura e Educação: Diálogos interdisciplinares no cenário contemporâneo*. (pp. 273-295). São Paulo: EDUC-PIPEq. Recuperado de: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/40658/1/9786587387932.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Cury, M. X. (2006). *Exposição - concepção, montagem e avaliação*. (1ª ed., pp. 24-35). São Paulo: Annablume. 162 p.
- Davies, S. (2001). *Plano Diretor*. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae. (Série Museologia, 1). Recuperado de: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/15-roteiros-praticos-1_plano-diretor.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- DEART – Departamento de Artes Plásticas. (1995). *Galeria de Arte Amílcar de Castro. Proposta de Implantação de um Espaço Cultural da Universidade Federal de Uberlândia*. Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Documento datiloscrito.
- DEART – Departamento de Artes Plásticas. (1988). *Projeto Galeria de Arte*. Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Documento datiloscrito.

- DEART – Departamento de Artes Plásticas. (1985). *Projeto/Atividade. Galeria de Arte/Acervo*. Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Documento datiloscrito.
- DEART – Departamento de Artes Plásticas. (1980). *Sub-projeto Artes Plásticas*. Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Documento datiloscrito.
- Descola, P. (2016). *Outras naturezas, outras culturas*. Tradução de Cecília Ciscato. (1ª ed.). São Paulo: Editora 34.
- Desvallées, A. & Mairesse, F. (Eds). (2013). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Marília Xavier Cury & Bruno Brulon Soares. (1ª ed.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura. 100 p.
- Dória, R. P. (2010). Museus e acervos: uma apresentação. In Lemhmkuhl, L. & Dória, R. P. (Orgs.). *MUnA: um acervo em exposição*. (pp. 7-11). Uberlândia: EDUFU.
- Duarte Cândido, M. M. (2019). A pesquisa adjetivada em museologia ou... por uma pesquisa adjetivada. In Araújo, B. M. et al. (Orgs.). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. (pp. 147-162). Recife: Ed. UFPE. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/356493175_A_pesquisa_em_Museologia_ou_p_or_uma_pesquisa_adjetivada. Acesso em 16 jan. 2025.
- Duarte Cândido, M. M. (2013). *Gestão de museus, diagnóstico museológico e planejamento: um desafio contemporâneo*. (1ª ed.). Porto Alegre: Medianiz. 240 p.
- Duarte Cândido, M. M. (2012). A gestão e o planejamento institucional nos currículos universitários de Museologia: estudo preliminar. In Revista *Musear*, (v. 1, n. 1, pp. 51-60). Universidade Federal de Ouro Preto. Recuperado de: <https://periodicos.ufop.br/musear/article/view/5404/4002>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Duarte Cândido, M. M. (2010). *Diagnóstico Museológico: estudos para uma metodologia*. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola (Vol. 3, pp. 124-132). Recuperado de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8629.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Dutra, M. C. (2024). *Território, cultura e comunidade: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU). <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.762>.

- Fagundes, L. K. (2019). *A Função Social de um Museu Universitário: Tempos e Percurso biográfico do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Recuperado de: https://museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/ligia_ketzer_fagundes.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- Fagundes, L. K., Aristimunha, C. P. & Muratore, E. (2022). Patrimônio em rede: 10 anos da Rede de Museus e Acervos da UFRGS. In Nascimento, A. L. M. et al. (Orgs.). *Anais VI Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. (Vol. 1, pp. 182-195) Curitiba, PR: Ed. UFPR. Recuperado de: https://mae.ufpr.br/docs/livros/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- Fávero, M. L. A. & Britto, J. M. (Orgs.). (2010). *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Col. Anísio Teixeira, v. 12).
- Fávero, M. L. A. (2006). A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. In *Educar*. Dossiê: Política de Educação Superior no Brasil no Contexto da Reforma Universitária. (n. 28, pp. 17-36). Curitiba: Editora UFPR. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>.
- Ferraz, D. C., Araujo, L. M. B. de, Petronzio, J. A. C., Godoy, A. M. & Luna, C. A. (2024). Remodelamento espacial por mapeamento geológico sistemático do stock Itambé da Suíte Granítica Estrela do Sul, porção Meridional da Faixa Brasília. In *Revista de Geociências do Nordeste – Regne*. (v. 10, n. 2, pp. 19–35). Laboratório de Geoprocessamento e Geografia Física do Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Recuperado de: <https://periodicos.ufrn.br/revistadoregne/article/view/33497/18916>. Acesso em dez. 2024.
- Ferraz, D. C., Araujo, L. M. B. de, Godoy, A. M., Petronzio, J. A. C., Veloso, H. Y. O. & Vieira, O. A. R. P. (2023). Stock Itambé: um exemplo de ‘granito tipo S’ da suíte granítica Estrela do Sul, intrusivo na porção meridional da faixa Brasília. In *Revista Geociências*. (v. 42, n. 2, pp. 175 – 197). Rio Claro, São Paulo: Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. Recuperado de: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/geociencias/article/view/17843>. Acesso em dez. 2024.

- Ferreira, G. L. (2014). *A interatividade nos museus de ciências: o processo de criação de um artefato museal*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13955/1/InteratividadeMuseusCiencias.pdf>. Acesso em dez. 2024.
- Freire, P. (2021). *Extensão ou comunicação?* Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. (23ª ed.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. (Título original *¿Extensión o comunicación?* publicado em 1969).
- Freire, P. (2011). *Educação como prática da liberdade*. (14ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2022). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. (32ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2017). *Extensão Universitária: Para quê?* São Paulo: Instituto Paulo Freire. Recuperado de: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- Gadotti, M. (2008). *Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. (Série Unifreire, 2). Recuperado de: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/3080>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S. A. (6ª ed.). Recuperado de: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em dez. 2024.
- Gomes, E. E. (2017). O lugar da cultura na educação: desafios para a extensão universitária brasileira. In Revista *Barbaquá*, (v. 1, n. 1, pp. 33–40). Recuperado de: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/article/view/1550>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Granato, M., Ribeiro, E. S. & Araújo, B. M. (2017). Carta do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: produção e desdobramentos. In Granato, M., Ribeiro, E. S. & Araújo, B. M. (Orgs.). *Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: instituições, trajetórias e valores*. (pp. 11-19). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Recuperado de:

http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRANATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_02_WEB_2017.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

- Guarnieri, W. R. C. (1990). Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 203-210). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Guarnieri, W. R. C. (1989). Museologia e identidade. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 176-185). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Guarnieri, W. R. C. (1987). A difusão do patrimônio: novas experiências em museus, programas educativos e promoção cultural. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 164-175). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Guarnieri, W. R. C. (1983). Sistema da museologia. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 127-136). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Guarnieri, W. R. C. (1981). A interdisciplinaridade em museologia. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 123-126). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Guarnieri, W. R. C. (1979). Museologia e museu. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 78-85). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Guarnieri, W. R. C. (1974). Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. (Vol. 1, pp. 45-56). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

- Guarilha, H. X. & Braz, R. L. (2022). Tessituras: a Rede de Museus da UFOP e sua política de cultura. In Nascimento, A. L. M. et al. (Orgs.). *Anais VI Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. (Vol. 1, pp. 211-225). Curitiba, PR: Ed. UFPR. Recuperado de: https://mae.ufpr.br/docs/livros/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- Hernández, A. I. M. (org.). (2016). *Obras comentadas: doações à coleção do Museu Universitário de Arte – MUnA – UFU*. Com textos de Adélia Borges et al. São Paulo: edição do autor. 200p.
- Ibermuseus. (2019). *Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade*. Recuperado de: <http://www.bermuseos.org/wp-content/uploads/2019/10/marco-conceptual-comun-sostenibilidad-bermuseos.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2022). Resolução Normativa nº 12 de 12 de fevereiro de 2022. Normatiza os procedimentos técnicos e administrativos para elaboração de política de aquisições e descartes de bens culturais a serem adotados pelos museus integrantes ou administrados pelo Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/outros-instrumentos-normativo>. Acesso em 16 jan. 2025.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2021a). *Relatório Final do GTI sobre Museus Federais*. Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/Relatorio_2524722_Relatorio_Final_GTI_Museus_1.pdf?1625004235. Acesso em 16 jan. 2025.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2021b). *Diagnóstico das condições de uso, funcionamento e manutenção dos museus federais*. Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: https://drive.google.com/drive/folders/lisw7OLXbiCt-hho19QG7_WBAPhEuCGqi. Acesso em 16 jan. 2025.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus (2021c). *Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado: diretrizes gerais, objetivos, eixos e linhas de atuação*. Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/programa-de-gestao-de-riscos-ao-patrimonio-musealizado-brasileiro-2021>. Acesso em 16 jan. 2025.

- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2020). Resolução Normativa nº 2 de 19 de outubro de 2020. Dispõe sobre os procedimentos técnicos e administrativos para elaboração, implementação e avaliação dos planos de gestão de riscos ao patrimônio musealizado, no âmbito das unidades museológicas administradas pelo Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/10/Resolucao-Normativa-N2-de-19-de-outurbo-de-2020-hp.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2018). *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: Ibram. 132 p. Recuperado de: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2016). *Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos*. Brasília, DF: Ibram.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (2014). Resolução Normativa nº 2/2014. Estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/ResolucaoNormativa2_INBCM.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- ICOM – Conselho Internacional de Museus. (2009). *Código de Ética para Museus*. Recuperado de: http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_ii_i_2009.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2022). *Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas*. Brasília, DF: Inep. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>. Acesso em 18 out. 2023.
- Jacobucci, D. F. C., Takahashi, E. K., Jacobucci, G. B., Carmo-Oliveira, R. & Martins, S. (2008). A Dica chegou! Centro de Ciências da Unidade Federal de Uberlândia: proposta, percepções dos docentes e perspectivas. In *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, (v. 25, n. 2, pp. 354- 367). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2008v25n2p354>.

- Julião, L. (2020) O desafio da comunicação nos museus universitários. In Revista *Museologia & Interdisciplinaridade. Museus, Museologia, Comunicação, Recepção*, (Vol. 9, pp. 13-23, número especial). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9iEspecial.32082>.
- Kerinska, N. (2016). *Apresentação*. In Hernández, A. I. M. (Org.). (2016). Obras comentadas: doações à coleção do Museu Universitário de Arte-MUnA. São Paulo: edição do autor.
- King, B. (Ed.). (2024). *New directions for university museums*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers.
- Kozak, Z. R. (2016). The Role of University Museums and Heritage in the 21st Century. *The Museum Review*, (Vol. 1, n. 1). Recuperado de: <https://themuseumreviewjournal.wordpress.com/2016/12/12/vol1no1kozak/>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Krenak, A. (2022). *Futuro Ancestral*. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020a). *A vida não é útil*. Pesquisa e organização: Rita Carelli. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020b). *Ideias para adiar o fim do mundo*. (2ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020c). *Caminhos para a cultura do bem-viver*. Organização: Bruno Maia, 37 p. Recuperado de: <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Leal, A. B., Silva, S. J., Alves, L. G. & Coutinho, E. L. (2023). O projeto Encontro de Saberes nas universidades brasileiras como ação afirmativa. In Revista *Educação Popular*, (v. 22, n. 2, pp. 1–18). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. <https://doi.org/10.14393/REP-2023-67712>.
- Lemhmkühl, L. (2010). Conhecer e mostrar: o acervo do MUnA. In Lemhmkühl, L. & Dória, R. P. (Orgs.). *MUnA: um acervo em exposição*. (pp. 41-46). Uberlândia: EDUFU.
- Lima, P. J. N. (2014). *Plano Museológico: questões e proposições a partir do estudo de caso do Museu Lasar Segall*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-09022015-111246/publico/PauloJNLimaORIGINAL.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Lima, S. F. (coord.). (2022). *Para entender o Museu*. São Paulo, SP: Edusp, Museu Paulista da USP. (1ª ed., Coleção Museu do Ipiranga 2022:1).

- Lima, S. F. & Carvalho, V. C. (coords.). (2023). *Ciclo Curatorial*. São Paulo, SP: Edusp, Museu Paulista da USP. (1ª ed., Coleção Museu do Ipiranga 2022:6).
- Lima, D. R., Carvalho, C. R., & Garcia, P. R. S. (2022). A criação do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (Simap): desdobramentos de uma política cultural universitária. In *Revista CPC*. (v. 17, n.33, pp. 45-63). São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p45-63>.
- Lima, J. T. M. & Coelho, Y. C. (2024). Rede de Coleções e Museus Universitários: uma experiência da Amazônia paraense. In *Revista Arteriais. Dossiê Museus e Coleções Universitárias: Panoramas Históricos, Provocações Reflexivas e Proposições Metodológicas*. (v. 10, n. 18, pp. 21-36). Belém, Pará: Programa de Pós-Graduação em Artes/ Instituto de Ciências da Arte/ UFPA. Recuperado de: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/17687/11828>. Acesso em 10 jan. 2025.
- Lima, J., & Silva, G. (2023). Documentação do patrimônio da ciência e tecnologia: o caso da colaboração entre a Universidade Federal do Pará e o Museu do Instituto Evandro Chagas. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 39-48. <https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.66.04>.
- Lourenço, M. C. (2005). *Between two worlds: The distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe*. Paris: Conservatoire National des Arts et Métiers. Recuperado de: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~mclourenco/chapters/MCL2005.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Machado, G. G. (2021). Experiências compartilhadas no campo da Cultura: o papel desempenhado por Vitae – Apoio a Cultura, Educação e Promoção Social. In Pinheiro, M. J. A., Carvalho, C. S. R. & Teixeira, C. M. (Orgs.). *Abordagens e experiências na preservação do patrimônio cultural nas Américas e Península Ibérica*. (pp. 470-495). Rio de Janeiro: Mórula. 500 p. Recuperado de: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46043>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Maestri, P. F. (2020). *Roberto Silvestre e a astronomia: duas décadas de inspiração para a população de Uberlândia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30459/1/RobertoSilvestreAstronomia.pdf>.

Acesso em 16 jan. 2025.

Maestri, P. F. (2015). *Dos Planetas anões às galáxias: ampliando as ações da astronomia na Trilha do Sistema Solar*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Física da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26420/4/PlanetasAn%C3%B5esGal%C3%A1xias.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.

Magnabosco, L. N. (2019). *Práticas de lazer dos estudantes universitários na Universidade Federal de Uberlândia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28395/3/Pr%C3%A1ticasLazerEstudantes.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.

Manuel-Cardoso, P. (2014). *O que é Museologia?* (pp. 1-28). Lisboa: IGAC. Recuperado de: https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/07/texto-3_-o-que-e-a-museologia-artigo-por-pedro-manuel-cardoso-2014.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

Marques, T. M. F. de. (2014). *A idealização de um jogo digital para divulgação científica a partir da receptividade de crianças*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13998/1/IdealizacaoJogoDigital.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.

Martins, C. B. (2009). A Reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. In Revista *Educação & Sociedade*. (v. 30, n. 106, pp. 15-35). Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, Universidade Estadual de Campinas. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/es/a/RKsKcwFYc6QVFBHy4nvJzHt/>. Acesso em 16 jan. 2025.

MBC – Museu de Biodiversidade do Cerrado. (2023). *Plano Museológico*. Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia.

MEC – Ministério da Educação. (2021). *Plano de Ação Grupo de Trabalho Interministerial – Museus Federais*. Brasília, DF: MEC. Recuperado de: https://drive.google.com/drive/folders/lisw7OLXbiCt-hho19QG7_WBAPhEuCGqi. Acesso em 16 jan. 2025.

Meirelles, L. M. (2017). *Museu do Índio: experiências, memórias e coleções*. Uberlândia: UFU. 112 p.

- Meirelles, L. M. (2015). *Museus universitários e políticas públicas: gestão, experiências e dilemas na Universidade Federal de Uberlândia, 1986-2010*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Uberlândia. <https://doi.org/10.14393/ufu.te.2015.128>.
- Mencarelli, F. & Coelho, M. D. (Orgs.). (2020). *FORCULT: instrumento para implementação de política cultural e planos de cultura nas IPES*. Pelotas: Ed. UFPel, 102 p. Recuperado de: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6836/FORCULT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Mendes, P. M. (2020). *O Patrimônio Museológico Universitário: A Formação das coleções da Universidade Federal de Lavras (UFLA)*. Tese de Doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Recuperado de: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/48479>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Meneses, U. T. B. de (1992). A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. (n. 34, pp. 9-23). São Paulo: Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i34p9-23>.
- Mignolo, W. (2017). Colonialidade: o Lado mais obscuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (Vol. 2, n. 94). São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.
- Mignolo, W. (2008). Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. In *Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Literatura, língua e identidade*, (n. 34, p. 287-324). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Recuperado de: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- Mignolo, W. (1992). Museus no horizonte colonial da modernidade: garimpando o museu de Fred Wilson. Tradução de Simone N. Gonçalves e Gisele B. Ribeiro. In *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, (vol.7, n. 13, pp. 309-324). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2018. Recuperado de: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17751/16263>. Acesso em 16 jan. 2025.

- MinC – Ministério da Cultura. (2003). *Política Nacional de Museus*. Brasília, DF: Ministério da Cultura. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia. (2013). *Declaração MINOM Rio*. XV Conferência Internacional MINOM: (Memória + Criatividade) = Mudança Social, Rio de Janeiro. Recuperado de: <https://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Moutinho, M. (2019). *Sociomuseologia: Ensino e investigação 1991-2018. Repositório documental anotado*. Lisboa: Departamento de Museologia, Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. https://doi.org/10.36572/csm.2020.book_5.
- Moutinho, M. (2014). Entre os museus de Foucault e os museus complexos. In Revista *Musas*. Setúbal. Recuperado de: <https://www.mariomoutinho.pt/images/PDFs/ArtigosMuseologia/2014museusFoucaultcomplexos.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Moutinho, M. C. (2007, outubro). Definição evolutiva de Sociomuseologia. Proposta para reflexão. *Cadernos de Sociomuseologia*, 28, 28, 27-31. Recuperado de: https://museologia-portugal.net/files/definicao_evolutiva_de_sociomuseologia.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- Moutinho, M. C. (1995). Declaração de Quebec. Apresentação. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*. (Vol. 2, pp. 52-57). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Moutinho, M. C. (1993). Sobre o conceito de museologia social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1, 1, 7-9. Recuperado de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em 16 jan. 2025.
- MUMRO – Museu de Minerais e Rochas. (2023). *Plano Museológico*. Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.
- MUnA – Museu Universitário de Arte. (2020). *Plano Museológico*. Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: http://www.iarte.ufu.br/sites/iarte.ufu.br/files/media/publicacoes/21_03_02_plano_museologico_muna.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

- Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte. (2023). *Plano Museológico*. Instituto de Física da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://drive.google.com/file/d/1tyf09cbeKmMaSHA8OV7LIQ9SkArVkb4/view>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Neves, K. F. (2003). Programas Museológicos e Museologia aplicada: o centro de Memória do Samba de São Paulo. *Cadernos de Sociomuseologia*, 21, 21.
- Nogueira-Ferreira, F. H.; Borges, N. C. M. & Oliveira, S. de F. (2016). *Aqui a gente faz assim! A invasão das abelhas na escola*. Curitiba: Brazil publishing. Recuperado de: <https://pt.slideshare.net/slideshow/livreto-aqui-a-gente-faz-assim-a-invasao-das-abelhas-na-escola-pdf/269630636#8>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Nunes, G. A. (2024). Os Museus universitários e os estágios do curso de Museologia da UFOP. In Revista *Arteriais. Dossiê Museus e Coleções Universitárias: Panoramas Históricos, Provocações Reflexivas e Proposições Metodológicas*. (v. 10, n. 18, pp. 37-45). Belém, Pará: Programa de Pós-Graduação em Artes/ Instituto de Ciências da Arte/ UFPA. Recuperado de: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/17688>. Acesso em 10 jan. 2025.
- Nunes, N. de A. (2017). *Praça Passarinhar: Investigando os bastidores da transposição museográfica de uma exposição do Museu Diversão com Ciência e Arte (DICA)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34939/3/Pra%cc3%a7aPassarinharInvestigando.pdf>. Acesso em 10 jan. 2025.
- Padilha, R. C. (2014). *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2). Florianópolis: FCC Edições, 71 p. Recuperado de: <https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190653/17105304-documentacao-museologica-gestao-acervo.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Pasqualucci, L. (2020). Cultura, fenômenos sociais e currículo do Ensino Superior: articulações via museu e universidade. *Cadernos de Sociomuseologia*, 60, 16, 3-20. <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.01>.
- Passos dos Santos, K. K. (2023). *Educação museal e feminismos no Brasil: silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial*. Tese de

- Doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Recuperado de: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/13829>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Paula, D. de & Rodrigues, R. (2023). ‘Os afetos da imagem’: relato de caso de exposição colaborativa no Museu Universitário de Arte da Universidade Federal de Uberlândia (MUnA, UFU). *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 59-69. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.05>.
- Poulot, D. (2013). *Museus e museologia*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção Ensaio Geral. 159 p.
- Primo, J. & Moutinho, M. (2021). Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do Mundo. In Primo, J. & Moutinho, M. (Eds.). (2021). *Teoria e Prática da Sociomuseologia*. Lisboa: Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias, Cátedra UNESCO ‘Educação Cidadania e Diversidade Cultural’.
- Primo, J. & Moutinho, M. (Eds.). (2020). *Introdução a Sociomuseologia*. Lisboa: Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias, Cátedra UNESCO ‘Educação Cidadania e Diversidade Cultural’.
- Queiroz, A. C. B. (2009). A Universidade Federal do Rio de Janeiro e as suas Memórias. Andréa Cristina de Barros. In Queiroz, A. C. B. & Oliveira, A. J. B. (Orgs.). *Universidade e lugares de memória II*. (Série Memória, documentação e pesquisa, 3, pp. 281-296). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação. Recuperado de: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/140/1/memoria3.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Rauscher, B. (2010). O museu universitário: laboratório de ensino e pesquisa. In Lemhmkuhl, L. & Dória, R. P. (Orgs.). *MUnA: um acervo em exposição*. (pp. 31-40). Uberlândia: EDUFU.
- RBCMU – Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários. (agosto de 2023). *Documento Unificado*. Documento impresso.
- Ribeiro, D. (1985). *Universidade, Para quê?* Discurso de Darcy Ribeiro pronunciado durante a cerimônia de posse do reitor Cristovam Buarque in https://fundar.org.br/universidade-para-que/#_ftn1. Acesso em 4 out. 2023.

- Ribeiro, S. (2022). *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Ribeiro, E. S. (2013). Museus em Universidades Públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. In Revista *Museologia & Interdisciplinaridade*, (v. 2, n. 4, pp. 88-102). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. <https://doi.org/10.26512/museologia.v2i4.16366>.
- Ribeiro, E. S., Segantini, V. C. & Granato, M. (2019). Museus e Patrimônio Cultural Universitário: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. In Araújo, B. M. et al. (Orgs.). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. (pp. 51-65). Recife: Ed. UFPE. Recuperado de: https://www.academia.edu/42809845/MUSEUS_E_PATRIM%C3%94NIO_CULTURAL_UNIVERSIT%C3%81RIO_DISCUTINDO_CONCEITOS_E_PROMOVENDO_PARCERIAS_E_ARTICULA%C3%87%C3%95ES. Acesso em 16 jan. 2025.
- Ristoff, D. I. (1999). A tríplice crise da universidade brasileira. In Trindade, H. (Org.). *Universidade em ruínas na república dos professores*. (pp. 201-210). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. / Rio Grande do Sul: CIPEDES.
- Rivière, G. H. (1958, setembro). Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus. Extrato do Documento Final do Evento: Quarta Parte – Conclusões do Seminário. Tradução de Maria Cristina de Oliveira Bruno e Maria Pierina Ferreira de Camargo. In Bruno, M. C. O. (Coord.) (2010). *O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*. (Vol. 2, pp. 28-37). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Rodrigues, M. P., Cabral, A. S. & Oliveira, D. H. (2022). Rede Universitária de Museus da UFPB: desafios e perspectivas. In Nascimento, A. L. M. et al. (Orgs.). *Anais VI Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. (Vol. 1, pp. 252-260). Curitiba, PR: Ed. UFPR. Recuperado de: https://mae.ufpr.br/docs/livros/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- Rubim, A. A. C. (2019). *Cultura e políticas culturais*. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 124 p.
- Salvat. (1979). *Os Museus no Mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil (v. 26, 144 p).
- Sanjad, N. (2018). Cinco questões para pensar os museus de ciência e tecnologia no Brasil. In Costa, A. L. de A. & Lemos, E. R. de. (Orgs.). *Anais 200 anos de museus no Brasil: desafios*

- e perspectivas*. (pp. 188-207). Brasília, DF: Ibram. Recuperado de: https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/12/Anais-200anosMuseusBrasil_FINAL.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- Santos, A. A. M. dos (2020). *Brincando e Aprendendo: Vivências e Reflexões no Processo de Organização de uma Mostra de Ciências*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Física, Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37710/3/BrincandoeAprendendoVivencias.pdf>. Acesso em dez. 2024.
- Santos, M. C. T. M. (2021). O plano museológico como instrumento de partilha e inclusão: o caminho se faz ao andar. In Fraga, Hilda Jaqueline de et al. (Orgs.) *Experimentações do patrimônio: Diversidades e resistências*. Porto Alegre: Editora Fi. Recuperado de: https://drive.google.com/file/d/1Ejn_uu6T0rvBMLpBMhwJTt_AXaeEE5At/view. Acesso em dez. 2024.
- Santos, M. C. M. T. (2018). *Museologia, Museu e Educação na Contemporaneidade: conflitos, partilhas, potências e inspirações*. Texto elaborado para o Módulo Museu-Educação do IV Curso de Estudos Avançados em Museologia – CEAM. Rio de Janeiro: Museu da República. Recuperado de: https://drive.google.com/file/d/1-Qd9_UPRmhK1-HvUa5vrc-ObhQRFWHWI/view. Acesso em dez. 2024.
- Santos, M. C. T. M. (2014). Um compromisso social com a museologia. In *Cadernos do CEOM*. (v. 27, n. 41: Museologia Social, pp. 72-114). Chapecó, SC: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). Recuperado de: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2598>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Santos, M. C. T. M. (2006, agosto). *Museus universitários brasileiros: novas perspectivas*. Texto apresentado no IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários e II Simpósio de Museologia na UFMG ‘Museus Universitários – Ciência, Cultura e Promoção Social’. Belo Horizonte: UFMG. Recuperado de: <https://drive.google.com/file/d/1klol3PipX9DrEaGccGgXg3dsh9pObOQw/view>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Santos, M. C. T. M. (2002). Reflexões sobre a nova museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 18, 18, 93-139. Recuperado de:

- <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Santos, B. S. & Almeida Filho, N. (2008). *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra: Almedina. Recuperado de: <https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Santos, C. P. & Granato, M. (2016). *A Documentação Museológica e as Coleções de Ciência e Tecnologia: Identificando especificidades*. Comunicação Oral, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB). Recuperado de: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/191145>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Santos, V. M., Nascimento, C. S. & Feitoza, K. C. (2024). Entre quatro paredes? Reflexões a partir da musealização da Arqueologia e do processo de elaboração do Plano Museológico participativo do MAP/UFPI. In Revista *Arteriais. Dossiê Museus e Coleções Universitárias: Panoramas Históricos, Provocações Reflexivas e Proposições Metodológicas*. (v. 10, n. 18, pp. 46-63). Belém, Pará: Programa de Pós-Graduação em Artes/ Instituto de Ciências da Arte/ UFPA. Recuperado de: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/17689>. Acesso em 10 jan. 2025.
- Scheiner, T. C. (2020) Sobre Ciência, Tecnologia, Patrimônio e Museus. In Araújo, B. M., Granato, M. & Ribeiro, E. S. (Orgs.). *Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: epistemologia e políticas*. (pp. 67-90). Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Recuperado de: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/6/6/21>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Seltzer Goldstein, I. (2023). Cátedra Kaapora: conhecimentos e conhecedores não hegemônicos na Universidade Federal de São Paulo. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 27-38. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.03>.
- Sepúlveda dos Santos, M. (2014). Por uma sociologia dos museus. In *Cadernos do CEOM*. (v. 27, n. 41: Museologia Social, pp. 47-70). Chapecó, SC: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). Recuperado de: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168>. Acesso em 16 jan. 2025.

- Silva, M. C. da. (2023). Universidades, coleções, museus universitários e sociomuseologia: rede híbrida de diálogos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 17-26. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.02>.
- Silva, M. C. da. (2019). A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. In *Revista CPC*. (v. 14, n. 27, pp. 297-309). São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27p297-309>.
- Silveira, M. M. G. & Julião, L. (2021). Rede de museus e espaços de ciências e cultura da UFMG: trajetória, desafios e perspectivas. In *Revista CPC*. (v. 16, n. 32, pp. 36-55). São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i32p36-55>.
- Silveira, M. M. G. & Linhares, M. A. (2022). III Jornada de Museus Universitários: debate e proposição de diretrizes de uma política para a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. In Nascimento, A. L. M. et al. (Orgs.). *Anais VI Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. (Vol. 1, pp. 236-251). Curitiba, PR: Ed. UFPR. Recuperado de: https://mae.ufpr.br/docs/livros/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- Siqueira, G. K., Maués, P. H. & Santos, R. L. (2024). Apresentação >>> 30 anos depois ... Para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias. In *Revista Arteriais. Dossiê Museus e Coleções Universitárias: Panoramas Históricos, Provocações Reflexivas e Proposições Metodológicas*. (v. 10, n. 18, pp. 15-20). Belém, Pará: Programa de Pós-Graduação em Artes/Instituto de Ciências da Arte/ UFPA. Recuperado de <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/17686>. Acesso em 10 jan. 2025.
- Soares, M. S. (2020). *Museus universitários, encontros e redes de museus: estratégias de articulação e reconhecimento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Recuperado de: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/38716/1/2020_MariannadeSouzaSoares.pdf. Acesso em dez. 2024.

- Souza, A. S. A., Alves, W. A. & Sousa, M. L. (2022). Museu, extensão universitária e planejamento: a experiência participativa de construção do Plano Museológico do Museu Casa de Cultura Hermano José. In Nascimento, A. L. M. et al. (Orgs.). *Anais VI Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. (Vol. 1, pp. 312-326). Curitiba, PR: Ed. UFPR. Recuperado de: https://mae.ufpr.br/docs/livros/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em 15 jan. 2025.
- Szántó, A. (2022). *O futuro do museu: 28 diálogos*. Tradução de Julia de Souza. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Cobogó.
- Tavares, R. M. M. & Taveira, E. L. de M. (1992). I Encontro Nacional de Museus Universitários. In *Revista Ciência em Museus*. (v. 4, outubro, volume especial). Belém, PA.
- TCU - Tribunal de Contas da União. (2019). *Acórdão 1.243/2019-TCU-Plenário: Processo 041.083/2018-0*. Relator: Min. substituto André Luís de Carvalho. Sessão de 29 de maio de 2019. Recuperado de: <https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/#/redireciona/acordao-completo/%22ACORDAO-COMPLETO-2352032%22>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Tega, W. (Org). (2010). *Guida al Museo di Palazzo Poggi: Scienza e Arte*. (2ª ed.). Bolonha: Editora Compositori.
- Teixeira, A. (1935). A função das universidades. In Fávero, M. de L. de A. & Britto, J. de M. (Orgs.). (2010). *Educação e universidade*. (Col. Anísio Teixeira, v. 12, 2ª ed., pp. 29-42). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Teixeira, A. (1968). Uma perspectiva da educação superior no Brasil. In Fávero, M. de L. de A. & Britto, J. de M. (Orgs.). (2010). *Educação e universidade*. (Col. Anísio Teixeira, v. 12, 2ª ed., pp. 83-161). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Tizzo, A. L. (2019). *Reverberando afetos e potencializando processos criativos pelo compartilhamento de emoções em sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26687/3/ReverberandoAfetosPotencializando.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Tolentino, A. B. (2016). Museologia social: apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos de Sociomuseologia*, 52, 21-44. Recuperado de: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15093/1/Museologia_social_apontamentos_historico%20-%20Atila%20Tolentino.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

- Torres, H. da S. (2020). *Acessibilidade em Museus Universitários: Um olhar para os Museus da UFU*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Física, Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31218/3/AcessibilidadeEmMuseus.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto. (setembro, 2020). *Anexo da Resolução CUNI nº 2377*. Regimento Interno da Rede de Museus e Acervos da UFOP. Ouro Preto, MG. Recuperado de: <https://drive.google.com/file/d/1CVjh3wj9SzvbAuEeFCI8qH2sP7pepltA/view>. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2023). *Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão – PIDE*. Recuperado de: https://proplad.ufu.br/sites/proplad.ufu.br/files/media/arquivo/pide_2022-2027_-_revisado.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2022). *Resolução CONSEX nº 26/2022 que altera a Resolução SEI nº 03/2017*. Dispõe sobre o Regimento Interno do Sistema de Museus da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSEX-2022-26.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2021). *Relatório de Gestão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) 2017-2020*. Recuperado de: https://proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/relatorio_proexc_2017-2020_25-03-compactado_0.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2019a). *Resolução CONSUN nº 25/2019*. Estabelece a Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Recuperado de: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-25.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2019b). *Resolução CONSEX nº 17/2019*. Cria e disciplina o Programa de Apoio aos Museus (PROMUS) e dá outras providências. Recuperado de: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSEX-2019-17.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.

- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2019c). *Resolução n.º 13/2019*. Política de Cultura. Recuperado de: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-13.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2018). *Resolução SEI nº 3/2017*. Regimento Interno do Sistema de Museus da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/ataCONSEX-2017-3.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia. (2010). *Resolução nº 30/2010*. Política de Cultura. Recuperado de: https://proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/resolucaoconsun_2010_30_0.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2022). *Relatório Final*. Conferência Mundial sobre Políticas Culturais e Desenvolvimento Sustentável. México: MONDIACULT. Recuperado de: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000382887_por. Acesso em 16 jan. 2025.
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2015). *Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade*. Recuperado de: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2017/05/RecomendacaoProtecaoMuseuseColecoes.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.
- Valença, V., & Almeida, G. (2023). Ecomuseus Universitários Brasileiros: Desafios e Potencialidades. *Cadernos de Sociomuseologia*, 66, 22, 81-96. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.08>
- Varine-Bohan, H. de (2013). *As Raízes do Futuro. O Patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. (1ª ed.). Porto Alegre: Editora Medianiz. 256 p.
- Varine-Bohan, H. (1995) A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). *O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*. (Vol. 2, pp. 38-42). São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Vergès, F. (2023). *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. Tradução de Mariana Echalar. Título original: *Programme de désordre absolu: décoloniser le musée*. São Paulo: Ubu Editora, 272 p.

Apêndices

1. Museus e coleções universitárias em Universidades Federais por região do país

REGIÃO CENTRO-OESTE – 45 Museus e coleções universitárias

Nome	Instituição	Estado	Acervo/Temática	Fundação/criação
Museu do Cerrado da Faculdade de Educação	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Educação Ambiental, Ecologia Humana	2017
Museu de Anatomia Humana	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Anatomia	1977
Herbário	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Botânica	1963
Mostra Sismológica do Observatório Sismológico	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Centro de Divulgação Científica	1997
Experimentoteca do Instituto de Física	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Centro de Divulgação de Ciência	1977
Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Faculdade de Educação	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Centro de Divulgação de Ciência	2006
Observatório Astronômico do Instituto de Física	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Ciências	2006
Museu de Geociências do Instituto de Geociências	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	1965
Casa da Cultura da América Latina do Decanato de Extensão	Universidade de Brasília	Distrito Federal	História, Antropologia, Etnografia e Artes Visuais	1989
Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química do Instituto de Química	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Química	1991
Museu de Taxidermia do Hospital Veterinário	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Zoologia	2008
Coleções do Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia	Universidade de Brasília	Distrito Federal	Zoologia	2015
Museu de Solos Instituto de Estudos Socioambientais	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Agronomia, Ciências Ambientais, Geografia e Ecologia	2016
Museu Comunitário de Ciências Morfológicas do Departamento de Morfologia do Instituto de Ciências Biológicas	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Anatomia	1975
Museu Antropológico	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Antropologia e Arqueologia	1969
Centro Cultural	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Artes Visuais	2010
Museu do Bambu da Escola de Agronomia	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Bambu	2023
Reserva Biológica Prof. José Angelo Rizzo – Serra Dourada	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Biologia	1969

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Bosque Auguste Saint-Hilaire	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Biologia	1979
Herbário	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Botânica	1968
Herbário Jataiense	Universidade Federal de Jataí	Goiás	Botânica	1999
Pátio da Ciência	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Centro de Divulgação de Ciência	2012
Museu de Ciências	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Centro de Divulgação de Ciência	2016
Media Lab	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	2010
Planetário	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Ciências	1970
Planetário	Universidade Federal de Jataí – Campus Jatobá (Cidade Universitária José Cruciano de Araújo)	Goiás	Ciências	2009
Museu Viver Engenharia da Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e de Computação	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Engenharia	2014
Museu de Geociências	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Geologia	2018
Museu Laboratório de Rochas e Minerais do Departamento de Geografia	Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão	Goiás	Geologia (rochas e minerais) e Geografia	1992
Centro de Informação, Documentação e Arquivo	Universidade Federal de Goiás	Goiás	História	2010
Museu Virtual da Educação	Universidade Federal de Goiás	Goiás	História da Educação	2020
Laboratório de Educação Matemática do Instituto de Matemática e Estatística	Universidade Federal de Goiás	Goiás	Matemática	1994
Museu Rondon	Universidade Federal de Mato Grosso	Mato Grosso	Arqueologia e Etnologia	1972
Museu de Arte e de Cultura Popular	Universidade Federal de Mato Grosso	Mato Grosso	Artes Visuais e Cultura Popular	1974
Herbário	Universidade Federal de Mato Grosso	Mato Grosso	Botânica	1979
Herbário Centro-Norte-Mato-Grossense	Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop	Mato Grosso	Botânica	2010
Museu de Minerais, Rochas e Fósseis da Faculdade de Geociências	Universidade Federal de Mato Grosso	Mato Grosso	Geologia (rochas e minerais) e Paleontologia	2008
Museu de Anatomia	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Mato Grosso do Sul	Anatomia	2009
Museu de Arqueologia	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Mato Grosso do Sul	Arqueologia	2006
Museu da Biodiversidade da Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais	Universidade Federal da Grande Dourados	Mato Grosso do Sul	Ciências Naturais	2005
Museu de Arqueologia do Pantanal	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Corumbá	Mato Grosso do Sul	Arqueologia	2019

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Herbário	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal	Mato Grosso do Sul	Botânica	1982
Herbário Campo Grande Mato Grosso do Sul	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Mato Grosso do Sul	Botânica	1989
Herbário–HERBA-UT/CPTL	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Mato Grosso do Sul	Botânica	1996
Herbário DDMS	Universidade Federal da Grande Dourados	Mato Grosso do Sul	Botânica	2004

REGIÃO NORDESTE – 93 Museus e coleções universitárias

Nome	Instituição	Estado	Acervo/Temática	Fundação/criação
Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore	Universidade Federal de Alagoas	Alagoas	Arte Popular	1975
Pinacoteca Universitária	Universidade Federal de Alagoas	Alagoas	Artes Visuais	1981
Museu de História Natural	Universidade Federal de Alagoas	Alagoas	Biologia, Geologia, Paleontologia, Arqueologia, Antropologia e Meteorologia	1990
Herbário Honório Monteiro do Museu de História Natural	Universidade Federal de Alagoas	Alagoas	Botânica	2000
Herbário Arapiraca	Universidade Federal de Alagoas	Alagoas	Botânica	2017
Usina Ciência	Universidade Federal de Alagoas	Alagoas	Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	1991
Herbário Alexandre Leal Costa do Instituto de Biologia	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Botânica	1950
Herbário	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	Bahia	Botânica	2012
Herbário Mongoyós	Universidade Federal da Bahia – Campus Anísio Teixeira	Bahia	Botânica	2015
Herbário Prof. Geraldo Carlos Pereira Pinto	Universidade Federal do Sul da Bahia	Bahia	Botânica	2015
Museu de Ciências do Cerrado Nordestino	Universidade Federal do Oeste da Bahia	Bahia	Ciências Naturais	2009
Memorial do Ensino Agrícola Superior da Bahia	Universidade Federal do Oeste da Bahia	Bahia	História Institucional	2004
Museu Interativo de Anatomia Comparada da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Anatomia	1998
Museu Afro-Brasileiro	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Antropologia e Etnografia	1974
Museu de Arqueologia e Etnologia	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Arqueologia, Antropologia e Etnografia	1970
Museu de Arte Sacra	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Arte Sacra	1959
Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Artes Visuais	1970
Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos do Instituto de Biologia	Universidade Federal da Bahia	Bahia	Biologia	1987

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Memorial da Medicina Brasileira da Faculdade de Medicina	Universidade Federal da Bahia	Bahia	História da Medicina	1982
Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem	Universidade Federal da Bahia	Bahia	História da Enfermagem	1997
Museu de História Natural do Instituto de Biologia	Universidade Federal da Bahia	Bahia	História Natural	2003
Centro de Estudos Baianos	Universidade Federal da Bahia	Bahia	História, Antropologia e Etnologia	1941
Herbário Prisco Bezerra	Universidade Federal do Ceará	Ceará	Botânica	1939
Planetário Itinerante Supernova	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)	Ceará	Ciências	2014
Instituto de Cultura e Arte	Universidade Federal do Ceará	Ceará	História da Música, Moda e Têxtil, História da Dança, Audiovisual, Memória Social, Jornalismo, Publicidade, Propaganda, Filosofia e Gastronomia	2003
Memorial da Escola de Agronomia do Ceará do Centro de Ciências Agrárias	Universidade Federal do Ceará	Ceará	Memória Institucional, História das Ciências Agrárias	2003
Coleção Arthur e Luiza Ramos	Universidade Federal do Ceará	Ceará	Arte e Antropologia	1974
Museu de Arte	Universidade Federal do Ceará	Ceará	Artes Visuais	1961
Seara da Ciência	Universidade Federal do Ceará	Ceará	Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	1999
Museu de Minerais e Rochas do Departamento de Ciências do Solo	Universidade Federal do Ceará	Ceará	Geologia (rochas e minerais)	1946
Museu do Parto da Maternidade Escola Assis Chateaubriand	Universidade Federal do Ceará	Ceará	História da Obstetrícia e Antropologia	2002
Casa José de Alencar	Universidade Federal do Ceará	Ceará	História e Artes Visuais	1964
Memorial	Universidade Federal do Ceará	Ceará	História Institucional	2007
Herbário Ático Seabra	Universidade Federal do Maranhão	Maranhão	Botânica	1980
Herbário do Maranhão	Universidade Federal do Maranhão	Maranhão	Botânica	2013
Herbário Maranhão Continental	Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal	Maranhão	Botânica	2016
Centro de Ciências Agrárias e Ambientais	Universidade Federal do Maranhão	Maranhão	Botânica	2016
Memorial Cristo Rei	Universidade Federal do Maranhão	Maranhão	História Regional	1990
Coleção Zoológica Delta do Parnaíba	Universidade Federal do Delta do Parnaíba	Paraíba	Biologia e Zoologia	Final anos 2000
Herbário Lauro Pires Xavier	Universidade Federal de Paraíba	Paraíba	Botânica	1938

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Herbário Jayme Coelho de Moraes do Centro de Ciências Agrárias	Universidade Federal da Paraíba – Campus Areia	Paraíba	Botânica	1944
Herbário Profa. Dra. Rita Baltazar de Lima	Universidade Federal de Campina Grande	Paraíba	Botânica	2006
Herbário do Centro de Educação e Saúde	Universidade Federal de Campina Grande	Paraíba	Botânica	2009
Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Geografia	1997
Laboratório de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Científica do Departamento de Matemática	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Matemática	1991
Museu de Ciências Morfológicas do Departamento de Morfologia do Centro de Ciências da Saúde	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Anatomia	2021
Núcleo de Arte Contemporânea da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Artes Visuais	1978
Pinacoteca do Departamento de Artes Visuais/CCTA	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Artes visuais	1987
Galeria Lavandeira do Departamento de Artes Visuais do Centro de Comunicação, Turismo e Artes	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Artes Visuais	2015
Museu de Biodiversidade do Centro de Ciências Exatas e da Natureza	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Biologia	2020
Casa da Ciência	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Centro de Divulgação Artística	2019
Museu da Cultura Popular do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Cultura Popular	1978
Museu do Brinquedo	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	Cultura Popular	2019
Museu Interativo do Semiárido	Universidade Federal de Campina Grande	Paraíba	Geografia, História Regional, Sociologia, Antropologia, Economia e Biologia	2007
Museu Casa de Cultura Hermano José	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	História Geral e Artes Visuais	2017
Museu do Brejo Paraibano (Museu da Rapadura)	Universidade Federal da Paraíba	Paraíba	História Regional	1997
Herbário Pe. Camille Torrand	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	Botânica	1954
Herbário Sérgio Tavares	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Pernambuco	Botânica	1960
Herbário Professor Vasconcelos Sobrinho	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Pernambuco	Botânica	1961

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Herbário Geraldo Mariz do Departamento de Botânica do Centro de Biociências	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	Botânica	1968
Herbário Vale do São Francisco	Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco	Pernambuco	Botânica	2005
Galeria Capibarense	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Pernambuco	Arte	1998
Museu do Centro Cultural Benfica	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	Centro Cultural	2001
Espaço Arte, Ciência e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão	Universidade Federal do Vale do São Francisco	Pernambuco	Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	2006
Museu de Fauna da Caatinga do Centro de Conservação e Manejo de Fauna da Caatinga	Universidade Federal do Vale do São Francisco – Campus de Ciências Agrárias	Pernambuco	Ciências Agrárias e Biologia	2012
Museu de Ciências Nucleares do Departamento de Energia Nuclear	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	Ciências Nucleares e História	2010
Museu do Mamulengo – Espaço Tiridá	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Pernambuco	Cultura Popular	1994
Museu de Minerais e Rochas do Departamento de Geologia	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	Geologia (rochas e minerais)	1965
Museu Didático de Minerais e Rochas	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Pernambuco	Geologia (rochas e minerais)	1997
Museu de Solos de Pernambuco Professor Mateus Rosas Ribeiro do Departamento de Agronomia	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Pernambuco	Geologia (rochas e minerais)	2006
Museu da História da Topografia e Engenharia Cartográfica Antônio Barreto Coutinho Neto	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	História da Engenharia e Geologia	2007
Memorial da Medicina de Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	História da Medicina	1995
Memorial	Universidade Federal Rural de Pernambuco – vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária	Pernambuco	História Institucional	1984
Memorial Denis Bernardes	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	História Institucional	2013
Museu de Oceanografia Prof. Petrônio Alves Coelho do Departamento de Oceanografia	Universidade Federal de Pernambuco	Pernambuco	Oceanografia	2012
Museu de Arqueologia e Paleontologia	Universidade Federal do Piauí	Piauí	Arqueologia e Paleontologia	2012
Herbário Graziela Barroso	Universidade Federal do Piauí	Piauí	Botânica	1977
Herbário Delta do Parnaíba	Universidade Federal Delta do Parnaíba	Piauí	Botânica	2010
Museu de Ciências Morfológicas do Centro de Biociências	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	Anatomia	2009
Museu Câmara Cascudo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	Arqueologia, Paleontologia e Etnografia	1960

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu de Arte Abraham Palatnik	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	Artes Visuais	2011
Herbário Dárdano de Andrade Lima	Universidade Federal Rural do Semi-Árido	Rio Grande do Norte	Botânica	1972
Herbário	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	Botânica	1989
Planetário Barca dos Céus	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	Ciências	2014
Museu do Seridó	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	História Regional	1981
Museu de Paleontologia 'Professor Vingt-Un Rosado' do Departamento de Solos e Geologia da Escola Superior de Agricultura de Mossoró	Universidade Federal Rural do Semi-Árido	Rio Grande do Norte	Paleontologia	1988
Museu dos Corais do Laboratório de Ecologia Marinha	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	Zoologia, Biologia, Oceanografia	2022
Museu de Anatomia Humana Prof. Dr. Osvaldo da Cruz Leite do Departamento de Morfologia	Universidade Federal de Sergipe	Sergipe	Anatomia	2009
Centro de Cultura e Arte da Coordenação de Cultura e Arte da Pró-Reitoria de Extensão	Universidade Federal de Sergipe	Sergipe	Cultura Regional	1980
Museu do Homem Sergipano	Universidade Federal de Sergipe	Sergipe	Antropologia, Arqueologia, História Regional, Geografia, Economia, Biologia e Agronomia	1976
Museu de Arqueologia de Xingó	Universidade Federal de Sergipe	Sergipe	Arqueologia	2000
Herbário	Universidade Federal de Sergipe	Sergipe	Botânica	1972
Herbário ISE	Universidade Federal de Sergipe – Cidade de Itabaiana	Sergipe	Botânica	2012

REGIÃO NORTE – 33 Museus e coleções universitárias

Nome	Instituição	Estado	Acervo/Temática	Fundação/criação
Parque Zoobotânico	Universidade Federal do Acre	Acre	Biologia e Ciências Naturais	1979
Herbário do Acre	Universidade Federal do Acre	Acre	Botânica	1980
Herbário Campus Floresta	Universidade Federal do Acre	Acre	Botânica	2018
Laboratório de Pesquisas Paleontológicas	Universidade Federal do Acre	Acre	Paleontologia	1983
Museu Universitário	Universidade Federal do Acre	Acre	Paleontologia, História Regional, História Natural e Artes Visuais	2008
Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Amapá	Universidade Federal do Amapá	Amapá	Arqueologia	2004

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu de Anatomia Patológica	Universidade Federal do Amazonas	Amazonas	Anatomia e Patologia	1978
Museu Amazônico	Universidade Federal do Amazonas	Amazonas	Antropologia, Arqueologia, História, Paleontologia e Mineralogia	1975
Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico	Universidade Federal do Amazonas	Amazonas	Arqueologia	1989
Herbário da Universidade do Amazonas	Universidade Federal do Amazonas	Amazonas	Botânica	1979
Herbário Micológico Jair Putzke	Universidade Federal do Amazonas	Amazonas	Botânica	2009
Museu do Baixo Tocantins	Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba	Pará	Artefatos, Obras de Arte, Audiovisuais, Comunidades Ribeirinhas, Quilombolas e Indígenas da Região do Baixo Tocantins Amazônia-Pará	2018
Coleção Amazoniana de Arte	Universidade Federal do Pará	Pará	Artes Visuais	2010
Laboratório de Entomologia Médica e Animais Peçonhentos do Núcleo de Medicina Tropical	Universidade Federal do Pará	Pará	Biologia, Zoologia e Medicina	2006
Museu de Anatomia	Universidade Federal do Pará	Pará	Anatomia	2016
Museu	Universidade Federal do Pará	Pará	Artes Visuais	1980
Casa da Ciência	Universidade Federal Rural da Amazônia	Pará	Biologia	2018
Herbário Felisberto Camargo	Universidade Federal Rural da Amazônia	Pará	Botânica	1963
Herbário	Universidade Federal do Oeste do Pará	Pará	Botânica	2000
Herbário do Instituto de Estudos Costeiros	Universidade Federal do Pará – Campus Bragança	Pará	Botânica	2001
Herbário do Estado do Pará	Universidade Federal do Oeste do Pará	Pará	Botânica	2010
Herbário Padre José Maria de Albuquerque	Universidade Federal do Pará – Campus Altamira	Pará	Botânica	2011
Herbário do Marajó Breves	Universidade Federal do Pará	Pará	Botânica	2017
Herbário	Universidade Federal Rural da Amazônia – Campus Capitão Poço	Pará	Botânica	2017
Museu Interativo da Física	Universidade Federal do Pará	Pará	Centro de Divulgação da Ciência	2008
Museu de Geociências	Universidade Federal do Pará	Pará	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	1984
Museu de Espeleologia e Geologia	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	Pará	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	2018
Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann	Universidade Federal de Rondônia	Rondônia	Botânica	2009
Museu de Geociências	Universidade Federal de Roraima	Roraima	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	2009
Museu de Solos do Estado de Roraima	Universidade Federal de Roraima	Roraima	Agronomia	2011

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Herbário	Universidade Federal de Roraima	Roraima	Botânica	1997
Herbário do Tocantins	Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional	Tocantins	Botânica	1992
Centro de Documentação e Memória de Arraías	Universidade Federal do Tocantins	Tocantins	História Regional e da Universidade	2017

REGIÃO SUDESTE – 123 Museus e coleções universitárias

Nome	Instituição	Estado	Acervo/Temática	Fundação/criação
Herbário	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	Botânica	1991
Herbário SAMES	Universidade Federal do Espírito Santo – Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES)	Espírito Santo	Botânica	2006
Herbário Capixaba	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	Botânica	2018
Planetário de Vitória	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	Ciências	1995
Galeria de Arte	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	Artes Visuais	1976
Núcleo de Ciência	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	Centro de Divulgação Científica	1996
Museu de Ciências da Vida	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	Centro de Divulgação de Ciência	2008
Museu de História Natural do Sul do Espírito Santo	Universidade Federal do Espírito Santo	Espírito Santo	História Natural	2013
Museu de Ciências Morfológicas	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Anatomia	1989
Museu Interativo de Anatomia	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Minas Gerais	Anatomia	2017
Museu de Arqueologia e Etnologia Americana	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Arqueologia, Antropologia e Etnologia	1987
Centro Cultural	Universidade Federal de São João del-Rei	Minas Gerais	Arte	2000
Galeria Brasileira	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Arte e História	1966
Museu do Barro	Universidade Federal de São João del-Rei	Minas Gerais	Artefatos	2012
Pinacoteca	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Artes Visuais	1973
Centro Cultural	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Artes Visuais	1989
Museu Universitário de Arte	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	Artes Visuais	1996
Museu de Arte Murilo Mendes	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Artes Visuais	2005
Coordenadoria de Acervos Artísticos da Diretoria de Ação Cultural	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Artes Visuais	2015
Mata do Paraíso	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Biologia	2003

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Mata da Biologia	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Biologia	2013
Horto Botânico	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Biologia e Botânica	1938
Herbário	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Botânica	1930
Herbário Leopoldo Krieger	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Botânica	1941
Herbário do Instituto de Ciências Biológicas	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Botânica	1969
Herbário	Universidade Federal de Lavras	Minas Gerais	Botânica	1976
Museu Herbário Leopoldo Krieger CESJ	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Botânica	1984
Herbário 'Prof José Badini'	Universidade Federal de Ouro Preto	Minas Gerais	Botânica	1986
Herbarium Uberlandense	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	Botânica	1986
Parque Interativo de Botânica	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Botânica	2003
Herbário Dendrológico Jeanine Felfili	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Minas Gerais	Botânica	2006
Herbário	Universidade Federal de Alfenas	Minas Gerais	Botânica	2008
Herbário DIAM/UFVJM/Diamantina	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Minas Gerais	Botânica	2008
Herbário	Universidade Federal de São João del-Rei	Minas Gerais	Botânica	2011
Herbário Norte Mineiro	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Botânica	2016
Centro de Ciências	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Centro de Divulgação de Ciência	2006
Parque da Ciência de Diamantina	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Minas Gerais	Centro de Divulgação de Ciência	2009
Parque da Ciência	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Minas Gerais	Centro de Divulgação de Ciência	2009
Espaço do Conhecimento	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Centro de Divulgação de Ciência	2010
Sala Mendeleev do Espaço Ciência em Ação	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Centro de Divulgação de Ciência	2010
Espaço InterCiências – Centro de Ciências	Universidade Federal de Itajubá	Minas Gerais	Centro de Divulgação de Ciência	2011
Observatório Astronômico Frei Rosário	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Ciências	1972
Planetário Móvel	Universidade Federal de Ouro Preto	Minas Gerais	Ciências	2006
Planetário do Espaço do Conhecimento	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Ciências	2010
Museu de Biodiversidade do Cerrado	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	Ciências Naturais	2000
Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Ciências Naturais e Agrárias	1993

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu DICA – Diversão com Ciência e Arte	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	Ciências, Artes Visuais e Tecnologia	2006
Museu da Cultura Popular	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Cultura Popular	1987
Museu de Minerais e Rochas	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	Geociências (rochas e minerais)	1987
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas	Universidade Federal de Ouro Preto	Minas Gerais	Geologia, Mineralogia, História Natural, Metalurgia, Eletrotécnica, Desenho, Topografia, Astronomia e Biblioteca de Obras Raras	1969
Casa Arthur Bernardes	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	História Biográfica	1996
Museu da Escola de Arquitetura	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Arquitetura	1966
Centro de Pesquisa, Memória e Documentação da Faculdade de Educação	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Educação	1996
Museu da Farmácia Professor Lucas Marques de Amaral	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	História da Farmácia	1972
Centro de Memória da Farmácia	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Farmácia	2011
Museu da Farmácia	Universidade Federal de Ouro Preto	Minas Gerais	História da Farmácia	Década 1960
Centro de Memória da Medicina	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Medicina	1979
Centro de Memória da Odontologia	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Odontologia	2008
Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	História da Tecnologia	1999
Centro de Memória da Veterinária	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Veterinária	2006
Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Educação Física	2001
Centro de Memória da Escola de Enfermagem	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Enfermagem	2006
Centro de Memória da Engenharia	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História da Engenharia	1993
Centro de Documentação e Pesquisa Histórica	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	História Geral	1985
Museu do Índio	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	História Geral e Antropologia	1987
Museu Theodomiro Santiago	Universidade Federal de Itajubá	Minas Gerais	História Institucional	1965
Museu Histórico	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	História Institucional	1986
Museu da Memória e Patrimônio	Universidade Federal de Alfenas	Minas Gerais	História Institucional	2009
Centro de Memória da Faculdade de Letras	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História Institucional	2014
Centro Histórico Eletromecânico	Universidade Federal de Itajubá	Minas Gerais	História Institucional e da Eletromecânica	2016

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Centro de Estudos Literários e Culturais – Acervo de Escritores Mineiros	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História Literária	1989
Memorial da República Presidente Itamar Franco	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	História Nacional e História Biográfica	2014
Museu de História Natural	Universidade Federal de Lavras	Minas Gerais	História Natural	1998
Museu de História Natural e Jardim Botânico	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História Natural, Arqueologia, Paleontologia, Geologia, Botânica, Zoologia, Cartografia Histórica, Etnografia e Arte Popular	1969
Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal	Universidade Federal de Uberlândia	Minas Gerais	História Regional	2009
Museu Casa Padre Toledo	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História Regional	2012
Museu Bi Moreira	Universidade Federal de Lavras	Minas Gerais	História Regional, Antropologia, Etnografia, Arqueologia, Ciência e Tecnologia, Imagem e Som	1983
Centro de Referência em Cartografia Histórica – Palacinho	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	História, Cartografia e Geografia	2006
Acervo Curt Lange	Universidade Federal de Minas Gerais	Minas Gerais	Histórico	1995
Museu de Malacologia Professor Maury Pinto de Oliveira	Universidade Federal de Juiz de Fora	Minas Gerais	Malacologia e Zoologia	2004
Museu de Vivências	Universidade Federal de São João del-Rei	Minas Gerais	Memória Social	2009
Centro de Pesquisas Paleontológicas ‘Llewellyn Ivor Price’	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Minas Gerais	Paleontologia	1991
Museu dos Dinossauros	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Minas Gerais	Paleontologia	2010
Museu de Zoologia João Moojen	Universidade Federal de Viçosa	Minas Gerais	Zoologia	1933
Coleção Científica e Herbário Fitopatológico	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Botânica	1916
Herbário do Departamento de Botânica	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Botânica	1916
Herbário Fitopatológico Verlande Duarte Silveira	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Botânica	1916
Herbário do Museu Nacional	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Botânica	1941
Herbário do Instituto de Biologia	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Botânica	1954
Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Botânica	1998
Herbário de Niterói	Universidade Federal Fluminense	Rio de Janeiro	Botânica	2017
Observatório do Valongo	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Ciências	2002

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu da Anatomia do Instituto de Ciências Biomédicas 'Por dentro do corpo'	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Anatomia	2017
Museu Nacional	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Arqueologia, Antropologia, Geologia, Zoologia, Paleontologia, História Natural, História Nacional e Botânica	1946
Museu Dom João VI	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Artes Visuais e História do Brasil	1979
Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual	Universidade Federal Fluminense	Rio de Janeiro	Audiovisuais	2014
Jardim Botânico	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Biologia, Botânica e Ciências Naturais	1980
Espaço UFF de Ciências	Universidade Federal Fluminense	Rio de Janeiro	Centro de Divulgação de Ciência	1989
Casa da Descoberta – Centro de Divulgação de Ciência	Universidade Federal Fluminense	Rio de Janeiro	Centro de Divulgação de Ciência	2000
Espaço Ciência NUPEM	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Centro de Divulgação de Ciência	2008
Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	1995
Espaço COPPE Miguel de Simoni Tecnologia e Desenvolvimento Humano	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	1996
Museu da Computação e Memória do Núcleo da Computação Eletrônica	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Ciências	1967
Museu Itinerante de Neurociências	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Ciências	2009
Espaço Memória, Arte e Sociedade Jessie Jane Vieira de Souza	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Ciências Humanas e Sociais	2019
Museu de Solos do Brasil	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Seropédica)	Rio de Janeiro	Ciências Naturais e Agrárias	2017
Museu da Geodiversidade	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Geociências (rochas e minerais), Fósseis, Arqueologia e História da Ciência	2008
Museu da Escola Politécnica	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	História Institucional	1977
Centro de Memória	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Seropédica	Rio de Janeiro	História Institucional	2002
Museu Virtual da Faculdade de Medicina	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	História da Medicina	2012
Espaço de Memória Professor Cresus Vinicius Depes Gouvêa	Universidade Federal Fluminense	Rio de Janeiro	História Regional	2017
Espaço Memorial Carlos Chagas Filho	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Memória Biográfica	2000
Museu Instrumental Delgado Carvalho	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Música	1902

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu da Química Professor Athos da Silveira Ramos	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Química	2001
Museu de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Seropédica	Rio de Janeiro	Zoologia	1947
Herbário	Universidade Federal de São Carlos	São Paulo	Botânica	1970
Herbário	Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba	São Paulo	Botânica	2012
Herbário Sinningia	Universidade Federal do ABC	São Paulo	Botânica	2014
Museu de Crânios	Universidade Federal de São Paulo	São Paulo	Anatomia	1930
Museu de Anatomia Humana Prof. Dr. Renato Locchi	Universidade Federal de São Paulo	São Paulo	Anatomia	Década 1960
Museu de Ciência e Tecnologias da Luminescência do Núcleo de Extensão em Educação, Tecnologia e Cultura	Universidade Federal de São Carlos	São Paulo	Centro de Divulgação de Ciência, Tecnologia e Luminescência	2017
Museu Histórico Prof. Dr. Wladimir da Prússia Gomes Ferraz do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde	Universidade Federal de São Paulo	São Paulo	História Institucional	1999
Museu de História Natural Mário Tolentino do Departamento de Ecologia e Biologia Evolutiva	Universidade Federal de São Carlos	São Paulo	Paleontologia, Geologia e Zoologia	1995

REGIÃO SUL – 84 Museus e coleções universitárias

Nome	Instituição	Estado	Acervo/Temática	Fundação/criação
Museu Tecnológico	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Paraná	História da Tecnologia	2008
Coleção Biológica Realeza	Universidade Federal da Fronteira Sul	Paraná	Botânica	2014
Herbário Evaldo Buttura	Universidade Federal da Integração Latino Americana	Paraná	Botânica	2015
Museu Digital	Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)	Paraná	Interdisciplinar	2021
Herbário William Antonio Rodrigues	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Botânica	1952
Museu de Arqueologia e Etnologia	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Arqueologia e Etnologia	1962
Herbário da Escola de Florestas Curitiba do Setor de Ciências Agrárias	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Botânica	1982
Museu de Ciências Naturais	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Ciências Naturais	1994

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu de Arte	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Artes Visuais	2002
Herbário da Flora e dos Fungos do Oeste do Paraná	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Botânica	2012
Planetário do Projeto Fibra	Universidade Federal do Paraná	Paraná	Ciências	2014
Herbário da Figueira	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Paraná	Botânica	2014
Planetário do Polo Astronômico Rodolpho Caniato	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Paraná	Ciências	2022
Herbário Santa Helena	Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Santa Helena	Paraná	Botânica	2019
Herbário Dois Vizinhos	Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Dois Vizinhos	Paraná	Botânica	2010
Horto Botânico Irmão Teodoro Luís do Instituto de Biologia	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	Biologia e Botânica	1964
Mostra de Ciências Morfológicas do Departamento de Morfologia do Centro de Ciências da Saúde	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Anatomia	2012
Ecomuseu da Picada	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	Biologia	1995
Ecomuseu da Ilha da Pólvora	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	Biologia	1999
Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	Ciências Naturais	1926
Herbário	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	Botânica	1946
Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	Artes Visuais	1986
Museu Grupelli	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	História Regional	1988
Centro de Memória e Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales) da Faculdade de Educação	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	História da Educação	2006
Museu Etnográfico da Colônia Maciel	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	Antropologia, Etnografia e História Regional	2006
Museu da Colônia Francesa	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	História Regional	2007
Museu do Doce	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	História Regional	2011
Memorial Anglo	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	História Institucional	2013
Museu das Coisas Banais	Universidade Federal de Pelotas	Rio Grande do Sul	História Social	2014
Herbário Santa Maria do Departamento Biologia	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Botânica	1962

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu Educativo Gama D'Eça	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	História Regional	1968
Planetário	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Ciências	1971
Museu de Solos do Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Agronomia, Ciências Ambientais e Ecologia	1973
Herbário do Departamento de Ciências Florestais	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Botânica	1980
Jardim Botânico	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Botânica	1981
Museu Interativo de Astronomia Professora Raquel Bandeira de Mello	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Astronomia	1998
Museu Arte Ciência Tecnologia	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Artes Visuais e Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	2010
Herbário do Campus Palmeira das Missões	Universidade Federal de Santa Maria	Rio Grande do Sul	Botânica	2012
Herbário Bruno Edgar Irgang	Universidade Federal do Pampa	Rio Grande do Sul	Botânica	2007
Planetário Móvel	Universidade Federal do Pampa	Rio Grande do Sul	Ciências	2013
Planetário	Universidade Federal do Pampa	Rio Grande do Sul	Ciências	2017
Museu Oceanográfico Prof. Eliézer de Carvalho Rios	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	Oceanografia	1953
Herbário	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	Botânica	1982
Museu Antártico	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	Ciências Naturais, História da Ciência e Oceanografia	1997
Museu de Comunicação Rodolfo Martensen	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	Ciência e Tecnologia e História da Comunicação	2001
Museu Náutico	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande do Sul	História Regional	2007
Coleção Ornitológica da Faculdade de Veterinária (antiga Coleção Ornitológica de Rudolf Gliesch)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Ornitologia e Zoologia	1914
Pinacoteca Barão de Santo Angelo	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Artes Visuais	1934
Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Geologia (rochas e minerais)	1945
Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Paleontologia	1945
Planetário	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Ciências	1972
Núcleo de Pesquisa em História	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional, História do Brasil	1982
Museu de Ciências Naturais	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Ciências Naturais	1983
Museu	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional, História Nacional, História Regional e Artes Visuais	1984

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Museu Claudio Job	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional e História da Odontologia	1984
Museu do Motor	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História da Engenharia	1994
Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Arqueologia e Etnologia	1995
Museu de Topografia Prof. Laureano Ibrahim Chaffe	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História da Topografia	1996
Centro de Memória do Esporte	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História do Esporte	1997
Museu de Informática	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História da Informática e História Institucional	1999
Museu do Observatório Astronômico	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Arquitetura	2000
Setor de Patrimônio Histórico	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional	2000
Arquivo Histórico do Instituto de Artes	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional	2000
Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Física e Centro de Divulgação de Ciência	2007
Herbário	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Botânica	2008
Museu da Genética Memorial Francisco Mauro Salzano	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Biologia Molecular, História da Genética	2009
Memorial da Imigração e Cultura Japonesa	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História da Imigração	2009
Museu Virtual do Sintetizador	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História da Música e História da Tecnologia	2010
Memória Faced	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Memória Institucional	2011
Museu Moda e Têxtil	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Artes visuais e História	2014
Memorial do Acervo Histórico da Escola de Engenharia Flávio Luís César de Lima	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional	2016
Museologia na UFRGS: trajetórias e Memórias	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Memória Institucional	2017
Museu do Instituto de Química	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional	2017
Memorial da Faculdade de Medicina	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	História Institucional	2020
#AcervoJU Jornal da Universidade	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Memória Institucional	2020
Herbário do Departamento de Botânica	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	Botânica	1964
Planetário	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	Ciências	1971
Herbário de Curitibaanos	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	Botânica	2013
Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	Arqueologia e Etnologia	1978

Daniela Vicedomini Coelho
Museus e Coleções Universitárias, Sociomuseologia e Planejamento Museológico
na Universidade Federal de Uberlândia

Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	História Regional, Arqueologia, Antropologia e Etnografia	1979
Galeria de Arte	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	Artes Visuais	1989
Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	História Regional, Arqueologia, Antropologia e Etnografia	1990
Fortaleza de São José da Ponta Grossa	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	História Regional, Arqueologia, Antropologia e Etnografia	1991
Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina	História do Brinquedo	1999

2. Universidades Federais vs. Museus e Coleções Universitárias na RBCMU vs. Redes e Sistemas de Museus vs. Cursos de Museologia

Região	Unidade Federativa	Universidades Federais	Museus e Coleções Universitárias na RBCMU	Rede e/ou Sistema de Museus	Curso de Museologia Graduação	Curso de Museologia Mestrado	Curso de Museologia Doutorado
Centro-Oeste	Distrito Federal	Universidade de Brasília	12		1		
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	Universidade Federal da Grande Dourados	2				
Centro-Oeste	Goiás	Universidade Federal de Goiás	18	Museu de Ciências - 16	1		
Centro-Oeste	Goiás	Universidade Federal de Catalão					
Centro-Oeste	Goiás	Universidade Federal de Jataí	2				
Centro-Oeste	Mato Grosso	Universidade Federal de Mato Grosso	5				
Centro-Oeste	Mato Grosso	Universidade Federal de Rondonópolis					
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	6				
Nordeste	Alagoas	Universidade Federal de Alagoas	6				
Nordeste	Bahia	Universidade Federal da Bahia	12		1	1	
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Sul da Bahia	1				
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	1		1		
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Oeste da Bahia	2				
Nordeste	Ceará	Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira					
Nordeste	Ceará	Universidade Federal do Cariri					
Nordeste	Ceará	Universidade Federal do Ceará	11				
Nordeste	Maranhão	Universidade Federal do Maranhão	5				
Nordeste	Paraíba	Universidade Federal da Paraíba	14	Rede de Museus (REUMUS) - 12			
Nordeste	Paraíba	Universidade Federal de Campina Grande	3				
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco	9	Rede de Museus - 15	1	1	
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal do Vale do São Francisco	3				
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal Rural de Pernambuco	7				
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco					
Nordeste	Piauí	Universidade Federal do Delta do Parnaíba	2				
Nordeste	Piauí	Universidade Federal do Piauí	2			1	
Nordeste	Rio Grande do Norte	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	7	Rede Universitária de Museus (RUMUS) -			
Nordeste	Rio Grande do Norte	Universidade Federal Rural do Semi-Árido	2				
Nordeste	Sergipe	Universidade Federal de Sergipe	6		1		
Norte	Acre	Universidade Federal do Acre	5				
Norte	Amapá	Universidade Federal do Amapá	1				
Norte	Amazonas	Universidade Federal do Amazonas	5				
Norte	Pará	Universidade Federal do Oeste do Pará	2				
Norte	Pará	Universidade Federal do Pará	10		1		
Norte	Pará	Universidade Federal Rural da Amazônia	3				
Norte	Pará	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	1				
Norte	Rondônia	Universidade Federal de Rondônia	1				
Norte	Roraima	Universidade Federal de Roraima	3				
Norte	Tocantins	Universidade Federal do Tocantins	2				
Norte	Tocantins	Universidade Federal do Norte do Tocantins					
Sudeste	Espírito Santo	Universidade Federal do Espírito Santo	8				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Alfenas	2				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Itajubá	3				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Juiz de Fora	10				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Lavras	3				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Minas Gerais	24	Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura - 25	1		
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Ouro Preto	4	Rede de Museus e Acervos - 9	1		
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de São João del-Rei	4				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Uberlândia	8	Sistema de Museus (SIMU) - 5			
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Viçosa	11	Secretaria de Museus e Espaços de Ciência (SEMEC) - 12			
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	2				
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	5				
Sudeste	São Paulo	Universidade Federal de São Carlos	4				
Sudeste	São Paulo	Universidade Federal de São Paulo	3				
Sudeste	São Paulo	Universidade Federal do ABC	1				
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1		1	1	1
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Rio de Janeiro	18	Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio (SIMAP) - 16			
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal Fluminense	5				
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	7				
Sul	Paraná	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	5				
Sul	Paraná	Universidade Federal da Integração Latino-Americana	2				
Sul	Paraná	Universidade Federal do Paraná	7				
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre					
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Pelotas	11	Rede de Museus - 23	1		
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Santa Maria	10				
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Pampa	3				
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande	7				
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	29	Rede de Museus e Acervos (REMAM) -	1	1	
Sul	Santa Catarina	Universidade Federal da Fronteira Sul	1				
Sul	Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina	9		1		
		TOTAL	378		13	5	1

3. Lista de museus e coleções universitárias congêneres ao MUMRO

Nome	Instituição	Vínculo institucional (público/privado)	Estado	Região	Acervo/Temática	Fundação/criação
Museu das Culturas Dom Bosco	Universidade Católica Dom Bosco	Privada	MS	Centro-Oeste	Mineralogia, Paleontologia, Zoologia, Arqueologia e Etnologia	1951
Museu de Geociências do Instituto de Geociências	Universidade de Brasília	Federal	DF	Centro-Oeste	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	1965
Museu de Geociências Odette Rezende Roncador	Centro de Ensino Unificado de Brasília	Privada	DF	Centro-Oeste	Geologia (rochas e minerais)	1975
Museu Laboratório de Rochas e Minerais do Departamento de Geografia	Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão	Federal	GO	Centro-Oeste	Geologia (rochas e minerais) e Geografia	1992
Museu de Minerais, Rochas e Fósseis da Faculdade de Geociências	Universidade Federal de Mato Grosso	Federal	MT	Centro-Oeste	Geologia (rochas e minerais) e Paleontologia	2008
Museu de Geociências	Universidade Federal de Goiás	Federal	GO	Centro-Oeste	Geologia	2018
Museu de Minerais e Rochas do Departamento de Ciências do Solo	Universidade Federal do Ceará	Federal	CE	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	1946
Museu de Minerais e Rochas do Departamento de Geologia	Universidade Federal de Pernambuco	Federal	PE	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	1965
Museu de História Natural	Universidade Federal de Alagoas	Federal	AL	Nordeste	Biologia, Geologia, Paleontologia, Arqueologia, Antropologia e Meteorologia	1990
Museu Didático de Minerais e Rochas	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Federal	PE	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	1997
Museu de Solos de Pernambuco Professor Mateus Rosas Ribeiro do Departamento de Agronomia	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Federal	PE	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	2006
Museu da História da Topografia e Engenharia Cartográfica Antônio Barreto Coutinho Neto	Universidade Federal de Pernambuco	Federal	PE	Nordeste	História da Engenharia e Geologia	2007
Museu de História Natural	Universidade Estadual da Paraíba	Estadual	PB	Nordeste	Arqueologia, Paleontologia, Biologia e Geologia	2009
Museu Dokuchaev de Solos, Minerais e Rochas	Universidade Estadual do Maranhão	Estadual	MA	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	2022
Museu de Minerais e Gemas do Centro Gemológico do Nordeste	Universidade Federal de Campina Grande	Federal	PB	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	Sem informação
Museu de Minerais e Rochas do Centro de Ciências Humanas	Universidade Estadual Vale do Acaraú	Estadual	CE	Nordeste	Geologia (rochas e minerais)	Sem informação
Museu Amazônico	Universidade Federal do Amazonas	Federal	AM	Norte	Antropologia, Arqueologia, História, Paleontologia e Mineralogia	1975
Museu de Geociências	Universidade Federal do Pará	Federal	PA	Norte	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	1984
Museu de Geociências	Universidade Federal de Roraima	Federal	RR	Norte	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	2009
Museu de Espeleologia e Geologia	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	Federal	PA	Norte	Geologia (rochas, minerais e fósseis)	2018
Museu de Geociências do Instituto de Geociências	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Geociências (rochas e minerais) e Paleontologia (fósseis)	1934
Museu Nacional	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Arqueologia, Antropologia, Geologia, Zoologia, Paleontologia, História	1946
Museu de Minerais e Rochas do Instituto de Química de Araraquara	Instituto de Química de Araraquara da Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Geologia	1963
Museu de História Natural e Jardim Botânico	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	História Natural, Arqueologia, Paleontologia, Geologia, Botânica, Zoologia, Cartografia Histórica, Etnografia e Arte Popular	1969
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas	Universidade Federal de Ouro Preto	Federal	MG	Sudeste	Geologia, Mineralogia, História Natural, Metalurgia, Eletrotécnica, Desenho, Topografia, Astronomia e Biblioteca de Obras Raras	1969
Laboratório de Geologia, Geomorfologia e Recursos Hídricos da Faculdade de Ciências e Tecnologia	Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Geologia	1976
Museu de Minerais e Rochas Heinz Ebert do Departamento de Petrologia e Metalogenia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas	Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Geociências (rochas e minerais)	1976
Museu de Minerais e Rochas	Universidade Federal de Uberlândia	Federal	MG	Sudeste	Geociências (rochas e minerais)	1987
Museu de Geologia e Ciências Naturais da Faculdade de Ciências e Letras	Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Geologia, Ciências Naturais e Mineralogia	1992
Museu de História Natural Mário Tolentino do Departamento de Ecologia e Biologia Evolutiva	Universidade Federal de São Carlos	Federal	SP	Sudeste	Paleontologia, Geologia e Zoologia	1995
Museu da Geodiversidade	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Geociências (rochas e minerais), Fósseis, Arqueologia e História da Ciência	2008
Seção de Materiais Didáticos do Instituto de Geociências	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Geologia	Sem informação
Museu de Minerais e Rochas do Laboratório de Geologia do Departamento de Oceanografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais	Universidade Federal do Espírito Santo	Federal	ES	Sudeste	Geologia (rochas e minerais) e Paleontologia	Sem informação
Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Federal	RS	Sul	Geologia (rochas e minerais)	1945
Museu de Ciências Univates	Universidade do Vale do Taquari - Lajeado	Privada	RS	Sul	Zoologia, Geologia e Botânica	1989
Museu de Geologia	Universidade Estadual do Norte do Paraná	Estadual	PR	Sul	Geologia (rochas e minerais)	1992
Museu de Geologia	Universidade Estadual de Londrina	Estadual	PR	Sul	Geologia (rochas e minerais) e Paleontologia	1993
Museu de Geociências	Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná	Estadual	PR	Sul	Geologia (rochas e minerais) e Paleontologia	1997
Museu Metodista da Educação Bispo Isac Aço do Colégio Americano	Centro Universitário Metodista	Privada	RS	Sul	Paleontologia, Zoologia, Botânica, Geologia e História Institucional	2010
Museu de Ciências Naturais	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Estadual	PR	Sul	Geologia e Ciências Naturais	2011
Museu de Geologia do Departamento de Geografia	Universidade Estadual de Maringá	Estadual	PR	Sul	Geologia (rochas e minerais)	2016
Museu de História Geológica do Rio Grande do Sul do Laboratório de História da Vida e da Terra	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Privada	RS	Sul	Geologia (rochas e minerais) e Paleontologia	Sem informação
Museu do Laboratório de Geociências	Universidade Regional de Blumenau	Municipal	SC	Sul	Geologia (rochas e minerais)	Sem informação

4. Lista de museus e coleções universitárias congêneres ao Museu DICA

Nome	Instituição	Vínculo institucional (público/privado)	Estado	Região	Acervo/Temática	Fundação/criação
Planetário	Universidade Federal de Goiás	Federal	GO	Centro-Oeste	Ciências	1970
Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química do Instituto de Química	Universidade de Brasília	Federal	DF	Centro-Oeste	Química	1991
Observatório Astronômico do Instituto de Física	Universidade de Brasília	Federal	DF	Centro-Oeste	Ciências	2006
Planetário Móvel	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	Estadual	MS	Centro-Oeste	Ciências	2007
Planetário	Universidade Federal de Jataí – Campus Jataí (Cidade Universitária José Craciuno de Araújo)	Federal	GO	Centro-Oeste	Ciências	2009
Planetário do Observatório Astronômico Antares	Universidade Estadual de Feira de Santana	Estadual	BA	Nordeste	Ciências	1997
Projeto Astronomia Viva (Planetário Móvel)	Universidade Estadual do Ceará – Campus Multi-Institucional Humberto Teixeira	Estadual	CE	Nordeste	Ciências	2011
Planetário Itinerante Supernova da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira	Universidade Estadual do Ceará	Federal	CE	Nordeste	Ciências	2014
Planetário Barca dos Céus	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Federal	RN	Nordeste	Ciências	2014
Planetário	Universidade Estadual de Santa Cruz	Estadual	BA	Nordeste	Ciências	2016
Centro de Ciências e Planetário do Pará	Universidade do Estado do Pará	Estadual	PA	Norte	Ciências	1999
Planetário do Grupo de Pesquisa CTENF	Universidade do Estado do Pará	Estadual	PA	Norte	Ciências	2014
Planetário Digital de Parintins	Universidade do Estado do Amazonas – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Astronomia	Estadual	AM	Norte	Ciências	2015
Planetário Digital de Manaus	Universidade do Estado do Amazonas – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Astronomia	Estadual	AM	Norte	Ciências	Sem informação
Planetário do Departamento de Geociências	Escola Naval	Federal	RJ	Sudeste	Ciências	1961
Observatório Astronômico Frei Rosário	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	Ciências	1972
Laboratório de Demonstrações Físicas	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Ciências	Década 1970
Acervo Histórico do Instituto de Física	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	História Institucional e Física	Início anos 1970
Laboratório de Demonstrações Ernst Wolfgang Hamburger do Instituto de Física	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Física	Final década 1970
Grupo de Pesquisa em Educação Química do Instituto de Química	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Química	1984
Laboratório de Instrumentação para o Ensino de Física do Instituto de Física 'Gleb Wataghin'	Universidade Estadual de Campinas	Estadual	SP	Sudeste	Física	1989
Show da Física do Instituto de Física	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Física	1992
Planetário de Vitória	Universidade Federal do Espírito Santo	Federal	ES	Sudeste	Ciências	1995
Observatório Astronômico de Ilha Solteira Prof. Mário Schenberg	Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Ciências	1996
Museu da Química Professor Alhos da Silveira Ramos	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Química	2001
Observatório do Valongo	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Ciências	2002
Museu de Ciências	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Ciências e Tecnologia	2002
Planetário móvel	Universidade Federal de Ouro Preto	Federal	MG	Sudeste	Ciências	2006
Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte	Universidade Federal de Uberlândia	Federal	MG	Sudeste	Ciências, Artes Visuais e Tecnologia	2006
Show da Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia	Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Química	2006
Arte & Ciência no Parque do Instituto de Física	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Física	2007
Planetário Gaia	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Privada	MG	Sudeste	Ciências	2008
Observatório Didático de Astronomia Lionel José Andriatto da Faculdade de Ciências	Universidade Estadual Paulista	Estadual	SP	Sudeste	Ciências	2009
Planetário Cruzeiro do Sul	Universidade Cruzeiro do Sul	Privada	SP	Sudeste	Ciências	2009
Planetário Astronauta Marcos Pontes do Museu Ciência e Vida da Fundação CECIERJ	Fundação CECIERJ - Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro	Estadual	RJ	Sudeste	Ciências	2010
Planetário do Espaço do Conhecimento	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	Ciências	2010
Show da Física dos Institutos de Matemática e Física	Universidade Estadual de Campinas	Estadual	SP	Sudeste	Física	2012
Planetário Oberon	Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Ciências	2015
Planetário	Universidade Federal de Santa Catarina	Federal	SC	Sul	Ciências	1971
Planetário	Universidade Federal de Santa Maria	Federal	RS	Sul	Ciências	1971
Planetário	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Federal	RS	Sul	Ciências	1972
Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Federal	RS	Sul	Física e Centro de Divulgação de Ciência	2007
Planetário	Universidade de Caxias do Sul	Privada	RS	Sul	Ciências	2007
Planetário de Londrina	Universidade Estadual de Londrina	Estadual	PR	Sul	Ciências	2007
Planetário Móvel	Universidade Federal do Pampa	Federal	RS	Sul	Ciências	2013
Planetário Móvel	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Estadual	PR	Sul	Ciências	2013
Planetário do Projeto Fibras	Universidade Federal do Paraná	Federal	PR	Sul	Ciências	2014
Planetário	Universidade do Vale do Taquari	Privada	RS	Sul	Ciências	2014
Planetário	Universidade Federal do Pampa	Federal	RS	Sul	Ciências	2017
Planetário do Polo Astronômico Rodolpho Camiato	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Federal	PR	Sul	Ciências	2022
Planetário Digital	Universidade do Estado de Santa Catarina	Estadual	SC	Sul	Ciências	2022

5. Lista de museus e coleções universitárias congêneres ao MUnA

Nome	Instituição	Vínculo institucional (público/privado)	Estado	Região	Acervo/Temática	Fundação/ criação
Museu de Arte e de Cultura Popular	Universidade Federal de Mato Grosso	Federal	MT	Centro-Oeste	Artes Visuais e Cultura Popular	1974
Casa da Cultura da América Latina do Decanato de Extensão	Universidade de Brasília	Federal	DF	Centro-Oeste	História, Antropologia, Etnografia e Artes Visuais	1989
Centro de Pesquisa e Museu de Arqueologia, Etnografia, Paleontologia e Espeleologia	Universidade do Estado de Mato Grosso	Estadual	MT	Centro-Oeste	Antropologia, Etnografia, Arqueologia, Paleontologia, Espeleologia e Artes Visuais	2004
Centro Cultural	Universidade Federal de Goiás	Federal	GO	Centro-Oeste	Artes Visuais	2010
Museu do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Etnocultural e Artístico do Vale do Aripuanã	Universidade do Estado de Mato Grosso	Estadual	MT	Centro-Oeste	História, Antropologia, Arqueologia, Etnografia, Artes Visuais, Paleontologia e Biologia	2015
Instituto Federal de Educação de Ciência e Tecnologia – Coordenação de Artes	Instituto Federal de Goiás	Federal	GO	Centro-Oeste	Artes Visuais	Sem informação
Espaço Cultural Casa Niemeyer	Universidade de Brasília	Federal	DF	Centro-Oeste	Artes Visuais	Sem informação
Museu de Arte	Universidade Federal do Ceará	Federal	CE	Nordeste	Artes Visuais	1961
Casa José de Alencar	Universidade Federal do Ceará	Federal	CE	Nordeste	História e Artes Visuais	1964
Museu Regional de Arte	Universidade Estadual de Feira de Santana	Estadual	BA	Nordeste	Artes Visuais	1967
Museu de Arte e História Rosa Faria	Universidade Tiradentes	Privada	SE	Nordeste	História Regional e Artes Visuais	1968
Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes	Universidade Federal da Bahia	Federal	BA	Nordeste	Artes visuais	1970
Núcleo de Arte Contemporânea da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários	Universidade Federal da Paraíba	Federal	PB	Nordeste	Artes Visuais	1978
Pinacoteca Universitária	Universidade Federal de Alagoas	Federal	AL	Nordeste	Artes Visuais	1981
Pinacoteca do Departamento de Artes Visuais/CCTA	Universidade Federal da Paraíba	Federal	PB	Nordeste	Artes Visuais	1987
Espaço Cultural	Universidade Fortaleza	Privada	CE	Nordeste	Artes Visuais e História	1988
Galeria de Arte Carlo Barbosa	Universidade Estadual de Feira de Santana	Estadual	BA	Nordeste	Artes Visuais	1998
Museu de Arte Abraham Palatnik	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Federal	RN	Nordeste	Artes Visuais	2011
Galeria Lavandeira do Departamento de Artes Visuais do Centro de Comunicação, Turismo e Artes	Universidade Federal da Paraíba	Federal	PB	Nordeste	Artes Visuais	2015
Museu Casa de Cultura Hermano José	Universidade Federal da Paraíba	Federal	PB	Nordeste	História Geral e Artes Visuais	2017
Museu de Arte Sacra	Universidade Federal da Bahia	Federal	BA	Nordeste	Arte Sacra	1959
Museu Theó Brandão de Antropologia e Folclore	Universidade Federal de Alagoas	Federal	AL	Nordeste	Arte Popular	1975
Museu da Cultura Popular do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular	Universidade Federal da Paraíba	Federal	PB	Nordeste	Cultura Popular	1978
Museu do Mamulengo – Espaço Tiridá	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Federal	PE	Nordeste	Cultura Popular	1994
Museu de Cultura Sertaneja	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	Estadual	RN	Nordeste	História Regional e Cultura Popular	2012
Museu de Arte Popular da Paraíba	Universidade Estadual da Paraíba	Estadual	PB	Nordeste	Arte Popular	2012
Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos	Universidade Estadual de Alagoas	Estadual	AL	Nordeste	Arte Popular	2016
Museu do Brinquedo	Universidade Federal da Paraíba	Federal	PB	Nordeste	Cultura Popular	2019
Museu da Universidade Federal do Pará	Universidade Federal do Pará	Federal	PA	Norte	Artes Visuais	1980
Museu Universitário	Universidade Federal do Acre	Federal	AC	Norte	Paleontologia, História Regional, História Natural e Artes Visuais	2008
Coleção Amazoniana de Arte	Universidade Federal do Pará	Federal	PA	Norte	Artes Visuais	2010
Museu de Arte e Galeria Ananin	Universidade da Amazônia	Privada	PA	Norte	Artes Visuais	2017
Instituto de Estudos Brasileiros	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	História, Música, Literatura, Artes Visuais, Geografia, Economia e Antropologia	1962
Museu de Arte Contemporânea	Universidade de São Paulo	Estadual	SP	Sudeste	Artes Visuais	1963
Pinacoteca	Universidade Federal de Viçosa	Federal	MG	Sudeste	Artes Visuais	1973
Galeria de Arte	Universidade Federal do Espírito Santo	Federal	ES	Sudeste	Artes Visuais	1976
Museu Dom João VI	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Artes Visuais e História do Brasil	1979
Centro Cultural	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	Artes Visuais	1989
Centro Universitário Maria Antônia	Universidade de São Paulo – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária	Estadual	SP	Sudeste	Artes Visuais e História	1993
Museu Universitário de Arte	Universidade Federal de Uberlândia	Federal	MG	Sudeste	Artes Visuais	1996
Museu de Arte Murilo Mendes	Universidade Federal de Juiz de Fora	Federal	MG	Sudeste	Artes Visuais	2005
Galeria de Arte La Salle	Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro	Privada	RJ	Sudeste	Artes Visuais	2007
Museu Belas Artes de São Paulo	Centro Universitário Belas Artes de São Paulo	Privada	SP	Sudeste	Artes Visuais	2007
Museu de Artes Visuais	Universidade Estadual de Campinas	Estadual	SP	Sudeste	Artes Visuais	2012
Casa das Artes Frida Kahlo	Escola Nacional Florestan Fernandes	ONG	SP	Sudeste	História, Artes Visuais e Memória Social	2015
Coordenadoria de Acervos Artísticos da Diretoria de Ação Cultural	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	Artes Visuais	2015
Museu ao Ar Livre	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Privada	RJ	Sudeste	Artes Visuais	Sem informação
Galeria Cândido Portinari	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Estadual	RJ	Sudeste	Artes Visuais	Sem informação
Galeria de Arte do Instituto de Artes	Universidade Estadual de Campinas	Estadual	SP	Sudeste	Artes Visuais	Sem informação
Galeria Gustavo Schnoor	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Estadual	RJ	Sudeste	Artes Visuais	Sem informação
Galeria Brasileira	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	Arte e História	1966
Centro de Arte e Cultura	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Federal	RJ	Sudeste	Artes Visuais	Sem informação
Museu de Arte Sacra	Universidade de Sorocaba	Privada	SP	Sudeste	Arte Sacra	1975
Museu de Arte Sacra de Santos	Universidade Católica de Santos	Privada	SP	Sudeste	Arte Sacra	1981
Museu da Cultura Popular	Universidade Federal de Juiz de Fora	Federal	MG	Sudeste	Cultura Popular	1987
Museu de História Natural e Jardim Botânico	Universidade Federal de Minas Gerais	Federal	MG	Sudeste	História Natural, Arqueologia, Paleontologia, Geologia, Botânica, Zoologia, Cartografia Histórica, Etnografia e Arte Popular	1969
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Federal	RS	Sul	Artes Visuais	1934
Museu Antropológico Diretor Pestana	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Privada	RS	Sul	História Regional, Artes Visuais e Antropologia	1961
Museu da Gravura Brasileira - MGB FAT/URCAMP	Universidade da Região da Campanha (URCAMP) e a Fundação Attila Taborda (FAT)	Privada	RS	Sul	Artes Visuais	1977
Museu Universitário	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Privada	PR	Sul	Artes Visuais	1984
Museu da UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Federal	RS	Sul	História Institucional, História Nacional, História Regional e Artes Visuais	1984
Museu Dinâmico Interdisciplinar	Universidade Estadual de Maringá	Estadual	PR	Sul	Ciências Naturais, Ciência e Tecnologia, Artes Visuais, Antropologia e Etnografia	1985
Museu de Artes Leopoldo Gotzow	Universidade Federal de Pelotas	Federal	RS	Sul	Artes Visuais	1986
Museu de Artes da ASPES/FAT/URCAMP	Universidade da Região da Campanha - URCAMP e a Fundação Attila Taborda (FAT)	Privada	RS	Sul	Artes Visuais	1988
Galeria de Arte	Universidade Federal de Santa Catarina	Federal	SC	Sul	Artes Visuais	1989
Museu de Artes Visuais Ruth Schneider	Convênio entre a Prefeitura Municipal e Universidade de Passo Fundo	Privada	RS	Sul	Artes Visuais	1996
Museu de Arte	Universidade Federal do Paraná	Federal	PR	Sul	Artes Visuais	2002
Museu Arte Ciência Tecnologia	Universidade Federal de Santa Maria	Federal	RS	Sul	Artes Visuais e Centro de Divulgação de Ciência e Tecnologia	2010
Museu Moda e Têxtil	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Federal	RS	Sul	Artes Visuais e História	2014
Pinacoteca	Universidade Feevale	Privada	RS	Sul	Artes Visuais	Sem informação
Museu Universitário Walker Zumblick	Universidade do Sul de Santa Catarina	Privada	SC	Sul	Artes Visuais e História Institucional	Sem informação
Espaço Memória Sacra da Escola de Humanidades	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Privada	RS	Sul	Arte Sacra	Sem informação

6. Entrevistas realizadas nos processos de planejamento museológico

Nome entrevistada/o	Cargo/função	Observações	Data da entrevista	Museu ao qual a entrevista estava relacionada
Prof. Dr. Jimi Naoki Nakajima	Professor Titular e Diretor do Instituto de Biologia (INBIO)	Foi curador do museu em 2002.	1/2/2023	Museu de Biodiversidade do Cerrado
Dóris Braunger de Vasconcelos	Técnica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)	Técnica alocada no museu, onde atuou entre 2003 e 2019.	3/2/2023	Museu de Biodiversidade do Cerrado
Prof. Dr. Luiz Nishiyama	Docente aposentado do Instituto de Geografia, atual Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC)	Um dos fundadores do museu e seu coordenador entre 1987 e 2002.	7/2/2023	Museu de Minerais e Rochas
Profa. Dra. Rita de Cássia Martins de Souza	Professora Associada do IGESC	Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Geografia e Memória (NUGEM)	7/2/2023	Museu de Minerais e Rochas
Prof. Dr. Boscolli Barbosa Pereira	Diretor do IGESC		13/2/2023	Museu de Minerais e Rochas
Júlia Cruz Bertolucci	Ex-discente do Instituto de Geografia, atual IGESC	Atuou no museu como voluntária e bolsista entre 2017 e 2020.	13/4/2023	Museu de Minerais e Rochas
Pablo Rutierry Rodrigues Silva	Doutorando do Curso de Geografia do IGESC	Atuou no museu entre 2014 e 2017.	14/4/2023	Museu de Minerais e Rochas
Felipe Pereira Mota de Sousa	Ex-discente do Instituto de Geografia, atual IGESC	Atuou como bolsista no museu entre 2019 e 2021.	27/4/2023	Museu de Minerais e Rochas
Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho	Professora Titular do Instituto de Biologia (INBIO)	Prestou assessoria para o projeto inicial do museu em 2006.	13/7/2023	Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte
Prof. Dr. Glauco de Paula Cocozza	Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD)	Presta consultorias para o museu desde 2015.	14/7/2023	Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte
Prof. Dr. Tomé Mauro Schmidt	Professor Titular do Instituto de Física (INFIS)	Atuou como coordenador-geral interino do museu em 2023.	15/7/2023	Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte

Anexos

1. Documento Unificado da RBCMU



REDE BRASILEIRA DE COLEÇÕES
E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários

Documento Unificado
24 de agosto de 2023

O **Documento Unificado da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários** é resultado de um processo de pesquisas e consultas que busca expressar de forma ampla as demandas necessárias para a organização institucional, salvaguarda, pesquisa e realização da divulgação acessível do patrimônio museológico universitário para a comunidade universitária e de toda a sociedade. Devendo ser constantemente renovado e aprimorado, este documento pretende contribuir para o grande esforço realizado por profissionais, docentes, estudantes e pesquisadores comprometidos com a preservação das coleções e museus universitários existentes nas diversas instituições brasileiras de educação superior. O processo metodológico de trabalho levou em conta o histórico dos esforços empreendidos até o momento, por meio da fusão entre o resumo do Relatório da Andifes e duas consultas realizadas aos membros da RBCMU, com vistas à apresentação no VII Fórum Permanente de Museus Universitários para sua validação.

Coleções e Museus Universitários no Brasil

Definição

As Coleções e os Museus Universitários estão vinculados às instituições de educação superior. São espaços e iniciativas que desenvolvem projetos, programas e ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão com base em referências patrimoniais universitárias. As universidades brasileiras têm acervos valiosos, fidedignos representantes da cultura científica nacional, que incluem todas as disciplinas imagináveis, historicamente constituídas, que devem ser salvaguardados, pesquisados e comunicados para toda a sociedade.

1. Princípios

- 1.1. Preservar a diversidade das coleções e museus universitários brasileiros, abrangendo todas as disciplinas acadêmicas.
- 1.2. Estimular e fortalecer os projetos de ensino, pesquisa e extensão nas instituições de educação superior e fora delas, com base em coleções e ações de divulgação científica, cultural, histórica, arqueológica e artística que sejam multidisciplinares, interinstitucionais, considerando a diversidade geográfica brasileira.
- 1.3. Entender as coleções e museus universitários como instâncias de pesquisa, formação, divulgação e produção de conhecimento, por meio

1

da atuação qualificada de suas equipes técnicas através da gestão, orientação e qualificação de discentes, docentes e pesquisadores.

- 1.4. Fomentar projetos de acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência em todos os processos museais.
- 1.5. Estabelecer normativas e planos de ação que observem, sem hierarquização, a diversidade dos processos de patrimonialização e musealização universitários.
- 1.6. Promover o desenvolvimento de projetos e ações intersetoriais das coleções e dos museus universitários voltadas à redução da vulnerabilidade social, visando torná-los ativos na busca pela justiça e igualdade social.
- 1.7. Formar educadores e desenvolver estratégias para a qualificação profissional de jovens, auxiliando no desenvolvimento de competências para o século XXI.
- 1.8. Sistematizar o conhecimento produzido nas coleções e nos museus universitários para compartilhamento e divulgação em cursos e encontros acadêmicos, em publicações de divulgação científica e em diferentes formas para toda sociedade.

2. Política Pública

- 2.1. Colaborar com o desenvolvimento e a implantação de políticas governamentais que sejam compatíveis com as particularidades do cenário museal universitário, considerando suas complexidades institucionais e a natureza distinta de acervos, assim como a sua extensão tipológica, compreendendo o patrimônio edificado, as coleções provenientes de coletas das mais variadas áreas do conhecimento e os acervos constituídos no cotidiano da vida acadêmica.
- 2.2. As políticas públicas para as coleções e museus universitários devem contemplar a formação e especialização dos profissionais que atuam nestes espaços, bem como todas as etapas dos processos museais: a estruturação administrativa, a formação e salvaguarda de acervos, a segurança institucional, processos curatoriais, as diversas formas de comunicação e o fortalecimento da educação por meio da extensão para toda a diversidade de públicos para promoção, engajamento e o diálogo entre a academia e a sociedade.

3. Institucionalização

- 3.1. Criação de processos de oficialização, institucionalização e registro, no âmbito interno e também externo às instituições de educação superior, abrangendo os museus, as diferentes coleções e demais espaços que preservam e divulgam a memória, a ciência, o patrimônio cultural e artístico universitário.
- 3.2. Estimular a conformação de redes e sistemas descentralizados que reflitam e articulem a governança no âmbito universitário, com características diversas, inibindo os constrangimentos hierárquicos,

incluindo a multiplicidade de atores dos processos, profissionais, docentes, estudantes e pesquisadores.

- 3.3. Criação de mecanismos de atuação Intersetorial dos espaços e das instituições de educação superior junto ao IPHAN, IBRAM, MEC, MinC e MCTI.

4. Financiamentos e Recursos

- 4.1. Criar linhas orçamentárias exclusivas e de fluxo contínuo para museus, coleções e espaços similares existentes nas instituições de educação superior.
- 4.2. Estabelecer parcerias com órgãos de fomento e gestão das áreas científica e tecnológica, como Ministério da Cultura, Ministério de Ciência e Tecnologia, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundações estaduais de cultura, ensino, pesquisa, recomendando a criação de editais específicos para coleções e museus universitárias.
- 4.3. Implementar editais internos e externos de financiamento contemplando projetos de segurança e adequação de infraestruturas dos espaços físicos, assim como para as diferentes etapas do processo museológico de trabalho, tais como aquisição de coleções, salvaguarda, pesquisa, extroversão, acessibilidade e educação.
- 4.4. Fomentar e estreitar as relações com órgãos, instituições e grupos do campo empresarial, cultural e da sociedade civil, para que conheçam, contribuam e colaborem com o financiamento, direto, indireto ou através de incentivos tributários, das coleções e museus universitários.
- 4.5. Fomentar projetos curatoriais entre museus e coleções da mesma instituição universitária, bem como entre diferentes instituições em termos administrativos (públicas e particulares), regionais (território nacional) e tipológicas (entre as que estão dentro e fora da estrutura administrativa universitária).
- 4.6. Fomentar bolsas de estudo, de pesquisa e de aperfeiçoamento em vários níveis (técnicos, alunos graduação e pós-graduação) para ações com coleções científicas e em todas as áreas do conhecimento.
- 4.7. Fomentar bolsas de extensão, ensino e pesquisa para que alunos de graduação dos diversos campos do conhecimento atuem nas coleções e museus universitários, em diferentes etapas do processo museal, principalmente no atendimento público.
- 4.8. Definir linhas específicas de financiamento e fomento para a implementação de Planos Museológicos para estes espaços museais.

5. Equipe de Profissionais

- 5.1. Compromisso com a formação de equipes técnicas especializadas e com o incremento do quadro técnico de pessoal a curto, médio e longo prazo.

- 5.2. Contratar profissionais museólogos e do campo museal para atuarem nos diferentes espaços e projetos que envolvam o patrimônio museológico universitário. Fomentar continuamente a formação e atualização das equipes técnicas dos museus. Criar mecanismos que possam suprir a carência de profissionais para atuarem nos museus por meio de consultorias especializadas do campo museal.
- 5.3. Estimular a criação de mecanismos de participação dos servidores técnicos nas comissões centrais, intersetoriais, nos postos de gestão e na coordenação de projetos de ensino, pesquisa e extensão universitária.
- 5.4. Promover a participação das equipes dos espaços museológicos universitários em treinamentos contínuos e fóruns de discussão sobre segurança e prevenção a sinistros.
- 5.5. Fomentar bolsas de ensino, pesquisa e extensão para o aperfeiçoamento da equipe técnica e de programas de circulação de profissionais que atuam em diferentes campos que envolvam a preservação dos acervos dos museus universitários, incluindo as áreas administrativas.
- 5.6. Fomentar e incentivar a participação em eventos que tratem das coleções e museus universitários e similares, por meio de apoio formal das instituições aos seus profissionais, incentivando-os à produção científica e à participação em instâncias de troca de experiências e articulação local, regional, nacional e internacional.
- 5.7. Legalizar a participação dos profissionais especializados que atuam nas coleções e museus universitários em disciplinas de graduação, pós-graduação, participação em bancas de pós-graduação, orientação de estudantes bolsistas e na coordenação de projetos de pesquisas, ensino e de extensão no campo museal.

6. Inovação

- 6.1. Planejar e investir na comunicação museológica, na relação entre coleções e museus, incluindo os virtuais, possibilitando o acesso às informações a partir de novas estratégias de interação e diálogo ativo, horizontal e crítico com os diferentes públicos.
- 6.2. Apoiar novas formas e manifestações de museus e de processos de musealização por meio de inovações tecnológicas que incidam sobre a forma de pensar e fazer museus.
- 6.3. Promoção de políticas inclusivas para a apropriação e acesso igualitário e coerente no uso e aplicação das tecnologias digitais nas diversas tipologias de espaços museológicos e do patrimônio.
- 6.4. Incluir nas políticas de livros e leitura do MEC e do MinC, as publicações de coleções e museus universitários, que são específicas do campo museal: catálogos, revistas, livros especializados a respeito da coleção para públicos diversos.

- 6.5. Promover a compreensão das coleções e museus universitários como espaços pedagógicos para a formação de seus discentes de licenciatura e nos diversos campos do conhecimento, através de suas coleções, pesquisa e ações educativas, incentivando o apoio e relações estreitas das pró-reitorias de pesquisa, graduação, extensão e congêneres.
- 6.6. Promover a digitalização das coleções universitárias e o acesso remoto por meio de sistemas de comunicação e educação virtuais.
- 6.7. Incentivar a adoção de práticas sustentáveis em suas diferentes dimensões e nas diferentes etapas dos processos museais que envolvem o patrimônio museológico universitário.
- 6.8. Incentivar a integração das diferentes coleções e museus universitários e a atuação colaborativa entre profissionais, docentes, discentes e pesquisadores em forma de redes colaborativas que visam a preservação do patrimônio museológico universitário, os processos de gestão, comunicação e educação para toda a sociedade.
- 6.9. Conectar-se às redes de museus e instituições universitárias nacionais e internacionais, colaborando para o fortalecimento de suas ações e para a difusão de suas pesquisas e acervos.

7. Museus Comunitários Universitários

- 7.1. Enfatizar o papel social das coleções e museus universitários e suas atuações para e com a sociedade, por meio de ações colaborativas e participativas.
- 7.2. Incentivar e apoiar com recursos técnicos e materiais as iniciativas de ecomuseus e museus comunitários vinculados às universidades, sejam organizados a partir de universidades ou de movimentos sociais.
- 7.3. Apoiar as experiências na lógica do território, a partir dos ecomuseus e museus comunitários, enquanto interlocutores privilegiados para a produção de conhecimento, para a superação das desigualdades socioeducativas regionais, para a implementação dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) e enfrentamento das mudanças climáticas.
- 7.4. Buscar mecanismos ativos de representação e participação social na construção dos projetos e ações da instituição.
- 7.5. Dar transparência aos processos e práticas museais visibilizando documentos e normativas, favorecendo a gestão democrática e participação cidadã, a partir de consultas públicas e reuniões com as comunidades de interesse.

2. Projeto ‘Praça de Ciências – Museu DICA’, NEURB/FAUeD, 2021

PROJETO PRAÇA DE CIÊNCIAS - MUSEU DICA

CONCEITO

A formulação conceitual foi desenvolvida de acordo com as ideias de Paulo Dica, Daniel e Ana Rosa, sendo, ainda, a referência como elemento central, enquanto o plano de fundo, foram utilizados como eixos norteadores de concepção do projeto.

RESILIÊNCIA

CONECTIVIDADE

ACESSIBILIDADE

ORGANIZAÇÃO

SENSIBILIDADE

ATRATIVIDADE

COR

DIVERSÃO

BRINQUEDOS

SURPRESA

INTELGIBILIDADE

Desde então, o desenvolvimento prático do projeto, que busca, além de outros, trazer experiências para o público, tem sido uma realidade no espaço.

PROCESSO PROJETUAL

Os pontos centrais do projeto foram os caminhos e os espaços. Os caminhos possuem forma lúdica, que se adaptam ao espaço, e os pontos de partida são os caminhos. As peças são coloridas e de fácil acesso, com o objetivo de criar um espaço de interação e de aprendizagem. O projeto foi desenvolvido em etapas, com o objetivo de criar um espaço de interação e de aprendizagem.

LEGENDA

- PRACA
- CAMINHO PRINCIPAL
- CAMINHO SECUNDÁRIO
- SETORES
- CONSTRUÇÕES PRÉ-EXISTENTES
- CONTEÚDO VERDE

O PROJETO

A Praça de Ciências é um projeto que se desenvolveu a partir da ideia de criar um espaço de interação e de aprendizagem. O projeto foi desenvolvido em etapas, com o objetivo de criar um espaço de interação e de aprendizagem.

LEGENDA

- PRACA DAS PALMEIRAS
- CAMINHO PRINCIPAL
- PRACA DA BIOLOGIA
- PRACA DA QUÍMICA
- PRACA DA FÍSICA
- PRACA DA ASTRONOMIA
- CAMINHO SECUNDÁRIO

PRAÇA DAS PALMEIRAS

PRAÇA DA BIOLOGIA

PRAÇA DA ASTRONOMIA

PRAÇA DA QUÍMICA

PRAÇA DA FÍSICA

INTERVENÇÃO GERAL

ACESSIBILIDADE

A acessibilidade é um elemento importante no projeto. Desde o início, as ideias foram desenvolvidas com o objetivo de criar um espaço de interação e de aprendizagem. O projeto foi desenvolvido em etapas, com o objetivo de criar um espaço de interação e de aprendizagem.

PROJ. OR. ILUSTR. DE PAULO DICA
INICIAÇÃO: ABRIL/2021
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN - FAUeD
NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS - NEURB
MUSEU DICA - ARQUITETURA, CULTURA E ARTE